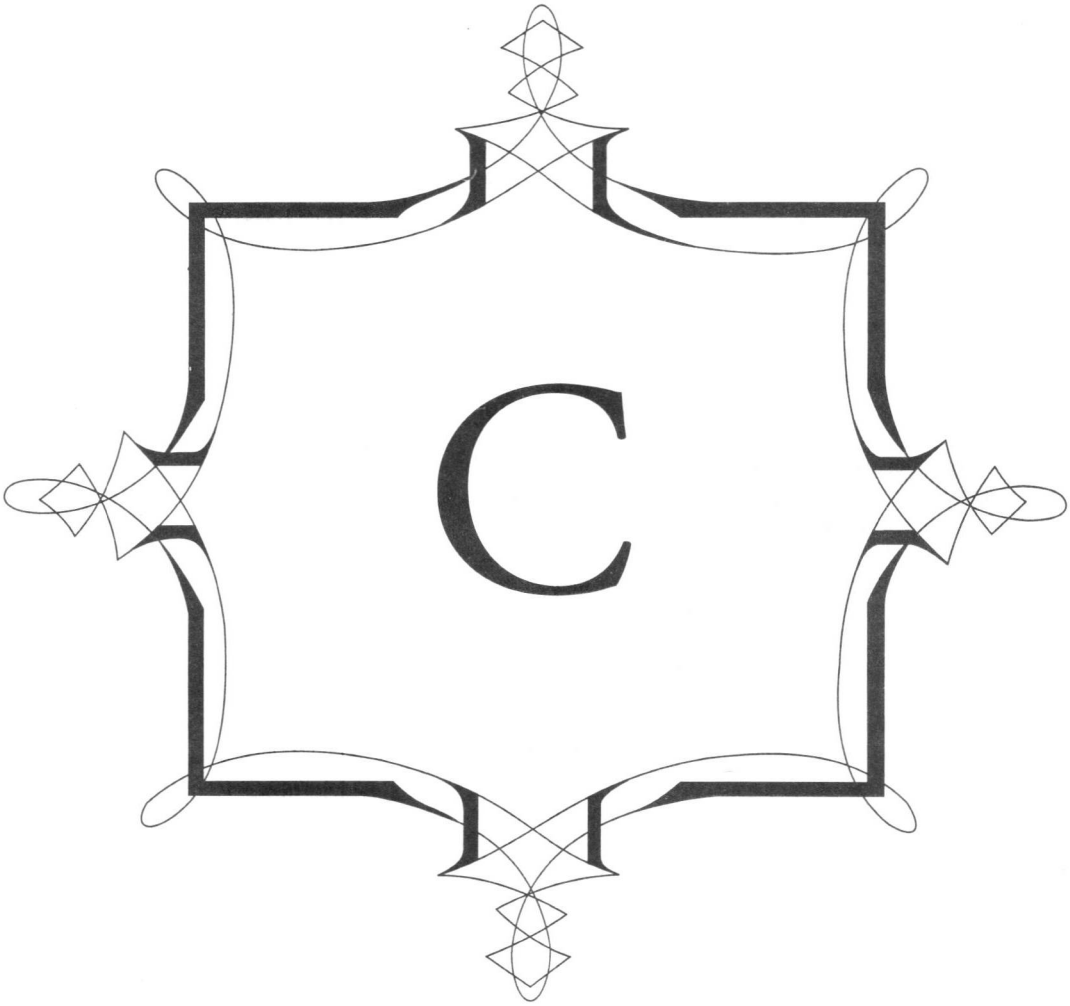
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

HAGNOS


C

C

CABE

Ver sobre **Pesos e Medidas.**

CABEÇA

Há várias palavras hebraicas e uma palavra grega envolvidas neste verbete:

1. *Gulgoleth,* «crânio». Palavra hebraica que aparece por três vezes com esse sentido: I Crô. 10:10.

2. *Resh,* «cabeça». Palavra aramaica usada por treze vezes. Para exemplificar: Dan. 2:28,32,38; 3:27; 7:1,6,9,15,20.

3. *Rosh,* «cabeça». Palavra hebraica usada por quase trezentas e cinqüenta vezes com esse sentido. Por exemplo: Gên. 2:10; 3:15; Êxo. 6:14; 25; Lev. 1:4,8; Núm. 1:4,16; Deu. 1:15; Jos. 2:19; I Reis 2:32; II Reis 2:3; Est. 2;7; Pro. 1:9; Ecl. 2:14; Can. 2:6.

4. *Kephalé,* «cabeça». Vocábulo grego que é usado por setenta e quatro vezes no Novo Testamento, desde Mat. 5:36 até Apo. 19:12.

Esse termo inclui tanto o crânio, que abriga o cérebro, como também o rosto. Alguns antigos reconheciam a cabeça como a sede da inteligência; mas outros pensavam que essa função era ocupada pelo coração. Ou então o coração seria a sede das emoções (Gên. 3:15; Sal. 3:3). Algumas vezes, a palavra «cabeça» indica a pessoa inteira (Gên. 49:26; Pro. 10:6). A palavra também é aplicada a animais, literalmente, como a cabeça de um novilho, nas ofertas queimadas (Lev. 1:4), ou então indicava o animal inteiro. Os objetos inanimados, como um portão, teriam cabeça, em sentido metafórico, segundo se vê em Salmos 24:7, «Levantai, ó portas, as vossas cabeças...» Cabeças de animais serviam de motivo de decoração, em desenhos, pinturas e peças do mobiliário.

Ferimentos e Enfermidades da Cabeça. A principal maneira de ferir a um inimigo consistia em produzir-lhe um ferimento na cabeça (Sal. 68:21). A decapitação era uma forma de punição capital, sendo praticada na Assíria, na Babilônia, e em muitos outros países antigos. A lepra podia atingir uma pessoa na cabeça (Lev. 13:42,44). A cabeça também estava sujeita a doenças da pele (Isa. 3:17), e a doenças internas (II Reis 4:29; Isa. 1:5). Ver o artigo geral sobre as *Doenças.*

Costumes. Inclinar a cabeça diante de alguém simboliza humildade ou reverência (Gên. 24:26; Êxo. 4:31; 43:28). Cobrir a cabeça representava tristeza (II Sam. 15:30; Est. 6:12). Pôr cinza ou pó sobre a cabeça indicava consternação e tristeza (Jos. 7:6; Jó 2:12). Impor as mãos sobre a cabeça de alguém era sinal de transmissão de alguma bênção, embora também pudesse indicar tristeza (II Sam 13:19; Jer. 2:37). Os sacerdotes e os nazireus, entre os israelitas, estavam proibidos de rapar a cabeça (Lev. 21:5,10; Núm. 6:5). As cabeças dos inimigos, em tempos de guerra, ou dos criminosos, eram decapitadas em sinal de total vitória e escárnio (Mat. 14: 10; Juí. 5:36; I Sam. 17:51).

Usos Figurados. 1. Jesus Cristo é o Cabeça da Igreja (Efé. 4:15). Há um artigo separado sobre esse assunto, intitulado *Cristo, a Cabeça; a Igreja, o Corpo.* Ver também o artigo sobre o *Corpo de Cristo.*

2. *Governantes.* Ver I Sam. 15:17; Dan. 2:38.

3. Pessoas que ocupavam posições importantes (Isa. 9:14,15).

4. A cidade principal de algum reino (Isa. 7:8).

5. Deixar uma cabeça calva era julgar severamente (Isa. 3:24; 15:2).

6. Levantar a cabeça era triunfar de modo jubiloso (Sal. 3:3; Luc. 21:28).

7. Ungir a cabeça era consagrá-la ou mostrar respeito pela pessoa ungida (Êxo. 29:7; Luc. 7:46).

8. Sacudir a cabeça era um gesto de zombaria, incredulidade ou consternação (Isa. 37:22; Sal. 22:7; Jer. 18:16; Mat. 27:39).

CABELOS

No hebraico, temos duas palavras; no grego, também duas, a saber:

1. *Sear,* «cabelo». Palavra que figura por vinte e quatro vezes. Por exemplo: Lev. 13:3,4,10,20,21,25,26;30—32,36,37; Núm. 6:5; Juí. 16:22; Eze. i6:7.

2. *Saarah,* «cabelo». Palavra que aparece por sete vezes: Juí. 20:16; I Sam. 14:45; II Sam. 14:11; I Reis 1:52; Jó 4:15; Sal. 40:12; 69:4.

3. *Thríks,* «cabelo». Palavra grega que ocorre por catorze vezes: Mat. 3:4; 5:36; 10:30; Mar. 1:6; Luc. 7:38,44; 12:7; 21:18; João 11:2; 12:3; Atos 27:34; I Ped. 3:3; Apo. 1:14; 9:8.

4. *Kóme,* «cabeleira». Palavra grega usada por vinte e sete vezes: Algumas referências são: Mat. 9:35; 10:11; Mar. 6:6,36, Luc. 5:17; João 11:1, Atos 8:25.

Os cabelos são um assunto importante na Bíblia, e também na experiência humana. As mulheres estão sempre procurando ajeitar melhor os cabelos, para melhorar sua aparência, e a maioria dos homens preferiria que as mulheres deixassem seus cabelos soltos e longos. Quase todos os animais têm pêlos que podem ser chamados por diferentes nomes, como lã ou penugem. O homem utiliza-se do pêlo dos animais de muitas maneiras, tecendo-os ou não, para a fabricação de tecidos ou para rechear travesseiros ou colchões (Mar. 1:6; I Sam. 19:13).

Costumes Humanos:

1. *Entre os Egípcios.* Comentando sobre o assunto, Heródoto afirmou que os homens egípcios «só deixavam crescer o cabelo e a barba quando de luto, e que, em todas as outras ocasiões, raspavam-nos». Isso concorda com o trecho de Gênesis 41:14, onde vemos que José «barbeou-se» quando saiu da prisão para apresentar-se diante de Faraó. Parece que os motivos dos egípcios eram alguma mania de higiene exagerada. Lemos que os sacerdotes egípcios mostravam-se fanáticos quanto a isso, raspando todo o pêlo do corpo a cada três dias. Até a cabeça das crianças era raspada, sendo deixados cachos ao redor da mesma, como decoração. Entretanto, as mulheres egípcias nunca raspavam os cabelos, nem mesmo quando de luto. Pelo menos os egípcios davam seu voto ao reconhecimento universal da beleza da cabeleira feminina.

2. *Entre os Assírios e Babilônios.* As esculturas e as gravuras que os arqueólogos têm achado mostram que os assírios e babilônios usavam cabelos longos, homens e mulheres. Heródoto também diz que esses povos usavam cabelos longos. Parece que eles usavam perucas para aumentar o volume dos cabelos.

3. *Entre os Gregos e Romanos.* Desde os tempos mais remotos os gregos, tanto homens quanto mulheres, usavam seus cabelos longos, exceto quando se lamentavam pelos mortos, quando os cabelos aparados eram um sinal de luto. Algumas vezes, os cabelos eram enrolados, formando um nó, ou então seguros com um espécie de alfinete grande. Os escravos com freqüência usavam cabelos curtos e um cidadão ateniense livre jamais haveria de imitar os escravos, usando cabelos curtos. As mulheres gregas usavam cabelos longos, embelezando-os com vários penteados e enfeites, incluindo jóias e alfinetes de cabelo de muitos tipos. Esses alfinetes eram feitos de ouro, de prata, de bronze, de marfim e até de pedras preciosas. Eram usados artifícios para tingir os cabelos, quando as damas se cansavam de ver seus cabelos da mesma cor todos os dias. Entre os romanos, havia paralelos desse costume. Os homens romanos, tal como os gregos, nos tempos antigos usavam cabelos longos. Ter cabelos curtos era identificar-se com os escravos, que os usavam curtos. Porém, por volta de 300 A.C., esse costume sofreu mutações, quando apareceram os primeiros barbeiros, na Sicília. Cipião teria

sido o primeiro cidadão romano a barbear-se todos os dias. As barbas ficavam em moda e saíam de moda. Por volta do século II D.C., o costume era cortar os cabelos bem curtos, segundo faziam os atletas e os filósofos estóicos. Se atentarmos ao que Paulo diz, no décimo primeiro capitulo da sua primeira epístola aos Coríntios, é quase certo que tanto os gregos quanto os romanos dos seus dias costumavam usar os cabelos curtos, no caso de homens; pois, de outra sorte, suas declarações ali não fariam sentido. Ver Rom. 11:14. Para Paulo, a própria natureza ensina que os homens deveriam usar cabelos curtos, e que as mulheres deveriam usar cabelos longos. Essa declaração seria impossível de compreender se, em sua época, os costumes fossem consideravelmente diferentes disso.

4. *Entre os Hebreus.* Os homens hebreus tinham grande respeito pela barba (que vide), imaginando toda a espécie de virtude para a mesma. Mas a calvície chegava a ser motivo de zombarias (II Reis 2:23). Os jovens de ambos os sexos usavam longos cabelos soltos (II Sam. 14:26; Can. 5:11). Os nazireus continuavam deixando seus cabelos longos (Núm. 6:5). Mas parece que outros homens hebreus, quando atingiam a idade da responsabilidade, talvez aos trinta anos, costumassem cortar seus cabelos. Naturalmente, temos o relato sobre Absalão, que continuou usando cabelos longos. E, se ele assim fazia, é razoável presumir que outros também o fizessem, mesmo que isso não fosse uma regra geral (II Sam. 4:26). Na época de Paulo, de acordo com I Coríntios 11:14, o uso de cabelos curtos, por parte dos homens judeus, deve ter sido um costume universal, pois, de outra maneira, o que ele diz ali não teria o menor sentido. Mas, as mulheres judias, tal como as mulheres de outras culturas, muito se esforçavam por embelezar seus cabelos (Isa. 3:24). Esse tipo de atividade ocorria até mesmo entre os cristãos, e Paulo **achou** por bem censurar o exagero (I Tim. 2:9), no que foi secundado por Pedro (I Ped. 3:3). Josefo imforma-nos que até mesmo homens davam-se ao trabalho de embelezar seus cabelos (Anti. iv.9,4). O trecho de Ezequiel 44:20 parece dar a entender que, de vez em quando, os homens aparavam seus cabelos com uma navalha. Surgiram certos profissionais que cuidavam dos cabelos das pessoas, como os barbeiros e as cabeleireiras (Eze. 5:1).

5. *Na Igreja Cristã Primitiva.* Paulo é quem nos fornece as linhas mestras, quanto a esse particular. As mulheres crentes devem usar cabelos longos, e os homens crentes, cabelos curtos (I Cor. 11). Paulo apelou para a natureza, como se esta nos desse esse tipo de instrução, não parecendo depender dos costumes sociais como diretrizes. Comentei extensamente sobre a questão, no NTI, em diversos versículos daquele capitulo de I Coríntios. Visto que o costume social da época ditava que as mulheres honestas deviam usar cabelos longos, somente as prostitutas ou, talvez, as que se lamentassem por seus mortos contradiziam a regra geral. Nesse trecho paulino, não há como justificar cabelos curtos para as mulheres crentes. Se insistirmos que é correto que as mulheres cortem seus cabelos, então teremos de afirmar que o que Paulo ensinou sofria a influência dos costumes sociais de sua época, pelo que não seria aplicável aos nossos dias, embora tornasse a ser aplicável em alguma época futura. Outro tanto deve ser dito a respeito do uso do véu, pelas mulheres crentes. Contudo, que cada crente resolva a questão segundo a formação de sua consciência. Conheço um pregador que dividiu uma igreja local por esse motivo. Todavia, a questão não tem tanta importância assim, ainda que consideremos que essa instrução paulina seja obrigatória para todos os crentes.

6. *Usos Figurados.* Os cabelos simbolizam a virilidade e a fertilidade. Em um sonho ou visão, os cabelos podem ter esse significado. Além disso, os cabelos são um símbolo natural da beleza feminina. No entanto, os cabelos de uma pessoa podem ser cortados sem que ela sofra muito com isso. Isso posto, os cabelos também simbolizam aquilo que tem pouco valor para uma pessoa (I Sam. 14:45; I Reis 1:52; Mat. 10:30). Podemos entender muitas coisas, através das metáforas que usam os cabelos (Sal. 40:12; 69:4), como uma distância minúscula (Juí. 20:16); os cabelos grisalhos dão a idéia de honra ou autoridade (Pro. 16:31; Apo. 1:14), ou então decadência física e desintegração (Osé. 7:9). Cobrir a barba ou o rosto, de baixo até ao nariz, é sinal de lamentação (Lev. 13:45), ou então de tribulação e vergonha (Miq. 3:7; Eze. 24:17). O fato de que nossos cabelos estão todos contados na mente divina ilustra o valor da alma humana para o nosso Deus (Mat. 10:30). Quando os cabelos ficam eriçados, isso significa medo (o que, realmente, pode suceder!) (Jó 4:15). O ato de arrancar os cabelos significa consternação e tristeza (Isa. 15:2). A unção dos cabelos é sinal de alegria ou respeito, quando esse ato é realizado em favor de outras pessoas (Sal. 23:5; Luc. 7:38,44).

7. *Significação Religiosa dos Cabelos.* Os povos primitivos modificavam o estilo de seu penteado em ocasiões especiais, como no periodo de lamentação pelos mortos, para indicar arrependimento por erros praticados, etc. oS cabelos longos representam a força e a vitalidade físicas, como no caso de Sansão (Juí. 16:17), bem como a dedicação a Deus, como através de um voto (Juí. 13:5). Os cabelos também simbolizam as provisões de um voto feito a Deus e a sua *perpetuidade,* enquanto os cabelos permanecessem longos. Raspar os cabelos, por sua vez, indica humilhação, punição, desgraça. As ordens monásticas cristãs cortam os cabelos em sinal de iniciação. Os ascetas e eremitas hindus encontram alguma significação no arranjo ou desarranjo dos cabelos como símbolo de seu ascetismo. Entre os hindus, algumas vezes eles cortam os cabelos e oferecem-nos a alguma divindade, como um sacrifício ou símbolo do sacrifício do corpo inteiro, na busca pelas realidades espirituais. Na Grécia antiga, os cabelos eram oferecidos pelos jovens, aos deuses, em seus ritos de iniciação. (AM E FO NTI UN)

CABOM

O termo hebraico tem sido interpretado de várias maneiras, como «círculo», «montanhosa» ou «envolta». Era o nome de uma cidade na Sefelá, perto de Laquis (Jos. 15:4O). Sua associação com Macbena (ver I Crô. 2:49), alicerça-se sobre a suposição de que ambas essas palavras procedem da mesma raiz hebraica.

CABRA

Há duas palavras hebraicas envolvidas:

1. Ez, «cabra». Palavra usada por sessenta vezes. Por exemplo: Gên. 27:9,16; Êxo. 12:5; 25:4; Lev. 1:10; 3:12; 4:23,28; Núm. 7:16; 15:24; Deu. 14:4; I Sam. 19:13,16; Pro. 27:27; Can. 4:1; Eze. 43:22; 45:23.

2. *Sair,* «peludo». Aparece por vinte e três vezes. Por exemplo: Lev. 4:24; 9:15; 10:16; 16:7-10,15,18, 20-22,26,27; Núm. 28:22; 29:22,28,31,34,38; Eze. 43:25

Com freqüência, as Escrituras Sagradas associam a cabra à ovelha (Mat. 24:32,33), embora a cabra fosse considerada menos valiosa e útil. No entanto, ambas as espécies eram usadas nos sacrifícios, e a carne e o leite de ambas eram usados pelos israelitas (Lev. 3: 12; 4:24; 9:15; 10:16; Núm. 15:27; 28:22). Uma das primeiras referências a esse animal, nas páginas da Bíblia (Gên. 37:31), refere-se a um desses animais que foi morto para manchar de sangue a túnica multicolorida de José, para dar a impressão de que ele fora morto por alguma fera. Isso mostra-nos que, desde os tempos mais remotos, esse animal era usado na Palestina. Muitos estudiosos supõem que a cabra foi o primeiro animal ruminante a ser domesticado. Há antepassados ainda selvagens, como a cabra de Bezoar ou a cabra cretense, *Capra aegragus,* que tem os pêlos côr marrom avermelhado durante o verão e marrom cinza, durante o inverno. Vive desde a India até à ilha de Creta, embora atualmente esteja grandemente reduzida em números, em contraste com os tempos antigos. As cabras são conhecidas por seus passos firmes, mesmo sobre terreno muito acidentado. Geralmente percorrem largas áreas, buscando pasto.

Há evidências da domesticação da cabra desde a era neolítica, e seus ossos têm sido datados, pelo método do carbono, de seis a sete mil anos atrás. Houve certa variedade de cabras desde o início,

mas, nos tempos modernos, o número das variedades ainda é maior. Objetos de arte antigos, encontrados no Egito, retratam a cabra.

Usos. Nos tempos bíblicos usava-se para consumo humano a carne e o leite de cabra (Juí. 6: 19). Contudo, era uma carne menos apreciada que a da **ovelha** ou a da vaca (Luc. 15:29 ss). As peles de cabras **eram** usadas para o fabrico de vestes, de tendas, de cortinas, de odres e de muitos ítens de uso diário. O pêlo da cabra era torcido e tecido. Além disso, naturalmente, o sistema de sacrifícios levíticos utilizava a cabra, conforme já notamos antes.

Destruidores. Alguns afirmam que, depois do homem, a cabra é o maior destruidor de terras da história. Na área do mar Mediterrâneo, as cabras chegam a subir em árvores baixas para comer seus brotos e raminhos. Isso é ilustrado em gravuras da mais remota antiguidade. A cabra destrói todo tipo de vegetação. Essa destruição tem sido tão intensa, em certos lugares, que, em resultado, as cabras têm morrido de inanição.

Usos Figurados. No oitavo capítulo de Daniel, o bode representa o império grego (vs. 21). Em Mateus 25:32,33, ovelhas e bodes representam, respectivamente, os justos e os injustos. Nessa conexão, o bode talvez seja usado devido ao seu mau cheiro, teimosia e maus hábitos; mas, principalmente porque era um animal considerado relativamente inútil e destruidor.

CABRA MONTÊS

No hebraico, **aggo,** palavra que aparece somente em Deu. 14:5. A maioria dos eruditos confessa que o sentido da palavra é desconhecido. Há também uma outra palavra hebraica, *yeelim,* usada em I Sam. 24:2; Jó 39:1 e Sal. 104:18, e que a nossa versão portuguesa traduz por «cabras monteses» nas duas primeiras dessas referências, e por «cabras montesinhas» na terceira delas.

É essencial distinguir entre essas duas espécies relacionadas, mas confundidas uma com a outra, conforme se vê também em nossa versão portuguesa. O íbex da Núbia *(Capra nubiana)* até hoje pode ser encontrado na porção oeste da Palestina. Em sentido estrito, a cabra montês é a *Capra aegagrus, o* principal antepassado selvático da cabra domesticada, ao passo que o íbex nunca foi domesticado. A cabra montês, em certo período, vivia até o sul da Palestina, onde têm sido encontrados restos e ossadas da mesma, em depósitos da idade da Pedra, embora seja improvável que os israelitas tivessem-na conhecido. A maioria dos estudiosos opina que a cabra montês era *o yeel,* que identificamos acima com o íbex. Quanto ao aqqo, temos que contentar-nos com uma espécie desconhecida, embora o trecho de Deu. 14:5 mostre-nos que era um dos animais que os israelitas podiam consumir, pois era um animal limpo.

CABRIS

No livro de Judite (6:15,16; 8:10 e 10:6), um dos livros apócrifos do Antigo Testamento, ele aparece como filho de Gotoniel, um ancião, um dos três governantes de Betúlia, a quem Judite apelou, solicitando ajuda.

CABUL

A palavra, no hebraico, significa «distrito». 1. Era o nome de uma cidade na fronteira leste de Aser (Jos. 19:27), talvez a Chabolo que aparece em Josefo, *Vida* xliii.44. A moderna Kabul, nas colinas, cerca de catorze quilômetros e meio de Ese de Acre, é o local moderno. Porém, esse lugar nada tem a ver com a Kabura, da lista de Ramisés III, que ocupa o vigésimo terceiro lugar. Esse lugar fica um tanto mais ao sul. 2. Um distrito ao norte da Galiléia, onde havia cerca de vinte cidades, o qual Salomão cedeu a Hirão (I Reis 9:13), em pagamento parcial por havê-lo ajudado a construir o templo de Jerusalém. Hirão, entretanto, não ficou satisfeito com o pagamento, e chamou a região de *terra de Cabul,* que, provavelmente, significa, «de nada vale». É provável que Hirão, sendo um fenício, — desejava uma localização à beira-mar. Além disso, as cidades poderiam estar em mau estado, ou então faziam parte de uma região desértica. Hirão aparentemente devolveu as cidades a Salomão, e ele as reedificou. (II Crô. 8:2).

CABZEEL

No hebraico, «Deus recolhe». Uma cidade ao sul de Judá, lugar onde nasceu Benaia (Jos. 15:21; II Sam. 23:20; I Crô. 11:22). Em Neemias 11:25, esse nome aparece com a forma de Jecabzeel. Benaia (que vide) foi um dos principais oficiais do governo israelita, na época de Davi e de Salomão. O lugar foi reocupado após o exílio babilônico. O local tem sido identificado com a moderna Kirbet Horah.

CAÇA

No hebraico, **tsayid,** «caça». Esse vocábulo aparece por dezenove vezes com esse sentido. Por exemplo: Gên. 25:28; 27:5,7,19,25,31,33. Uma variante, *tsedah,* que tem o mesmo significado, aparece por nove vezes, como por exemplo, em Gên. 27:3; Êxo. 12:39; Jos. 1:11; 9:11; I Sam. 22:10.

Qualquer tipo de caça é referido pelas palavras hebraicas acima, embora, usualmente, esteja em foco alguma caça da família do veado. Os hebreus não caçavam por puro esporte, conforme faziam outros povos do oriente Próximo e Médio. Antes, abatiam predadores e animais para consumo. Contudo, houve caçadores bem conhecidos, como Ismael (Gên. 21:20) e Esaú (Gên. 25:27). Os israelitas caçavam vários tipos de aves, como a perdiz, e de quadrúpedes, como a gazela, a corça e o veado.

Por raras vezes o Antigo Testamento menciona essa atividade da caça. O Novo Testamento nunca a menciona. As comunidades nômades e rurais, em alguns lugares, dependiam (e continuam dependendo) muito da caça, para obter alimentos. Porém, o povo de Israel era uma nação essencialmente agrícola, que provia para suas necessidades alimentares mediante o cultivo de cereais e legumes ou mediante a criação de animais domésticos. O termo «caçador» foi aplicado a Ninrode, o fundador de Babel e de outras cidades do vale da Mesopotâmia (Gên. 10:9). Os babilônios caçaram por mero esporte, capturando até mesmo leões, montados em cavalos e usando lanças. Muitos leões assim capturados tornavam-se animais de estimação ou eram usados para rechear zoológicos particulares. As referências do Antigo Testamento vinculadas à matança de animais, giram mais em torno da idéia de proteção dos rebanhos (Juí. 14:5,6; I Sam. 17:34-36), nada tendo a ver com a caça como um esporte. Visto que certos animais selvagens podiam ser consumidos, de acordo com as leis dietéticas de Israel, é possível que alguma caça fosse efetuada com essa finalidade (Lev. 17:13; Deu. 14:5).

As armas empregadas na caça eram o arco e a flecha (Gên. 27:3), as redes para apanhar aves e peixes (Pro. 1 :71; Ecl. 9:12), as armadilhas (Amós 3:5), e os fossos (Sal. 35:17).

A Questão Moral Envolvida na Caça. Os babilônios, os egípcios e os assírios caçavam por puro esporte. Muitas descobertas arqueológicas confirmam isso. No mundo moderno, a caça, quando é permitida, só cobre certos períodos do ano, e está sujeita a vários regulamentos e proibições. Os homens podem ter ótimas residências, dois automóveis, dinheiro na poupança, mas eles gostam de sair à caça, ou para conseguir alimentos diferentes, ou por puro esporte, quase sempre por esta última razão. A caça pode ser justificada sobre bases morais? Ver o artigo sobre os *Animais.* Uma das razões que justificam a caça é quando uma dada região não consegue sustentar um maior número de animais selvagens do que aquele que é mantido mediante a caça e a captura, por não haver alimento necessário para tantos. Todavia, é errado matar, até mesmo animais, por simples diversão. Ensinei meus três filhos homens a não infligirem qualquer dor desnecessária, mesmo entre os animais irracionais.

CACHORRO

No **hebraico, kehleb,** que vem de um termo que significa «uivar». No hebraico temos *kúon* e *kunárion,* «cão» e «cãozinho», respectivamente. O termo hebraico é usado por trinta e uma vezes, de Êxo. 11:7 a Jer. 15:3. *Kúon* é termo grego usado por cinco vezes: Mat. 7:5; Luc. 16:21; Fil. 3:2; II Ped. 2:22 (citando Prov. 26:11) e Apo. 22:15. *Kunárion* é usado por quatro vezes: Mat. 15:26,27; Mar. 7:27,28.

Esse animal era considerado totalmente impuro para os hebreus, o que significa que, em Israel, ninguém ficava acordado à noite porque o cão do vizinho estava latindo. Na Palestina e no Egito, o cão era animal consumidor de carniça, percorrendo as aldeias e povoados brigando e rosnando por causa de qualquer alimento que encontrasse. Um cão, embora prefira a carne, come qualquer tipo de refugo, pelo que está sujeito a muitas doenças, algumas das quais ele pode transmitir ao homem. O trecho de 11 Reis 9 registra como o cadáver de Jezabel foi devorado pelos cães. Na história temos provas de que, algumas vezes, os cadáveres eram lançados aos cães, para serem consumidos por eles, nas culturas antigas. No Egito, os cães eram muito apreciados. Parece evidente que o cão foi o primeiro animal a ser domesticado no Egito, onde era usado de muitos modos pelos caçadores, criadores, etc., servindo como vigias e companheiros do homem. Israel, portanto, estava bem familiarizado com o cão; mas, uma vez que escaparam do Egito, os israelitas não quiseram continuar a amizade com os cães. Mas, visto que havia cães por toda a parte, os israelitas não conseguiam livrar-se deles. Restos de corpos de cães têm sido encontrados nas camadas mais inferiores de Jericó. A arqueologia tem encontrado certa variedade do greyhound, ou cão de corrida, que já seria domesticado desde 3000 A.C. Sabemos que em toda a Mesopotâmia, os cães eram muito estimados. Relevos provenientes da Babilônia retratam cães de diferentes raças. Os historiadores informam-nos que havia matilhas de cães que viviam perto das cidades, como se fossem lobos; de fato, cães selvagens viviam nas proximidades das cidades. Isso significa que havia muitos cães semi-selvagens vivendo perto das cidades, constituindo um perigo às pessoas. Naturalmente, também havia cães que eram criados como bichos de estimação, os quais formavam uma elite entre os cães. Em Jó 30:1 há alusão ao cão que guardava as ovelhas. Isso significa que ou esse livro foi escrito antes do aparecimento do livro de Levítico, ou então que Jó não era israelita. O trecho de Isaías 56:10, ao falar sobre os cães mudos, que não sabem ladrar, sugere a existência de cães que guardavam os rebanhos, protegendo-os dos ataques dos animais ferozes. Por conseguinte, é possível que alguns israelitas criassem cães com propósitos especiais, como esse.

As cidades do oriente Próximo e Médio até hoje são assoladas por imensas matilhas de cães que passam a noite uivando, algo que é aludido em Salmos 59:6,14. Os visitantes dos países orientais dizem-nos que essa condição é um descalabro. Ali, os cães continuam consumidores de carniça. Os árabes evitam cães soltos pelas ruas, por serem animais imundos. Ver o artigo sobre Limpo e Imundo.

Usos Figurados:

1. Pessoas cruéis são chamadas «cães» (Sal. 22:16,20; Jer. 15:3). Estão em pauta os cães semi-selvagens que havia nas proximidades das cidades antigas, mais semelhantes aos lobos, em seus hábitos.

2. Expressões como «cão», «cabeça de cão» e «cão morto» eram usadas para indicar opróbrio ou humilhação, que as pessoas usavam contra outras ou contra si mesmas (I Sam. 24:14. II Sam. 3:8; 9:8; II Reis 8: 13).

3. Os gentios, como um povo cerimonialmente impuro que eram, são chamados «cães» (Mat. 15:26,27). Temos nessa referência a história da mulher siro-fenícia. O relato mostra-nos que até mesmo pessoas humildes, consideradas impuras ou imundas, podem participar dos benefícios do evangelho.

4. *Os falsos apóstolos* foram chamados «cães» por causa de sua impureza espiritual e ganância pelo dinheiro (Fil. 3:2).

5. Aqueles que são excluídos do reino dos céus são chamados «cães» (Apo. 22:15), o que é uma referência à sua vileza espiritual, a razão mesma da exclusão deles.

6. O próprio *Satanás* é chamado «cão», por causa de sua vileza e malignidade (Sal. 22:20).

7. O *Cão nos Sonhos e nas Visões.* a. Uma pessoa fiel, em quem se pode confiar, pode ser representada como um cão. b. Uma pessoa pode apresentar-se em um sonho mediante a imagem desse animal, talvez repreendendo os seus hábitos sexuais. c. Um sonho com um cão que uma pessoa possuiu pode representar aquele período de sua vida, nada tendo de especifico com o próprio cão. d. Uma caçadora, acompanhada de um cão, pode representar a Anima, um dos arquétipos de Jung. A Ânima é a força feminina em um homem. e. Um cão pode representar apetites sexuais descontrolados, ou então os aspectos não civilizados da personalidade de uma pessoa. (CHE S UN Z)

CACHORRO DE LEÃO

No hebraico precisamos considerar três palavras:

1. *Gor,* «leãozinho». Palavra que ocorre por duas vezes: Jer. 51:38 e Naum 2:12.

2. *Gur,* «leãozinho». Palavra que aparece por sete vezes: Gên. 49:9; Deu. 32:22; Eze. 19:2,3,5; Naum. 2:11; Lam. 4:3.

3. *Ben,* «filho». Palavra extremamente comum, mas que, nesse sentido, ocorre somente em Jó 4:11 e 28:8.

Está em vista um filhote de leão, embora as Escrituras usem essas palavras *(gor* e *gur)* mais no sentido figurado do que no sentido literal. *O* caso da palavra *ben* será comentado mais abaixo. Elifaz, no livro de Jó, menciona os «leõezinhos» que teriam sido dispersos, por faltar presa ao leão velho (Jó 4:11). Interessante é observar que, quanto a *gor,* nossa versão portuguesa a traduz por «filhos da leoa», em Jó 4:11, mas por «leãozinho», em Jó 28:8.

A Babilônia haveria de rugir como os leõezinhos, por ocasião de sua destruição (Jer. 51:38), e Nínive haveria de ficar desolada, onde os leões teriam capacidade de despedaçar presas suficientes para seus filhotes que viviam em covis (Naum 2:11,12). Jacó profetizou: «Judá é leãozinho» (Gên. 49:9). Isso equivale ao cumprimento feito por Moisés no caso de Dã (Deu. 33:22); e Ezequiel reverberou isso, dizendo que os príncipes de Israel eram leõezinhos apanhados nas redes e nas armadilhas (Eze. 19:2,3,5). Ver sobre *Leão.*

CACO

No hebraico, **cheres**, que significa «caco» em cinco oportunidades: Jó 2:8; Sal. 22:15; Pro. 26:23 e Isa. 45:9. Trata-se de algum pedaço de vaso de barro quebrado. Em Jó 2:8, um caco é mencionado como um objeto que aquele homem de Deus usou para raspar suas borbulhas, talvez para coçar-se ou para fazer as borbulhas estourarem e deixarem escapar o pus, embora nada haja de cientifico nisso que dizemos. Pedaços maiores eram usados para transportar brasas acesas, para transportar pequenas quantidades de água, ou como pesos vara segurar no lugar as tampas de jarras ou panelas. Às vezes, esses fragmentos eram usados como material de escrita, em cujo caso eram chamados *ostraca.* Foi encontrado um minúsculo trecho do Novo Testamento em um caco desses; mas, afora isso, as *ostraca* têm servido de importantes evidências arqueológicas. As famosas ostraca de Laquis estavam escritas com correspondência militar entre aquela cidade e o seu posto avançado. As ostraca samaritanas aparentemente eram recibos do governo a respeito de taxas recebidas, sob a forma de produtos da terra; mas também podem ter sido recibos ordinários. Os cacos de cerâmica podem oferecer ajuda quando se trata de determinar a antiguidade de alguma coisa, às vezes melhor, que no caso de moedas antigas. Um dos usos práticos dos antigos é que eles transformavam os cacos em pó, para serem misturados com argamassa, para que a mistura fosse usada como uma espécie de material de revestimento à prova d'água, nas cisternas (que vide). Ver o artigo separado sobre as *Ostraca.* Ver também sobre *Olaria.*

Usos figurados. Os cacos de cerâmica podem significar qualquer coisa de pequeno valor, qualquer coisa desprezível (Isa. 45:9); ou alguma coisa muito seca (Sal. 22:5); ou uma amizade fingida (Pro. 26:23).

CADÁVER

No hebraico, **geviyyah,** «corpo». O termo aparece por catorze vezes. Mas, com o sentido de *cadáver,* somente em Naum 3:3 e Sal.

110:6. E *também peger,* «carcaça», palavra usada por vinte e duas vezes (por exemplo: II Crô. 20:24,25; Jer. 31:40; 33:5; 41:9; Amós 8:3).

No grego *ptôma,* «carcaça». Esse vocábulo aparece por sete vezes. Mat. 14:12; 24:28; Mar. 6:29; 15:45; Apo. 11:8,9.

Em português, «cadáver» indica um corpo humano sem vida. Ver II Reis 19:35. Isa. 37:36. Um cadáver insepulto significava desgraça e opróbrio, entre os antigos (Jer. 16:4). Os gregos acreditavam que a alma não pode passar para o mundo dos espíritos enquanto não haja um sepultamento condigno do corpo morto. Ver o artigo sobre *Sepultamento, Costumes de.* Na antiguidade, usualmente o sepultamento se fazia, no máximo, vinte e quatro horas após a morte, pois, se não houvesse o inicio imediato do processo de embalsamamento, o clima muito quente precipitava sem tardança o processo de decomposição do cadáver Ver Marc. 6:29. Mat. 27:57,60.

Lição Espiritual Dada pelos Cadáveres. Quão pouca coisa é mister para reduzir o corpo humano a uma massa inerte, inútil, que começa a decompor-se. No entanto, antes dessa redução, provocada pela morte, quantos cuidados conferimos aos nossos corpos físicos. Quão prontamente desaparece aquilo que tanto valorizamos! Algumas estrelas do cinema têm segurado seus corpos em milhões de dólares. Depois, quando envelhecem, algumas delas passam a ter uma vida miserável, no olvido popular. Os seres humanos precisam aprender que a *pessoa real* é a alma eterna. As pessoas que têm passado pela experiência de quase morte (que vide) afirmam que, quando da aproximação da morte, pouca atenção é dada ao corpo. Muitas vezes, as pessoas só têm uma correta perspectiva da vida quando já estão moribundas. Passamos a vida inteira pensando no corpo, a menos que, em algum ponto de nosso trajeto, mediante a conversão, venhamos a compreender o valor da vida espiritual. Infelizes e dignos de lástima são aqueles que pensam que o corpo humano é o próprio ser humano.

CADÊ

Décima oitava letra do alfabeto hebraico (vide), e que recebeu o valor numérico de noventa, nos tempos pós-bíblicos. Essa letra encabeça os versículos 137 a 144 do Salmo 119, e também dá inicio a cada verso ali constante.

CADEADO Ver **Trancar (Cadeado, Fechadura, Pino).**

CADEIA, CADEIAS

No hebraico, **noser,** «cadeias», «laços». Palavra usada por onze vezes. Por exemplo: Sal. 116:16; Jer. 5:5; 27:2; 30:8; Naum 1:13. No grego encontramos duas palavras: *álusis,* «cadeia», palavra usada por dez vezes (Mar. 5:3,4; Luc. 8:29; Atos 12:6,7; 21:33; 28:20; Efé. 6:20; II Tim. 1:16; Apo. 20:1), e *desmós* «algemas», palavra usada por dezoito vezes (Mat. 7.35; Luc. 8:29; 13:16; Atos 16:26; 20:23; 23:29; 26:29,31; Fil. 1:7,13,14,17; Col. 4:18; II Tim. 2:9; File. 10, 13; Heb. 11:36; Judas 6).

Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento há usos literais e metafóricos dessas palavras. 1. Com o sentido literal de cadeias, correntes ou algemas, podemos ver Atos 28:20 e Luc. 8:29. 2. O trecho de Col. 2:19 alude aos músculos e juntas que unificam o corpo humano. 3. O jugo dos animais, em Naum 1:13. 4. *Vários usos metafóricos:* a. opressão, cativeiro, aprisionamento (Naum 1:13; Sal. 116:16; Fil. 1:7). b. Obrigações morais (Núm. 30:5). c. Em Colossenses 2:19, a idéia de que o corpo místico de Cristo assemelha-se a um organismo inteiro, com suportes e ligamentos. Os antigos evidentemente pensavam que os ligamentos tinham algo a ver com a transferência de nutrientes. d. As cadeias do pecado, que prendem os homens ao mal (Atos 8:23). e. Na comunidade cristã há o vinculo da paz, que une as pessoas. f. O escrito de dívida, referido em Col. 2:14, cujos efeitos nos eram contrários. g. As justas leis de Deus, que nos restringem do mal (Jer. 5:5). (FA HA S)

CADEIA (FIO) DE PRATA

Diz Eclesiastes 12:6: «...antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço».

O autor sagrado acumula uma série de expressões poéticas que indicam a morte física. O sétimo versículo fala sobre o pó que retorna à terra e sobre o espírito que retorna a Deus. A alusão ao romper do fio de prata, conforme tem sido demonstrado por estudos sobre a natureza da morte, é mais do que meramente poética. Sabe-se atualmente que a porção **não-material** é vinculada ao corpo físico por meio de uma espécie de filamento, com cerca de cinco centímetros de espessura, e que se assemelha a um campo de energia pulsante. Enquanto esse fio de prata não se rompe, o espírito, mesmo que saia do corpo é capaz de retornar ao mesmo. Porém, se esse fio chegar a partir-se, então a morte torna-se permanente, e o espírito não mais pode retornar. Esse fio, segundo todas as aparências, é uma espécie de conector e comunicador de energias, entre as porções material e imaterial do corpo humano. Alguns têm chamado o fio de prata de cordão umbilical do espírito. Por ocasião da morte física, a comissão de recepção que vem acompanhar a pessoa à outra dimensão da existência, algumas vezes corta esse fio, o que nos leva a entender que a morte, na realidade, é uma espécie de nascimento em uma outra dimensão da existência. Também há outros aspectos da morte física que se assemelham a um nascimento. Ver sobre as *Experiências de Quase Morte,* quanto a uma completa descrição do que significa o processo da morte, o que inclui em quais sentidos a morte se assemelha a um nascimento. Esse fio de prata, algumas vezes, pode ser visto na experiência da *projeção da psique* (que vide); enquanto o mesmo não é partido, o espírito pode retornar ao corpo sem qualquer dano. Essa experiência é uma das mais convincentes experiências, do ponto de vista empírico, da existência e da sobrevivência em potencial da morte, ante a morte física. O fato de que as experiências de quase morte também exibem uma porção imaterial, que sai da porção material, quando então, às vezes, o fio de prata torna-se visível para aquele que passa pela experiência, é um outro fator que favorece uma prova empírica da existência e da sobrevivência da alma. Ver o artigo sobre a *alma,* que inclui as diversas provas de sua existência e sobrevivência. Ver também o artigo sobre — *Abordagem Científica à Crença na Alma e em sua Sobrevivência ante a Morte Física.* Os intérpretes do Antigo Testamento percebem vários sentidos no tocante ao fio de prata, julgando que se trata de uma menção à medula óssea da espinha dorsal. Não é impossível que tal coisa esteja em foco; mas também é perfeitamente possível que o autor sagrado tenha aludido ao misterioso fio de prata, conforme acabamos de explicar. É possível que ele tivesse consciência de sua existência mediante antigas narrativas de experiências de quase morte, bem como da projeção da psique. Na literatura antiga, há evidências sobre ambas essas coisas. (G I IB)

CADEIAS

No hebraico temos duas palavras muito parecidas: *aziqqim* (usada por duas vezes: Jer. 40:1,4); e *ziqqim* (usada por cinco vezes, conforme se vê em Sal. 149:8; Isa. 45:14; Naum 3:10). Ambas essas palavras têm o sentido de «algemas». O trecho de Jer. 40: 1,4 refere-se às cadeias com que foram atados os cativos, quando da queda de Jerusalém. Ver também Sal. 149:8; Isa. 45:14; Naum 3:10 quanto a um uso similar. Um estudo sobre os monumentos assírios e egípcios revela que os prisioneiros usualmente eram amarrados com cordas, embora também fossem usadas cadeias de metal, isto é, algemas.

Usos Figurados. a. Em Jó 38:31 a cadeia referida é a constelação das Plêiades. b. Qualquer coisa que cativa ou prende, no sentido figurado (Judas 6). c. Um símbolo de opressão ou castigo (Lam. 3:7; Sal. 149:8; Eze. 7:23). d. O orgulho é como uma cadeia que mantém os homens debaixo de seu poder (Sal. 73:6). e. Satanás será preso pela cadeia divina (Apo. 20:1). f. A lei de Deus é uma cadeia moral e espiritual, uma obrigação e uma força restringidora (Pro. 1:9). g.

Fazer uma cadeia é preparar-se para o cativeiro e a escravidão (Eze. 7:23). (G S LAN UN)

CADEIRA (ASSENTO)

Palavras Utilizadas e Detalhes

A idéia envolve duas palavras hebraicas e três palavras gregas, a saber:

1. *Kisse,* «trono», «cadeira». Termo hebraico usado por cento e trinta e duas vezes (por exemplo: Juí. 3:20; I Sam. 1:9; 4:13,18; I Reis 2:19; Est. 3:1; Pro. 9:14)

2. *Moshab,* «assento». Palavra hebraica usada por nove vezes com esse significado, embora não seja esse seu único sentido(por exemplo: I Sam. 20:18,25; Sal. 1:1; Eze. 8:3; 28:2).

3. *Kathédra,* «cadeira», «tamborete». Palavra grega usada por três vezes: Mat. 21:12; 23:2 e Mar. 11:15.

4. *Thrónos,* «trono». Palavra grega empregada por cerca de sessenta vezes, a grande maioria das quais no livro de Apocalipse, desde Mat. 5:34 até Apo. 22:1,3.

5. *Bẽma,* «assento de julgamento». Palavra grega usada por doze vezes: Mat. 27:19; João 19:13; Atos 7:5; 12:21; 18:12,16,17; 25:6,10,17; Rom. 14:10 e II Cor. 5:10.

Nas páginas do Antigo Testamento, a palavra com freqüência alude a qualquer assento ocupado por uma pessoa importante, sem importar se rei, ministro ou sacerdote, conforme se vê, para exemplificar, em Juí. 3:20; I Sam. 1:9; 4:13,18; I Reis 2:19 e Est. 3:1.

Entre os judeus, assentos considerados especialmente importantes faziam parte dos móveis das sinagogas. Jesus repreendeu os lideres religiosos de seus dias porque preferiam «o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas» (Mat. 23:6; cf. Mar. 12:39; Luc. 11:43; 20:46). Nas sinagogas da Palestina, os assentos mais atrás eram ocupados pelas crianças e por pessoas sem importância social. Quanto mais à frente estivesse um assento, tanto maior a importância da pessoa que o ocupava. Os assentos considerados mais honrosos eram aqueles dos anciãos, que sentavam-se voltados de frente para a congregação. Pois o homem que se assentava em um desses assentos podia ser visto por todos os circunstantes, e sua importância não podia ser perdida de vista. Em Alexandria, a principal sinagoga Judaica tinha setenta e um desses assentos para anciãos (o que serve de testemunho sobre as dimensões daquela congregação). Esses assentos eram ocupados pelos membros do «concilio» daquela comunidade religiosa.

Em algumas instâncias do Novo Testamento, a palavra grega *bẽma* é empregada para designar um trono de julgamento (ver Mat. 27:19; João 19:13; Atos 18:12,16,17; 25:6,10,17), referindo-se ao lugar ocupado por algum governador, procurador romano ou oficial que estivesse atuando como juiz. E, por duas vezes, o vocábulo é empregado para indicar Cristo sentado para julgar (Rom. 14:10; II Cor. 5:10), pelo que alguns têm distinguido entre o juízo exercido por Cristo e o juízo exercido por Deus, em seu trono.

A palavra grega *kathédra* era usada em sentido figurado, dando a entender, simplesmente, que o lugar havia pertencido a outrem, embora a palavra desse a entender, literalmente uma banqueta ou cadeira. Assim, os fariseus são descritos como quem se assentava na cadeira de Moisés, considerando-se ser eles os sucessores legítimos de Moisés (ver Mat. 23:2). O Senhor Jesus, por sua vez, foi descrito a derrubar «as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas» (Mat. 21:12).

Dessas palavras todas, a mais comum no Novo Testamento é o termo grego *thrónos,* que dá entender um assento real (ver Luc. 1:52; Apo. 2:13; 4:4; 11:16; 13:2;16:10). Assim, Satanás também tem um trono, os vinte e quatro anciãos ocupam vinte e quatro tronos, e o dragão entregará ao anticristo o seu próprio trono.

CADES-BARNÉIA

No hebraico, a palavra **kades** significa «consagrado». Está em foco uma localidade onde os israelitas acamparam por duas vezes, em sua jornada do Egito para a Palestina, através do deserto de Parã. Cades-Barnéia assinalou as paradas de números dezenove e trinta e sete. O nome original do local parece ter sido Ritmá (que vide). Foi chamado de Cades, quando o tabernáculo ali foi armado. Foi desse lugar que Moises enviou mensageiros para que explorassem a Terra Prometida. Mas os israelitas ficaram assustados diante do relatório dos espias, e desejaram retornar ao Egito, chegando ao extremo de nomearem um comandante para levá-los de volta (Núm. 14:4). Em resultado disso, Cades, *o santuário,* tornou-se En-Mispate, uma *fonte de julgamento,* por causa da incredulidade do povo de Israel, e em vista do que, eles foram sentenciados a vagar por um total de quarenta anos pelo deserto.

1. *Localização.* O local tem sido identificado com 'Ain Kadeis, cerca de quarenta e três quilômetros ao sul de Hebrom. A existência de água foi um fator determinante nessa identificação, porquanto Cades era um lugar bem servido de água, no meio do deserto, sendo essa a circunstancia que permitiu que o povo permanecesse no local convenientemente.

2. *Referências bíblicas.* Em conexão com a marcha das tropas de Quedorlaomer (que vide), rei de Elão, nos dias de Abraão (Gên. 14:1-16); em conexão com a fuga de Hagar (Gên. 16:7). A água figura nessa última referência. Em relação à jornada de Abraão (Gên. 20:1). Alguns estudiosos supõem que a revolta de Coré teve lugar nessa localidade (Núm. 16:1-21). Miriã faleceu ali (Gên. 20:1), e foi ali, igualmente, que Moisés feriu a rocha, quando meramente deveria falar com ela, para obter água (Núm. 20:2-11). E foi em conexão com esse acontecimento que Cades (consagrada, santuário) tomou o nome de Meribá, «contenda» (Núm. 20: 13) .

O povo de Israel ficou em Cades-Barnéia por longo tempo e, provavelmente, viveram ali como nômades (Deu. 46:1). Eles passaram nada menos de trinta e sete anos naquela área, e não avançaram um passo sequer mais perto da conquista da Terra Prometida, durante todo aquele tempo. Essa circunstância representa uma grande lição espiritual sobre a incredulidade e a preguiça espiritual, o que nos furta grandes vitórias, que estão ao nosso alcance, mas que não são apropriadas por causa de nossa falta de fé. De Cades,—Moisés enviou os mensageiros ao rei de Edom, com a petição para passar o povo de Israel pelo seu território, a caminho de Canaã (Núm. 2O:14-21). Houve um pedido similar, dirigido ao rei de Moabe (Juí. 11:16,17). (I UN)

CADES SOBRE O ORONTES

Esse é o nome de uma aldeia às margens do rio Orontes, imediatamente ao sul do lago Humus. Nesse local houve várias batalhas notáveis, incluindo aquela entre Ramisés II, do Egito, e os hititas, em 1288 A.C. No Antigo Testamento, a aldeia é mencionada como o extremo norte do território de Israel, na época de Davi (II Sam. 24:6). Porém, alguns eruditos duvidam dessa identificação, por estar demais para o norte. Tem sido identificada com o moderno Tell Nebi Mend, que fica a sessenta e quatro quilômetros ao sul de Hamate, e a oitenta quilômetros ao norte de Damasco.

CADIAS, CADIANSANOS

Seriam os habitantes de Cadias, exilados judeus que voltaram com Zorobabel (I Esdras 5:20). Seus nomes não aparecem nas listas paralelas dos livros canônicos de Esdras e Neemias. Alguns estudiosos vinculam-os ao povo de Quedes (ver Jos. 15:23), ou então de Adasa.

CADMIEL

No hebraico, «Deus está na vanguarda». É palavra usada para designar dois homens, que figuram nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um levita que, com seus familiares, retornou do cativeiro babilônico (que vide), em companhia de Zorobabel. Em outros trechos biblicos ele é chamado Hodovias ou Judá (Esd. 2:40; Nee. 7:43;

12:8,12,24). Esteve envolvido em várias reformas que ocorreram na época.

2. Um outro levita que ajudou a dirigir as devoções do povo judeu, depois que Esdras lhes ensinara a lei (Nee. 9:4,5), o qual também assinou o pacto de Neemias. É possível que ele fosse filho do primeiro desses dois homens do mesmo nome. Cerca de 445 A.C.

CADMONEU

Esse vocábulo aparece somente em Gênesis 15:19, onde alude a uma tribo que os israelitas desapossaram. Tal palavra é um adjetivo, cujo sentido é *oriental* ou *antigo,* pelo que é possível que eles fossem os mesmos que são chamados, em Juízes 6:33, de «povos do oriente» (no hebraico, *bene-kedem),* cujo território ficava contíguo ao de Israel, na direção do nascer do sol. No livro de Gênesis, vemos que o território deles foi prometido a Abraão como uma — final possessão. Os hebreus e outros povos antigos designavam as direções voltando o rosto para o sol nascente. Isso significa que diante ou à frente era o oriente, atrás era o ocidente, a direita era o sul, e a esquerda era o norte. O território que ficava entre os rios Nilo e Eufrates, o deserto sírio a leste de Biblos (que vide), mui provavelmente era a região dos cadmoneus.

CAFE

Nome **da décima primeira letra do alfabeto** hebraico, com o som de *k* . A palavra significa «palma da mão». A letra foi tomada por empréstimo do alfabeto grego, como *kappa,* de onde se derivou a letra *k,* latina. *O* valor numérico da letra era vinte (20).

— Em Salmos 119:81-88, essa letra dá início a cada verso, no original hebraico. Essa letra tem sido transliterada pelo «k» ou pelo «c».

CAFTOR, CAFTORIM

Lugar de onde vieram originalmente os filisteus (Jer. 47:4 e Amós 9:7). Esse lugar tem sido verbalmente identificado com *Kaptara,* ou Creta, nome esse escrito em caracteres cuneiformes. As palavras que aparecem nessa referência de Amós, «e de Caftor os filisteus», atualmente, por parte de muitos estudiosos, são consideradas uma nota deslocada, realmente pertencente a Gênesis l0:14: «.. .a Casluim (donde saíram os filisteus) e a Caftorium", onde a frase entre parênteses, ao que parece, deveria aparecer depois da palavra «Caftorim». A identificação de Caftor com o delta do Nilo, no Egito, ou com a Capadócia, há muito tem sido abandonada. A declaração veterotestamentária que mais claramente mostra a origem dos filisteus é a que aparece em Jeremias 47:4, onde eles são declarados «...o resto de caftor da terra do mar», etc. O que pode ser uma alusão às costas marítimas da Palestina, embora outros estudiosos pensem que a alusão é às ilhas ou costas do Mediterrâneo. Referências bíblicas assim indiretas não podem **solucionar o quebra-cabeças,** e todas as identificações esbarram com problemas. A identificação com Creta também tem seus problemas, embora a própria palavra Caftor possa estar relacionada àquela ilha. Por isso, outros eruditos preferem pensar na Cilícia.

CAIADURA

Ver o artigo sobre a Cal. Àquele artigo adicionamos aqui as seguintes informações:

Usos do reboco. 1. A fim de renovar uma casa, cujas paredes tivessem sido infectadas pela *lepra,* era mister que um sacerdote removesse as pedras ou os tijolos da área atingida, substituí-los por novas pedras ou novos tijolos, e rebocar o reparo (Lev. 14:42,48). Nesses casos, a palavra «lepra», sem dúvida designa alguma espécie de fungo, e não a **lepra que ataca os** seres humanos. 2. As palavras da lei deveriam ser inscritas sobre pedras, no monte Ebal, pedras que haviam sido adredemente preparadas para esse propósito (Deu. 27:2,4; Jos. 8:32). Um processo similar era feito no Egito, para fazerem-se baixos relevos. As pedras eram polidas; defeitos e espaços eram preenchidos com argamassa; figuras eram desenhadas; a pedra em volta era desgastada, para que as figuras ficassem em alto-relevo. Então as pedras eram polidas para preservação. 3. Em certos tipos de paredes rebocadas, a mão mística traçou a sua mensagem, predizendo a queda de Belsazar (Dan. 5:5,24-28).

Usos figurados. O reboco serve para ocultar disfarçar, enganar, para tomar uma superfície diferente do que ela é, realmente. É o que Jesus quis dizer com «paredes branqueadas», ao falar com certos hipócritas religiosos, os quais faziam coisas más parecerem boas, da mesma maneira que os homens caiam os sepulcros que, no entanto, estão cheios de ossos dos mortos (Mat. 23:27).

O reboco era largamente usado no mundo antigo. Este era produzido aquecendo-se pedras calcárias ou gesso. A simples argila misturada com palha, também formava uma espécie de reboco. O artigo sobre a *Cal* fornece maiores detalhes sobre essa questão.

CAIM

No hebraico, **lança** (?). Foi o filho mais velho de Adão e Eva (Gên. 4:1). Tragicamente, foi o primogênito da raça humana, de acordo com a narrativa sobre a raça adâmica; e também foi o primeiro assassino e fratricida. Há algo de apropriado nas circunstâncias de que o homem de quem se diz ter sido o primeiro filho produzido pelo homem, também é descrito como o primeiro homem a ser um assassino. Essa narrativa simboliza a degeneração humana desde o princípio. Nada havia no meio ambiente de Caim que o tenha levado a matar seu irmão. O ato originou-se da maldade do íntimo. Muito erra a criminologia quando busca a causa dos crimes no meio ambiente adverso das pessoas, mas não a busca no íntimo pervertido do ser humano.

1. *Nome.* Não há certeza alguma quanto à origem do nome «Caim», embora pareça estar relacionado à forja de metais, como um «ferreiro»; outros preferem dar-lhe o sentido de «lança»; e, de acordo com a etimologia popular, «adquirir». Outros ainda pensam em «inveja». *Aquisição* (Gên. 4:1), é a mais comum idéia entre os intérpretes.

2. *O Sacrifício.* Adão e Eva cultivavam o solo; Abel era pastor de ovelhas. Caim também cultivava o solo. Os irmãos trouxeram suas ofertas a Deus. Caim as trouxe do fruto de seu trabalho no solo; e elas foram rejeitadas. Abel trouxe suas ofertas do rebanho; e elas foram aceitas por Deus. A maioria dos intérpretes vê nisso um prenúncio dos sacrifícios cruentos, e naturalmente, do sacrifício de Cristo. De conformidade com isso, a oferta de Caim representa o autoesforço, o mérito humano que parece bom a nossos olhos, mas não é aceitável diante de Deus. Isso dá a entender a necessidade da justificação (que vide) mediante a fé, com base na expiação de Cristo (que vide). Não estão em foco apenas as ofertas de Caim e Abel, mas as próprias pessoas deles, pois lemos: «Agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou» (Gên. 4:4,5). Portanto, Deus, que lê os corações, viu as atitudes deles: a de Abel de autodesistência e confiança na expiação de outrem; a de Caim de auto-suficiência e de confiança própria.

3. *A Ira de Caim.* A ira de Caim impeliu-o a matar. A enormidade de seu crime se vê no fato de que matou a seu próprio irmão. A ira é um dos pecados cardeais. Aparece na lista das obras da carne, na lista de Paulo, em Gál. 5:20. A ira encontra-se na raiz de muitos atos irracionais, e quase sempre tem o egoísmo como sua base, e o ódio como sua motivação.

4. *O Crime de Caim.* Embora repreendido por Deus, Caim resolveu dar vazão à sua maldade mediante um ato irracional de homicídio. Desde então, os homens têm satisfeito à sua vontade tirando a vida do próximo, o que mostra a extensão da queda. Quando Deus perguntou de Caim onde estava seu irmão, Abel, Caim indagou: «Não sei; acaso sou eu tutor de meu irmão?» (Gên. 4:9). Essa pergunta de Caim, famosa desde então, usada em inúmeros contextos, mostra-nos a natureza egoísta de seu ato homicida. Pois, a lei do amor leva-nos a cuidar uns dos outros, como cuidamos, cada um, de

nós mesmos. Negar que eu sou guardador de meu irmão é negar a essência da lei do amor. A voz de Abel clamava do solo. Isso demonstra que os atos pecaminosos não podem ser ocultados, pois apelam a Deus, pedindo vingança.

5. O *Castigo de Caim.* De certo modo, Caim recebeu a primeira sentença perpétua. Ele seria objeto de ódio, e outros haveriam de querer tirar-lhe a vida. Porém, ele escaparia. Em lugar disso, foi pronunciada contra ele uma maldição divina. Ele tornar-se-ia vagabundo e fugitivo à face da terra, pelo resto de seus dias, caçado e odiado pelos outros seres humanos.

6. *A Marca de Caim.* Caim seria caçado pelos outros homens. Correria o risco permanente de ser morto. Deus, entretanto, não permitiria que ele fosse executado. Para garantir isso, foi posta uma marca em Caim, como se dissesse: Vede este homem. Não o matai! Não se sabe que marca seria essa. Alguns supõem que Deus deu-lhe coloração negra à pele, pelo que a marca seria forte carga de melanina. Porém, essa interpretação, além de ser mera especulação, só serve para fomentar preconceitos raciais. Esse sinal também poderia ser uma marca tribal, alguma espécie de tatuagem ou sinal que identificasse uma pessoa dentre um grupo particular, um costume que, mais tarde, tanto se viu no Oriente Médio, outros compreendem que *o sinal* era a promessa de Deus de que ele não seria **morto,- em vez de** suporem alguma marca física. Não há como determinar a questão, por ausência de maiores informes bíblicos.

7. *Posteriormente.* Caim foi enviado a terra de Node (vagueação), onde ele edificou uma cidade e tornou-se o progenitor de uma numerosa família, que se ocupou de muitas artes e ofícios. De acordo com as tradições, os primeiros residentes em tendas, metalúrgicos e músicos vieram da linhagem de Caim. Mas outras tradições antigas dizem que os deuses foram os originadores das artes e ofícios (que vide).

8. *De onde Caim foi Buscar Sua Esposa?* Alguns críticos indagam assim, com escárnio, julgando haver encontrado uma séria discrepância no relato bíblico. É como se dissessem: se Adão e Eva geraram somente Caim, Abel e Sete, onde Caim encontrou esposa quando se retirou para a terra de Node? Esse tipo de objeção, além de exibir uma atitude cética para com os relatos sagrados, demonstra a ausência de um exame cuidadoso dos textos bíblicos por parte de tais críticos. A Bíblia não diz que Adão e Eva geraram somente àqueles três filhos homens. Caim, Abel e Sete foram apenas três dentre os muitos filhos do primeiro casal. Seus nomes são fornecidos por causa do relato expressivo que gira em torno deles, e nada mais. Lemos em Gênesis 5:4: «Depois que gerou a Sete viveu Adão oitocentos anos. e teve filhos e filhas». Não há informação quanto ao número desses filhos e filhas, mas essa informação é suficiente para indicar que Caim levou consigo, para Node, uma de suas irmãs. E Sete, onde quer que tenha ficado, sem dúvida fez o mesmo. Não há nenhuma dificuldade para sabermos onde Caim arranjou esposa!

9. Referências Neotestamentárias a Caim. a. Hebreus 11:4. Pela fé, Abel ofereceu melhor sacrifício que o de Caim. Dentro do plano de Deus, Cristo ofereceu o sacrifício final e definitivo, que substituiu a todos os outros sacrifícios, sendo essa a mensagem central da epístola aos Hebreus. b. I João 3:12 é trecho que nos relembra o crime de Caim, seu ato homicida e o fato de que suas obras eram más, e as de seu irmão Abel, boas. c. Judas 11 alude ao *caminho* de Caim. Lemos ali que os mestres gnósticos seguem esse caminho. A literatura rabínica diz que o caminho de Caim caracteriza-se pela concupiscência, pela cobiça, pela auto-indulgência e pela malignidade geral. Se juntarmos a isso a inveja e o ódio, parece que é isso o que tal caminho significa. Caim tornou-se um homem profundamente depravado. Ver Sabedoria de Salomão 1O:3; Jubileus 4:1-5; Apocalipse de Moisés 3:2.(G I IB NTI S)

CAIM, CIDADE DE

Era uma localidade nas terras baixas de Judá, mencionada juntamente com Zanoa, Gibeá, Timna etc., formando um total de dez cidades (Jos. 15:55-57). Tem sido identificada com a moderna Khirbet Yakin, a quase cinco quilômetros a suleste de Hebrom.

CAIN Ver **Queneu.**

CAINÃ

Há dois homens com esse nome, nas páginas da Bíblia, a saber:

1. O filho de Enos, bisneto de Adão, que nasceu quando seu pai tinha noventa anos de idade. Cainã viveu setenta e cinco anos e gerou a Maalaleel, e então viveu por mais oitocentos e quarenta anos (Gên. 5:9-14).

2. Filho de Arfazade, filho de Sem, e pai de Salá. Seu nome não se encontra no texto hebraico do Antigo Testamento, mas aparece na LXX, em Gên. 10:24 e 11:12, bem como em Luc. 3:36, onde o nome é encontrado na genealogia de Jesus. A informação dada por Lucas mostra-nos que o texto hebraico sofreu alguma omissão, conforme o conhecemos agora, e que Lucas pôde encontrar o nome nos registros sagrados. A cronologia da LXX, portanto, torna-se um tanto mais longa que a da Bíblia em hebraico. É possível que o nome «Cainã» tenha sido removido propositalmente do texto hebraico, a fim de fazer as gerações, de Adão a Noé, serem um número redondo, «dez». Mas outros estudiosos dizem que Cainã e Salá foram a mesma pessoa, dotada de dois nomes; e isso significaria que a adição que aparece na LXX seria um erro. O problema não encontra solução definitiva. Pelo menos é certo que o nome «Cainã», no evangelho de Lucas, faz parte do original, ainda que tenha sido omitido em alguns manuscritos posteriores do Novo Testamento. Naturalmente, o próprio Lucas pode tê-lo registrado, por causa da influência da LXX, ao passo que poderia estar realmente ausente do texto hebraico original do Antigo Testamento.

CAIXÃO Ver **Sepultamento, Costumes de.**

CAJADO Ver **Vara.**

CAL

No hebraico há duas palavras que têm sido traduzidas como «cal».

1. *Eben gir,* «*pedra* de cal». Essas palavras aparecem somente em Isa. 27:9. O termo aramaico *gir,* que também significa «cal», é usado em Dan. 5:5.

2. *Sid,* «reboco», «cal». Esse termo hebraico aparece em Isa. 33:12 e Amós 2:1.

É impossível determinarmos qual a natureza exata da cal dos hebreus, ou mediante qual processo eles chegavam a produzi-la. Porém, sabe-se que o carbonato de cálcio (pedra calcária), quando aquecido, perde o seu ácido carbônico e passa para o estado de óxido de cálcio. Quando o óxido de cálcio entra em contacto com a água, **combina-se com a mesma, produzindo considerável calor, formando o hidrato de** cálcio, mas que gradualmente adquire dióxido de carbono, que extrai do ar, até que volta a ser carbonato de cálcio. Se alguém misturar o dióxido de carbono com areia, é produzido um tipo de argamassa que, quando endurece torna-se uma espécie de pedra artificial, bastante resistente e duradoura. O sulfato de cálcio (gesso, alabastro) contém certa quantidade de água, em uma condição conhecida como «água de cristalização». O aquecimento faz evaporar-se a água, e o resultante sulfato anídrico, quando pulverizado, torna-se gesso. Esses dois produtos têm sido usados na civilização humana desde há muito, através de vários processos.

A mistura de argila com argamassa forma uma espécie de cimento (que vide) usado na colocação de tijolos. O gesso pode ser misturado com mármore pulverizado, o que produz um material duro, para ser aplicado a superfícies, capaz de ser polido. A água de cal é feita com cal e grande quantidade de água, o que é usado como pintura barata. A pedra calcária é abundante na Palestina. Geologicamente, essa pedra calcária foi formada da compactação de conchas no leito do mar, que então foi trazido à tona mediante os movimentos da crosta terrestre. A Palestina já foi o fundo do mar por mais de uma vez, o que explica a presença ali de tanta pedra calcária. A maior

parte da pedra calcária visível atualmente, em ambos os **lados** do vale do Jordão, pertence ao período cretáceo. (BAL ND UN)

CALÁ

O significado do heb. é incerto. Era uma cidade da Assíria, edificada por Ninrode, ou pelo povo dessa região (Atos 10:11). Atualmente chama-se Ninrode, estando localizada no ângulo nordeste da confluência entre os rios Zabe Superior e Tigre, cerca de trinta e nove quilômetros ao sul de Nínive, na margem oriental do rio Tigre.

Salmaneser I (cerca de 1280-1260 A.C.), rei da Assíria, foi quem tornou famoso esse lugar. A cidade havia caído em decadência na época do rei guerreiro e conquistador, Assurnasirpal II (883-859 A.C.). Mas Salmaneser I escolheu-a como sua capital e restaurou-a. As escavações arqueológicas ali iniciadas, em 1845, bem como em diversos outros lugares, têm encontrado um magnificente palácio, de Assurnasirpal II, com colossais homens alados, com cabeça de leão, que guardavam a entrada do mesmo. Em um templo pequeno, nas proximidades, encontrou-se a estátua do rei. Muitas inscrições, relativas a seu reinado, também foram trazidas à luz. O famoso obelisco negro de Salmaneser III foi encontrado ali, em 1846, onde, entre outros cativos, é referido Jeú, rei de Israel (cerca de 842-815 A.C.), trazendo ao monarca assírio o seu tributo. Muitas antiguidades valiosas de Calá atualmente encontram-se no Museu Metropolitano de Arte da cidade de Nova Iorque, ou no Museu de Belas Artes da Universidade de Boston, nos Estados Unidos da América. (MAL)

CALAFATES

No hebraico encontramos uma expressão, ***chazaq bedeq,*** «reparadores de brechas», somente em Eze. 27:9,27. Nesses versículos estão em foco os famosos construtores de navios de Gebal, na Fenícia. Os calafates eram aqueles que preenchiam as costuras entre as pranchas que formavam o casco de um navio com estopa embebida em piche, para tornar o casco à prova d'água. O retoque final consistia em pintar essas costuras com piche derretido. As rachaduras que porventura apareciam nas pranchas eram reparadas pelo mesmo processo.

CALAI

No hebraico, «ligeiro», «leve». Filho de Salai e um dos principais sacerdotes da época do sumo sacerdote Joaquim (Nee. 12:20), em cerca de 635 A.C. Ele retornou do exílio babilônico, na leva que veio com Zorobabel.

CÁLAMO

No hebraico, **qaneh,** «cana». É uma cana aromática que atinge cerca de sessenta centímetros de altura, com um colmo com juntas e gomos, que contém um cerne mole. É desse cerne mole que o aroma ou sabor se deriva. Enquanto vai crescendo, o cálamo enche o ar de fragrância suave. Quando o cerne mole é devidamente preparado, torna-se um ingrediente para perfumes doces e fortes. Várias espécies existem, e a planta é comum na Síria, no Egito, na Judéia, em Sumatra e em outros lugares. Fazia parte do comércio tírio com os gregos (Eze. 47: 19), e era um ingrediente usado no perfume sagrado dos judeus (Êxo. 30:23). (G S)

CÁLAMO AROMÁTICO

No hebraico o sentido é **cana aromática,** palavra também encontrada em Êxo. 30:23; Eze. 27:19 e Can. 4:14. Trata-se do Andropogon aromático, uma grama que solta um forte odor quando amassada, mas que não deve ser confundida com a cana-de-açúcar. É alimento de vacas e ovelhas mas isso faz com que a carne e o leite desses animas fiquem tintos. Também é chamada grama de gengibre, devido ao seu gosto acre. Provavelmente era importada pelos palestinos, por meio dos árabes. Alguns supõem que a rainha de Sabá trouxe esse cálamo aromático a Salomão, isto é a «especiaria» mencionada em I Reis 10:10, sendo isso uma possibilidade muito exeqüível, porquanto o cálamo aromático dava em abundância na Etiópia. (Z)

CALAMOLALUS

A palavra aparece em I Esdras 5:22, na Septuaginta. Os manuscritos que contêm esse estranho nome, segundo se pensa, perpetraram a corrupção combinada dos nomes de Lode e Hadide, com base nas listas de nomes em Esdras 2:33 e Neemias 7:37.

CALÇADOS

Este verbete precisa ventilar duas palavras hebraicas e uma palavra grega, a saber:

1. *Naal*, «sapato». Palavra hebraica que ocorre por vinte e duas vezes (por exemplo: Êxo. 3:5; 12:11; Deu. 25:9,10; Jos. 5:15; Rute 4:7,8; Sal. 60:8; Isa. 5:27; Eze. 24:17,23; Amós 2:6 e 8:6).

2. *Minal, «sapato»*. Palavra hebraica que aparece por apenas uma vez, isto é, em Deu. 33:25.

3. *Upódema, «sandália»* (literalmente, «sob os pés»). Palavra grega que aparece por dez vezes: Mat. 3:11; 10:10; Mar. 1:7; Luc. 3:16; 10:4; 15:22; 22:35; João 1:27; Atos 7:33; 13:25.

Também precisamos considerar a expressão hebraica *serok naal,* «cordões da sandália», que aparece em Gên. 14:23 e Isa. 5:27. Dentre as trinta ocorrências das palavras hebraicas, quase todas são traduzidas por «sandálias» em nossa versão portuguesa, pois, à mente moderna, uma sandália dá mais perfeitamente a idéia do formato de um antigo sapato do oriente Próximo e Médio. No mínimo, consistia em uma sola chata feita de couro, madeira ou outro material, com um cordão em cada lado, a fim de segurar a sola ao pé. Naturalmente, havia formatos diversos, dependendo do uso que se queria dar ao calçado. Os pastores precisavam de uma sandália forte, porquanto geralmente caminhavam por lugares pedregosos e difíceis. As mulheres de elevada posição social, por outro lado, geralmente usavam um tipo leve de sandália, e mais ornamentada.

A significação simbólica dos calçados é um fenômeno bíblico bem confirmado. Podemos detectar pelo menos cinco usos figurados:

a. Os cordões das sandálias geralmente indicavam algo barato, de pouco valor. Isso se devia ao fato que tais cordões eram praticamente insignificantes. Portanto, Abraão não queria ficar com a coisa mais insignificante do rei de Sodoma (Gên. 14:23). Mas também há um uso similar do próprio calçado, em Amós 2:6: «...e condenam o necessitado por causa de um par de sandálias» (ver também Amós 8:6), dando a entender que os necessitados eram vendidos por baixíssimo preço.

b. Com base no conceito de pouco valor, a idéia de calçados retrata a parte mais humilde do corpo de uma pessoa. De conformidade com isso, João Batista afirmou-se indigno de ao menos tocar nas sandálias de Cristo (Mat. 3:11; Mar. 1:7; Luc. 3:16; João 1:27; Atos 13:25). Até mesmo a porção mais humilde da pessoa de Jesus Cristo era por demais exaltada para ser comparada com a pessoa do seu precursor.

c. O uso de sapatos com freqüência falava sobre alguma viagem ou a preparação para alguma viagem. Por esse motivo, os israelitas deveriam consumir o cordeiro pascal, calçados e preparados para partir em seguida (Êxo. 12:11). Entre eles também houve a preservação miraculosa de suas sandálias, enquanto vagueavam pelo deserto (Deu. 29:5). Por igual modo, os discípulos do Senhor não deveriam levar consigo o costumeiro par extra de sandálias, em suas jornadas de evangelização (Mat. 10:10; Luc. 10:4; 22:35).

d. A contaminação adquirida pelos calçados, durante as jornadas pelas estradas poeirentas da época, terminou resultando em um outro símbolo. É por esse motivo que os calçados com freqüência representam a contaminação espiritual. Foi precisamente por essa razão que Moisés precisou tirar as sandálias dos pés, porquanto estava em terreno santo (Êxo. 3:5; Atos 7:33). E outro tanto ocorreu com Josué (Jos. 5: 15).

e. Um bem proeminente uso simbólico dos calçados era a transferência de alguma propriedade ou de alguma responsabilidade. No caso de algum hebreu que se recusasse a cumprir sua responsabilidade, no casamento levirato, sua recusa era assinalada pela remoção de seu calçado (Deu. 25:9,10; cf. Rute 4:7,8).

CALCANHAR

Há uma palavra hebraica e uma palavra grega envolvidas neste verbete:

1. *Agueb;* «calcanhar». Palavra hebraica empregada por sete vezes com esse sentido: Gên. 3:15; 25:26; 49:17; Jó 18:9; Sal. 41:9; 49:5; Jer. 13:22.

2. *Ptérna, «calcanhar».* Vocábulo grego usado por apenas uma vez, em João 13:18, citando Sal. 41:9.

Na Bíblia, a primeira vez em que essa palavra figura em sentido literal é no relato de Jacó que, por ocasião de seu nascimento, segurou no calcanhar de seu irmão Esaú, quando ainda no ventre de Rebeca (Gên. 25:26; Osé. 12:3), o que provavelmente significa que isso foi um vexame para Esaú, e que os dois futuramente, entrariam em choque.

Usos Figurados. 1. A promessa da derrota final de Satanás. Pois, apesar de que ele haveria de ferir o calcanhar de Cristo (que o texto chama de «descendente da mulher»), contudo Cristo esmigalharia a cabeça da serpente, ou seja, Cristo haveria de cumprir sua missão remidora, derrotando as forças do mal. 2. O moribundo patriarca Jacó, ao abençoar a Dã, desejou que todo aquele que lhe quisesse fazer oposição, encontraria nele um formidável adversário, como se ele fosse uma serpente. Assim, os inimigos de Dã aparecem como um cavaleiro, cujo cavalo seria mordido nos calcanhares, fazendo com que a montaria lançasse por terra o seu cavaleiro (Gên. 49:17) . Isso significa que Dã conseguiria livrar-se com sucesso de todos os seus inimigos. 3. Um dos «amigos» de Jó insinuou que este se parecia com um homem iniquo que chega à sua própria destruição quando o seu calcanhar é apanhado em uma armadilha (Jó 18:9). 4. O salmista proclamou que um certo amigo de confiança levantaria contra ele o seu calcanhar. Naturalmente, isso é uma predição da traição de Jesus por parte de Judas Iscariotes (João 13:18). 5. Na literatura profana há a história de Aquiles, cujos calcanhares eram a única porção de seu corpo que não era protegida, e quando foi ferido ali, foi derrotado. Isso simboliza alguma fraqueza de uma pessoa, que a leva à ruína, apesar de toda a sua fortaleza, quanto a outros particulares.

CALÇÕES

No hebraico, **miknesayin,** «ceroulas». Essa palavra ocorre por cinco vezes: Êxo. 28:42; 39:28; Lev. 6:10; 16:4; Êxo. 44:18.

Quando os sacerdotes oficiavam no altar (que vide), precisavam usar uma espécie de pano que lhes envolvia os quadris e as coxas. Esse pano era de linho fino, tal como o resto das vestes sacerdotais. Não tinha o formato de ceroulas ou calções, conforme atualmente os conhecemos, mas lhes cobria o baixo tronco e as coxas. Ver o artigo geral sobre o Sumo Sacerdote, sob o subtítulo de *Vestes.*

Muitos estudiosos pensam que é melhor pensarmos apenas em um pano enrolado em torno da cintura e dos quadris, o que era uma vestimenta comum no Egito e no oriente Médio, conforme já se discutiu em *Vestimentas.* No caso especifico dessas referências, está em foco essa peça de vestuário que os sacerdotes deveriam usar quando estivessem ocupados em suas funções cerimoniais.

CALCOL

No hebraico, **sustento.** Foi um homem da tribo de Judá, filho dos descendentes de Zerá (I Crô. 2:6). Provavelmente deve ser identificado com o Calcol, filho de Maol, um dos quatro sábios a quem Salomão ultrapassava em sabedoria (I Reis 4:31), em cerca de 1010 A.C.

CALDÉIA

A Caldéia é o nome de um distrito ao sul da Babilônia, que posteriormente veio a designar a Babilônia inteira. Essa designação mais ampla entrou em uso após o império neobabilônico de Nabucodonosor II (605-562 A.C.), que se estendia desde a pequena aldeia murada de Hite, à margem direita do rio Eufrates, até o golfo Pérsico. Ver o artigo geral sobre a *Babilônia.*

1. *História Primitiva.* Os caldeus eram uma tribo seminômade que ocupava os desertos entre o norte da Arábia e o golfo Pérsico. Desde bem cedo eles estabeleceram-se em Ur dos Caldeus (Gên. 11:28; Atos 7:4). Eram um povo aparentado remotamente dos arameus. Aparentemente eram caldianos, ou habitantes de Urartu, ou seja, Ararate ou Armênia. Eles são mencionados nas inscrições babilônicas, e começam a aparecer nas crônicas assírias durante o reinado de Assurnasirpal II (883-859 A.C.), mas a existência deles como um povo retrocede até bem antes do ano 1000 A.C.

2. *A Caldéia e os Babilônios.* Quando Tiglate-Pileser III (745-727 A.C.) tornou-se rei da Assíria, ele conquistou a Babilônia. Os caldeus viviam perturbando o rei da Babilônia. Em 731 A.C., Ukinzer, que viera de uma das cidades da Caldéia, tornou-se rei da Babilônia. No entanto, não demorou a ser deposto por Tiglate-Pileser III (728 A.C.), o qual tornou-se rei da Babilônia, onde governou com o nome de Pul. No trono assírio, Pul foi sucedido por Salmaneser IV (726-722 A.C.). Este foi sucedido no trono da Babilônia por Merodaque-Baladã, um caldeu. Merodaque foi conquistado por Sargão, embora tivesse continuado a governar até 708 A.C., quando Sargão tornou-se rei tanto da Babilônia quanto da Assíria. Nos dias de Ezequias (702 A.C.), Merodaque-Baladã, filho de Baladã, governava a Babilônia. Não foi senão em cerca de 625 A.C. que o poder dos caldeus começou a fazer-se sentir sobre a Assíria.

3. *O Império Neobabilônico.* Nebopolassar revoltou-se contra a Assíria, em cerca de 625 A.C., e estabeleceu o império neobabilônico. Ele reconstruiu a cidade da Babilônia. De 625 A.C. em diante, os caldeus conseguiram obter completo controle sobre a Babilônia. No décimo quarto ano de seu reinado, isto é, em 612 D.C., juntamente com Ciaxares, o medo, e com o rei dos citas, ele capturou Nínive, deixando-a arrasada (Naum 3:1-3). Em 605 A.C. ele foi sucedido por seu filho, Nabucodonosor II. Foi na época deste que Judá e Jerusalém foram levados em cativeiro para a Babilônia e os exércitos dos caldeus dominavam o mundo civilizado então conhecido. Em seguida, Nabucodonosor fez da Babilônia a mais esplêndida cidade do mundo (Dan. 4:30). Ele foi sucedido por seu filho, Evil-Merodaque (562-56O A.C.), mas este acabou sendo assassinado por seu cunhado, Neriglissar (560-558 A.C.). O monarca seguinte, LabashiMarduque, reinou apenas por três meses, e então foi sucedido pelo usurpador Nabonido. Seu filho, Belsazar (Dan. 5), foi feito co-regente, até à queda do império caldeu, em 538 A.C. Os historiadores consideram uma maravilha que uma região tão pequena como a Caldéia pôde ter produzido uma raça de poder suficiente para vencer e dominar o mundo daquela época.

4. *Nos Dias de Daniel.* O termo «caldeu», nos dias de Daniel, era usado para designar a Babilônia inteira (Dan. 3:8). Lemos que Dario, o medo, governava o reino dos *caldeus* (Dan. 9:1). A linguagem dos caldeus (Dan. 1:4) provavelmente era um dialeto semítico, babilônico. A palavra *caldaico,* nos tempos modernos, é erroneamente aplicada para indicar a língua aramaica. A proeminência da classe dos sacerdotes, os quais, em Babilônia e outros centros, mantinham as antigas tradições da astrologia e da filosofia nas línguas babilônicas clássicas, fez com que a palavra *caldeu* viesse a ser aplicada aos sacerdotes (Dan. 3:8), astrólogos e pessoas educadas (Dan. 2:10; 4:7; 5:7,11).

5. *Os Astrônomos-Astrólogos Caldeus.* Os caldeus desenvolveram consideráveis habilidades matemáticas, astrológicas, astronômicas, e, de mistura com isso, conhecimentos sobre adivinhações e ritos religiosos. Desenvolveu-se ali uma casta de astrólogos. Ver o artigo geral sobre a *Astrologia.* Os trechos de Daniel 2:2,10 e 4:7 referem-se a essa casta, utilizando-se dos nomes de «magos», «encantadores», «feiticeiros» e «caldeus». Textos produzidos por essa gente foram preservados em aramaico, que muitos eruditos chamam, erroneamente, de *caldaico.* Após isso, o termo *caldeu* com freqüência passou a ser usado como vocábulo para indicar os sacerdotes e os especialistas nas antigas artes dos caldeus, sem importar a raça a que pertenciam. Vemos isso em Heródoto i.181,183, em cerca de 450 A.C.

A Babilônia era o centro das atividades daqueles homens, a qual, por sua vez, era a capital intelectual de toda a Ásia ocidental. Como cientistas que eram, os caldeus fundaram a ciência exata da astrono-

mia, a qual, naturalmente, entre eles, sempre envolveu a adivinhação astrológica, pois, nos tempos antigos, a astronomia não era considerada uma ciência distinta da astrologia. Durante mais de trezentos e sessenta anos, eles conservaram registros astronômicos exatos e meticulosos. Um de seus mais notáveis feitos foi calcular a duração do ano solar como de 365 dias, seis horas, quinze minutos e quarenta e um segundos, que dá uma diferença de apenas trinta e três minutos e seis segundos a menos do que aquilo que é determinado pelos modernos instrumentos. Por causa da óbvia erudição desses homens, a Babilônia tornou-se famosa, não somente em face de sua ciência, mas também por causa de sua adivinhação e ocultismo. É provável que os astrólogos de Mateus 2:1 (ver o artigo sobre os *Magos)* pertencessem à tradição dos caldeus, embora o termo *Oriente,* ali usado, não nos diga o local exato da proveniência deles. A Arábia, a Babilônia e outros lugares têm sido sugeridos. (ND UN WIS)

CALDEIRÃO

No hebraico temos quatro palavras: *agmon,* «caldeirão» (Jó 41:20); *dud,* «caçarola» ou «cesto» (II Crô. 35:13); *sir,* «pote» (Jer. 52:18,19; Eze. 11:3,7,11; Êxo. 16:3; II Reis 4:38-41; Zac. 14:20,21, etc.), *qallachath,* «caldeirão» (I Sam. 2:14 e Miq. 3:3). Era um caldeirão de barro ou de metal. Vasos metálicos com vários formatos e usos têm sido encontrados pelos arqueólogos no Egito, na Babilônia, na Mesopotâmia, etc. Eram empregados em usos domésticos ou com propósitos cerimoniais (I Sam. 2:15; II Crô. 35:13; Jó 41:20; Jer. 52:18).

CALDO

Preparo culinário feito de água com carne, algumas vezes com legumes. *O* caldo geralmente é ralo, para ser usado com outros alimentos. Gideão serviu um caldo ao anjo que o visitara (Juí. 6:19,20). É usado figuradamente no trecho de Isaías 65:4, onde Deus acusa Israel de comer o caldo de coisas abomináveis.

CALEBE

No hebraico, «cão», isto é, «escravo». Há vários homens com esse nome, no Antigo Testamento:

1. Filho de Jefoné (que vide), o quenezeu, chefe de uma das famílias de Judá: a. Ele serviu de espia, aos quarenta anos de idade (Jos. 14:6,7), tendo sido enviado juntamente com onze outros homens, por parte de Moisés, a fim de explorar a terra de Canaã (Núm. 13.5,17-25), em cerca de 1440 A.C. b. Distinguiu-se por seu relatório fiel e encorajador diante do homem, instando para que os israelitas obedecessem à ordem de Deus e dessem continuação à conquista. Josué concordou com ele (que vide), embora os outros dez espias mostrassem um relatório negativo e desencorajador, devido ao seu temor e incredulidade. Eles viram quão poderosos eram os habitantes da Terra Prometida, antes da conquista, percebendo que a conquista militar não seria fácil. Mas, a fé de Calebe e Josué era maior que o temor deles, e queriam tentar grandes coisas; e assim, deixaram-nos como herança uma preciosa lição moral. (Ver Núm. 13:30). Infelizmente, o povo de Israel tomou o partido dos covardes, e quase apedrejou os dois corajosos e fiéis espias (Núm. 14:10). c. Moisés percebeu claramente que aqueles dois seriam os únicos, dentre os que tinham mais de vinte anos de idade, que finalmente entrariam na Terra Prometida. De fato, em uma praga por juízo divino, que ocorreu pouco depois desse episódio, todos os demais espias morreram (Núm. 14:26-38). Calebe recebeu a promessa especial de que entraria na Terra Prometida, e que os seus descendentes prosperariam ali; e isso indica que a recompensa por sua fidelidade foi grande (Núm. 14:25). d. Não se menciona novamente Calebe nas Escrituras, senão quarenta e cinco anos mais tarde. A terra conquistada estava sendo partilhada, e ele reivindicou uma herança especial, prometida por Moisés. Isso foi cumprido por Josué. Com a idade de oitenta e cinco anos, Calebe continuava vigoroso, tendo participado de diversas batalhas (Jos. 14:6-15; 15:4). Contudo, teve dificuldades para conquistar Debir (Quiriate-Sefer), e ofereceu uma de suas filhas, como esposa, ao homem que a conquistasse. A cidade foi conquistada por Otniel, filho de Quenaz, irmão mais jovem de Calebe; e assim Acsa, filha de Calebe, tornou-se a esposa de Otniel (Jos. 15:13-19). Nada mais ouvimos sobre ele, e nem como sua vida terminou.

2. O último entre os três filhos a ser nomeado de Hezrom (I Crô. 2:18), descendente de Judá (I Crô. 2:9), onde ele é chamado Quelubai. Ele e sua esposa, Azuba, tiveram Jeser, Sobabe e Ardom. Depois que ela faleceu, Calebe casou-se com Efrate, e desse novo matrimônio nasceu Hur, e talvez outros. Calebe teve concubinas, e também outros filhos.

3. Filho de Hur, neto de Calebe anterior (I Crô. 2:50). Coisa alguma sabe-se sobre esse homem.

4. Além desses três homens de nome Calebe, há um território com esse nome, naquela porção do Neguebe ocupado por Calebe e seus descendentes (I Sam. 30: 14), provavelmente a ser identificado com a grande bacia entre Hebrom e o antigo Carmelo de Judá. (S UN)

CALENDÁRIO JUDAICO (BÍBLICO)

Esboço

1. Dias
2. Semanas
3. Meses
4. Anos
5. Ciclos
6. Eras
7. Gráfico Ilustrativo

Todos os calendários dos povos antigos estavam baseados em observações astronômicas, embora os sistemas daí resultantes variassem. Os modernos calendários geralmente dependem do ano-solar, ou seja, o tempo em que a terra dá um giro completo em torno do sol. Como esse tempo envolve um resto em horas, minutos e segundos, nosso ano solar precisa de um ajuste de quatro em quatro anos, em que um dia é acrescentado no mês de fevereiro, e também de um outro ajuste, mais raro, para compensar a defasagem. Houve um desses ajustes no tempo do imperador Júlio César, no ano de 46 A.C., com a intercalação de 67 dias, entre os meses de novembro e dezembro. Isso deu origem ao calendário juliano. Mas, no século XVI (1582), houve um novo ajuste, começando então o calendário gregoriano, que foi adotado por países católicos e protestantes. Agora, quatro séculos e pouco depois, tem-se proposto um calendário internacional fixo, com um ano de 13 meses, de quatro semanas cada. Está predito que quando o anticristo aparecer, «cuidará em mudar os tempos e a lei» (Dan. 7:25). Como se vê, a mudança de calendário requer alguma elevada autoridade.

Israel seguia e segue o sistema lunissolar, com um ano de doze meses de 29 ou 30 dias, alternadamente, e o acréscimo periódico de um mês. Todavia, ao que parece, Israel não desconhecia o ano solar. A comunidade de Qumran seguia um calendário de doze meses, de trinta dias, com um dia suplementar a cada três meses. Isso fazia com que os anos começassem sempre no mesmo dia da semana — talvez uma quarta-feira — e as próprias festas religiosas sempre caíam no mesmo dia do mês, e também no mesmo dia da semana. Há quem pense que Jesus seguia esse calendário, o que poderia explicar a diferença de data da última Ceia, entre os evangelhos sinópticos e o de João — Jesus teria seguido esse calendário na observância da última páscoa, ao passo que as autoridades religiosas de Jerusalém seguiam o calendário lunissolar. Todavia, isso é pura especulação, nada havendo para provar tal assertiva. O fato é que, segundo a Bíblia, o Senhor criou os corpos luminosos do firmamento para «sinais, para estações, para dias e anos» (Gên. 1: 14). Os que cultivam a astrologia pensam encontrar aí uma base bíblica para suas idéias, mas, na verdade, o que está envolvido é a formação de um calendário.

Para melhor entendermos o que a Bíblia ensina a respeito, dividiremos nosso estudo nestes títulos: 1. Dias; 2. semanas; 3. meses; 4. anos; 5. ciclos; 6. eras.

1. Dias. A maneira de computar os dias, começou na nação judaica com base na repetida frase de Gênesis: «Houve tarde e manhã, o primeiro dia... Houve tarde e manhã, o segundo dia. ..» etc. (ver Gên. 1:5-31). De acordo com essas palavras, a nação judaica iniciava cada dia às 18:00 horas (ver Deu. 23:11), ao passo que para os babilônios e a maioria dos povos do oriente Médio o dia era computado a partir do nascer do sol, às 6:00 horas da manhã. A demarcação entre um dia e outro, entre os israelitas, na verdade era o momento em que três estrelas da segunda magnitude tornavam-se visíveis, segundo se vê em Nee. 4:21: «Assim trabalhávamos na obra; e metade empunhava as lanças desde o raiar do dia até o sair das estrelas». Os judeus não davam homens aos dias da semana, mas eram designados como primeiro, segundo, terceiro, etc. Os dias eram divididos em horas e vigílias, embora a divisão em horas tivesse sido adotada posteriormente, pois no começo eles falavam somente em períodos indefinidos, como «tarde», «manhã», «declinar do dia», etc. (Ver Juí. 19:8). Houve aparelhos engenhosos para marcação do tempo, desde muito antes do tempo de Daniel, entre os babilônios e os egípcios. Os babilônios dividiam o dia em vinte e quatro horas, cada hora dividida em minutos, e estes em segundos. Um desses engenhos antigos aparece no trecho de Isaías 38:8 e II Reis 20:11: «Eis que farei retroceder dez graus a sombra lançada pelo sol declinante no relógio de Acaz». No Novo Testamento, lemos que o Senhor Jesus indagou: «Não são doze as horas do dia?» (João 11:9). Outro tanto se vê no relato sobre a crucificação, que menciona a terceira, a sexta e a nona horas, correspondentes às 9:00 horas, às 12:00 horas e às 15:00 horas, pois Marcos reflete a maneira romana de contar as horas, isto é, a partir das seis horas da manhã (ver Mar. 15:25,33 ss).

Os primeiros hebreus dividiam as noites em três vigílias: a «vigília da manhã (Êxo. 14:24); a «vigília média» (Juí. 7:19); e o «princípio das vigílias» (Lam. 2:19). Mas os romanos dividiam a noite em quatro vigílias, de onde Jesus extraiu uma analogia, em sua advertência escatológica sobre um tempo imprevisível: «...se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã» (Mar. 13:35).

2. Semanas. A semana de sete dias é de origem semita. Os babilônios e assírios vinculavam suas semanas ao ciclo lunar, correspondentes aos quatro ciclos da lua, a começar a cada lua nova. A semana judaica tinha origem na narrativa da criação, sem ligação aos ciclos lunares ou solares, porquanto dependia da observância do sétimo dia, ou sábado. A semana egípcia tinha dez dias.

Embora Deus tivesse salientado o sétimo dia, por ocasião da criação (ver Gên. 1:2,3), o registro bíblico faz silêncio quanto à observância do sábado durante o longo intervalo entre a criação e a época de Moisés. Não há registro da observância religiosa do sábado nos tempos antediluvianos ou nos dias dos patriarcas hebreus. Todavia, há indicações bíblicas indiretas de que o sábado sempre foi tido como um dia religioso importante. Na legislação mosaica, o sábado tornou-se um dos sinais do pacto entre Deus e Israel: «Certamente guardareis os meus sábados; pois é sinal entre mim e vós nas vossas gerações...» (Êxo. 31:13). Em consonância com isso, Jesus, que veio para cumprir a lei, não se descuidava dessa observância, embora os judeus, de modo geral, se mostrassem bastante relapsos quanto à questão: «Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume...» (Luc. 4:16). No entanto, em face dos cruciais acontecimentos ocorridos na vida de Cristo e da Igreja, no primeiro dia da semana, os primitivos cristãos passaram a reunir-se no primeiro dia da semana, e não no sétimo. Por causa do dia da ressurreição de Cristo: «E muito cedo, no primeiro dia da semana, ao despontar do sol, foram ao túmulo...» (Mar. 16:2 *ss).* Os discípulos estavam reunidos quando Cristo lhes apareceu pela primeira vez, depois de ressurrecto: «Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco!» (João 20:19). Por que foi em um primeiro dia da semana que teve início o ministério do Espírito Santo à Igreja: «Ao cumprir-se o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos no mesmo lugar...» (Atos 2:1 *ss).* Em face desses grandes acontecimentos, os cristãos, embora ocasionalmente freqüentando a sinagoga ou o templo, em dia de sábado (sobretudo quando queriam pregar aos judeus, que se reuniam nesse dia da semana), tinham no primeiro dia da semana o seu dia normal de reuniões: «No primeiro dia da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão...» (Atos 20:7). E também: «No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for» (I Cor. 16:2). Todavia, isso não significa que o domingo tenha tomado o lugar do sábado, para os cristãos. Para nós, servos de Deus, todos os dias são santos. É sinal de pouca espiritualidade quando alguém insiste em guardar dias e estações, porquanto, tudo quanto é simbolizado pelos mesmos, foi cumprido em Cristo. «...agora que conheceis a Deus, ou antes, sendo conhecidos por Deus, como estais voltando outra vez aos rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis ainda escravizar-vos? Guardais dias, e meses, e tempos e anos. Receio de vós tenha eu trabalhado em vão para convosco» (Gál. 4:9-11). A lei e suas ordenanças foram canceladas no caso do crente: «...(Cristo Jesus)... aboliu na sua carne a lei dos mandamentos na forma de ordenanças» (Efé. 2:15). Ora, o sábado é uma das ordenanças da lei. (Ver sobre *o dia de domingo).*

3. Meses. No hebraico, a palavra é um sinônimo para «luas». Os povos antigos mediam o tempo pelas fases da lua. Assim, o termo árabe para *lua* significa «medidora». E o deus-lua dos egípcios, era também o deus da medição. Entre os judeus de gerações posteriores, três membros do sinédrio tinham a responsabilidade de vigiar e anunciar a primeira aparição da lua nova, e então a notícia do começo de um novo mês espalhava-se pelo país através de sinais de fumaça, e, mais tarde, mediante mensageiros. *O* calendário constante, que dispensou essa medida, pelo menos em tese, segundo se diz, foi inaugurado pelo patriarca Hilel.

Entre os israelitas, os meses eram designados com nomes tomados por empréstimo dos cananeus e fenícios. Esses nomes estavam ligados às estações do ano, segundo se vê pelos quatro nomes que sobreviveram nos antigos registros hebraicos: Abibe (Êxo. 13:4 e Deu. 16:1), correspondente ao Nisã do calendário posterior, que significa «mês das espigas maduras»; Zive (I Reis 6:1), correspondente ao posterior mês do Iyyar, que significa «mês das flores», Etanim (I Reis 8:2), correspondente ao posterior mês de Tisri, que significa «mês dos riachos perenes»; e Bul (I Reis 6:38), correspondente ao posterior mês de Marchesvam, que significa *chuvas,* sendo que o primeiro mês da estação chuvosa. No entanto, durante o período monárquico de Israel, o calendário foi reformado, e os antigos nomes dos meses foram substituídos por números ordinais, primeiro, segundo, terceiro, etc., ao mesmo tempo em que o começo do ano foi transferido para a primavera. Isso é ilustrado em I Reis 6:1 e 8:2. Citamos este último trecho: «Todos os homens de Israel se congregaram junto ao rei Salomão, na ocasião da festa, no mês de etanim, que é o sétimo». Em cerca de 520 A.C., Ageu (1:1 e 2:1,10), usou apenas números ordinais para indicar os meses, sem referir-se aos antigos nomes dos mesmos. Zacarias, um profeta contemporâneo daquele, liga o número ordinal de certo mês ao nome babilônico do mesmo, o que se tornou prática popular após o exílio. Diz Zacarias 1:7: «Aos vinte e quatro dias do mês undécimo, que é o mês de sebate...» Todavia, esses nomes importados da Babilônia não eram usados nos registros civis e históricos dos judeus. Tais nomes tinham conotações agrícolas, ainda que vinculados a nomes de divindades pagãs da natureza, em certos casos. O chamado calendário de *Gezer,* que data do século X A.C., fornece-nos um interessante vislumbre sobre a vida agrícola da Palestina. Trata-se de uma inscrição que enumera operações agrícolas referentes a oito meses, e onde são mencionadas atividades como a semeadura, a colheita do linho, a colheita da cevada e a poda da videira.

4. Anos. O calendário judaico envolvia dois anos concorrentes, a saber: o ano religioso, que começava na primavera, com o mês de Nisã, e o ano civil, que começava no outono, com o mês de Tisri. O ano religioso foi instituído por Moisés, após o êxodo. Consiste em

doze ou treze meses lunares de 29-1/2 dias cada. O ano civil é mais antigo, computado supostamente desde a criação, que tradicionalmente ocorreu no outono (3760 A.C.). Tornou-se popular a partir do século III D.C. Que o ano civil era observado pelo antigo povo de Israel torna-se evidente no preceito mosaico, que diz: «Guardarás a festa da sega dos primeiros frutos do teu trabalho, que houveres semeado no campo, e a festa da colheita, à saída do ano, quando recolheres do campo o fruto do teu trabalho» (Êxo. 23:16).

Os babilônios e os egípcios criaram o mês intercalado, a fim de ajustar o ano solar ao ano lunar. Os anos bissextos dos judeus, com seu ciclo de 19 anos foram fixados, com adição de um décimo terceiro mês nos anos terceiro, sexto, nono, décimo primeiro, décimo quarto, décimo sétimo e décimo nono. E se no décimo sexto dia do mês de Nisã o sol não tivesse atingido o equinócio de inverno, o mês era declarado como o segundo mês de Adar, ao passo que o mês seguinte era declarado mês de Nisã.

Conforme dissemos no começo deste artigo, grande avanço foi feito quando do calendário traçado por Júlio César, primeiro imperador romano, em 46 A.C. Mas esse ano, de 365 dias e um quarto, tinha uma defasagem de onze minutos, acima do ano solar. Por esse motivo, em 1582, o então papa Gregório XIII fez uma reforma, e o novo calendário passou a chamar-se de calendário gregoriano (sob cujo regime vivemos). Esse envolve um erro infinitesimal que se acumula para formar um dia, a cada 3.325 anos. É interessante observar que o calendário mais exato que a humanidade já criou é o. dos índios maias, da América Central, que acusa um erro acumulado de um dia, a cada seis mil anos!

5. Ciclos. Em face do sétimo dia da criação, os judeus passaram a dar um elevado sentido religioso e sagrado ao número sete. Assim, as convocações solenes e as festas judaicas tinham lugar no sétimo dia, ou na sétima semana, ou no sétimo mês, ou no sétimo ano ou a cada sete vezes sete anos. A cada sete dias havia o sábado. A festa do Pentecoste caía no fim de sete semanas após a páscoa, no primeiro dia da semana seguinte. A festa das Trombetas, que introduzia o sétimo mês, envolvia uma «assembléia solene». O ano sabático impunha um solene repouso para os proprietários de terras, para as terras aráveis e até para os animais de carga. Nesse ano também eram postos em liberdade os escravos hebreus. Os anos sabático e de jubileu eram sincronizados ao ano civil ou agrícola. O ano do jubileu, que ocorria a cada cinqüenta anos, após sete vezes sete anos, tinha conotações importantíssimas na vida social judaica. (Ver Lev. 25:8-17).

6. Eras. No calendário bíblico, «eras» indicam todo o tempo que vai da criação do mundo à consumação dos séculos. Há grandes acontecimentos que são marcos terminais, com o início de alguma nova fase para a humanidade. Esses marcos, em sua seqüência cronológica, são: a criação, o dilúvio, a vida de Abraão, o êxodo, o exílio babilônico e o nascimento de Jesus. Em conseqüência, as eras bíblicas poderiam ser intituladas como: antediluviana, pós-diluviana, patriarcal, israelita, judaica e cristã. (Ver Mat. 1:2-17 e Luc. 3:23-37).

Astronomicamente falando, a fenomenal estrela que guiou os magos ao menino Jesus, dividiu a história da humanidade em Antes de Cristo (A.C.) e Depois de Cristo (D.C.). Esse é o eixo em torno do qual a história humana é datada, pondo fim a uma antiga ordem de coisas e dando início a uma nova ordem. As predições bíblicas aludem a mais duras eras, a saber: a. O milênio, logo após a Grande Tribulação, inaugurado pela segunda vinda de Cristo quando ele instaurar o seu reino de mil anos à face da terra; e b. a era eterna, quando forem criados novos céus e nova terra. Ver acerca do *milênio* e da *era eterna*. Cf. Apo. 20:1-15 e 21:1-5.

7. GRÁFICO ILUSTRATIVO

Nomes dos Meses	*Equivalentes*	*Festas*	*Estações*	*Tempo*	*Colheita*
Abide ou Nisã, 30 dias. 1º mês do ano sagrado e 7º mês do ano civil	Março-abril	1. Lua Nova, Núm. 10:10. Jejum por Nadabe e Abiú, Lev. 10:1,2 10. Seleção do cordeiro pascal, Êxo. 12:3; festa por Miriã, Núm. 20:1. 14. Abate do cordeiro pascal, à tarde, Êxo. 12:6. Começa a páscoa, Núm. 28:16. 15. Primeiro dia dos pães asmos, Núm. 28:17. 16. Primícias; molhos são oferecidos, Lev. 23:10. Começo da colheita; 50 dias para o Pentecoste, Lev. 23:6. 15 a 21. Santas convocações, Lev. 23:7. 21. Fim da páscoa; fim dos pães asmos, Lev. 23:6. 26. Jejum pela morte de Josué.	Equinócio da primavera	Ventilado; queda das últimas chuvas, Deu. 11:14. As neves se dissolvem e os rios se enchem. O Jordão extravasa, Jos. 3:15.	Cevada, maturação do trigo; aparecem as flores e hortaliças.
Zife ou Ijar, 29 dias. 2º do ano sagrado e 8º do ano civil	Abril-maio	1. Lua nova, Núm. 1:18. 6. Jejum de 3 dias por excessos da páscoa. 10. Jejum pela morte de Eli e captura da arca, I Sam. 4:11 ss. 15. Segunda páscoa, para os que não a celebraram no mês de Abide, relembrando a entrada no deserto, Êxo. 16:11. 23. Festa lembrando a captura de Gaza pelos Macabeus e a purificação do templo. 27. Festa lembrando a expulsão dos galileus de Jerusalém. 28. Jejum pela morte de Samuel, I Sam. 25:1.	Verão	Ventilado; chuvas e trovoadas, com raros temporais. Céu sem nuvens. Ventos quentes do vale do Jordão.	Colheita da cevada, Rute 1:22. O trigo amadurece; abricós.

Nomes dos Meses	*Equivalentes*	*Festas*	*Estações*	*Tempo*	*Colheita*
Sivã, 30 dias. 3º do ano sagrado e 9º do ano civil	Maio-junho	1. Lua nova 2. Festa do Pentecoste ou das semanas, por ser 7 dias após a páscoa, Lev. 23:15-21. 15,16. Celebração da vitória sobre Bete-Seã, I Mac. 5:52, 12:40,41. 22. Jejum pelos súditos de Jeroboão que levaram primícias a Jerusalém, I Reis 12:27. 25. Jejum em memória dos rabinos Simeão, Ismael e Canina. Festa lembrando o juízo de Alexandre em favor dos judeus. 27. Jejum relembrando a queima dos livros da lei.		Ventos do noroeste e leste; vento ressecante dos desertos do sul. Céu claro.	Começa a colheita: trigo; amêndoas; uvas começam a amadurecer; mel do vale do Jordão.
Tamuz, 29 dias. 4º do ano sagrado e 10º do ano civil	Junho-julho	1. Lua nova 14. Festa comemorando a abolição de um livro dos saduceus e dos betusianos, que queriam subverter a lei oral e as tradições. 17. Jejum comemorando a quebra das tábuas da lei por Moisés, Êxo. 32:19; e tomada de Jerusalém por Tito, em 70 D.C.	Calor máximo do verão	Ventilado no norte, do oeste e do leste; calor intenso.	Colheita do trigo nas terras altas; várias frutas.
Abe, 30 dias. 5º do ano sagrado e 11º do ano civil	Julho-agosto	1. Lua nova. Jejum pela morte de Aarão. 9. Jejum em memória da declaração divina contra os murmuradores opostos à entrada em Canaã, Núm. 14:29-31. 18. Jejum por causa da lâmpada apagada, nos dias de Acaz. 21. Festa quando a madeira era empilhada no templo. 24. Festa em memória da lei, segundo a qual filhos e filhas herdavam a lei de seus pais.	Calor do verão Verão quente	Ventos do leste; calor intenso; céu claro.	Vindima, colheita do figo, das castanhas, azeitonas, etc. Lev. 26:5.

Nomes dos Meses	*Equivalentes*	*Festas*	*Estações*	*Tempo*	*Colheita*
Elul, 29 dias. 6º do ano sagrado e 12º do ano civil	Agosto-setem.	1. Lua nova. 7. Festa da dedicação dos muros de Jerusalém, por Neemias. 17. Jejum pela morte dos espiões incrédulos, Núm. 14:26. 21. Festa, oferta da madeira. 22. Festa em memória dos israelitas ímpios punidos com a morte. Durante o mês todo, soavam as trombetas, avisando sobre o ano civil próximo.		Ventos do norte e do leste. Calor intenso; relâmpagos, com pouca chuva.	Vindima; colheita do milho, do algodão; romãs amadurecem.
Etanim ou Tirsi, 30 dias. 7º do ano sagrado e 1º do ano civil	Setem.-outub.	1. Lua nova; Ano Novo; festa das Trombetas, Lev. 23:34, Núm. 29:1,2. 3. Jejum pelo assassínio de Gedalias, II Reis 25:25. O sumo sacerdote é separado para o Dia da Expiação. 7. Jejum relembrando a adoração do bezerro de ouro. 10. Dia da Expiação, Atos 27:9. Único dia de jejum exigido pela Lei; primeiro dia do Ano de Jubileu. 15-21. Festa dos Tabernáculos. 22. Santa convocação; ramos de palmeiras; oração pela chuva. 23. Festa pelo término da Lei; dedicação do templo de Salomão.	Semeadura; o grão germina	Ventos do nordeste.	Aração e semeadura começam assim que se iniciam as chuvas, Pro. 20:4. Colheita do algodão.
Bui ou Marcesvan, 29 dias. 8º do ano sagrado e 2º do ano civil	Outub.-novem.	1. Lua nova 6,7. Jejum por Nabucodonosor ter cegado Ezequias, II Reis 25:7; Jer. 52:10. 17. Orações pela chuva. 19. Jejum pelas faltas durante a festa dos Tabernáculos. 23. Pedras memoriais do altar profanados pelos gregos, I Mac. 4:44. 26. Festa em memória da recuperação, após o exílio, dos lugares ocupados pelos cutitas.	Outono	Ventilado de várias direções; muita chuva.	Semeadura do trigo e da cevada; vindima no N. Colheita do arroz; figos amadurecem; frutas cítricas florescem; desaparece quase toda a vegetação.

Nomes dos Meses	*Equivalentes*	*Festas*	*Estações*	*Tempo*	*Colheita*
Quisleu, 30 dias. 9º do ano sagrado e 3º do ano civil	Novem.-dezem.	1. Lua nova. 2. Jejum de três dias, se não viessem chuvas. 3. Festa em honra aos Asmoneus que derrubaram ídolos posto no templo pelos gentios. 6. Festa em memória da queima dos rolos por Jeoaquim, Jer. 36:23. 7. Festa em memória da morte de Herodes, o Grande. 14. Jejum absoluto, se não viessem chuvas. 21. Festa no monte Gerizim; o monte Gerizim é arado e semeado com joio, como os samaritanos intentaram fazer com o terreno do templo. 25. Festa da dedicação do templo, ou Luzes (8 dias, em memória da restauração do templo por Judas Macabeu.	Começa o inverno João 10:22.	Neve nos montes; tempestades; muita chuva.	Árvores sem folhas, mas planícies e desertos reverdecem.
Tebete, 29 dias. 10º do ano sagrado e 4º do ano civil	Dezem.-janeiro	1. Lua nova. 8. Jejum porque a Lei foi traduzida para o grego. 9. Jejum geral, sem motivo específico. 10. Jejum por causa do cerco de Jerusalém por Naducodonosor, II Reis 25:1. 28. Festa em memória da exclusão dos saduceus do Sinédrio.	Meio-inverno	Ventos do norte, do nordeste e do noroeste. No mês mais frio, saraiva e neve, Joel 10:11, nas terras altas, e, algumas vezes, em Jerusalém.	Rebanhos descem para os vales. Cultivo dos vales começa. Laranjas amadurecem. Regiões mais baixas reverdecem com o cereal.
Sebate, 30 dias. 11º do ano sagrado e 5º do ano civil	Janeiro-fev.	1. Lua nova. 2. Regozijo: Alexandre Janeu, inimigo dos fariseus, morreu. 4,5. Jejum em memória da morte dos anciãos, sucessores de Josué. 15. Começo do ano das Árvores. 22. Festa em memória da morte de Niscaleno, que ordenou a colocação	Inverno	Ventos do noroeste, norte e nordeste. Tendência para o calor.	Amêndoas e pêssegos florescem nas áreas quentes. Laranjas são colhidas.

Nomes dos Meses	*Equivalentes*	*Festas*	*Estações*	*Tempo*	*Colheita*
		de ídolos no templo, mas que morreu antes disso ser cumprido. 29. Celebração da morte de Antíoco Epifânio.			
Adar, 29 dias. 12º do ano sagrado e 6º do ano civil	Fever.-março	1. Lua nova. 7. Jejum pela morte de Moisés, Deut. 34:5. 8,9. Trombetas soam em agradecimento pelas chuvas; orações por mais chuvas. 12. Festa em memória de Holiano e Pipo, dois prosélitos que preferiram morrer a quebrar a lei. 13. Jejum de Ester, (4:6). Festa celebrando a morte de Nicanor, inimigo dos judeus I Mac. 7:44. 14. 1º Purim, festa menor das sortes, Est. 9:21. 15. Grande Festa de Purim. 17. Festa em comemoração aos sábios que fugiram de Alexandre Janeu. 20. Festa pelas chuvas em época de seca, nos dias de Alexandre Janeu. 23. Festa comemorativa da dedicação do templo de Zorobabel, Esd. 6:16. 28. Festa comemorativa por terem sido repelidos os decretos dos reis gregos proibindo a circuncisão.	Primavera, com resíduos do inverno.	Ventos do oeste; trovoadas, saraiva e neve nas terras altas. Começam as últimas chuvas, das quais dependem as plantações, para ser evitada a fome.	Nos vales, cultivo chega ao fim, e amadurece a cevada.

CALNÉ

1. De acordo com alguns eruditos, no hebraico significaria «forte de Anu». Anu era uma das principais divindades do panteão babilônico. O local provável é a moderna Niffer, no Talmude, Nopher. Fica cerca de cem quilômetros a suleste da antiga cidade da Babilônia, à margem esquerda do rio Eufrates. A LXX refere-se a Calné ou Calno como o lugar onde foi edificada a torre famosa (Isa. 10:9). No século VIII A.C., foi conquistada por um dos reis assírios, e nunca mais reconquistou a sua prosperidade. Ela foi uma das cidades da Babilônia, fundada por Ninrode, referida em associação com Babel, Ereque e Acade (Gên. 10:10). O local acima referido tem sido intensamente investigado pela arqueologia. Ver sobre Nipur. Contudo, há estudiosos que a identificam com Kulunu, uma outra antiga cidade próxima da Babilônia. Ainda outros supõem que a mesma deveria ser identificada com Hursagkalama, uma cidade gêmea de Quis. Outrossim, com base em uma compreensão diferente sobre o texto hebraico, alguns intérpretes traduzem Calné como *todas elas,* pelo que aquele versículo diria: «O princípio do seu reino foi Babel, Ereque, Acade, todas elas na terra de Sinear». Nesse caso, nunca houve uma cidade chamada Calné, e todas essas identificações, acima referidas, laboram em erro.

2. Calne (segundo nossa versão portuguesa, sem acento agudo no *e* final) figura em Amós 6:2, juntamente com Hamate. Poderia ser Kulani, a moderna Kallanhu, cerca de dez quilômetros de Arpade. Kullani(a) é uma aldeia mencionada em documentos assírios, em associação com Arpade.

CALOR E FRIO

No trecho de Gênesis 8:22 encontramos o contraste entre a semeadura e a colheita, entre o verão e o inverno, entre o dia e a noite, entre o calor e o frio. Tudo isso fazia parte da promessa do Senhor de que não haveria de sobrevir outro período de destruição geral no mundo, por meio de um dilúvio, de tal modo que esses estados e condições contrastantes prosseguiriam até o fim dos tempos.

A Palestina é um país bem pequeno, cuja área aproxima-se da área do estado do Rio Grande do Norte, no nordeste brasileiro. Apesar de tão pequena, há ali tremendos contrastes de clima e temperatura. Todavia, ali o frio não perdura por longo tempo; e, apesar de cair alguma neve, o período de nevascas é bem curto. As variações climáticas devem-se aos diferentes tipos de terreno, à extensa costa marítima, à existência de montes, planícies e áreas desérticas. As antigas residências ali construídas não tinham qualquer proteção especial contra o frio, exceto no caso das casas dos mais abastados, onde havia uma espécie de forno onde era queimado carvão vegetal. Nos dias frios, as pessoas se acumulavam em torno das fogueiras de carvão, conforme se lê acerca de Pedro, no pátio da casa do sumo sacerdote (João 18:18). Ver o artigo sobre *o Calendário,* onde damos um gráfico que mostra que tipo de condições atmosféricas havia de mês em mês, durante os festivais e na época das diversas colheitas.

O Frio nos Sonhos e nas Visões. Pode estar em pauta alguma pessoa que quase não demonstra suas emoções; uma pessoa calculista e traiçoeira; uma pessoa sexualmente indiferente. Ficar moldando a cinzel um bloco de gelo pode significar tentar interessar uma pessoa sexualmente indiferente pelas questões sexuais. *O* medo também pode ser simbolizado pelo frio, se produz tremor.

O Calor nos Sonhos e nas Visões. Pode estar em foco uma advertência de esforço demasiado; ou o progresso na vida, a boa sorte, a boa produtividade, etc. Calor é energia, pelo que simboliza trabalho e realização. ou então indica uma pessoa sexualmente intensa e ativa.

CALÚNIA

Várias palavras hebraicas e várias palavras gregas estão envolvidas na compreensão desse assunto, a saber:

1. *Dibbah,* «relatório contrário». Palavra hebraica que aparece por nove vezes: Jer. 20:10; Gên. 37:2; Núm. 13:32; 14:37; Pro. 25:10; Eze. 36:3; Núm. 14:36; Sal. 31:13; Pro. 10:18.

2. *Rakil,* «caluniador». Palavra hebraica que se encontra por três vezes: Lev. 19: 16; Pro. 20: 19; 11: 13.

3. *Nirgan,* «sussurrador». Termo hebraico que aparece por quatro vezes: Pro. 18:8: 26:20,22; 16:18.

4. *Lashan,* «usar a língua». Palavra hebraica que figura por duas vezes: Sal. 101:5 e Pro. 30:10.

5. *Katalaléo,* «difamar», «caluniar». Vocábulo grego que aparece por cinco vezes: Tia. 4:11; I Ped. 2:12 e 3:16.

6. *Pseudomarturéo,* «dar falso testemunho». Palavra grega que figura por cinco vezes: Mat. 19:18. Mar. 10:19; 14:56,57; Luc. 18:20.

Caluniar é acusar falsamente, mormente em alguma situação judicial. Também é falar contrariamente a alguém a quem Deus defende.

O caráter básico desse pecado pode ser visto no fato de que foi incluído no decálogo (Êxo. 20:16), como também no fato de que aparece no contexto imediato do qual Jesus Cristo citou o segundo e grande mandamento (Lev. 19:15-18. cf. Mat. 19:19. 22:39. Tia. 2:8). Ali, o amor ao próximo é caracterizado pelo fato de que não o caluniamos, mas antes, mostramo-lhe justiça, sem qualquer parcialidade.

Que a calúnia é contra a retidão e a sabedoria de Deus é algo repetidamente frisado no livro de Provérbios (ver Pro. 9:13; 10:18; 18:8; 26:20-22). Quando a calúnia atinge os mensageiros de Deus, atinge ao próprio Deus, sendo punido de conformidade com isso (Núm. 14:36, onde os espias falam contra os pontos positivos da Terra Prometida. Rom. 3:8 onde uma falsa doutrina é imputada ao apóstolo Paulo). A calúnia consiste em fazer os padrões humanos sobreporem-se aos padrões divinos e ao julgamento divino, dando a entender até mesmo a blasfêmia (Tia. 4:11). Pertence àquela categoria de pecados aos quais Deus entrega os homens (Rom. 1:30, quando eles caluniam do bem e aprovam o mal; cf. 1I Tim. 3:3 quanto ao seu caráter escatológico).

O grande caluniador é o próprio Satanás (pois *diábolos* = acusador). Ele tentou alienar Deus de Jó, mediante falsas acusações. O livro de Apocalipse descreve Satanás como aquele que continuamente acusa aos irmãos, dia e noite (Apo. 12:10). O falso testemunho deliberado contra Cristo, por ocasião de seu julgamento, precisa ser visto dentro desse contexto (Mat. 26:59; cf. a ordem dada por Cristo para que os seus discípulos dêem um testemunho veraz a respeito dele). E por causa de Cristo que os seus seguidores são falsamente acusados (Mat. 5:11). Porém, uma vez que Deus proferiu o seu veredito acerca dos seus eleitos, justificando-os de tudo, quem ousaria acusá-los diante dc Senhor? (Rom. 8:33).

A calúnia é uma atitude contrária ao caráter verdadeiramente cristão, refletindo total ausência de amor ao próximo (I Ped. 2:1). Em vez de caluniarmos, como crentes que somos, devemos perdoar os nossos ofensores, relembrados de como Cristo nos perdoou de tudo (Efé. 4:31,32). Também devemo-nos revestir daquela nova natureza que não se caracteriza pelo espirito mentiroso, mas que se renova no conhecimento e no homem interior, de acordo com a imagem de Deus, conforme ela se acha em Cristo (Col. 3:8-10).

Ver também sobre: *Verdade; os Dez Mandamentos; Justificação;* e *Satanás.*

CALVÍCIE

Ver também o artigo sobre os **cabelos.** Diversas palavras hebraicas são empregadas para indicar o alto da cabeça ou a calvície nas têmporas. A calvície pode ser natural ou artificial, esta última conseguida mediante o corte ou a raspagem à navalha. A calvície artificial era feita para indicar tristeza ou luto; e no caso de uma mulher, era aplicada como castigo por causa de algum lapso moral de grave natureza (ver Jer. 16:6; Amós 8:10; Miq. 1:16 e I Cor. 11:6). A proibição que se acha em Deu. 14:1: «...nem sobre a testa fareis calva por causa de algum morto» — provavelmente tinha por intuito impedir que Israel seguisse os costumes de povos pagãos, entre os quais havia esse. A calvície natural, por sua vez, não era considerada indicação de lepra ou de qualquer condição doentia, que tornasse

uma pessoa cerimonialmente imunda (ver Lev. 13 :40 *ss.*). Apesar disso, a calvície era desprezada por muitos em Israel, talvez como um defeito ou como uma feiúra. Por esse motivo, os calvos algumas vezes eram alvos de zombarias (ver II Reis 2:23 e Isa. 3:24). Há alguma associação de palavras que indicam que a calvície era associada, em certos casos, à lepra, ou então a úlceras de alguma espécie. O preconceito popular contra a calvície provavelmente estava alicerçado sobre essa circunstancia; e talvez fosse essa a principal razão pela qual um calvo era considerado impedido de funcionar como sacerdote (ver Lev. 21:20; e também Mishnah tit Bechoroth vii.2). Seja como for, a calvície era considerada um defeito físico. (ID S)

CAMA, LEITO

No hebraico temos de considerar cinco palavras, e no grego, quatro:

1. *Yatsua,* «algo estendido». Palavra hebraica que figura por cinco vezes (Gên. 49:4; I Crô. 5:1. Jó. 17:13; Sal. 63:6; 132:3).

2. *Mittah,* «lugar de reclinar». Palavra hebraica que aparece por vinte e nove vezes (por exemplo: Gên. 47:31; Êxo. 8:3; I Sam. 19:13,15; II Reis 1:4,6,16; Est. 7:8; Pro. 26:14; Cant. 3:7. Amós 6:4).

3. *Matstsa,* «algo estendido» Palavra que é usada exclusivamente em Isa. 28:20.

4. *Mishlcab,* «lugar para deitar». Palavra hebraica usada por quarenta e sete vezes. Por exemplo: Gên. 49:4; Lev. 15:4,5,21-26; II Sam. 4:5; Sal. 4:4. Isa. 57:2; Eze. 23:17; Dan. 2:28; 4:5-13. Miq. 2:1.

5. *Eres,* «divã». Palavra hebraica usada por dez vezes. Por exemplo, Jó 7:13; Sal. 41:3; Pro. 716;

6. *Kline,* «lugar de reclinar». Palavra grega usada por nove vezes (Mat. 9:2,6; Mar. 4:21; 7:4,30; Luc. 5:18; 8:16; 17:34; Apo. 2:2).

7. *Klinidion,* «cama pequena». Palavra grega usada somente em Luc. 5:19 e 24.

8. *Koite,* «cama». Palavra grega usada por quatro vezes (Luc. 11:7; Rom. 9:10. 13:13 e Heb. 13:4)

9. Krábbatos, «colchão». Palavra grega usada por onze vezes (Mar. 2:4,9,11,12; 6:55; João 5:8-11; Atos 5:15, 9:33).

Além disso, temos de considerar o verbo grego *stronnúo,* «arrumar», que, em algumas das seis vezes em que aparece, é traduzido em português por «arrumar o leito», como em Atos 9:34.

Ver o artigo geral sobre *casa.* A maneira de se dormir, nos países quentes do Oriente Próximo e Médio variava, e geralmente era diferente da maneira habitual dos países mais frios.

O Leito. Eram desconhecidos os colchões de penas e outros materiais fofos, como se vê atualmente. Os pobres e os viajantes usavam colchões bem leves, ou então enrolavam-se em suas próprias vestes externas. Por causa da importância dessa peça externa de roupa, ela não podia ser usada como garantia ou penhor (ver Êxo. 22:27). Às vezes, um travesseiro era apenas uma pedra coberta com algum pano dobrado (Gên. 28:11). As pessoas mais abastadas tinham colchões de lã ou algodão, como também tinham cobertas feitas do mesmo material. Os cobertores eram feitos de vários materiais, como peles de animais, ou mesmo com as vestes externas. No caso de peles de animais, para que ficassem mais grossas, elas eram estufadas com palha ou lã (I Sam. 19:13).

Divãs. E evidente que o formato das camas variava, mas também eram usados divãs, que serviam de leito, à noite, e de sofá, durante o dia. As diferentes palavras hebraicas usadas para indicar o leito talvez apontassem para estilos diferentes. O divã era uma plataforma pouco elevada acima do chão, sobre a qual se punham os colchões. Um divã dos grandes abrigava mais de uma pessoa. Havia divãs portáveis (I Sam. 19:15; em nossa versão portuguesa, «cama»), que alguns usavam, e que também serviam de sofá durante o dia (I Sam. 27:23; Amós 6:4). Os ricos decoravam seus leitos e seus dormitórios com tapetes e outros ornamentos.

Camas. Já havia camas nos dias do Antigo Testamento, conforme as conhecemos na atualidade. Elas eram feitas com uma armação de madeira, com um trançado miúdo de cordas ou de tecido, para dar apoio a um colchão ou outro tipo de base, sobre a qual a pessoa dormia. Talvez isso seja mencionado em I Sam. 19:15 e Eze. 23:41. Também havia uma armação leve, de madeira, com pés e um trançado de cordas, que podia ser transportada como uma cama portátil. Talvez seja isso que esteja em foco no quinto capitulo de João, transportado pelo aleijado curado por Jesus, e que no grego é um krábbaton (João 5:8,9). Naturalmente, os ricos tinham suas camas suntuosas, decoradas de jóias, ouro, prata e ricas colchas.

Lugares de dormir. Os pobres tinham cabanas com um único aposento, pelo que não podiam ser feitos arranjos especiais para servirem de dormitório. A família inteira dormia em um único aposento, arranjando-se cada qual como podia. Provavelmente isso é refletido em Luc. 11:7, na parábola do amigo importuno. No outro extremo, há menção a ricos e seus dormitórios suntuosamente decorados, às vezes apenas com um casal ocupante (II Reis 11:2; II Sam. 4:7; Ecl. 10:20). Algumas vezes, havia dormitórios em um primeiro andar (II Reis 1:4. Sal. 132:3). E os costumes antigos também incluíam a separação de homens e mulheres nos leitos e dormitórios. Algumas pessoas contavam apenas com um quartinho elevado, onde dormiam (II Reis 4:10). Salas eram usadas como se fossem dormitórios. Um dormitório era uma sala onde havia uma espécie de plataforma elevada, que às vezes ocupava metade da área da mesma, sobre a qual eram arrumados os colchões.

As armações que serviam de leito eram, às vezes, de ferro (material caríssimo, na antigüidade), ou então de ouro ou prata, com incrustações de marfim. No livro de Judite, lê-se que o leito de Holofernes tinha um dossel de púrpura trançada, com fios de ouro entretecidos e pedras preciosas incrustadas (Judite 10:21). A cama de ferro do rei Ogue era enorme (Deu. 3.11), com aproximadamente 4,5 m de comprimento por 2 m de largura. Ostentação pura, ou devido ao fato que Ogue era um dos refains, ou gigantes?

Usos. Além de servirem de lugar para dormir, era na cama que muitos israelitas meditavam (Sal. 63:6). As camas também serviam de padiola (I Sam. 19:15), de lugares onde eles buscavam comunhão com Deus (Dan. 2:28), de móveis que serviam de sofá durante o dia. Mas também era lugar onde os malignos planejavam suas astuciosas manobras (Osé. 7:14; Sal. 36:4).

Uso Metafórico. O leito podia representar alianças proibidas (Isa. 57:7,8). Ser lançado na mesma cama significa ter a mesma sorte que alguém (Eze. 32:25). O julgamento contra a iniqüidade e a imoralidade é retratado em Apocalipse 2:22 como ser lançado à força em uma cama. Em Jó 17:13,14 lemos acerca do ato de lançar a cama nas trevas (no hebraico, «sheol»), como sinal de julgamento sofrido. A cama «curta» de Isaías 28:20 alude a uma situação intolerável. Deus consola os enfermos em seus leitos, lugares onde eles sofrem (Sal. 41:3). (IB ID G S)

CAMALEÃO

No hebraico, **koach**, que figura apenas em Lev. 11:30. Não há certeza acerca do que significa essa palavra hebraica. Alguns eruditos supõem que se trata de uma espécie de lagarto, visto que se encontra na lista dos tais, no livro de Levítico: Essa palavra hebraica tem raízes no termo «força», o que poderia apontar para a maneira como o camaleão agarra-se com força às coisas. Diz-se que é quase impossível arrancar um camaleão de um ramo ao qual ele se tenha agarrado, apenas com as mãos nuas. A despeito disso, há versões estrangeiras, como a RSV, em inglês, que diz «crocodilo terrestre». Pelo menos sabe-se que existem várias espécies de camaleão na Palestina, e ao longo da costa norte do mar Mediterrâneo. O camaleão é um animal de aparência grotesca, de aspecto feroz, dotado de olhos que enfocam em direções independentes, com pálpebras coloridas coladas sobre os mesmos, que se movem juntamente com os globos oculares. É dotado de uma língua enrolada dentro da boca, e que, ao ser lançada como um dardo, estende-se até cerca do mesmo

comprimento do corpo. A cor desse animal varia de conformidade com o meio ambiente, para adaptar-se às cores do pano de fundo, facilitando assim o mimetismo do animal, quando este está à procura de insetos para alimentar-se. A Vulgata Latina identifica o animal em questão com uma espécie de toupeira. Como se nota, não há maneira segura de se saber qual espécie de animal está em vista. (WOD)

CÂMARA

No hebraico há doze palavras envolvidas, e, no grego, quatro.

1. *Cheder,* «câmara interior». Palavra hebraica que ocorre por vinte e duas vezes (por exemplo: Gên. 43:30; Juí. 3:24; 16:12; II Sam. 13:10; Sal. 105:30; Pro. 7:27; Joel 2:16).

2. *Chuppah,* «cobertura». Palavra que aparece por duas vezes: Sal. 19:5 e Joel 2:16.

3. *Yatsia ou yatsua,* «câmara». Palavra usada por três vezes: I Reis 6:5, 6:10.

4. *Lishkah,* «abrigo». Palavra empregada por quarenta e sete vezes (por exemplo: II Reis 23:11; I Crô. 9:26,33; Esd. 8:29; 10:6; Nee. 10:37-39; 13:4,5,8,9; Jer. 35:2,4; Eze. 40:17,38,44-46; 46:19).

5. *Nishkah* «abrigo». Palavra usada por três vezes: Nee. 3:30; 12:4 e 13:7.

6. *Aliyyah,* «cenáculo». Palavra que ocorre por dezessete vezes (por exemplo: II Sam. 18:33; II Reis 4:10,11; Sal. 104:3,13; Jer. 22:13,14).

7. *Illith,* «cenáculo». Palavra que aparece por apenas uma vez, sendo aramaica, em Dan. 6:10.

8. *Tsela,* «câmara lateral». Palavra que figura por onze vezes com esse sentido (por exemplo: I Reis 6:5,8. Eze. 41:5-9,11,26).

9. *Ta,* «lugar separado». Palavra que aparece por doze vezes (por exemplo: Eze. 40:7,10,12,13,16,21, 29,33,36).

10. *Ulam.* Em I Reis 7:6-8, essa palavra é traduzida como Salão das Colunas. Essa palavra hebraica aparece por trinta e quatro vezes. Ver também, para exemplificar, I Crô. 28:11; II Crô. 3:4; 8:12; Eze. 8:16; 40:7 — 9,15,39,40,48,49; 46:8; Joel 2:17. Salomão erigiu essa estrutura, embora não se saiba dizer por que razão. Sabemos, porém, que seu Salão de Julgamento era o lugar onde ele julgava casos, como supremo juiz da nação hebréia. Não se sabe se essa estrutura estava relacionada ou não ao templo de Jerusalém. É evidente que nem todas as ocorrências dessa palavra hebraica dizem respeito ao Salão das Colunas, de Salomão.

11. *Chatser,* «lugar fechado». Nossa versão portuguesa diz «pátio interior da casa do rei», em Ester 5:1. Sem dúvida era um lugar fechado do palácio real de Susã, a capital de inverno dos reis persas. Esse edifício era um palácio luxuoso, com material de construção importado de muitos lugares, do mais alto valor, como metais preciosos, pedras finas, marfim e ébano. Muitos artífices haviam sido empregados nessa construção. O salão de audiências do rei, onde Ester veio falar com ele, era um imenso salão com cerca de 60 m(2), com trinta e seis colunas, cada qual com quase 20 m de altura, sustentando o teto. Essa palavra hebraica é usada por 140 vezes com esse sentido. Ver, por exemplo, Êxo. 27:9,12,13,16-19; 35:17,18; 40.8,33; Núm. 3:26,37, I Reis 6:36.

12. *Baith mishteh* . Em nossa versão, essa expressão é traduzida por «casa do banquete». Figura apenas em Daniel 5:10. Foi o lugar onde o rei Belsazar viu o escrito na parede, pela mão misteriosa. Heródoto alude aos luxos da Babilônia. Havia ali três palácios reais, o mais amplo dos quais continha a sala do trono. Ver o artigo separado sobre a *Babilônia,* quanto a maiores detalhes.

13. *Aulé,* palavra grega que significa «pátio». Ocorre por doze vezes: Mat. 26:3,58; 69; Mar. 14:54,66; 15:16; Luc. 11:21; 22:55; João 10:1,16; 18:15; Apo. 11:2. Algumas traduções dizem «pretório», em vários desses lugares. Ver o artigo sobre o *Pretório,* onde há detalhes completos sobre a questão.

14. Também podemos mencionar o *akroatérion,* palavra que aparece exclusivamente em Atos 25:23. No grego significa «lugar de audiência». Nossa versão portuguesa a traduz por «audiência». Está em foco o salão de audiências do procurador romano, onde Paulo compareceu à presença de Festo, e seus convidados.

15. *Tamêion,* «lugar separado», «despensa». Palavra grega que aparece por quatro vezes: Mat. 6:6; 24:26; Luc. 12,3,24.

16. *Uperõon,* «cenáculo». Palavra grega que é usada também por quatro vezes: Atos 1:13; 9:37,39; 20:8.

I. Sentidos Literais. a. Uma «despensa», como no templo (II Crô. 31:11 e Nee. 10:39). b. Lugares onde os sacrifícios eram comidos (Eze. 42:13). Tais câmaras provavelmente também serviam de residência para aqueles que se ocupavam dos deveres do templo. c. Uma *câmara interior,* em uma casa (Gên. 43:40). d. Uma recâmara de noiva (Can. 1:4). e. Um cenáculo construído com o propósito de ter um lugar de abrigo do calor do verão, à tarde ou à noite (II Sam. 18:33). f. Alcovas para uso dos guardas, no templo de Ezequiel (Eze. 40:7). g. Câmaras laterais do templo (I Reis 6:5; Eze. 41:5), para diversos usos. h. Quartos no andar superior de uma casa (II Reis 4:10), ou uma recamara usada figuradamente, para indicar a habitação de Deus (Sal. 104:3,13). i. Uma despensa, onde alguém poderia imaginar que o anticristo se esconderia (Mat. 24:26). j. Um cenáculo, ou dependência feita no andar superior de uma casa, suficientemente grande para conter uma congregação (Atos 20:8).

II. Sentidos Figurados. a. A habitação de Deus (Sal. 104:3). b. Entrar no quarto simboliza entregar-se à oração privada (Isa. 26:20). c. As recâmaras do sul são as constelações ou regiões do sul, no espaço, vistas do hemisfério norte da terra (Jó 9:9). d. As câmaras de imagens (Eze. 8:12) apareceram em uma visão do profeta, acerca de práticas idólatras de elementos importantes do povo de Israel. e. Em Romanos 13:13, a palavra traduzida por «impudicícias», em nossa versão portuguesa, vem, do grego, de uma raiz que significa «cama», *koité,* dando a entender o uso de uma alcova para práticas imorais. (ID IB Z)

CÂMARAS PINTADAS DE IMAGENS

Essa expressão aparece em Eze. 8:12, referindo se às representações pictográficas que o profeta Ezequiel viu em visão, no tocante às práticas idólatras dos israelitas. Ver todo o oitavo capítulo de Ezequiel. Foi-lhe assim mostrado por que Israel merecia o juízo divino, a saber, por causa de seu profundo envolvimento com a idolatria. Ezequiel viu espetáculos como a gigantesca estátua de Baal, com muitas pessoas em redor, munidas de muitos objetos idólatras. Também viu adoradores do sol, de costas voltadas para o templo e de rosto elevado na direção do nascer do sol. Isso simbolizava o que sucede nas práticas idólatras. Deus é abandonado pelos homens, e algo de sua criação vem tomar o lugar que a ele cabe, nos corações dos homens. Ver o artigo sobre a *Idolatria* .

CAMAREIRO

No hebraico temos uma palavra, e no grego, duas, a saber:

1. *Saris,* «camareiro» ou «eunuco». Palavra hebraica usada por quarenta e duas vezes (por exemplo: II Reis 23:11; Est. 1:10,12,15; 2:3,14,15,21; 7:9).

2. *Oikonómos, «mordomo»,* palavra grega que aparece por dez vezes: — ver Lucas 12:42; 16:1,38; Ro. 16:23; I Cor. 4:1,2; Gál.4:2; Tito 1:7; I Ped. 4:10.

3. *Epì toũ koitõnos,* «encarregado da cama». Expressão grega que aparece somente em Atos 12:20, e que nossa tradução portuguesa verte por «camarista».

O termo hebraico por detrás dessa palavra é *saris,* «eunuco", pelo que, algumas vezes, é traduzido como tal. O termo grego é *o oikonómos,* «mordomo». É com base nesses dois vocábulos que encontramos os usos bíblicos. Pode indicar um eunuco empregado nos haréns dos déspotas do Oriente Próximo e Médio.

Com freqüência, os camareiros vinham a ocupar posições importantes, como conselheiros de reis ou oficiais (Est. 1:10; Gên. 39:1). Salomão parece ter-se utilizado desse tipo de oficial (I Reis 4:6; 16:9;

18:3). O dever do camareiro ou eunuco consistia em muito mais do que cuidar do harém do rei. Parece ter sido uma espécie de supervisor geral do palácio e da etiqueta real. Em alguns casos, era usado como se fosse um secretário, para selecionar aqueles a quem o rei deveria conceder entrevista, com qualquer propósito.

Nos tempos do Novo Testamento, *o oikonómos* podia ser alguém que nada tinha a ver com as funções que anteriormente cabiam aos eunucos do palácio. É provável que nem todos os *sarisim* fossem castrados ou eunucos. Em Romanos 16:23, há menção a Erasto, o qual, em algumas traduções (como a nossa versão portuguesa) aparece como camareiro, mas que, na realidade, era o tesoureiro da cidade de Corinto, sendo esta a tradução preferida para o termo grego, nesse caso. No entanto, a palavra grega envolvida é mais geral, podendo indicar um gerente de qualquer classe. O ofício de Erasto aparentemente consistia no que os latinos chamavam de *arcarius,* ou seja, magistrados inferiores, encarregados do erário público, sujeitos à supervisão do senado. *Blasto* (que vide), camarista de Herodes (Atos 12:20; no grego *koitón),* era uma espécie de valido ou confidente do rei. Ele exercia considerável influência sobre Herodes, conforme esse trecho nos permite entrever. (I ID UN Z)

CAMAREIRO-MOR

Palavra encontrada em Ier. 51:59. Essa tradução é uma emenda feita pela RSV, seguida por nossa versão portuguesa. Mas uma expressão similar é aplicada a Davi, em I Crô. 28:2, no texto hebraico (embora não figure na nossa versão portuguesa), cujo sentido mais aproximado é «príncipe tranqüilo». Trata-se de um título nobiliárquico, embora tenha sido usado em várias relações semânticas com significados diferentes

CÂMBIO, CAMBISTAS

No grego temos três palavras que precisam ser consideradas quanto a essa questão:

1. *Kermatistés,* derivada de *kerma,* um pedaço de cobre. Essa palavra ocorre exclusivamente em João 2:14. 2. *Kollubistés,* «cambista», que é usada em Mat. 21:12; Mar. 11:15 e João 2:15. 3. *Trapezeítes,* «mesários» (que nossa versão portuguesa traduz por «banqueiros»), que ocorre somente em Mat. 25:27.

A profissão dos cambistas era bastante comum nos dias do Novo Testamento. Nos centros mercantis, bem como no templo de Jerusalém, sempre havia a necessidade de cambiar a moeda corrente em um país por outra. Para Jerusalém convergia dinheiro de muitas procedências. Judeus da dispersão visitavam a cidade, trazendo moeda estrangeira. A taxa do templo, porém, precisava ser paga com dinheiro judaico, e isso criava um intenso comércio cambista. Além disso, havia o problema de trocar dinheiro mais graúdo por dinheiro mais miúdo. Os cambistas lucravam cobrando uma taxa por seu serviço, e, naturalmente, também havia muita desonestidade nesse processo. Contra essa desonestidade foi que Jesus lançou o seu protesto. Outrossim, ele não concordava com o fato do recinto do templo tornar-se o local para tal comércio. — em detrimento dos reais propósitos daquele logradouro. Jesus virou as mesas dos «ladrões». Ver Mat. 21:12,13; Mar. 11:15-17; João 2:13-16.

Todo israelita, sem importar se rico ou pobre, tinha a obrigação de pagar uma taxa ao tesouro sagrado (Êxo. 30:13-15). Essa taxa precisava ser paga com uma moeda judaica específica. Os registros antigos mostram que os cambistas conseguiam altas faturas com suas desonestas manipulações, ao ponto de serem contados entre os ricos. Naturalmente, na área do templo efetuavam-se outros negócios, além do câmbio de moedas. E parece que a mesma casta dos cambistas também se envolvia nesses outros negócios. E havia mais comércio, mais ludíbrio, mais desonestidade.

O termo grego *trapezeítes,* usado somente em Mat. 25:27, é uma palavra geral para indicar cambista ou banqueiro. Esse termo incluía o negócio do empréstimo a juros. Onde quer que o dinheiro seja o artigo principal, a avareza domina o ambiente. Ver o artigo separado sobre *o Dinheiro,* que é uma das raízes de todos os males. Mas outros pensam que a *falta de dinheiro* é a raiz de todos os males! (I HA UN)

CAMBISES

Esse foi o nome de dois monarcas da dinastia acamenida, da Pérsia, a saber:

1. *Cambises I.* Foi o rei de Susã, a pátria ancestral dos reis acamenidas, desde cerca de 602 até 559 A.C. Era vassalo da Média; e casou-se com a filha de Astíages, rei dos medos. Seu filho foi Ciro, o Grande.

2. *Cambises II,* rei da Pérsia (529-522), filho de Ciro, o Grande. Durante o reinado de Ciro, governou a Babilônia (538-530 A.C.). Após haver sucedido a seu pai, em 525, Cambises invadiu o Egito, conforme Ciro havia planejado. Derrotou o Faraó Psamético III, em Pelúsio, e capturou as cidades de Menfis e Heliópolis, em vista do que entrou em colapso toda a resistência dos egípcios. A principio, Cambises tratou Psamético com leniência; mas, após uma revolta dos egípcios, mandou executá-lo. Cambises teve outras notáveis aventuras militares, mas diversas de suas expedições militares foram malsucedidas. Assim, conquistou uma parte da Etiópia, — mas teve de retroceder, em vista da falta de suprimentos. Enviou uma força armada para conquistar o oásis de Amom, mas essa força militar pereceu em uma tempestade de areia. Tentou conquistar a cidade de Cartago, mas os marinheiros fenícios não quiseram combater seus parentes cartagineses.

Cambises e a Bíblia. Cambises II foi o conquistador da Babilônia, em outubro de 539 A.C., sendo mencionado tanto pela Crônica de Nabonido como pelo Cilindro de Ciro como filho de Ciro. Já foi confundido com o Assuero de Esdras 4:6; mas, atualmente, sabe-se que Assuero deve ser identificado com Xerxes. Cambises II não aparece no Antigo Testamento, exceto implicitamente, em Daniel 11:2, onde deve ser o primeiro dos três monarcas que se seguiram a Ciro. Quando Ciro faleceu, em campanha militar, Cambises tornou-se o único governante do imenso império persa. Conseguiu a posição de único governante mandando assassinar o seu irmão, Esmérdis (Bardia), e então deu inicio às aventuras militares acima mencionadas. Seu maior sucesso foi no Egito, onde tomou para si o nome real e o titulo dos reis egípcios, e passou a usar o costume real do Egito. A caminho de volta à Babilônia, em 522 A.C., recebeu a noticia de que um certo Gaumata (que afirmava ser o seu irmão assassinado) havia usurpado o trono, contando com forte apoio. Morreu perto do monte Carmelo, na Palestina, talvez por suicídio. Cambises II não tinha herdeiros, e Dario Histapes, um oficial do exército persa, sucedeu-o, matando o pseudo Esmérdis, no espaço de poucos meses, tendo então conseguido consolidar o império sob as suas ordens.

O reinado de Cambises coincidiu com o período da oposição de certos gentios à construção do segundo templo de Jerusalém (ver Esd. 4:5 e Ageu 1:4). Ver sobre *Ciro; Dario o Medo* e *Dario.* (AM DUB OLM)

CAMBOTAS, CAMBAS

No hebraico, **gab.** Com esse sentido, a palavra é usada somente por três vezes, duas em Eze. 1:18, dentro da visão de Ezequiel sobre as rodas cheias de olhos (onde nossa versão portuguesa diz «cambotas») e uma em I Reis 7:33, onde se fala sobre o mar de fundição, preparado a mando de Salomão, e onde a nossa versão portuguesa diz «cambas».

CAMELO

No hebraico, **gamal,** palavra que aparece por cinqüenta e quatro vezes, desde Gên. 12:16 até Zac. 14:15. Também há menção ao dromedário, no hebraico, *achashteranim,* palavra que ocorre somente em Ester 8:10,14. No grego, *kámelos,* vocábulo que aparece por seis vezes: Mat. 3:4; 19:24; 23:24; Mar. 1:6; 10:25 e Luc. 18:25.

1. *Fatos Gerais.* Aquele que disse que «o camelo é um cavalo criado por uma comissão», tinha razão ao dar a entender que as comissões com freqüência não executam um trabalho que um único indivíduo pode fazer melhor e com maior prontidão. Porém, estava equivocado quando, aparentemente, desvalorizou o camelo. O camelo é um dos mais úteis de todos os animais domesticados pelo homem, embora não seja um animal de bonito porte. Com exceção do elefante, é o maior dos animais usados pelo homem. Com freqüência atinge a altura de 2,40 m, ou mesmo mais, e é dotado de grande força e resistência. Tem um casco espalhado, que o capacita a caminhar por cima de lugares arenosos, sem afundar na areia. Seu estômago é dotado da maravilhosa capacidade de armazenar água, pelo que é capaz de viajar durante dias, sem-beber uma gota de água. Além disso, sua dieta é a mais simples possível, podendo subsistir com a erva mais amarga e daninha. Pode até mesmo triturar espinhos com seus dentes, e digeri-los. É tão alto que precisa ajoelhar-se para receber sua carga. Uma vez carregado, embora transportando um peso de até cerca de 250 kg, pode levantar-se sobre as patas e viajar durante os dias mais quentes, através dos piores desertos imagináveis. A corcova que ele tem nas costas é um armazém de gordura, uma reserva para longos períodos de jejum. O povo de Israel foi proibido de comer a carne do camelo, mas os árabes não têm tais escrúpulos. Seu couro é usado para fabricar sandálias, e seu pêlo é empregado para tecer um pano grosseiro. O leite da camela, bem como os produtos derivados do mesmo, são alimentos primários da dieta dos beduínos do deserto.

2. *Disposição do Camelo.* O camelo é um animal muito fleumático. Troteia à velocidade de até dez quilômetros horários. Anda à velocidade de cinco quilômetros e meio. — Pode galopar até dezesseis quilômetros por hora, mas não por muito tempo. O camelo é famoso por sua estupidez e obstinação. Os machos são briguentos e mordem-se selvagemente quando brigam. A gravidez das fêmeas dura quase um ano, e só nasce um camelinho de cada vez. O intervalo natural entre os nascimentos é de dois anos. Os camelos só atingem seu pleno desenvolvimento com cerca de dezesseis anos de idade, e seu período médio de duração de vida é de vinte e cinco anos.

3. *Referências Bíblicas.* A primeira menção ao camelo dá-se na época dos patriarcas, conforme se vê em Gên. 12:16; 24:10,11,14,19, etc. Em Levítico 11:4 sua carne é proibida para consumo do povo de Israel. Ver também Êxo. 9:3; Juí. 6:5; I Sam. 27:9; Esd. 2:67; Jó 1:3; Isa. 21:7; Jer. 49:29; Eze. 25:5; Mat. 3:4; Luc. 18:25.

4. *Domesticação e Utilização.* As evidências arqueológicas asseguram-nos que a domesticação do Camelo já era generalizada tão cedo quanto 1200-1000 A.C. Porém, nos dias de Abraão, isto é 2000 A.C., isso já teria acontecido, visto que há referências bíblicas com esse sentido. Alguns arqueólogos têm duvidado dessa informação. Mas o camelo tem sido domesticado desde os tempos mais remotos. A espécie floresceu até mesmo na América do Norte há cerca de dois milhões de anos atrás, e mais tarde tornou-se extinta. Há evidências de que já havia a espécie na América do Sul, na Ásia e na África há cerca de dez milhões de anos atrás. Há evidências de completa domesticação do camelo em cerca de 1800 A.C., e restos de ossadas de camelos têm sido encontrados em antigos cemitérios urbanos, em Israel, desde cerca desse tempo. A domesticação em larga escala, após o século XII A.C., expandiu enormemente o comércio através do deserto, pois para viagens por lugares áridos e quentes, não há animal que se compare em utilidade ao camelo. Continua sendo importante, com esse propósito, nos países de extensas áreas desérticas. O dromedário pode transportar até cerca de 280 kg, a uma distância de cerca de cinqüenta quilômetros por dia. O mais corpulento camelo bactriano pode levar até 450 kg de carga.

5. *Usos Figurados na Bíblia.* a. Os judeus são comparados a uma *veloz dromedária* no tempo do cio. A passagem de Isaías 40:6-8, que se refere a multidões de camelos chegando de todos os lugares, e o trecho de Isaías 46:20, que fala sobre os judeus serem trazidos em camelos, mulas, cavalos, etc., como uma oferenda ao Senhor, vindos de todas as nações, alude à futura restauração e glória de Israel. b. O trecho de Mateus 19:24 diz: «...é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus». Essa metáfora mostra-nos como as riquezas embotam a sensibilidade de um homem para com as coisas espirituais, dificultando-lhe entrar no reino de Deus. O provérbio original provavelmente dizia «elefante», em lugar de «camelo»; mas, na Palestina, o maior animal conhecido era o camelo. Uma variante textual diz «corda», em lugar de «camelo», mas isso não corresponde ao original. A suposta referência a uma portinhola nas muralhas de Jerusalém, através da qual um camelo só podia entrar ajoelhando-se, não é muito provável, pois não há provas de que um dia existiu ali uma porta chamada buraco de agulha. Ver o NTI em Mat. 19:24, quanto a detalhes sobre a questão. (AM ALB UN Z)

CAMINHO

Em adição ao sentido literal do termo, a Bíblia usa essa palavra também em sentido metafórico. Por esse motivo, várias palavras hebraicas e gregas estão envolvidas nesse assunto.

1. Palavras hebraicas:

a. *Orach, «caminho* costumeiro». Termo que figura por sessenta vezes. Para exemplificar: Jó 16:22; 19:8; Sal. 44:18; 142:3; Pro. 1:19; 2:15; 4:14; 8:20; Isa. 26:7,8; 41:3.

b. *Orcha, «caminho* costumeiro». Palavra aramaica que aparece somente em Dan. 4:37 e 5:23.

c. *Derek,* «vereda». Palavra usada por quase mil e setecentas vezes. Por exemplo: Gên. 3:24; 6:12; Êxo. 4:24; 13:17; Lev. 26:22; Núm. 14:25; 20:17; Deu. 1:2,19,22,31,33,40; 2:1,8; 3:1; Jos. 1:8; 2:7; Juí. 2:17,19,22; 5:10; Rute 1:7; I Sam. 1:18; 6:9,12; II Sam. 2:24; 13:30,34; I Reis 1:49; 2:2-4; II Reis 2:23; 3:8,20; II Crô. 6:16,23,27,30,31,34; Esd. 8:21,22,31; Nee. 9:12,19; Jó 3:23; 4:6; 6:18; Sal. 1:1,6; 2:12; 5:8; 10:5; Pro. 1:15,31; 2:8,12,13,20; 3:6,17,23,31; Ecl. 10:3; Isa. 2:3; 3:12; Jer. 2:17,18,23,33,36; Lam. 1:4; Eze. 3:18,19; 7:3-9,27; 8:5; 9:2,10; Osé. 2:6; Joel 2:7; Amós 2:7; Jó 3:8,10; Miq. 4:2; Naum 1:3; Zac. 1:4,6; Mal. 3:1.

d. *Magalah, «vereda»,* «curso». Palavra usada por sete vezes. Por exemplo: Pro. 5:6; 2:15,18; Sal. 17:5.

e. *Nathib,* «vereda». Palavra usada por cinco vezes: Jó 18:10; Sal. 78:50; Jó 28:7; 41:32; Sal. 119:35.

f. *Mesillah,* «estrada». Palavra usada por vinte e sete vezes. Por exemplo: Isa. 59:7; Joel 2:8; Núm. 20:19; Isa. 7:3; 11:16; Jer. 31:21.

g. *Magal,* «estrada larga (para vagões)». Palavra usada por oito vezes. Por exemplo: Sal. 23:3; Pro. 2:9; Isa. 26:7.

h. *Mishol,* «vereda estreita». Palavra usada por uma vez somente, isto é, em Núm. 22:24.

i. *Nethibah,* «trilha». Palavra usada por dezenove vezes. Para exemplificar: Jó 19:8; Sal. 119:105. Pro. 1:15; 3:17; Isa. 42:16; 43:16; Jer. 6:16; Lam. 3:9; Osé. 2:6.

j. Shebil, «vereda», «avanço». Palavra usada somente por duas vezes: Sal. 77:19; Jer. 18:15.

Os usos metafóricos mais comuns, no Antigo Testamento. são os seguintes:

a. Processos naturais: como o caminho do relâmpago e do trovão (Jó 28:26; 38:25), os movimentos da luz (Jó 38:19,24), a vida de uma formiga (Pro. 6:6), o comportamento das águias, das serpentes, os movimentos de uma embarcação, o namoro de um homem, etc. (Pro. 30:19).

b. A conduta moral de um homem, embora a idéia também possa ser expressa de outras maneiras, como é evidente: quanto à bondade(I Sam. 12:23; Sal. 1:6. 119:1; Pro. 2:20; 8:20); quanto à maldade (Juí. 2:19; Sal. 119:101,104; Pro. 4:14; Isa. 55:7; Eze. 3:18.19); algumas vezes, sem especificação quanto ao caráter moral de uma pessoa (Gên. 6:12; II Crô. 6: 16,30; Jó. 13:5; Sal. 39:1; Pro. 12:15; 16:29). quanto às tradições boas ou más (I Sam. 8:3,5; I Reis 15:26,34; 22:52); quanto aos galardões da vida ou da morte, por causa da bondade ou da maldade praticadas (Pro. 10:17; 14:12; 15:24; 16:25; Jer. 21:8).

c. Várias facetas da vida humana, como o curso da vida de um homem (Deu. 28:29; Jó 3:23; Sal. 2:12; 37:5; Pro. 3:6; Jer. 10:23);

seus planos para a sua vida (Pro 16:9; Osé. 10:13); seus sofrimentos e provações (Sal. 142:3; Jó 23:10); o destino humano na morte (Jos. 23:14; I Reis 2:2).

d. Em muitos casos também estão em foco os caminhos ou métodos de ação seguidos por Deus, como a sua vontade e os seus mandamentos (Deu. 5.33; 8:6; 10:12; 26:17; Sal. 44:18; 119:15; Isa. 2:3); os seus juízos (Isa. 26:8); os seus propósitos (Jó 36:23, Sal. 77:13; 103:7; Isa. 55:9); o seu governo providencial (Deu. 8:2; II Sam. 22:31.33; Jó 19:8; 26:14; Sal. 18:30; Eze. 18:25).

2. Palavras gregas:

a. *Odós, «caminho»*. Palavra usada por cem vezes, desde Mat. 2:12 até Apo. 16:12.

b. *Párodos, «passagem»*. Palavra usada somente em I Cor. 16:7.

c. *Poreía,* «ida». Palavra usada apenas por duas vezes: Luc. 13:22 e Tia. 1:11.

d. *Trópos,* «maneira». Palavra empregada por treze vezes: Mat. 23:37; Luc. 13:34; Atos 1:11; 7:28; 15:11; 27:25; Rom. 3:2; Fil. 1:18; II Tes. 2:3; 3:16; II Tim. 3:8. Heb. 13:5,7.

e. *Ékbasis,* «saída». Palavra usada somente por duas vezes: I Cor. 10:13 e Heb. 13:7.

Além do sentido literal de «caminho», o Novo Testamento encerra os seguintes sentidos metafóricos:

a. Acerca da conduta moral (Mat. 7:13,14; 21:32; Atos 14:16; Rom. 3:16,17; Tia. 5:20; II Ped. 2:15,21).

b. Acerca da vontade, dos propósitos e da veracidade de Deus (Mat. 22:16; Mar. 12:14; Atos 13:10; 18:25,26; Rom. 11:33; I Cor. 4:17; Heb. 3:10 e Apo. 15:3).

c. No livro de Atos, a expressão «o Caminho» refere-se à fé cristã e à maneira de viver seguida pelos discípulos do Senhor, tudo o que era desprezado e até caluniado por seus adversários gratuitos (Atos 9:2; 19:9; 22:4,14; 24:22).

d. Jesus Cristo, o último e perfeito revelador, é «o Caminho» por excelência, em face do exemplo soberbo dado por sua própria pessoa e pela sua morte sacrificial. Ele é o caminho vivo e pessoal até Deus. Também estão em pauta a sua santidade e a sua salvação, pelo que ele é o mestre, o caminho da verdade (Mat. 22:16; Mar. 12:14; Luc. 1:79). Em si mesmo, Jesus é o único «caminho» para Deus (João 14:4-6). E Cristo também é Aquele que abre o caminho para o Santo dos Santos celeste, onde manifesta-se a glória plena de Deus, mediante o seu sacrifício na cruz (Heb. 9:8; 10:19,20).

Do Caminho. Aparentemente tornou-se costumeiro designar desse modo o cristianismo; em que é apresentado o «caminho da vida», sem dúvida uma designação antiquíssima, antes de tornar-se comum o termo *cristão*. (Ver também *vida* como termo para indicar o cristianismo, em Atos 5:20). A expressão «caminho», como maneira de expressar o cristianismo e o tipo de vida (talvez incluindo também a doutrina cristã, embora isso não faça parte proeminente da idéia) é usada por nada menos de seis vezes no livro de Atos, e, mui curiosamente, sempre em alguma passagem relacionada a incidentes da vida de Paulo. (Ver Atos 9:2; 19:9,23; 22:4; 24:14,22). É bem possível que essa designação se tenha originado no modo judaico de expressar as coisas, conforme achamos em Isa. 40:3: *«...o caminho do Senhor...»;* em Sal. 1:6: «...o caminho dos justos...», e «...o caminho dos ímpios», etc. Não nos devemos esquecer de que o próprio Senhor Jesus chamou-se de *«...o Caminho...» (João* 14:6). Os índios norte-americanos chamavam o cristianismo de *estrada de Jesus*. Meyer (em Atos 9:2) diz a respeito disso: «Trata-se da *direção característica* da vida, determinada pela fé em Jesus Cristo».

Existem certas interpretações, alicerçadas na *fantasia,* como a de Crisóstomo, que pensam tratar-se do *caminho para os céus;* porém, esse não era o emprego original do termo, por parte de incrédulos, quando usavam essa expressão, e nem é a idéia dominante quando usado pelos crentes, embora, teologicamente falando, seja esse um desenvolvimento natural da idéia. Não é impossível, entretanto, que tal designação se tenha originado do uso que o Senhor Jesus fez da palavra, referindo-se à sua própria pessoa, como «...o Caminho, e a Verdade e a Vida...». Todavia, é mais provável que se tenha originado da observação feita por algum indivíduo alheio ao movimento cristão, sobre o tipo distinto de vida que os cristãos levavam, dizendo que os mesmos eram gente *do Caminho* que difere em seus costumes e ações, bem como no modo geral de vida, daquele outro «caminho» pelo qual seguem os inconversos. Os primeiros crentes, provavelmente, também se utilizavam do termo para se identificarem a si mesmos, ainda que tal expressão talvez se tenha originado da observação de pessoas estranhas ao cristianismo.

CAMINHOS do Desenvolvimento Espiritual

Cada tarefa, para ser devidamente levada a termo, requer um modo próprio de operação. A mais nobre tarefa de todas é a do próprio desenvolvimento espiritual. Trata-se de um nobre caminho, porquanto não somente prepara o espírito para os mundos de luz, mas também envolve, necessariamente, que ajudemos a outros a atingirem o mesmo destino. Em certo sentido, cada indivíduo é uma ilha, pois cada qual é altamente responsável pelo que faz, bem como por seu futuro estado espiritual. O que cada pessoa faz agora, sempre exerce efeito sobre o futuro. Em outro sentido, porém, cada indivíduo está ligado ao continente, pelo que cada um pode ser comparado a um istmo, pois tudo quanto ele faz afeta outras vidas. O homem tem dois amplos destinos, a saber:

1. *O destino terreno.* O que acontece neste mundo é importante, inteiramente à parte do futuro estado espiritual. A terra tem um destino, e não apenas os indivíduos. Há um propósito que devemos cumprir *neste* mundo. Por esse motivo, um cientista, que esteja ajudando a comunidade humana a cumprir o seu destino terreno, está cumprindo uma missão divina. Na verdade, todos os homens, os quais vivem dentro daquilo que a vontade de Deus lhes determinou, são seus ministros, conscientes ou inconscientes, sem importar o tipo de trabalho que estiverem fazendo. Temos tarefas terrenas a cumprir, que se relacionam somente a esta vida, mas que são importantes, mesmo quando não se leva em conta a preparação de nossas almas para estados mais elevados. Cada *nação* à face da terra, e não apenas indivíduos isolados, tem um propósito a cumprir na história. Quando vemos o que está acontecendo, percebemos que as nações têm características que também caracterizam os indivíduos: elas são egoístas, atéias, arrogantes e preguiçosas, ou então ambiciosas, generosas e zelosas quanto às questões religiosas. As nações, e não apenas os indivíduos, podem falhar no cumprimento do que lhes foi dado para fazerem. Os propósitos combinados de todas as nações perfazem o propósito da *terra,* se todas elas cumprirem o seu papel. A antiga doutrina judaica dizia que cada nação tem seu guia angelical, tal como acontece a cada indivíduo; e essas forças espirituais ajudam as nações a atingirem os propósitos a que cada uma delas está destinada.

2. Também há o *destino espiritual, não terreno,* dos indivíduos. Na Igreja de Cristo, encontramos um destino comunitário, e nenhuma pessoa é remida como indivíduo isolado. A redenção também tem um aspecto comunitário. A nação de Israel também tem um destino comunitário e espiritual; e isso pode ocorrer no caso de outras nações e de outros grupos, embora as Escrituras não nos prestem informações a esse respeito.

Como é óbvio, os destinos terreno e espiritual estão inter-relacionados. Ademais, mesmo quando consideramos questões meramente terrenas, vemos que as pessoas trabalham e produzem melhor se contam com guias e influências espirituais, que as inspiram.

Quais são os meios de desenvolvimento espiritual? Consideremos os *sete pontos* abaixo:

1. *O treinamento do intelecto,* mediante o estudo de livros espirituais, filosóficos, religiosos, e sobretudo, o estudo das Escrituras Sagradas. É proveitoso o estudo das religiões não cristãs, pois aqui ou acolá

encontramos jóias de grande valor, nos lugares mais inesperados. Além disso, a ignorância sobre as crenças alheias dificilmente promove a espiritualidade; a ignorância, por si só, já é prejudicial à espiritualidade.

2. *O uso da oração* (que vide). A oração é a linha de comunicação que temos com o mundo celestial, de onde derivamos ajuda e poder espirituais.

3. *O uso da meditação.* A meditação é irmã gêmea da oração. Consiste em esperar receber comunicações do Ser divino, em vez de falar com o Ser divino. A Igreja Ortodoxa Oriental tem-se notabilizado pelo fato de que muitos de seus vultos têm buscado iluminação espiritual através da meditação. Alguns evangélicos se têm manifestado contrariamente à meditação, mas a meditação Cristocêntrica pode ser uma grande força iluminadora. O trecho de Efé. 1:17,18 refere-se, de modo bem definido, à necessidade que temos de *iluminação.* Esse é o toque místico da nossa fé religiosa. Ver o artigo sobre o *Misticismo.* Conforme esse termo é usado neste *Dicionário,* misticismo é o contacto com algum poder superior a nós mesmos, sem importar se com a alma, com o homem espiritual ou com poderes divinos. Isso posto, doutrinas como a da regeneração, das operações do Espírito Santo, da iluminação diária, etc., são doutrinas místicas, em consonância com essa definição.

4. *A santificação.* A inquirição espiritual de alguém não pode avançar grande coisa sem o concurso da santificação (que vide). Sem a santificação, ninguém verá a Deus (Heb. 12:14); sem a santificação, o progresso espiritual do indivíduo é tolhido.

5. *As boas obras.*—Cada vez que alguém pratica o bem em favor de outrem, aprimora-se a qualidade espiritual de seu ser. Ver Efé. 2:10.

6. *A lei do amor.* Essa lei consiste em fazer pelo próximo o que gostaríamos que os outros fizessem por nós. O amor é a mais poderosa virtude de todas, o solo onde todas as demais virtudes são cultivadas. Ver Gál. 5:22. Ver o artigo sobre o *Amor.*

7. O *desenvolvimento de todas as virtudes.* Ver Gál. 5:22,23, que menciona qualidades como «amor», «alegria», «paz», «longanimidade», «benignidade», «bondade», «fidelidade», «mansidão» e «domínio próprio». Todas essas qualidades espirituais devem ser cultivadas, porquanto são necessárias ao nosso progresso espiritual.

Os Quatro Caminhos do Hinduísmo. Não prejudica ao crente examinar o que outras pessoas e religiões têm pensado. No tocante à vida espiritual, o sistema do hinduísmo tem algumas sugestões valiosas, ao menos para efeito de comparação. O hinduísmo parte da idéia de que diferentes tipos de pessoas ressaltam diferentes meios de expressão, através dos quais elas se desenvolvem espiritualmente. No hinduísmo, esses caminhos são chamados *yogas ou jugos.* Cada indivíduo se especializaria em um jugo diferente, embora, em algum grau, também utilize todos os outros jugos. Alguns gigantes espirituais são capazes de suportar mais de um jugo a cada vez. No hinduísmo, os *quatro caminhos* têm o intuito de separar-nos de pensamentos e atos egoístas, instalando em nós o senso de outra dimensão, da dimensão divina. Os sentidos nos transformariam em escravos. O corpo é nosso exigente senhor. Porém, há algo mais elevado a ser buscado.

A mente sem repouso do homem
É fortemente sacudida
Nas garras dos sentidos...
Verdadeiramente, penso
Que o vento não é tão selvagem.
(Bhagavad- Gita)

a. O *Caminho do Trabalho.* Algumas pessoas preferem trabalhar para o Senhor do que desfrutar de sua comunhão, conforme foi tipificado por Marta, irmã de Maria (ver Luc. 10:38-42). A idéia do hinduísmo é que precisamos eliminar o egoísmo; e uma das maneiras para conseguirmos isso é dedicar-nos a alguma tarefa de modo absoluto. Se nos perdermos nesse afã, haveremos de tornar-nos menos egoístas, assim obtendo uma melhor qualidade espiritual. Os cientistas em geral, são pessoas que escolhem o caminho do trabalho.

b. O Caminho *do Conhecimento.* Algumas pessoas têm fome e sede de conhecimento. O caminho intelectual também pode despir-nos de muito egoísmo, melhorando a nossa qualidade espiritual. Além disso, o conhecimento é capaz de outorgar-nos horizontes espirituais mais amplos. Os intelectuais e os eruditos entram por esse caminho.

c. O Caminho do *Misticismo.* Alguns são místicos naturais, e sentem que o caminho do misticismo é muito recompensador. Que outros prefiram o trabalho ou as atividades intelectuais. Porém, sempre haverá um lugar para os místicos. Os profetas e santos são místicos, e devemos ser gratos por eles, porquanto eles nos têm dado os Documentos Sagrados, estabelecendo um elevado exemplo espiritual a ser seguido, sobretudo na senda da santidade.

d. O *Caminho do Amor.* Não existe princípio espiritual mais elevado do que a vida que segue pelo caminho do amor, segundo o qual a pessoa serve a seus semelhantes com atitude altruísta. Algumas pessoas inclinam-se, naturalmente, para esse caminho, e todos deveriam buscar esse tipo de vida. Os filantropos, os médicos, as enfermeiras, ao servirem ao próximo, geralmente sob condições desagradáveis, porque convivem com pessoas enfermas e moribundas, expressam-se através desse caminho. A Igreja cristã inteira deveria ocupar-se nesse tipo de atividade, fazendo pelo próximo, o que gostariam que se fizesse a eles.

O ser humano, que afastou-se para longe do Fogo Central, precisa de muitos modos de ajuda, que lhe facilitem recuperar sua glória perdida. (HUS NTI)

CAMOM

Esse era o nome de uma cidade de Gileade, onde foi sepultado o juiz Jair (Juí. 10:3-5). O local é desconhecido na atualidade, embora as opiniões falem em Qamm, a suleste do mar da Galiléia, e em Qumein, a leste-nordeste de Irbide.

CAMOS

Nome da divindade nacional dos moabitas (que vide), segundo se vê em I Reis 11:7; II Reis 23:13 e Jer. 48:7. Monumentos arqueológicos, como a Pedra Moabita (que vide), também confirmam o fato. Ocasionalmente, — ele era aplacado por sacrifícios humanos (II Reis 3:27). Está escrito que Salomão erigiu um santuário em sua honra, em Jerusalém, o qual continuou de pé até à reforma de Josias (II Reis 23:13). Por causa de sua conexão com essa divindade, algumas vezes os moabitas são chamados de «povo de Camos» (Núm. 21:29). Os amonitas, por igual modo, estavam envolvidos nesse culto idólatra (Juí. 11:24). Os profetas mostraram-se indignados contra esse desvio para a idolatria, e Jeremias predisse que seus devotos sofreriam o cativeiro (Jer. 48:7). O nome «Camos» aparece por doze vezes na Pedra Moabita. Ali aparece como um nome composto, a saber, Astar-Camos, o que sugere que ele pode ter sido um deus astral, cujo par era a deusa Istar, ou Vênus. As informações que aparecem na Pedra Moabita mostram que ele ora considerado um selvagem deus da guerra. Os homens gostam de imaginar suas divindades vinculadas à guerra. Esse deus, pois, punia os homens derrotados em batalha. A tradição judaica afirma que essa divindade era adorada sob o símbolo de uma estrela negra, a qual, por sua vez, estava ligada a certas formas da idolatria dos árabes. Sua conexão com Moloque (I Reis 6:7), sugere que ele estivesse ligado à adoração ao planeta Saturno. As evidências apontam para a conclusão de que seu culto era bastante diversificado, assumindo várias formas, conforme a área em questão. (E S THO)

CAMPAINHA, SINO

No hebraico temos duas palavras, **paamom,** «gongo» e **metsilloth,** campainha». A primeira palavra é usada por sete vezes (por exemplo: Êxo. 28:33); e a segunda por uma vez só, em Zac. 14:20. O gongo está ligado ao címbalo. Os gongos mais antigos, descobertos pela arqueologia, eram feitos de uma placa de metal

encurvado para tomar forma oval, onde a percussão era feita ao mesmo tempo, nas duas extremidades. Havia vários modeios usados pelos assírios e chineses.

Nas Escrituras. Havia pequenas campainhas de ouro, presas à borda da sobrepeliz dos trajes oficiais do sumo sacerdote dos israelitas. Essas campainhas tinham o propósito de anunciar seus movimentos ao povo, além de servirem de ornamento (Êxo. 28:33-35).

Além disso, pode-se ler sobre os pequenos ornamentos que as mulheres de Israel usavam no pulso e nos tornozelos, a fim de atraírem a atenção (Isa. 3:16-18), uma prática condenada pelo profeta.

No trecho de Zacarias 14:20, onde o original usa outra palavra, lê-se acerca das campainhas usadas pelos cavalos, quando do milênio, provavelmente feitas de peças côncavas de bronze. Talvez isso tivesse por motivo o adorno, ou então o fato das pessoas gostarem de ouvir sons agradáveis. Nessas campainhas estava escrita esta inscrição: «Santo ao Senhor», a mesma inscrição que havia na mitra do sumo sacerdote. Isso assim sucederá porque, durante o milênio, todas as coisas serão consagradas ao Senhor, que será o Rei de toda a terra. A arqueologia tem mostrado que os antigos assírios costumavam pôr campainhas nos pescoços dos cavalos.

Sinos. O mais antigo sino do mundo, encontrado perto da cidade da Babilônia tem, calculadamente, mais de três mil anos. A literatura grega e romana fala em sinos desde Eurípedes (cerca de 484-407 A.C.). As pesquisas feitas pelos antiquários mostram que os sinos eram usados desde os tempos mais remotos. Layard, o escavador de Nínive, quando pesquisava em Ninrode, encontrou oito sinos de mão, feitos de bronze. Esta cidade foi destruída juntamente com Nínive, pelos medos, em 612 A.C. Até mesmo no Peru, nos túmulos antigos, têm sido encontrados sinos da era pré-incaica, isto é, antes de 500 D.C., quando teve inicio a era dos metais naquela região.

O primeiro escritor cristão a referir-se a sinos, o que o fez com certa freqüência, foi Gregório de Tours, em cerca de 585 D.C. Ele afirma que os sinos eram tangidos ou sacudidos, e até fala de uma corda que era usada no tanger dos sinos. Mas foi Paulinus, bispo de Nola, em Compania, na Itália, que criou o sino similar a sua forma moderna (cerca de 400 D.C.). Em 752 D.C., o papa Estêvão III erigiu um campanário com três sinos. É possível que o nome *campanário* tenha levado Walafrido Estrabão a dizer que os sinos são de origem italiana, da região de Campania, idéia em que equivocou-se, conforme temos visto. O maior sino que existe no mundo é o «Tsar Kolokol», fundido em 1733. Esse sino tem 5,80 m de altura, 6,86 m de diâmetro e pesa 193 toneladas. Nunca foi tangido. Perdeu um pedaço de 11 toneladas, em um de seus lados, devido a um incêndio que causou sua queda. Os sinos postos à maior altura são os da torre da *Metropolitan Life Insurance*, em Nova Iorque, que podem ser ouvidos à distância recorde de quarenta e cinco quilômetros. Ver o artigo sobre *Instrumentos Musicais.* (ND S UN EB)

CAMPINA DO JORDÃO

No hebraico, **kikkar,** "círculo", "redondo". Essa palavra era usada para descrever toda espécie de coisas, como distritos, pães e pesos. É vocábulo traduzido por campina ou vale do Jordão, em Gên. 13:10, referindo-se a uma área de formato quase oval, ao norte da bacia do mar Morto.

CAMPO

Há diversas palavras hebraicas (aramaicas) e gregas envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Bar,* "campo aberto". Palavra aramaica hebraica usada por oito vezes: Dan. 2.38; 4:12,15,21,23,25,32.

2. Chuts, "lugar ao ar livre". Palavra hebraica usada por trinta vezes com esse sentido. Por exemplo: Jó 5:10, Pro. 8:26; Gên. 15:5; 19:17; Êxo 12:56; Lev. 14:8; Deu. 23:10,12,13; 24:11; I Sam. 9:26; Eze. 34:21.

3. *Sadeh,* "campo", "lugar plano". Palavra hebraica usada por trezentas e seis vezes. Por exemplo: Gên. 2:5,19,20; 50:13; Êxo. 1:14; Lev. 14:7,53; 17:5; Núm.16:14; Deu. 5:21; 7:22; 11:15; Jos. 8:24; Juí. 1:14; 5:4,18; Rute 2:2,3,8,9,17,22; I Sam. 4:2; 6:14,18; II Sam. 1:21; 10:8; 11:11,23; I Reis 2:26; II Reis 4:39; 7:12; I Crô. 1:46; 6:56; II Crô. 26:23; Nee. 11:25,30; Jó 5:23; Sal. 78:12,43; Pro. 23:10; Can. 2:7; Isa. 5:8; 7:3; Jer. 6:12,25; 7:20; 8:10; Eze. 7:15; 16:5,7; 17:5,24; Osé. 2:12; Joel 1:10,11,12,19,20; Miq. 1:6; 2:2,4; Zac. 10:1; Mal. 3:11.

4. *Sadai,* "lugar plano". Palavra hebraica usada por treze vezes: Deu. 32:13; Sal. 8:7; 50:11; 80:13; 96:12; 104:11; Isa. 56:9; Jer. 4:17; 18:14; Lam. 4:9; Osé. 10:4; 12:11; Joel 2:22.

5. *Shedemah,* "campo". Palavra hebraica usada por cinco vezes: Deu. 32:32; II Reis 23:4; Isa. 16:8; Hab. 3:17.

6. *Yegebim,* "campos cultivados". Palavra hebraica usada por apenas uma vez, em Jer. 39:10.

7. *Agrós,* "campo". Palavra grega que aparece por trinta e seis vezes: Mat. 6:28,30; 13:24,27,31,36,38,44; 19:29; 22:5; 24:18,40; 27:7,8,10 (citando Zac. 11:13); Mar. 5:14; 6:36,56; 10:29,30; 11:8; 13:16; 15:21; 16:12; Luc. 8:34; 8:12; 12:28; 14:18; 15:15,25; 17:7,31,36; 28:26; Atos 4:37.

8. *Chóra,* "espaço aberto". Palavra grega que figura por vinte e oito vezes: Mat. 2:12; 4:16; 8:28; Mar. 1:5; 5:1,10; 6:55; Luc. 2:8; 3:1; 8:26; 12:16; 15:13-15; 19:12; 21:21; João 4:35; 11:54,55; Atos 8:1; 10:39; 12:20; 13:49; 16:6; 18:23; 26:20, 27:27; Tia. 5:4.

9. *Chorion,* «pequeno espaço aberto». Palavra grega usada por nove vezes: Mat. 26:36; Mar. 14:32; João 4:5; Atos 1:18,19; 4:34; 5:3,8; 28.7.

Conforme vimos acima, a palavra hebraica mais comumente usada é *sadeh,* que também pode ser traduzida por «suavidade». Geralmente está em pauta algum terreno cultivado. A própria palavra implica uma extensão de terra que não é cercada, como se dava com as cidades. Também pode indicar pastos (Gên. 29:2; 31:4; Êxo. 9:3), ou lugar arado (Gên. 37:7; 47:24). No entanto, também é palavra usada para indicar um bosque (I Sam. 24:25), o topo de um monte (Juí. 9:23),— uma área desértica (Gên. 33:19), uma vinha (Êxo. 22:5; Lev. 25:3,4), um lugar distante de casa (Gên. 4:8; 24:63) ou um campo aberto (Lev. 14:7,53; Núm. 19:16). Portanto, metaforicamente falando, o termo veio a ser associado às idéias de exposição, desolação ou deserção (Jer. 9:22; Eze. 16:5; 32:4).

Quando um campo qualquer pertencia a alguém, usualmente a posse era assinalada com uma pedra, a qual não deveria ser removida por nenhum motivo (Deu. 19:14; 27:17; Pro. 22:28). Esses campos, não sendo cercados, estavam sujeitos à invasão por parte de gado perdido (Êxo. 22:5). Isso tornava necessário o trabalho dos pastores e boiadeiros.

Nas Escrituras há menção a vários campos específicos, como o Campo das Espadas (II Sam. 2:16), o «campo do lavandeiro» (II Reis 18:17) e o «campo do oleiro» (Mat. 27:7).

Expressões Utilizadas. Campo fértil, em Isa. 10:18; regozijo do pomar, em Isa. 16:10, onde, no originai hebraico, aparece a palavra *karmel,* usualmente associada a algum parque ou lugar bem conservado, em distinção a algum lugar desértico.

Usos Simbólicos. Esses usos podem ocorrer na literatura, ou então em sonhos e visões, a saber: 1. Um campo cultivado representa o trabalho ou missão de uma pessoa. 2. Um campo a ser cultivado é uma mulher que ficará grávida, ou um projeto que alguém em breve iniciará. 3. Um campo ou uma planície, é um lugar ou circunstância caracterizados pela liberdade. 4. Uma arte ou ciência, ou uma área qualquer de nosso aprendizado. 5. Campos verdejantes indicam prosperidade física e espiritual, ou já possuída, ou ainda por vir a ser possuída. 6. Um campo a ser arado representa uma tarefa a ser realizada ou uma habilidade a ser desenvolvida.

CAMPO DE VIDA Ver **Aura Humana (Campo de Vida)**

CAMPO DO OLEIRO Ver **Acéldama.**

CAMPO UNIFICADO Ver **Einstein,** ponto 4.

CAMUS, ALBERT

Suas datas foram 1913-1960. Filósofo e escritor francês, nascido

na Algéria. Educou-se na Universidade de Algiers. Mudou-se para Paris, em 1940. Foi ativo na Resistência Francesa, durante a Segunda Guerra Mundial.

Idéias: 1. Ele argumentava contra o suicídio, afirmando que se trata de uma resposta inadequada ao absurdo da vida. Ele pensava que a resposta adequada consiste em continuar a viver, desenvolvendo a própria humanidade, apesar dos absurdos da existência. 2. O valor final da vida é a solidariedade humana, uma outra forma de AMOR (que vide). Toda e qualquer modificação política deveria ter esse alvo em mente. Ele rejeitava a destruição por amor à destruição, incluindo o suicídio e o nihilismo (que vide). Ele também considerava absurda a punição capital (que vide).

Escritos: The Myth of Sisyphus; Letters to a German Friend; The Rebel; Reflections on Capital Punishment. (E EP P)

CANA

No hebraico são usadas duas palavras diferentes; no *grego, kálamos.* A cana referida em Jer. 51:32 obviamente é um tipo especial, por ser a única vez em que uma daquelas duas palavras hebraicas é usada, a qual está vinculada à idéia de «poço», pois enfatiza o local onde medrava a cana. A outra palavra hebraica é usada em II Reis 18:21; Isa. 36:6 e Eze. 29:6, aludindo a uma cana ou mesmo a uma trave. Outro tanto pode ser dito sobre a palavra *grega kálamos. Por* exemplo, feriram Jesus na cabeça com uma cana (Mar. 15:19), e puseram uma esponja ensopada em vinagre, na ponta de uma cana, para chegá-la à boca do Senhor, na cruz (Mar. 15:36). O anjo também mediu a cidade com uma cana (Apo. 21:16).

A «cana gigante», *Arundo donax,* medrava no vale do Jordão e em redor do mar Morto. Crescia até a altura de 5,5 m, encimada por uma pluma branca. O caule, em sua base, podia ter um diâmetro de 8 cm. Esses caules, muito fortes, eram usados como bordões ou bengalas o que explica a referência em Eze. 29:6 e II Reis 18:21, onde o imperador Senaqueribe alude ao Egito como bordão feito de uma cana esmagada.

Se a cana usada para levar a esponja à boca de Cristo, na cruz, era a *Arundo donax,* não importa. Há quem pense em uma cana diferente, capaz de atingir uma altura de 4,5 m e que cresce bem sem irrigação.

Nos dias da Bíblia, penas eram feitas de cana. Em III João 13 há alusão a uma pena feita de cana. Eram penas usadas para escrever sobre papiro. A tinta era fabricada com fuligem de lâmpadas e suco de fel.

Há várias outras espécies de canas e juncos na Terra Santa, cujo caule pode atingir até 3,60 m. O papiro (Cypherus papyrus) medrava no Nilo, nos alagadiços, produzindo gigantescas raízes horizontais, às vezes com 6 m de extensão. Plantas inteiras eram desenterradas, e suas raízes eram usadas para fabricar cabos de instrumentos, enquanto os caules eram usados no fabrico de sandálias, cordas, colchões e cestas. O cerne podia ser comido, cozido ou cru, ou então aproveitado para o fabrico de um tipo de papel grosseiro (ver Junco).

O fato de que o cerne do papiro podia ser comido ou transformado em papel se reflete em Eze. 3:3: «Filho do homem, dá de comer ao teu ventre, e enche as tuas entranhas deste rolo que eu te dou. Eu o comi, e na boca era doce como o mel».

A palavra «cana» é usada em conexão com o ato de medir (Eze. 40:3,5). Uma cana equivalia a seis côvados. Cada côvado tinha cerca de 46 cm. Em Eze. 40:5, cada cana media cerca de 2,75 m. O ribeiro de Caná (Jos. 16:8 e 17:9) ficava entre os territórios de Efraim e Manassés. «Caná» significa «cana» ou «possessão». Provavelmente o ribeiro era assim chamado devido a grande quantidade de cana que ali crescia, à beira do ribeiro.

CANÁ

O nome significa, no hebraico, «lugar de canas». Designa duas coisas diferentes:

1. Um riacho que deságua no mar Mediterrâneo, entre Cesaréia e Jope, e que servia de fronteira entre Efraim e Manassés (Jos. 16:8; 17:19). Alguns estudiosos identificam-no com o rio Aujeh; e outros, com a wadi Qana.

2. Nome de uma aldeia da porção norte do território de Aser (Jos. 19:28). Têm sido encontradas nesse local ruínas colossais e figuras de pessoas sob a forma de estátuas, que alguns eruditos pensam ser de origem fenícia. Essa aldeia assinalava o extremo norte do território de Aser. A vila chamada atualmente Qanah marca o local, cerca de dez quilômetros a suleste de Tiro.

CANAÃ, CANANEUS

Ver o artigo separado sobre **Fenícia.**

1. *O Nome.* Canaã refere-se ao indivíduo e seus descendentes, mencionados em Gên. 10:15-18. Os cananeus eram os habitantes da terra de Canaã, o nome mais antigo da Palestina. A palavra vem do hurriano, sendo uma evidente referência à cor vermelho-púrpura, que se refere a um bem conhecido item do comércio fenício. Ver abaixo. A partir do século XIV A.C., o nome Canaã passou a ser empregado para indicar a região onde habitavam os cananeus. Eram negociantes fenícios. Um de seus principais produtos era um corante vermelho púrpura derivado do molusco *Murex,* que havia nas costas da Palestina. Nas cartas de Amarna, a expressão «terra de Canaã» aplica-se às costas da Fenícia; os egípcios chamavam todos os sírios por esse nome. Pela época em que Israel deu início à sua conquista da Palestina, toda esta região era conhecida por terra de Canaã. Algumas referências bíblicas indicam o uso mais restrito da palavra, que significa «negociante». Ver Jó 41:6; Isa. 17:4; Osé. 12:7; Sof. 1:11 e Zac. 11:7,11.

2. *O Território.* Conforme ficou claro acima, houve uma evolução no tocante àquilo que era designado pelo nome Canaã. Em Números 34:3-12, encontramos o nome em um sentido mais lato, referindo-se à Palestina inteira, a oeste do rio Jordão. Esse território ficava localizado entre os grandes impérios antigos dos rios Tigre-Eufrates e Halis, por um lado, e do rio Nilo, por outro lado. A região formava uma espécie de ponte geográfica entre os antigos centros da civilização pagã. Os descendentes de Canaã estavam divididos em seis ou sete nações distintas, quando Israel ali entrou: os heteus, os girgaseus, os amorreus, os cananeus, os perezeus, os heveus e os jebuseus. Ver Êxo. 3:17 e Deu. 7:1. O termo geral, «cananeus», era usado para incluir todas essas nações. Além disso, havia diversas tribos cananéias que viviam nas fronteiras da Palestina, em seu lado norte, a saber, os arqueus, os sinitas, os arvaditas, os zemaritas e os hematitas (Gên. 10:17,18). Israel não entrou em contacto com essas tribos. As cartas de Amarna, do século XIV A.C., referem-se aos cananeus como um povo que ocupava todo o território sino-palestino do Egito. *O* papiro egípcio Anastasi IIIA, linhas 5 e 6, e IV16, linha 4, pertencente ao século XIII A.C., menciona escravos cananeus de Huru, que é a mesma coisa que a Síria-Palestina.

3. A *Civilização Cananéia.* As descobertas arqueológicas mostram que os cananeus eram bem desenvolvidos nas artes e nas ciências. Suas construções eram superiores às que Israel edificava na terra de Canaã, após tê-la conquistado. Eles destacavam-se na cerâmica, na música, em instrumentos musicais e na arquitetura, e seus artesãos e operários executaram grande parte do projeto e da construção do templo de Salomão, em Jerusalém (I Reis 7:13-51). A arqueologia tem desenterrado as fortificações cananéias, bem como seus palácios e templos, ou seus tesouros de arte trabalhados em ouro, marfim e alabastro. As descobertas feitas em Ras Shamra-Ugarite, ilustram o ponto. Todavia, a história mostra-nos que Israel entrou em contacto com os cananeus quando estes já estavam em um período de declínio. As escavações feitas na Palestina, no Líbano e na Síria têm mostrado a extensão de suas realizações. As principais cidades cananéias eram Biblos, Ugarite, Kadatu, Hamate sobre o Orontes, certos cômoros perto de Antioquia, Mari sobre o Eufrates e Alalaque. *O* pano de fundo cananeu dos fenícios tem sido iluminado pelas descobertas feitas em Ugarite (Ras Shamra), onde milhares de tabletes de argila secos ao sol, escritos em caracteres acadianos regulares, ou na escrita cuneiforme alfabética, têm sido encontrados. Esses tabletes têm sido decifrados, o que nos tem outorgado

considerável riqueza de informações. A começar pelo ano de 1890, uma série de escavações, envolvendo Bete-Seã, Jericó, Megido, Laquis, Tell el-'Ajjul, Tell Beit Mirsim, Bete-Semes, Betel, Ai, Bete-Yerah, Hazor e Siquém, nos tem dado muito conhecimento sobre a civilização da antiga terra de Canaã. Outro tanto pode ser dito no que concerne às escavações efetuadas em Betel, Dotã, Gibeom, Hazor, Jericó, Qasileh, Siquém, Tirza e outros locais em Israel e ao longo do rio Jordão, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Isso tem possibilitado a reconstituição da história da área inteira da Palestina, retrocedendo por mais de mil anos antes da conquista da Terra Prometida por parte de Israel.

4. *O Idioma dos Cananeus.* A língua cananéia pertencia ao grupo noroeste das línguas semitas, em distinção ao grupo nordeste, chamado acádico. Também havia o grupo sudoeste (árabe do norte) e o grupo suleste (árabe do sul). Esse idioma, no começo, era escrito com um número indeterminado de caracteres relacionados ao sistema hieroglífico do Egito. Diversas inscrições com essa forma têm sido encontradas, gravadas sobre metal ou pedra, em Biblos. Em Ras Shamra (Ugarite), era usado o alfabeto cuneiforme. Finalmente, o típico alfabeto semítico do noroeste substituiu todos os demais, tornando-se a forma de escrita padrão. As antigas formas escritas hebraica e fenícia estão intimamente relacionadas. O hebraico parece ser uma forma adaptada do dialeto cananeu. As origens do alfabeto proto-semitico continuam obscuras até agora. Ver sobre *Alfabeto.* Abraão encontrou o idioma hebraico já em uso na Palestina; ou ele o trouxe consigo para ali? Os patriarcas hebreus falavam um dialeto aramaico na Mesopotâmia, antes de entrarem na Palestina. entretanto, quando entraram na Palestina, adotaram o dialeto cananeu local, que não era idêntico à fala padrão dos cananeus. O hebraico antigo, seja como for, é bem parecido com o fenício. Após cerca de 1000 A.C., o hebraico, o moabita, o fenício e o aramaico já aparecem em inscrições como línguas distintas.

5. *A História dos Cananeus.* No terceiro milênio A.C., havia povos que falavam línguas semíticas na Síria-Palestina, conforme se vê nas evidências extraídas das inscrições encontradas pela arqueologia. Quanto a um período anterior a esse, nada se sabe. As descobertas arqueológicas têm demonstrado, com algum detalhe, a história desses povos, até cerca de mil anos antes da conquista da Palestina por Israel (cerca de 1400 A.C.). As mais antigas cidades da Palestina sobre as quais chegamos a saber algo, tinham nomes cananeus, como Megido, Bete-Seã, Bete-Yerah, Jericó. Na Síria encontramos Ugarite, Gabala, Acre ('Irquatrum), Tiro (Sur), que são nomes cananeus. Os cananeus e seus parentes próximos, os amorreus, já estavam bem estabelecidos na terra por volta de 2000 A.C., e a região foi dominada por várias cidades-estado dos cananeus e amorreus. Após o fim das invasões dos amorreus, estabeleceu-se a Idade do Bronze Médio da Palestina, que sofria influências nortistas. Ver o artigo sobre a *Arqueologia.* As invasões dos hicsos, entretanto, perturbaram um tanto esse quadro. Após a expulsão dos hicsos, o Egito dominou a área da Síria-Palestina, em cerca de 1570-1310 A.C., e, novamente, mais tarde, em 1310-1200 A.C. Nesse período, continuaram predominando as cidades-estado. No século XIV A.C., alguns estados, como Ugarite, caíram sob o controle dos heteus, que a historia secular chama de hititas. Também houve as invasões dos habiru, após o que o Egito reobteve o controle, para então perdê-lo novamente, por causa das incursões dos povos do mar, isto é, os filisteus, em cerca de 1200 A.C. A começar em cerca de 1400 A.C., Israel começou a tomar conta da região da Palestina. As terras altas foram conquistadas prontamente, mas o progresso foi lento, e nunca se completou em outras áreas. Mas na própria Palestina, os cananeus, que nunca foram extintos, foram sendo gradualmente absorvidos pela civilização israelita, ao passo que outros foram confinados às regiões costeiras, naquilo que veio a tornar-se conhecido como a Fenícia. Esses cananeus restritos (fenícios) foram se tornando, crescentemente, uma potência marítima. Ver o artigo sobre os *Fenícios.*

6. *A Religião dos Cananeus.* O Antigo Testamento informa-nos muita coisa a respeito do *Panteão* dos cananeus. A divindade principal era *El,* a quem os outros deuses precisavam consultar sobre questões importantes. Porém, *Baal,* filho de El, tornou-se mais significativo. Ver o artigo sobre BAAL. Essa palavra significa «senhor». Havia muitas manifestações locais de Baal, como deus da fertilidade, deus da tempestade, etc. Tanto Baal quanto Dagom tinham um templo em Ugarite. *Atar* era a divindade que substituía a Baal, quando este último supostamente excursionava pelo submundo dos espíritos. Atar era filho de *Aterate,* consorte de El. Havia muitas deusas, como Anate, Aserá e Astarte (ou Astarote), deusas do sexo, da fertilidade e da guerra. — Anate era uma importante deusa para a agricultura. Os deuses *Shahru* (estrela matutina) e *Yarbu* (deus-lua), bem como Resebe, deus da pestilência e da morte, também eram adorados em Canaã. Não há certeza se o deus Yahweh era conhecido ou não pelos cananeus. Milhares de tabletes de argila, guardados em uma biblioteca existente entre dois templos, datados de cerca dos séculos XV e XIV A.C., descobertos em Ras Shamra, nos fornecem abundantes informações sobre a religião dos cananeus. Havia grosseira imoralidade de mistura com a adoração prestada a várias divindades da fertilidade, e os cananeus estavam maduros para o julgamento divino. É significativo que alguns dos nomes de Deus, no hebraico, têm paralelo nos nomes dos deuses cananeus, o que mostra que havia certo contacto e troca de idéias ali, embora a religião cananéia e a religião hebréia tanto diferissem, mormente no tocante ao monoteísmo. Os deuses cananeus não se destacavam quanto à santidade.

Templos cananeus têm sido escavados na Síria e na Palestina, e significativos modelos têm sido encontrados em Laquis (que vide), Megido, Jericó, Bete-Seãe e Hazor, pertencentes a um tempo tão remoto quanto 3000 A.C., e daí até 1900 A.C. Muitos objetos relacionados à adoração pagã têm sido desenterrados, como objetos de culto, facas, tenazes, vasos de libação e ossos de animais, o que mostra que ali se praticava o sacrifício de animais.

Em Ugarite, havia um sistema complexo de religião, talvez típico também de outras localidades. Havia um sumo sacerdote e nada menos de doze famílias de sacerdotes. O rei exercia funções sacerdotais. Havia cantores, costureiros de vestimentas, escultores e outros especialistas. Novamente, vemos considerável correspondência entre isso e a religião de Israel. Pelo menos é verdade que, quanto às questões culturais, os cananeus eram superiores aos israelitas, que muito se aproveitaram da cultura cananéia. Já vimos como Salomão dependeu desse povo quanto aos planos e à construção do templo de Jerusalém. Era tarefa dos profetas impedir pesados empréstimos e corrupções provenientes dos pagãos, mas os profetas nem sempre mostraram-se bem-sucedidos em seus esforços. A confusão entre Baal e Yahweh destruiu a distintiva fé dos hebreus. Lembremo-nos do desafio lançado por Elias: «Se o Senhor é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o» (I Reis 18:21). (ALB ALBR AM LAM)

CANAÃ, A PESSOA

O termo hebraico parece significar *pertencente à terra da púrpura-vermelha.* Canaã era filho de Cão e neto de Noé. A transgressão de seu pai, Cão, relatada em Gênesis 9:22-27,— na qual, segundo alguns pensam, Canaã esteve envolvido de alguma maneira deu a Noé ocasião para proferir a condenação que sobreviria aos descendentes de Canaã. Porém, não há base nenhuma para a suposição de que os descendentes de Canaã foram amaldiçoados como uma conseqüência imediata da transgressão de Cão. De qualquer modo, ele foi o progenitor dos fenícios e do povo que vivia a oeste do rio Jordão, antes da conquista da região pelo povo de Israel (Gên 10:15; I Crô. 1:13).

CANA AROMÁTICA

No hebraico, a palavra **qaneh** figura por sessenta e uma vezes, mas é nos trechos de Isa. 43:24 e Jer. 6:20 que parece estar em pauta a «cana aromática». Diz o trecho de Isaías 43:24: «Não me compraste por dinheiro cana aromática...» E Jer. 6:20 diz: «Para que pois, me vem o incenso de Sabá e a melhor cana aromática de terras longínquas?...» A cana nativa ou selvática encontra-se espalhada por toda a Palestina, em riachos e valados. Seu nome científico é

Saccharum biflorum, a espécie que poderia estar em pauta nesses dois trechos. No entanto, a maior parte dos estudiosos da Bíblia sentem que a «cana aromática», na verdade, era a *Saccharum officinarum, ou* seja, a nossa comum cana-de-açúcar. O mais provável é que os antigos hebreus não fabricassem açúcar com base nessa cana; antes, ela era chupada ou usada em sua forma natural para adocicar bebidas e alimentos. Naturalmente, o mel era o adoçante mais comumente usado nos dias do Antigo Testamento

Nas passagens de Josué 16:8 e 19:28, aparece o ribeiro de Caná, onde a cana nativa medrava com abundância. No hebraico, *qaneh* era a palavra genérica para indicar todas as plantas de tipo junco.

Alguns estudiosos têm pensado que a palavra «cálamo», em Can. 4:14, na realidade seria o «nardo» *(Nardostachys jatamansi);* mas essa opinião é extremamente improvável porquanto a palavra «nardo» aparece no começo desse mesmo versículo, e isso seria uma redundância desnecessária. (Ver Cana).

CANA DE MEDIR

No hebraico, **qaneh**, «cana». Palavra que ocorre por dezenove vezes. Por exemplo, I Reis 14:15; Isa. 19:6; 42:3; Eze. 29:6; 42:17-19. No grego *kálamos,* termo usado por doze vezes: Mat. 11:7; 12:20 (citando Isa. 42:3); 27:29,30,48; Mar. 15:19,36; Luc. 7:24; II João 13; Apo. 11:1; 21:15,16.

A cana era uma planta útil, cujo caule era usado para servir como material de construção, material de escrita e como medida. Tanto é assim que o termo hebraico envolvido também significava «medir». Idêntico uso lingüístico encontra-se nos idiomas indo-europeus bem como no babilônio e no assírio. Um outro termo grego, *kanon,* «vara», que deu em português «cânon», que significa «medida» ou «padrão», está relacionado ao termo hebraico *qaneh.*

A cana era preparada como varas de comprimentos específicos, usadas então para fazer medições, da mesma maneira que, em nossos dias, temos réguas e metros de madeira e de outros materiais. Uma vara comum de medir era aquela com cerca de três metros. Ver os trechos de Apo. 11:1 e 21:15,16, que parecem ser citações do trecho de Ezequiel 40:3, segundo a Septuaginta. Ver o artigo sobre *Linha de Medir.*

CANAIS

Vem de uma palavra hebraica emprestada da palavra que significa o rio Nilo. Ver Êxo. 7:19, 8:4. Esta palavra mormente significa riachos, Isa. 19:6, mas também pode ter a idéia de canais artificiais. Canais foram feitos para propósitos de irrigação. Tais canais foram uma característica comum na área do Nilo, cuja água foi utilizada pela construção de canais, para transportar suas águas para as áreas ao longo do rio. A sobrevivência em Israel teria sido muito difícil sem canais artificiais.

CANAIS DE ÁGUA

No hebraico, **rahat,** «canal». Esse vocábulo aparece por quatro vezes: Gên. 30:38,41; Êxo. 2:16 e Can. 7:5. Nas duas últimas referências, nossa versão portuguêsa traduz esse vocábulo, respectivamente por «bebedouros» e «tranças». Neste último caso, acompanha uma variante na tradução, feita em certa versão estrangeira.

CANAL

Há duas palavras hebraicas envolvidas, a saber:

1. *Aphiq,* «cavidade». Palavra usada por dezesseis vezes (por exemplo: II Sam. 22:16; Sal. 18:15; Isa. 8:7).

2. *Shibboleth, «riacho».* Palavra usada por três vezes com esse sentido: Isa. 27:12; Sal. 69:2,15.

A primeira dessas palavras era usada para indicar rios, canais feitos pelos homens, sistemas de irrigação, e igualmente o leito de um rio ou do mar. (Sal. 18:15; Isa. 8:7). O trecho de Jó 40:18 tem um uso metafórico do vocábulo, referindo-se aos ossos do hipopótamo, como se fossem tubos de bronze. Jó 6:15 é passagem que alude aos ribeiros da Palestina como perigosamente instáveis. Salmos 69:2 usa esse vocábulo para indicar o ímpeto das enchentes. Em Isaías 8:7 há uma outra metáfora, que refere-se ao fato de que Israel rejeitou as águas mansas de Siloé (a saber, o reino de Davi), e assim ficou exposto à enchente destruidora do Eufrates, a saber, a Assíria. Ainda um outro uso metafórico pinta os *alicerces* do mundo desnudados pelo sopro de Deus (II Sam. 22:16; Sal. 18:15). O significado exato desses dois versículos é controvertido. Talvez haja uma alusão aos antigos conceitos equivocados de que o mundo estaria circundado pelo oceano, cujas correntes seriam guiadas por canais ocultos. Ou então a referência poderia ser ao leito do mar Vermelho, desnudado por Deus para que o povo de Israel pudesse atravessá-lo a pé enxuto. *Canal* também traduz o heb. *shibboleth* (vide), «riacho». Ver os artigos separados sobre *Giom* e *Warren, Canal (Escavação) de.*

CANAL SUBTERRÂNEO

Indica um conduto subterrâneo para transportar água potável desde uma nascente até alguma cidade. Há evidências arqueológicas da existência de canais subterrâneos em Jerusalém e em Megido, do período cananeu em diante. Em Jerusalém há um túnel que começa na fonte de *Giom (vide)* que transportava água para o interior da cidade. Alguns eruditos pensam que o trecho de II Samuel 5:8 refere-se a um canal dessa natureza, o que é refletido em nossa versão portuguesa. Instalações similares também têm sido encontradas em Gibeom, Etã e Ibleã. É evidente que se uma cidade contasse com um suprimento de água garantido, poderia resistir mais facilmente ao inimigo, em tempos de. assédio, conforme sucedeu à cidade de Samaria, que resistiu aos assírios por dois anos, em 722 A.C., ou como se deu com Jerusalém, que resistiu aos babilônicos por 1 1/2 anos (586 A.C.). Ver o artigo sobre *Warren, Canal (Escavação) de.*

CÂNCER

Ver sobre **Doenças o Enfermidades.**

CANDEEIRO DE OURO Ver sobre **Menorah.**

No trecho de Êxodo 25:31-39 encontramos as orientações recebidas pelos israelitas para a fabricação desse item da tenda da congregação. Uma base suportava uma haste. Três braços curvados para cima, partiam dessa haste central; esses braços terminavam em seis receptáculos, em cada um dos quais havia uma lamparina; somando-se à lamparina no alto da haste central, havia um total de sete lamparinas. O ouro foi o material usado para a construção do candeeiro. A haste central e os braços eram decorados com desenhos em alto relevo de florescências de amendoeira. As espevitadeiras para as lamparinas também eram feitas de ouro. O trecho de Êxodo 37:17-24 adiciona uma segunda instrução concernente a essa questão, para garantir a perfeição da execução da obra. O candeeiro de ouro foi posto no Lugar Santo do tabernáculo (que vide), do outro lado da mesa dos pães da proposição. Quando o templo de Jerusalém (que vide), construído por Salomão, ficou pronto, para o mesmo foram preparados dez candeeiros de ouro, de acordo com as maiores dimensões dessa estrutura permanente. Mas, no segundo templo de Jerusalém, por razões desconhecidas, havia apenas um candeeiro. Antíoco Epifânio removeu esse candeeiro de seu lugar. Quando Judas Macabeu restaurou a adoração no templo, um novo candeeiro foi provido para o mesmo. Aparentemente, o mesmo formato de candeeiro havia no templo construído por Herodes.

Simbolismo do Candeeiro de Ouro. O trecho de Apocalipse 1:12-20 exibe uma aplicação direta, ao chamar as sete igrejas de sete candeeiros. Naturalmente, em sentido primário, Cristo é o candeeiro, pois ele é a luz do mundo. E o número sete indica a perfeição de seu ofício de iluminador. Ver João 1:9. O material de que o candeeiro foi feito, o ouro, representa a preciosidade da estrutura da Igreja, bem como a divindade de Cristo (que vide). O azeite, que queimava no candeeiro, representa o Espírito Santo e seu ministério iluminador. É o Espírito Santo que nos conduz a toda a verdade (João 16:13). (NTI Z)

CÂNFORA

No hebraico, **kopher**, palavra que só aparece por duas vezes: Can. 1:4 e 4:13. O termo vem do malaio *kapur;* sendo a hena ou *Lawsonia*

inermis, largamente cultivada na Terra Santa. A cânfora é extraída de suas flores de cor creme, que dão em cachos. A planta cresce até 3 m de altura, tem folhas parecidas com as da espécie *ligustrum vulgare,* da Europa, e massas de flores muito fragrantes, brancas e amareladas. Alguns estudiosos supõem que essas flores eram usadas na antiguidade em banhos de sais. As folhas da hena eram ressecadas e pulverizadas; e uma pasta era feita desse pó. A pasta era usada para pintar as unhas das mãos e dos pés, ou mesmo as solas dos pés e as palmas das mãos. Os homens punham o pó em suas barbas, e também nas caudas dos cavalos. No Egito, a substancia era usada como um cosmético de sombrear, e as mulheres de Israel imitavam esse costume. Os trechos de Cantares 1:14 e 4:13 celebram a beleza e a atração física, dizendo: «Como um racimo de flores de hena, nas vinhas de En-Gedi, é para mim o meu amado». «Os teus renovos são um pomar de romãs, com frutos excelentes: a hena e o nardo...» (G HA I)

CANHESTRO

As pessoas canhestras, que o vulgo chama de «canhotas» possuem a mão, o braço e o ombro esquerdos mais fortes e habilidosos que os direitos. Essa palavra é usada apenas por duas vezes na Bíblia, em ambos os casos acerca dos guerreiros da tribo de Benjamim. No hebraico é usada uma expressão, *itter yad yamim* «amarrado da mão direita». Ver Juí. 3:15 e 20:16. Eúde, filho de Gera, era canhestro. Matou o rei de Moabe e assim libertou Israel dos moabitas. Nessa última referência encontramos a informação de que dentre os vinte e seis mil benjamitas preparados para a guerra, setecentos eram canhestros, dotados de incrível pontaria com a funda.

CANIVETE

No hebraico, as palavras **taar sopher**, «faca de escrivão», aparecem somente em Jer. 36:23. Nossa versão portuguesa, juntamente com outras, diz ali «canivete». Está em foco uma faca usada para aguçar as penas feitas de cana, ou para cortar rolos de papiro.

CÂNON

Palavra latina que significa «linha de medir», «regra», «modelo». O termo latino deriva-se do grego *kanon,* «regra», ou «vara».

1. O termo é usado frouxamente para indicar qualquer regra ou padrão.

2. Uma lista das obras de um autor qualquer, consideradas genuínas, como o cânon de Shakespeare, no pressuposto de que nem todas as obras a ele atribuídas são, realmente, de sua autoria.

3. Uma relação oficial da Igreja, contendo os nomes de santos reconhecidos ou de membros de algum de seus capítulos.

4. Uma regra de fé ou de disciplina, especialmente se houver sido expedida por algum concilio eclesiástico (dentro da Igreja Católica Romana), e ratificada pelo papa.

5. Aquela porção da missa católica romana entre o Sanctus e a oração do Padre Nosso. Consiste em um prefácio e em uma oração de ação de graças, e então vem a oração eucarística ou de consagração.

6. Na música, uma composição que tenha vozes ou partes, de acordo com a que cada voz ou parte, em sucessão, entoa a mesma melodia (chamada tema).

7. *Lei Canônica.* De conformidade com as definições mais básicas, a *lei canônica* consiste, simplesmente, no conjunto de regras da antiga Igreja, com o intuito de controlar a conduta e a fé das pessoas, além de regras disciplinares para os ministros. A principio, essas regras consistiam em pronunciamentos *ad hoc,* feitas pelos lideres e concílios da Igreja antiga, a maioria com base em proposições bíblicas. Particularmente importantes, foram aquelas leis que vieram de grandes centros cristãos, como os cânones adotados em Nicéia, em 325 D.C. Essas leis acumularam-se, tendo-se tornado necessário que houvesse um processo de seleção e codificação. A padronização teve lugar, no Ocidente, sob a liderança de Carlos Magno. Graciano foi o homem que levou o processo a seu ponto culminante virtual, dentro da comunhão romana, com seu famoso *Decretum,* de 1140 D.C., que se tornou o alicerce do moderno *Corpus iuris canonici.* Esse conjunto de leis tornou-se a mais autoritária lei da Igreja Católica Romana, envolvendo a autoridade das Escrituras, dos concílios e dos papas. Essas leis precisam ser distinguidas dos decretos dos bispos, das concordatas entre a Igreja e os governos seculares, e das leis eclesiásticas, as quais repousam sobre os costumes. Tais leis são consideradas divinamente conferidas, pelo que são consideradas obrigatórias e imutáveis. Todavia, não há razões para que não se façam acréscimos, conforme a necessidade surgir, visto que para tanto há a autoridade dos papas e dos concílios. O corpo das leis canônicas foi publicado em 1582, por Gregório XIII, com o nome de *Corpus Iuris Canonici.* Uma nova codificação, conhecida como *Codex Iuris Canonici,* foi promulgada sob o papa Benedito XV, em 1917. As leis canônicas cobrem quatro áreas principais, a saber: 1. Área pessoal, que trata de leis dirigidas a indivíduos, incluindo aquelas que dizem respeito ao clero. 2. Área *material,* que são leis que dizem respeito aos sacramentos, à liturgia, etc. 3. Área judicial, que são leis que dizem respeito ao casamento, etc. 4. Área penal. O código inteiro incorpora leis divinas, com base nas Escrituras, embora também seja um documento eclesiástico, que reúne as tradições e leis da Igreja. Trata-se de uma tentativa de codificar as regras da vida cristã, de doutrinas práticas e da disciplina.

As igrejas protestantes, naturalmente, repelem essa legislação, embora algumas delas contem com legislações similares, visto que a tendência das denominações é codificar suas crenças e práticas.

8. Os cânones do Antigo e do Novo Testamento. Esses incluem os livros considerados divinamente inspirados e autoritários para a fé e a prática dos cristãos. O cânon judaico ou hebreu consiste na Lei, Profetas e Escritos — um total de trinta e nove livros. O cânon do Novo Testamento consiste em vinte e sete livros. Certos segmentos da Igreja também aceitam os livros apócrifos do Antigo Testamento, que consistem em outros doze livros, os quais foram incluídos na versão Septuaginta do Antigo Testamento (que vide). Quanto a essas questões, ver os dois artigos separados: *Cânon do Antigo Testamento e Cânon do Novo Testamento.* (AM B E H P)

CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

1. Um Processo Histórico
2. O Salto da Fé
3. Buscando uma Posição Intermediária
4. Breve Declaração do Processo Histórico do Cânon do Antigo Testamento
5. Os Livros Disputados. Evidências Colhidas nos Catálogos Cristãos
6. Os Livros Apócrifos
7. O Cânon do Antigo no Novo Testamento
8. Os Livros Apócrifos e os Cristãos Primitivos
9. Citações dos Livros Apócrifos do Antigo Testamento pelos Primeiros Pais da Igreja
10. Os Pseudepígrafos.
11. Cronologia de Literatura
12. Catálogos Cristãos dos Livros do Antigo Testamento: **Livros Disputados**

Bibliografia

1. Um Processo Histórico

Como estudante diplomado do Novo Testamento, fiz um curso de um trimestre, na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos da América do Norte, limitado ao cânon do Novo Testamento. Fiquei impressionado diante do fato de que o processo de canonização, de qualquer coleção de Livros Sagrados, é um processo histórico que precisa de séculos para ser completado. As evidências em favor disso são esmagadoras e irrefutáveis. Contudo, podemos assumir vários pontos de vista sobre a *natureza* desse processo.

Alguns liberais supõem que a canonização é apenas uma atividade humana, e que o resultado é apenas uma espécie de seleção de livros

humana, e que o resultado é apenas uma espécie de seleção de livros religiosos. O extremo oposto dessa suposição é a posição dos estudiosos extremamente conservadores, os quais pensam que esse processo histórico foi tão perfeito e exatamente guiado e inspirado pelo Espírito Santo que os livros que, finalmente, foram canonizados, foram precisamente aqueles que o Espírito de Deus queria que fizessem parte do cânon, e que os livros rejeitados foram repelidos não somente pelos homens, mas também pelo Espírito Santo. Em outras palavras, estes últimos não admitem qualquer possibilidade de erro ou de inferioridade na seleção. Entre essas duas opiniões extremas, temos a posição dos muitos eruditos conservadores que supõem que o processo de canonização foi divinamente guiado, embora também tenha havido o concurso decisivo do elemento humano. Para exemplificar, temos o caso da inclusão da epístola de Tiago, um livro especificamente escrito com o propósito de atacar a idéia paulina da justificação pela fé, refletindo, historicamente, o *legalismo cristão* (que vide). Que esse legalismo foi uma realidade, vê-se obviamente no décimo quinto capítulo do livro de Atos. Diversos dos pais da Igreja e dos reformadores protestantes rejeitaram a epístola de Tiago, julgando que a mesma não merecia lugar no cânon neotestamentário, exatamente por essa razão. Alguns também rejeitaram a epístola de Judas, por citar uma obra pseudepígrafa do Antigo Testamento (ver Judas 14, e o comentário no NTI, nesse versículo). Houve oito livros disputados que só foram aceitos no cânon já no século IV D.C.; mas, em algumas porções da Igreja, nem mesmo então. Precisamos reconhecer esse fatos, percebendo que o processo de canonização envolveu grandemente a história e as opiniões humanas sobre o valor dos livros. O Espírito Santo não impulsionou os corações dos homens, de modo a *concordarem completamente*, e *desde o início*, sobre quais livros deveriam ser incluídos no cânon do Novo Testamento. No caso do Antigo Testamento, devemos considerar o problema inteiro dos livros apócrifos, os quais, a começar pelos judeus da dispersão, foram aceitos ou rejeitados, dependendo, essencialmente, apenas de questões geográficas. Essa disputa prolongou-se até aos dias neotestamentários, tendo sido resolvido somente na época da Reforma Protestante (embora de diferentes maneiras). O Espírito Santo nunca reuniu os homens a fim de informá-los acerca do que deveriam fazer com os livros apócrifos. Homens tomaram decisões racionais a respeito deles, e diferentes segmentos da Igreja chegaram a diferentes decisões. Que os livros apócrifos revestem-se de grande valor, especialmente do ponto de vista histórico, é inegável. Mas, seriam suficientemente valiosos e dignos de serem incluídos no cânon? Os católicos romanos dizem «sim»; os protestantes dizem «não»; e os anglicanos hesitaram, antes de chegarem a qualquer decisão.

2. O Salto da Fé

Os livros apócrifos devem ser incluídos no cânon do Antigo Testamento? Indagações como essa não podem ser decididas apenas sobre bases dogmáticas, porquanto, com base em considerações dogmáticas já há preferências doutrinárias a serem levadas em conta. Ninguém pode dizer: «Este ou aquele livro é canônico, pois concorda com minha interpretação de quais doutrinas deveriam ser ensinadas». Se alguém fizer isso, já estará partindo de um pressuposto. Em outras palavras, já sabe de antemão onde quer chegar, dirigindo seus argumentos para esse ponto, desrespeitando qualquer argumentação em contrário. Por isso, o que alguém disser sobre o cânon, terá de depender, *parcialmente*, de um *salto de fé*. Os estudiosos extremamente conservadores dão seu salto de fé na dependência de sua *convicção* de que não pode ter havido erro ou inferioridade envolvidos na seleção canônica final. Esses acreditam que o resultado final do processo foi predestinado de modo absoluto, desde o começo, apesar do fato de que foram necessários séculos para que esse resultado fosse obtido. Por sua vez, os intérpretes liberais em extremo partem, em seu salto de fé, da idéia que o Espírito (se é que o Espírito existe, conforme eles pensam) não estava interessado em tal resultado, e que foram *homens*, usando todo o bom senso de que eram capazes, que fizeram uma seleção razoável de material, provendo-nos uma visão respeitável das origens judaico-cristãs de nossas crenças. Não obstante, esses extremamente liberais lamentam o que pode ter sido deixado de lado, pensando que o material rejeitado poderia fornecer-nos também uma compreensão útil sobre essas questões. Então os extremamente conservadores voltam à carga, injetando em seu princípio de canonização a noção de que os livros, tão exatamente selecionados, não podem envolver qualquer erro, sendo absolutamente autoritário, ou mesmo autoridades absolutas, conforme dizem alguns deles. Mas os extremamente liberais pensam que isso não passa de uma racionalização dogmática, partindo do pressuposto que a seleção feita, apesar de útil, tem seus pontos positivos e negativos, suas verdades e erros, e que, em nenhum sentido pode ser considerada absoluta ou exclusivamente autoritária.

Prezados leitores, sou forçado a dizer essas coisas. Em parte alguma das *próprias Escrituras* encontramos qualquer declação acerca de qualquer seleção canônica final. Os próprios autores sagrados não tinham consciência de que os livros que estavam produzindo algum dia seriam parte de uma coletânea reverenciada como sagrada e canônica. Isso não significa que eles não tinham consciência da inspiração divina de suas obras. Mas isso já é coisa bem diferente da formação de uma coleção de *livros* divinamente inspirados. Somente o autor do Apocalipse, em todo o Novo Testamento, antecipou uma espécie de uso canônico de seu livro (ver Apo. 22:18,19). Mas, ironicamente, foi exatamente esse o livro que exigiu mais tempo para ser aprovado como canônico pela Igreja universal. É uma interpretação descabida aquela que faz o trecho de Apocalipse 22:18,19 aplicar-se à inteireza do Novo Testamento, e não somente àquele *livro profético*, pois trata-se de uma referência específica ao próprio livro de Apocalipse, e não à coletânea inteira que, quando essa declaração joanina foi escrita, nem existia ainda. Portanto, voltamos a dizer que qualquer afirmação a respeito da natureza do cânon é um *dogma* humano, e não uma afirmação feita pela própria Bíblia Sagrada. No entanto, os homens fazem de seus dogmas uma parte necessária do ortodoxia, procurando assustar aos que consideram-se hereges, por não concordarem com eles, acusando-os de manipularem a Palavra de Deus. Naturalmente, o ponto de vista dos liberais *também* constitui o seu dogma, havendo certos fatores da verdade que eles perdem de vista, em seu salto de fé.

3. Buscando uma Posição Intermediária

Usualmente, a verdade sobre as questões debatidas jaz em algum ponto entre suas interpretações exageradas. Não afirmo que isso sempre ocorre, mas tal princípio com freqüência funciona, exigindo de nós a devida atenção. Portanto, quero aplicá-lo aqui:

a. Contra os liberais extremados. Quero salientar que o curso do liberalismo está calcado sobre o *ceticismo* (que vide). Quem é liberal aborda todos os problemas com certa falta de fé. Também sente-se muita insatisfeito com os muitos dogmas que estão mesclados a tantas questões religiosas, e anela por desdogmatizar as coisas. Ele se sente como um cruzado. Mas, idêntico sentimento é compartilhado pelos extremamente conservadores. Assim, há um inebitável choque de radicais. O extremamente liberal observa que o processo de canonização precisou de séculos para completar-se; percebe como vários livros foram disputados; nota como vários segmentos da Igreja chegaram a conclusões diferentes; toma consciência de que algum *bom* material não chegou a fazer parte do cânon; e também sabe que certas obras de Paulo se perderam, e que ele supõe que eram tão boas como aquelas que foram preservadas; e, finalmente, especula que, provavelmente, havia muitos livros úteis, nos dias do Novo Testamento, que deveriam ter sido incluídos no cânon. Ele pode usar o prólogo do evangelho de Lucas, baseando-se num argumento em prol de suas suposições e usando esse prólogo como texto de prova. Ele reúne todos esses fatores e conclui que o que sucedeu foi apenas um processo humano de seleção, e que se o fator divino estivesse envolvido na questão, não teria havido tanta contorção. Como um toque final, o extremamente liberal salienta que certos livros que finalmente entraram no cânon (como a epistola de Tiago), deixaram insatisfeitos alguns dos estudiosos mais conserva-

dores (como Lutero). Sua fórmula está preparada. Segundo ele, o *cânon* foi produzido pela atividade humana, e a própria natureza dessa atividade obtém sucessos e sofre derrotas. Isso não significa que ele não veja valor naquilo que foi produzido. Ali há grandiosas idéias; ali há espiritualidade e instrução; ali há contribuições valiosas à literatura e à história. Deus talvez se mova em meio a tudo aquilo, e isso contribui para o bem. Mas, a última coisa que o extremamente liberal quer ser é culpado de *bibliolatria* (que vide).

Minha Avaliação. Penso que os estudiosos extremamente liberais, apesar de toda a boa intenção que possam ter, nos oferecem pouco demais. O que eles oferecem não é bastante para mim. Em *primeiro lugar,* quero destacar que podemos criar um bom argumento sobre como a vontade de Deus opera no e *através do processo histórico.* Que um processo qualquer precise de muito tempo em nada detrata da orientação divina, dentro desse processo. De fato, a própria inquirição espiritual está intimamente envolvida no processo histórico, sem importar se da Igreja, como uma organização (com base, desde o começo na evolução espiritual judaica), ou se de indivíduos isolados. Todas as coisas de valor precisam de tempo para concretizar-se. Em *segundo lugar,* no tocante aos valores espirituais, não precisamos de perfeição. É como alguém já disse: «Não se joga fora o bebê, juntamente com a água de seu banho». Os liberais, em seu intuito de desdogmatizar as coisas, podem jogar fora o bebê espiritual, juntamente com a água das manipulações humanas. Eles podem aplicar um exagerado ceticismo, deixando-nos ao léu, naquele mar onde o Espírito de Deus não se move. E esse mar é totalmente estéril. Em *terceiro lugar,* é razoável supormos que visto que a literatura é a maneira mais eficaz de comunicação, Deus, ao querer comunicar-se com os homens, poderia ter usado esse método, entre outros. Penso que isso não é esperar demais. De fato, temos essa coleção de trinta e nove livros do Antigo Testamento e vinte e sete livros do Novo Testamento. E, se alguns segmentos da Igreja querem um maior número de livros, que os obtenham. Neles, poderão buscar a comunicação divina; não havendo necessidade de serem livros perfeitos, hermeticamente selados, para transmitirem esse recado. Em *quarto lugar, o* fato de que outras sociedades têm suas coletâneas sagradas, nada diz contra a coletânea judaico cristã. Por enquanto, que outros decidam quanto ao valor que nelas encontram, porque, agora, estamos preocupados somente com o cânon da Bíblia Sagrada.

b. **Contra os conservadores extremados.** — Em *primeiro lugar,* eles ignoram o elemento humano que, inevitavelmente, deve atuar sobre a formação de qualquer coletânea de livros sagrados. Em *segundo lugar,* sempre precisam aplicar sua fé de modo que *não pode* haver qualquer erro, quer na coletânea como um todo, quer em qualquer livro isolado dessa coletânea. Tudo isso faz parte de seu salto de fé, tornando-se um dogma duro como o diamante. É um dogma, porque as Escrituras não contêm tal ensino. Em *terceiro lugar,* mediante um raciocínio *a priori,* eles ignoram quaisquer problemas que encontrem no caminho, porquanto partem de um pressuposto. Em *quarto lugar,* eles equiparam o que chamam de ortodoxia à verdade. Mas as duas coisas nem sempre são a mesma coisa. Ademais, eles preferem sua ortodoxia particular à verdade, mesmo quando as evidências lhes são esmagadoramente contrárias. Isso é brincar com a verdade, e não inquirir pela mesma. Em *quinto lugar,* eles demonstram grande dose de imaturidade em sua maneira de pensar, porquanto não podem tratar das questões espirituais exceto com base em livros presumivelmente perfeitos em todos os aspectos. Lamento ter de usar aqui uma antiga ilustração liberal, mas é que nela há uma certa verdade. Os extremamente conservadores defendem uma teoria que se assemelha a um balão. Se alguém perfurar o balão em qualquer lugar, todo o ar ali contido escapará inevitavelmente. A *verdade,* porém, não se assemelha a um balão, que qualquer indivíduo ou sistema possa perfurar. A verdade nunca sofre coisas desse jaez. Em *sexto lugar,* embora professando-se reverenciadores do Livro Sacro, eles criam um dogma a respeito do mesmo que chega a ter aspectos irracionais. Finalmente, tal como o ceticismo é a maldição do liberalismo, assim também o *espírito contencioso* é a maldição do conservatismo extremado. Este promove campanhas em favor de dogmas sobre as Escrituras, de uma maneira quase belicosa, utilizando-se da palavra «herege» de modo ridículo e contra quem não a merece.

c. **O Meio-Termo.** —Até esse ponto de minha exposição, tenho falado sobre as filosofias que circundam o problema do cânon. Tendo dito o que penso que deve ser dito sobre isso, abordarei o aspecto histórico do processo. Primeiro a filosofia e depois a história. Portanto, quais bases filosóficas sãs devemos utilizar em nosso estudo sobre o canon? Alisto algumas bases filosóficas óbvias: 1. De modo geral, evitemos os dois extremos que acabamos de discutir. 2. Tenhamos a confiança de que Deus falou através da literatura, e que os nossos Antigo e Novo Testamentos representam essa comunicação. 3. Não façamos uma parte necessária da nossa fé que o cânon tem de incluir exatamente aqueles livros que possuímos na Bíblia, e que não pode incluir outros. Estou convicto de que a epístola a Tiago foi escrita para combater idéias de Paulo; mas ali há coisas boas que precisam ser ditas. Tenho ensinado sobre a epístola de Tiago, versículo após versículo, mas nunca deixei de ressaltar que existem considerações históricas que deveriam ser levadas em conta. O judaísmo antigo não desistiu facilmente de seu sistema de mérito através das obras, e essa idéia penetrou no cristianismo primitivo, conforme se vê em Atos 15, e conforme a história eclesiástica subseqüente demonstra amplamente. Portanto, ensino a epístola de Tiago com essas qualificações, e não preciso encontrar uma perfeita harmonia entre todos os livros da Bíblia, para encontrar neles coisas boas e úteis. Se eu tivesse de escolher entre Tiago e Efésios, este último livro ganharia quilômetros à frente. Não é mister contemplarmos o Novo Testamento como se cada um de seus livros tivesse igual valor: há livros mais profundos do que outros. 4. É de bom alvitre respeitar o que os pais da Igreja e os concílios antigos disseram sobre o cânon das Escrituras. O que eles fizeram produziu um bom resultado. No entanto, eles poderiam ter chegado a outras decisões, resultando em um Novo Testamento levemente diferente, sem que isso prejudicasse em nada qualquer questão de fé e práticas cristãs. 5. Acima de tudo, respeitemos a autoridade das Escrituras, mas não dogmatizemos a questão da autoridade (que vide), afirmando que não existem outras autoridades que também deveriam influenciar naquilo em que cremos e praticamos. 6. Finalmente, em todas as coisas, apliquemos a lei do amor naquilo que dizemos e naquilo que fazemos. Palavras ásperas originam-se no ódio; e é um erro ferir a outrem em defesa de pontos de vista teológicos.

4. Breve Declaração do Processo Histórico do Cânon do Antigo Testamento

a. A *Lei.* A piedade judaica supunha que Moisés era autor dos livros da lei, com a exceção única de algumas poucas passagens; e também julgava que, desde o começo, seus escritos foram respeitados como comunicações divinas. Isso nos daria uma data bem remota para a canonização da lei, isto é, cerca de 1500 A.C. Os eruditos liberais pensam que não houve qualquer processo real de canonização senão quando foi reencontrado —o Livro de Deuteronômio— no templo de Jerusalém, que aconteceu durante a reforma encabeçada por Josias, em 621 A.C. Esse livro ter-se-ia tornado o texto base das reformas, e, subseqüentemente, o núcleo da lei judaica, de Gênesis a Deuteronômio, que atingiu seu total desenvolvimento no começo do século IV A.C. Foi por essa altura que essa coletânea foi considerada a plena expressão da vontade divina. Quando examinamos os livros do Pentateuco, no tocante à sua autoria, observamos que o livro de Gênesis, que aborda ocorrências anteriores a Moisés, não traz qualquer informação sobre seu autor. Mas os incidentes historiados em Gênesis exibem um conhecimento de causa muito grande, devendo estar baseado em documentos escritos e cuidadosamente preparados. Portanto, embora esse livro possa ter sido escrito por Moisés, pode ter sido muito mais uma compilação de obras escritas anteriormente. Os demais livros do Pent. também não mostram qualquer indicação quanto ao seu autor, mas a principal personagem e autoridade é Moisés. Por mais de setenta e

cinco vezes, somente no livro de Êxodo, é dito que «disse o Senhor a Moisés», o que mostra a consciência de que esses documentos estão alicerçados sobre a vontade revelada de Deus, sem importar quem tenha registrado em forma escrita as suas palavras. Além disso, foi Deus quem revelou essa vontade a Moisés. E o mesmo modo de expressão prossegue nos demais livros do Pentateuco. Poderíamos perguntar, com toda a razão, se foi Moisés quem escreveu diretamente esses livros, por qual motivo não se lê ali: «disse-me o Senhor», — em **vez de «disse** o Senhor a Moisés»? Certamente os profetas escreveram na primeira pessoa do singular. Não obstante, duas coisas devem ser ditas por esta altura: 1. A *canonicidade* não depende do autor envolvido; depende de quão digno de confiança é o registro e o propósito espirituais. 2. Mesmo que Moisés não tenha escrito esses livros, na forma como eles se acham, eles se parecem com narrativas de alguma testemunha ocular da vida e da época de Moisés. Se esses livros refletem uma revelação espiritual genuína, sobre os tempos de Moisés, é totalmente imaterial se Moisés agiu como autor, compilador ou recebedor da mensagem, ou se isso foi feito por algum outro autor. A questão da autoria, com os devidos detalhes, é abordada nos artigos sobre cada livro em particular; é ali que o leitor poderá encontrar os argumentos acerca da questão.

O resto do Antigo Testamento, bem como o Novo Testamento, consideram que o Pentateuco teve Moisés como autor. Moisés é mencionado por cinqüenta e seis vezes no livro de Josué, e sua lei escrita é ali referida por quatro vezes, segundo se vê em Jos. 1:7; 8:31,32 e 23:6. Essas alusões quase certamente garantem que o próprio Moisés escreveu ao menos o núcleo do que se encontra no Pentateuco, e que, pelo menos, ele foi o compilador de certas porções, e escritor original de outras porções. Expressões similares encontram-se em Juí. 3:4; I Reis 2:3; 8:9; II Reis 18:6. Naturalmente, em livros posteriores, como os de Crônicas, Esdras e Neemias, é simplesmente declarado que Moisés escreveu a lei. Ver Nee. 9:14; Esd. 7:6,14, etc. *o* trecho de João 5:46 registra que Jesus meramente declarou que Moisés escreveu a Seu respeito, e isso reflete a comum tradição, da época de Jesus, de que Moisés foi o autor do Pentateuco. Ver abaixo as referências neotestamentárias sobre essa questão.

A questão da autoria mosaica do Pentateuco é importante por ter sido ele uma grande e bem reconhecida figura espiritual, pelo que, o que ele escreveu, deve ser respeitado como divinamente inspirado. É nesse ponto que encontramos a primeira comprovação de canonicidade. Porém, essa verdade em nada se alteraria, ainda que alguma outra pessoa ou pessoas tivessem escrito o material, incorporando as experiências e revelações feitas a Moisés.

b. *Os Profetas, os Anteriores e os Posteriores.* As evidências históricas demonstram que os profetas anteriores, como Josué, Juizes, Samuel e Reis, bem como os profetas posteriores, como Isaias, Jeremias, Ezequiel e os doze profetas menores, eram considerados Escritores Sagrados pelo menos desde 250 a 175 A.C. Naturalmente, os eruditos conservadores supõem que os escritos dos profetas, desde perto da data de escrita de cada um deles, foram reconhecidos como mensagens espirituais, como se desde quase imediatamente tivessem recebido uma posição canônica. O raciocínio *a priori,* por detrás dessa suposição, é que um profeta distinguia-se de tal modo que os seus escritos não demoravam a assumir uma função autoritária. — Os eruditos liberais, por sua parte, supõem que os livros dos profetas não foram aceitos prontamente por causa da mensagem geralmente negativa, e porque havia resistência a qualquer coisa, excetuando a autoridade de Moisés. Historicamente, não contamos, praticamente, com qualquer evidência sobre a qual podemos basear discussões a esse respeito. Mas a experiência humana mostra que uma figura profética sempre é impressionante, e que ela logo consegue um bom grupo de seguidores. Além disso, um profeta sofre oposição daqueles que preferem *o status quo.* Portanto, se a experiência nos serve de guia sobre a questão, então podemos afirmar que, desde o começo, os profetas do Antigo Testamento tinham seguidores que os aceitavam como autoridades espirituais, ao passo que o *clero* de sua própria geração, mui provavelmente não deu valor aos escritos deles. No caso do Novo Testamento, sabemos que, desde o começo, várias das epistolas de Paulo tiveram uma virtual autoridade canônica, e que, no começo do segundo século D.C., havia um pequeno Novo Testamento, em nada considerado inferior ao Antigo Testamento. No caso de Maomé, para ilustrar o ponto, em seu próprio período de vida, seus escritos já eram considerados autoritários, pelos discípulos por ele reunidos. Não há nenhuma razão suficiente para supormos que outro tanto não sucedeu aos profetas do Antigo Testamento. Pelo menos, é verdade que suas mensagens foram transmitidas como inspiradas por Deus. Há numerosas referências como «disse o Senhor», ou como «Eis que ponho na tua boca as minhas palavras» (Jer. 1:5-9). Também existem visões extáticas como as de Isaias (6:6-9), ou as de Ezequiel (3:3,4), um fenômeno comum entre os profetas, evidenciando que a tradição profética operava desde o começo.

c. *Os Escritos.* Essa é a terceira porção do cânon hebraico, constituída por certa variedade de livros. Esses livros são os Salmos, Provérbios, Jó e os cinco rolos: Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester, cada um dos quais era lido em uma das cinco grandes festas, da páscoa à festa de Purim. Além desses, há os livros de Daniel, Esdras, Neemias, Crônicas e Eclesiastes. Dentre esses livros todos, o Cântico dos Cânticos e o Eclesiastes foram os últimos a serem aceitos como canônicos. As datas marcadas pelos estudiosos liberais ficam entre 160 e 105 A.C.

Também havia livros disputados do Antigo Testamento, o que é discutido, com a ajuda de um gráfico, no quinto ponto. Os liberais argumentam que nenhum passo consciente foi dado com vistas à formação de uma terceira divisão, até que se encerrou a segunda divisão (os profetas). Uma vez fechado o cânon, as pessoas relutariam em reabrir suas mentes à possibilidade do aparecimento de outras Escrituras. A ordem dos livros em questão é salientada como prova disso. Esdras, Neemias e Crônicas, se tivessem sido aceitos desde o começo, conforme prossegue esse raciocínio, teriam sido colocados juntamente com outros livros históricos. Antes, ficaram juntos, e isso mostra que, como uma espécie de unidade, eles apareceram posteriormente. Entretanto, não sabemos as razões da ordem dos livros do Antigo Testamento, uma vez que a cronologia histórica foi perturbada por eles, a menos que o prestigio pessoal dos autores tenha exercido algum efeito sobre esse arranjo. Alguns eruditos têm argumentado que a tradução desses livros, do hebraico para o grego, uma tradução de qualidade inferior à tradução dos livros anteriores, mostra-nos que eles eram considerados menos dignos de respeito. Porém, é possível que esses livros apenas tenham sido entregues a tradutores menos habilidosos. A maneira vaga como esse grupo de livros é referido no livro de Eclesiástico, «o resto dos livros», presumivelmente diz-nos que eles tinham menor prestigio. Contudo, isso não é mais vago do que as referências gerais que dizem «a lei e os profetas», por exemplo. É possível que Josefo tenha refletido uma antiga opinião, ao informar-nos que o cânon foi essencialmente fechado nos dias de Artaxerxes (465-425 A.C.), e que «desde aquele tempo, nenhuma alma aventurou-se a alterar uma sílaba». Ver *Contra Apionem* I.8. No mesmo contexto, Josefo menciona que alguns livros merecem menos confiança do que outros, e que a sucessão dos profetas não foi fixada com exatidão. Isso permite-nos ver que havia dúvidas e livros disputados, embora o sentido exato dessa citação seja incerto. Se pudermos tomar como padrão aquilo que sucedeu aos livros do Novo Testamento, então podemos asseverar que, excetuando o caso dos livros disputados, o poder de algum líder espiritual ou profeta já servia de garantia de que, pouco depois de seu tempo (quando a oposição à sua pessoa, por parte das autoridades religiosas, que procuravam manter o *status quo,* já havia passado), os seus escritos eram considerados autoritários.

Em certos sentidos, a discussão em nada redunda. Eu gostaria de salientar que os argumentos pró e contra não são tudo quanto importa. Os escritos que encerram alguma mensagem espiritual para nós, podem ser rejeitados e desprezados sem qualquer motivo real. Assim, Jesus e a sua mensagem foram francamente rejeitados pela maioria

dos judeus de sua época. Isso é um fato histórico. As autoridades eclesiásticas anelavam por declarar que os escritos a seu respeito não tinham qualquer valor. Todavia, isso não correspondia à realidade do caso. Por conseguinte, um profeta do Antigo Testamento e a sua mensagem podem ter sido rejeitados injustamente. A data ou antiguidade não é a única consideração que se deve levar em conta aqui. De fato, o poder e a utilidade da própria mensagem são mais importantes do que a data em que uma mensagem passou a ser aceita. Não obstante, o peso da evidência, bem como a razão, parecem favorecer a aceitação do Antigo Testamento desde os primeiros tempos, em todas as suas divisões, excetuando os livros disputados. Nosso principal problema com os Escritos Sagrados é o seu *valor intrínseco,* e não a época em que os homens resolveram aceitá-los.

5. Os Livros Disputados. Evidências Colhidas nos Catálogos Cristãos

A citação extraída acima, dos escritos de Josefo, mostra que, no tempo de Artaxerxes (465-425 A.C.), na época de Esdras, havia livros disputados do Antigo Testamento, e as pessoas não sabiam onde traçar a linha divisória no tocante à tradição profética autêntica. Com a tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, e com a inclusão dos livros apócrifos naquela obra (285-246 A.C.), outros livros duvidosos foram acrescentados à lista. Os livros que eram respeitados, embora não reputados tão valiosos quanto outros, eram Lamentações, Baruque, Ester, Eclesiástico, Sabedoria, Tobias, Judite e I e II Macabeus. Naturalmente, as dúvidas incluíam outros livros, em menor grau, e a outros livros apócrifos, em grau maior. Se excluírmos os livros apócrifos, os livros de Cantares e Eclesiastes foram os que permaneceram na dúvida por mais tempo. Mesmo após o sínodo de Jamnia, no ano 90 D.C., alguns rabinos não queriam aceitar o livro de Ester como parte das Escrituras Sagradas, talvez porque ali não é mencionado o nome de Deus nem uma vez sequer.

Ver o **gráfico ilustrativo** sob ponto 12 que ilustra este problema.

6. Os Livros Apócrifos

O cânon palestino e o cânon alexandrino. Existiam, realmente, estes dois cânones do A.T. nos tempos helenistas? Alguns eruditos negam, absolutamente, que isto seja a verdade. A argumentação deles se baseia essencialmente sobre a falta de qualquer indicação clara sobre dois cânones diferentes, em citações de pessoas daquele tempo, ou depois. Contra isto, devemos observar que a própria existência da *Septuaginta,* com seus livros extras, é prova absoluta de um cânon além daquele da Bíblia hebraica da Palestina.

O Antigo Testamento foi traduzido para o grego no reinado de Ptolomeu Filadelfo (285-246 A.C.). Ver o artigo sobre a *Septuaginta, ou* LXX, quanto a detalhes mais completos a respeito. Essa obra continha os catorze livros apócrifos do Antigo Testamento; mas, pelo menos para os judeus da dispersão, esses livros eram considerados Escrituras Sagradas. Quase a coleção inteira, através da decisão do Concílio de Trento (que vide), ao tempo da Reforma **Protestante, foi adotada pela Igreja Católica Romana, ao passo que o cânon protestante manteve-**se idêntico ao cânon palestino (ou hebraico), que consiste nos nossos trinta e nove livros do Antigo Testamento, posto que arrumados de maneira um tanto diferente. Torna-se óbvio, pois, que, nos tempos de Jesus, havia um cânon mais amplo, aceito por muitos, que ultrapassava aos nossos trinta e nove livros veterotestamentários. Ver o artigo geral sobre *os Livros Apócrifos,* quanto a detalhes sobre a questão, bem como quanto a uma descrição sobre a natureza dessa obra. O segundo ponto desse artigo ilustra o uso dos livros apócrifos no Novo Testamento. O terceiro ponto encerra uma discussão sobre o *cânon,* no que tange a essa obra.

7. O Cânon do Antigo Testamento no Novo Testamento

As muitas citações do Antigo Testamento no Novo, mostram a estatura canônica daquela coletânea, nas mentes daqueles que escreveram o Novo Testamento. Há um artigo separado, intitulado *Citações no Novo Testamento,* —que ilustra amplamente a questão. Vários livros do antigo pacto, a saber, Ester, Eclesiastes, Cantares de Salomão, Esdras, Neemias, Obadias, Naum e Sofonias não são citados diretamente no Novo Testamento; mas é provável que isso apenas ilustre a questão da seleção de passagens a serem usadas, nada significando contra a posição canônica dos livros assim omitidos. O termo «Escrituras» é freqüentemente usado no Novo Testamento, apontando para o Antigo Testamento. Ver Mat. 26:54; João 5:39; Atos 17:2. Além disso, temos II Tim. 3:16 que reivindica inspiração divina para esses livros; e também II Ped. 1:21 reflete isso. Jesus referiu-se à *lei* e ao fato de que Moisés escreveu a Seu respeito. Aludiu aos *profetas,* como quem escrevera acerca dele. De fato, começando por Moisés, passou por todos os profetas, encontrando referências que prediziam o seu ministério (Luc. 25:27). O trecho de Lucas 24:44 conta que quando os discípulos relataram o diálogo que tinham tido com Jesus, a caminho da aldeia de Emaús, eles incluíram Moisés, os Salmos e os Profetas como aquelas porções bíblicas que Jesus usara para mostrar-lhes o que fora previsto sobre sua pessoa. Admite-se universalmente que o cânon de trinta e nove livros do Antigo Testamento hebraico era universalmente aceito nos dias do Novo Testamento. As únicas exceções a essa aceitação eram os saduceus, os quais, provavelmente, aceitavam somente Moisés (a lei), e os céticos, que nem ao menos se deixavam impressionar pela autoridade de Moisés. Em caso contrário, por qual razão negavam até mesmo a existência dos anjos, seres comumente mencionados no Pentateuco? Ver Gên. 16:7,9,10; 19:1; Êxo. 3:2; 14:19; Núm. 20:16; 22:22, o que é apenas uma seleção representativa de referências aos anjos no Pentateuco. O trecho de Atos 23:8 revela-nos o que os saduceus criam quanto a certos particulares, mostrando o quão céticos eles eram. É difícil perceber como eles poderiam ter usado os Salmos e os Profetas como livros canônicos, incluindo os ensinos dos mesmos em suas doutrinas.

Os cânones dos dias de Jesus. É evidente, pois, que nos dias de Jesus, havia três cânones: 1. O cânon dos judeus palestinos, de tendências farisaicas, seguidos pelas massas populares: os tradicionais trinta e nove livros do Antigo Testamento hebraico. 2. O cânon da Septuaginta (chamado «alexandrino»), que incluía os livros apócrifos, aceito pelos judeus da dispersão, isto é, judeus que falavam o grego. 3. O cânon abreviado dos saduceus (a cujo partido pertenciam muitas autoridades judaicas, que dominavam a política da nação), que incluía somente o Pentateuco, com exclusão de todos os demais livros do Antigo Testamento.

Levanta-se, portanto, a indagação: os cristãos primitivos aceitavam o cânon ampliado da Septuaginta? Ver o oitavo ponto, abaixo.

8. Os Livros Apócrifos e os Cristãos Primitivos

Quando era estudante em seminário teológico, foi-me ensinado que o Novo Testamento nunca cita dos livros apócrifos do Antigo Testamento. Porém, quando escrevi *o Novo Testamento Interpretado,* e tive de repassar versículo após versículo, através de todos os capítulos do Novo Testamento, fiquei surpreso ao descobrir as muitas vezes em que ali há reverberações verbais ou mesmo citações diretas dos livros apócrifos. Visto que se sabe de modo absoluto que os escritores do Novo Testamento, como um todo, usavam a versão Septuaginta em suas citações, esse fato deixa de ser surpreendente. Se alguém não aceita os livros apócrifos do Antigo Testamento como canônicos, também inclina-se a afirmar que os escritores do Novo Testamento, igualmente, não aceitavam esses livros como inspirados. É possível que alguns dos autores do Novo Testamento tivessem os livros apócrifos em menor estima, e, de fato, eles merecem menor estima. Mas o uso que deles se faz, no Novo Testamento, quase certamente indica que os autores sagrados do Novo Testamento os respeitavam, considerando-os Escrituras. As poucas vezes, falando relativamente, em que são citados, pode indicar que eram menos favorecidos, sendo provável que o prestígio desses livros variasse de indivíduo para indivíduo, pelo que não podemos fazer qualquer declaração geral sobre essa questão, sem a devida qualificação. Também reconhecemos que os escritores do Novo Testamento citaram livros históricos e poetas seculares; e

isso não faz desses livros obras inspiradas. Porém, fica de pé o fato de que os escritores do Novo Testamento citaram dos livros apócrifos. Ver o artigo sobre os *Livros Apócrifos*, segundo ponto, quanto a ilustrações de citações dessas obras, nas páginas do Novo Testamento.

9. Citações dos Livros Apócrifos do Antigo Testamento pelos Primeiros Pais da Igreja

Ver o *gráfico* sob ponto 12 que ilustra esta informação.

Também tem sido erroneamente afirmado que os primeiros pais da Igreja não citaram os livros apócrifos como Escritura. Porém, as evidências rebatem essa afirmação. Como é óbvio, a questão era debatida, e o prestigio desses livros variava de pessoa para pessoa. Alguns (como Jerônimo) rejeitavam-nos abertamente; mas outros os aceitavam. Alguns estudiosos recentes negam que houve um cânon alexandrino (dos judeus da dispersão), presumindo que até mesmo os judeus que viviam fora da Palestina aceitavam o cânon palestino em hebraico. Mas, as citações existentes no Novo Testamento e nos escritos dos pais da Igreja, refletindo a Septuaginta, mostram que tal assertiva não concorda com os fatos. O dogma mostra-se tão renitente, quanto a essa questão que, a fim dos homens livrarem-se dos livros apócrifos, alguns chegam a afirmar que a Septuaginta, em seu estado primitivo, não continha esses livros, que só mais tarde teriam sido adicionados. Mas, mesmo que isso fosse verdade, finalmente a Septuaginta chegou a incluir os livros apócrifos, e, na época de Jesus, eles se encontravam ali, sendo aceitos como parte integrante das Escrituras, o que é demonstrado pelo fato de que os escritores do Novo Testamento não titubearam em citá-los. Ver uma discussão sobre as datas dos livros apócrifos, o que dá alguma idéia acerca de quando esses livros começaram a penetrar no cânon usado pelos judeus da dispersão. Naturalmente, pode-se demonstrar facilmente que vários dos pais da Igreja desprezaram ou mesmo rejeitaram os livros apócrifos. Além de Jerônimo, podemos mencionar Tertuliano e Orígenes. Mas meu gráfico, que vem abaixo, mostra que eles também citaram os livros apócrifos. Até mesmo os conservadores mais radicais admitem que esses pais citaram esses livros *de vez em quando*, e que a questão inteira está eivada de dúvidas, devido à ausência de evidências mais sólidas e definitivas. Quando imperam tais condições, os homens sempre procuram distorcer as evidências em apoio àquilo em que querem acreditar, ignorando as evidências em contrário. Uma vez mais, cumpre-me afirmar que a questão do cânon pode ser melhor examinada sob o ponto de vista do *valor intrínseco* de cada livro, e, apenas secundariamente, com base em datas e aceitação histórica. Seguindo-se o correto padrão, penso que é evidente que os livros apócrifos (como um todo), não merecem a mesma aceitação que os tradicionais trinta e nove livros canônicos do Antigo Testamento hebraico têm alcançado.

É possível que a Igreja Anglicana tenha tomado a posição correta sobre a questão, ao afirmar que esses livros canônicos são bons para servir de exemplo à vida e para instruir sobre as maneiras, mas não servem de base para nossas doutrinas. A isso podemos acrescentar a grande valia histórica de alguns dos livros apócrifos, que iluminam o período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamentos.

10. Os Pseudepígrafos

Os pseudepígrafos do Antigo Testamento são livros ainda menos conhecidos que os livros apócrifos. Ver o artigo separado sobre *Pseudepígrafe*. Na realidade, o Novo Testamento também cita esses livros, e o esquema profético geral, conforme pode ser visto no livro canônico do Novo Testamento, o Apocalipse, muito deve a eles. Porém, dificilmente alguém ouve uma declaração como essa, na grande maioria dos seminários teológicos. A ignorância sobre esses livros, entre os evangélicos, é profunda.

11. Cronologia de Literatura

Desenvolvimento dos Livros Apócrifos e Hagiógrafos

A.C.	*Eventos Históricos*	*História e Lenda*	*Apocalipse*	*Sermão e Ensaio*	*Sabedoria*	*Salmos*
		Aikar (?)				
250	Palestina sob Ptolomeus (Egito)	Tobias, 220 AC?				
		Adições a Ester. c. 181-145 AC				
200	Palestina sob Selêucidas (Síria), 198					
	Antíoco IV contamina o templo, 167: Judas Macabeu o purifica, 164 AC.				Sabedoria de Jesus Ben Siraque (Eclesiástico), 180 AC.	
		Judire, 180-100		Testamento 12 Patriarcas		
				I Baruque, 150 AC.		
150	Dinastia Hasmoneana	I Esdras, antes de 100 AC.	I Enoque, 183-80 AC.	Manual de Disciplina, 100 AC?		Cântico dos Três Jovens
		I Macabeus, 105-65 AC.?	Guerra Filhos da Luz e Trevas	Fragmentos Sadoquitas		Salmos da Seita de Qmram
63	Pompeu conquista Jerusalém, 63 AC.	II Macabeus, 100 AC 70 DC?		Oráculos Sibilinos III		
		Susana. 80-50 AC		Epístola Jeremias		
50		Bel e o Dragão, 80-50 AC.		Carta de Aristéias		
				Comentário sobre Habacuque 1.2		Salmos de Salomão
	Herodes, O Grande. 40 AC	Vidas dos Profetas		IV Macabeus, 50 AC - 70 DC.	Sabedoria de Salomão 50 AC-10 DC	
		III Macabeus, 50 AC-50 DC,	Assunção de Moisés, 4 AC-28 DC.			
DC						
1	Judéia sob procuradores romanos	Martírio de Isaías				Oração de Manassés
		Crônica de Jeremias				
					Ditos dos Pais / Pirke Abth, 10/100 DC?/	
		Vida de Adão e Eva / Apo. de Moisés/	II Baruque / Baruque siríaco/			
66	Começa a guerra judaica, 66 DC		II Enoque / Enoque eslavônico ou Segredos de Enoque/			
	Queda de Jerusalém, 70 DC		II Esdras, 88-117 DC.			
100			Apocalipse de Abraão			
			III Baruque /Baruque grego/			

N.B. A lista envolve somente os *livros disputados.* **12. Catálogos Cristãos do Antigo Testamento; Livros Disputados**

CHAVE:
* indica que o livro é expressamente reputado *Escritura Sagrada*
\+ indica que ocupa segunda categoria
? indica que o livro é duvidoso
um espaço em branco marca o silêncio do autor sobre o livro em pauta

	Lam.	*Bar.*	*Est.*	*Ecl.*	*Sab.*	*Tob.*	*Jud.*	*I.II Mac.*	
I. *Catálogos Conciliares*									
Laodicéia 363 D.C.	*	*	*						
Cartago 397 (?)		*	*	*	*	*	*		Cânon lix
Cânones Apostólicos			*	+		*	?	*	III. Cânon xxxix (al. 47)
II *Catálogos Privados*								*	lxxvi (al. 85)
a. *Escritos gregos*									
Melito c. 160 (180)									
Orígenes c. 183-253	*	?	*						Apo. Euséb. H. e. iv. 26
Atanásio 296-373	*	*	+	+	+	+	+	+	Apo. Euséb. H.E. vi. 25
Cirilo Jer. 315-386	*	*	*						Ep. Fest. i.767. ed. Ben.
Sinópse S. Escrituras			+	+	+	+	+		Cat. iv.35
Nicéforo, Esticomet.		*	+	+	+	+	+		Credner, Zur Gresch. des Kan. 127 s.
Gregório Naz. 300-391								+	Credner. a.a. O. pág 117 ss.
Anfilóquio c. 380			?						Carm. xii. 31, ed. Par. 1840
Epifânico c. 303-403			*	+					Anf. ed. Combef. pág. 132
Leôncio c. 590									De Mensuris, pág. 162, ed. Petav.
João Damasceno c. 750			*	+	+				De sectis, a. ii (Gal. xii:625 ss)
Nicéforo Cal. c. 1330			?			?	?		De Fide orthod. iv. 17
Cód. Gr. Séc. X			+	+	+	+	+		Hody. pág. 648
b. *Escrits. latinos*									Montfaucon, Bib. Coislin, p. 193 ss
Hilário c. 370	*	?	*			?	?		
Jerônimo 329-420	*		*	+	+	+	+		Pról. in Sal. 15
Rufino c. 380			*		+	+	+	+	Pról. Galea. ix; p. 547 ss, Migna
Agostinho 355-430			*	*	*	*	*	+	Expos. Symb., pág. 37 s.
Cassiodoro c. 570			*	*	*	*	*	*	de Doctr. Christ. ii. 8
Isidoro c. 696	*		*	*	*	*	*	*	De Inst. Div. Litt. xiv
Sacram. Gálicos			*			*	*	*	de Orig. vi. 1
Cod. Clarom. sec. VII			*	*	*	*	*	*	Hody, pág. 654
								*	Ed. Tisch., pág. 468 ss

Bibliografia: CH GS HEN HRC ID J UN Z

CANTARES DE SALOMÃO

Ver **Salomão, Cantares de**

CÂNTARO

Heb. **kad,** usada catorze vezes com esse sentido: Gên. 25:14-28,43,45,46; Juí. 7:16,19,20; Ecl. 12:6. No N.T., gr. *kerámion:* Mar. 14:3 e Luc. 22:10.

A palavra hebraica deriva-se de uma raiz que significa "aprofundar", relacionada ao costume de puxar água de poços, por meio de cântaros, um costume prevalente até hoje nos países do Oriente. O cântaro geralmente tinha duas asas, uma de cada lado. Odres feitos com peles de animais eram usados com idêntico propósito. Ver Gên. 24:14-16 quanto à narrativa sobre Rebeca, e como ela foi escolhida para ser a esposa de Isaque. A narrativa envolve o uso de cântaros. A força de ataque, escolhida por Gideão, escondeu tochas dentro de cântaros, até o momento exato do ataque (Juí. 7:16-20). Puxar água de um poço era um trabalho árduo, como também era penoso transportar água dos poços até às residências. Geralmente os cântaros eram levados aos ombros ou na cabeça. Em Lamentações 4:2 é empregada uma outra palavra hebraica, *nebel,* mas que a nossa versão portuguesa prefere traduzir por «objetos de barro», em vez de dar a tradução mais certa, «jarra». Nos trechos de Marcos 14:13 e Lucas 22:10 é usado o termo grego *kerámion,* de onde provém nossa moderna palavra portuguesa «cerâmica». Portanto temos nessas duas passagens uma alusão a cântaros de barro.

Usos Figurados. O trecho de Eclesiastes 12:6 usa a figura de um cântaro partido para indicar a cessação da vida física. Ali também encontramos o rompimento do fio de prata, que indica a mesma coisa. Ver o artigo sobre o *Fio de Prata.* Em Lam. 4:2, vasos de barro são contrastados com vasos de ouro: o ouro indica o real valor dos filhos de Sião, em contraste com a avaliação dos homens acerca deles, que fazia dos israelitas apenas vasos de barro. Os vasos de barro aludem à fragilidade do homem, sempre sujeito a danos e à morte. O nono capitulo da epistola aos Romanos tem a imagem do oleiro e seus vasos, ilustrando a soberania de Deus.

CÂNTICOS DOS CÂNTICOS

Ver **Salomão, Cantares de**

CÂNTICOS DOS DEGRAUS

Ver sobre **Instrumentos Musicais.**

CÂNTICOS DOS TRÊS JOVENS

Uma das adições gregas ao livro de Daniel. Em grego, o titulo dessa adição é *Ymnos tõn triõn paídon,* «Hino das três crianças».

Juntamente com a chamada Oração de Azarias, esse acréscimo não é propriamente um apêndice, mas uma inserção suplementar, entre Daniel 3:23 e 3:24, segundo a Septuaginta. Esses dois blocos de material acrescido, vinculados por uma curta ponte narrativa, formam um livro separado das obras apócrifas. Mas, na Vulgata Latina (tal como na Septuaginta), esse material encontra-se no terceiro capítulo do livro canônico de Daniel.

Após a chamada oração de Azarias, o editor observa que o fogo dentro do qual os três jovens haviam sido lançados continuou a ser atiçado, tornando-se tão intenso que queimou aqueles que estavam próximos da fornalha, mas que o anjo do Senhor veio proteger os três jovens (vs. 23-27). Alguns estudiosos, todavia, perguntam se essa porção da narrativa não faria parte do texto massorético. Em seguida, é dito sobre os três jovens que eles cantaram «como que a uma boca», em uma grandiosa doxologia.

Esse hino de louvor, após uma secção introdutória (vs. 29-34), gira em torno das palavras reiteradas «Bendizei ao Senhor», seguidas pelo refrão «cantai-lhe louvores, e exaltai-o para sempre», o qual ocorre em um padrão idêntico por trinta e duas vezes em sucessão (excetuando uma leve variação no vs. 52). Isso faz-nos lembrar de um ritmo litúrgico em Salmos 136, onde o refrão reiterado é «porque a sua misericórdia dura para sempre». A idéia de que todas as várias obras do Senhor devem bendizê-lo ou louvá-lo bem pode ter-se derivado da mesma idéia, no Salmo 148. O Cântico dos Três Jovens encontrou lugar permanente na liturgia da cristandade, tendo sido também incluído no Livro de Oração Comum, onde aparece no Culto Matutino como alternativa do *Te Deum.*

No Cântico (vs. 66), há referência aos nomes dos três jovens israelitas, os quais louvaram ao Senhor por haverem sido libertados de morrerem na fornalha ardente. Todavia, é provável que esse versículo tenha sido uma adição feita pelo editor, o qual foi responsável pela inserção desse material no terceiro capitulo do livro canônico de Daniel. Esse jubiloso louvor do Cântico faz notável contraste com a oração penitencial que o antecede, pelo que qualquer conexão essencial entre esses dois blocos de material parece fora de cogitação. O Cântico, tal como a Oração, foi composto independentemente, ou seja, sem qualquer vinculação com a narrativa de Daniel propriamente dita, parecendo derivar-se mais de uma época em que o povo de Israel sentia-se muito grato diante das bênçãos divinas que cumulavam a sua nação. Por essa razão, alguns eruditos têm sugerido o período da restauração dos Macabeus, embora isso não passe de mera sugestão. Se a data da composição do Cântico dos Três Jovens é desconhecida, igualmente ninguém sabe dizer quem foi o seu autor, embora não seja improvável que esse autor desconhecido tenha escrito a peça, originalmente, em hebraico.

O Cântico dos Três Jovens, antecedido pela oração de Azarias, é disponível como uma entidade separada, na coleção das obras apócrifas. O texto grego (a Septuaginta e a recensão de Teodócio concordam bem de perto um com o outro) aparece na edição comum da Septuaginta, como porção integrante do terceiro capítulo do livro de Daniel, mas também como uma das odes coligidas (edit. Alfred Rahlfs, vol. II) e que geralmente aparecem como apêndices do livro de Salmos. A Igreja Católica Romana aceita o Cântico dos Três Jovens como uma porção canônica do terceiro capítulo do livro de Daniel. Ver sobre *Azarias, oração de.*

CÃO, FILHO DE NOÉ

Este artigo refere-se ao filho mais novo de Noé, aos seus descendentes e a uma cidade.

1. *Cão, Filho de Noé.* No hebraico, seu nome, *ham,* significa «queimado», «moreno». Era o mais jovem dos três filhos de Noé (Gên. 5:32). Já era casado na época do dilúvio. Juntamente com sua esposa, foi salvo da destruição, na arca. Terminado o dilúvio, provocou a ira de seu pai por um ato de indecência, tendo sido castigado por meio de uma predição de longo alcance (Gên. 9:21 ss). Segundo essa profecia, os descendentes de Cão seriam escravos dos descendentes de seus dois irmãos. A Bíblia atribui todos os povos atualmente existentes no mundo a esses três irmãos. Na tabela das nações, em Gên. 10:6-10 Cão é apresentado como o antepassado dos egípcios e dos povos sob o controle egípcio, no nordeste da África, além de certas porções da Arábia e a terra de Canaã, com a exceção de Ninrode. Por causa da conexão entre o nome de Cão e a África, alguns intérpretes têm pensado que o comércio escravagista, que envolveu os africanos já nos tempos modernos, além do fato de que os povos negros têm sido, de modo geral, subservientes a outros povos, resultam da maldição lançada contra Canaã, descendente de Cão. Outros estudiosos não podem ver nenhum sentido nisso. Os intérpretes liberais supõem que a tabela das nações, no livro de Gênesis, não passa de uma criação da imaginação piedosa dos homens, sem qualquer base na antropologia científica.

O adjetivo «camita» é usado pelos estudiosos modernos para referir-se a um grupo de idiomas, entre os quais destaca-se o egípcio. Segundo a moderna classificação antropológica, não há nenhuma raça reconhecida como camita. Mas isso é compreensível, porque os antropólogos não partem da Bíblia, e, sim, de certas distinções mais ou menos artificiais, como cor da pele, tipo de cabelo, etc. Lembremo-nos que os três filhos de Noé eram irmãos. E as variações raciais que encontramos atualmente dependem mais de certas características que se vão acentuando, devido à seleção natural e o isolamento em que os povos viveram durante milênios. Só na nossa época de transporte rápido e fácil, quando os povos podem miscigenar-se mais prontamente, esse isolamento está desaparecendo.

2. A palavra *Cão* também é usada para indicar os descendentes do homem desse nome (ver o primeiro ponto, acima) (I Crô. 4:40; Sal. 78:51; 105:23,27; 106:22).

3. Nome de uma cidade cujos habitantes, os zuzins, foram feridos por Quedorlaomer, na época de Abraão. Em nossa versão portuguesa, o nome dessa cidade aparece como «Hã» (Gên. 14:5).

CAPA BABILÔNICA

A capa que Acã furtou, por ocasião da destruição de Jericó (ver Jos. 7:21), segundo Josefo nos informa, era um manto real tecido com fios de ouro. Contudo não dispomos de qualquer descrição histórica exata a seu respeito. Provavelmente, era feita de tecido bordado, no que os babilônios eram famosos (ver Plínio VIII.7). A obra hebraica, Bereshith Rabba, sec. 85, fol. 75.2 diz que se tratava de uma capa púrpura, mas seu autor estava apenas conjecturando, tal como outros que comentaram sobre a questão. Seja como for, a capa envolvida deve ter-se revestido de considerável valor. Nesse caso, a ambição de Acã terminou em desastre, uma lição muito mais importante do que saber-se qual a verdadeira natureza do tecido envolvido. (S Z)

CAPACETE

Há duas palavras hebraicas e uma palavra grega envolvidas:

1. *Koba,* «capacete». Termo hebraico que aparece por seis vezes: I Sam. 17:5; II Crô. 26:14; Isa. 59:17; Jer. 46:4; Eze. 27:10 e 38:5.

2. *Qoba,* «capacete». Vocábulo hebraico usado por duas vezes: I Sam. 17:38 e Eze. 23:24.

3. *Perikefalaía,* «algo envolto na cabeça». Palavra grega empregada por duas vezes: Efé. 6:17 (citando Isa. 59:17) e I Tes. 5:8.

Ver o artigo **geral sobre** *Armadura, Armas,* que nos confere informações gerais. O capacete era uma peça importante da armadura, visto que servia para proteger a cabeça. Os arqueólogos têm descoberto capacetes de vários materiais e estilos, em gravuras nas muralhas de Karnak, no Egito. Ali os hititas aparecem usando capacetes em forma da **parte** superior de um crânio humano. A armadura de Saul incluía um capacete, feito de bronze (I Sam. 17:38). Golias

também contava com um capacete (I Sam. 17:5). *O* capacete era parte do equipamento comum das tropas armadas de várias nações antigas (Jer. 46:4; Eze. 23:24; 27:10; 38:5). Os reis providenciavam para que seus soldados tivessem capacetes (II Crô. 26:14). Gravuras antigas mostram que os assírios e babilônios usavam capacetes que terminavam com uma ponta, o que contrastava com os capacetes dos sírios e dos hititas. Muitos capacetes eram feitos de couro; e, na verdade, parece que somente na época dos monarcas selêucidas os soldados começaram a usar, de modo geral, capacetes feitos de metal. No Novo Testamento encontramos menção ao capacete da salvação (Efé. 6:17), bem como a esperança da salvação (I Tes. 5:8). O artigo sobre *Armadura* entra em detalhes quanto aos usos metafóricos dessa palavra, conferindo informações adicionais sobre os capacetes literais.

CAPITÃO

Esse termo traduz três termos hebraicos e dois gregos, a saber:

1. *Sar,* "cabeça", "príncipe", palavra hebraica usada por cerca de quatrocentas e vinte vezes (por exemplo: Gên. 37:36; 39:1; Núm. 31:14,38,52; I Sam. 8:12; II Sam. 2:8; I Reis 1:19; II Reis 1:9; I Crô. 11:6,21; II Crô. 1:2; Jer. 40:7,13; 43:4,5). O paralelo grego é *chiliarchos,* um título militar (ver abaixo). Um outro paralelo grego é *stratopédarchos,* "capitão do acampamento", que aparece somente em Atos 28:16, mas que nossa versão portuguesa traduz por "o soldado". Este era comandante de um destacamento de soldados. No Antigo Testamento temos usos similiares, como capitão de cinqüenta, capitão de mil, ou capitão do exército.

2. *Qatsin,* "árbitro", palavra que aparece por doze vezes (por exemplo: Jos. 10:24; Juí. 11:6,11), mas que pode indicar um líder civil (Isa. 1:10), ou militar (as duas primeiras referências).

3. *Shalish,* "terceiro", palavra que aparece por vinte e uma vezes (por exemplo: Êxo. 14:7; 15:4; II Reis 9:25; 10:25; 15:25; II Crô. 8:9). A posição exata de tal oficial nos é obscura, mas, evidentemente, alude a uma ordem superior de militar que combatia em carros de guerra, aludindo, especificamente, àquele elemento que controlava os cavalos, ao passo que os demais homens que estavam no carro de guerra ocupavam-se mais diretamente no combate. Entretanto, há estudiosos que pensam que a referência é a uma terceira ordem de oficiais, após o rei, ou então a comandantes e de uma terça parte do exército.

4. *Chiliárchos,* "chefe de mil", palavra que aparece por vinte e duas vezes no Novo Testamento, de Marc. 6:21 a Apo. 19:18.

5. *Strategós,* "capitão", palavra que aparece por dez vezes no Novo Testamento: Luc. 22:4,52; Atos 4:1; 5:24,26; 16:20,22,35,36,38. Nas cinco primeiras referências a palavra é usada para indicar os "capitães do templo", que não eram oficiais militares, e sim, sacerdotes que comandavam a polícia levítica do templo. Os autores judeus chamavam-nos de "homens dos monte do templo". O dever deles era comandar os guardas noturnos, garantindo que as sentinelas estavam cumprindo dos seus deveres. No entanto, nas referências do décimo sexto capítulo de Atos, nossa versão traduz essa palavra por "pretores" (que vide), que já eram oficiais gentílicos, nada tendo a ver com o templo de Jerusalém.

Usos Figurados. O próprio Deus é chamado de "príncipe do exército do Senhor", isto é, da inteira congregação de Israel (Jos. 5:14 e Dan. 8:11). A idéia é que Deus tomava sobre si o encargo de proteger o seu povo, liderando-o em seus conflitos gerais e em suas guerras com os inimigos. Acresça-se a isso que Jesus Cristo é o *Capitão de* nossa salvação (Heb. 2:10, onde já é usada outra palavra grega, com os inimigos. Acresça-se a isso que Jesus Cristo é o *capitão* de nossa salvação (Heb. 2:10, onde já é usada outra palavra grega, *archegós,* "líder", palavra essa que aparece em Atos 3:15; 5:31; Heb. 2:10 e 12:2).

CAPITÃO DO EXÉRCITO

Ver o artigo sobre **Capitão,** Usos Figurados.

CAPITEL

Um capitel é um ornamento arquitetônico da parte superior de uma coluna. Os capitéis protojônicos encontrados em Megido, presumivelmente foram usados no palácio de Acabe, em Samaria, segundo pensava Albright. As principais menções a capitéis (no hebraico, *kothereth,* palavra usada por vinte e quatro vezes), nas páginas da Bíblia são as das colunas Jeoiaquim e Boaz, no templo de Salomão (que vide). Esses capitéis tinham cinco côvados de altura (cerca de 2,2 m) (I Reis 7:16), ou então 1,3 m, de acordo com II Reis 25:17, que fala em três côvados. É possível que esses capitéis estivessem divididos em duas porções, e que a porção inferior tivesse três côvados. Seja como for, esses capitéis tinham o formato de uma pétala de lírio, encimado por uma taça invertida, que recebia as telas que apoiavam as romãs. O trecho de Amós 9:1 encerra uma referência direta aos capitéis, como um lugar que podia ser ferido, para causar destruição e fazer os limiares do templo estremecerem. O quadro inteiro é uma referência ao julgamento divino. Em Sofonias 2:14, esse item da ornamentação arquitetônica é aludido como lugar onde as aves se alojavam. (Z)

CAPÍTULOS E VERSÍCULOS DA BÍBLIA

Na maioria dos livros da Bíblia, podemos distinguir divisões naturais, tencionadas pelos autores sagrados. Lucas, por exemplo, como é óbvio, tencionava que seu livro de Atos fosse dividido em sete partes, tendo assinalado o fim de cada uma dessas secções por uma fórmula literária. (Ver *Livro de Atos*). Antes da época de Jesus Cristo, a lei havia sido dividida em secções, para facilitar a sua leitura nas sinagogas. Cada uma dessas secções tinha um nome especial, como, por exemplo, o *arbusto.* Há uma alusão a isso, em Marcos 12:26. Esse sistema acabou envolvendo todo o Antigo Testamento, e as *Parashas* até hoje são assinaladas na Bíblia hebraica. Os primeiros manuscritos gregos do Novo Testamento também tinham divisões. Porém, foi somente no século XIII que Estêvão Langton (que vide), arcebispo de Canterbury, que foi o redator da Magna Carta (que vide), introduziu o sistema que agora conhecemos como capítulos da Bíblia. A Vulgata Latina foi a primeira versão da Bíblia a ser assim dividida. Os versículos foram adicionados bem mais tarde pelo impressor Estêvão, em sua edição do Novo Testamento grego, em 1551. Pouco depois disso, na Bíblia Poliglota de Antuérpia (que vide), de 1569-1572, o sistema de versículos numerados foi aplicado à Bíblia inteira. Ver o artigo separado sobre a *Divisão da Bíblia em Versículos.* Esse sistema, apesar de ser de grande ajuda no estudo do texto bíblico, também ressente-se de uma falha grave. É que, com freqüência, divide o fluxo das idéias, às vezes bem pelo meio. Disso é culpada tanto a divisão em capítulos como a divisão em versículos. Além disso, alguns versículos são muito breves, e outros muito longos. Nenhum critério de qualquer espécie serviu de guia ao sistema. Porém, consagrado pelo uso, é muito difícil que o sistema seja modificado, pelo menos em nossos dias (E).

CARAATALÃ

Um nome encontrado em I Esdras 5:36, designando um líder de certa família que retornou da Babilônia em companhia de Zorobabel. Muitas variações desse nome existem nas traduções. Ver Esd. 2:29 e Nee. 7:61, quanto aos nomes dos lugares, na Babilônia, de onde Israel retornou à Palestina.

CARAVANA

No hebraico, **arach**, palavra **usada por sete vezes** (por exemplo: Gên. 37:25 e Isa. 21:13), e que significa «grupo viajante». Ver o artigo sobre *o Comércio.* O «caminho dos nômades», referido em Juí. 8:11, refere-se a uma rota caravaneira. Formavam-se caravanas por diversos motivos, como migração de povos, viajantes que seguiam em grupos como medida de proteção, e negociantes que andavam em grupos, pela mesma razão. As caravanas tinham seus animais de carga, lideres específicos, se necessário fosse, lugares de

descanso e alojamentos em posições estratégicas. Albright demonstrou que desde tão cedo como a Idade do Bronze Médio I (2100-1800 A.C.), já existiam caravanas, e que eram empregados jumentos como bestas de carga, nessa época. As caravanas estabeleceram pontos de ocupação em suas jornadas, espalhados nas rotas comerciais pelo Neguebe e pela península do Sinai, ao longo do caminho interior de Sur (que vide), e desde Berseba, passando por Cades-Barnéia, até Ismailia e Suez. Os camelos mostravam-se melhores animais de carga para uso nas áreas arenosas, visto que suas patas espalhadas afundam menos facilmente na areia fofa.

Foi uma caravana de especiarias, ismaelita-midianita, que levou o jovem José, filho de Jacó, ao Egito, onde ele foi vendido como escravo (Gên. 37:25,28). Os camelos também eram melhores animais para serem usados nas viagens pelo deserto, devido à sua capacidade de armazenar água em seus estômagos. Ver o artigo sobre *o Camelo.* Os servos de Abraão seguiram em lombo de camelo (Gên. 24:10,56,61). Salomão fortificou Arade, a fim de proteger as rotas das caravanas, que iam buscar especiarias e incenso no sul da Arábia (I Reis l0:2,15). Plínio informa-nos que uma caravana de camelos precisava de sessenta e cinco dias para ir do sul da Arábia até Gaza. Ver *História Natural* xii.32. Até hoje há caravanas de camelos, algumas delas imensas, envolvidas nas peregrinações dos islamitas. (DT Z)

CARBÚNCULO

No hebraico temos três palavras, assim traduzidas, a saber: *Bareqeth,* «pedra brilhante» (ver Êxo. 28:17 e 39:10). Baregath, «esmeralda» (ver Eze. 28:13). *Eben eqdach,* «pedra de brilho» (Isa. 54:12). Os antigos carbúnculos eram, provavelmente, a granada, conforme algumas versões estrangeiras dizem, em Isaías 54:12. É possível que rubis (que vide), também fossem referidos por esse termo. A palavra continua sendo aplicada à granada, usualmente escavada para permitir que a cor da pedra torne-se mais conspícua. A granada de vermelho vivo compõe-se, principalmente, de silicato de alumínio ferroso, embora também possa compor-se de silicato de magnésio alumínio. (Z)

CARCA

No hebraico, "solo", "soalho". Nome de um lugar localizado entre os mares Mediterrâneo e Morto (Jos. 15:3), que veio a pertencer a Judá, na sua fronteira sul. A localização é desconhecida na atualidade.

CARCAÇA

No hebraico, precisamos considerar quatro palavras, e no grego, uma:

1. Ceviyah, «corpo», palavra usada por nove vezes (por exemplo: Juí. 14:8,9).

2. *Mappeleth,* «coisa caída», palavra usada por quatro vezes (para exemplificar: Juí. 14:8).

3. *Nebelah, «carcaça»,* palavra empregada por quarenta e seis vezes (por exemplo: Lev. 5:2; 11:8,11,24-40; Deu. 28:26; I Reis 13:24-30).

4. *Peger, «coisa* exaurida», palavra que ocorre por vinte e duas vezes (para exemplificar: Gên. 15:11; Núm. 14:29,32,33; Isa. 14:19; Naum 3:3).

5. *Ptoma,* «coisa caída», palavra grega usada por sete vezes: Mat. 14:12; 24:28; Mar. 6:29; 15:45; Apo. 11:8,9. Essas palavras aludem tanto a cadáveres humanos quanto a carcaças de animais. Ver Jos. 8:29; Isa. 14:19 e Heb. 3:17. As leis cerimoniais mosaicas a respeito de corpos mortos indicavam os seguintes pontos: 1. Um corpo morto, em uma casa ou tenda, fazia o lugar tornar-se cerimonialmente imundo. Em outras palavras, uma pessoa não podia participar da adoração ou dos ritos religiosos, enquanto essa condição persistisse. Além disso, qualquer vaso ou receptáculo aberto ficava imundo, enquanto o período de imundicia perdurasse, o qual era de sete dias (Núm. 19:16,18; 31:19). 2. O contacto, em qualquer lugar, com um cadáver ou carcaça, fazia a pessoa tornar-se imunda até o cair da noite (Lev. 11:39). Ver o artigo sobre a *Imundícia Cerimonial.*

Outras Idéias: 1. As pessoas sentem um horror natural pelos cadáveres ou carcaças, o que se expressa, por muitas vezes, sob a forma de desdém (Isa. 34:3): «Os seus mortos serão lançados fora, dos seus cadáveres subirá o mau cheiro, e do sangue deles os montes se inundarão». 2. A total destruição de um inimigo qualquer ocorria quando se permitia que as feras e as aves de rapina devorassem o seu cadáver. 3. Figuradamente, destacando a sua inutilidade, os ídolos são chamados «cadáveres», em Lev. 26:30. 4. A idolatria, evidentemente, envolvia a adoração em lugares de sepultamento, o que equivalia a veneração às carcaças dos mortos (Naum 3:3; Eze. 43:7,9). 5. O trecho de Mateus 24:28 associa as carcaças com o prometido julgamento final. As águias (abutres), geralmente reúnem-se nos lugares onde há matanças, e a matança assim subentendida, é aquela que acompanhará os horrores da Grande Tribulação (que vide). (I G HA NTI)

CARCAS

Um dos sete eunucos que servia ao rei Assuero, da Pérsia, mencionado apenas em Ester 1:10. A esses eununcos foi ordenado, pelo monarca, que trouxessem a rainha Vasti, para ser admirada pelos príncipes do império, em face de sua incomum beleza física. Mas ela recusou-se a vir com os eunucos. O episódio terminou com a rejeição de Vasti como a consorte do rei. Sua substituta de Vasti como a consorte do rei. Sua substituta foi Ester, atrás do que havia a mão providencial de Deus.

CARDO

No hebraico, **choach**, «cardo». Vocábulo que aparece por doze vezes. Para exemplificar: I Sam. 13:6; Isa. 34:13. O cardo é uma das plantas daninhas da Palestina. Muitos botânicos e estudiosos pensam que se trata do *Rubus sanctus,* muito comum naquela região do mundo. É um arbusto de folhas perenes, com estames espinhentos. Suas folhas são macias como a lã na parte superior, com a superfície inferior esbranquiçada. Suas flores são róseas, brancas ou púrpura, e os frutos negros e redondos. Ver *Espinheiros.*

CAREÁ

No hebraico, «calvo», Esse era o nome do pai de Joanã e Jonatã, príncipes judeus da época de Gedalias, o governador babilônio de Jerusalém (Jer. 40:8 ss; 41:11 *ss;* 42:1,8; 43:2,4,5). Após a queda de Jerusalém diante dos babilônios, seus filhos juntaram-se a Gedalias, em Mispa (II Reis 25:23).

CAREM

Uma cidade de Judá, cujo nome só figura no trecho de Jos. 15:29, na LXX, ao passo que no texto seguido pela nossa versão portuguesa só encontramos os nomes de Baalá, Illim e Azém, nesse versículo. Provavelmente, a cidade deve ser identificada com a Bete-Haquerém de Nee. 3:14 e Jer. 6:1, que fica a oito quilômetros ao norte de Tecoa.

CARIDADE

Por influência da Vulgata Latina, as traduções mais antigas estampam essa palavra em lugar de «amor». Porém, visto que modernamente esse termo tem um sentido mais restrito, dando a entender a doação de esmolas, o cuidado pelos pobres, enfermos, órfãos, etc., as traduções e versões mais modernas dão preferência ao termo «amor» como tradução do termo grego *agapé.* Apesar disso, a importância da *caridade,* em seu sentido moderno, tem sido subestimada em muitos segmentos da Igreja. Ver o artigo sobre as *Esmolas.*

A caridade cristã, no sentido mais restrito da palavra, tem uma nobre história no judaísmo e no cristianismo. A legislação mosaica

tinha provisões favoráveis aos pobres. Os pobres, os órfãos e os estrangeiros tinham o direito de respigar o cereal, a uva e a azeitona (Lev. 19:9,10; 23:22; Deu. 24:19). Rute tirou proveito desse costume. (Ver Rute 2:2 e *ss*). Ver também sobre *Respigar*. Na Igreja primitiva, em Jerusalém, todas as coisas eram usadas em comum, de modo voluntário, a fim de evitar as condições difíceis criadas pela perseguição e pela escassez. Ver o artigo sobre a *Vida Comunal da Igreja Primitiva*. As igrejas gentílicas doaram uma oferta substancial, para aliviar essa situação (I Cor. 16:1 *ss*). Nos primeiros dias do cristianismo, os cristãos praticavam os costumes judaicos quanto aos cuidados pelos pobre e pelas viúvas. Os primeiros diáconos (que vide) foram eleitos precisamente com essa finalidade (Atos 6). Paulo estabeleceu regras para a admissão das viúvas, como pessoas sustentadas pelas igrejas locais (I Tim. 5:3 *ss*). Os primeiros cristãos levaram avante essas práticas, e adicionaram outras, como hospedarias para recepção de viajantes cristãos e estrangeiros. As antigas hospedarias viviam repletas de ladrões e prostitutas, e isso criou a necessidade de hospedarias cristãs. Instituições como hospitais, escolas e orfanatos chegaram a tornar-se parte do trabalho das igrejas. Várias ordens religiosas especializaram-se em tabalhos de caridade. Nessa área de atividades, a Igreja Católica Romana tem feito mais e melhor do que os evangélicos em geral. Além disso, não devemos falar sobre as extensas obras de caridade dos espíritas, pois, do contrário, ficaremos embaraçados, porque Deus não nos inspira mais ao amor ao próximo. A *caridade,* no sentido moderno e restrito, é um aspecto da lei geral do amor, a prova mesma da regeneração e da espiritualidade (I João 4:7 *ss*).

CARMANIANOS

Em II Esdras 15:30 há uma referência a esse povo, natural da Carmânia, uma fértil província da antiga Pérsia, na margem norte do golfo Pérsico, que modernamente se chama Kerman. Trata-se de uma região montanhosa, separada por um deserto da porção sudoeste do Irã, Persis. Além da província da Carmânia, também havia uma cidade com esse nome. Uma e outra derivavam seu nome dos Kermani ou germanos, uma tribo que ali residia. Heródoto (i.155) menciona esse povo, além de outras tribos, que formavam uma sapatria e pagavam tributo a Dario (ii.93). Posteriormente, o helenismo foi introduzido no lugar por Antíoco I Soter. Cidades gregas foram fundadas na região, como Alexandria da Carmânia. Ainda mais tarde, o sátrapa Numenio de Mesene, do sul da Babilônia, derrotou os persas, nas praias da Carmânia, no mar e na terra, segundo nos informa Plínio (vi.152). (OLM Z)

CARMELO

No hebraico, «campo plantado», «parque» ou «jardim». É palavra que aparece por vinte e seis vezes no Antigo Testamento.

1. Um Nome Comum. O nome Carmelo aparece de forma indefinida, com os sentidos dados acima, em Isa. 16:10; Jer. 4:26; II Reis 19:23. Em Lev. 2:14 e 23:14, o nome aparece para indicar espigas frescas de trigo. Porém, a palavra também ocorre para indicar lugares específicos. É possível que as colinas de pedra calcária do Carmelo tenham recebido tal nome devido à vegetação arbustiva luxuriante e aos densos arvoredos que as encobriam.

2. *Uma Cadeia Montanhosa.* Essa cadeia estende-se por cerca de quarenta e oito quilômetros, na direção noroeste-suleste, desde as margens do mar Mediterrâneo, ao sul da baía de Acre, até à planície de Dotã. Em um sentido mais estrito, o monte Carmelo é o pico principal dessa curta cadeia montanhosa que alcança um máximo de 531 m, em sua extremidade nordeste, e que fica cerca de dezenove quilômetros distante da beira-mar. Servia de um dos marcos da fronteira de Aser (Jos. 19:26). O rei de Jocneão, de Carmelo, foi um dos chefes cananeus que foram derrotados por Josué. Desde os tempos mais antigos, a paisagem de Carmelo, bela como um jardim, foi sagrada para eles, onde adoravam o Baal cananeu, além de outras divindades oraculares. A beleza natural atrai as pessoas à inquirição espiritual. Talvez os mais bem conhecidos episódios que circundaram o Carmelo foram aqueles em que Elias e Eliseu estiveram envolvidos. Foi no monte Carmelo que Elias desafiou e derrotou os profetas de Baal e Aserá, as divindades que Jezabel, esposa do rei Acabe, de Israel, havia decidido promover (I Reis 18 e 19) . Ver o artigo sobre *Baal*. Foi também no monte Carmelo que Eliseu recebeu a visita da mãe cujo filho morrera, e que logo foi por ele ressuscitado (II Reis 4:25).

3. A *Cidade de Carmelo.* Era uma aldeia na região montanhosa de Judá (Jos. 15:55), terra natal de Nabel (I Sam. 25:2,5,7,40) e de Abigail, a carmelita, a qual tornou-se a esposa favorita de Davi (I Sam. 27:3). Saul estabeleceu o lugar, após sua vitória sobre os amalequitas (I Sam. 15:12). Era ali, e não na outra Carmelo, que o rei Uzias tinha as suas vinhas (II Crô. 26:10). Essa cidade atualmente chama-se Karmel, estando localizada cerca de quinze quilômetros a suleste de Hebrom. A palavra não aparece no Novo Testamento. Ao que parece, Judas Iscariotes era natural dessa região, embora isso não transpareça no Novo Testamento. (ID S UN)

CARMESIM

No hebraico temos a palavra **karmil,** que figura por três vezes no Antigo Testamento: II Crô. 2:7,14; 3:14.

Na antiguidade, os corantes eram obtidos de vegetais, minerais ou animais. Plínio descreveu a cor carmesim (no grego, *kokkinos)* como um vermelho que se aproxima do rosa escuro, quase como a púrpura de Tiro *(Hist. Natural* xxi.45,46). Esse corante derivava-se de certas substâncias extraídas do corpo de um inseto, do gênero feminino. O corante foi usado para vários itens do tabernáculo. Não parece que os hebreus faziam clara distinção entre o carmesim e o escarlate. Todavia, eles tinham um vocábulo para indicar esta última cor, a saber, *shani* que figura por quinze vezes (para exemplificar: Jer. 4:30; Isa. 1:18). Nesta última referência, a cor indica a culpa do pecado, provavelmente porque o pecado está associado à expiação pelo sangue. Ver o artigo geral sobre as *Cores.*

CARMI

No hebraico, «frutífero» ou «nobre». Há três homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. Um homem de Judá, pai de Acã, o *pertubador* de Israel (Jos. 7:1,18; I Crô. 2:7). Neste último versículo, Acã é chamado Acar. No trecho de I Crônicas 4:1, Carmi aparece como um dos filhos de Judá. A questão é difícil de deslindar, mas o mesmo indivíduo deve estar em foco.

2. Quarto filho de Rúben, fundador da família dos carmitas (Gên. 46:9; Êxo. 6:14; Núm. 26:6; I Crô. 5:3), em cerca de 1872 A.C.

3. Filho de Hezrom (neto de Judá), pai de Hur (I Crô. 4:1) que em outros textos é chamado de Calebe (I Crô. 2:18) ou de Quelubai (I Crô. 2:9). Alguns estudiosos identificam-no com o mesmo homem do nº 1, acima.

CARNEIRO

Ver **Ovelha.**

CARPINTEIRO

Ver o artigo geral sobre **Artes e ofícios.** o termo bíblico «carpinteiro», no hebraico, *harush,* «artesão», e no grego *tékton,* «artífice», é uma espécie de termo geral para indicar qualquer artífice que trabalha em pedra, metal ou madeira, e não somente em madeira. Ver II Sam. 5:11; I Crô. 14:1; Isa. 44:13; Mat. 13:55; Mar. 6:3. Nos trechos de II Sam. 5:11; II Reis 12:11; I Crô. 14:1; Isa. 44:13; Mat. 13:55 e Marc. 6:3, o termo parece limitar-se ao trabalho em madeira. O trabalho feito por vários artífices é pintado na denúncia de Isaías contra a idolatria (Isa. 41:7 e 44:9,10). Infelizmente, tais homens produzem ídolos para serem adorados (vs. 13:17); eles têm grande habilidade, mas são suficientemente embotados para

não perceberem que estão produzindo algo inferior a eles mesmos, algo que simplesmente não pode ser equiparado à divindade. A passagem de Jer. 24:1 mostra-nos que a deportação para a Babilônia incluiu homens de diversas profissões. Portanto, eles tornaram-se elementos valiosos para o inimigo, ao mesmo tempo em que Judá desintegrava-se.

No Novo Testamento. Marcos 6:3 chama Jesus de «carpinteiro»; e Mateus 13:55 diz que Jesus era «o filho do carpinteiro». Mui provavelmente, Jesus foi ambas as coisas. Supõe-se que Jesus trabalhava em companhia de José, na carpintaria, e que, após a morte de José, Jesus continuou sozinho o trabalho de carpinteiro. Visto que Nazaré era uma pequena comunidade, provavelmente José e Jesus eram os únicos carpinteiros da localidade. Justino Mártir, em seu *Diálogo com Trifo,* assevera que Jesus trabalhava como carpinteiro, e que, no segundo século D.C. objetos feitos por ele ainda existiam. Portanto, Jesus aprovou o labor comum, tornando-o honroso. Porém, também demonstrou que esse trabalho, por si só, não é suficiente. Não basta trabalhar. Deve também haver a inquirição espiritual em cada vida humana. É interessante observar que a palavra grega *tékton* pode significar um carpinteiro, mas também pode significar um construtor ou pedreiro, um artífice, ou mesmo qualquer artista em qualquer arte ou ofício, incluindo um planejador, um autor ou um poeta. A tradição apresenta José e Jesus como carpinteiros, isto é, como quem trabalhava em madeira, não havendo qualquer boa razão para contradizermos a mesma. (A FO I RO VIN)

CARQUÊMIS

Era uma cidade hitita, à margem direita do rio Eufrates, uma grande fortaleza localizada perto dos melhores vaus daquele rio (Jer. 46:24; Isa. 10:9). Era a capital oriental dos hititas. O rei assírio, Assur-Natsupal (cerca de 885-860 A.C.) ameaçou atacá-la, mas foi comprado mediante ricos presentes. Chegou a tornar-se lugar de muito luxo e riquezas, devido a séculos de comércio com outros povos. Sargão capturou Carquêmis em 717 A.C., o que assinalou a queda do império hitita. Os hititas são chamados heteus, na Bíblia. Foi em Carquêmis que Nabucodonosor II derrotou Faraó Neco, do Egito, em 605 A.C. (ver Jer. 46:2), evento esse que marcou o início do esplêndido império neobabiiônico, e que pressagiou o cativeiro babilônico (que vide), do reino israelita do sul, Judá. Após o ataque de Nabucodonosor contra Carquêmis, sua importância declinou rapidamente. Na época dos monarcas Selêucidas, uma nova cidade ocupava o local da antiga Carquêmis, chamada Europos. Esse local tem sido amplamente escavado pelos arqueólogos. Isso revelou-nos uma importante cultura hitita. As ruínas da antiga Carquêmis estão no local da moderna Jerablus, que é uma corruptela da palavra grega *Hierópolis.* (UN WIS WOO)

CARRO

No hebraico, **agalah,** «vagão», vocábulo que aparece no Antigo Testamento por vinte e cinco vezes (para exemplificar: I Sam. 6:7-14; I Sam. 7:3; Isa. 5:18; Gên. 45:19,21,27; Núm. 7:3,6,7). Essa palavra denota qualquer veículo que se movia sobre rodas e era puxado por animais. Cada contexto deve determinar o tipo de carro envolvido. Por exemplo, Faraó enviou carros para transportar para o Egito a família de Jacó e seus bens (Gên. 46:5). E, por ocasião da entrega das ofertas dos príncipes de Israel, quando da dedicação do altar, essas ofertas foram trazidas em seis carros cobertos, cada qual puxado por dois bois (Núm. 7:3,6,7). Quando Davi tentou trazer a arca de Deus desde Quiriate-Jearim, esta foi transportada em um carro novo. Nessa oportunidade, Uzá, um dos dois homens que guiava o carro, foi morto pelo Senhor, quando se atreveu a pôr a mão sobre a mesma, ao pensar que a arca poderia tombar no chão, visto que os animais haviam tropeçado (I Crô. 13:7 *ss).* E a arca terminou ficando na casa de Ovede-Edom por três meses; e ele e sua família foram abençoados pelo Senhor, por causa disso. Em I Sam. 6:7, há carros mencionados usados para remoção da arca e de outros utensílios sagrados, puxados por dois bois. Carros comuns eram usados para transportar produtos agrícolas (Amós 2:13).

A arqueologia mostra-nos que os carros eram comuns desde o alvorecer da história humana. Eram conhecidos na Babilônia e no Egito (Gên. 45:19-21; 46:5). Nos dias dos Juízes, em Israel, eram usados carros nas principais estradas das regiões montanhosas, para transportar toda espécie de coisas (I Sam. 6:1-12). Normalmente, eram puxados por dois bois ou por dois cavalos (Núm. 7:3-8; I Sam. 6:10). Pessoas e coisas eram transportadas em carros (Gên. 45:19). Os carros maiores tinham dois condutores (I Crô 13:7). Usualmente eram fabricados de madeira, pelo que podiam ser desmantelados e queimados (I Sam. 6:14; Sal. 46:9). As rodas eram feitas sólidas ou munidas de raios, e algumas vezes, eram munidas com cambotas de metal (Isa. 28:27,28). Nos baixos relevos do Egito e da Assíria encontram-se boas representações dessas rodas. Também havia carros militares, para transporte de equipamentos ou comestíveis (Isa. 28:27,28; Sal. 46:9).

Uso Figurado. Há aqueles que puxam o pecado como com tirantes de carro (Isa. 5:18), o que indica que alguns homens escravizam-se ao pecado como se fossem carros sobrecarregados de cargas. Ou então está em foco o pecador, vergado sob as pesadas cargas de seus vícios. (G HA S UN)

CARROLL, LEWIS

Pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), que ele empregava em seus escritos não profissionais. Formou-se com distinção em matemática, e publicou seus úteis livros chamados *Euclides I* e *Euclides II.* Além disso, ele escreveu ensaios pioneiros sobre a teoria matemática da votação. Todavia, tornou-se melhor conhecido devido a seus livros populares, como *Alice no Pais das Maravilhas, Através da Lente* e *Sílvia e Bruno.* O primeiro, apesar de ser famoso como história infantil, também é uma obra casual e leve sobre a lógica filosófica, guarnecida de inúmeros exemplos de inesquecíveis absurdos. Os inimigos da fé religiosa têm comparado a mesma a uma *Alice no País das Maravilhas* de natureza espiritual.

CARROS DO SOL

Essa expressão aparece em II Reis 23:11, indicando aqueles carros que Josias queimou, entre outras medidas purificadoras que tomou, quando de suas reformas religiosas em Judá. Vários versículos do Antigo Testamento informam-nos sobre a adoração ao sol, prestada por vários povos nos tempos antigos (Êxo. 24:24; Lev. 26:30; II Crô. 14:5; 34:4; Isa. 17:8; 27:9; Eze. 6:4,6). Um dos objetos usados nesse culto era precisamente o carro do sol (II Crô. 24:4,7). Também havia os cavalos dedicados à adoração ao sol, os quais puxavam os carros (II Reis 23:11).

Zinjirli, nas inscrições aramaicas do século VIII A.C., aparentemente era o cocheiro do deus sol Shamash. A arqueologia tem mostrado quão generalizada era essa adoração ao sol, porquanto existia entre os assírios, entre os cananeus e entre os judeus. Até mesmo nos primeiros tempos da Roma imperial esse culto era popular. Uma das cerimônias incluía o lançamento de quatro cavalos ao mar, por ocasião da festividade anual em honra ao sol. Um outro ato comum, nessa adoração, era o costume dos reis e nobres envolverem-se na mesma. Eles levantavam-se antes da aurora e partiam em seus carros de guerra na direção do oriente, ao encontro do sol que surgia no horizonte. Essa jornada era efetuada em carros dedicados ao sol.

CARRUAGEM

Sete palavras hebraicas e duas palavras gregas estão envolvidas:

1. *Hotsen,* «carro de guerra». Essa palavra hebraica figura exclusivamente em Eze. 23:24.

2. *Merkab,* «carruagem». Palavra que aparece por somente uma vez, em I Reis 4:26.

3. *Markabah,* «carruagem». Palavra que é usada por quarenta e quatro vezes (para exemplificar: Gên. 41:43; 46:29; Êxo. 14:25; Jos. 11:6,9; I Sam. 8:11; I Reis 7:33; II Reis 5:21; II Crô. 1.17; Isa. 2:7; Jer 4:13; Joel 2:5; Zac. 6:1-3).

4. *Agalah,* «vagão». Essa palavra ocorre por vinte e cinco vezes (para exemplificar: I Sam. 6:7-14; Isa. 5:18; Gên. 45:19,21,27; Núm. 7:3,6,7).

5. *Rekeb,* «carruagem». Palavra que aparece por cento e quinze vezes com esse sentido (por exemplo: Gên. 50:9; Êxo. 14:6-28; Deu. 11:4; Jos. 11:4; Juí. 1:19; 5:28; II Sam. 1:6; I Reis 1:5; 9:19,22; II Reis 2:11,12; 5:9; 6:14,15,17; II Crô. 1:14; Sal. 20:7; Can. 1:9; Isa. 21:7,9; 66:20; Jer. 17:25; Eze. 26:7; Dan. 11:40; Na. 2:3,4,13; Zac. 9:10).

6. *Rikbah,* «carruagem». Palavra que figura apenas em Eze. 27:20.

7. *Rekub,* «carruagem». Palavra que aparece somente em Sal. 104:3.

8. *Ãrma,* «carro de guerra» (com duas rodas). Palavra grega que aparece por quatro vezes: Atos 8:28,29,38; Apo. 9:9.

9. *Réde,* «vagão» (com quatro rodas). Palavra grega que é usada somente em Apo. 18:13.

As palavras envolvidas geralmente significam «carro», havendo um artigo separado para esse verbete. Salmos 46:9 refere-se a um vagão para transporte de suprimentos de guerra. A maioria das referências tem em vista veículos puxados por bois, cavalos ou asnos, sendo traduções de palavras que derivam do verbo hebraico «guiar».

1. *Carruagens Egípcias.* A arqueologia nos tem provido abundantes ilustrações das carruagens antigas. As carruagens egípcias tinham duas rodas, equipadas do lado direito com receptáculos para arcos, lanças e flechas. A construção era inteiramente de madeira, exceto que havia arcos de metal nas rodas. Os arreios e os tirantes eram de couro. O soalho era feito de um trançado de cordas, o que provia uma espécie de amortecedor para os tripulantes. A parte de trás da carruagem era aberta, por onde também entrava o condutor do veículo. — As carruagens da realeza e dos ricos eram decoradas com metais preciosos. Uma carruagem muito ornada foi encontrada intacta no túmulo de Tutancamom. Os carros de guerra do Egito tinham três tripulantes, cada qual com diferentes funções: o guerreiro, o escudeiro e o condutor. De outras vezes, porém, um único guerreiro manipulava um desses carros. É provável que os termos *cocheiro* e *cavalariano* se referiam aos tripulantes não-combatentes dos carros de guerra, ao passo que *o capitão* seria o combatente em cada carro de guerra.—Ver Êxo. 14:7,9; 15:1 quanto a essas designações. Presume-se que o capitão fosse a máquina de guerra, e que os outros apenas facilitassem o seu trabalho.

2. *Carruagens Assírias.* A arqueologia demonstra a grande similaridade entre as carruagens assírias e as carruagens dos egípcios. Assim, as primeiras carruagens de Ur da Suméria tinham rodas de madeira sólida, protegidas por um aro de cobre. Algumas carruagens eram puxadas por dois, ou mesmo por três cavalos, dependendo das dimensões das carruagens.

3. *Carruagens Cananéias.* Quando se lê que os cananeus tinham carruagens de ferro (ver Jos. 17:8), isso significa que algum ferro era usado nesses veículos, como nas rodas. O trecho de Juizes 4:3 diz-nos que Jabim, rei de Canaã, tinha novecentos carros de guerra; os filisteus, no tempo de Saul, teriam trinta mil (I Sam. 13:5), embora alguns eruditos suponham que o número real fosse de três mil, e que ali houve um erro de cópia. Davi tomou mil carros de guerra de Hadadezer, rei de Zobá (II Sam. 8:4), e, posteriormente, setecentos dos sírios (II Sam. 10:18). A fim de se recuperarem da perda, eles tomaram emprestados trinta e dois mil carros de guerra de vários países (I Crô. 19:6,7). Haveria aqui outro erro de cópia, ou os exércitos antigos eram assim tão bem equipados?

No início só havia rodas de madeira sólida, mas posteriormente, surgiram as rodas dotadas de raios. A princípio havia seis raios; depois, oito. As primeiras carruagens tinham o eixo no meio, porém, posteriormente, quase na traseira. As rodas eram relativamente pequenas, embora também houvesse algumas carruagens gigantescas, com rodas da altura de um homem. Quando uma carruagem era impelida por três cavalos, então o terceiro animal era atrelado atrás e não na frente do veículo.

4. *Carruagens dos Hebreus.* Os israelitas mostraram-se lentos na utilização desse modo de transporte em caso de guerra, talvez devido à proibição contra a multiplicação. de cavalos. Mas Salomão, que fazia tudo em grande escala, criou muitos cavalos e contava com uma força de mil e quatrocentos carros de guerra (I Reis 10:26). Para tanto, ele teve de cobrar de seu povo pesados impostos. E importava carros e cavalos do Egito (I Reis 10:29). As carruagens eram consideradas como um símbolo de esplendor mundano, de alta posição, como hoje se dá com os carros novos (I Sam. 8:11). Porém, os carros de guerra facilitavam a matança, em caso de guerra; pelo que coisa alguma era capaz de impedir a multiplicação dos mesmos. Após certa batalha, Davi jarretou todos os cavalos tomados do inimigo, menos cem (II Sam. 8:4). Salomão, entretanto, multiplicou os cavalos em seu território. Os carros de guerra dos israelitas eram tripulados por três homens, à semelhança do que faziam os egípcios. Acabe teve de envolver-se em muitas guerras, pelo que também contava com um grande número de carros de guerra. Quando da batalha de Qarqur, em 853 A.C., ele empregou dois mil carros de guerra. Alguns arqueólogos supõem que os estábulos que geralmente são considerados pertencentes a Salomão, na realidade foram construídos por ordem de Acabe. A arqueologia tem descoberto que, em Megido, os verdadeiros estábulos de Salomão continuam sepultados sobre o cômoro ali existente. Após a divisão do reino em Israel e Judá, este último reino contava com bem menos carros de guerra do que Israel.

5. *Usos das Carruagens.* Já comentamos o suficiente sobre o uso dos carros de guerra; mas as gravuras em pinturas e relevos, descobertas pelos arqueólogos, mostram que as carruagens também eram usadas nas caçadas, nos cortejos e nas cerimônias mais diversas, incluindo as de caráter religioso. Nas ocasiões especiais de visitas de dignitários, a pessoa importante era conduzida em uma carruagem (Gên. 41:43; Est. 6:1).

6. *No Novo Testamento.* Há somente cinco referências a carruagens ou carros de guerra no Novo Testamento, a saber: no relato sobre Filipe e o eunuco etíope (Atos 8:28,29,38), e a menção a cavalos e carruagens, que faziam parte das mercadorias, em Apo. 18:13. Em Apocalipse 9:9, o ruído dos gafanhotos infernais se assemelhava ao ruído feito por muitos cavalos e carros de guerra que se dirigiam à batalha .

7. *Usos Figurados.* a. As carruagens eram símbolos de poder (Sal. 20:7; 104:3); b. de coragem, fé e poder diante de Deus (II Reis 2:12); c. das velozes agências de Deus na natureza (Sal. 68:17; Isa. 66:15). d. as carruagens dos querubins do templo retratavam a pompa com que Deus chega ao seu trono (I Crô. 28:18); e. os carros de fogo (II Reis 2:11) simbolizam qualquer brilho refulgente que alguém poderia ver; f. os carros do sol referem-se àqueles que eram dedicados ao sol, por seus adoradores, supondo que essa divindade era puxada por uma carruagem com cavalos (II Reis 23: 11) . Os rabinos informam-nos que o rei e seus nobres partiam em suas carruagens, quando saíam para saudar o sol matutino; g. o termo «carros de Israel» é empregado acerca dos profetas Elias e Eliseu (II Reis 2:12), aparentemente dando a entender que esses dois profetas fizeram mais por Israel que todos os seus carros e cavaleiros materiais. (GA HAL YAD)

CARSENA

Nada se sabe sobre esse homem, exceto aquilo que transparece em Ester 1:14. Ele era um dos sete príncipes da Média-Pérsia, na época do rei Assuero. Esses príncipes tinham o privilégio de se avistarem pessoalmente com o monarca, ou seja, tinham fácil acesso à sua presença, a fim de consultá-lo. Isso ocorreu em cerca de 483 A.C.

CARTÁ

No hebraico, «cidade». Uma aldeia pertencente à tribo de Zebulom, e que foi atribuída aos levitas da família de Merari (Jos. 21:34). O local é desconhecido hoje em dia.

CARTÁ

No hebraico, «cidade». Era o nome de uma das cidades de refúgio (que vide). Ficava localizada no território de Naftali, e pertencia aos levitas gersonitas. Não ficava longe do mar da Galiléia (Jos. 21:32). O trecho paralelo de I Crônicas 6:76 traz o nome Quiriataim. Tem sido identificada com a moderna Khirbet el-Qureiyeh, na Alta Galiléia.

CARTA DE DIVÓRCIO

Ver **Divórcio, Carta (Termo) de**

CARVALHO

No hebraico, *allon.* Esse termo é usado por oito vezes: Gên. 35.8; Isa. 2:13; 6:13; 44:14; Eze. 27:6; Osé. 4:13; Amós 2:9 e Zac. 11:2. Não há dúvidas quanto ao sentido dessa palavra. Mas, dois outros termos hebraicos, *elah* e *allah,* têm sido traduzidos por «carvalho», por «terebinto» e por «olmo». Trataremos aqui somente sobre o *allon.* Ver também sobre *Terebinto* e Olmo.

O carvalho era considerado a mais importante árvore decídua da Palestina. Uma decídua é uma espécie vegetal que perde suas folhas durante o inverno. Por igual modo, o cedro (que vide) era tido como a mais importante espécie sempre-viva. Várias espécies de carvalho medram na Palestina. Há a espécie que cientificamente é chamada *Quercus sessiliflora,* das montanhas do Líbano e do Haurã. Há quatro outras variedades da espécie espinhenta, que se encontram no Carmelo, em Basã e em Gileade, e que podem atingir consideráveis dimensões. o carvalho Valônia encontra-se na Galiléia e em Gileade.

A mais conspícua menção ao carvalho, em todo o Antigo Testamento, encontra-se em Gênesis 35:4, onde se lê que Jacó ocultou os ídolos da família sob um certo carvalho, em Siquém. Tempos depois, Jacó sepultou Débora, a idosa ama de Rebeca, sob um carvalho (Gên. 35:8).

Associações Religiosas com os Carvalhos. O carvalho é um símbolo universal de força e durabilidade. É possível que exatamente por essa razão vários povos antigos efetuavam seus cultos idólatras em bosques de carvalho, ou em lugares de algum modo associados a carvalhos. Lemos que os druidas das ilhas Britânicas efetuavam seus cultos idólatras em bosques de carvalhos.

Simbolismo. O carvalho representa a força e a durabilidade, conforme se vê nos escritos de três profetas: Isaías (2:13), Amós (2:9) e Zacarias (11:2). Nos sonhos e nas visões, um carvalho pode significar um espírito de varão, ou a força física, ou talvez, um homem forte fisicamente. (CHE UN Z)

CARVALHO DOS ADIVINHADORES

O único lugar onde aparece essa expressão é Juízes 9:37. Porém, é possível que o sexto versículo desse mesmo capítulo, bem como o trecho de Gên. 12:6, estejam envolvidos na questão. Esse carvalho ficava localizado em um lugar proeminente, talvez em uma pequena colina. Os carvalhos eram muito estimados por serem ánores majestosas. E os idólatras costumavam praticar sua adoração debaixo de carvalhos escolhidos. Há uma variante, nesse trecho de Juízes, que diz «planície dos adivinhadores». Nesse caso, um lugar específico é destacado, e não uma árvore, onde os adivinhos viriam atuar. Ver o artigo geral sobre a *Adivinhação.*

CÃS

Há duas palavras hebraicas envolvidas:

Sebah, «cabelos brancos», «idade avançada». Esse vocábulo ocorre por dezessete vezes, como em Gên. 42:38; 44:29,31; Deu. 32:25; Osé. 7:9.

Sib, «idoso», «dotado de cabelos brancos». Ocorre por duas vezes: I Sam. 12:2; Jó 15:10.

Os cabelos negros eram apreciados em ambos os sexos; mas os cabelos grisalhos eram muito honrados entre os israelitas (cf. Lev. 19:32). O próprio Deus, em algumas oportunidades, é retratado como dotado de cabelos brancos (Dan. 7:9; Apo. 1:14). É interessante que Herodes, o Grande, preferia uma aparência juvenil, pois sabe-se que ele mandava tingir seus cabelos, depois que estes começaram a branquear. Há muitos imitadores de Herodes em nossos dias, onde a juventude é cultuada e a idade avançada é desprezada. Isso é um defeito de nossa cultura ocidental. Nas sociedades primitivas a idade avançada sempre é tida em elevado apreço. Os ameríndios chegam a orgulhar-se de sua idade avançada, e, na tribo, todos respeitam um índio velho. Ver também os verbetes *Idade Avançada* e *Cabelos.*

Uso Figurado. Os cabelos brancos representam a idade avançada, com sua desintegração lenta das energias físicas e mentais. Nos sonhos e visões, cabelos grisalhos podem indicar dificuldades ou retrocessos, como quando alguém vê uma cortina cinza descer à sua frente. Se a cortina é negra, então está em pauta a morte física. Uma área cinzenta indica um problema não-resolvido ou uma dificuldade que surge no horizonte, ou um ato que não pode ser claramente definido como bom ou mau, mas provavelmente, fingido. O cinza é uma cor insípida, denotando depressão ou melancolia.

CASA

No hebraico, **bayith.** Palavra usada por quase mil e oitocentas vezes no Antigo Testamento, desde Gên. 7:1 até Mal. 3:10. No grego, *oikía* e *oíkos.* A primeira dessas palavras gregas aparece por noventa e quatro vezes, de Mat. 2:11 a II João 10. E a segunda ocorre por cento e oito vezes, de Mat. 9:6 a I Ped. 4:17.

Esboço:

I. Antes de Israel e no Começo de Israel
II. As Casas no Oriente
III. Desenvolvimentos Arquiteturais
IV. Usos Metafóricos

Os antropólogos informam-nos que o homem tem vivido quase em qualquer tipo de abrigo que lhe ofereça proteção das intempéries, como cavernas, buracos por ele escavados, cabanas cruamente feitas com varas e barro, tendas de peles de animais, etc. Precisamos lembrar que é provável que o período adâmico foi uma renovação da civilização, porquanto parece ter havido civilizações pré-adâmicas, em grande número, que foram sucessivamente destruídas por cataclismos provocados pelas mudanças dos pólos magnéticos da terra. Essas mudanças provocam o deslocamento da crosta terrestre, diante do que porções inteiras de continentes desaparecem, outras terras emergem, e a configuração da porção seca é rearranjada. Os sobreviventes são destituídos de tudo quanto conseguiram juntar, tornando-se necessário recomeçar tudo, da melhor maneira possível. A tecnologia desaparece. Os homens retornam a viver como animais, fazendo uso das cavernas e caçando animais para alimentar-se e para fazer vestes. As descobertas arqueológicas que mostram que os homens habitaram em cavernas poderiam indicar não que o homem *começou* desse modo, e então progrediu até atingir um elevado nível de civilização, mas antes, que o homem foi forçado a *retroceder* a tais condições devido a algum cataclismo, pelo que teve de reunir todos os seus esforços. A história humana, desde Adão, apesar de cheia de hiatos sobre os quais pouco conhecemos, pelo menos tem sido bastante iluminada pela arqueologia. Vestígios de evidências de civilizações anteriores à época de Adão, fornecem-nos um espantoso discernimento sobre onde o homem pode ter estado, incluindo a possibilidade de que os homens já haviam possuído a energia atômica. Há algumas indicações sobre isso, em meu artigo sobre os *Antediluvianos* (que vide). Ver também o artigo sobre a *Astronomia. Isso* posto, quando falamos sobre um assunto tão vasto quanto a

casa, só podemos oferecer algumas indicações sobre as condições a respeito, nos últimos poucos milhares de anos.

I. Antes do Israel e no Começo do Israel

Abraão deixou de lado quaisquer luxos que pudesse ter conhecido, como casas confortáveis, em Ur, quando dali saiu para tornar-se um nômade que vivia em tendas. Isso assinala a natureza precária da maneira de viver dos primeiros patriarcas de Israel. Abraão havia abandonado a cidade, em busca da cidade celestial (Heb. 11:9,10). Porém, ao que parece, mesmo durante a sua peregrinação, houve ocasiões em que ele dispôs de alguma casa para morar (Gên. 17:27). Quando os filhos de Israel desceram ao Egito eles reiniciaram a vida de citadinos, morando novamente em casas. Na antiguidade, as casas variavam muito, de acordo com o clima, a área geográfica e as condições financeiras. Portanto, é impossível contarmos a história da casa com grande exatidão. Abaixo, porém, damos as características mais comuns das casas orientais.

II. As Casas no Oriente

1. O *Pórtico* só aparece no Antigo Testamento em conexão ao templo e ao palácio de Salomão (I Reis 7:6,7; II Crô. 15:8). Porém, sabemos que, no Egito, isso era uma característica comum das casas. Com freqüência consistia em uma dupla fileira de colunas. Ver o artigo separado sobre *Câmara.* Os cinco pórticos de Betesda (João 5:2) eram uma colunata onde eram deixados os enfermos. 2. O *átrio* era uma das principais características das casas orientais. O átrio era uma espécie de área fechada, em torno da qual era construída a casa, não podendo ser visto do lado de fora. Toldos eram pendurados na casa, sombreando o átrio. Ver Sal. 104:2, que é uma alusão a esse costume. 3. O *quarto de hóspedes,* nas casas mais afluentes (Luc. 22:11,12; I Sam. 9:22),— era um lugar reservado àqueles que estivessem de passagem, em viagem, ou para algum amigo que quisesse passar ali por alguns dias. 4. As *escadas* subiam à porção superior da casa ou ao telhado. Sempre eram feitas do lado de fora. Isso parece indicar que aqueles que levaram o paralítico foram capazes de subir ao eirado pela escada, fazendo o enfermo descer pela abertura, diante de Jesus (Mar. 2:4). 5. O *teto* era feito de varas e barro, ou de arbustos e palmas, nas casas mais pobres. Nas casas mais bem feitas, o teto era feito de pedras, de telhas feitas com barro endurecido e um tipo de cimento. O teto provia uma área aberta para recreação, reuniões, um lugar fresco à noitinha, para as reuniões em família, quando o interior da casa ainda estava quente (I Sam. 8:5). Alguns desses pátios, sobre os tetos, eram suficientemente amplos e fortes para que ali houvesse cultos religiosos (Atos l0:9). Com frequência, as pessoas dormiam nesses terraços, para evitarem o calor que ficava retido no interior das casas (II Reis 4:10). Dali também era comum fazerem-se proclamações (II Sam. 18:24,33; Mat. 10:27). Pedro recebeu uma visão de grande significação estando em um terraço (Atos l0:9). 6. A *câmara* (I Reis 20:30; 22:25) era de vários tipos, sendo usada para diversos propósitos. O número e o estilo das câmaras, em cada casa, dependia dos meios financeiros de cada família. Algumas casas da Palestina contavam apenas com um aposento, onde vivia a família inteira conforme é sugerido pela história de Lucas 11:7. Ver o comentário no NTI, nesse versículo, quanto a maiores detalhes. 7. As *lareiras* não apareciam em todas as casas. Na maioria delas havia apenas um fogão de carvão de pedra, para prover aquecimento (Jer. 36:22). Também havia chaminés, mas eram raras (Osé. 13:3). Nas casas mais humildes, simples orifícios deixavam coar alguma luz para o seu interior, por onde também saia a fumaça. 8. As *cozinhas,* ou aposentos construídos especialmente para cocção de alimentos, são mencionadas pela primeira vez em Eze. 46:23,24. Na maioria das vezes fazia-se uma fogueira em algum pátio aberto (Luc. 22:55,56,61), embora algumas casas contassem com verdadeiras cozinhas. 9. *Cisternas,* onde a água era retida, eram uma necessidade imperiosa na Palestina. Ver o artigo separado sobre esse assunto. A água das chuvas era conservada em cisternas públicas ou privadas, algumas vezes com túneis por onde a água era transportada. 10. Os *alicerces* eram feitos com grande cuidado. Algumas vezes, os alicerces repousavam diretamente sobre a rocha, após a remoção da camada de terra; ou então eram feitos alicerces com pedras (Luc. 6:48). Em uma das parábolas de Jesus, um homem insensato não se mostrou cuidadoso quanto ao alicerce de sua casa, segundo se vê nesse texto. Cristo mencionou a principal pedra de esquina, que unia paredes, em uma esquina, e que Jesus usou metaforicamente para ressaltar um detalhe da edificação de sua Igreja (Efé. 2:20). Cristo é o alicerce da Igreja, como também os apóstolos e profetas do Novo Testamento embora só Jesus o seja soteriologicamente (I Cor. 3:11 e Efé. 2:20). Pedro, em sentido especial, foi um desses alicerces da Igreja (Mat. 16:16-19). 11. *Janelas.* Nas casas antigas não se faziam as grandes janelas que vemos nas residências modernas. Usualmente eram pequenas, protegidas por uma grade. Nas casas das pessoas pobres, as janelas eram meras perfurações em uma parede, diante das quais havia alguma pele de animal ou alguma espécie de pequena cortina. 12. *As paredes* eram feitas do que no Brasil se chama pau-a-pique, ou então de ramos. As pessoas mais abastadas faziam casas com paredes de tijolos ou de pedras, que eram materiais muito mais duráveis. Devido a precariedade dos materiais de construção das casas mais pobres, não era difícil um ladrão escavar uma parede, a fim de roubar alguma coisa do interior de uma dessas casas (Jó 4:19). Isso explica as palavras de Jesus, quando disse que as coisas materiais estão sujeitas a essas dilapidações (Mat. 6:19). Porém, também havia casas com paredes feitas de tijolos e argamassa, e então rebocadas. E também havia casas construídas com paredes de pedras, algumas delas decoradas com tapetes, pinturas e outros ornamentos. 13. As *portas.* As choupanas dos pobres tinham uma abertura na parede, com algum tipo de cortina, como uma pele de animal a proteger a entrada. Todavia, havia casas com portas de madeira, algumas vezes madeiras tão caras quanto o cedro (Can. 8:9). Também havia portas feitas de simples lajes de pedras, que tinham eixos de pedra. Algumas dessas pedras eram ricamente decoradas, ao passo que outras eram sem artifícios, tudo dependendo das riquezas materiais dos proprietários. Em Israel, costumava-se pôr alguma tabuleta escrita nas portas, a fim de atrair bênçãos e afastar perigos. 14. *Colunas.* Essa era uma das características comuns das casas antigas. As colunas eram usadas para fechar áreas, como pórticos, ou para sustentar tetos planos, toldos ou cortinas. Sansão derrubou um edifício inteiro derrubando as suas principais colunas (Juí. 16:26). *15. Móveis.* No oriente antigo, as casas podiam contar com móveis rústicos, feitos de pedras ou de madeira. Mas os ricos contavam com móveis luxuosos, que decoravam suas casas. Os itens comuns eram uma cama, mesa, assentos de vários tipos, a lamparina (II Reis 4:10), os vasos para cozinhar e para servir à mesa. Os mais abastados contavam com sofás, divãs, tapetes, travesseiros, mesas engastadas com marfim, vasos de metais caros (Pro. 7:16; Eze. 13:18,20; Amós 6:4; II Reis 4:10; Pro. 9:14). Quase todos os alimentos eram cozidos sobre fornos abertos, pelo que as fagulhas e a cinza chegavam a constituir um grave problema. Porém, também havia fornos devidamente ventilados, que minimizavam esse problema. 16. *Iluminação.* Vários combustíveis eram usados para alimentar as lâmpadas; mas o melhor combustível era o azeite de oliveira. Todavia também havia outros óleos, de origem vegetal. Também eram usadas tochas para iluminar o interior das casas. Ver Mat. 25:1 e 5:15 quanto a outras indicações sobre os meios de iluminação.

III. Desenvolvimentos Arquiteturais

Esse aspecto é ventilado no artigo sobre a *Arquipetura* (que vide).

IV. Usos Metafóricos

1. Uma casa indica a linhagem de uma pessoa (Luc. 1:27; 2:4). 2. Também aponta para a descendência de uma pessoa (II Sam. 8:11; Sal. 113:9). 3. Pode indicar uma família ou clã (Gên. 43:16). 4.

O céu é a casa de Deus (João 14:2). 5. A sepultura é a casa dos mortos (Jó 30:23). 6. O corpo humano é a casa da alma, enquanto ela está neste mundo (II Cor. 5:1). Isso é comum nos sonhos e nas visões, quando as condições observáveis em uma casa são paralelas às condições do corpo físico. 7. Outros símbolos nos sonhos e nas visões. Uma casa pode indicar a pessoa, a sua personalidade, as suas qualidades, etc. Algo encontrado inesperadamente em uma casa, pode apontar para uma qualidade ou um defeito insuspeitados em uma pessoa. As aberturas existentes em uma casa podem corresponder aos orifícios do corpo. O andar de cima pode apontar para o cérebro. O andar de baixo ou o porão pode indicar os instintos mais básicos. A mudança de uma casa para outra pode significar mudança na vida, ou, então, a morte física. A *construção* pode apontar para a tentativa de realizar algum trabalho, de ocupar-se em algum projeto, etc. A obra de construção pode representar a missão de uma pessoa. (CHE ND UN Z)

CASA DAS ARMAS

Originalmente, essa palavra, no hebraico, indicava uma arma, cognato da *nsq.* (Ver Nee. 3:19, quanto a esse uso). Porém, o uso comum indicava o lugar onde eram guardadas as armas, um arsenal. O desenvolvimento de carros de guerra mais sofisticados, e de armas mais letais, exigiu que fossem construídos armazéns especiais para guardá-los. (Ver I Reis 7:2-12; 10:16,17; II Reis 11:10; 20:13). Essas referências representam esses arsenais em diferentes lugares e ocasiões. (Z)

CASA DE INVERNO

No hebraico, **bayith choreph.** A expressão ocorre somente em Jer. 36:22 e Amós 3:15, exatamente com o sentido que lhe foi dado em nossa tradução portuguesa. Na Palestina, os ricos possuíam casas de verão e casas de inverno, as quais ocupavam de acordo com as condições climáticas. Isso mostra-nos que o luxo convivia com a pobreza mais abjeta. A propósito, essas desigualdades e injustiças sociais continuam em nossos dias, e prosseguirão até os últimos dias, segundo a Bíblia deixa claro, quando refere-se aos últimos dias. Jesus disse: «...os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes» (João 12:8). Essas suas palavras predizem que a justiça social, com oportunidades iguais para todos, só tornar-se-á uma realidade quando do reino milenar de Cristo, e nunca antes. Aliás, a tendência da diferenciação entre ricos e pobres vai-se acentuando cada vez mais, sobretudo em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, como é o caso dos países da América Latina. Nos regimes socialistas há uma pobreza menos evidente, ao passo que nas democracias a pobreza é mais conspícua. Porém, verdadeiras condições de igualdade só teremos quando do milênio. Prediz o trecho de Miquéias 4:3,4: «...ele julgará entre muitos povos, e corrigirá nações poderosas e longínquas; estes converterão as suas espadas em relhas de arados, e suas lanças em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os espante, porque a boca do Senhor dos Exércitos o disse».

CASA DO BOSQUE DO LÍBANO

Esse era um palácio de Salomão (I Reis 7:1-12). Ver o artigo sobre **Palácio.**

CASA DO TESOURO

Quanto a esse verbete, precisamos considerar duas palavras hebraicas:

1. *Asamim,* «celeiros». Palavra que ocorre por duas vezes: Deu. 28:8; Pro. 3:10.

2. *Bet Otsar,* «*casa* do tesouro». Expressão que figura por quatro vezes: I Crô. 27:25; II Crô. 11:11; Sal: 33:7 e Mal. 3:10.

No capítulo vigésimo oitavo do livro de Deuteronômio encontramos as promessas de bênção, em razão da obediência, e as promessas de castigo, em razão da desobediência do povo de Israel aos preceitos do Senhor. No oitavo versículo desse capítulo lemos que Deus cuidaria de manter cheios os celeiros do povo de Israel, se eles fossem obedientes. Em Provérbios 3, há uma promessa similar, feita aos que honrassem ao Senhor com seus bens e com as primícias de sua renda: «...e se encherão fartamente os teus celeiros, e transbordarão de vinho os teus lagares» (Pro. 3:10).

Malaquias acusou os judeus de sua época de estarem roubando a Deus, por não estarem trazendo seus dízimos à «casa do tesouro» de Deus (Mal. 3:10). De acordo com muitos eruditos, ele estaria se referindo ao tesouro do templo de Jerusalém. Nos dias de Neemias, o sumo sacerdote e os levitas deveriam receber os dízimos da parte do povo. Então os levitas deveriam levar esses dízimos «às câmaras da casa do tesouro» (Nee. 10:38). Nesta última passagem, portanto, parece estar em vista certos aposentos especiais, onde esses dízimos eram armazenados para uso futuro. Nos dias de Jeremias, Ebede-Meleque, o etíope, foi à casa do rei, «por debaixo da tesouraria», de onde tomou roupas usadas e trapos, fazendo-os descer ao fundo da cisterna onde se' encontrava Jeremias, que ali havia sido posto por ordem dos príncipes, onde aparece a palavra hebraica *otsar,* ainda que não a expressão *bet otsar,* que se referia, as câmaras existentes no templo de Jerusalém, e não na casa do rei, posto que algumas versões confundem esses dois lugares diferentes, chamando a ambos de «tesouro».

CASA DOS DEPÓSITOS

Estão em foco os armazéns do templo de Jerusalém (ver I Crô. 26:15; ver também Nee. 12:25, que fala em «depósitos das portas»). O termo hebraico assim traduzido significa, literalmente, «coleções», pelo que alguns pensam que a alusão é ao tesouro guardado no templo, embora a maioria dos eruditos prefira a tradução mais geral de «depósito».

CASAMENTO Ver o artigo sobre **Matrimônio.**

CASAMENTO LEVIRATO Ver **Matrimônio Levirato.**

CASAMENTO MISTO

O que Paulo ensinava sobre os casamentos mistos?

1. Os casamentos «mistos» são legítimos, a despeito do que os judeus pudessem pensar a respeito. (Ver I Cor. 7:14). São legítimos ante as leis civis, e não podem ser menos legítimos aos olhos da igreja cristã. Nada existe de pecaminoso e impuro no contato físico e espiritual envolvido em tais casamentos, conforme os judeus erroneamente imaginavam. Quanto a este ponto, Paulo se desvia inteiramente da tradição judaica.

2. O crente jamais deve dar início a um processo de «divórcio», se estiver casado com um incrédulo, sobretudo por causa de supostas razões «morais» ou «religiosas». No entanto, aqueles que conhecem as Escrituras do A.T. sabem que o «divórcio», no caso dos *casamentos mistos,* (as uniões entre judeus e gentios), longe de ser desaprovado, era realmente ordenado e exigido. (Ver Esd. 10:10). Naqueles casos, após ter-se desvencilhado de seu cônjuge gentio, o judeu estava na total liberdade de casar-se novamente, pois, na realidade, ele não estivera casado legitimamente antes.

3. No caso de crentes, a iniciativa do processo de divórcio não deve ser tomada nem pelo homem e nem pela mulher. Dentro da sociedade grega, porém, uma mulher podia instaurar processo de divórcio contra seu marido, o que também se dava entre os romanos. Porém, nem o homem e nem mulher crente podem iniciar processo de divórcio contra seu cônjuge incrédulo, devendo ficar unido a ele — enquanto este não quiser desfazer os laços matrimoniais. (Ver os versículos doze e treze do sétimo capítulo de I Cor.).

4. O casamento com um incrédulo, porém, não é «obrigatório» para o crente, se é o cônjuge incrédulo quem dá início ao processo de divórcio. (Ver Isa. 7:15). A razão para tal divórcio não é declarada, o que nos permite perceber que qualquer razão levantada pelo cônjuge incrédulo pode dissolver tal casamento, embora tal iniciativa deva sempre partir do cônjuge incrédulo. Os divórcios dessa categoria, portanto, não precisam estar escudados no «adultério» como sua causa. Visto que a *sujeição* às obrigações matrimoniais é desfeita, o crente, no dizer de Paulo, está livre para casar-se novamente, com a condição única que o faça «no Senhor», isto é, com outro crente, nos termos do sexto capítulo da segunda epístola aos Coríntios e do trecho de I Cor. 7:39.

5. Nesses casos de «novas núpcias», segundo vemos no ponto anterior (4), é de supor-se que ao crente deva ser permitido ser membro de uma igreja local, sem restrição de qualquer espécie, porquanto, nesse caso, as palavras de I Tim. 3:12 não teriam jamais qualquer aplicação.

6. Os filhos dos casamentos mistos são *legítimos,* e não ilegítimos, conforme eram erroneamente considerados segundo a mentalidade tipicamente judaica. (Ver I Cor. 7:14).

7. Se for possível, é sábio *conservar* um casamento «misto», em vez de dissolvê-lo. O crente deve tolerar tal situação o máximo possível, porquanto o seu cônjuge incrédulo pode ser conduzido aos pés de Cristo, mediante a conduta piedosa do cônjuge crente. Por conseguinte, a preservação dos vínculos matrimoniais é desejável, embora isso, uma vez mais, vá de encontro aos pontos de vista israelitas sobre a questão. (Ver I Cor. 7:16).

Consente. I Cor. 7:12. No grego, literalmente traduzido, encontramos *concorda em estar contente,* numa forma composta, que subentende «acordo mútuo». Nesse caso, supõe-se que o incrédulo tem o desejo de preservar os vínculos matrimoniais, no que é correspondido pelo crente. Paulo ensina mesmo que tal desejo, por parte do cônjuge incrédulo deve ser correspondido pelo crente, o que fica entendido tanto em I Cor. 7:12 como em I Cor. 7:16.

Não a abandone, I Cor. 7:12. Não está aqui em foco somente a separação no leito conjugal, conforme essas palavras têm sido reduzidas em seu sentido por alguns intérpretes; mas está em vista o próprio *divórcio, o* que fica subentendido na idéia de «sujeição», que fala sobre as obrigações matrimoniais em geral. Pois ficar livre da «sujeição» (ver I Cor. 7:15), corresponde ao rompimento do contrato matrimonial, e não a alguma forma superficial de separação.

CASIFIA

No hebraico, «branco» ou «brilhante». Esdras diz que quando retornou à Judéia, ele mandou buscar Ido, que residia em Casifia. É possível que se trate do monte Cáspio, próximo do mar Cáspio, entre a Média e a Hircania, ou então perto da Babilônia, onde se encontravam muitos cativos judeus (ver Esd. 8:17). Seja como for, o lugar permanece não-identificado. Etimologias populares levam-nos a muitas variantes como «no lugar prateado» ou «no lugar do tesouro» (ver I Esd. 8:45), e várias tradições circundam esse nome.

CASLUIM

Um povo cujo primeiro antepassado era filtro de Mizraim (Gên. 10:14; I Crô. 1:12). Portanto, era um povo camita. Em ambos esses textos, onde o adjetivo pátrio aparece, a palavra aparece como se os filisteus descendessem de Casluim, e não de Caftorim, conforme se vê em Deu. 2:23. Portanto, nesses dois *trechos* parece ter havido uma transposição de nomes.

A única indicação que temos do lugar onde esse povo residia originalmente nos vem da posição que eles ocupam na lista dos filhos de Mizraim, entre os patrusim e os caftorim, o que sugere que, provavelmente, esse lugar era o Alto Egito.

A palavra também indica o indivíduo que foi o genitor dos filisteus, segundo se vê na referência de Gênesis 10:14. Várias conjecturas a respeito da identificação dessa tribo não têm sido favorecidas. A palavra aparece sob muitas formas variantes, o que indica a dificuldade do problema. (S Z)

CÁSSIA

Vem de uma palavra hebraica que significa *enrugada.* Aparece somente em Êxo. 30:24; Eze. 27:19 e Sal. 45:8. Essa substância era um dos ingredientes na composição do azeite do ungüento santo. Em Tiro, conforme nos mostra a referência do livro de Ezequiel, era um artigo de seu comércio. A Vulgata Latina traduz a palavra como «mirra liquida»; e a LXX diz «íris», uma espécie de espadana. Provavelmente aponta para alguma espécie de madeira ou casca de árvore. Aparece em sua forma plural em Salmos 45:8, onde é associada à mirra e ao aloés, três substâncias usadas para deixar as vestes fragrantes. Alguns estudiosos supõem que se trata de uma variedade do cinamomo, a *Cinnamomum cassia,* talvez a espécie mencionada em Can. 4:14 e Apo. 18:13 (nossa versão portuguesa diz aqui «canela de cheiro»). Outros estudiosos preferem pensar na *Saussurea lappa,* nome científico de íris. Seja como for, parece tratar-se de uma substância aromática, em cujo caso seria um pó feito da casca ou da raiz de alguma planta. (WAL)

CASTANHOLAS

Ver sobre **Instrumentos Musicais.**

CASTELO

Na Bíblia portuguesa há duas palavras hebraicas a considerar, bem como uma palavra grega, a saber:

1. *Armom,* palavra hebraica usada por trinta e duas vezes (para exemplificar, Pro. 18:19; I Reis 16:18; Sal. 48:3; Isa. 23:13; Jer. 6:5; Amós 1:4, 6:8; Miq. 5:6).

2. *Biraniyot,* «cidadelas». Palavra hebraica usada apenas por duas vezes: II Crô. 17:12; 27:4. Geralmente adjacentes a alguma fortaleza.

3. *Púrgos, «castelo".* Palavra grega usada por quatro vezes: Mat. 21:33; Mar. 12:1; Luc. 13:4 e 14:28. Nossa versão portuguesa a traduz sempre por «torre».

A palavra portuguesa «castelo» deriva-se do termo latino *castrum,* «lugar fortificado». Desde a antiguidade as cidades eram cercadas por muralhas. Uma aldeia ou vila não contava com tal proteção. Nas cidades fortificadas havia uma «cidadela», geralmente ocupando a posição mais elevada e de mais difícil acesso. Dai derivou-se a idéia de «castelo», já no império bizantino. A diferença entre a cidadela e o castelo é que a primeira servia somente a finalidades militares, como um último refúgio contra possíveis tropas inimigas, ao passo que o castelo já era uma construção de grande porte, que servia de residência de quartel, de armazém e de arsenal. Além disso, uma cidadela geralmente ficava no interior das muralhas de alguma cidade, enquanto que um castelo **geralmente** era cercado pelas cabanas humildes dos vassalos dos grandes senhores de terras. Em face de todas essas considerações, talvez fosse melhor traduzirmos aquelas palavras hebraicas envolvidas por «cidadela», pois, no Antigo Testamento, a rigor não havia «castelos», no sentido que costumamos dar-lhes, quando pensamos mais nas formidáveis fortificações do período feudal. Ver *Silo, A torre de Davi.*

CASTIDADE

Vem do latim **castitas, castitatis,** «casto», «puro», correspondente ao termo grego *agnos.* O uso primário dessa palavra, no campo da ética, é a pureza moral. Essa conotação é óbvia em II Coríntios 11:2, onde as virgens são assim caracterizadas; e em Tito 2:5 e I Pedro 3:2, onde a palavra é usada para descrever as mulheres casadas. Ver também Filipenses 4:8, onde há uma referência geral a tudo quanto é *puro,* incluindo a pureza moral e religiosa dos rapazes (I Tim. 5:22). O trecho de I João 3:3 aplica o termo a Deus, como santo, cuja santidade espera-se que seja reproduzida em nós.

Apesar de todas as suas faltas, o povo de Israel desenvolveu o conceito de santidade de Deus, com a necessidade paralela dos

homens serem, correspondentemente, santos. Do povo de Deus esperava-se que se separassem da polução moral e religiosa dos pagãos (Lev. 20:21). No Antigo Testamento, porém, a castidade nada tinha a ver com a idéia de celibato, conforme a palavra veio a significar nas mentes de muitos homens modernos, talvez devido à influência das idéias católicas romanas. Na verdade, segundo o pensamento judaico, ninguém era considerado um homem espiritualmente próspero, qualificado para ser um dos lideres da sinagoga, se não fosse casado. Ver o artigo sobre o *Celibato.* No Novo Testamento, a castidade é valorizada, mas nunca confundida com o ascetismo (Col. 2:20 *ss).* Dos seguidores de Jesus esperava-se que fossem diferentes das demais pessoas (I Cor. 5:6-13; II Cor. 6:14-18; Tito 2:5; I Ped. 3:2).

O divórcio tornara-se uma praga no império romano. Juvenal afirma que, durante o período da Igreja primitiva, não somente os homens, mas também as mulheres, divorciavam-se e recasavam. Era comum uma mulher ter tido oito maridos em menos de cinco anos. Os crentes deveriam respeitar as tradições da herança judaico-cristã. A própria Igreja é comparada a uma virgem casta (II Cor. 11:2). Os cristãos estão na obrigação de resistir aos padrões e às práticas do paganismo. (Ver I Tes. 4:11,12). A santidade é necessária à salvação, pois, sem a mesma ninguém verá a Deus (Heb. 12:14). Ver o artigo geral sobre a *Santificação.*

CASTIGO, CASTIGAR

Discussão Preliminar

As palavras:

I. O Princípio Bíblico
2. O Castigo como Remédio
3. Alicerces do Castigo
4. Pontos de Discussão e Debate
5. O Castigo e os Incrédulos
6. O Castigo Relativo à Perseguição e à Tribulação
7. O Castigo e a Lei da Colheita Conforme a Semeadura

Há dois substantivos envolvidos, um hebraico e um grego, como também há dois verbos, um hebraico e um grego, a saber:

1. *Musar,* «instrução», palavra hebraica usada por quarenta e nove vezes (por exemplo: Deu. 11:2; Jó 5:17; Pro. 3:11; Isa. 3:11; 53:5; Jer. 30:14).

2. *Paideia,* «instrução de criança». Palavra grega que aparece por seis vezes: Efé. 6:4; II Tim. 3:16; Heb. 12:5.7,8,11).

3. *Yasar,* «instruir». Palavra hebraica empregada por quarenta e três vezes (por exemplo: Deu. 8:5; 21:18; Sal. 6:1; 38:1; Pro. 19:18; Osé. 10:10).

4. *Paideúo,* «instruir uma criança». Palavra grega que aparece por treze vezes: Luc. 23:16,22; Atos 7:22; 22:3; I Cor. 11:32; II Cor. 6:9; I Tim. 1:20; II Tim 2:25; Tito 2:12; Heb. 12:6,7,10 e Apo. 3:19.

Idéias Gerais. A principal palavra hebraica traduzida por «castigo» é **yasar.** Tem o sentido básico de ensinar uma lição, e apenas secundariamente o sentido de castigar ou punir. Podemos aprender lições de várias maneiras, através do exemplo, da experiência e do sofrimento (João 13:5; I Tim. 4:12; Jer. 10:24); da aceitação de instruções verbais (Sal. 16:7), da observação (Jer. 2:30). Além disso, a razão, inteiramente à parte da experiência, pode fornecer-nos informações que nos dirigem aos atos. Sócrates pensava que a moralidade pode ser alicerçada sobre princípios racionais, que a mente humana possuiria de forma inerente. Ver sobre o *Racionalismo.* Também há as informações obtidas mediante meios místicos, por meio da revelação divina ou não. Ver os artigos sobre o *Misticismo* e a *Revelação.*

O verbo grego *paideúo* (o substantivo é *paideía*), que significa «instruir uma criança», tem os sentidos secundários de treinar, educar física e mentalmente (Atos 7:22). O substantivo indica a criação de uma criança, o treinamento, a educação, e, naturalmente, a base da palavra é o vocábulo grego que significa *criança,* alguém que precisa dessa criação e treinamento. No Novo Testamento, a idéia de castigo refere-se, quase sempre, à correção que Deus dá ao Seu povo, por causa de algum desvio, pecado ou falta (I Cor. 11:32; II Cor. 6:9; Heb. 12:5-11). Assim como os pais humanos castigam os seus filhos, assim o nosso Pai celestial nos castiga. Se isso não sucede conosco, então é porque somos bastardos, e não filhos. Portanto, a disciplina e o castigo são medidas benéficas. Platão afirmava que uma das piores coisas que pode suceder a uma pessoa é praticar ela um erro, mas não ser punida por esse erro. Isso ensina a alma a corromper-se. Essa disciplina benéfica pode ser aplicada até mesmo através de Satanás (I Tim. 1:20). O décimo segundo capítulo da epístola aos Hebreus mostra-nos que os frutos da piedade resultam do castigo recebido. Parte dessa disciplina, pelo menos, envolve certa medida de retribuição, mesmo no caso dos crentes, porquanto temos de colher aquilo que semeamos (Gál. 6:7,8). Naturalmente, também há aquele treinamento que não envolve o elemento de castigo, sem importar se está em pauta o crente ou o incrédulo; mas não há retribuição que seja apenas isso. Deus simplesmente não age desse modo. Deus é o Pai de todos, e seus atos disciplinadores sempre são aplicados à luz de sua Paternidade. A disciplina aplicada por Deus prova o seu amor, porquanto há coisas que Deus pode fazer melhor dessa maneira do que de outra maneira qualquer. O castigo pode chegar ao extremo de fazer uma pessoa perder a sua vida física, visando seu benefício espiritual (I Cor. 11:30). Isso deveria ser um forte incentivo para vivermos no temor de Deus (Atos 5:11). Se dermos atenção à *instrução* divina, haveremos de sofrer menos castigo (II Tim. 3:16,17).

Este artigo apresenta os princípios gerais da punição. Ver os artigos separados sobre Crime e *Castigo, Castigo Capital* e *Castigo Eterno,* que aparece sob o título o *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.* Ver também o artigo sobre *Recompensas e Castigos.*

I. O Princípio Bíblico. Do princípio ao fim, a Bíblia dá a entender que o indivíduo está sujeito à sociedade dos homens e a Deus. Isso significa que os seus atos estão sujeitos a exame, e, subseqüentemente, a recompensa ou castigo. As leis levíticas eram uma elaborada declaração dessa crença. O Novo Testamento põe-nos debaixo da lei do Espirito (Rom. 8:2). A *lex talionis* (que vide) ou retaliação segundo a ofensa, requer olho por olho e dente por dente. O Novo Testamento reconhece o poder das autoridades civis, um poder delegado por Deus (Rom. 13:1 *ss),* e até esse ponto, dá sanção à *lex talionis.* Porém, a questão inteira da punição é alçada até à dimensão espiritual, onde aprendemos que aquilo que uma pessoa semeia, isso também haverá de ceifar (Gál. 6:7,8). O princípio geral da recompensa e do castigo é reafirmado por vários autores neotestamentários, como Tiago (Tia. 2:14); Paulo (Rom. 2:5; I Cor. 3:8,13-15; II Cor. 5:10; Col. 3:23-25); João (Apo. 5-6; 8 – 9.10:7-15).

2. O Castigo como Remédio. A razão diz-nos que um castigo meramente retributivo não concorda com a natureza de Deus, como o *amor.* Alguns teólogos têm asseverado que a punição dos perdidos é final e somente retributiva. Orígenes declarou que esse ponto de vista «condescende com uma teologia inferior». Essa posição é condenada por alguns teólogos; mas ela sempre aparece de modo bem definido nos escritos dos pais gregos da Igreja, contando com muitos aderentes na Igreja Ortodoxa Oriental e entre os anglicanos. Além disso, trata-se de uma doutrina bíblica. Há o relato sobre a descida de Cristo ao hades (I Ped. 3:18-4:6). Ele foi ali pregar o evangelho aos que haviam sido desobedientes nos dias de Noé, e por extensão a todos os perdidos. I Ped. 4:6 diz-nos o motivo disso: «...pois, para este fim foi o evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne, segundo os homens, vivam no espírito, segundo Deus». A passagem de Efé. I:I0 promete a restauração geral de todas as coisas, em resultado da obra divina de todos os séculos, o que incluirá os efeitos do próprio julgamento. Portanto, o julgamento ou castigo é um dedo da mão amorosa de Deus. *Aprendamos este princípio:* O contrário da injustiça não é a justiça; é o amor. O trecho de Efésios 4:9.10 mostra-nos que a desci-

da de Cristo ao hades teve o mesmo propósito que a sua ascensão, porquanto os dois atos contribuem para fazer Cristo tornar-se tudo para todos, aquilo que se deve entender no fato de que ele *preenche todas as coisas.* O trecho de Hebreus 12:7 mostra-nos que a disciplina, que envolve o castigo, é uma medida do amor do Pai por seus filhos, tal como sucede na vida humana. Deus trata todos os homens como se fossem filhos, sem importar se salvos ou perdidos, através do mesmo princípio ensinado nos versículos que mencionei. Isso é o que deveríamos esperar da parte de Deus Pai.

3. Alicerces do Castigo. O homem é um ser responsável tanto diante de Deus quanto da comunidade humana. O castigo é um elemento que garante a responsabilidade ética. É melhor amar, e, portanto, obedecer; mas, o homem caído não se ajusta muito bem a isso. Contudo,—à medida que o crente vai sendo transformado segundo a imagem de Cristo, mais ele se adapta à lei do amor, porquanto Cristo é o Filho amoroso e obediente do Pai. Porém, por enquanto, o homem precisa da ameaça do castigo tanto para impedi-lo de errar como para castigá-lo, se ele chegar a errar. O castigo também é uma medida **de amor necessária, para servir de remédio para o** mal, e para transformar aquele que tiver praticado o mal. O Senhor pode fazer melhor certas coisas, através do juízo, do que através de outra medida qualquer. Deus é o nosso Criador, pelo que exerce autoridade sobre nós. Cristo é o Redentor e o Restaurador, pelo que também exerce autoridade legitima sobre o homem. O dever do homem é diante do Pai e do Filho, e também é diante das autoridades civis humanas, porquanto elas são delegadas de Deus para impor a disciplina nesta esfera terrestre. Nem todos os pecados revestem-se da mesma gravidade, pelo que nem todo o castigo é igual. Os homens são julgados de acordo com suas obras (Rom. 2:6). Os crentes serão julgados de acordo com as suas obras, posto que não para efeito de salvação e perdição e sim, para efeito de recebimento ou não de galardões (I Cor. 3:10 *ss).* Ver sobre os *Galardões dos Crentes.*

4. Pontos do Discussão e Debate. Os teólogos debatem se o castigo imposto por Deus tem apenas um efeito retributivo, ou também tem um efeito restaurador. Em grande parte, essa é uma questão que tem envolvido choques entre as porções ocidental e oriental do cristianismo. A Igreja ocidental argumenta em favor somente da idéia de retribuição. A Igreja oriental argumenta em prol do valor remediai do castigo imposto por Deus. Quanto a esse ponto ponho-me ao lado da Igreja oriental. Os educadores modernos defendem a idéia que a *imposição positiva* de boa conduta é uma medida mais eficaz para aprimorar a conduta de um indivíduo do que o castigo. Esse é um bom principio, que pode ser aplicado com freqüência. Porém, não pode substituir a necessidade do castigo. Alguns crimes merecem retribuição, por amor à justiça. Além disso, o castigo severo, incluindo a punição capital (que vide), é benéfico à alma, e não apenas para livrar a sociedade dos malfeitores. Freud preocupava-se com os efeitos negativos a longo prazo do castigo. Uma punição excessivamente severa pode causar um trauma duradouro, se imposta no espírito do ódio e da hostilidade. Porém, os abusos não eliminam a validade do *princípio* do castigo, com vistas à retribuição e à restauração, igualmente.

5. O Castigo e os Incrédulos. Os evangélicos geralmente estabelecem uma distinção por demais radical entre o que Deus faz com os crentes e com os incrédulos. Afinal de contas, todos os incrédulos são crentes em potencial, sendo, igualmente, objetos do amor de Deus (João 3:16). Tornou-se popular, na teologia evangélica, dizer que o julgamento divino tem apenas um aspecto retributivo, quando aplicado aos incrédulos. E, no entanto, o trecho de I Pedro 4:6 contradiz essa noção de forma enfática e específica. A missão de Cristo ao hades (ver sobre a *Descida de Cristo ao Hades),* levou até ali o seu ministério evangelístico, quando o evangelho foi pregado, aos mortos (I Ped. 4:6), aos desobedientes (I Ped. 3:19,20). Então, eles foram julgados como homens que vivem na carne. Estão pagando pelo mal que praticaram. No entanto, o próprio castigo a que são sujeitados tem o propósito de dar-lhes vida, para que vivam como Deus vive, no espírito. Somente assim poderia ter cumprimento a restauração de todas as coisas (ver Efé. 1:10), que envolve o mistério da vontade de Deus. Ver o artigo sobre a *Restauração.* O julgamento é um dedo da mão amorosa de Deus, e ele pode fazer certas coisas, através desse método, como não pode fazer de outra maneira qualquer.

Inútil é falar em *justiça* somente em termos de vingança. A passagem de Romanos 5:7 estabelece a distinção entre o homem justo e o homem bom. O homem justo é eticamente correto. Ele não infringe as demandas da lei e da moralidade. Mas o homem bom, além disso, também mostra-se generoso e amoroso. Por esse tipo de pessoa, alguém poderia ousar morrer, mas, pelo indivíduo meramente justo, quem se incomodaria? É impossível supormos que a justiça de Deus é inferior às exigências impostas aos homens. O oitavo capítulo de Romanos mostra-nos que neste mundo há caos e tragédia, fazendo a vida humana tornar-se fútil. Porém, Deus usa esses elementos para atrair os homens a si mesmo, e essas são formas de castigo aplicadas a todos os homens, e não somente aos crentes. (Ver Rom. 8:20). A criação ficou sujeita à futilidade a fim de que pudéssemos obter, finalmente, a liberdade. Geralmente estreitamos demais o amor de Deus. Esse amor opera por toda a parte, em favor de todos; e essa é a grande mensagem do evangelho.

6. O Castigo Relativo à Perseguição e à Tribulação. Quanto aos resultados benéficos desse castigo, ver o artigo separado sobre *Tribulação, Valor da.*

7. O Castigo e a Lei da Colheita Conforme a Semeadura. É evidente que colhemos aquilo que semeamos (Gál. 6:7,8). A graça de Deus, em face da confissão e do arrependimento, pode livrar-nos das conseqüências; mas, usualmente, a despeito do perdão recebido, essa lei é posta em vigor, de qualquer maneira. Nem por isso o crente castigado é, por causa disso, condenado diante de Deus, conforme o trecho de Romanos 8:1 deixa perfeitamente claro. (B H NTI W)

CASTIGO ETERNO

Ver o artigo sobre o **Julgamento do Deus dos Homens Perdidos.**

CATADUPAS

No hebraico, **tsinnor.** A palavra aparece somente em II Sam. 5:8 e Sal. 42:7.

Na primeira dessas passagens, nossa versão portuguesa traduz o termo hebraico por «canal subterrâneo», e, na segunda, por «catadupa». As versões em geral têm traduzido essa palavra por «catarata», por «queda d'água», *tromba d'água,* etc. «Catadupa», palavra pouco usada em português é sinônima de *catarata.* No hebraico, essa é a idéia básica, e não «canal subterrâneo». Evidentemente, em Salmos 42:7 encontramos um uso metafórico do termo, simbólico do espírito abatido e avassalado.

CATATE

Uma das aldeias de Zebulom (Jos. 19:15). Provavelmente é a mesma Quitrom, referida em Juí. 1:30. Tem sido tentativamente identificada com a moderna Khirbet Quteineh.

CATIVEIRO (CATIVEIROS)

No hebraico varias palavras são usadas para indicar essa idéia, mas as palavras principais são: 1. *Golah,* «cativo», palavra que, em suas várias formas figura por cerca de cento e setenta vezes. 2. *Shabah,* «cativar», palavra que, em suas diversas formas aparece por cerca de setenta e duas vezes. Trechos notáveis são: de *golah* (II Reis 24:15; I Crô. 5:22; Esd. 1:11; Est. 2:6; Jer. 29:16,20,31; Eze. 3:11; 11:24,25; Zac. 6:10; 14:2); de *shabah* (Deu. 30:3; Jó 42:10; Sal. 14:7; 126:4; Jer. 29:14; 49:6,39; Lam. 2:14; Joel 3:1; Eze. 16:53; Dan. 11:33; Sof. 2:7).

No grego temos as palavras: *Aichmalotizo,* «tomar à ponta de lança», termo que figura em Luc. 21:24; Rom. 7:23; II Cor. 10:5 e II Tim. 3:6. *Aichmalotéo,* em Efé. 4:8. *Aichmálotos* em Luc. 4:18. Zogréo, «apanhar vivo», em Luc. 5:10 e II Tim. 2:26.

As Escrituras descrevem muitos tipos de cativeiro, a saber: 1. O cativeiro efetuado pelo inimigo, em tempos de guerra ou de paz, mediante o qual pessoas são cativas, contra a própria vontade. Nos tempos antigos, com freqüência isso envolvia a escravidão (Deu. 28:27-48; Gên. 14:14; Jer. 52:29,30). 2. O cativeiro evangélico dá-se quando o todo poderoso amor de Cristo obtém controle sobre uma pessoa, que então dedica-se totalmente à inquirição espiritual (II Cor. 10:5). 3. O cativeiro do pecado, quando alguém é oprimido e escravizado pelo poder de Satanás, bem como por suas próprias corrupções internas, naturais (Rom. 7:23; I Sam. 30:3; II Tim. 2:26). 4. O cativeiro moral, cujo conceito contrário é a vitória sobre o pecado e os vícios. Essa vitória leva o crente ao progresso espiritual, permitindo-lhe vencer os elementos morais e espirituais prejudiciais, levando tudo a cativeiro, à vontade do Senhor (II Cor. 10:5), incluindo os próprios *pensamentos.* Não está em foco alguma pequena vitória! 5. O cativeiro do mal, que Jesus levou cativo (Efé. 4:8). Provavelmente, isso significa que as forças satânicas que escravizam as almas, especialmente aquelas que existem no hades, e ali conservam as almas cativas, por sua vez foram vencidas e cativadas por Jesus, sendo derrotadas e desativadas. Alguns interpretam isso como a transferência de almas justas, que viveram antes do ministério terreno de Jesus, para o céu. Seria a transferência da parte boa do hades (ou paraíso), para o céu. Ver a exposição no NTI, sobre Efé. 4:8, quanto a completos detalhes. 6. O cativeiro pode ser imposto como *retribuição ao mal,* de tal maneira que aqueles que levam outros em cativeiro, haverão de colher segundo semearam, sendo levados em cativeiro (Apo. 13:10). Essa é uma promessa especial àqueles crentes que sofrerão durante a Grande Tribulação. Os seus opressores, no devido tempo, serão julgados por Deus. 7. Os males morais levam-nos ao cativeiro à lei do pecado (Rom. 7:23), que em nós opera. Trata-se da escravização moral, que todos os homens experimentam, e da qual a missão de Cristo tem o intuito de livrar-nos. 8. Vários cativeiros nacionais de Israel são descritos no Antigo Testamento. Temos o cativeiro de Israel no Egito, bem como o relato da libertação deles, mediante o êxodo. Isso serve de símbolo moral e espiritual do livramento do pecado e de sua escravizacão, para que o homem possa entrar no mundo dos benditos, na Terra Prometida espiritual. Artigos separados são apresentados sobre o *Cativeiro Babilônico* e sobre o *Cativeiro Assirio.* 9. *Cativeiro sob os Romanos.* O que sucedeu a Israel, às mãos dos conquistadores romanos, foi a culminação dos cativeiros e das escravizações de Israel. Muitos milhares de judeus foram massacrados, e muitos outros milhares foram exilados e escravizados. Josefo diz-nos que, durante o cerco de Jerusalém por Tito, no ano 70 D.C., noventa e sete mil judeus foram capturados, e um milhão e cem mil judeus foram mortos. Esse foi um número imenso, levando-se em conta a pequenez da nação judaica, de tal modo que quase cada indivíduo sofreu um ou outro desses horrores. Aqueles que tinham menos de dezessete anos foram vendidos para servir de escravos a particulares. Muitos outros foram enviados para trabalho forçado nas minas do Egito,—e outros foram enviados às províncias do império para serem mortos nos teatros, à espada ou pelos animais ferozes. Ver *Guerras* vi.9,3. Uma outra devastadora destrui ção da nação judaica ocorreu nos dias do imperador Adriano, em cerca de 132 D.C. Os poucos judeus que tiveram permissão de continuar na Palestina, foram finalmente levados dali, dando início à grande dispersão, que só foi revertida em nossos próprios dias, após a Segunda Guerra Mundial, quando da formação do Estado de Israel, em 1948. A partir dessa data, Israel tornou-se novamente uma nação organizada, conforme os profetas haviam predito. O milagre de Israel inclui o fato de que, a despeito da verdade que eles não tinham pátria nem território, e estavam espalhados pelo mundo inteiro, Israel foi capaz de preservar a sua cultura e religião, e portanto, a sua identidade como nação.

O Cativeiro de Israel e as Profecias Bíblicas. O Antigo Testamento predizia a restauração de Israel à sua terra, no fim dos tempos e que após algum tempo seguir-se-ia a era milenar (Isa. 11:11). Isso refere-se à segunda restauração. A primeira foi parcial, após o cativeiro babilônico. Essa segunda e última restauração será a versão da grande dispersão ou diáspora (ver Jer. 16:14,15; Isa. 43:5-7). Seu aspecto definitivo virá após o término dos tempos dos *gentios* (Luc. 21:24), por ocasião do segundo advento de Cristo (Mat. 23: 29) . Isso envolverá até mesmo a reversão da incredulidade de Israel (Eze. 36:24-27). Será uma completa restauração nacional, física e espiritual (Rom. 11:25). Ver a exposição desse último versículo no NTI, quanto a detalhes completos. Então Israel tornar-se-á a cabeça das nações, e um povo sacerdotal, anunciará a mensagem de Deus a todos os demais povos, em um período de prosperidade e paz sem-igual (Zac. 3:1-12; Apo. 20:1-10, caps. 21 e 22). Israel, pois, será reenxertada na vinha divina da vida (Rom. 11:23). (I IB HA NTI)

CATIVEIRO ASSÍRIO

Ver o artigo geral sobre **Cativeiro, Cativeiros.** Esse cativeiro também é connhecido como cativeiro das dez tribos de Israel. Embora nos refiramos a esse cativeiro como um único evento, na realidade envolveu um complexo processo. A maior parte da população das tribos israelitas do norte foi levada em exílio, não para a Babilônia (que foi a experiência da tribo de Judá; ver sobre *o Cativeiro Babilônico),* mas para a Assíria (que vide). O período durante o qual essa remoção teve lugar, estendeu-se por cerca de cento e cinqüenta anos. Podemos dividir esse período em quatro fases: a. a daqueles levados cativos por Tiglate-Pileser III, nos dias de Peca, rei de Israel, em cerca de 740 A.C. Nesse exílio estiveram envolvidas as tribos transjordânicas de Israel (I Crô. 5:26), e os habitantes da Galiléia (II Reis 15:29). O destino deles foi a Assíria. b. Durante o reinado de Oséias, rei de Israel, Salmaneser, rei da Assíria, invadiu Israel por duas vezes (II Reis 17:3,5), provavelmente levando os israelitas que tinham sobrevivido na outra invasão. c. Seu sucessor, Sargão II, em 721 A.C., conquistou a capital, Samaria, e levou mais de vinte e sete mil pessoas. Isso está registrado nos anais de Corsabade. d. O que não fora levado cativo pelos reis anteriores, outros monarcas assírios,—especialmente Esar-Hadom, em cerca de 681-668 A.C., levou embora.

Atualmente, há estudiosos que acreditam que os descendentes desses exilados israelitas, em várias levas, encontram-se, muito misturados com outros povos, na região em torno do lago Vã, na porção extremo oriental da moderna Turquia, onde esse país tem fronteiras comuns com o sul da União Soviética, com o Irã ocidental e com o norte do Iraque. Se isso corresponde à realidade dos fatos, é algo que não sabemos dizer. (ALB AM BAD BAR E)

CATIVEIRO BABILÔNICO

Esse título refere-se ao período da história dos judeus que começou no ano de 597 A.C., quando foi deportado o primeiro grande grupo de judeus juntamente com seu rei, Jeoiaquim, para Babilônia por determinação de Nabucodonosor. Esse período terminou em 538 A.C., quando Ciro, vencedor persa da Babilônia, baixou um decreto concedendo aos judeus o direito de retornarem a Jerusalém a reconstruírem o templo (ver o artigo). No período entre essas duas datas, tiveram lugar diversas outras deportações, entre as quais aquela após a destruição do templo, em 587 A.C. As fontes informativas diferem no tocante ao número de judeus que foram exilados, conforme se vê mediante a comparação dos trechos de II Reis 24:14,16 e Jeremias 52:28-30. O certo, porém, é que pelo menos vinte mil judeus foram deportados. Os judeus, chegados a Babilônia, desfrutaram de condições relativamente favoráveis. O solo ali era mais fértil que o da Judéia, e os agricultores judeus facilmente podiam cultivá-lo. Alguns deles conseguiram enriquecer. Muitos tornaram-se tão bem-

sucedidos na Babilônia que recusaram-se a retornar à Palestina, quando Ciro lhes permitiu o retorno. Contudo, ajudaram financeiramente àqueles que desejaram voltar do exílio. Cerca de quarenta e dois mil judeus retornaram a Judéia, em 538 A.C. E aqueles que permaneceram na Babilônia, formaram o núcleo de uma comunidade que, séculos mais tarde, tornou-se um importante centro da erudição e das tradições judaicas. (Ver também o artigo sobre o cativeiro *assírio).*

Tanto o cativeiro assírio quanto o babilônico haviam sido preditos pelos profetas do Antigo Testamento. Por detrás desses cativeiros havia razões morais e espirituais, e não apenas econômicas, militares e políticas, que se originam dos conflitos entre os povos. É verdade que todos esses fatores existiam; mas ao povo de Deus só sucede aquilo que Ele permite ou ordena. É assim, todas as grandes modificações, relativas a indivíduos ou nações, dependem, em última análise, da vontade de Deus. O juízo divino sobrevém aos desobedientes e interrompe, se não mesmo destrói, tudo quanto estiver sendo feito de positivo. Todavia, o juízo divino sempre é remedial, e não apenas punitivo. A apostasia pode ser revertida pelo julgamento divino; e, com freqüência, Deus pode fazer coisas boas através do juizo divino, que não podem ser realizadas de outra maneira qualquer. (Ver o artigo sobre *o julgamento divino).*

Quanto à interpretação das predições proféticas de que o cativeiro babilônico foi um juízo divino, ver os trechos de Isaías 54:9,10 e Jeremias 31:3-6. Resultados do cativeiro babilônico: Esse evento demonstrou a soberania de Deus e também o Seu interesse pelo Seu Povo. A universalidade de Deus foi demonstrada, porquanto ficou provado que Ele trata com todas as nações, e não apenas com Israel. Além disso, os judeus exilados levaram o judaísmo a lugares que doutra sorte, só teriam sido atingidos dentro de muitos séculos. E isso deu um grande avanço à mensagem espiritual. (ALB AM BAD BAR E)

CATUA

Essa palavra aparece somente no livro de I Esdras 5:30, na LXX. Seria o nome de uma pessoa que não é mencionada na lista paralela de Esd. 2:47 e de Nee. 7:49 da Bíblia hebraica.

CAUDA

Há uma palavra hebraica e uma palavra grega envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Zanab,* «cauda», «ré». Esse vocábulo hebraico ocorre por onze vezes: Êxo. 4:4; Deu. 28:13,44; Juí. 15:4; Jó. 40:17; Isa. 7:4, 9,14,15. Essa palavra aparece tanto em sentido literal quanto em sentido figurado.

2. *Ourá,* «cauda». Termo grego que é usado por cinco vezes: Apo. 9:10,19 e 12:4. Devido à natureza das visões simbólicas do Apocalipse, onde essa palavra grega aparece com exclusividade, sempre há algum sentido simbólico nas menções a «caudas», no Novo Testamento.

A primeira menção a essa palavra, no Antigo Testamento, refere-se à cauda da serpente em que se transformou o cajado de Moisés, quando ele o atirou ao solo, por ordem do Senhor. Moisés foi instruído a não temer: «estende a mão, e pega-lhe pela cauda...» (Êxo. 4:4). Mas, se essa primeira menção refere-se a uma cauda literal, a segunda já tem sentido altamente representativo. Em Deuteronômio 28:13, lemos as palavras: «O Senhor te porá por cabeça, e não por cauda; e só estarás em cima, e não debaixo, se obedeceres aos mandamentos do Senhor teu Deus, que hoje te ordeno. . . » Com as tribos divididas, seis no monte Ebal e seis no monte Gerizim, Moisés desfilou diante delas as maldições e as bênçãos de Deus, decorrentes da desobediência ou da obediência do povo de Israel ao Senhor. Essa foi uma predição feita com auxilio de encenação, e tem-se cumprido fielmente na história do povo terreno de Deus. Nos dias do Antigo Testamento, sempre que os israelitas mostraram-se obedientes, o Senhor os abençoou. Houve uma série de apostasias, intercaladas com períodos de breve arrependimento, tanto antes quanto depois do estabelecimento da monarquia. Os períodos de arrependimento foram assinalados pelo levantamento de juízes, que foram, acima de tudo, «líderes militares» carismáticos, que libertaram Israel de seus opressores. E, quando o reino dividiu-se em dois, houve uma sucessão ininterrupta de monarcas ímpios no reino do norte, Israel, o qual acabou sendo castigado com um exílio sem retorno, na época do predominio assírio por toda a região do oriente Médio (722 A.C.). Para o reino de Israel, isso representou a redução ao estado de «cauda». No reino do sul, Judá, houve reis piedosos e ímpios. Mas Deus perdeu a paciência por causa de Manassés, o pior dos reis de Judá, no que concerne ao seu relacionamento com o Senhor. Lemos em II Reis 21:11,12 que o Senhor deu o seguinte recado, através de seus profetas: «Visto que Manassés, rei de Judá, cometeu estas abominações, fazendo pior do que quanto fizeram os amorreus antes dele, e também a Judá fez pecar com os ídolos dele, assim diz o Senhor Deus de Israel: Eis que hei de trazer tais males sobre Jerusalém e Judá, que todo o que os ouvir, lhe tinirão ambos os ouvidos». Essa predição cumpriu-se pouco mais de cinqüenta anos depois do reinado de Manassés, quando Nabucodonosor levou os habitantes de Judá e Jerusalém para o exílio (586 A.C.). Setenta anos mais tarde, os judeus começaram a voltar à sua própria terra; mas nunca mais tiveram o seu próprio governante supremo, que se assentasse no trono de Davi.

Houve oportunidade dos judeus redimirem-se de sua humilhante situação, nos dias do Senhor Jesus. No entanto, em sua cegueira espiritual, o povo de Deus repeliu o seu próprio Messias e Rei, o Senhor Jesus, exigindo a sua crucificação, quando o próprio governador romano o havia considerado inocente de todas as acusações assacadas contra ele, pelos invejosos lideres religiosos da nação judaica. Em uma de suas parábolas, Jesus mostrou o resultado disso: «Portanto vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produzia os respectivos frutos» (Mat. 21:43). Materialmente, essa predição cumpriu-se no ano 70 D.C., quando começou ó grande exílio judeu que só terminou em 1948, por ocasião da formação do moderno Estado de Israel. Além da perda de sua nacionalidade (embora não de sua cultura e nem de sua identidade), os judeus têm sido atrozmente perseguidos nestes quase dois milênios, objetos de motejo dos povos e de abusos da parte dos poderosos e dos religiosos fanáticos. Eles têm sido a cauda das nações, cumprindo as predições de Deuteronômio 28:13,44. Todavia, como o Senhor Deus jamais se mostrará infiel às promessas feitas a seu amigo, Abraão, reiteradas através dos séculos, em gerações sucessivas, por meio das Escrituras Sagradas, no tempo determinado o reino de Deus será devolvido aos judeus, no sentido material e no sentido espiritual. Isso ocorrerá por ocasião da futura restauração de Israel, que terá plena concretização durante o milênio. Ver os artigos sobre a *Restauração de Israel* e sobre o *Milênio.* E Israel voltará, então, a ser a cabeça das nações, e nunca mais a cauda.

De todas as caudas, a mais horrenda certamente é a do dragão, referido em Apocalipse 12:1-18. Lemos em 12:4 desse livro: «A sua cauda arrasta a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra...» Dentro da visão de João, esse momento representa duas fases da história de Satanás: a. na eternidade passada, quando de sua rebeldia contra o Senhor Deus, em que o diabo foi acompanhado por um terço das criaturas angelicais, e b. quando da futura Grande Tribulação, quando Satanás invadir este mundo com seu exército demoníaco, do que dá testemunho um outro trecho do Apocalipse: «Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta» (12:12).

A cauda do dragão retrata o ludibrio vergonhoso em que caíram aqueles anjos que se deixaram envolver pelo diabo, na eternidade passada. Também podemos antever nessa cauda o triste fim desses mesmos anjos, quando forem julgados. A queda de Satanás e de seus anjos é gradual, conforme o sabe todo estudioso das Sagradas

Escrituras. Na história deles há momentos de vitória fugaz, como quando da morte do Senhor Jesus (Luc. 22:53, «Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas»), ou como quando da futura Grande Tribulação (que vede). Todavia, fatalmente chegará o tempo em que o diabo e seus anjos serão, realmente, a «cauda» de toda a criação, isto é, quando forem julgados e encerrados em sua perpétua prisão (ver Mat. 25:41). E Judas, versículo seis arremata: «E a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicilio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande dia». Sem dúvida, não foi um bom negócio para os anjos maus, quando resolveram seguir a liderança de Lúcifer. A perda deles é eterna e irreparável. Não há qualquer provisão de salvação para os anjos que pecaram. Mas, pela graça divina, qualquer homem que está reduzido ao estado de *cauda,* espiritualmente falando, mediante a redenção que há no sangue de Cristo, e através do arrependimento e da fé, pode ser guindado à posição de cabeça, juntamente com o Filho do Deus bendito.

CAUDA GORDA

No hebraico, **alyah.** Essa palavra figura por cinco vezes: Êxo. 29:22; Lev. 3:9; 7:3; 8:25; 9:19. Somente na referência de Êxodo que nossa versão portuguesa traduz por «cauda gorda»; nas outras referências apenas por «cauda». Isso faz alusão ao tipo, de gado ovino cultivado na Palestina, cuja cauda é bem mais volumosa que a de outras espécies. Essa ovelha é também chamada de ovelha síria, cuja cauda chega a pesar quase dez quilos, sendo considerada uma das porções mais deliciosas ao paladar, depois de preparada. Os sacerdotes não podiam comer da carne da cauda dessa ovelha, quando a ofereciam em holocausto. Antes, ela era alçada diante do Senhor e inteiramente consumida como aroma suave a Yahweh.

CAVALARIA

Palavra derivada de **cavalo,** que tem seus correspondentes no hebraico *(sus),* e no grego *(úpppos).* O uso de cavalos, em grande número, nas batalhas, pode ser traçado até cerca de 1200 A.C. As vantagens do uso do cavalo, dessa maneira, eram as seguintes: 1. Velocidade. 2. Um cavaleiro podia ferir a um soldado a pé, tornando-se invulnerável, exceto em caso de ataque com flechas. 3. Um terror para os soldados que combatiam a pé, que dificilmente seriam capazes de enfrentar uma carga de cavalaria. 4. Para acompanharem carros também puxados por cavalos, aumentando o ímpeto da carga. Sabemos, através de trechos como II Sam. 8:3,4; 15:1; I Reis 4:26; 10:26, que tanto Davi quanto Salomão lançaram mão dessa estratégia. As mulas também eram usadas com esse propósito (2 Sam. 13:29). O cavaleiro, lutando como um arqueiro, guiava o cavalo mudando o peso de seu corpo, ou mediante a pressão das pernas. Um lanceiro podia operar a lança com uma das mãos, e os arreios com a outra. Sela, esporas e estribos foram inovações posteriores. Ver o artigo sobre *Exército, Guerra.*

CAVALO

No hebraico, **sus.** Palavra que ocorre por cento e trinta e três vezes, desde Gên. 47:17 até Zac. 14:20. No grego, ípos, um vocábulo que ocorre por dezessete vezes: Tia. 3:3; Apo. 6:2,4,5,8; 9:7,9,17 19; 14:2O; 18:13; 19:11,14; 19:18,19,21. Ver os artigos separados sobre *Cavalaria; Cavalos, Os Quatro do Apocalipse.*

Esboço:

I. Origens
II. Domesticação
III. Referências Bíblicas
IV. Referências Figuradas

Há evidências que mostram que o *cavalo* foi o último e mais forte dos animais de transporte a ser domesticado e desenvolvido na nossa civilização. Por motivo de sua grande utilidade, espalhou-se por todas as regiões do nosso Planeta, segundo a civilização foi avançando. As evidências que nos chegam das eras mais remotas, muitas delas pré-adâmicas, e que terminaram em grandes cataclismos, mostram que o cavalo já era um animal importante naquelas civilizações perdidas no passado. Mesmo então esse animal existia sob várias espécies. Alguns povos antigos comiam carne de cavalo, como parte de sua dieta ordinária. Porém, os hebreus não consumiam carne de cavalo, porquanto não se ajustava às leis leviticas, que afirmavam que só podia ser comida a carne de animais que ruminassem e tivessem os cascos fendidos. Não há qualquer razão higiênica para a proibição da ingestão da carne do cavalo. É possivel que o fato de que o cavalo sempre esteve tão ligado ao homem, tenha-o isentado de ser animal de consumo, o que também se aplicaria ao cão, embora, neste último caso, haja outros problemas que devem ser considerados.

I. Origens

Quando falamos a respeito de origens, em qualquer contexto, temos de relembrar que estamos falando somente da civilização mais recente, à qual podemos denominar «adâmica». Há fortes evidências em prol de civilizações pré-adâmicas, várias delas, que terminaram em grandes cataclismos com mudanças dos pólos magnéticos da terra. Essas mudanças de pólos rearranjam os continentes, produzindo destruições de grande magnitude, que requerem um novo começo. O período adâmico parece ter sido o anterior à última dessas fases; e o periodo de Noé, a última delas. Muitos cientistas e místicos afirmam que não estamos distantes de um outro desses tremendos cataclismos. Dentro da teologia, isso significa que o milênio só começará uma vez que nosso ciclo venha a ser demolido. Não olvidando essas coisas, no que concerne ao cavalo, devemos dizer que suas origens dizem respeito muito mais aonde ele apareceu a princípio, em sua recuperação, bem como dentro do escopo de nossa história, desde a época de Adão. Nesse caso, tem sido demonstrado que houve espécies de cavalos que podem ser atribuídas a diferentes áreas geográficas, como: 1. No leste e no sul da Africa, as zebras. 2. No norte e no nordeste da Ãfrica, o asno (que vide). 3. No leste da Palestina até o deserto de Gobi, o asno selvagem. 4. Nas estepes da Eurásia, ao norte das grandes cadeias montanhosas. 5. Uma pequena espécie de cavalo, com cerca de 1,20 m nas espáduas, na Mongólia. 6. Na Ucrânia, havia ainda uma outra espécie, ancestral de várias estirpes, um pequeno cavalo cinzento. O último exemplar dessa espécie morreu em 1851. É interessante notar que, na América do Norte, onde o cavalo foi introduzido pelos europeus em época relativamente recente, a arqueologia tem descoberto várias espécies, ali existentes em tempos remotos. Não somente isso, mas também ali houve vários outros animais, como o leão, o camelo, além de muitas espécies agora extintas, que datam de tempos pré-adâmicos. Portanto, quando falamos em origens, estamos falando sobre como as coisas tornaram a arranjar-se recentemente. O resto está perdido nos arquivos da eternidade passada.

II. Domesticação

As evidências mostram que outros animais úteis, como a ovelha, a cabra, o touro e o asno foram os primeiros a serem domesticados pelo homem. Os fazendeiros utilizavam-se de todos eles. Com exceção do asno, todos eles também serviram para alimentar o homem. Na literatura suméria há referências ao cavalo desde o ano 2000 A.C. Porém, parece que eles não domesticavam o cavalo. Talvez tenham sido os nômades indo-europeus, a leste do mar Negro, que tiveram essa distinção. Já desde 1900 ou 1800 A.C., cavalos estavam sendo usados nas guerras entre os povos, pelo que, algum tempo antes disso, esse animal deve ter sido domesticado. O trecho de gênesis 49:17 menciona o cavalo, o que significa que a nossa Biblia começa praticamente na época de sua domesticação. Os guerreiros hicsos, ao que parece, foram os introdutores do cavaio no Egito. Faraó usou-os contra Israel (Êxo. 14:9; 15:19). O trecho de Deuteronômio 17:16 parece indicar que Israel foi proibido de ficar com os cavalos que fossem capturados. Porém, o cavalo era um animal por demais valioso para que essa lei ficasse em vigor por muito tempo. A multiplicação de cavalos em Israel foi rápida. Salomão

tinha doze mil cavaleiros e quatro mil cavalos para puxar seus carros de guerra. Outros animais, como o asno, a mula e o camelo também eram usados nas operações militares; mas o cavalo sempre foi um marco de superioridade militar, o animal preferido acima de todos os outros. Nas trilhas, ou em terreno áspero, o asno saía-se muito melhor que o cavalo; mas, em tudo o mais, o cavalo era preferido. Naturalmente, para viagens através do deserto, nenhum animal equipara-se ao camelo.

III. Referências Bíblicas

Há muitas referências bíblicas ao cavalo (cento e cinqüenta delas, no Antigo e no Novo Testamento). Portanto, damos aqui apenas exemplos dessas referências. 1. Eram usados cavalos em Israel, desde os tempos dos patriarcas (Gên. 47:17). O cavalo era usado como montaria ou para puxar carros. 2. Somente em I Reis 20:20 há alusão direta a cavalos usados como montarias; mas é provável que essa prática então já fosse antiga. 3. Lemos em Gênesis 50:9 que tanto cavaleiros quanto vagões acompanharam o grande cortejo do sepultamento de Jacó, em Canaã, e isso implica no uso do animal como montaria, o que também se depreende do relato que o exército egípcio usava cavalos (Êxo. 14:9). 4. O Egito tornou-se um importante centro criador de cavalos; e Salomão tirou proveito dessa circunstância para obter cavalos e equipar o seu exército, pois o Egito era país que fazia fronteira com Israel (I Reis 10:28,29). 5. A multiplicação de cavalos fora proibida em Israel (Deu. 17:16). É significativo que essa proibição esteja no contexto da predição de que, algum dia, Israel exigiria um rei. Foi justamente na época dos reis de Israel que essa multiplicação de cavalos teve lugar. Naturalmente, era impossível enfrentar exércitos estrangeiros invasores sem cavalos, pelo que um mal contribuiu para outro. O trecho de II Samuel 8:4 mostra-nos que Davi contava com um pequeno número de cavalos, mas Salomão foi o campeão dos criadores de cavalos em Israel, segundo já mencionamos. Ele construiu estábulos para abrigar quatro mil cavalos (II Crô. 9:25). A menção a «quarenta mil cavalos», em I Reis 4:26, parece ser um erro escribal.

Provavelmente, foram os hicsos (1700-1600 A.C.) que trouxeram os cavalos da Ásia Menor, introduzindo-os no Egito e na terra de Canaã. Esses animais eram então usados especialmente para puxar os carros de combate. Os egípcios empregaram cavalos para perseguir os israelitas, por ocasião do *êxodo* (Êxo. 14:9). E, ao entrarem na terra de Canaã os israelitas ali encontraram os habitantes locais empregando esse animal em suas batalhas (Jos. 11:4; Juí. 4:3; I Sam. 13:5 e II Sam. 1:6). Somente já no tempo de Salomão, os cavalos tornaram-se familiares aos hebreus em maior escala (cf. Jos. 11:9; II Sam. 8:4). Assim, as palavras *sus, rekes* (parelha de cavalos) e talvez até mesmo *parash, «cavaleiro»,* parecem ter tido uma origem estrangeira, não-semítica. Prevaleceu ainda por muitos séculos a idéia de que o cavalo serve de símbolo das potências militares estrangeiras, e, portanto, inimigos de Deus, conforme se vê em Oséias 1:7 e Isaías 31:1-3.

Foi Salomão quem organizou a cavalaria em Israel, importando esses animais da Ásia Menor (I Reis 10:26-29; II Crô. 1:14-17). Houve a organização de esquadrões especiais de cavalaria e de carros de guerra (I Reis 9:19; II Crô. 9:25). Isso tem sido confirmado por descobertas feitas quando das escavações arqueológicas em Megido. No entanto, alguns estudiosos têm pensado **que as estrebarias** antigas, ali descobertas, pertencem a um período posterior, talvez mandadas construir pelo rei Acaz (735-731 A.C.).

Usos do Cavalo. Na Bíblia, os cavalos quase exclusivamente aparecem como cavalos de guerra, ou, pelo menos, propriedade de reis, e não de pessoas comuns. Uma referência considerada duvidosa, por muitos estudiosos, é a de cavalos usados para trilhar o grão, que aparece em Isaías 28:28. Os cavalos figuravam entre as propriedades particulares que os egípcios deram a José, em troca de cereal, durante o período de fome de sete anos (ver Gên. 47:17). Em Deuteronômio 17:16, Moisés recomendou aos possíveis futuros reis de Israel que não multiplicassem cavalos, e nem fizessem voltar o povo de Israel ao Egito para «multiplicar cavalos». Porém, essa e outras proibições não conseguiram impedir que os judeus imitassem certos costumes dos povos ao derredor, como sua idolatria e seus vícios, entre os quais a organização de cavalarias, para efeitos de conquistas militares. Nos casos de guerra, os cavalos serviam de montaria ou serviam para puxar carros de combate (ver Êxo. 14:9; Jos. 11:4; II Sam. 15:1, etc.).

Os cavalos de Salomão são mencionados em I Reis 4:26-28, e a «cevada» e a «palha», mencionados nesse último versículo, correspondem às rações empregadas pelos árabes, até os nossos próprios dias, para alimentar os seus cavalos, que figuram entre os melhores do mundo.

Se Jesus Cristo, por ocasião de sua primeira vinda, entrou em Jerusalém montado em um jumentinho, por ocasião de sua segunda vinda, ele virá montado em um cavalo branco, acompanhado por todo o seu exército de cavalarianos, igualmente montados em cavalos brancos (Apo. 19:11 ss). Isso demontra quão diferente será o segundo advento de Cristo, em relação ao seu primeiro advento. Uma moderna noção popular é aquela que diz que, se Cristo voltar, fá-lo-á somente para ser maltratado de novo, conforme sucedeu quando de seu primeiro advento. Nada mais longe da verdade, pois Jesus voltará na qualidade de Rei dos reis e Senhor dos senhores. (Apo. 19:11-21). Quando Jesus voltar, virá a fim de conquistar o mundo, pelo que ressurgirá em nossa cena terrestre como um Cavaleiro vencedor. A cor branca, do seu cavalo, bem como dos cavalos usados pelo seu exército, de conformidade com o simbolismo bíblico sobre as cores, fala sobre a sua vitória sobre toda a oposição. Montado no cavalo branco, Jesus inaugurará o seu reino milenar.

IV. Referências Figuradas

1. Os quatro cavalos do Apocalipse são comentados em um artigo separado, prenhe de detalhes. Ver o *artigo Cavalos, os Quatro do Apocalipse.* 2. O poder que Deus tem para fazer o que quiser, pode ser simbolizado por esse animal, usado nas batalhas (Zac. 10:5). 3. Os cavalos *brancos* simbolizam a vitória, a glória e a conquista militar, segundo se vê em Apo. 6:2 e 19:11. 4. Os cavalos *vermelhos* simbolizam a destruição, o derramamento de sangue e a guerra (Apo. 6:4). 5. Os cavalos *negros* simbolizam a fome e a morte (Apo. 6:5,6). 6. Os cavalos *amarelos* simbolizam a morte, o inferno e a destruição geral (Apo. 6:8). 7. Os cavalos baios talvez simbolizem a mistura do julgamento e da misericórdia **de** Deus (Zac. 1:8). 8. Os cavaleiros angelicais representam o poder que Deus tem para proteger o seu povo e impor a sua vontade. 9. Os *santos* são equiparados a éguas graciosas (Can. 1:9). 10. *Símbolos nos Sonhos e nas Visões.* Um cavalo pode simbolizar a energia que as forças físicas que uma pessoa tem à sua disposição, algumas vezes, substituídas por veículos a motor, visto que esses têm tomado o lugar do cavalo, como animal de trabalho. Porém, o cavalo também pode representar o poder selvagem das paixões. Os coices de um cavalo podem indicar um ataque sexual, ou então o desejo de ser sexualmente assaltado. O cavalo negro pode representar as paixões desembestadas. O cavalo amarelo representa a morte. Um cavalo a ultrapassar obstáculos pode simbolizar a capacidade do homem vencer dificuldades; mas, negativamente, pode indicar seus impulsos inferiores em operação. Finalmente, o cavalo pode simbolizar a energia inconsciente de que alguém dispõe, se assim achar por bem. (CHE NTI UN Z)

CAVALOS DO SOL

Ver sobre o **Sol.**

CAVALOS, PORTA DOS Ver **Porta dos Cavalos.**

CAVERNA

No hebraico temos duas palavras envolvidas, e, no grego, duas, a saber:

1. *Chor,* «buraco», palavra que figura por nove vezes (por exemplo: I Sam. 14:11; Jó 30:6; Isa. 11:8; Zac. 14:12).

2. *Mearah,* «caverna aberta», palavra que figura por trinta e nove vezes (para exemplificar: Gên. 19:30; 23:9,11,17,19,20; Jos. 10:16; I Sam. 13:6; II Sam. 23:13; I Reis 18:4,13; Sal. 57, título; Eze. 33:27).

3. *Mechilloth,* «cavernas». Palavra hebraica que ocorre por apenas uma vez, em Isa. 2:19.

4. *Oré, «buraco»,* «abertura». Palavra grega que figura por duas vezes, em Heb. 11:38 e Tia. 3:11.

5. *Spélaion,* «gruta», «caverna». Palavra grega que aparece por seis vezes: Mat. 21:13; Mar. 11:17; Luc. 19:46; João 11:38; Heb. 11:38 e Apo. 6:15.

A formação geológica da Síria-Palestina favorece enormemente a formação de cavernas. Ali, usualmente, as rochas são pedras calcárias de diferentes densidades. A água, ao atravessar as rochas, deixa aberturas e fissuras que se tornam cavernas. A camada inferior ou subsolo sírio, sendo formado por arenito, giz, basalto e sódio, favorece o aparecimento de cavernas. Em conseqüência, a região inteira tem muitas cavernas, algumas das quais de grandes dimensões. Estrabão referiu-se a uma caverna, perto de Damasco, onde podiam abrigar-se quatro mil homens. As cavernas formam-se imediatamente abaixo da camada freática, nas regiões onde a água mantém-se estável por muito tempo. Usualmente, as cavernas formam-se em passagens horizontais, aparecendo diversas numa mesma área. Contudo, existem cavernas verticais. Essas passagens verticais são os pontos ativos de águas subterrâneas, escavados na pedra calcária. Formam-se assim fendas cilíndricas, que podem atingir profundezas de cem metros ou mais. O colapso do teto de uma caverna produz uma depressão na superfície. Essas depressões são tipicamente circulares, com dez a vinte metros de profundidade e, com freqüência, com um diâmetro de cem metros. Quando o nível da água baixa, as cavernas, assim livres da água, tornam-se acessíveis. Devido à água que respinga do teto das cavernas e se evapora, o mineral em suspensão forma as estalactites, que vão descendo dos tetos das cavernas. As colunas que se vão elevando do chão de uma caverna, formadas pela água que pinga, são chamadas estalagmites. Quando uma estalactite e uma estalagmite, finalmente, juntam-se, forma-se uma coluna que liga o chão ao teto da caverna.

A abundância de pedra calcária, em Israel e em torno do rio Jordão, cujo vale se forma, principalmente, de maciços leitos de pedra calcária e de dolomita, com algum giz, que já é material mais mole, resulta em grande quantidade de cavernas, naquela região.

Cavernas nas Escrituras. A primeira menção a uma caverna, na Bíblia, é àquela onde se esconderam Ló e suas duas filhas, após a destruição de Sodoma e Gomorra (Gên. 19:30). Além dessa, temos a caverna de Macpela, no campo de Efrom, que foi comprada por Abraão, e onde ele sepultou Sara. Posteriormente, o próprio Abraão, Isaque, Rebeca, Lia e Jacó foram ali sepultados (Gên. 49:32 e 60:13). O local, na atualidade, é conspicuamente assinalado por uma mesquita muçulmana. Não se sabe da localização da caverna de Maquedá, onde se ocultaram cinco reis dos amorreus, após terem sido derrotados por Josué (Jos. 10:16,27). Também havia cavernas artificiais escavadas por diversas razões (Jó 6:2). A maior parte dessas cavernas artificiais eram usadas como sepulcros. Obadias escondeu cem profetas do Senhor em uma caverna, a fim de protegê-los (I Reis 18:4). Em Horebe havia uma caverna, usada por Elias (I Reis 19:8), cuja localização nos é desconhecida. Cavernas usadas como habitações são mencionadas em Núm. 24:21; Can. 2:14 e Jer. 49:16. As cavernas também eram usadas como sepulcros, conforme já vimos. Ver também João 11:38; Mat. 20:60. As cavernas eram lugares de refúgio (Juí. 6:2; I Sam. 14:1) e de habitação (Heb. 11:38; que provavelmente também inclui a idéia de refúgio). Também eram utilizadas como prisões (Isa. 24:22 e Zac. 9:11). Em tempos modernos, as cavernas servem de pontos de atração turística, porquanto algumas delas oferecem uma visão espetacular. (FAI S)

CEBOLA

No hebraico, **betsel.** Essa palavra ocorre exclusivamente em Núm. 11:5, juntamente com os alhos e com os legumes pelos quais os israelitas tanto desejavam, depois que deixaram o Egito. A variedade em foco provavelmente tem o nome científico de *Allum cepa,* que continua sendo plantada até hoje no Egito. Naquela época, como até hoje, a espécie era plantada às margens do rio Nilo. As cebolas eram consumidas cruas, cozidas, fritas, torradas, ou sob a forma de sopa. A cebola tornou-se símbolo de certas vantagens que o mundo oferece, e que um crente pode novamente desejar, depois de convertido. Em outras palavras, representa um item que tende ao desvio, um desejo de voltar aos antigos caminhos.

CEDRO

No hebraico, **erez**, palavra usada por setenta e duas vezes no Antigo Testamento (por exemplo: Lev. 14:4,6,49,51,52; I Reis 5:8; 6:9,10,15,16,18,20,36; Sal. 29:5; Can. 1:17; Isa. 2:13; 9:10; Jer. 22:7,14,15, 23; Eze. 17:3,22,23; Zac. 11:1,2). Como vemos, há muitas alusões ao cedro, nas Escrituras, e a maior parte dessas referências diz respeito ao cedro do Líbano. A espécie era largamente distribuída na Síria-Palestina.

1. O cedro era madeira usada nos ritos de purificação, juntamente com a escarlata e o hissopo. Parece que, nesse caso, temos uma árvore natural do deserto do Sinai, sem ligação com os cedros do Líbano. Pode ter sido o *Juniperus phoenicia,* que também se encontra no monte Hor e circunvizinhanças. A madeira dessa variedade de cedro era queimada por um sacerdote, durante as purificações levíticas (Lev. 14:4-6,49:52; Núm. 1:6). Alguns estudiosos supõem que a árvore em foco seja o *Juniperus oxycedrus.* Essa espécie, bem como aquela mencionada acima, dá uma fragrância agradável quando queimada a sua madeira.

2. Além disso, há menção aos cedros existentes «no jardim de Deus», em Ezequiel 31:8. Esses são contrastados com os filhos da Assíria, que são chamados cedros do Líbano, no quinto versículo do mesmo capítulo. Por esse motivo, podemos supor que há uma diferenciação de espécie em foco, embora não possamos saber quais espécies estejam em pauta.

3. O trecho de Núm. 24:6 diz «cedros junto às águas», que dificilmente podem ser os mesmos cedros do Líbano, porquanto aquele cedro sempre medra em terra firme. Alguma árvore amante da água está em foco, porém, não mais a conhecemos.

4. O *cedro do Líbano* é uma árvore conífera de grande porte, que antigamente era abundante no Líbano, mas atualmente é rara e protegida pelo governo. A sua madeira é altamente procurada devido à sua durabilidade. Foi usada na construção da casa de Davi (II Sam. 5:11), bem como do templo de Salomão (I Reis 5:6-10), e também do novo templo, após o exílio babilônico (Esd. 3:7). Salomão também usava a madeira de cedro para fabricar carruagens (Can. 3:9). Essa árvore pode atingir uma altura de até 37 metros; e, metaforicamente, nas páginas do Antigo Testamento, era usada para aludir à estatura de um homem (Eze. 31:3; Amós 2:9). Essa espécie vegetal continua abundante no Anano e no Taurus, espraiando-se desde a cadeia do Himalaia até o Atlas, e da Ásia Menor central até o Líbano. Os gregos e os romanos utilizavam a sua madeira. Assim, foi usada para a construção do teto do templo de Diana dos Efésios, bem como no templo de Apoio, em Utica. Algumas vezes o cedro é chamado de *rei das árvores,* mas isso só tem aplicação se estamos falando sobre as espécies vegetais conhecidas na Palestina, pois, fora dali, há muitas outras árvores maiores em altura e magnitude. O bosque sagrado em Besherri, no Líbano, ainda tem o antigo nome de *cedros do Senhor.* Os cedros verdadeiros são membros da família dos pinheiros, com um tronco muito elevado, com folhas parecidas com agulhas e cones eretos. Os cedros verdadeiros são as melhores árvores perenes para efeito de ornamentação, embora também produzam uma excelente madeira de construção. A madeira é durável e resiste bem ao efeito da água. (AM ND UN)

CEDROM

No hebraico, «turvo., «melancólico», «escuro». No grego, *kedrón,* palavra que só aparece em João 18:1, em todo o Novo Testamento. Esse é o nome de um riacho com regime de inverno, que atravessa o vale de Josafá. O termo aplica-se tanto ao riacho quanto ao vale por meio do qual flui. Em sua *Historical Geography*, Smith nos dá a seguinte descrição, à pág. 511: «Ao norte de Jerusalém começa o leito da torrente do Cedrom. Passa pelo monte do templo, por aqui que, posteriormente, veio a ser o Calvário e o Getsêmani. Deixa o monte das Oliveiras e a aldeia de Betânia para a esquerda, e Belém bem para a direita. Então precipita-se pelos terraços nus, pelos precipícios e pelas gargantas estreitas do deserto da Judéia —o deserto do bode expiatório. Esse vale fica tão estéril e ressecado, tão similar a um forno, quando desce abaixo do nível do mar, que o seu nome torna-se wadi en-Nar, ou «wadi de fogo». No mínimo, o seu curso encachoeirado leva até os precipícios imediatamente acima do mar Morto, onde deixa suas águas escassas de inverno. Porém, durante o verão inteiro, o wadi fica seco». O vale através do qual esse riacho precipita-se tem apenas cerca de 32 km de comprimento, mas, durante esse breve percurso, desce cerca de 1.120 m, do começo ao fim. O lugar onde o Cedrom deságua no Jordão é uma garganta estreita, com cerca de 366 m de profundidade.

Lemos no Antigo Testamento que Davi, quando fugia de Absalão (II Sam. 15:23,30), atravessou esse riacho. Salomão utilizou-se do mesmo para assinalar até onde Simei podia passar, e não mais (I Reis 2:37). Asa destruiu e queimou ali os ídolos de sua mãe, Maaca (I Reis 15:13). Atália foi executada ali (Josefo, *Anti.* 9:7,3; II Reis 11:16). Quando a adoração idólatra foi removida do templo de Jerusalém, esse vale tornou-se o lugar onde foram lançados os escombros e o material destruído, pelos seguidores de Yahweh (II Reis 23:4,6,12; II Crô. 29:16; 30:14). Nos dias de Josias, esse vale era usado como um cemitério comum, a serviço de Jerusalém (II Reis 23:6; Jer. 26:23; 31:40).

No vale do Cedrom há uma fonte intermitente que, na antiguidade, servia de suprimento de água para Jerusalém. Seu nome é Gihon, isto é, «jorro». Um outro nome dessa fonte é fonte da Virgem. Na antiguidade, seu fluxo foi artificialmente desviado para servir às necessidades da população de Jerusalém. Foi encontrada ali, em 1880, uma inscrição em hebraico, que menciona o túnel que foi feito a fim de transportar água dessa fonte para Jerusalém. Talvez haja uma alusão a isso em 11 Crônicas 32:3,4. Em nossos dias, somente quando há chuvas muito pesadas aparece ali alguma água. Um pouco mais ao sul, porém, há uma segunda fonte, onde se fundem os vales do Cedrom e de Hinom. Essa outra fonte chama-se En-Rogel.

Quando Herodes restaurou o templo, ampliou a área circundante erigindo novos alicerces para as muralhas. No seu ponto mais alto, as muralhas circundantes do templo tinham 52 m de altura, acima do vale do Cedrom. Josefo disse que quando alguém olhava para baixo, desde aquela altura, ficava tonto (Anti. 15:5). Foi essa grande altura que esteve associada à tentação de Jesus, em Mateus 4:5. O jardim do Getsêmani ficava na vertente ocidental do monte das Oliveiras, exatamente do outro lado do Cedrom. Jesus atravessou o vale do Cedrom, com os seus discípulos, depois que saiu do cenáculo para passar a noite no jardim do Getsêmani (João 18:1). Judas Iscariotes também atravessou o vale do Cedrom, ao guiar os soldados que foram prender a Jesus (João 18:2). Jeremias aguardava o dia quando Jerusalém seria reconstruído, quando os lugares sagrados de sepultamento, como aquele associado ao vale do Cedrom, seriam restaurados (Jer. 31:40). (FIN UN WRI Z)

CEGONHA

No hebraico, **chasidah**, palavra que vem de uma raiz que significa «constante», «leal». Como quase sempre se dá com nomes pertencentes à fauna e à flora bíblicas, as traduções têm-se mostrado muito irregulares com relação a essa palavra hebraica. A Septuaginta a traduz por quatro palavras diferentes. O termo hebraico figura por seis vezes: Jó 39:13 (onde nossa versão portuguesa a traduz erroneamente por «avestruz»); Lev. 11:19; Deu. 14:18; Sal. 104:17; Jer. 8:7 e Zac. 5:9.

Os contextos bíblicos mostram que a *chasidah* dos hebreus era a mesma ave que chamamos de «cegonha», devido a três pontos confirmatórios: a. Era uma das aves imundas (Lev. 11:19). As cegonhas alimentam-se em lugares lamacentos, e, em alguns períodos do ano, alimentam-se principalmente de sapos e rãs. b. A cegonha é uma das aves migratórias, o que concorda com o que se lê em Jer. 8:7. c. Trata-se de uma ave de grande porte, o que se harmoniza com a descrição subentendida em Zacarias 5:9: «...havia vento em suas asas... e levantaram o efa entre a terra e o céu».

Cegonhas brancas e negras atravessam regularmente a Palestina, em suas migrações anuais. O marabu, que é uma cegonha de maior porte ainda, aparece ali com bastante raridade. Durante a primavera, cegonhas brancas voam desde os seus ninhos na África e no sudoeste da Arábia, para seus ninhos de postura na Europa e na Ásia, provendo um dos mais lindos espetáculos naturais. Revoadas de centenas e centenas de cegonhas chegam desde os fins de fevereiro até o mês de maio, inclusive. Ver sobre *Aves Migratórias*. Diz Salmos 104:17: «...quanto à cegonha, a sua casa é nos ciprestes». Mas, as cegonhas que não continuam seu vôo migratório, e passam o verão na Palestina, provavelmente ainda não atingiram a idade adulta, de nidificação.

Quando estão de pé, no solo, as cegonhas têm cerca de um metro de altura; e, durante o vôo, com os pescoços esticados para a frente, as patas esticadas para trás, com porções brancas e negras nas penas, essas aves são inconfundíveis. Quando pousam, a fim de descansar, imediatamente espalham-se pelos campos e pelos pântanos à caça de peixes, rãs e insetos. A cegonha negra é menor e de coloração mais escura, e não negra, realmente. Essa variedade, que passa o inverno no sul da África, aparece na Palestina em grupos bem menores, e seguem uma rota norte diferente daquela seguida pelas cegonhas brancas.

Modernamente, a cegonha é classificada dentro da ordem das Ciconiformes, paralelamente ao íbis e ao jaburu. Há dezessete espécies de cegonhas, que formam a família dos ciconídeos. Elas produzem sons que são pouco mais que piados e resmungos, mas conseguem fazer grandes ruídos quando batem as mandíbulas imensas uma na outra. O jaburu *(Jabiru mycteria)* é uma espécie que ocorre na América tropical, sendo muito comum, em nosso Brasil, tanto no pantanal matogrossense quanto na Amazônia, onde enfeitam a paisagem com seu vôo majestoso, batendo as longas asas lentamente, em vôo quase sempre rasante, embora também possam voar a grandes alturas. Se o íbis também aparecia na Palestina, em certas épocas do ano, o jaburu nunca foi visto ali, pois é espécie tipicamente centro e sul-americana. O jaburu é a maior ave dos Ciconiformes.

CEGUEIRA

A grande incidência de cegueira, nos países do Oriente, surpreende as pessoas de outras culturas. Através dos milênios, as oftalmias têm-se mostrado epidêmicas, naqueles países. Certas enfermidades, como a varíola, e determinadas doenças venéreas também exercem esse mau efeito. Além dos germes patogênicos, há fatores como a pobreza, condições sanitárias insatisfatórias, luz solar excessiva, calor demasiado, areias sopradas pelo vento, acidentes e ferimentos de guerra.

A cegueira de nascença, nos tempos antigos e modernos, com freqüência é causada pela gonorréia transmitida ao bebê pela vagina infectada da mãe. Porém, quando se tornou usual pingar algumas gotas anti-sépticas apropriadas nos olhos dos recém-nascidos, esse tipo de cegueira diminuiu sensivelmente. Um outro agente de infecção é um vírus que produz o tracoma. As potentes drogas de nossos dias geralmente produzem curas, em casos não muito adiantados; mas os povos antigos não dispunham de tais recursos. A sífilis congênita é uma outra causa da cegueira.

De acordo com a lei do Antigo Testamento, um homem cego ficava excluído do sacerdócio. Isso servia para ensinar uma boa metáfora espiritual. Quem pode servir espiritualmente a outros, enquanto é espiritualmente cego? (Ver Lev. 21:18; Mal. 1:13,14). Por outra parte, a legislação mosaica requeria tratamento humanitário em favor dos cegos (Lev. 19:14; Deu. 27:18).

Usos Metafóricos. 1. Aqueles que são espiritualmente ignorantes, pagãos ou não, são cegos racional e espiritualmente (Mat. 15:15; Rom. 2:19). 2. Aqueles que são destituídos de conhecimento espiritual também são classificados desse modo (Apo. 3:17). Esse mesmo versículo fala sobre aqueles que se cegam mediante a vida fácil e luxuosa, abandonando assim qualquer inquirição espiritual séria. 3. Os juízes tornam-se cegos quando influenciados pela ignorância de causa, por peitas ou por lisonjas (Exo. 23:8). 4. Os mestres tornam-se cegos quando buscam honrarias ou quando são espiritualmente ignorantes (Isa. 59:10. Mat. 23:16). 5. Qualquer pessoa é considerada cega quando permite que o senso de importância própria, o ódio aos seus semelhantes, ou qualquer outra atitude errada a impeça de ver as coisas do ponto de vista espiritual (I João 2:11). 6. Jesus curou a muitos cegos literais (Mat. 9:27 *ss.;* João 9:1 *ss.).* E o seu evangelho agora nos cura espiritualmente da cegueira da alma (Luc. 7:22).

CELEIRO

Devemos pensar em três palavras hebraicas e uma palavra grega. Palavras hebraicas: 1. *Asamim,* «armazéns», usada por três vezes (ver Pro. 3:10); 2. *megurah,* «silo», usada apenas por uma vez, em Ageu 2:19; 3. *goren,* «eira» e «chão do celeiro», usada por trinta e sete vezes (ver Jó 39:12; II Reis 6:37; Gên. 50:10; Jer. 51:33, etc.). No grego temos a palavra *apotheke*, «celeiro», usada por seis vezes no Novo Testamento (ver Mat. 3:12; 6:26; 13:30; Luc. 3:17; 12:18,24). Essa palavra indica celeiros construídos acima da superfície do solo. Mas o cereal usualmente era guardado em cisternas secas, ainda que algumas vezes também fosse guardado em edifícios construídos para esse propósito.

Uso figurado. Em primeiro lugar, o celeiro simboliza bênçãos da prosperidade material. Um homem enchia seus celeiros e ocupava-se nas atividades do comércio (ver Deu. 28:8 e Luc. 12:18). Em segundo lugar, a destruição de celeiros indica escassez e tempos difíceis (ver Joel 1:17). (S)

CEM, TORRE DOS

Essa era uma das torres da muralha norte da cidade de Jerusalém. Após o exílio babilônico, Eliasibe, o sumo sacerdote, com seus companheiros, restaurou essa torre (Nee. 3:1). Ela é mencionada no relato sobre o grande cortejo que celebrou a dedicação da nova muralha de Jerusalém (Nee. 12:39). Juntamente com a torre de Hananel, ela tinha a função de facilitar a proteção da área do templo. Ver o artigo sobre as Torres. Ver também sobre Forte, Fortificação e Cidade Murada.

CERA

No hebraico, **donag.** Esse termo figura por quatro vezes: Sal. 22:14; 68:2; 97:5 e Miq. 1:4.

Esse vocábulo aparece na Bíblia somente de forma poética, usado como símile para a idéia de derreter-se, de perder o ânimo. Se pensarmos literalmente na cera de abelhas, temos a informar que os antigos usavam esse material para selar documentos e para forrar a superfície de tabuinhas de escrita, pois era então sobre essa fina camada de cera que se escrevia com um estilete. Tal uso se assemelhava muito ao uso moderno do quadro negro e do giz, onde a pessoa pode apagar tudo para escrever outra coisa qualquer.

Naquelas quatro passagens, a idéia é que o salmista, os iníquos ou a natureza dissolvem-se e dissipam-se na presença majestosa de Deus, como se a glória do Senhor fosse tão avassaladora que a própria criação fosse incapaz de manter a sua forma e unidade, mas antes, tivesse de decompor-se e desmanchar-se na organização de seus átomos.

CERÂMICA Ver Oleiro (Olaria; Cerâmica)

CERCA

A palavra hebraica **gader** é usada por doze vezes: Sal. 62:3; 80:12; Ecl. 10:8; Eze. 13:5; 22:30; Núm. 22.24; Esd. 9:9; Isa. 5:5; Eze. 42:7; Osé. 2:6; Miq. 7:11.

Na antiguidade, as cercas podiam ser feitas de vários materiais, como ramos ou pedras. As cercas eram usadas para delimitar propriedades, separar áreas para animais dentro das quais eram guardados, etc. Nas cercas feitas de pedra, quando o trabalho era malfeito, as serpentes podiam esconder-se entre os interstícios das pedras (Ecl. 10:8; Amós 5:19).

Usos Figurados. No trecho de Sal. 62:3, os ímpios são comparados a indivíduos que pretendem derrubar o justo como se este fosse uma parede pendida ou um muro prestes a cair. Isso significa que os ímpios inclinam-se por destruir ao próximo. Os líderes de Nínive foram comparados a nuvens de gafanhotos que tivessem pousado sobre uma cerca (Naum 3:17). O trecho de Efé. 2:14 fala sobre a derrubada da parede de separação que não permitia a união, em torno de uma fé comum, entre os judeus e os gentios. Ver sobre Muro.

Símbolos nos Sonhos e Visões. Uma cerca, em um sonho ou visão, indica as coisas e instituições estabelecidas pelo homem, que contrariam e impedem. Também indica as próprias *inibições* e o *autocontrole.* Isso é especialmente verdadeiro quando, por detrás da cerca, há algum animal feroz preso, o que pode simbolizar os apetites carnais. Ou então, uma cerca pode representar os obstáculos ao progresso espiritual ou ao trabalho espiritual da pessoa. A derrubada de uma cerca significa a remoção de obstáculos.

CESTO DE JUNCO

Era um pequeno cesto, feito de junco, tornado estanque por meio de betume e piche. Na Bíblia, a expressão encontra-se apenas no caso do barquinho feito para conter o infante Moisés, e que foi posto a flutuar à superfície do rio Nilo, para proteger-lhe a vida. Ver a narrativa em Êxodo 2:3 ss. Nos tempos antigos, o junco medrava abundantemente às margens do Nilo e de outros rios, mas atualmente só se encontra no baixo rio Nilo. Sabemos que essa planta era usada na construção de pequenos botes (Isa. 18:2). Esse *cesto* de Moisés, bem como a *arca* de Noé, são chamados pelo mesmo vocábulo hebraico, *tebah,* o qual, mui provavelmente, é um termo emprestado do egípcio, de uma raiz que significa *caixa* ou *esquife.* Entretanto, a arca da aliança é chamada pelo termo hebraico *aron.* Alguns intérpretes têm destacado o sentido simbólico de ambas essas arcas (a de Moisés e a de Noé), que indicam segurança e proteção. (WAL)

CESTO DE JUNCO, DE MOISÉS

O mesmo vocábulo hebraico, **tebhah,** usado para indicar a arca de Noé, é empregado para indicar o *cesto* no qual Moisés fora colocado quando criança, para flutuar nas águas do Nilo. (Ver Êxo. 2:3). Faraó baixara ordens no sentido de que todos os meninos nascidos entre os judeus fossem afogados no rio, porquanto estavam se multiplicando e se fortalecendo mais do que os egípcios. Porém, as parteiras hebréias não obedeceram à ordem. Seguiu-se então severa repressão contra os israelitas. A mãe de Moisés, temendo que seu filho fosse descoberto e morto, pô-lo em um cesto de junco e deixou-o flutuar nas águas do Nilo, esperando que alguém descobrisse a criança e a poupasse, por providência de Deus. Esse cesto fora feito de junco, que cresce naturalmente nas margens daquele rio, tendo sido recoberto com betume e piche. Plínio informa-nos que embarcações notáveis por sua rapidez eram *tecidas* com juncos. Isso é aludido em Isaías 18:2. Alguns imaginam que esse cesto era uma miniatura da arca de Noé, mas isso é por demais imaginativo. Seja como for, evidentemente era um cesto fechado, porquanto foi necessário abri-lo. (Ver Êxo. 2:6).

Somos informados que Sargão I, fundador do império semita da Babilônia, em cerca de 2400 a 2200 A.C., foi similarmente posto a flutuar, a fim de escapar de ser morto.

A fé da mãe de Moisés foi recompensada, acima de tudo quanto ela poderia ter imaginado. Moisés foi recolhido pela filha de Faraó, foi criado na corte real. E, ao tornar-se adulto. bandeou-se para a causa dos israelitas, tendo sido o instrumento usado por Deus para o livramento de Israel da servidão aos egípcios.

CETRO

No hebraico temos duas palavras, e no grego, uma. As palavras hebraicas são *shebet,* "vara", "cetro", que aparece por cento e noventa vezes, a grande maioria das quais com o sentido de «tribo», mas por dez vezes com o sentido claro de «cetro»: Gên. 49:10; Núm. 24:17; Sal. 45:6; Isa. 14:5; Eze. 19:11,14; Amós 1:5 e Zac. 10:11. E também *sharebit,* «cetro», palavra que figura por quatro vezes, no livro de Ester (4:11; 5:2 e 8:4). No grego temos a palavra *rábdos,* «cetro», que é usada por onze vezes no Novo Testamento: Mat. 10:10; Mar. 6:8; Luc. 9:3; I Crô. 4:21; Heb. 1:8; 9:4; 11:21; Apo. 2:27; 11:1; 12:5 e 19:15. Há uma outra palavra que algumas versões têm traduzido também como «cetro», no hebraico, *matteh,* também muito usada no Antigo Testamento, duzentas e quarenta e sete vezes, principalmente com o sentido de «tribo», mas que, em Eze. 19:11, acompanhada pela palavra que significa *força,* segundo pensam alguns estudiosos, adquire também o sentido de cetro.

Na verdade, «cetro» é um uso especializado dos termos hebraicos, pois, seu sentido comum é «vara», «bastão». Assim, elas podem indicar a «vara de correção», de ocorrência comum no livro de Provérbios, o «cacete de um pastor», em Sal. 23:4, ou mesmo um «cacete com pontas de ferro;" (Sal. 2:9; Apo. 2:27; 12:5; 19:15), ou até mesmo uma vara de malhar cereais, em Isa. 28:27.

Em sentido simbólico, temos ainda a palavra hebraica *mehogeg,* usada poeticamente para indicar um «cetro», em Gên. 49:10; Núm. 21:18; Sal. 60:7 e 108:8.

Usualmente eram os reis que usavam cetros, embora oficiais menores, algumas vezes, brandissem também um cetro, como emblema de seu ofício. No Antigo Testamento há alusão aos cetros dos governantes de Israel, Moabe, Egito, Damasco, Asquelom e Judá (ver Sal. 60:7; 108:8; Jer. 48:17; Eze. 19:11; Amós 1:5,8; Zac. 10:11).

Há duas passagens geralmente consideradas messiânicas, que associam um cetro a futuros governantes de Israel, a saber: Gên. 49:10 e Núm. 24:17. Os soldados romanos que zombaram de Jesus tinham um cetro real em mente, quando puseram nas mãos de Jesus um «caniço», com o qual também davam-lhe na cabeça (Mar. 15:16-20).

Vários trechos do livro de Ester exibem um uso especial do cetro, por parte dos reis persas (Est. 4:11; 5:2 e 8:4). O cetro de Assuero é descrito como feito de ouro, ou seja, ou de ouro puro, ou então adornado com ouro, como os cetros dos reis homéricos. As gravuras que representam os reis orientais mostram-nos brandindo duas espécies de cetro. Um deles é longo, fino e muito ornamentado; o outro é curto, mais parecendo um bastão pequeno. O primeiro tipo aparece em um relevo em pedra calcária, representando Dario. Ele segura na mão um cetro, quase no alto do mesmo, ao passo que sua extremidade inferior toca no solo. O tipo curto aparece em um relevo de Esar-Hadom.

CÉU

Esboço:

1. Palavras Originais Envolvidas
2. Os Céus Materiais
3. Os Céus Não-Materiais
4. A Pluralidade dos Céus
5. Os Céus em Dois Níveis
6. Relação Entre Cristo e os Céus
7. Os Lugares Celestiais de Paulo
8. O Destino Final do Homem nos Céus.

1. Palavras Originais Envolvidas

Há uma palavra hebraica e uma palavra grega envolvidas neste verbete:

a. *Shamayim* ou *shemayin,* «coisas erguidas», «expansão». A primeira forma é hebraica e a segunda aramaica. A primeira forma aparece por quatrocentas e dezenove vezes. A segunda forma, por trinta e oito vezes. Portanto, trata-se de uma palavra de ocorrência freqüente. *Shamayim* aparece em trinta e um livros do Antigo Testamento; *shemayin* ocorre em Esdras e Daniel.

b. *Ouranós,* «céu». Termo grego que ocorre por quase duzentas e oitenta vezes, desde Mat. 3:2 até Apo. 21:10.

Há também a expressão grega *tà epouránia* «coisas celestes», que é usada por seis vezes: João 3:12; Efé 1:3; 2:6; 3:10; Heb. 8:5 e 9:23.

2. Os Céus Materiais

Tanto o termo hebraico quanto o termo grego podem indicar o mundo espiritual, onde residem os espíritos não-materiais, como aquilo que, em português, convencionou-se chamar de «firmamento», os céus visíveis, que inclui a nossa atmosfera terrestre e o céu estrelado, a imensa expansão do universo. Os antigos eram muito ignorantes sobre as questões atinentes à *astronomia* (que vide). Isso significa que deles obtemos idéias bastante cruas, quando eles usavam a palavra traduzida por «céu» ou «céus», em português. Usualmente essa palavra aparece no plural, tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos. Há muitas referências literárias, dos hebreus e dos cristãos antigos, que mostram que eles acreditavam na pluralidade dos céus, ou mansões celestes. Portanto, erram aqueles que dizem que não há nenhuma diferença de sentido entre essa palavra no singular e no plural.

Visto que o termo hebraico *shamayim significa* «coisas erguidas», esse vocábulo pode referir-se aos corpos celestes, aos luzeiros do céu ou ao firmamento. Os antigos pensavam que esse firmamento seria uma espécie de abóbada, que formaria um semicírculo por cima da terra, feito de material sólido, que se apoiaria sobre montanhas existentes nas extremidades da terra. O firmamento separaria o lugar onde residem Deus e os espíritos, da terra. Por sua vez, a terra estaria sustentada sobre colunas, e todo esse conjunto sobre um abismo de águas. Não se dizia, porém, onde repousavam essas águas (II Sam. 22:8; Jó 26:11). No artigo sobre a *Astronomia,* provi uma ilustração dessa cosmogonia dos hebreus, juntamente com referências bíblicas apropriadas. Também no artigo intitulado *Cosmogonia,* expomos as crenças dos hebreus e de outros povos antigos sobre essas questões. Os grandes luzeiros, como o sol, a lua e as estrelas, seriam relativamente pequenos, fixados à concavidade inferior do firmamento. Não havia conceito de distâncias e dimensões.

Também havia o *céu* simples, a expansão do espaço que era chamado firmamento ou céu atmosférico. Nesse céu estariam as nuvens, a chuva e as condições atmosféricas em geral (Sal. 146:8; Zac. 2:6; 6:5; Isa. 55:9-11). Acreditava-se que as águas existentes acima do firmamento derramavam-se através de janelas ou comportas. Essa abóbada material separaria as águas da parte de cima do firmamento das águas da parte de baixo do firmamento. Isso explica a expressão «as portas do céu» (Sal. 78:23; Gên. 28:17). É errado e desonesto fazer os antigos hebreus terem grandes conhecimentos meteorológicos e astronômicos, dizendo que os trechos bíblicos que exprimem idéias assim obsoletas são expressões meramente poéticas. Assim, quando lemos que Deus fez cair «do céu» grandes pedras (Jos. 10:11), provavelmente há uma alusão a um fenômeno de saraiva, juntamente com a idéia de que Deus controlava as condições atmosféricas. A angelologia dos hebreus retratava os anjos envolvidos em várias tarefas que diziam respeito à produção e controle das condições atmosféricas.

Os céus estelados. Não devemos supor que os hebreus pensassem que o sol, a lua e as estrelas, etc., estavam a tão grandes distâncias, conforme hoje sabemos. Por conseguinte, o céu das estrelas não estaria muito distante das nuvens e da atmosfera terrestre. Quando lemos que Deus pôs luzeiros no firmamento (Gên. 1:14), encontramos a noção de que os luzeiros foram preparados especifi-

camente para iluminar a face da terra, e fica entendido que seriam de dimensões modestas. Os hebreus não tinham nenhum conceito sobre galáxias e sistemas solares. Portanto, não devemos extrapolar para a Bíblia as nossas noções astronômicas. Os céus estelados, na concepção dos hebreus, não estariam muito acima das nuvens.

3. Os Céus Não-Materiais

Aqui temos o lugar onde Deus reside, juntamente com os seres angelicais. A teologia judaica posterior era bastante coerente, ao pensar que havia uma pluralidade de céus, e que estes seriam em número de sete. Deus é o Deus dos céus (Jonas 1:9). Ali pulula um grande exército de seres espirituais (Nee. 9:6). Deus habita no mais alto e santo céu (Isa. 57:15). Segundo o mais antigo pensamento dos hebreus, esse céu habitava na luz primeva, algo distinto da luz produzida pelo sol. Por essa razão a luz já havia, na narrativa da criação da luz, antes mesmo da criação ou aparecimento do sol. Na concepção dos antigos hebreus, esse firmamento ocultaria essa luz dos olhos humanos. Mas alguns deles supunham que as estrelas seriam perfurações pelas quais resplandeceria a luminosidade do céu por cima da abóbada, ou firmamento.

4. A Pluralidade dos Céus

Os rabinos tinham como doutrina padrão o ensino de que há 7 céus. Para eles, a glorificação consiste em passar de um nível de ser para o próximo, cada nível com seu grau de transformação. Chegar à forma de vida dos anjos era considerado por eles como o clímax desse processo. Entretanto, o Novo Testamento ensina que o alvo é a participação na natureza divina, e não apenas na natureza angelical (II Ped. 1:4). Algumas indicações neotestamentárias da pluralidade dos céus são as seguintes: a. Quase sempre a palavra aparece no plural, «céus». b. Há o paraíso, ou céu inferior (Luc. 23:43), que os rabinos não concebiam como a habitação de Deus, e, sim, quando muito, a habitação de espíritos justos, no mundo intermediário. c. Jesus referiu-se a «muitas moradas», em associação às dimensões espirituais, como um lugar (aparentemente além ou inserido em) a ser preparado para os seus discípulos (João 14:2 *ss).* d. Além disso, haveria *o terceiro* céu, mencionado por Paulo, um elevado lugar, mas ainda não a habitação de Deus (II Cor. 12:4). e. O trecho de Hebreus 4:14 afiança que Jesus atravessou os «céus», a caminho de Deus Pai. f. Além disso, os diversos compartimentos do templo de Jerusalém seriam um retrato simbólico das divisões dos lugares celestiais, simbolizando um acesso gradual e crescente a Deus, e terminando no Santo dos Santos, o próprio lugar da habitação de Deus. O tratado aos Hebreus apresenta esses tipos de noções, no tocante ao templo e ao acesso que Jesus obteve para nós. Ver Heb. 4:14; 9:23 *ss.* g. Os lugares celestiais de Paulo. Não somente Paulo, mas também João e o autor da epístola aos Hebreus empregaram a expressão grega *tà epourânia,* «os lugares celestiais». Há certas nuanças de significado, dependendo dos respectivos contextos. Na epístola aos Efésios denota a esfera dos nossos privilégios espirituais em Cristo, salvo em Efé. 6:2, onde representa o mundo espiritual invisível, onde operam tanto forças boas quanto forças más. Sempre indica a esfera que transcende ao que é terreno. Porém, em I João 3:12, os lugares celestiais são postos em contraste com as «coisas terrenas», ou seja, aquelas coisas que podem ser submetidas ao teste das experiências humanas. Na epístola aos Hebreus, como já pudemos dizer, as *cousas celestes* são os arquétipos dos quais as coisas terrestres são apenas as sombras.

5. Os Céus em Dois Níveis

Na epístola aos Hebreus temos uma perspectiva da existência em dois níveis, segundo o modelo de Platão e Filo, segundo o qual as coisas neste mundo (os particulares) são moldadas de acordo com os arquétipos, ou seja, coisas existentes nos céus (os universais). Quanto a comentários completos sobre esse conceito, ver as notas expositivas no NTI, em Heb. 9:23. Isso significa que os particulares são cópias ou imitações das realidades celestiais. Hebreus 8:5 também exprime esse conceito.

6. Relação Entre Cristo e os Céus

As Escrituras dizem que Cristo já havia habitado nessa esfera espiritual. Platão pensava que isso ocorreu no caso de todos os homens, porquanto, para ele, as almas eram pré-existentes, — tendo caído de um estado primevo de utopia. Os rabinos apegaram-se a essa doutrina, ou então, chegaram independentemente à noção de que as almas já tinham tido uma vida espiritual nos lugares celestiais. O Novo Testamento, porém, faz silêncio sobre o ponto, porquanto não ensina qualquer teoria especial acerca da origem da alma. No entanto, no que concerne a Cristo, o Filho de Deus, o Logos, o ensino é claro. Antes de sua encarnação, Jesus sempre estivera nos céus (João 1:1 *ss;* 17:5; Fil. 2:5 *ss).* Jesus Cristo desceu da glória celeste e identificou-se com os homens, de tal modo que, nele, agora os homens possam ascender ao céu, juntamente com ele. A doutrina do arrebatamento é um ensino que fala em ascensão, visto que será por meio do arrebatamento que os homens participarão do evento. Naturalmente, antes disso, os remidos participarão da morte e da ressurreição de Cristo (Rom. 3:25,26. 4:24,25). A descida de Cristo ao hades mostra-nos que a missão de Cristo foi universal, suficientemente ampla para atingir todas as almas de todas as esferas, e não apenas aquelas que estivessem na esfera terrestre. O trecho de Efésios 3:8 *ss,* mostra-nos que a descida de Cristo ao hades teve o mesmo propósito de sua ascensão, ou seja, a fim de que ele viesse a tornar-se tudo para todos. E a passagem de Efésios 1:10 ensina-nos qual a extensão da missão universal de Cristo. Ver o artigo sobre a *Restauração.*

7. Os Lugares Celestiais de Paulo. Em seus escritos, Paulo reteve a idéia da pluralidade dos céus. A antiga cosmologia judaica não encontra lugar em seus escritos, e ele lança-se, nessa discussão sobre os lugares celestiais, a uma teologia bem mais sofisticada. Ele refere-se aos «lugares celestiais» que são lar das almas. Essa expressão paulina aparece somente na epístola aos Efésios (ver Efé. 1:3,20; 2:6 e 3:10). Nessa mesma epístola, lemos que é o ministério total de Cristo que garante que os demais filhos de Deus compartilham desse elevadíssimo destino. Eles recebem tal privilégio mediante a bênção geral de Deus em Cristo (Efé. 1:3), com base na eleição divina (Efé. 1:4). Eles recebem total identificação com o Filho amado do Pai (Efé. 1:6), mediante o seu sangue e a sua expiação (Efé. 1:7). O próprio Cristo chegou àquela posição por haver completado com êxito a sua missão terrena (Efé. 1:20). Fomos espiritualmente ressuscitados com ele (Efé. 2:6) e chegando em sua presença, haveremos de compartilhar de suas incomensuráveis riquezas (Efé. 2:7). Portanto, a descida de Cristo ao hades e a sua ascensão ao mais alto céu garantem o sucesso do plano divino eterno (Efé. 4:8 ss).

8. O destino Final do Homem nos Céus

O céu é um lugar lindíssimo. O último capítulo do Apocalipse revela-nos que ali não haverá qualquer coisa prejudicial, não haverá lágrimas, nem tristeza, nem enfermidade e nem morte. O céu é a verdadeira utopia, real por ser criação de Deus. Porém, o céu é muito mais do que isso. De um ponto de vista mais elevado, o céu é sinônimo de *salvação* (que vide). Indica a participação na natureza divina, quando nos tornaremos autênticos filhos do Pai celeste, no mais alto sentido da palavra, bem como nos tornaremos irmãos de nosso querido Irmão Mais Velho. (Ver II Ped. 1:4). Todavia, isso não se concretizará em um único lance. Bem pelo contrário, será um processo eterno, que nos irá conduzindo de um nível de glória para o próximo, mediante o poder do Espírito (II Cor. 3:18). O céu consiste mais no que acontecerá conosco ali, do que um lugar onde habitaremos. É a mais elevada realização espiritual de Deus relativa aos remidos. Cada remido será um filho de Deus, conduzido à glória celestial (Heb. 2:10). (E NTI UN)

CÉU (Firmamento)

Uma palavra hebraica e uma palavra grega são traduzidas por «céu», com o sentido de «firmamento», ou seja, nosso céu de estrelas:

1. *Shachaq,* «nuvem tênue». Essa palavra hebraica ocorre por vinte e uma vezes (por exemplo: Deu. 33:26; II Sam. 22:12; Jó 37:18; Sal. 18:11; 77:17; Isa. 45:8; Jer. 51:9).

2. *Ouranós, «céu».* Palavra grega que ocorre por cerca de duzentas e oitenta vezes, principalmente nos evangelhos sinópticos e no livro de Apocalipse, começando em Mat. 3:2 e terminando em Apo. 21:10.

Por extensão, no Antigo Testamento, essa palavra hebraica é comumente usada com o sentido de «nuvem» (ver, para exemplificar, Deu. 33:26). Em português, tal como em grego, «céu» tanto é o lugar onde Deus habita como é a expansão celeste que abriga os corpos celestiais. O contexto de cada passagem envolvida é que decide que tipo de «céu» está em pauta.

CEVA

No grego, **Skeuas.** Talvez a palavra grega derive-se de *skeuos,* «utensílio». No Novo Testamento, é nome de um «sumo sacerdote» judeu que vivia em Éfeso (Atos 19:14-17). Incapaz de atuar como tal nas sinagogas de Éfeso e da Ásia Menor, ou ele exercia seu ofício em Jerusalém, ou era membro de alguma família sumo sacerdotal, ou então fora o chefe de uma das vinte e quatro turmas de sacerdotes, por causa do que continuava sendo honrado com aquele título.

Seus sete filhos percorriam muitos lugares, procurando exorcizar demônios, usando o nome de Jesus. Mas, de certa feita, um demônio negou-se a atendê-los, com a seguinte resposta: «Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?» (Atos 19:15). Faltando-lhes a autoridade espiritual de Jesus ou de Paulo, os sete filhos de Ceva foram atacados pelo endemoninhado, e tiveram de fugir «desnudos e feridos». O incidente foi largamente noticiado, com o resultado que sobreveio grande reverência e temor acerca do nome do Senhor Jesus entre todos os habitantes de Éfeso. Também houve um reavivamento e uma renovação na igreja cristã. Muitos crentes confessaram que não haviam desistido de suas práticas fetichistas e ocultistas, e voluntariamente entregaram seus livros mágicos, os quais foram queimados publicamente. Desse modo, foi singularmente demonstrado o poder do evangelho, e a palavra do Senhor prevaleceu contra todas as forças malignas rivais.

CEVADA

No hebraico é uma palavra que significa «cabelos longos», e no grego é *krithé,* "pontudo". Há trinta e seis referências a esse cereal na Bíblia, das quais três no Novo Testamento (João 6:9,13 e Apo. 6:6). Era um dos principais cereais consumidos na Palestina, sendo usado como alimento dos animais, por ser o mais barato. Mas os pobres também consumiam a cevada. Era cultivada no Egito (ver Êxo. 9:31) e na Palestina (Lev. 27:16; Deu. 8:8; Rute 2:17). É mencionada na Mishnah (Pseach. fol. 3) como forragem de cavalos e asnos. Preparava-se pão de cevada para os pobres (ver Juí: 7:13 e João 6:9,13). Usualmente era plantada durante as chuvas de outono, isto é, outubro e novembro. A primeira colheita da cevada era feita na época da páscoa, no mês hebraico de abibe, isto é março/abril. A espécie silvestre Hordeum spontaneum, até hoje é comum na Palestina. Há diversas variedades cultivadas. Os pães entregues a Jesus, segundo se vê em João 6:9, eram de cevada. Eliseu esclareceu que o preço da farinha de cevada era a metade do preço da farinha de trigo (ver II Reis 7:1). A cevada era colhida trinta dias ou mais antes da colheita do trigo. Isso explica o fato de que a cevada e o linho foram feridos, ao passo que o trigo e o centeio não, quando da sétima praga, a chuva de pedras, no Egito (ver Êxo. 9:31).

Colheita da cevada. Essa era uma das mais importantes colheitas de cereais que havia na Palestina, principalmente porque a cevada era tão útil como forragem para os animais. Nas terras baixas próximas de Jericó, essa colheita começava em abril, segundo se vê em Jos. 3:16. Na região montanhosa, a colheita da cevada só ocorria em maio, ou mesmo no começo de junho. As primícias da cevada eram trazidas como oferta ao Senhor (ver Lev. 23:10).

Uso Metafórico. 1. Em Juízes 7:13, simboliza a nação de Israel reformada. 2. O pão a ser lançado sobre as águas, em Eclesiastes 7:13, era feito de cevada, onde também se promete bom retorno pela generosidade no investimento. 3. A cevada também simbolizava algo de pouco valor, pelo que era associado ao preço de uma meretriz, além de servir de oferenda oferecida pelos pobres (ver Osé. 3:2 e Núm. 5:15). 4. Os árabes chamam os judeus, nestes dias modernos, de «bolos de cevada», em tom pejorativo. Os verdadeiros seguidores de Maomé, em contraste, são chamados de «trigo». Os midianitas, em Juízes 7:13, aparentemente chamavam os judeus de «pães de cevada". (ID S Z)

CHAMADA

No hebraico, *qara,* «chamar», «nomear». Palavra usada por mais de setecentas e vinte vezes, desde Gên 1:4 até Mal. 1:4. No grego, *kaléo,* «chamar», «nomear», palavra usada de Mat. 1:21 até Apo. 19:13.

Consideremos os três pontos abaixo, que nos ajudam no que precisamos saber a respeito:

1. Vários Usos Bíblicos:

a. Dar nome a uma pessoa ou a uma coisa; ser chamado por um nome, como os israelitas e suas respectivas tribos (Gên. 48:16). Além disso, há pessoas chamadas pelo nome de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento, como Israel, que foi chamado filho de Deus (Isa. 52:2; Osé. 11:1), ou como os crentes, que são chamados cristãos, entre outros nomes (Atos 11:26). Ver também Tia. 2:7:

b. O ato de convidar ou solicitar (Êxo. 2:7).

c. Nomear para algum ofício (Êxo. 31:2).

d. Criar, produzir coisas mediante o poder da palavra, ou por um ato da vontade (Rom. 4:17; Eze 36:29).

e. Convidar alguém a assumir um dever, mediante a palavra, ou através do poder impulsionador do Espírito Santo (Isa. 22:12; Pro. 1:24; Mat. 22:14).

f. O *convite feito aos pecadores* para o estado de graça, por meio da pregação do evangelho. Essa chamada harmoniza-se com o propósito divino no tocante a cada pessoa (Rom. 8:28; II Tim. 1:9). Isso conduz os homens à mais elevada glória e felicidade (Fil. 3: 14), mas essa chamada não é atendida por muitos dos sábios e poderosos (I Cor. 1:26,27). Trata-se de uma chamada santa e gloriosa (II Ped 1 :3). É uma chamada celestial (Heb. 3:1). É uma chamada determinada e mantida pela vontade divina (Rom. 8:29). É universal (João 3:16; Apo. 22:7; 1 Tim. 2:4). Tem resultados universais (João 12:32; Efé. 1:10), nos que se salvam ou nos que se perdem (II Cor. 2:14,15).

g. Proclamar (Joel 1:3). Apelar solenemente a Deus, convocando-o para que faça o registro da alma de alguém (II Cor. 1:23). Invocar a Deus equivale a adorá-lo, particularmente no caso das orações (I Ped. 1:17).

2. Na Teologia Paulina:

Desenvolvendo algumas das idéias citadas acima, vemos que, nas epístolas de Paulo, a *chamada* quase sempre denota o decreto de Deus Pai concernente à salvação dos homens, e isso se torna eficaz mediante as operações regeneradoras e transformadoras do Espírito Santo. Essa chamada produz a reação da fé (Rom. 8:30; I Cor. 1:9; Gál. 1:15; II Tes. 2:13 ss; II Tim. 1:9; Heb. 9:15; I Ped. 2:9). Os teólogos falam sobre a *chamada eficaz* que ocorre por meio da pregação do evangelho. (Ver Rom. 8:28-30; 9:23-26). O nono capítulo da epístola aos Romanos realmente limita essa chamada aos eleitos, de onde os calvinistas obtêm força, em seus argumentos. Mas Paulo, no décimo capítulo dessa mesma epístola, e daí por diante, mostra que não há limite para a questão, o que concorda com a universalidade do amor de Deus. Ver sobre o *Determinismo* e o *Livre-Arbítrio,* quanto a uma discussão sobre os problemas criados e sobre o exame em separado de cada um dos lados da questão.

3. A Chamada ao Serviço. Deus às vezes chama alguém para algum serviço ou ofício especial, como no caso do apostolado (Rom. 1:1), da pregação missionária (Atos 13:2; 16:10), do sacerdócio (Heb.

5:4), ou de alguma outra ocupação específica, mediante o que certos indivíduos terão de expressar-se e desenvolver-se espiritualmente (I Cor. 7:20). O trecho de Apo. 2:17, com sua doutrina do *novo nome*, mostra-nos que cada indivíduo é sui-generis e está encarregado de missões distintivas, tanto agora quanto na eternidade. Ver esse ensino sob o título *O Novo Nome*. (B K NTI)

CHAMINÉ

No trecho de Oséias 13:3 há uma palavra hebraica que também figura por outras oito vezes, *arubbah*, «Janela». Essa é a tradução que aparece em nossa versão portuguesa, naquela passagem, como lugar por onde passava a fumaça. Todavia, algumas versões preferem traduzi-la, nesse trecho de Oséias, por «chaminé», embora se saiba que, naquele tempo, ainda não se faziam chaminés nas casas. Todavia, no livro apócrifo de II Esdras 6:4, segundo a Vulgata Latina, temos a palavra *caminos*, que é a raiz latina para chaminé. Ali está em foco uma lareira ou um forno, mas não uma chaminé. Esse é o sentido original da palavra latina.

CHAPÉU

Ver o artigo geral sobre **Vestimentas.**

CHAVE (Ver também sobre **Chaves).**

No hebraico, **maphteach,** «abridor". Esse termo figura por três vezes: Juí 3:25; Isa. 22:22 e I Crô. 9.27 (nesta última referência, o termo é traduzido pelo verbo «abrir»). No grego, *kleís,* vocábulo que aparece por dezesseis vezes: Mat. 6:6; 23:14; 25:10; Luc. 4:25; 11:7; João 20:19,26; Atos 5:23; 21:30; I João 3:17; Apo. 3:7,8; 11:6; 20:3; 21:25. A *chave* movimentava o pino da fechadura ou da trave.

A chave é um instrumento que, na antiguidade, usualmente era feito de madeira, embora também houvesse chaves de metal. Geralmente, as chaves antigas eram volumosas. Com freqüência era levada ao ombro, como símbolo de autoridade (Isa. 22:22; Apo. 3:7). Sempre é um símbolo de autoridade, nas Escrituras, indicando o direito de realizar alguma tarefa ou de exercer algum ofício. No sentido espiritual, Cristo é quem leva as chaves (Apo. 1:8). Há anjos que têm uma autoridade representada por alguma chave, como aquele que tem a chave do abismo ou hades (Apo. 9:1 e 20:1).

As chaves estão associadas ao conhecimento e à interpretação, como se segredos, instruções e informações fossem guardadas sob autoridade, mas pudessem ser abertas pelos ministros autorizados (Luc. 11:52). Aos apóstolos foram confiadas as «chaves do reino», visto que lhes foram dados o poder e a autoridade para abrirem o novo caminho espiritual, anunciando ao mundo a mensagem de Jesus (Mat. 16:18,19). As portas da igreja foram abertas por Pedro, no dia de Pentecoste (Atos 2), e em Cesaréia (Atos 10), e por Paulo e Barnabé, na Ásia Menor (Atos 14:27).

O simbolismo da chave é apropriado porque os povos antigos imaginavam as dimensões espirituais guardadas por portas que só poderiam ser abertas por deuses ou por anjos. As regiões inferiores, como o hades, estariam sob a autoridade de forças demoníacas. Várias forças espirituais, divinas, ou demoníacas, eram retratadas nas culturas antigas com dotadas de chaves espirituais e metafísicas, como Shamash, entre os babilônios, Dike, entre os gregos, Jânus, entre os romanos, Aion-Cronos, no mitraísmo, Hélios, no período neoplatônico, etc. Nadu era uma divindade babilônica que guardava o mundo inferior. Além desses, temos Plutão, Aiacos, Persefone e Selena-Hecate, que seriam autoridades existentes no hades, além de Ísis, das religiões misteriosas.

Brandir uma chave equivalia a ter recebido autoridade e uma missão. Dar uma chave a alguém simbolizava conferir-lhe poder ou missão especiais.

CHEFE

Essa palavra e seus sinônimos, que dão a idéia de algum líder, precisa ser desdobrada quanto às palavras hebraicas e gregas que estão por detrás do conceito, e que, aliás, são muitas, a saber:

1. *Magen,* «escudo», palavra usada por sessenta vezes, uma das quais com o sentido de «chefe», em Oséias 4:18. A versão portuguesa diz «príncipe».

2. *Mashal,* «governante». Palavra usada por noventa e nove vezes (por exemplo: Gên. 45:8; Juí. 15:11; Sal. 105:20,21; Pro. 6:7; Isa. 14:5; Hab. 1:14).

3. *Nagid,* «líder». Palavra usada por quarenta e duas vezes (por exemplo: I Sam. 25:30; II Sam. 6:21; I Crô. 5:2; 28:4; Nee. 11:11).

4. *Nasi,* «exaltado». Palavra usada por cento e vinte e cinco vezes com o sentido de príncipe, chefe, etc., e por quatro vezes com o sentido de nuvem. No sentido que nos interessa aqui, ver, por exemplo: Êxo. 16:22; Lev. 4:22; Núm. 13:2; Jos. 9:15,18,19,21; Eze. 7:27; 12:10,12; 48:21,22.

5. *Qatsin,* «capitão». Palavra usada por doze vezes. Por exemplo: Isa. 1:10; 3:6,7; Pro. 25:15; Dan. 11:18; Miq. 3:1,9.

6. *Rosh,* «cabeça». Palavra usada por cerca de seiscentas vezes, das quais por doze vezes com o sentido de «fel». Por exemplo: Deu. 1:13; Isa. 29:10; Deu. 1:15; 5:23; Jos. 11:10; 14:1; Isa. 7:8,9,20; 9:14, etc.

7. *Sar,* «controlador». Palavra usada por quatrocentas e dezoito vezes. Por exemplo: Gên. 47:6; Êxo. 18:21,25; Juí. 9:30; II Reis 10:1; I Crô. 21:2; Esd. 10:14; Nee. 3:9,14,15,19; Est. 3:12; 89:9; 9:3, etc.

8. *Seganim,* «prefeitos». Palavra usada por dezessete vezes. Por exemplo: Esd. 9:2; Nee. 2:16; 4:14,19; 5:7,17; Jer. 51:23,28; Eze. 23:6,12,23, etc. Todas essas últimas sete palavras hebraicas são traduzidas de variegadas maneiras em nossa versão portuguesa, o que é apenas natural, face o elevado número de vezes em que todas elas são usadas.

9. *Razan,* «príncipe», palavra usada por seis vezes. Ver Sal. 2:2; Juí. 5:3; Pro. 8:15; 31:4; Isa. 40:23; Hab. 1:10.

10. *Shatar,* «supervisor». Palavra usada por vinte e cinco vezes Por exemplo: II Crô. 26:11; Êxo. 5:6,10,14; Núm. 11:16; Deu. 1:15; Jos. 24:1; II Crô. 19:11; 34:13.

11. *Shilton,* «autoridade». Palavra usada por duas vezes: Dan. 3:2,3.

12. *Shallit,* «governo». Palavra usada por catorze vezes, com diversas traduções em português. Por exemplo: Ecl. 10:5; Dan. 2:10; 5:29, etc.

13. *Radah,* «príncipe». Palavra usada por vinte e quatro vezes, também traduzida em português de diversos modos. Por exemplo: Sal. 68:27; Núm. 24:19; Gên. 1:26; Nee. 9:28; Juí. 5:13.

Em grego, precisamos pensar em três palavras:

1. *Árxon,* «líder» palavra usada por trinta e sete vezes. Por exemplo: Mat. 9:18,23,34; Mar. 3:22; Luc. 8:41; 24:20; João 3:11; 16:11; Atos 3:17; 23:5; Rom. 13:3; I Cor. 2:6; 8:1; Efé. 2:2; Apo. 1:5.

2. *Hegemón,* «guia». Palavra usada por dezenove vezes. Para exemplificar: Mat. 2:6; 10:18; Mar. 13:9; Luc. 20:20; Atos 23:24,26,33; I Ped. 2:14.

3. *Kosmokrátor,* «ditador do mundo». Palavra usada somente em Efé. 6:12. Há outras palavras gregas que indicam posições de chefia, mas que serão tratadas quando os verbetes a respeito dessas posições forem abordados.

CHIBOLETE, SIBOLETE

No hebraico, «riacho fluente». Embora a palavra hebraica apareça em trechos como Sal. 69:2; Jó 24:24; Gên. 41:5-7; Rute 2:2 e Zac. 4:12, em nossa versão portuguesa essa palavra, em suas duas formas, aparece somente no trecho de Juí. 12:6. A questão toda gira em torno da pronúncia que os efraimitas davam a essa palavra hebraica. Eles diziam «sibolete», em vez de «chibolete». Com isso, podiam ser identificados e mortos pelos gileaditas. Os gileaditas, que eram os homens de Jefté, mataram naquele dia quarenta e dois mil efraimitas. O episódio, por sua vez, mostra que mesmo nesse estágio inicial do povo de Israel, já haviam surgido regionalismos e diferenças de dicção, entre as diversas tribos de Israel. Essas diferenças de pronúncia dos fonemas de um idioma devem-se a vários fatores.

Os gramáticos e outros dizem que as pessoas que se criam nas planícies falam de modo diferente dos que se criam nas regiões montanhosas, e que os que vivem nos climas quentes pronunciam os fonemas de maneira diferente dos que vivem nos climas frios.

CHIFRES

No hebraico, **queren.** Ocorre por setenta e oito vezes, de Gên. 22:13 até Zac. 1:21. O termo aramaico *queren* ocorre por sete vezes, sempre no sétimo capítulo do livro de Daniel (vs. 7,8,11,20,21,24). No grego, *kéras,* «chifre», palavra que aparece por onze vezes no Novo Testamento: Luc. 1:69; Apo. 5:6; 9:13; 12:3; 13:1,11; 17:3,7,12,16.

O chifre de um animal servia de símbolo de sua força física. O touro com a sua enorme força física, domesticado pelo homem desde tempos tão remotos, fornecia um bom exemplo disso. E muitos animais selvagens usam seus chifres como sua principal arma de defesa e ataque. Visto que os chifres simbolizavam poder, muitas divindades do Oriente Médio eram retratadas como se fossem dotadas de chifres. Além disso, os capacetes dos reis, sacerdotes e guerreiros com freqüência tinham chifres.

Visto que o touro era um animal sagrado para vários povos, os chifres tornaram-se símbolos do poder divino, bem como da fertilidade. Por causa dessa conexão com a idéia de fertilidade, os chifres também vieram a indicar prosperidade e saúde. As pessoas costumavam pôr chifres nos lugares que queriam proteger, por causa de sua imaginária vinculação com os poderes divinos. Da idéia de abundância proveio o símbolo da *cornucópia,* o chifre da abundância, representado como um chifre que deixa extravasar frutos e legumes. Uma espécie de trombeta também era feita pelos antigos, mediante o uso de um chifre (ver sobre *Instrumentos Musicais).* Essa trombeta era usada para alertar as pessoas à ação, para fazer anúncios, etc. Além disso, muitos acreditavam que o sonido da trombeta de chifres era capaz de espantar maus espíritos e outros perigos, incluindo enfermidades.

Usos Bíblicos. 1. Na antiga nação de Israel, os chifres de boi eram usados como receptáculos para o azeite empregado nas unções cerimoniais (I Sam. 16:1, 13; I Reis 1:39). Um chifre de carneiro era usado como instrumento musical (Jos. 6:5). 2. Os chifres do altar são mencionados em Êxo. 27:2 e Lev. 4:7,18,25,30,34; 8:15; 9:9; 16:18. Os hebreus besuntavam-nos de sangue, porquanto é no poder da expiação que encontramos a proteção divina. O fato de que esses chifres eram lugares de proteção e refúgio é mencionado em I Reis 1:50 ss; 2:28 ss. 3. Quanto a um símbolo de poder, no Antigo Testamento, ver I Reis 22:11. *Usos Metafóricos:* a. Deus exalta o chifre dos justos mas decepa os chifres dos ímpios (Sal. 75:10), o que aponta para os poderes e para o bem-estar desses dois tipos de pessoas. b. O chifre de Davi seria levado a brotar, dando a entender poder e prosperidade. c. Há menção ao chifre da salvação, o que alude aos efeitos do poder expiatório de Deus (II Sam. 22:3; Sal. 18:2; Luc. 1:69). d. Nos capítulos sete e oito do livro de Cantares e nos capítulos treze e dezessete do Apocalipse, os chifres existentes em certas criaturas que apareceram nas visões representam governantes individuais de cada império mundial. Ver o artigo separado sobre os *Sete Chifres.*

CHIFRES DO ALTAR

No hebraico, **qeren,** «chifre». Essa palavra, que tanto pode ser hebraica como aramaica, ocorre em um total de oitenta e cinco vezes, embora raramente em relação aos chifres do altar. Ver Êxo. 27:2.

Os «chifres do altar» eram as quatro protrusões nos cantos do altar de pedra, que se assemelhavam a chifres, o que lhes explica o nome. Essa era uma característica dos altares antigos, em Israel e em outras nações. A descrição desses chifres aparece em Êxodo 27:2. O altar de bronze conferia abrigo a quem se refugiasse ali. Quem segurasse o altar pelos chifres não podia ser atacado por quem quer que fosse (I Reis 1:50). Esse é um lindo símbolo sobre como há provisão sagrada para o pecador em necessidade, sem importar se ele merece ou não essa proteção. Ver sobre as *Cidades de Refúgio.*

CHIPRE

No Antigo Testamento, parece que a única menção a essa grande ilha do mar Mediterrâneo está em Ezequiel 27:6 (onde a nossa versão portuguesa diz «ilha dos quiteus»). A ilha de Chipre fica ao largo das costas da Síria. Tem cerca de 225 km de comprimento por 80 km de largura. A princípio foi habitada pelos fenícios. Em cerca de 447 A.C., os gregos passaram a controlá-la. Após o falecimento de Alexandre, passou a ser governada pelos reis Ptolomeus, juntamente com o Egito. Em 58 A.C., os romanos apossaram-se dela.

Em 27 A.C., foi feita uma província imperial. Chipre é mencionada no Novo Testamento somente no livro de Atos (4:36; 11:19,20; 13:4; 15:39; 21:3,16; 27:4). No décimo primeiro capítulo de Atos, em conexão com a propagação do cristianismo. Paulo e Barnabé estiveram na ilha em cerca de 44 D.C. Por certo, foi o primeiro campo missionário do apóstolo Paulo (Atos 13:4-13). Os «Quitim», referidos em Gênesis 10:4, referem-se aos cipriotas. Os «quitim» são os mesmos «quiteus» de Eze. 27:6. Nossa versão portuguesa interpreta o «quitim», também referidos em Isaías 23:1, como a «terra de Chipre».

Outros Detalhes.

Na antigüidade, essa ilha era recoberta de densas florestas; mas acabou desnudada das mesmas, devido à intensa exploração da madeira. Além da madeira ali existente, Chipre era importante produtora de cobre e estanho. De fato, o seu nome grego, *Kúpros,* significa «cobre». Navios fenícios eram usados nesse comércio. Nossa palavra «cobre» deriva-se do termo latino *cyprium,* relacionado ao grego *kúpros.* Talvez esse fosse o antigo nome dado ao cobre; mas também é possível que essa palavra seja de origem incerta, e que o «cobre» veio a ser associado a esse nome porque havia muito cobre naquela ilha. A localidade chamada antigamente de Kítion, de onde vem «quitim», foi fundada em torno da indústria da extração do cobre. O termo cronológico, Era do Bronze (3200-1200 A.C.), tem vinculação com o início da extração do cobre, visto que, naquela época, o cobre era misturado com o estanho, a fim de ser produzido o bronze.

No século XV A.C., a civilização minoana penetrou em Creta, e no século seguinte, houve pontos ali, colonizados pelos micenos. Têm sido encontradas inscrições arqueológicas que nos prestam alguma informação sobre a história de Creta, entre os séculos XV e XII A.C. Nos séculos IX e VIII A.C., os fenícios vieram estabelecer-se em Chipre. Daí por diante, inscrições bilíngües, em fenício e em grego, de mistura com o cipro-minoano clássico (atualmente denominado cipriota clássico), contam a história subseqüente. No século VI A.C., os egípcios passaram a dominar a ilha de Chipre, e as coisas continuaram assim até que se tornou parte do império persa, na época de Cambises, em 525 A.C. Em 333 A.C., foi conquistada por Alexandre; e, sob Antígono, passou para o domínio dos monarcas Ptolomeus. Em 58 A.C., tornou-se uma província romana.

CHOLA

Um lugar mencionado em Juízes 15:4, juntamente com Betomastaim, Bebai e Choba. Tem sido identificado com o Holóm mencionado em Josué 15:51, embora não passe de uma suposição.

CHORO

Muitas palavras hebraicas e duas palavras gregas estão envolvidas, com o sentido de «clamar», «chorar», «proclamar», etc. Porém, aqui queremos considerar a idéia do choro humano. É interessante observar que no relato da vida de Jesus, nunca é mencionado que ele riu ou gargalhou. Mas lemos que «Jesus chorou» (João 11:35). Aí é usado o vocábulo grego mais típico, *dakrúo,* «chorar», «derramar lágrimas», usado somente nesse versículo.

O choro humano pode expressar diversas emoções, desde a angústia até o júbilo, passando pela raiva. A Bíblia reflete isso de vários modos:

1. O clamor de Jesus, em sua humanidade, quando ele implorou com lágrimas, em meio a súplicas e orações, mostrando a debilidade de sua natureza humana, e como ele compartilhava de nossa humilhação (Heb. 5:7). Nisso encontramos o típico choro humano de impotência, em meio ao conflito espiritual.

2. Os clamores proferidos na cruz, literais e simbólicos (Mat. 27:46. Luc. 23:46), porquanto Jesus sofreu agonias reais, simbolizando as nossas agonias. Ver o artigo sobre as *Sete Declarações da Cruz.*

3. O clamor da oração (Sal. 39:12), que mostra a sinceridade e o senso de urgência então expressos.

4. O clamor de muitas emoções, como a aflição (Êxo. 2:23; Mat. 27:46); o medo (Mat. 14:26); a alegria (Isa. 54:1; Gál. 4:27); a dúvida e a incerteza (Êxo. 17:4); o apelo (I Sam. 7:9); a tristeza (I Sam. 15:11; Mar. 15:34); a agonia (Jó 30:24; Mat. 27:46); a petição (Mat. 9:27).

CHUMBO

No hebraico, **ophereth,** «chumbo". Esse vocábulo é usado por nove vezes: Êxo. 15:10; Núm. 31:22; Jó 19:24; Jer. 6:29; Eze. 22:18,20; 27:12; Zac. 5:7,8.

O chumbo é um metal mole, com densidade onze vezes maior que a da água. Seu ponto de fusão é 327 graus centígrados. Forma ligas com a prata (Eze. 22:18,20) e com o estanho (então chamado solda). Preenchia espaços esculpidos na rocha, para formar letras (Jó 19:24). Quando é absolutamente puro, o chumbo tem cor branca prateada, mas as impurezas fazem com que escureça. O minério do chumbo é a galena (sulfeto de chumbo) que é encontrado associado ao zinco, com pequenos vestígios de prata. Os depósitos de chumbo mais exploráveis ocorrem em veios que se depositam através de rochas sedimentares ou as substituem. Ninguém sabe quando os homens descobriram o chumbo, mas tem sido encontrado nos mais antigos lugares examinados pelos arqueólogos. Moedas de chumbo já eram feitas no antigo Egito. Era um dos componentes usados no esmaltamento de cerâmica; e também era usado como solda. Os famosos Jardins Suspensos da Babilônia estavam ancorados sobre lâminas de chumbo, soldadas umas às outras. Os fenícios comerciavam com o chumbo, explorando minas de chumbo no rio Tinto, na Espanha. Os gregos extraíam chumbo em Laurion, na Grécia.

Referências Bíblicas. O chumbo era conhecido por sua grande densidade (Êxo 15:19) e também por sua rápida dissipação, devido à oxidação, às altas temperaturas (Jer. 6:29). O chumbo era menos valorizado que o estanho, sendo usado no fabrico de pesos (Zac. 5:8), e também para preencher inscrições esculpidas na rocha (Jó 19:24). No trecho de Zacarias 4:10, o «prumo» era um peso de estanho; mas, em Zacarias 5:8, o peso era de chumbo. Isaías 41:7 diz que o chumbo era usado na solda. O chumbo também era usado como material para o fabrico de tabletes de escrever, ou como material de construção, especialmente no preenchimento dos interstícios entre pedras desiguais. A arqueologia tem descoberto esse uso nas escavações feitas em Nínive. Também era usado para esmaltar cerâmica, um processo usado no Egito e em outros lugares. Isso significa que muita gente ficou intoxicada com o chumbo! Ver o artigo geral sobre *Minas, Mineração.*

CHUVA

A grande importância da chuva para os habitantes de uma região onde chove pouco torna-se clara pela variedade de palavras hebraicas que a descrevem. O hebraico distingue a *chuva* do *chuvisco* (este último em Deu. 32:2). E também registra a ocorrência das chuvas próprias das estações do ano (ver abaixo).

As taxas anuais de chuva, em várias regiões da Palestina, são descritas no artigo *Palestina, Clima da* (que vide). Mas as taxas médias geralmente enganam, visto que os totais variam muito de ano para ano. Por exemplo, em Jerusalém, a média a longo prazo é de 66,3 cm anuais. Mas o máximo recebido em um ano foi de 1,01m e o mínimo de 30,5 cm. Havendo flutuações dessa grandeza, o impacto sobre a sociedade que depende das chuvas para sobreviver facilmente pode ser imaginado.

Para os agricultores, o que mais importa é a distribuição das chuvas durante o ano. Essa distribuição é muito desigual, realmente. Nenhuma chuva cai durante os quatro meses mais quentes do ano, de junho a setembro. Isso é equilibrado por um inverno fresco e chuvoso; mas, do ponto de vista do agricultor, os dois períodos críticos são o começo e o fim da estação chuvosa, quando as temperaturas são altas o bastante para promover o crescimento das plantações, e o solo ainda está bastante úmido para o cultivo.

Portanto, as atividades dos agricultores prendem-se diretamente ao regime das chuvas, dependendo de seu início. As chuvas começam em outubro, geralmente com uma série de temporais, e a aragem e a semeadura podem então começar no solo compactado. Se o começo da estação chuvosa se adia, a produção anual sofre; e se o adiamento é muito grande, pode nem haver colheita. Portanto, essas «primeiras» chuvas são importantíssimas. Na outra extremidade do inverno, as chuvas continuam até abril e maio, quando as temperaturas são elevadas, sendo mais valiosas do que as chuvas de janeiro e fevereiro, quando as temperaturas são mais baixas; aquelas chuvas aumentam a produção por cada dia que elas se prolongam. Por isso é que os agricultores esperam ansiosos pelas "últimas" chuvas.

Essa combinação de primeiras e últimas chuvas é freqüentemente aludida na Bíblia (por exemplo, Deu. 11:14; Jer. 5:24; Osé. 6:3; Joel 2:23; Tia. 5:7). Muito temida é a ausência de chuvas, pois isso importa em fome, um evento que nunca se distancia muito dos pensamentos dos habitantes da Palestina, desde os dias de Abraão até os nossos próprios dias. Ver *Palestina, Clima da.* Em conclusão, a agricultura é mais bem servida com chuvas oportunas—tanto as primeiras, no hebraico, *yoreh ou moreh;* como as últimas, no hebraico, *malkos*—do que com chuvas pesadas.

CHUVAS ANTERIORES E POSTERIORES

Ver o artigo sobre **Chuva.**

CHUVAS DA PRIMAVERA

Ver sobre **Chuva.**

CIAMOM

Um lugar defronte de Esdrelom, de acordo com Judite 8:3. Talvez seja a mesma Camom, que Eusébio disse estar situada na grande planície, cerca de dez quilômetros de Légio, um pouco mais para o norte. Alguns supõem que esse nome seria uma corruptela de Jocneão, porquanto os dois nomes parecem referir-se ao mesmo lugar, mas tal identificação é dúbia. Jocneão foi uma cidade cananéia, conquistada por Josué (Jos. 12:22), então entregue ao território de Zebulom (Jos. 19:11) e posteriormente, entregue aos levitas (Lev. 21:34). O moderno Tell Qeimum identifica o antigo local.

CIDADANIA

1. *Entre os Hebreus.* Os israelitas tinham uma feroz identificação nacional, o que tem resistido à passagem do tempo, com todas as suas vicissitudes, guerras, exílios e caos. Entre os hebreus, a cidadania contava com várias instituições que a fortaleciam. Antes de tudo, desde o começo a consolidação da nação de Israel requeria muito trabalho e sofrimento. O que é ganho com esforço, não se larga com facilidade. Em segundo lugar, havia a suposição geral de que Yahweh estava executando a sua vontade através da nação de Israel, e coisa alguma era considerada mais importante do que a vontade divina. Em terceiro lugar, um complexo código legal, considerado divinamente transmitido, dava estabilidade e propósito ao povo de Israel. Essas

leis eram bastante generosas até no caso de estrangeiros, exigindo plena proteção para os estranhos que habitavam dentro dos portões das cidades de Israel (Êxo. 12:19; Lev. 24:22; Núm. 15:15; 35:15; Deu. 1:16; 24:17). A única lei que discriminava os estrangeiros era a lei da usura. Os estrangeiros tinham de pagar juros sobre dívidas e empréstimos (Deu. 23:20), o que não era cobrado da parte dos israelitas. Havia provisões especiais para os órfãos, os pobres, etc. Estes compartilhavam dos dízimos e das ofertas feitas na época da colheita, e também eram beneficiados pelo ano do jubileu (Deu. 14:29; 16:10,14; 26:11; Lev. 25:6). Em quarto lugar, em Israel a cidadania nunca foi considerada uma questão meramente terrena. Ali acreditava-se que o homem é criatura de Deus, dotada de um destino em Deus e na espiritualidade. Enquanto que outras nações têm sido povos religiosos, ninguém pode comparar-se a Israel como uma *teocracia,* onde a vida religiosa e a vida civil confundiam-se, e onde os líderes religiosos eram, *ipso facto,* os governantes civis. Ser alguém cidadão de Israel era participar do plano de Deus para a nação, pois, doutra sorte, nem haveria razão para a existência dessa nação.

2. *No Novo Testamento: a Cidadania Romana.* A cidadania romana (ver Atos 27:38), a *jus civitatis civitas,* era concedida ocasionalmente, pelos imperadores, a cidades ou mesmo a províncias inteiras (Dion Cass. 41:25; Suet. Aug. 47), como também a indivíduos, como recompensa por algum serviço especial prestado ao estado ou à família imperial (Suet. Aug. 47). O trecho de Atos 22:28 indica que a cidadania romana podia ser adquirida a dinheiro. Paulo já nasceu cidadão romano porque, antes dele, algum membro de sua família, embora de sólidas tradições judaicas, adquirira esse direito. Ele usou sua cidadania romana para protestar por haver sido punido fisicamente, e também para apelar para César, mediante o que ele tinha o direito de ser julgado pelo próprio imperador, a fim de que o seu caso fosse decidido. Ver Atos 25:11 e 28:19.

A cidadania romana dependia, primariamente, de alguém nascer em algum lugar que fazia parte do império romano, cujos habitantes tinham esse direito. Porém, conforme vimos, Roma era bastante liberal nessa questão de conferir a cidadania a quem não tivesse essa qualificação básica. Por causa dessa liberalidade, os cidadãos romanos ocupavam, em grandes números, a maior parte do mundo civilizado da época. Todavia, não havia regras fixas para esse processo; tudo dependia do governante e das circunstâncias do momento, o que o tornava mais lento ou mais rápido. Júlio César tinha o desejo de estender a cidadania como medida consolidadora do império. A cidadania de Paulo tornara-se realidade por motivo de alguma medida liberal, mediante a qual os judeus da cidade de Tarso passaram a ser reputados cidadãos romanos, embora nos seja impossível determinar quando isso sucedeu. Algumas cidades eram favorecidas, como Filipos, que mantinha posição distinta e bastante cobiçada no começo do império romano, em contraste com outras cidades e províncias. De modo geral, o desenvolvimento da cidadania romana pode ser traçada historicamente. Parte disso, naturalmente, devia-se ao crescimento populacional. Ao fim da guerra púnica, em 240 A.C., os cidadãos de sexo masculino atingiam o número de 260 mil. Em 124 A.C., esse número crescera para mais de 390 mil. Em 85 A.C., eles já eram 963 mil. E isso era assim porque uma larga porção da Itália havia sido incorporada, quando o privilégio não continuou limitado à cidade de Roma e suas cercanias imediatas. Sob Augusto (quando houve recenseamentos em 28 A.C., 8 A.C. e 14 D.C.), as estatísticas falavam, respectivamente, em 4.063.000, 4.233.000 e 4.937.000. Em 47 D.C., o recenseamento feito na época do imperador Cláudio, deu 5.984.072 cidadãos.

3. *Condições.* Um cidadão tinha direitos *(iura),* privilégios *(honores)* e deveres *(numera).* Entre os direitos havia *o ius provocationis,* o direito de apelo ao imperador, nos casos de julgamento. Esse foi o direito que Paulo usou, referido acima. Os deveres incluíam *o munus militare,* ou dever de serviço militar, e o ius *suffragii, o* direito de voto. Os *honores* eram privilégios especiais conferidos pelo senado a cidadãos notáveis. As referências neotestamentárias à cidadania romana (Atos 16:37,39; 22:25-27,29) mostram que, nos dias de Paulo, esse direito era muito cobiçado e respeitado. Em tempos posteriores, entretanto, a instituição inteira começou a degenerar.

4. *A Cidadania Espiritual, Celestial.* Temos o exemplo de Abraão, que buscava a cidadania celeste, confessando-se um estrangeiro neste mundo (Heb. 11:10). Paulo, em Filipenses 3:20, alude à cidadania espiritual e celeste dos membros da Igreja, onde Cristo é o Senhor absoluto. Isso subentende um novo e elevado destino. Isso também empresta uma nova perspectiva ao crente, sobre como ele deve usar apropriadamente a sua vida. Paulo exortou aos crentes de Filipos que vivessem de uma maneira digna do evangelho (Fil. 1:27). Os crentes filipenses, que tinham direito à cidadania romana, sem dúvida compreenderam bem a metáfora usada pelo apóstolo. O trecho de Colossenses 1:13 não usa a palavra "cidadania", mas fala sobre o crente como pertencente ao *reino* do amado Filho de Deus, o que subentende a nossa cidadania no mundo transcendental. (ID MOF NTI)

CIDADE

Esboço:

1. As Palavras
2. Primeiras Referências Bíblicas
3. A Cidade: a Segunda Grande Revolução
4. Antigas Cidades Hebréias
5. Cidades Não-Israelitas
6. Nos Dias do Novo Testamento

1. As Palavras

Várias palavras hebraicas e gregas estão envolvidas neste verbete:

1. *Ir,* "cidade". Essa palavra aparece cerca de mil e cem vezes no Antigo Testamento. Se alguém seguir as referências bíblicas, notará que a nossa distinção moderna entre cidade e aldeia ou vila, baseada em número de habitantes, não fazia parte inerente das palavras hebraicas. Ver Gên. 4:17; 19:29; 24:10; Êxo. 1:11; Lev. 25:29,31; I Sam. 15:5; 20:6; II Reis 17:6; Jer. 51:42,43; Jon. 3:3; Naum 3:1. Unger, grande erudito presbiteriano moderno, supõe que se possa fazer distinção entre uma cidade e uma aldeia com base nas muralhas. Se havia uma muralha circundando a comunidade, então esta se chamava cidade; em caso negativo, a comunidade era chamada aldeia. Ver Lev. 25:29-31; I Sam. 6:18; Eze. 38:11.

2. *Qereth,* «cidade». Ver Jó 29:7; Pro. 8:3; 11:11. Cinco ocorrências.

3. *Qirya,* «cidade». Ver Núm. 21:28; Deu. 2:36; I Reis 1:41; Jó 39:7; Sal. 48:2; Pro. 10:15; 11:10; 18:11; Isa. 1:21, 26; 22:2; Jer. 49:25; Osé. 6:8; Hab. 2:8,12; Esd. 4:12-21. A palavra ocorre em um total de vinte e nove vezes.

4. *Saar,* «portão», mas que serve como sinônimo de cidade em Deu. 5:14; 12:14 e 14:27,28.

5. *Chatser,* palavra hebraica que, por quarenta e seis vezes, parece indicar uma vila sem qualquer proteção, em distinção às cidades fechadas com muralhas, segundo se vê, por exemplo, em Êxo. 8:13; Jos. 13:23,28; 19:6,8,15,16,22,30,31,38,48; I Crô. 4:32, 33; Nee. 11:25,30; Sal. 10:8.

As cidades fortificadas eram chamadas, em hebraico, *ir nibtsar,* conforme se vê, por exemplo, em Núm. 13:39; II Sam. 24:7; II Reis 8:12; Sal. 80:40.

6. *Pólis,* «cidade». Palavra grega que aparece por um total de cento e sessenta e quatro vezes, em todos os tipos de conexões. É termo de larga aplicação, podendo indicar tanto uma cidade quanto uma aldeia. Ver Mat. 8:33; 21:7; Mar. 11:19; Atos 8:9. Se acompanhada do artigo definido, «a cidade», então está em foco uma cidade

principal, ou uma capital, como em Atos 8:5; Apo. 21:15. Na literatura secular, a palavra também era usada para indicar os habitantes de uma cidade, conforme se vê em Josefo *(Anti.* 1200). Também foi usada para indicar a Cidade Celeste, a *Nova Jerusalém (Apo.* 21:2,10, etc).

Metrópolis é uma combinação de palavras gregas que indica uma cidade principal, e que, no Novo Testamento, aparece somente no subtítulo de I Timóteo. Mas há palavras cognatas, que expressam questões relacionadas, *como politarches, «magistrado civil»; politeia,* «cidadania» (que vide; *politeuma,* «comunidade» ou estado; *polites,* «cidadão»; *politeuomai, o* verbo, sem paralelo em português, mas que significa ter a cidadania, ou então governar, viver, conduzir-se.

2. Primeiras Referências Bíblicas

A mais antiga alusão bíblica à ereção de cidades fala sobre como Caim edificou a cidade de Enoque, em Gênesis 4:17. Após a confusão das línguas, surgiram muitas cidades. Assim, Ninrode construiu Babel, Ereque e outras. Assur edificou Ninive e Reobote (Gênesis 10:10-12,19). A arqueologia tem descoberto coisas inumeráveis relativas a muitas grandes cidades antigas. Escavações arqueológicas importantes têm sido feitas em Ur, Nipur, Quis, Eridu, Lagase, Ninive, Assur, etc. Oferecemos artigos sobre essas cidades, e no artigo sobre a *Arqueologia* damos um gráfico, em ordem alfabética, que fornecerá ao leitor alguma idéia sobre as descobertas feitas nesses locais antigos. A mais antiga descrição bíblica sobre uma cidade envolve Sodoma; mas a arqueologia tem retrocedido na história muito mais do que isso.

3. A Cidade: a Segunda Grande Revolução

A domesticação de certas plantas e animais, na agricultura neolítica, foi a primeira grande revolução cultural. Isso possibilitou a vida comunitária, e, em seguida, as cidades. As cidades representaram a segunda grande revolução cultural, um passo decisivo na civilização. As cidades tornaram possível todas as formas de avanço tecnológico, que a cultura meramente agrícola não requeria e nem podia prover. Entretanto, a vida citadina também traz problemas sociais, incluindo a questão quase insolúvel da criminalidade, que o meio ambiente agrícola não provoca. As cidades iniciam todo um novo conjunto de problemas, relacionados à interação social, à necessidade de leis mais complexas e completas, etc. Então, uma vez que as necessidades básicas da sociedade agrícola são satisfeitas, os habitantes das cidades têm tempo de seguir muitas veredas de erudição e conhecimentos técnicos. Foi assim que se verificou o desenvolvimento da filosofia e da ciência. Negócios e profissões desenvolveram-se que não seriam necessários nas sociedades agrícolas. Torna-se evidente, pois, que a cidade foi um desenvolvimento revolucionário, que explica a civilização e a cultura conforme a conhecemos. A cidade confere ao homem a oportunidade de diversificar o seu conhecimento, utilizando a sua inteligência de novas maneiras. Atualmente, os homens estão contemplando o espaço sideral, como passo inicial de uma nova grande área de exploração humana, o que representa ainda uma outra revolução cultural. É claro que cada novo desenvolvimento traz consigo novos meios de explorar as potencialidades humanas. Alguns estudiosos olham de volta à vida agrícola não somente como a única forma de vida desejável para o homem, mas também como a única que está em consonância com o plano divino para o homem. Eles supõem que a vida citadina representa, para o homem, uma aberração quanto ao seu estilo de vida. Tal argumento, entretanto, não pode manter-se de pé. Os homens nunca poderiam ter desenvolvido a sua inteligência sem o advento da vida nas cidades.

4. Antigas Cidades Hebréias

Josué mencionou muitas cidades na Palestina. A julgar pela pequena população de Israel, podemos supor com segurança que as cidades eram bem pequenas. Seriam como muitas cidades orientais de nossos próprios dias, com ruas estreitas e tortuosas (Ecl. 12:4; Can. 3:2), com muitas praças perto dos portões das cidades, onde havia mercados e tribunais (Gên. 23:10; Rute 4:1; Mat. 6:5). Poucas ruas eram pavimentadas no interior das cidades, e menos estradas ainda eram pavimentadas fora das cidades. Mas somos informados por Josefo (Anti. 8,7) que Salomão pavimentou as estradas que conduziam a Jerusalém com pedras negras. Posteriormente, quando os romanos ensinaram aos homens quão vantajoso era pavimentar as vias públicas, foram pavimentadas as ruas de algumas cidades. Herodes o Grande pavimentou as ruas principais de Antioquia; e Herodes Agripa pavimentou com pedras brancas várias das ruas de Jerusalém. Muitas cidades contavam com muralhas, portões fortes com barras de bronze ou de ferro,—visando uma maior segurança para seus habitantes (Deu. 3:5; I Reis 4:13). As cidades maiores também contavam com torres de vigia. Nas capitais, como Jerusalém, as muralhas eram espessas e altas (II Crô. 26:6 ss; Zac. 1:16). Havia torres elevadas por sobre os portões das cidades (II Sam. 18:24). As cidades maiores tinham cidadelas (que vide), no interior das muralhas principais, como medida de proteção extra. O número de portões variava, geralmente dependendo das dimensões das cidades. A cidade ideal de Ezequiel tinha doze portões (Eze. 48:30-35), o que se vê também na Nova Jerusalém do Apocalipse (Apo. 21:12,13).

Governo. O conselho da cidade era a unidade governante das cidades hebréias. O conselho compunha-se dos importantes anciãos e juízes (Deu. 16:18). Eles precisavam ser sacerdotes. Nos tempos dos reis emergiu a figura do governador (I Reis 22:26; I Crô. 18:25). Após o cativeiro babilônico continuou a prevalecer o tipo de governo mediante um conselho (Eze. 7:25).

Jerusalém. Essa cidade representou um importante desenvolvimento, pois ali temos uma capital que enfeixava grande poder, como centro da lei, da religião e da potência militar da nação de Israel. Adicionemos a isso a veneração especial de que a cidade era alvo, como lugar onde Deus manifestava a sua presença de maneira especial. Ela teve origem na fortaleza dos jebuseus que Davi capturara. Isso posto, sua localização era neutra, não pertencendo a qualquer tribo particular de Israel. Jerusalém era a única cidade israelita que podia começar a comparar-se com outras grandes cidades não-judaicas da antigüidade, como Ninive e Babilônia. A cidade de Davi era bem pequena, talvez tendo três mil habitantes. Há muita incerteza acerca da história física de Jerusalém. Ela sofria tantos desastres periódicos que nunca pôde expandir se muito. Apesar disso, gozou de significativa expansão na época dos reis. As ilustrações acerca da antiga Jerusalém mostram uma cidade relativamente pequena. Sabemos que a Jerusalém reconstruída após o exílio, sob Neemias, não diferia muito quanto às dimensões territoriais da época da monarquia dividida. Algumas linhas defensivas foram acrescentadas, cobrindo algum território a mais; mas a população não pode ter ultrapassado doze mil habitantes. Ver o artigo separado sobre *Jerusalém.*

Características das Cidades Bíblicas. Há quatro características que não podemos olvidar, a saber: 1. Em face dos constantes conflitos armados, uma cidade de qualquer tamanho, nos tempos bíblicos, era uma *fortaleza,* com muralhas, portões, torres e cidadelas internas. 2. As ruas eram estreitas e tortuosas, e as casas eram baixas; havia nas proximidades dos portões mercados, do tipo que hoje chamaríamos de feiras livres e também era ali que se faziam negócios e funcionavam os tribunais. 3. As cidades incorporavam lugares sagrados, como santuários e lugares de sacrifício e adoração. Ver sobre Betel (Jui. 20:18) e Silo (I Sam. 7:16 e 10:2). Havia templos tipo fortaleza, designados pela palavra hebraica *migdal* (ver Gên. 32:30-32; Êxo. 14:2; Jos. 15:37). 4. As cidades ficavam perto de algum bom suprimento de água, como rios ou fontes. As cisternas (que vide) eram uma parte essencial das cidades. Havia tanto cisternas públicas quanto cisternas particulares, onde se guardava água para as estações secas. Em certos lugares havia grandes sistemas de irrigação e de condução de água. Túneis e outras instalações para trans-

porte de água eram características comuns nas fortalezas da Idade do Ferro, como se via em Megido, Siquém e Jerusalém. Algumas dessas instalações cobriam impressionantes distâncias, trazendo água desde rios ou mananciais.

Na antigüidade, esses agrupamentos humanos eram classificados com base, acima de tudo, se eram protegidos ou não por muralhas. Isso reflete-se tanto no hebraico quanto no grego, no tocante aos termos usados na Bíblia para indicar essas comunidades. Há diversas palavras hebraicas e gregas que precisamos considerar neste verbete.

A. Cidades Muradas:

1. *Qir,* «cidade». Palavra hebraica que figura por setenta vezes, e que, realmente, refere-se mais às muralhas do que à cidade propriamente dita. Para exemplificar: Lev. 14:37,39; Núm. 22:25; 35:4; I Sam. 18:11; 19:10; I Reis 4:33; Jos. 2:15.

2. *Pólis,* «cidade». Palavra grega que aparece por cento e sessenta vezes no Novo Testamento, principalmente nos evangelhos sinópticos, no livro de Atos e no Apocalipse, desde Mat. 2:23 até Apo. 22:19.

B. Cidades Sem Muros:

1. *Bath,* «filha». Com o sentido de «aldeia» ou «vila» a palavra ocorre por quarenta e quatro vezes. Por exemplo: Jos. 15:45,47; 17:11,16; Juí. 11:26; I Crô. 2:23; 7:28; 8:12; II Crô. 13:19.

2. *Chavvoth,* «povoado». Palavra hebraica que aparece por quatro vezes: Núm. 32:41; Jos. 13:30; I Reis 4:13 e I Crô. 2:23.

3. *Chatser,* «vila». Palavra hebraica que ocorre por quarenta e seis vezes, por exemplo: Êxo. 8:13; Lev. 25:31; Jos. 13:23,28; 15:32,36,41,44-47,51,54,57,59 60,62; 18:24,28; I Crô. 4:32,33; Nee. 11:25,30; Sal. 10.8; Isa. 42.11.

4. *Ir,* «cidade», «lugar agitado». Palavra hebraica extremamente comum, que ocorre por quase mil e cem vezes, desde Gên. 13:12 até Zac. 14:2.

5. *Perazoth, «aldeias* abertas». Palavra hebraica que aparece por três vezes apenas: Zac. 2:4; Est. 9:19 e Eze. 38:11.

6. *Kóme,* «aldeia». Palavra grega que ocorre por vinte e sete vezes: Mat. 9:35; 10:11; 14: 15; 21:2; Mar. 6:6,36,56; 8:23,26,27; 11:2; Luc. 5:17; 8:1; 9:6,12,52, 56; 10.38; 13:22; 7:12; 19:30; 24:13,28; João 7:42; 11.1,30; Atos 8:25.

7. *Komópolis,* uma combinação de *kóme* e *pólis,* dando a entender uma comunidade ainda sem muralhas, mas de dimensões bastante grandes. Essa palavra grega aparece por apenas uma vez, em Mar. 1:38.

Conforme indicamos acima, duas categorias básicas de cidades aparecem nas Escrituras Sagradas. Em Lev. 25:31, onde é empregada a palavra hebraica *chatser,* a vila é caracterizada pela ausência de muralhas; e, além disso, estava sujeita a uma diferente lei de redenção. Nas vilas sem muros, as casas precisavam ser devolvidas a seus proprietários originais, quando vendidas, ao chegar o ano do jubileu, ao passo que, nas cidades muradas, as casas não podiam ser redimidas se se passasse mais de um ano após o tempo da venda das mesmas. Conforme foi demonstrado no ponto A. 1, acima, o termo *qir* geralmente era usado juntamente com adjetivos qualificativos, indicando a presença ou ausência de muralhas, o que nos mostra que essa palavra não estava especificamente limitada ao sentido de cidade murada. Podia estar em foco até mesmo uma parede de uma construção qualquer.

No período do Antigo Testamento, — uma cidade murada era distinguida não somente por possuir muralhas, mas também por ser um centro defensivo, comercial e industrial; e, em alguns casos, era também onde residia o governador local. Já no período do Novo Testamento, a diferença essencial entre uma cidade e uma aldeia não era tanto a presença ou ausência de muralhas, e, sim, a posse de constituições e de leis que diferiam das leis referentes ao interior, porquanto essa legislação seguia as leis da coroa. Após os dias neotestamentários, uma cidade era assim chamada se se tivesse tornado sede de um bispado. A Mishna fazia uma tríplice distinção: a. cidade grande; b. cidade pequena; c. aldeia. Ver sobre *Vila.* Quando a palavra *bath,* «filha» era usada com o sentido de aldeia, e não com o seu sentido primário de «filha», —então indicava uma aldeia dependente de alguma cidade maior, murada. Essas aldeias eram, principalmente, centros agrícolas interioranos, dependentes das cidades muradas para sua proteção militar, onde também eram colocados os produtos agrícolas e outros. Nas aldeias, as edificações geralmente eram de qualidade inferior, geralmente cruas, sem ornamentações arquiteturais. Há evidências arqueológicas acerca de muitas centenas de aldeias e vilas pertencentes desde a época de Jeremias para trás. Porém, a maioria delas não chegou a ser repovoada, após o exílio babilônico. Rute e Davi, em suas atividades, ilustram a vida campesina da época.

Precisamos ainda considerar os topônimos hebraicos *kafar* e *haçor.* O primeiro aparece em locativos como Quefar-Amonai, «aldeia dos amonitas» (Jos. 18:24) ou Cafarnaum (Mat. 4:13, etc.). E o segundo como em Azor (Jos. 11:1). O primeiro desses topônimos significa «aldeia». Mas o segundo deles, *haçor,* merece um estudo mais detalhado. Essa palavra era usada principalmente para indicar os povoados que ficavam no limite entre a terra cultivada e o deserto. Os povos assim classificados geralmente eram protegidos por uma espessa sebe de plantas espinhosas ou por um muro de pedras, como proteção contra as feras, e dentro da qual os habitantes viviam em tendas, e não em casas de material mais permanente. Portanto, se *kafar* indicava uma população sedentária, *haçor* indicava uma população seminômade. Resta dizer somente que a cultura não era tão desenvolvida nas aldeias, vilas e povoados de qualquer categoria, como sucedia nas cidades muradas. No caso do povo de Israel, nesse particular, nenhuma outra cidade comparava-se às duas capitais: Jerusalém, do reino do sul, ou Judá; e Samaria, do reino do norte, Israel. Ver também sobre Vilas e sobre *Povoados* .

5. Cidades Não-Israelitas

A maioria das descrições das cidade de Israel se ajustaria à descrição de cidades estrangeiras. Houve muitas idéias tomadas por empréstimo. Em primeiro lugar, quando da conquista da Palestina, os israelitas simplesmente adaptaram muitas das idéias já existentes para nelas habitarem. Porém, no mundo antigo houve alguns notáveis exemplos de cidades diferentes e maiores que aquelas da Palestina, como Nínive e Babilônia. Há artigos separados sobre essas cidades, onde o leitor poderá obter novas informações.

6. Nos Dias do Novo Testamento

Quanto a uma discussão sobre as palavras gregas envolvidas, ver o começo deste artigo. Consideremos os pontos abaixo:

a. Muitas das cidades da Palestina foram destruídas total ou parcialmente durante as guerras dos Macabeus. Aquelas que foram reedificadas antes do domínio romano, eram similares àquelas que já foram descritas. Os romanos tomaram a região em cerca de 63 A.C. O rei Herodes governou sob os romanos entre 37 e 34 A.C. Ele foi um grande construtor de cidades. Reformou a muitas delas e edificou outras. A influência arquitetônica dos romanos foi grande. Um exemplo é a cidade de Samaria, que recebeu o nome novo de Sebaste (palavra grega correspondente a Augusto). A cidade recebeu novas torres, circundando a cidade com um formato oval irregular, de cerca de um quilômetro de lado a lado. Um gigantesco templo em estilo romano foi ali construído. Tinha 69 m de comprimento, com um fórum tipo romano no seu lado oriental. Cesaréia foi construída em cerca de 12 anos (25 a 13 A.C.). Os arqueólogos têm examinado detalhadamente essa cidade, onde há típicos remanescentes arquitetônicos romanos. Essa cidade era a sede do governo romano na Palestina. Foi ali que Paulo foi julgado diante de Festo e de Herodes Agripa (Atos 25:23 *ss),* e onde o centurião Cornélio foi envolvido, no estabelecimento de um igreja cristã gentílica, no começo da missão da Igreja ali. Ver Atos 10:18-22. Josefo informa-nos que o porto de Cesaréia era similar, se não mesmo maior que o de Atenas, na Grécia. Ali havia uma arena ligeiramente maior que o Coliseu de Roma.

b. Jerusalém cresceu em sua área com dois novos portões, muralhas e fortificações. Um magnificente templo foi construído na cidade. Herodes foi o grande responsável por isso. Expandiu o átrio, cuja porção suleste era sustentada por colinas e imensas abóbadas, chamadas Abóbadas de Salomão. Uma gigantesca muralha de retenção foi construída, que é a atual Muralha das Lamentações. Esse templo foi um dos mais magnificentes edifícios do mundo do século I D.C. Uma predição de Jesus anunciava a destruição de Jerusalém, em vista da rejeição do Messias. E Tito, ao pôr fim à revolta dos judeus contra Roma, cumpriu a profecia de Jesus no ano 70 D.C. Em 132 D.C., Jerusalém foi reconstruída, embora não mais no grandioso estilo de antes, e recebeu o novo nome de Aélia Capitolina. Cobria então uma área de apenas cerca de 320 mil metros quadrados, com uma população de, talvez, entre dez e dezoito mil habitantes.

Para os cristãos dos dias de Jesus e posteriormente, Jerusalém continuou a ser considerada uma cidade santa. Jesus chamou-a de «cidade do grande Rei» (Mat. 5:35). Até a sua destruição, em 70 D.C., Jerusalém era o principal centro cristão, o lugar de onde partiram as primeiras missões cristãs de evangelismo. Porém, o tratamento dado pela cidade ao Messias amargurou a muitos cristãos contra ela. O escritor do Apocalipse chamou-a de Sodoma e Egito, porquanto foi ali que o Senhor Jesus foi crucificado (Apo. 11:8). A tradição profética, bíblica e moderna, prediz que a Igreja terá novamente Jerusalém como seu grande centro, após a conversão dos judeus, o que se espera para um futuro não muito distante. Então Jerusalém tornar-se-á o centro e a protetora da civilização por um período de mil anos, tal como sucedeu a Roma, durante a Idade Média. Ver o artigo separado sobre *Jerusalém.* Os capítulos vinte e um e vinte e dois do Apocalipse encerram descrições da Nova Jerusalém, o que muitos intérpretes aceitam como descrições simbólicas da própria Igreja. Outros estudiosos pensam sobre uma habitação celestial literal, que descerá do céu à terra, ou ficará suspensa sobre a terra. A interpretação metafórica ajusta-se melhor à natureza do Apocalipse, de acordo com a qual, condições mileniais, utópicas, provavelmente devem ser entendidas. Os comentários sobre esses capítulos, no NTI, fornecem as muitas interpretações que estão envolvidas na questão.

c. Herodes, o Grande, edificou certo número de esplêndidos palácios e fortalezas na Palestina, como em Ascalom, Herodion (sul de Belém), Massada, Maquero, Qarn, Sartabé (norte de Jericó) e Jericó. Nessas cidades havia muitas coisas de estilo romano, como mosaicos, construções de pedra, com evidências de riquezas e prosperidade.

d. Um distinto grupo de cidades neotestamentárias são as cidades helenistas que vieram à existência nos séculos III e II A.C., na Transjordânia e em Citópolis (Bete-Seã). Essas cidades foram reunidas em um grupo, chamado Decápolis (que vide), e então postas sob o governo do governador romano da Síria. Entre elas havia as cidades de Gerasa, Filadélfia e Gadara, a última das quais é a única que faz parte do grupo, que teve qualquer importância dentro do ministério de Jesus. Essas cidades eram tão típicas quanto as demais cidades helenistas, mostrando a influência combinada da Grécia, de Roma, da Ásia Menor e da Síria.

e. Uma outra característica distintiva, refletida nas cidades da Palestina, era o caráter da Judéia que, segundo sabemos, reteve o sistema ptolemaico de vilas, com grupos ou distritos chamados toparquias. Cada toparquia tinha seus oficiais locais, incluindo o juiz, quase inteiramente autônomo (em contraste com os sistemas grego e romano, bem mais ordeiros, segundo se vê em Mat. 5:25). Esse juiz era responsável diante de algum rei vassalo. Uma vila maior atuava como centro administrativo da toparquia. A parábola dos talentos, em Lucas 19:17-20, alude a um sistema de distritos sob o controle de alguma vila maior. O tirano vassalo fazia parte do mundo das satrapias e de outros governos menores. Por essa razão, os aldeões judeus foram governados por uma sucessão de conquistadores.

f. No livro de Atos transparece muito mais a maneira romana de fazer as coisas, em parte modelada segundo os padrões gregos. Havia a *pólis,* dirigida por seu próprio governo municipal, dentro de um território específico. Os conselhos das cidades tinham muitos membros, talvez quinhentos ou seiscentos. Nenhuma pessoa, nem mesmo juiz, tinha autoridade sem controle. Os cidadãos tinham direitos, e havia sistemas legislativos bem desenvolvidos. Quanto mais nos aproximamos da cidade de Roma, mais as cidades seguiam o estilo romano. Porém, nas cidades mais distantes, prevalecia o modelo grego. E também havia cidades helenizadas, um amálgama desses dois estilos. Foi entre as cidades helenizadas que o evangelho se propagou com maior liberdade, ao passo que a situação judaica era quase impossível de se modificar em qualquer grau mais significativo.

g. As *Cidades Gregas.* Quando o evangelho penetrou na Europa, os pregadores cristãos encontraram cidades gregas com influência romana. Ver os artigos separados sobre Corinto, Atenas, Tessalônica e Beréia, para exemplificar.

h. *Caráter Diversificado das Cidades.* A discussão acima demonstra que as cidades do Novo Testamento tinham uma natureza muito mais diversificada do que as cidades do Antigo Testamento. O antigo estilo hebreu sofreu a influência ptolemaica, como também das cidades militares e das cidades-colônias de Roma, ao mesmo tempo em que as cidades-estado dos gregos continuavam a reter grande parcela de seu típico estilo grego. As sete cartas do Apocalipse, dirigidas a sete igrejas em sete cidades diferentes, exibem uma natureza diferente de cada uma dessas cidades. Com a passagem do tempo, as cidades tornaram-se maiores, melhor planejadas, muitas delas dotadas de verdadeiros monumentos arquiteturais e grandes feitos da engenharia. (ADA AH(1967) ND RAM Z)

CIDADE BAIXA

Essa é a tradução, em nossa versão portuguesa, da palavra hebraica que aparece em Sofonias 1:10. O hebraico diz apenas *mishneh,* «segundo». Os intérpretes, entretanto, pensam que isso significa «segundo distrito», onde a palavra «distrito» fica entendida. Ver também II Reis 22:14 e II Crô. 34:22. Ali é dito que a profetisa Hulda habitava nesse segundo distrito da cidade de Jerusalém. Esse distrito ficava em um ângulo formado pela muralha ocidental do templo e pela antiga muralha norte da cidade. Posteriormente, foi incluído dentro da muralha mandada construir por Neemias.

Josefo nos dá a entender que esse distrito, que ele chamou Acra (ver *Guerras* i.1,4; 5,4 e 6:1), era, realmente a parte mais baixa da cidade, embora contigua à colina onde estava edificado o templo. Acra é a transliteração da palavra grega que significa «fortaleza». Essa fortaleza fora edificada por Antíoco Epifânio (168 A.C.). Nos dias de Simão Macabeu, não somente a fortaleza foi arrasada, mas até mesmo a colina sobre a qual ela ficava foi nivelada (ver Josefo, *Anti.* xiii.6,7; *Guerras* v.4,1). Mas, no Antigo Testamento hebraico, a expressão "cidade baixa" nunca aparece, pois o nome que ali é dado a essa porção da cidade é «Cidade de Davi». Portanto, o nome deve ter aparecido após o nivelamento daquela colina, nos dias dos Macabeus. Isso significa que a versão portuguesa nos apresenta uma interpretação, e não uma tradução do texto hebraico.

No seu sentido mais amplo, a «Cidade Baixa» incluía não somente aquela seção da cidade onde habitavam os mais abastados, mas também o trecho do vale do Tiropoeon, desde Siloé até à «Casa do Concílio», que ficava perto da «primeira muralha», a muralha norte da cidade, onde, sem dúvida, residiam muitos pobres de Jerusalém. Quanto a uma descrição mais completa sobre a topografia de Jerusalém, ver sobre *Jerusalém,* na seção sobre *Topografia.*

CIDADE CERCADA

Essa expressão serve de tradução para várias palavras hebraicas diversas:

1. *Bitstsarom,* «lugar cercado». Palavra usada somente em Zac. 9:12.

2. *Mibtsar,* «lugar cercado». Palavra usada por dezoito vezes. Por exemplo: Núm. 13:19; II Sam. 24:7; II Reis 8:12; Sal. 89:40; Jer. 48:18; Dan. 11:24; Miq. 5:11; Naum 3:12,14; Hab. 1:10.

3. *Maoz,* «fortin». Palavra usada por trinta e duas vezes. Por exemplo: Isa. 23:11; Naum 1:7.

4. *Metsad,* «fortaleza». Palavra empregada por sete vezes. Por exemplo: Juí. 6:2; I Sam. 23:14,19,29; Jer. 48:41.

5. *Metsudah,* «fortaleza». Palavra usada por dezessete vezes com esse sentido. Por exemplo: II Sam. 5:7; 22:2; Sal. 18:2; 31:3; 144:2.

6. *Matsor,* «rampa». Palavra usada por oito vezes com esse sentido: Zac. 9:3; Jer. 10:17; Miq. 7:2; Deu. 20:20.

7. *Metsurah,* «fortim». Palavra usada por duas vezes: II Crô. 11:11; Isa. 29:3.

Há uma clara distinção, no Antigo Testamento, entre uma cidade e uma aldeia. Uma cidade contava com uma muralha, e uma aldeia, não. Nesse particular, encontramos uma tríplice divisão: a. cidades; b. aldeias sem muralhas, c. aldeias com castelos ou torres (I Crô. 27:25). Ver o artigo sobre as *Cidades.* Sabemos, mediante a história, que o distrito a leste do rio Jordão, que formava os reinos de Moabe e Basã, contava com muitos castelos e fortalezas, construídos com o intuito de proteger os animais e desencorajar os inimigos (Deu. 3:5; II Crô. 26:10). Quando Israel invadiu a Palestina, encontraram muitas cidades muradas (Núm. 13:28; 32:17; Jos. 11:12,13; Juí. 1:27-33). As fortificações permitiam que os habitantes de uma cidade resistissem ao assédio de exércitos inimigos por muito tempo. Assim, Jerusalém foi mantida em poder dos jebuseus até os dias de Davi (II Sam. 5:6; I Crô. 11:5).

CIDADE DAS PALMEIRAS

Esse título foi usado para indicar Jericó, em Deu. 34:2 e II Crô. 28:15. Fora uma cidade ocupada pelos queneus (Juí. 1: 16), tendo sido capturada pelo rei de Moabe, Eglom (Juí. 3:13). Josefo descreve-a como local dotado de muitas palmeiras, incluindo certa variedade de espécies.

CIDADE DE DAVI

Ver sobre **Sião.**

CIDADE DE MOABE

Ver Números 22:36. Essa cidade ficava situada perto do rio Arnom, onde Balaque foi visitado por Balaão. Ela pode ser identificada com Ar, uma cidade moabita. Comparar com Núm. 21:15,28 e Isaías 15:1.

CIDADE DO SAL

Uma cidade existente na região desértica de Judá (Jos. 15:62). Supõe-se que essa cidade estava na extremidade sudoeste do mar Morto, onde certas colinas são formadas de sal puro, de onde lhe provém o nome. Alguns a localizam no vale do Sal, uma ravina na fronteira entre os territórios de Judá e de Edom, ao sul do mar Morto. A região foi cena de várias batalhas registradas nas Escrituras, conforme se vê em II Samuel 8:13; II Reis 14:7; I Crônicas 18:12 e II Crônicas 25:11.

CIDADE DO SOL

Assim diz a nossa versão portuguesa em Isaías 19:18. No original hebraico temos a expressão *ir haheres,* «cidade da derrubada», que algumas versões traduzem por «cidade da destruição». A Vulgata Latina é que traduz a expressão por «cidade do sol». Contudo, alguns eruditos textuais pensam que «sol» fazia parte do texto original, palavra que teria sido finalmente eliminada do texto, porquanto não há qualquer referência ao sol em um contexto onde vemos pagãos abandonando a idolatria e voltando-se para a adoração a Yahweh.

Contudo, se a alusão é a uma «cidade do sol», então estaria em foco a cidade de Heliópolis, no Egito. No grego, «heliópolis» significa «cidade do sol». Na antigüidade, essa cidade era um centro da adoração egípcia ao sol, onde eram honradas divindades solares como Ré e Atom. Da quinta dinastia egípcia em diante, os Faraós do Egito eram conhecidos como «filhos de Ré». Na Bíblia, a cidade de Heliópolis é chamada de «Om», que aparece em Gên. 41:45,50 e 46:20. José, filho de Jacó, quando se tornou o primeiro ministro de Faraó, casou-se com a filha do sacerdote de Om. Quanto a outros detalhes, ver o artigo sobre *Heliópolis.*

CIDADELA

No hebraico, **migdal,** «torre forte». Palavra que aparece por cinqüenta vezes como, por exemplo, em Gên. 11:4,5; Juí. 8:9,17; 9:46,47,49; 9:51,52; I Crô. 14:7; Nee. 3:1,11,25-27; Sal. 48:12; Can. 4:1; Isa. 2:15; Eze. 26:4,9; Miq. 4:8; Zac. 14:10. Uma outra forma da palavra é *migdol,* que figura por treze vezes, como, por exemplo, II Sam. 22:51; Eze. 29:10; 30:6.

A palavra hebraica aplica-se a uma defesa final, interior, em algum ponto de uma cidade. Essa idéia transparece logo na primeira menção, Gên. 11:4,5, onde os construtores da torre de Babel não pensaram em edificar uma torre isolada em campo aberto, conforme se vê em muitas gravuras de concepção artística moderna, mas disseram: «...edifiquemos para nós uma cidade, e uma torre cujo topo chegue até aos céus...» A idéia também transparece claramente na terceira passagem, Juízes 9:46,47,49, 51,52.

Com a passagem dos séculos, o termo hebraico passou a indicar todo o complexo de defesa interna de uma cidade, incluindo o palácio, o templo e quaisquer edifícios anexos. Sempre que possível, as cidadelas ou torres fortes eram construídas em uma colina íngreme, de acesso difícil, a fim de facilitar a defesa. Isso posto, a cidadela era uma espécie de cidade fortificada em miniatura, dentro da cidade, podendo ter sua própria muralha, portão e até fosso. Havia até mesmo cidadelas sem portões. As pessoas subiam até o alto das torres fortes por meio de uma escadaria.

CIDADES ARMAZÉNS

No hebraico, **ir miskenoth,** «cidade armazém». A expressão ocorre no Antigo Testamento por sete vezes: Êxo. 1:11; I Reis 9:19; II Crô. 8:4,6; 16:4; 17:12 e 32:28.

Sob as fustigadas dos chicotes dos feitores de obras, os israelitas, escravizados no Egito poucas gerações após a época de José, tiveram de construir as «cidades celeiros» (conforme diz a nossa versão portuguesa na primeira dessas referências) de Pitom e Ramessés. Pitom tem sido identificada com o moderno Tell et-Retabah, e Ramessés com a antiga Tânis.

Salomão construiu certo número de cidades armazéns em Hamate (I Reis 9:19), bem como em outros lugares dispersos pelo seu reino, não registrados na Bíblia (I Reis 9:19; II Crô. 8:4,6). Durante o reinado de Baasa, do reino do norte, Israel, Ben-Hadade, da Síria, concentrou seus ataques sobre as «cidades armazéns», terminando por conquistá-las, no território de Naftali, juntamente com outras cidades (II Crô. 16:4). O rei Josafá, em seu programa de fortalecimento do reino de Judá, construiu tanto fortalezas quanto «cidades armazéns» (II Crô. 17: 12). Ezequias também promoveu a construção de «cidades armazéns» (II Crô. 32:28).

As «cidades armazéns» aparentemente tiveram a sua origem na prática egípcia de prover armazenamento para as colheitas excessivas, durante os sete anos de abundância, como reserva para os sete anos de escassez, o que ocorreu na época em que José foi o primeiro ministro de Faraó. É possível que essas chamadas «cidades armazéns» fossem como grandes silos, com estruturas longas, retangulares, em forma de salão, encontradas em Bete-Semes, Laquis e outros lugares no território de Israel. A começar pelo reinado de Salomão, e continuando durante os governos de reis posteriores, essas cidades armazéns eram usadas para armazenar cereais e azeite de oliveira, para uso posterior nas cortes reais de Judá e de Israel. (Quanto a Jerusalém, ver I Reis 4:7,22,23). Esses produtos eram também recolhidos como parte dos impostos pagos ao governo, conforme se tem conhecimento através das ostracas encontradas em Samaria e outras localidades.

Alguns estudiosos pensam que esses armazéns não eram usados somente como depósitos de mantimentos, mas isso não pode

ser defendido e nem desmentido por meio das Escrituras Sagradas, que nada revelam a esse respeito.

CIDADES DA CAMPINA

Ver Gênesis 13:12 e 19:29 quanto a essa expressão. As palavras hebraicas envolvidas são comumente usadas para designar uma unidade monetária e também certo formato de pão. Seu sentido básico é «redondeza» ou «nivelamento». Ao referir-se a algum território, parece que prevalece a idéia de lugar plano. Todavia, a palavra também pode significar «oval», como no caso em foco, que se refere a uma região que vai da extremidade sul do mar da Galiléia até à extremidade norte do mar Morto, região essa que tem uma forma ovalada. Também se tem considerado que a área ia desde o ponto imediatamente acima de Jericó (I Reis 7:46; II Crô. 4:17), até à extremidade sul do mar Morto (Deu. 34:4). Seja como for, as cidades da campina, como Sodoma e Gomorra, além de outras estão em foco, segundo se vê em Gên. 13:10. Os nomes de Admá, Zeboim e Bela também fazem parte do texto sagrado. Todavia, os trechos de Gên. 17,25,28,29 parecem ampliar a área em consideração. Antes do aparecimento de cidades naquela área, compreendemos, com base em Gênesis 13:10, que a terra era fértil de tal modo que merecia comparação com o jardim do Éden ou com o delta do Nilo, no Egito. As descobertas arqueológicas confirmam a fertilidade da região. As condições climáticas têm-se modificado com a passagem dos séculos, e a região não é hoje tão fértil quanto antigamente. O trecho de Gênesis 19 narra a súbita destruição que sobreveio a quatro das cinco cidades mencionadas na área. Zoar, para onde Ló e suas filhas fugiram, foi poupada. Algum tipo de cataclismo natural atingiu a área. Talvez tivesse havido um abalo sísmico que liberou chamas resultantes da combustão de gás ou petróleo de depósitos naturais subterrâneos. Até hoje o betume aflora à superfície das águas do mar Morto. E, desde 1953, Israel tem bombeado petróleo e gás desse lugar.

Supõe-se que a área antiga está agora parcialmente coberta pelas águas do mar Morto, que tem uma área maior que na antigüidade. Em Bab edh-Dhra', um sítio arqueológico da região, tem-se encontrado peças de cerâmica de 2300 a 1900 A.C., confirmando a importância do lugar e os seus ritos religiosos. A região foi abandonada no começo do século XIX, quando as cidades da região deixaram de ser ocupadas. O trecho de Isaías 34:9,10 parece ter uma descrição gráfica de uma erupção de betume, o que poderia ser uma alusão à destruição das cidades da campina, embora usada em outra conexão. Naturalmente, alguns intérpretes preferem pensar em uma explicação totalmente sobrenatural para a destruição ali havida. Seja como for, os habitantes daquelas cidades pecaminosas chegaram a um fim repentino. Diz-se que houve planos de reconstruir a área, com cassinos e lugares de prazer. Mas tais planos foram abandonados quando alguém objetou dizendo: «Oh, não comecemos tudo de novo!» Mas, na sociedade moderna, o estilo de vida de Sodoma e Gomorra tem-se tornado quase universal. Muitos homossexuais têm-se vangloriado disso. Por certo, o juízo divino não anda longe. (CLAP KY)

CIDADES DE REFÚGIO

Ver o artigo separado sobre **Cidade.** As cidades de refúgio dos países antigos eram, essencialmente, medidas judiciais auxiliares, para ajudar o escape dos homicidas involuntários. Visto que o código de vingança era forte, os parentes de uma pessoa morta por outrem matavam sem misericórdia ao culpado pelo homicídio, sem temer qualquer ação da parte da lei. A lei da retribuição, em Israel, requeria punição igual ao crime (Gên. 9:6; Êxo. 21:12-14; Lev. 24:17; Eze. 18:20). Lemos que era considerado um *dever* o parente de um homem morto justiçar o assassino, mesmo que o homicídio tivesse sido feito involuntariamente, mesmo que com razão, em defesa própria. Os lugares de refúgio incluíam os templos, os santuários e os lugares santos de todas as variedades. No território de Israel, seis cidades levitas foram separadas com essa finalidade. Mas elas visavam somente os casos de homicídio acidental. Os criminosos não eram protegidos nessas cidades. Essas cidades serviam para modificar a inflexibilidade das leis vigentes. Ver as seis cidades de refúgio mencionadas em Josué 20:7,8. Essas cidades eram as seguintes:

1. Cades, cerca de 25 km ao norte do mar da Galiléia. 2. Siquém, — localidade no fim do vale que tinha um formato de «V», na linha leste-oeste, entre o monte Ebal e o monte Gerizim. 3. Hebrom (Quiriate-Arba), em Judá, cerca de 32 km ao sul de Jerusalém. 4. Bezer, nas terras altas orientais a leste de onde o rio Jordão deságua no mar Morto. 5. Ramote, cerca de oitenta quilômetros mais para o norte, nas terras altas de Gileade. 6. Golã, nas terras altas a leste do mar da Galiléia. A exata localização desta última é desconhecida. Essas cidades estavam localizadas em lugares estratégicos, dando aos habitantes de cada tribo um lugar de refúgio, não muito distante.

O trecho de Êxodo 21:14 dá a entender que um assassino proposital não podia esperar proteção em frente do altar; mas um homicida acidental podia fazê-lo, por algum tempo. As leis de Israel não proviam a remoção da culpa pelo homicídio, mas a morte do sumo sacerdote então atuante permitia que o homicida circulasse livremente, sem temor de retaliação. Alguns supõem que a morte do principal sacerdote da área tinha o mesmo efeito. Requeria-se que as estradas que levavam às cidades de refúgio fossem mantidas em boas condições (Deu. 4:41-43; 19:1-13). Havia qualificações especificas para aqueles que buscassem as cidades de refúgio, e os anciãos das cidades tomavam decisões referentes a cada caso. As cidades de refúgio provavelmente eram lugares de grande atividade; mas, curiosamente, não temos qualquer relato no Antigo Testamento que ilustre o costume.

Se os anciãos de uma cidade decidissem de modo favorável ao homicida, ainda assim este precisava confinar-se na cidade de refúgio, até à morte do sumo sacerdote (Núm. 35:25 *ss),* tornando tal refúgio um virtual aprisionamento. Em outras palavras, os homicidas involuntários ainda assim pagavam uma pena.

Tipologia. Como é óbvio, as cidades de refúgio representam o refúgio que temos em Cristo, o qual é nosso sumo sacerdote. A sua morte livrou-nos do temor ou retaliação do pecado, até onde está envolvido o destino da alma. A lei de Moisés era um código de justiça, e a misericórdia não era então um conceito tão patente como se vê em nossos dias. Apesar disso, as cidades de refúgio envolviam certa medida de misericórdia. Porém, em Cristo o pecador perdoado fica inteiramente livre de culpa e das conseqüências eternas de seu pecado.

Contrapartes Modernas. Antes do advento do cristianismo, lugares santos, templos, santuários etc., agiam como asilos. Pelo menos desde os dias do imperador Constantino, os templos cristãos exerciam essa função. Teodósio, em 413 D.C., ampliou esse privilégio às casas, jardins e outros anexos de um templo cristão. O sínodo de Toledo, no século VII D.C., estendeu o privilégio de asilo a trinta lugares associados a cada templo cristão, quando cada igreja determinaria quais seriam esses trinta lugares. Na Idade Média, quando o poder papal tornou-se grande, esses costumes continuavam prevalecendo. Porém, — à medida que o estado se fortalecia e a Igreja se enfraquecia, os princípios de asilo foram-se tornando sujeitos mais à legislação secular, e menos à legislação eclesiástica. A maioria dos governos conta, atualmente, com uma legislação que cobre todos os casos possíveis dessa natureza, de tal modo que a Igreja não mais se envolve na questão. Às pessoas tidas como criminosas por razões políticas, ou consideradas culpadas por suas convicções políticas ou religiosas, com freqüência se permite o asilo em consulados estrangeiros que existam no país ojde a perseguição esteja sendo efetuada. Entre as nações mais civilizadas, esse direito de asilo é respeitado. (AM E GREEN LAN)

CIDADES LEVÍTICAS Ver **Levitas, Cidades de.**

CIÊNCIA NA BÍBLIA

Pode-se definir **"ciência"** como o conhecimento organizado de leis naturais gerais, sobretudo aquelas obtidas através do método científico. E o método científico pode ser definido como os princípios e modos de proceder em busca do conhecimento sistemático, envolvendo o reconhecimento e a formulação de um problema, o recolhimento de informes através da observação e das experiências, e a formulação e comprovação das hipóteses.

I. A Bíblia e o Método Científico

O método científico, no sentido que lhe damos hodiernamente, surgiu nos séculos XVII *e* XVIII.

Antes disso, a coisa mais próxima do método científico era a especulação e a postulação, com pouca ou nenhuma referência a experiências e testes. A Bíblia, entretanto, é singularmente isenta de especulações e postulações acerca de verdades gerais e da operação das leis gerais, mormente no que concerne à natureza. Sempre que alguma questão científica é aludida na Bíblia, pois, deve haver alguma significação especial, porquanto tal conhecimento não foi obtido e nem testado através do método científico. O caso específico das ciências naturais será abordado em primeiro lugar, após o que consideraremos o caso geral de toda realidade sujeita a experiências.

II. Ciência Natural

A ciência natural pode ser descrita como o conhecimento dos padrões estruturais e comportamentais que se vêem na natureza.

A. Propósito, Plano e Padrão. A Bíblia, em suas referências à natureza, interessa-se primariamente pela questão do propósito. A idéia de padrão relaciona-se à idéia de propósito, através da idéia de plano. Portanto, a Bíblia muito tem a dizer sobre a questão de propósito, plano e padrão na natureza. As Escrituras reconhecem a existência do universo físico, criado por Deus (Gên. 1:1). A criação, um assunto muito debatido pelos cientistas e teólogos do século XX, é o tema dominante das referências bíblicas à natureza. É explicitamente catalogada no primeiro capítulo de Gênesis e é repetidamente invocada tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos, a fim de identificar o único e verdadeiro Deus, e a fim de confirmar seu poder e sabedoria. Realizada como um ato da vontade de Deus (Sal. 33:9), a criação tem um propósito: Deus criou todas as coisas para si mesmo (Pro. 16:4; Col. 1:16; Apo. 4:11), e criou o homem para a sua glória (Isa. 43:7). O propósito coroador da criação é a salvação do homem através da fé em Cristo (II Cor. 5:17; Efé. 3:12,17; II Tim. 1:9,10). Esse propósito será cumprido quando a Igreja de Cristo tiver sido aperfeiçoada, e os inimigos de Cristo tiverem sido anulados (I Cor. 15:20-28). Quando esse propósito tiver cumprimento, então o próprio universo físico será destruído e um novo universo será criado (Isa. 65:17; II Ped. 3:10-13; Apo. 20:11; 21:1).

A fim de que esse propósito tivesse cumprimento a criação foi cuidadosamente planejada (Pro. 8:22-31). O planejamento e a sabedoria evidenciada nesse planejamento são revelados na própria natureza (Jó 38-41; Sal. 19). Parte desse plano determina que o homem domine a natureza (Gên. 1:26,28; Sal. 8:6-8), explore a natureza a seu próprio benefício (Gên. 1:29,30; 9:1-4; Deu. 12:15), estude a natureza como algo que revela a glória (Sal. 19), o poder (Rom. 1:20), a providência (Sal.104), e a constância de Deus (Sal. 89:2; Jer. 31:35-37; 33:20-26), derivando, da compreensão da natureza, uma grande sabedoria (Pro. 14:8) e uma grande recompensa (Sal. 19:7-11).

Faz parte do ensino bíblico que o universo seja organizado de forma inteligente, de acordo com o padrão divino completo, engenhoso e autocoerente, operando agora de acordo com as leis ou princípios divinamente determinados, invioláveis, de tal modo que o padrão básico e as leis de operação não se alteram com o tempo. A Bíblia também ensina que esses padrões e leis são inteligíveis para o homem, e que o bem-estar dos homens depende da correta compreensão desses padrões e leis. Esses conceitos básicos sobre a natureza contrastam violentamente com as noções e ensinos de outras culturas antigas, as quais retratavam as origens físicas como produtos de conflitos entre divindades em luta, e os fenômenos naturais como tão imprevisíveis como os caprichos dessas divindades voluntariosas.

B. Os Alicerces da Ciência Moderna. A origem da ciência moderna repousa sobre alguns poucos pressupostos básicos, que a experiência tem tornado auto-evidentes. Entre esses pressupostos podemos incluir a uniformidade da natureza quanto ao espaço e ao tempo, a inviolabilidade das leis naturais e o conceito de um universo mecanicista. Esses pressupostos só parecem auto-evidentes porque têm recebido credencial da parte das descobertas científicas. Não há necessidade e nem prova de que esses pressupostos sejam universalmente válidos na natureza. A menos que sejam aceitos pela fé, não há qualquer base para os esforços da ciência, no descobrimento dos mesmos. Contudo, não se pode dizer que o homem jamais teria chegado a tais pressupostos, à parte da cultura monoteísta dos antigos hebreus. Está historiado que esses pressupostos faziam parte da fé religiosa da cultura judaico-cristã; e sabe-se que a ciência moderna foi nutrida na cultura cristã da Europa ocidental. Assim, a maioria dos homens que lançaram os fundamentos da ciência moderna também foram homens de vigorosa fé cristã. Entre eles podemos mencionar Copérnico, Galileu, Kepler, Newton, Francisco Bacon e René Descartes. Para eles, a uniformidade da natureza e a inviolabilidade das leis naturais faziam parte da fé religiosa. A idéia de um universo mecanicista foi postulada a fim de mostrar a perfeição da criação feita por Deus, bem como a fim de mostrar que não havia necessidade de um Deus que «preenchesse o vazio» para explicar os fenômenos naturais que a ciência fosse incapaz de explicar.

Uma conclusão razoável é que a ciência moderna muito deve à Bíblia. Seus principais conceitos de origem encontram-se na Bíblia, seus pressupostos fundamentais fazem parte da fé religiosa, e a inquirição das pesquisas científicas é algo encorajado nas Escrituras Sagradas.

C. A Criação. A Bíblia devota bem pouco espaço para a maneira como ocorreu a criação. A afirmação simples: «Pois ele falou, e tudo se fez» (Sal. 33:9), percorre o volume sagrado, do começo ao fim, como um fio de prata. Alguns poucos conceitos latos são oferecidos no primeiro capítulo do livro de Gênesis. Esse capítulo ensina-nos que a criação teve lugar mediante uma série de passos ou fases, cada qual levando avante o que fora feito na fase anterior, em preparação para o que se seguiria. Assim, a vida vegetal teria antecedido à vida animal. Diferentes formas de vida animal parecem ter sido criadas em diferentes ocasiões, dando a entender que a vida animal apareceu primeiramente, nos oceanos. O homem foi uma criação especial, subseqüente à criação de todas as demais coisas vivas. Todos esses ensinamentos coadunam-se com as observações científicas modernas, embora não necessariamente com as interpretações dadas a essas observações, por parte de determinados cientistas modernos.

D. Padrão. A Bíblia contém muitas referências aos padrões comumente observáveis na natureza. E isso não tanto para revelar os padrões, mas, sim, para chamar nossa atenção para o significado dos mesmos, pois testificam sobre a sabedoria e a providência de Deus. Assim, a garantida regularidade das estações, da semeadura e da colheita, ou dos dias e das noites, faz parte desse padrão. (Ver Gên. 8:22; Jer. 3:19; 5:24). Os mares, os montes e os vales são conservados em seus respectivos lugares por decreto divino (Jó 38:8-11; Sal. 104:8,9; Pro. 8:29; Jer. 5:22). A natureza foi posta em boa ordem pela sabedoria do Senhor (Pro. 8:1-4). A sabedoria de Deus é percebida até mesmo nos instintos dos pássaros (Jer. 8:7). Os relâmpagos e a chuva têm seus trajetos determinados pelas leis divinas (Jó 28:26). A interdependência entre as diferentes porções da natureza pode ser vista na alimentação da vida selvagem (Sal. 104:27 e 145:15). O reconhecimento desses fenômenos, em seus aspectos facilmente observáveis, atualmente é comum, de tal maneira que as

maravilhas dos padrões da natureza são aceitas sem discussão. As relações de causa e efeito mais sutis, mediante as quais os padrões estruturais e comportamentais da natureza são cientificamente explanados, parecem mais desafiadoras para a ciência moderna. No entanto, a Bíblia é totalmente silente sobre esse aspecto da questão. Deus deixou que o homem procurasse descobrir tais relações, as quais, na verdade, são discerníveis e inteligíveis para a mente humana.

No relato da criação (Gênesis 1), a Bíblia oferece-nos um esboço geral de padrão que parece muito significativo para a ciência moderna. É feita a distinção entre radiação (luz), espaço (firmamento ou expansão) e matéria (águas, terras, mares, terras secas). Também se estabelece a distinção entre matéria bruta e matéria viva. A matéria viva é dividida em cinco grandes categorias. Essas categorias são: plantas (Gên. 1:12,13), animais marinhos e aves (Gên. 1:20,21), animais terrestres (Gên. 1:24,25) e o homem (Gên. 1:26,27; I Cor. 15:39). Dentro de cada uma dessas principais categorias, a matéria teve origem e agora persiste em classes invioláveis. A inviolabilidade de cada categoria fica entendida através da outorga, a cada classe, de um mecanismo hereditário que garante a perpetuação da espécie (Gên. 1; Mat. 7:16; I Cor. 15:37,38), protegendo cada espécie da mistura com outras classes e da conseqüente degeneração de todas as classes de seres vivos a um único conglomerado, composto de todas as características. Essas características gerais do padrão da natureza mostram-se coerentes com as observações científicas modernas.

Uma outra generalização de grande significação científica é o conceito do universo como uma peça de vestuário antiga, que se envelhece (Sal. 102:25,26; Isa. 34:4). Isso parece corresponder ao princípio científico da entropia crescente, dentro de um sistema fechado, conhecido como a segunda lei da termodinâmica. Entretanto, a aplicabilidade desse princípio ao universo, como um sistema, é uma questão debatida entre os cientistas.

E. Antecipações da Ciência Moderna. Alguns escritores têm encontrado trechos bíblicos nos quais vêem antecipações das modernas descobertas científicas. A teoria ondulatória da matéria pode ser vista em Gên. 1:2. A telegrafia sem fio, em Jó 38:35. O conceito de *parallage* é visto em Tiago 1:17. A teoria atômica da matéria figura em Hebreus 11:3, e a força de coesão atômica em Hebreus 1:3. A luz, como base de todas as substâncias, é vista em Gênesis 1:3; a fissão nuclear, em Gênesis 1:4, e a reação final em cadeia em Isaías 34:4 e Luc. 21:25-28. Um universo em expansão pode ser visto em Isaías 40:22. Veículos a motor, em Joel 2:3,4; aeroplanos em Isaías 31:5 e 60:8, e submarinos em Apocalipse 9:1-11. O rádio pode ser visto em Eclesiastes 10:20, e a televisão em Apocalipse 11:3-12. A esfericidade da terra é vista em Jó. 22:14; Provérbios 8:27; Isaías 40:22 e Marcos 13:35-37. A suspensão da terra no espaço é vista em Jó 26:7. O conceito do ar dotado de peso é visto em Jó 28:25. O ciclo da água, reconhecido pela ciência moderna, é visto em Jó 36:27 28; Salmos 104:10,13; Provérbios 8:28 e Eclesiastes 1:6,7. Ainda um outro grupo de escritores afirma que, em cada um desses casos, o contexto bíblico exclui interpretações que insuflam descobertas científicas modernas nesses significados. Entretanto, pode haver significação antecipatória em Jó 38:22,23, onde Deus fala com Jó a respeito dos tesouros (armazéns) da neve e da saraiva, em reserva para o dia de batalha e guerra. À luz do moderno conhecimento de armas, pode-se ver nisso uma alusão à constituição química da água e da neve, isto é, oxigênio e hidrogênio, daí inferindo a importância dos armamentos com base química, no oxigênio, ou com base no hidrogênio (bombas termonucleares), na grande guerra que porá fim à nossa dispensação.

F. Planejamento Versus Acaso. Na natureza, o planejamento pode dar lugar ao padrão, ou então este pode ser devido ao processo das meras chances. A validade da interpretação das observações científicas algumas vezes repousa sobre qual dessas alternativas se toma como pressuposto. A área das teorias da evolução orgânica provê muitos exemplos onde a direção das investigações e a interpretação dos informes podem depender, em grau significativo, do pressuposto de uma chance fortuita ou de uma criação proposital, como fator dominante, por detrás da formação dos padrões básicos. Mas, se por um lado, as Escrituras não eliminam o processo fortuito da chance dentre a cadeia de causas, por outro lado elas insistem em uma criação proposital e consciente da parte de Deus, como a verdadeira origem do universo e dos padrões fundamentais, estruturais e comportamentais, bem como em uma contínua providência divina como a base final da estabilidade das leis naturais.

III. Toda a Realidade que Pode ser Experimentada.

Em seu sentido mais amplo, a ciência pode ser descrita como o conhecimento sistematizado da verdade, onde toda e cada verdade pode ser identificada. Ora, a Bíblia é um manancial prolífico de informações sobre a verdade (Sal. 119:160; João 17:17) e sobre a sua identificação (Mat. 7:15-20; João 14:6; I João 4:1-6).

A. Sobre a Dimensão Espiritual. A Bíblia ensina que o reino físico não compraz a realidade inteira, porquanto coexiste com uma dimensão espiritual (João 4:24; Apo. 16:14). A Bíblia ensina que a dimensão física é permeada pela dimensão espiritual (Gên. 2:7; Efé. 6:12; I Ped. 5:8), e que essas duas dimensões ou reinos atuam mutuamente um sobre o outro (Mat. 17:19,20; João 13:2; Atos 2:2-4). As Escrituras também ensinam que a dimensão espiritual é eterna, ao passo que a dimensão física é temporal (Mat. 24:35), e que a fonte final de todo o conhecimento e poder encontra-se na dimensão espiritual (Sal. 111:10; Mat. 28:18; Rom. 11:33-36).

B. Sobre as Interações entre o Espírito e o Físico. Os pagãos, tanto na antigüidade quanto em nossos dias, com freqüência atribuem os fenômenos naturais a uma atividade espiritual imprevisível. Os escritores bíblicos atribuem os fenômenos naturais às atividades de Deus. Em ambos os casos, a corrente natural de causas incluem agentes sobrenaturais. — À medida que a ciência nos foi conferindo uma compreensão sempre crescente dos padrões do comportamento natural, as forças espirituais foram sendo eliminadas das cogitações científicas como elementos reconhecidos, dentro da corrente de causas e efeitos. Se os processos naturais tivessem de ser temporariamente modificados pela intervenção sobrenatural, as leis naturais pareceriam estar sendo violadas, e tal acontecimento seria considerado miraculoso. Não obstante, a Bíblia contém muitos relatos sobre milagres e prodígios.

Em alguns casos, como o longo dia de Josué (Jos. 10:12), e o relógio de sol de Acaz (II Reis 20:11 e Isa. 38:8), uma interpretação não-crítica daria margem a ocorrências catastróficas, que teriam ficado registradas na história, mas acerca das quais nada encontramos nas crônicas mundiais. No entanto, de acordo com certos pensadores, o exame crítico dos textos bíblicos e a sua interpretação, à luz dos contextos sagrados, produz incerteza acerca de quais perturbações naturais, teriam realmente acontecido, além de diminuir grandemente a conseqüência das pesquisas em busca de explicações científicas. Em outros casos, nas páginas do Antigo Testamento, os milagres atribuídos a testemunhas de Deus são, na verdade, atribuídos ao próprio Deus, a fim de confirmar o testemunho de seus servos, parecendo ser casos evidentes da interação entre o físico e o espiritual.

Os milagres registrados no Novo Testamento, realizados durante o ministério de Jesus Cristo, demonstram claramente o poder espiritual sobre os fenômenos naturais (Mar. 4:39; 6:41-44,48; João 2.1-11;11:44), exibindo para nós o poder que a fé tem para controlar as forças espirituais (Mat. 9:22; Tia. 5:16). Os milagres do nascimento virginal de Jesus (Mat. 1:18-25; Luc. 1:26-2:7) e o da ressurreição do Senhor Jesus (I Cor. 15:12-23) são questões centrais para a fé cristã.

IV. A Ciência e a Teologia

A busca pelo conhecimento, dentro do campo da ciência e dentro do campo da teologia, desde há muito vem sendo considerada como

duas atividades separadas, sem nenhuma relação uma com a outra. Entretanto, se a ciência procura descobrir «com o que Deus fez» alguma coisa, ao passo que a teologia aborda o «por que Deus fez» as coisas, então parece-nos que a combinação dessas duas atividades, em uma busca interdisciplinar pela verdade, beneficiaria profundamente a humanidade. Da mesma maneira que a combinação da filosofia e da tecnologia, na época de Newton, produziu a revolução científica que conduziu o mundo à revolução industrial, porventura a junção da teologia e da ciência, em nossos próprios dias, não produziria um «conhecimento da verdade» realmente revolucionário, conferindo aos homens uma compreensão sobre as forças espirituais que levariam a humanidade a uma autêntica revolução espiritual? Por conseguinte, assim como a revolução industrial libertou o homem da dependência ao trabalho estafante e da dependência às suas próprias pequenas forças físicas, a revolução espiritual libertaria o homem da servidão ao temor e da dependência ao seu próprio débil poder espiritual. Porventura, não prevalecerão, durante o milênio, condições similares às que estamos aqui antecipando? Ver sobre o *Milênio.*

CÍMBALO

Ver sobre **Música e Instrumentos Musicais.**

CIMENTO (ARGAMASSA)

De acordo com uma definição lata, o cimento é qualquer substância usada para ligar as coisas entre si, incluindo os tijolos ou as pedras usadas na construção de qualquer edifício. Até recentemente, os estudiosos tinham quase a certeza de que os antigos não conheciam um verdadeiro cimento, no sentido moderno de concreto. No entanto, há estudiosos que atualmente estão dizendo que as pirâmides do Egito não foram feitas de imensas rochas, mas antes, essas pedras foram montadas no local, mediante o uso de certa forma de cimento. Seja como for, a Bíblia refere-se claramente a certos materiais de ligação, conforme se vê abaixo:

I. O trecho de Gênesis 11:3 fala sobre o betume ou asfalto. No hebraico, *chemar.* Ver também Gên. 14:10 e Êxo. 2:3. Esse material foi usado na construção da torre de Babel. A mesma palavra é usada para indicar o material empregado para tornar estanque a arca de Moisés, onde ele foi posto em pequenino. Ver o artigo separado sobre *Asfalto.*

2. Os filhos de Israel usaram "barro" (em hebraico *chomer,* usado por quinze vezes com esse sentido; por exemplo: Gên. 11:3; Êxo. 1:14; Isa. 41:25; Naum 3:14). O barro era pisado sob os pés para amaciá-lo (Naum 3:14). Os conquistadores pisavam sobre governantes como se fossem barro (Isa. 41:25). Essa mesma palavra hebraica é usada para indicar a argila usada pelos oleiros. De fato, essa palavra hebraica é usada na Bíblia de maneira frouxa, de tal modo que pode dar a entender tanto a argila usada pelos oleiros como a lama comum. A argila dos oleiros era trabalhada até que adquirisse a consistência certa, com a evaporação gradual da água. Ver o artigo separado sobre a *Argila.*

3. *Sentidos Figurados.* Nos sonhos e nas visões, o cimento ou qualquer material de ligação indica fatores que vinculam, dando continuidade e força a uma pessoa ou situação. Também podem estar em foco as realidades ou coisas que estiverem sendo empregadas em algum empreendimento em fases. No trecho de Isaías 41:25, a ação de conquistadores militares é retratada como se estivessem pisando o barro. Há paredes que os insensatos constroem e rebocam; e os profetas e mestres falsos podem rebocar as coisas que as pessoas constroem com cumprimento e predições, mas sem qualquer base na realidade, conforme se vê em Ezequiel 13:10 *ss.* Portanto, o ato de rebocar simboliza a hipocrisia ou a lisonja enganosa (Mat. 23:27; Atos 23:3). Aquilo que é sensaborão ou tolo é como um reboco (Jó 6:6; Lam. 2:14).

CIMÉRIOS

Esse é o nome grego para o povo que o AT chama de Gômer, em Gên. 10:2,3 e Eze. 38:6. Gômer foi o filho mais velho de Jafé, o qual foi pai de Asquenaz, Rifá e Togarma. O povo chamado Gômer é visto como aliado do povo chamado Togarma, no exército de Gogue, na profecia de Eze. 38. Alguns teólogos modernos supõem que essa predição retrata a Terceira Guerra Mundial, com o envolvimento da União Soviética. Historicamente, o povo de Gômer pode ter sido o mesmo que as inscrições assírias do séc. VIII A.C. chamam de Gimirrai. A localidade desse povo era a atual Ucrânia. Dali eles migraram para o sul, para a antiga Urartu, que atualmente faz parte da porção ocidental da Turquia. Ali, pois, tornaram-se adversários dos assírios.

Gômer também era o nome da filha de Diblaim, que se tornou esposa do profeta Oséias, e que lhe deu três filhos, 1:3.

CINAMOMO

Há uma palavra hebraica e uma palavra grega envolvidas, a saber:

1. *Quinnamom,* «casca do cinamomo», que aparece por três vezes: Êxo. 30:23; Pro. 7:16 e Can. 4:14.

2. *Kinámomon, «cinamomo»,* palavra grega que aparece somente em Apo. 18:13.

O nome científico dessa árvore é *Cinnamomum zeylanicum,* que cresce até cerca de nove metros de altura, produzindo pequenas flores brancas. O melhor cinamomo vem de ramos com cerca de três anos de idade. Um óleo é extraído do material, que é suavizado mediante mergulho em água salgada, e de onde a substância é fabricada. Os hebreus pensavam que o odor do cinamomo é *glorioso,* conforme afirma uma das minhas fontes informativas; mas muitas pessoas de nossos dias simplesmente não concordam com esse parecer. Por essa razão, a substância não continua sendo usada como perfume, como nos dias antigos, embora continue sendo uma útil especiaria.

CINTAS

No hebraico, **gishshurim.** Essa palavra hebraica aparece somente por duas vezes em todo o Antigo Testamento: Isa. 3:20 e Jer. 2:32. Em nossa versão portuguesa, ela aparece, respectivamente, como «cintas» e «cinto». No hebraico, a palavra está no plural. Os estudiosos pensam que está em foco alguma peça de pano, na forma de tira, que cobria a cabeça. Algumas versões fazem alguma confusão com a «venda» que o profeta pôs sobre o rosto, em I Reis 20:38. A natureza exata dessa peça do vestuário é desconhecida. Tudo quanto se pode dizer é que era uma peça para ser posta na cabeça. Ver o artigo geral sobre *Vestimentas.*

CINTO

Há cinco palavras hebraicas e uma palavra grega envolvidas neste verbete:

1. *Abnet,* «faixa», «cinto». Palavra hebraica usada por nove vezes, como em Êxo. 28:4,39,40; Lev. 8:7,13; Isa. 22:21.

2. *Ezor,* «cinto». Palavra hebraica usada por catorze vezes. Por exemplo: II Reis 1:8; Isa. 5:27; 11:5; Jer. 13:1,2,4,6,10,11.

3. *Chagor,* «cinto». Termo hebraico usado por quatro vezes: I Sam. 18:4; II Sam. 20:8; Pro. 31:24; Eze. 23:15.

4. *Chagorah,* «cinto». Palavra hebraica usada por três vezes com esse sentido: II Sam. 18:11; I Reis 2:5; Isa. 3:24.

5. *Mezach,* «cinto», «faixa». Palavra hebraica que ocorre por uma vez com esse sentido, em Sal. 109:19.

6. *Zóne,* «cinto». Palavra grega que aparece por oito vezes: Mat. 3:4; 10:9; Mar. 1:6; 6:8; Atos 21:11; Apo. 1:13; 15:6.

Está em foco uma faixa de pano para ser usada à altura da cintura, como também certa variedade de cinturões. Os cintos eram usados para ajustar à cintura a roupa de baixo e a túnica. Alguns cinturões eram feitos de couro (II Reis 1:8; Mat. 3:4); outros eram feitos de tecido (Lev. 16:4; Jer. 13:1). O cinturão de alto luxo era de ouro (Dan. 10:5; Apo. 1:13). O cinto do sumo sacerdote de Israel era altamente decorativo, completo com bordados (Êxo. 28:39; 39:29).

Além de deixar no lugar as peças de roupa, em torno do corpo, um cinto também era lugar conveniente para segurar uma espada ou outro instrumento.

Usos Figurados. «Cingir os lombos» significa preparar-se para o serviço (Luc. 12:35; I Ped. 1:13). Se um cinto era feito de pano grosso, isso indicava humildade ou tristeza (Isa. 3:24; 22:12). Também era símbolo de força, atividade ou poder. De fato, na lista de vocábulos hebraicos acima, a quinta dessas palavras, «mezach», em duas ocorrências significa «força» (Jó 12:21 e Isa. 23:10). O cinto do Messias refere-se à sua retidão e fidelidade (Isa. 11:5). Na metáfora da armadura, no sexto capítulo da epistola aos Efésios, o cinto simboliza a *verdade (vs.* 14).

CINZAS

Há duas palavras no hebraico, *eper,* «poeira», e *desen,* «gordura». As cinzas do altar das ofertas queimadas, nos dias de grande festividade, podiam acumular-se para serem retiradas somente no dia seguinte por um sacerdote escolhido por sorte para fazer o trabalho. Uma espécie de lixívia era feita com as cinzas da novilha sacrificada no grande dia da expiação, usada para as purificações cerimoniais (ver Núm. 19:17,18). As cinzas resultantes de holocaustos especiais eram guardadas e misturadas com água corrente, para purificação das poluições e como sinal de jejum (ver Isa. 58:5 e Jon. 3:6).

Usos figurados. 1. A fragilidade humana (ver Gên. 18:27). 2. A humilhação (ver Est. 4:1; Jon. 3:6; Mat. 11:21; Luc. 10:13). 3. Assentar-se sobre cinzas era sinal de lamentação e luto (ver Jó 1:8; Lam. 3:16; Eze. 27:30). Outro tanto era indicado pelo ato de lançar cinzas sobre a própria cabeça (ver II Sam. 13:10; Isa. 41:3). 4. Alimentar-se de cinzas, misturando-as com o próprio alimento, representava a tristeza (ver Sal. 102:9). Porém, Isaías 45;20 aparentemente denota o labor que resulta em nada, porque não há nutrientes nas cinzas 5. Total destruição (ver Eze. 28:18 e II Ped 2:6). 6. Indignidade (ver Gên. 18:27). 7. Redução dos inimigos a nada (ver Mal 4:3).

No cristianismo. Tertubiano usava cinzas nas cerimônias públicas de confissão e penitência (século II D.C.). Os penitentes punham cinzas sobre suas cabeças, e ficavam à porta dos templos, esperando readmissão à comunhão. Isso haveria de evoluir para tornar-se na formal Quarta-feira de Cinzas, largamente observada pela cristandade. Ver o artigo sobre esse assunto. (E ID S UN)

CIPRESTE

No hebraico, **tirzah.** Esse vocábulo aparece somente por uma vez na Bíblia, em Isaías 44:14, onde também são mencionadas espécies vegetais como o cedro, o carvalho e o pinheiro. Alguns pensam que a *tirzah* seria o *Quercus ilex,* que é uma sempre viva. Mas outros preferem pensar no *Platanus orientalis.* Todavia, poderia estar em foco o verdadeiro cipreste, cujo nome científico é *Cupressus semprevive.* Era uma árvore bem conhecida na Palestina, porque ali havia grandes áreas cobertas de florestas. Sua madeira era usada no fabrico de muitas coisas, incluindo ataúdes. Os arqueólogos têm descoberto ataúdes feitos dessa madeira, contendo múmias, o que demonstra a grande duração dessa madeira. É possível que, em Gênesis 6:14, esteja em foco a madeira de cipreste (onde a nossa versão portuguesa traduz o termo hebraico *gopher,* por «cipreste»), visto que a madeira de cipreste é muito resinosa.

CÍRCULO

No hebraico, **chug,** «círculo», «circuito». Palavra usada por três vezes: Isa. 40:22; Jó. 22:14 e 26:10. Somente nesta última referência a nossa versão portuguesa traduz o termo por «círculo». Na outra referência de Jó é usada a palavra portuguesa «abóbada», e em Isaías 40:22 é usada a palavra «redondeza».

No grego temos apenas o verbo *kukleúo,* usado em João 10:24 e Apo. 20:9. Mas os cognatos são usados por mais quinze vezes, de Marcos ao Apocalipse.

Os gregos deixavam-se fascinar pelo círculo. O mesmo não tem começo e nem fim, e a sua simetria é perfeita. Entre eles, o círculo era símbolo da eternidade. Talvez não tenha sido por acidente que a Igreja Oriental, seguindo os pais alexandrinos da Igreja (que vide), pensava que a alma é eterna, ou, pelo menos, de origem antiqüíssima, e também que o seu drama sagrado não é impedido e nem está limitado pelo nascimento ou pela morte física. O círculo simboliza a eternidade passada e a eternidade futura; e, segundo aqueles pais da Igreja, nenhuma linha pode assinalar um tempo em que a oportunidade de salvação não estaria aberta. Em contraste com isso, a Igreja Latina pensa em termos de linha. A alma progrediria segundo uma linha. Essa linha teria começo no que se chama de nascimento biológico. E o julgamento começaria e terminaria com um ponto denominado morte biológica, além do que ocorreria a estagnação, pois fronteiras eternas estariam fixadas por esse ponto final. Quanto a esse particular, prefiro ficar com os pais gregos da Igreja. A teologia circular parece-me preferível à teologia linear. A engenharia não poderia existir sem o conceito do círculo, e a teologia é severamente empobrecida sem esse conceito circular. O Deus eterno ainda não terminou a sua obra; ele nunca fica plenamente satisfeito com o estado de uma alma humana. E o amor de Deus concorda com o conceito circular, sendo exatamente essa a idéia que defendo.

Uso entre os Hebreus:

Os hebreus as vezes usavam a palavra **chug** para dar a idéia do horizonte. Alguns estudiosos, usando a referência de Isaías 40:22, pensam que pelo menos alguns de Israel pensavam que a terra fosse redonda. Porém, aqueles que supostamente sabem essas coisas, informam-nos que o conceito da redondeza da terra nunca fez parte da cosmologia dos hebreus. Quanto a uma descrição acerca disso, ver o artigo sobre a *Astronomia,* onde comento detalhadamente o que os hebreus concebiam acerca da terra, do céu, do sheol, etc. Porém, sabemos que o conceito de um globo terrestre era conhecido entre os gregos desde muito antes de Cristo, pelo que tal idéia não é um desenvolvimento moderno. Os escritos deixados pelos hebreus mostram-nos que eles pensavam que o céu estrelado fosse um firmamento sólido, encurvado acima da terra. e talvez isso é o que esteja em foco em Isaías 40:22. No artigo sobre *Astronomia,* que tenho à minha frente, há um desenho onde aparece esse arco, ainda com outros detalhes típicos da cosmologia dos hebreus.

CIRCUNCISÃO

Esboço

I. A Palavra
II. Antigüidade e Uso Largamente Espalhado
III. Origem e Propósitos
IV. No Judaísmo
V. Considerações no Novo Testamento

I. A Palavra

O vocábulo português deriva-se do latim, que significa, literalmente, «cortar em redor», referindo-se à pequena operação cirúrgica mediante a qual o prepúcio do pênis masculino é removido.

II. Antigüidade e Uso Largamente Espalhado

A circuncisão é a amputação do prepúcio masculino, sendo um dos mais antigos costumes da antigüidade, praticado por diversos povos. É, ou era, prática a circuncisão (embora com muitas variações quanto ao método, a idade e a realização do rito etc.), entre os judeus, islamitas, egípcios, polinésios e indígenas do Novo Mundo, bem como por muitas tribos primitivas da África e da Austrália. De fato, calcula-se que um sétimo da população masculina do mundo é circuncidada.

III. Origem e Propósitos

Diversas teorias têm sido apresentados como explicação da origem e do propósito dessa medida, a saber: a. teria finalidades higiênicas; b. seria um sinal de afiliação tribal. c. seria uma preparação

para a vida sexual; d. seria um teste iniciatório da coragem, antes de um jovem ser aceito pela tribo; e seria um meio que santifica as faculdades geradoras; f. seria uma sacrifício que redime o varão do deus que lhe outorgou a vida.

IV. No Judaísmo

1. O Pacto com Abraão

Para os judeus, a circuncisão é um dos mais importantes dos seus seiscentos e treze mandamentos. Geralmente é interpretada como sinal de pacto entre Deus e a nação de Israel, e, por conseguinte, indispensável como sinal característico de que alguém pertence à mesma. (Conf. com Gên. 17.10-14 e Êxo. 12:44-49).

No Talmude, coletânea de comentários rabínicos, muitas prescrições são estabelecidas, regulando o ato da circuncisão. Podia ser realizada a circuncisão até mesmo em dia de sábado, se isso coincidisse com o oitavo dia após o nascimento da criança. Conforme dizem os judeus, a circuncisão consiste dos seguintes passos: a. *o «milah», ou* seja, a amputação do prepúcio; b. *o «periah»,* em que a glande é descoberta, *e c. o «metizitzah»,* em que o fluxo de sangue é estancado. Bênçãos apropriadas eram recitadas antes e depois da circuncisão da criança, após o que o menino recebia o seu nome próprio. A cerimônia da circuncisão usualmente é acompanhada por uma refeição festiva, em que uma ação de graças especial é recitada, em alusão ao acontecimento. *(Encyclopedia of Religion,* editada por Vergilius Ferm, pág. 175).

O pacto abraâmico estava vinculado bem de perto ao símbolo da circuncisão, o que era, com efeito, a eliminação da natureza carnal (Gên. 17: 11), apontando para o propósito ético de Deus, separando a nação israelita para si mesmo. Parte do destino do homem é que seja transformado moralmente, para que finalmente venha a participar das perfeições morais da natureza divina, mediante a presença habitadora do Espírito Santo no íntimo do crente. (Ver Gál. 5:22,23 e Mat. 5:18).

O pacto abraâmico, pois, prometia a inauguração de uma nova nação, uma nação santa, para a qual Deus pudesse revelar os seus caminhos, e através da qual pudesse enviar o seu Messias ou Ungido. Ora, esse propósito divino só poderia ser perfeitamente concretizado se essa nação viesse a participar da santidade de Deus; e isso envolve a necessidade da remoção da natureza carnal. Assim, pois, a circuncisão verdadeira, de natureza espiritual, é a do coração, não sendo apenas um ato externo, segundo também o apóstolo Paulo nos informa (ver Rom. 2:28). E isso, naturalmente, fala da expressão total do ser do crente, sendo equivalente à regeneração, pelo menos no que diz respeito aos seus aspectos morais. Para os judeus, como é claro, era um sinal nacional de identidade como povo de Deus, como uma nação separada para Deus, subentendendo o que Paulo escreve no segundo capítulo de sua epístola aos Romanos. Portanto, esse rito subentendia a operação da graça, mediante a qual Deus seleciona e assinala homens como seus.

O próprio ato físico da circuncisão era realizado em obediência a uma ordem divina; porém, por si mesmo, não tinha qualquer mérito e nem efeito espiritual, conforme Paulo demonstrou em Atos 7:8. Era um «sinal», ao passo que a *verdade simbolizada* era a diferença real que a graça de Deus faz no ser essencial do indivíduo. No trecho de Col. 2: 11,12 encontramos uma vinculação um tanto frouxa entre o rito da circuncisão e o batismo cristão, de tal modo que, pelo menos em sentido bastante limitado, o batismo cristão tomou o lugar da circuncisão judaica. Isso nos é muito instrutivo, porque deixa óbvio, com base nas asseverações de Paulo, em Rom. 2:28 e ss, que os sinais externos, tal como o da circuncisão, não são agentes da graça, **mas tão-somente** símbolos daquela graça que verdadeiramente transforma o homem interior. E essa graça interior aparece como operação do Espírito Santo.

Contudo, o exagero posto nessa vinculação entre a circuncisão judaica e o batismo cristão têm criado a errônea doutrina do «batismo infantil» porquanto eram as crianças judias,—aos oito dias de idade (quando do sexo masculino), que eram circuncidadas. Seja como for, a ausência da realidade espiritual torna inútil tal «sinal».

2. Considerações Específicas

a. Em Gênesis 17:10-14, Yahweh é declarado introdutor da circuncisão, como sinal do pacto estabelecido com Abraão. Naquele texto, parece estar indicado que Deus cedeu a Abraão novos poderes procriativos, no meio de sua esterilidade de velhice, para que ele pudesse tornar-se o pai de muitas nações, especificamente de Israel, através da qual a mensagem espiritual haveria de ser comunicada. Em outras culturas, encontramos a circuncisão como algo sacramental, talvez para identificar alguma casta sacerdotal. É possível que o povo de Israel compartilhasse dessa noção. A ciência moderna tem-nos ensinado que a circuncisão é uma medida higiênica. O homem circuncidado apanha menos infecções em seu aparelho genital, e, conseqüentemente, corre menor risco de ficar canceroso A lavagem diária do pênis, sobretudo com um sabão desinfetante, produz o mesmo benefício, e isso poupa à mulher muitas infecções vaginais, visto que mais de trinta variedades de infecção podem ser transmitidas sexualmente, do homem para a mulher. Apesar de que os hebreus não conheciam essas coisas por vias científicas, podem tê-las conhecido mediante a observação e a prática. Por essa razão, é bem possível que, para eles, a circuncisão fosse um ato higiênico, e não apenas religioso. Heródoto informa-nos que os egípcios praticavam a circuncisão com finalidades de higiene. O prepúcio atua como incubador e transportador de bactérias; e, se os antigos não tinham uma teoria sobre germes, eles eram perfeitamente capazes de calcular por que tantas infecções estavam se espalhando.

b. A marca tribal. Entre os antigos, essa era uma das razões comuns para a prática da circuncisão, sendo possível que isso fizesse parte dos motivos da prática, entre os israelitas.

c. Sinal de maturidade. Um menino termina por tornar-se um homem. Em várias culturas antigas, a circuncisão assinalava a transição. Mas a idéia dificilmente poderia ser aplicada a Israel, visto que ali era praticada a circuncisão de infantes, idealmente aos oito dias de idade. Os convertidos ao judaísmo, vindos do paganismo, eram circuncidados; mas isso marcava a participação deles na aliança com Deus, e não qualquer maturidade física.

d. Sacrifício humano. — Em vez de sacrificar a pessoa inteira, um homem podia ser sacrificado simbolicamente, mediante a perda de uma pequena porção do seu corpo físico, como o prepúcio. Apesar dessa ser a razão da circuncisão em algumas culturas antigas, não parece haver motivo para pensarmos que a idéia tivesse qualquer coisa a ver com o povo de Israel.

V. Considerações No Novo Testamento

1. Considerações Sobre Valores

«No que diz respeito ao valor espiritual deste ato, o N.T. é taxativo: sem a obediência, a circuncisão se transforma em incircuncisão (ver Rom. 2:25-29). Esse sinal externo se reduz à insignificância, quando confrontado com as realidades da observância dos mandamentos (ver I Cor. 7:18,19), da fé que opera por meio do amor (ver Gál. 5:6), e da nova criação (ver Gál. 6:15). Não obstante, o crente não tem a liberdade de escarnecer desse antigo símbolo. Embora o crente deva evitar a circuncisão (ver Gál. 5:2 até o fim), no que diz respeito à expressão da suposta salvação através das obras (ver Col. 2:13; conf. com Isa. 52:1), contudo, segundo nos mostram estas passagens, ele precisa de seu significado interno. Em conseqüência, existe uma 'circuncisão de Cristo', o *despir* do corpo (mas não somente de uma parte — o prepúcio) da carne, em uma transação espiritual que .não é realizada por mãos humanas, mas que consiste da relação com Cristo Jesus, em sua morte e ressurreição, selada pela ordenação iniciatória do novo pacto (ver Col. 2:11,12). Em resultado disso, os crentes são 'a circuncisão' (ver Fil. 3:3)». (Extraído de *The New Bible Dictionary,* Douglas, pág. 234).

O décimo quinto capítulo do livro de Atos mostra-nos claramente que até mesmo muitos cristãos primitivos, e, portanto, especialmente os judeus ordinários, eram da opinião de que a circuncisão era uma

medida *necessária* para a salvação. Conforme a mentalidade judaica raciocinava, a circuncisão fazia parte do pacto abraâmico, e qualquer indivíduo que de alguma forma não fosse beneficiário do mesmo, não poderia ter esperança de que seria salvo. Ver o artigo sobre o *Pacto Abraâmico*. Quanto a comentários sobre o chamado «partido da circuncisão», os legalistas da igreja cristã primitiva, cujas atividades provocaram a escrita das epístolas aos Romanos e aos Gálatas, ver Atos 11:2 no NTI.

A circuncisão tem valor, Rom. 2:25. Qual era o valor autêntico da circuncisão? De acordo com o que diziam os judeus, tinha um valor absoluto, isto é, era uma garantia virtual da salvação, porquanto entre eles se pensava que todos os circuncidados, que eram israelitas por nascimento, já estariam automaticamente absolvidos de todo o julgamento. Entretanto, no dizer das Escrituras, qual era o real valor da circuncisão?

a. A circuncisão era o sinal do pacto abraâmico (ver notas no NTI em Atos 3:25), além de ser um dos muitos privilégios de Israel, o que fazia deles uma sociedade superior. (Ver Rom. 9:4,5).

b. Tinha valor como preparação para melhores coisas vindouras. Também falava sobre a santificação. Isso teria lugar em Cristo. Falava de identificação com a geração de Abraão, e isso, por sua vez tipificava o que Deus faria através do filho de Abraão Jesus, o Messias.

c. Falava de um povo que seria *separado* para a santidade e a salvação. Tornava os homens cônscios de que existiam esses privilégios, e, sabendo-o, talvez os buscassem, se ao menos fossem suficientemente sábios.

d. A circuncisão afetava o órgão gerador, e isso simbolizava a produção de vida. A vida eterna está em Cristo e os homens, por darem atenção à mensagem de Deus e tomando parte em seu conceito, podem aprender acerca da real fonte da vida.

e. Há uma real circuncisão, de ordem absoluta, isto é, a circuncisão do coração. A santificação genuína leva os homens à salvação. Isso Paulo mostra no vs. 29 do segundo capítulo da epístola aos Romanos.

f. A circuncisão era mero sinal. A verdade simbolizada era a salvação. Por semelhante modo, o batismo é apenas um sinal, um símbolo, e não a substância, ou qualquer parte da substância essencial da salvação. (Ver as notas no NTI em Col. 2:11).

2. Buscando A Realidade

a. A lei podia ter um efeito ilusório, conforme se vê em Rom. 7:11. Os homens esperavam demais da lei. Dela esperavam aquilo que ela não podia fazer, libertá-los. Afirmavam eles: «A vida vem pela lei», e isso com apoio de certos versículos do A.T. Mas Paulo demonstra que tudo isso era pura imaginação.

b. A circuncisão simbolizava todos os privilégios dos judeus, por ser o sinal do pacto abraâmico. Portanto, também fazia tropeçar os homens que eram superficiais em seu entendimento espiritual.

c. O caminho da lei era difícil por demais. Requeria a perfeição, mas não tinha o poder para conferir essa perfeição. — Conferia altos privilégios, mas os homens, observando as coisas externas, e substituindo por elas as verdades que haveriam de seguir-se, terminaram possuidores de uma espiritualidade inferior e inadequada.

d. A lei apontava para a realidade em Cristo.

3. Externalidades na Religião

«O ponto aqui focalizado é simples, mas importante. Certos indivíduos vivem sujeitos à tentação constante de confundirem as externalidades incidentais com as *realidades essenciais*. Têm a confiança de ocupar um lugar, dentro da comunidade cristã, por terem sido batizados ou por serem membros nominais de alguma igreja local; e ficam altamente indignados quando alguém sugere que realmente não são crentes. Em adição a essa suposição superficial de que os sinais externos são suficientes como substitutos da participação ativa na vida da fé, é mister observarmos uma forma paralela assumida pela confiança nos sinais externos, conforme tal coisa freqüentemente ocorre. Usualmente é a pessoa que confia em suas realizações religiosas externas que sente que os sinais visíveis da religiosidade são importantes. Não é necessário que isso seja produto de algum orgulho humano; pode, simplesmente, resultar de um ponto de vista limitado, que não leva em conta a distinção que há entre as verdades essenciais e as coisas inconseqüentes». (Gerald R. Cragg em Rom. 2:25).

«O sinal característico, que destacava os judeus, tinha dois lados; um era externo e formal, e o outro era interno e real. Sua essência dependia desse último aspecto, porquanto, sem essa circuncisão interna tudo quanto era externo nada valia. Não é necessário alguém ter nascido judeu para possuir essa verdade essencial. Precisamente a mesma linguagem pode ser aplicada no caso dos sacramentos cristãos». (W. Sanday, em Rom. 2:25).

4. O Partido da Circuncisão, Facções e Lutas

Ver o artigo separado sobre a *Circuncisão, Partido da*. Esse artigo apresenta o argumento em favor da circuncisão, do ponto de vista do judaísmo antigo, o que nos confere a compreensão do motivo pelo qual o assunto revestia-se de tanta importância para a Igreja primitiva. Também são apresentados ali os modernos substitutos. Os homens continuam confiando em meras externalidades religiosas. Os homens confiam em ritos e cerimônias, atribuindo aos mesmos um valor atinente à eterna salvação da alma. Muitas denominações evangélicas ainda não conseguiram deixar esse sinal de primitivismo, em sua fé religiosa. Muitos homens ainda não chegaram a entender que a salvação, em todos os seus aspectos, está envolvida na transformação da alma por meio do Espírito de Deus. Esses aspectos podem ser *simbolizados* por meio de cerimônias, mas *nenhum* deles torna-se uma realidade por meios ritualísticos. Não admira que certos autores do Novo Testamento ainda se aferravam a certos primitivismos em sua fé, como a idéia da regeneração batismal, que, quase certamente, reflete-se em passagens como Atos 2:38 e Marcos 16:16. Creio, porém, que a teologia paulina afastou-se em muito de tal conceito. O trecho de Colossenses 2:11 subentende certo elo entre o batismo e a circuncisão, pelo que aquilo que a circuncisão significava para os judeus, o batismo continua a significar para alguns cristãos. Porém, tanto a circuncisão quanto o batismo em água são externalidades, são meros símbolos. Ver o artigo sobre *o Batismo*. (AM B BULT E ID NTI Z)

CIRO

Chamado Ciro II, o Grande. Foi conquistador da Babilônia, que governou desde 539 A.C. até a sua morte, em 530 A.C. Calcula-se que ele nasceu em cerca do ano 600 A.C. Foi o fundador do império persa. Heródoto informa-nos que ele foi o terceiro de sua linhagem a ter esse nome. Assim sendo, ele deveria ter sido intitulado Ciro III, e não Ciro II, mas foi com este último título que ele se tornou conhecido na história. Ele era filho de Cambises II, e neto de Ciro II. Seu bisavô foi Teispes II, que foi antecedido por Ciro I, Cambises I, Teispes I e Acaemenes. O nome Ciro vem do persa antigo, com o sentido de *cão jovem, kurush*.

1. *Conquistas*. Ciro herdou o trono de Ansã. Reuniu uma força armada dentre os persis (moderna província iraniana de Fars) e revoltou-se contra seu suserano medo, Astiages. Aliado com Nabonido, da Babilônia, ele derrotou Astiages, em cerca de 549 A.C., e assim ocupou a capital da Média, Ecbátana, moderna Hamadã. Em cerca de 547 A.C., ele marchou contra Creso, da Lídia, assediou sua capital, Sardes (perto da moderna Izmir), e assim aprisionou Creso. Então fez campanhas na direção do oriente, entre muitas tribos, e ampliou os seus territórios até o rio Indo e até o sopé das montanhas do Hinducuxe. Retornando para o ocidente, ele conquistou sua antiga aliada, a Babilônia, aparentemente sem encontrar resistência armada. Isso sucedeu em 539 A.C. Não demorou a controlar a Síria inteira, bem como a Palestina. Honrava o deus babilônico, Marduque, e também os deuses de vários povos capturados. Ele permitiu que exilados de lugares estrangeiros retornassem às suas terras, e isso

incluiu os judeus exilados. Portanto, foi ele quem lançou os fundamentos do vasto império persa, sob cujo domínio a Judéia permaneceu província durante os próximos dois séculos. Ciro estabeleceu a sua capital em Pasárgade, na terra de Parsa. Ali têm sido descobertas pela arqueologia as ruínas de um palácio com a seguinte inscrição: «Eu, Ciro, o rei, o acamenida». Desse palácio nos vem a mais antiga peça em relevo da arte persa, um gênio com quatro asas, talvez representando o Ciro deificado.

2. *Seu Reinado.* Ecbátana foi a primeira capital acamenida, mas ruínas provenientes de Pasárgade mostram que Ciro edificou ali palácios e uma cidade. Ele tomou por empréstimo certos costumes e instituições dos medos. Em certo sentido, os medos eram aliados dos persas, e não tinham de pagar impostos, embora estivessem sob o controle persa. Os outros povos, portanto, chamavam o império de medo-persa. Ciro era tolerante para com os povos e suas religiões, conquistando o respeito e o apoio deles.

Heródoto informa-nos que Ciro faleceu em cerca de 530 A.C., quando combatia os massagetai, na Ásia central. Embora um homem de suaves maneiras, chamado pelos persas de *pai,* tal como a maioria dos reis, ele encontrou tempo suficiente para guerras e matanças.

A Saga do Ciro

Xenofonte escreveu e idealizou um livro didático sobre Ciro, chamando esse volume de Ciropédia, onde Ciro aparece como um soberano modelo. Xenofonte, Ctésias e Heródoto registraram a sua história. Muitos mitos têm surgido em redor dele. O épico nacional persa, o Shah Nameh, ou Livro dos Reis, registra muitas histórias míticas a respeito de Ciro. Vários motivos da lenda de Ciro tornaram-se parte do legado dessa história dos reis da Pérsia. As virtudes e a simplicidade de Ciro tornaram-se lições para outros seguirem. Isso significa que Ciro não somente fundou o multinacional império acamenida e lançou a base para o primeiro império realmente mundial, desde o rio Indo ate o mar Egeu, mas também tornou-se o herói de uma saga que ainda sobrevive na época persa nacional. Ele deixou o seu nome em uma cidade central da Ásia, chamada Kureskhata, perto de Kurkath, não longe de Khojert, modernamente Leinabade, no sul da União Soviética.

3. *Seu Decreto.* Os trechos de II Crônicas 36:22,23 e Esdras 1:2,3 informam-nos que Ciro deu permissão, aos cativos hebreus da Babilônia para retornarem à Palestina e reconstruírem o templo. A liberalidade de Ciro, no tocante às religiões, sem dúvida foi um fator em tudo isso. *O cilindro de Ciro.* Esse cilindro, descoberto no século XIX, retrata Ciro como um político politeísta, embora também demonstre paralelos com o ponto de vista bíblico a seu respeito, como um homem benévolo, que tinha misericórdia dos cativos. Esse cilindro fala sobre o deus Marduque, que teria procurado um governante justo e encontrou Ciro, o qual assim poupou as cidades e santuários sagrados, e os restaurou.

4. *Ciro e a Profecia Bíblica.* A profecia de Isaías, acerca de Ciro, começa em 41:2,25 e termina em 46:11 e 48:15. Isaías previu que Ciro não somente ordenaria a reconstrução do templo, mas também a reconstrução da própria cidade (Isa. 45:13; 44:28). Seu sucessor, Artaxerxes I, levou adiante o trabalho de reconstrução. O decreto de Ciro, mui provavelmente, incluiu a reconstrução da cidade, embora isso não seja dito especificamente. No trecho de Isaías 44:28-45:8, Ciro é chamado pelo nome, e assim os céticos têm pensado que as profecias envolvidas foram escritas após os eventos, e não antes dos mesmos.

5. *Ciro e as Inscrições.* A arqueologia tem descoberto certo número de inscrições que concordam com as declarações do Antigo Testamento quanto ao governo e às atitudes benevolentes de Ciro. O cilindro de Ciro (ver acima) demonstra isso com declarações ali inscritas. Visto que os judeus não tinham imagens de escultura, receberam permissão de restaurar o seu templo, em Jerusalém. O édito real, registrado em II Crônicas 36:22,23 e Esdras 1:2,3, reflete o espírito daquele cilindro. Dessa maneira, Israel elogiou o homem que Deus determinara como libertador de seu povo (Isa. 45:1-4). O próprio Ciro, entretanto, afirmava-se inspirado pela divindade babilônica, Marduque. As inscrições naquele cilindro mostram a consciência que Ciro tinha de ser um homem do destino, divinamente nomeado para a sua tarefa. Essa incrível verdade, porém, aplica-se a muitos outros. Na verdade aplica-se a todos os homens, embora à vontade de Deus sejam necessários muitos séculos para levar todos os homens a se ajustarem ao plano de Deus. Para nós, os crentes, pela graça de Deus, essa oportunidade é chegada. (AM ND UN Z)

CISCO E REFUGO

No hebraico, **sechi,** que aparece somente por uma vez em todo o Antigo Testamento, em Lamentações 3:45. A outra palavra, que nossa versão portuguesa traduz por «refugo», aparece por nove vezes: I Sam. 16:7; Jó 34:33; Sal. 78:67; 118:22; Isa. 7:15,16; 8:6; Lam. 3:45; Eze. 5:6.

O termo grego *perípsema,* «varrido para o lado», e que nossa versão portuguesa traduz por «escória», aparece somente em I Cor. 4:13.

Está em foco algo que se desprende por abrasão, por lavagem, ou simplesmente a sujeira ou o lixo. As pessoas pensam que certos indivíduos são a escória da sociedade, mas nem sempre esse juízo humano está correto. A sociedade romana pensava que os primeiros cristãos não tinham nenhum valor, pelo que os seguidores de Cristo eram comparados com a escória. Em certo país comunista, não faz muito tempo, os ministros e missionários cristãos foram classificados como inferiores às prostitutas, dentro da gradação da cidadania. Muitos evangélicos modernos orgulham-se de seus templos luxuosos, com grandes áreas de estacionamento para seus veículos automotores. As condições externas têm-se modificado, mas o espírito não avançou muito. Bem pelo contrário.

CISTERNA

No hebraico, **bor,** «lugar cavado», «poço». O termo hebraico é usado por sessenta e sete vezes. Por exemplo: Gên. 37:20-29; Êxo. 21:33,34; Lev. 11:36; I Sam. 13:6; II Reis 18:31; Pro. 5:15; Ecl. 12:6; Isa. 36:16; Jer. 2:13.

Uma cisterna era um lugar onde era guardada água potável (Pro. 5:15; Ecl. 12:6; Isa. 36:16. Jer. 2:13). A maioria das cisternas consistia em reservatórios cobertos, escavados na terra ou na rocha, para onde escorria o excesso de águas da chuva, das fontes ou dos riachos, que eram para ali canalizadas e guardadas. As chuvas tornavam-se raras entre maio e setembro na Palestina e as cisternas tornavam-se o principal meio de se contar com um bom suprimento de água, naqueles meses. As cisternas comuns eram apenas um grande poço, mas, sobre muitas delas foram construídas grandes abóbadas. Visto que a água ali contida era valiosa nos meses de seca, muitas cisternas eram cobertas e disfarçadas, de modo a não serem facilmente descobertas. Em Cantares 4:12 encontramos a expressão «fonte selada», a qual, provavelmente, alude a uma cisterna coberta. A cobertura também era uma medida de segurança, visto que a lama acumulava-se no fundo das cisternas, e qualquer pessoa que ali caísse corria o perigo de afundar na lama, não sendo capaz de dali sair, sem falarmos na imensa dificuldade em subir pelas paredes internas da cisterna. Ver Jer. 38:6 e Sal. 40:2. Algumas cisternas de grande tamanho seriam às cidades, as quais eram mais cuidadosamente preparadas, escavadas na rocha ou forradas com tijolos. Cisternas complexamente construídas têm sido encontradas em Jerusalém, Samaria, Marasa, Massada e outros locais antes populados, pelos arqueólogos. Visto que a água era escassa, algumas vezes as cisternas eram causa de conflitos. Uma cisterna seca e abandonada podia ser usada como cárcere, conforme vemos nos casos de José e Jeremias (Gên. 37:22 e Jer. 38:6).

Por ocasião da conquista da Palestina por Israel, cisternas foram tomadas (Deu. 6:11). Governos progressistas eram assinalados por muitas cisternas que eram feitas, tal como, nos nossos dias, os go-

vernos de áreas secas constroem reservatórios e represas. As cisternas eram objetos das obras públicas (II Crô. 26:10). Além de serem usadas como cárceres, as cisternas secas ou abandonadas eram utilizadas como silos, onde eram guardados cereais ou outros bens; e também eram empregadas como túmulos.

Usos Figurados. 1. A quebra da roda que era usada para puxar o balde do fundo do poço (ver Ecl 12:6), serve de símbolo da perda da vitalidade do corpo físico, do que resulta a morte. 2. Tomar água da própria cisterna indica desfrutar de prazeres legítimos (Pro. 5:15). 3. As «cisternas rotas» de Jer. 2:13 indicam as maneiras vãs dos homens tentarem satisfazer suas necessidades espirituais. Deus é a fonte das águas vivas, mas o homem, em sua ignorância e rebeldia, volta-se para meras cisternas rotas.

CITAÇÕES NO NOVO TESTAMENTO

1. Número e tipos.
2. Afinidades textuais.
3. Estilo das citações do A.T.
4. Propósitos das citações do A.T.
5. Citações de fontes externas ao A.T.

1. Números e Tipos

A maior parte das citações existentes no N.T. é extraída do A.T. A maioria delas ocorre nos evangelhos sinópticos, nas epistolas de Paulo, em Hebreus e no Apocalipse. Quantas delas são dependentes do número de citações alusivas ao A.T.? — essa é uma questão delicada. O número de citações explícitas do A.T. tem sido variegadamente calculado entre 150 e 300; e o número de citações alusivas, mais de mil. O livro de Apocalipse contém muitas citações alusivas, mas nenhuma explícita.

As citações explícitas do A.T. são de fácil identificação. São introduzidas, por muitas vezes, com fórmulas de citação. As citações alusivas são cláusulas, frases e, algumas vezes, palavras isoladas, que facilmente podem escapar à nossa atenção. Por exemplo, o leitor desatento pode perder de vista as palavras saídas da nuvem, por ocasião da transfiguração de Jesus (Mat. 17:5), que procedem de três trechos diferentes do A.T.: «Este é o meu Filho amado» (Sal. 2:7), «em quem me comprazo» (Isa. 42:1), «a ele ouvi» (Deu. 18:15). Mais facilmente negligenciadas ainda são as palavras mediante as quais *Mateus* descreveu José de Arimatéia. Em Mar. 15:43 ele é um «ilustre membro do Sinédrio», e em Mat. 27:57 ele é «um homem rico», a fim de ajustar-se à predição de Isaías, sobre o Servo Sofredor, que «com o rico esteve na sua morte» (53:9).

É possível que algumas coincidências de palavras e de fraseados entre o A.T. e o N.T. tenham sido fortuitas, como é provável no caso do relato das fugas para o Egito por parte de Jeroboão (I Reis 11:40) e da sagrada família (Mat. 2:13-15). Na maioria dos casos porém, houve alusões conscientes, pois a educação judaica alicerçava-se sobre os relatos do A.T. Por força da memória, muitos dos rabinos eram «concordâncias vivas». Uma prática literária comum, da época do N.T., era a mescla da fraseologia do A.T. com a própria fraseologia dos autores sagrados.

2. Afinidades Textuais

Ao citarem o A.T., os escritores do N.T. ocasionalmente transliteraram o hebraico (ou aramaico) original. Por exemplo, «Emanuel» (Mat. 1:23), e «Eli, Eli, lama sabachtani» (Mar. 15:34). Usualmente, eles seguiram o texto da Septuaginta, mesmo quando esta tradução diferia do texto massorético. Todavia, o N.T. pode discordar da LXX por uma citação inteira, ou apenas por parte de uma citação. Algumas vezes, essa discordância com a Septuaginta exibe concordância com o texto massorético, os Targuns, o A.T. Peshita, Teodócio e até com textos variantes dos manuscritos hebraicos da tradição rabínica e com Josefo. E, noutras ocasiões, exibe total independência de qualquer tradição textual conhecida do A.T. Às vezes ocorrem combinações de diferentes tradições textuais, dentro de uma única citação do A.T. Isso ocorre principalmente no caso das chamadas *fórmulas de citação,* em Mateus, introduzidas por alguma declaração como «para cumprir-se o que o Senhor dissera pelo profeta».

Essas mesclas dificilmente derivam-se de citações inexatas, feitas de memória (como muitos dizem). Isso é improvável devido às numerosas concordâncias com várias tradições textuais e pela harmonia entre diferentes escritores do N.T., em contraposição a todas as outras fontes (ver Mat. 11:10; Mar. 1:2; Luc. 7:27 com Mar. 3:1; Rom. 9:33; I Ped. 2:6 com Isa. 28:16). Por isso, os estudiosos têm exposto várias hipóteses para explicar o fenômeno. A idéia tem sido parcialmente confirmada pelos textos messiânicos descobertos na caverna de Qumran. Outros pensam que houve uma espécie de «atualização» de certos trechos citados, como no caso do comentário de Habacuque, encontrado em Qumran.

3. Estilo das Citações do A.T.

As fórmulas introdutórias de citações são várias. «Está escrito» é fórmula que frisa a validade permanente das revelações do A.T. «Para que se cumprisse» aponta para a consumação de alguma revelação veterotestamentária nos eventos do N.T. Outras fórmulas são «diz a Escritura», «diz Deus», «diz o Senhor», «diz o Espírito Santo», etc. Todas essas introduções refletem o conceito de inspiração da parte de Jesus e dos escritores do N.T. Deus aparece como autor das Escrituras, ao ponto destas, às vezes, serem personificadas, embora também transpareça o elemento humano, nas referências a Moisés, a Davi, a Isaías e a outros.

Deve-se destacar o método *haraz* de citar dois ou três trechos do cânon hebraico. Por exemplo, Rom, 11:8-10, que cita Is. 29:10; Deu. 29:43 e Sal. 68:23 *ss.* Também há combinações baseadas em alguma palavra-chave, entre as quais destaca-se a citação sobre a «pedra», em Rom. 9:33 (Isa. 8:14 e 28:16), e em I Ped. 2:6-8 (Isa. 28:16; Sal. 118:22 e Isa. 8:14).

Também há problemas de atribuição. Na citação de Mat. 27:9, sobre as trinta moedas de prata, a citação é atribuída a Jeremias, embora baseada em Zac. 11:13. Há tentativas de explicação desses casos, mas não são definitivas. E também há casos notórios de atribuição difícil, como nos casos de Mat. 2:23; João 7:38 e Efé. 5:14, pois por muitas vezes há citações sem a indicação da fonte. O que valia para os autores sagrados era o *sentido* tencionado, e não a fraseologia exata.

Os autores do N.T. são acusados de terem interpretado erroneamente o texto do A.T. Mas é que às vezes está em foco a tipologia de alguma passagem, sem ser negado o seu sentido original dentro do seu arcabouço histórico.

4. Propósitos das Citações do A.T.

É fortíssimo o motivo de cumprimento nas citações do A.T. As citações que cabem dentro da categoria de cumprimento dizem respeito tanto a predições diretas de eventos futuros quanto a significação tipológica por detrás do intuito dos escritores do A.T. No N.T., os principais motivos dessas citações são estes: Jesus age como o próprio Yahweh. Ele é o Rei messiânico que fora predito; o Servo de Yahweh, de Isaías; o Filho do homem, de Daniel. Ele culmina a linha profética, a sucessão dos sofredores justos do A.T. e a dinastia davídica. Ele reverte o efeito do pecado de Adão, cumpre as promessas divinas feitas a Abraão e recapitula a história de Israel.

Os sacerdócios de Aarão e Melquisedeque prefiguram (o primeiro, algumas vezes, contrasta com o segundo), o sacerdócio de Cristo. O cordeiro pascal e outros sacrifícios representavam a morte sacrificial e remidora de Jesus, e também o serviço cristão. Jesus é o pão transmissor de vida, como o maná, a rocha de onde mana a água viva, a serpente que fora levantada no deserto e o templo-tabernáculo onde Deus habitava entre os homens.

João Batista foi o precursor profético predito. Jesus inaugurou o período escatológico de salvação, que fora predito, bem como a nova aliança. Judas Iscariotes cumpriu o papel dos ímpios que foram oponentes dos sofredores justos do A.T. A Igreja (ou mesmo os crentes individuais) é a nova criação, a semente espiritual de Abraão, por motivo de sua incorporação em Cristo, o novo Israel e o novo templo. A lei mosaica prefigurava a graça positiva e negati-

vamente. O dilúvio representava o juízo final e o batismo cristão. A passagem pelo mar Vermelho e a circuncisão também retratavam o batismo. Jerusalém representa a cidade celeste.—A entrada em Canaã prefigurava a entrada dos crentes no descanso espiritual. A proclamação do evangelho a todos os homens cumpre as promessas feitas a Abraão e as predições proféticas de salvação a todos os povos. As citações do A.T., pois, cabem dentro de um limitado conjunto de temas bem reconhecidos, o que contrasta com o tratamento confuso dos textos do A.T., nos escritos rabinicos. Os crentes primitivos devem ter aprendido a hermenêutica do A.T. com o próprio Jesus (cf. Luc. 24:27,32).

O conceito de «história da salvação» sublinha o cumprimento que aparece nas citações do A.T. Deus dirige a história segundo o seu propósito remidor. Ele revela o que fará através dos seus profetas. As predições deles têm o poder de produzir o seu próprio cumprimento, pois derivam-se do Senhor da história.

As citações do N.T., relativas a Jesus e à Igreja, derivam-se de enredos veterotestamentários bastante limitados:

a. Textos apocalíptico-escatológicos: Joel 2 e 3; Zac. 9-14; Dan. 7 (primários). Mal. 3:1-6; Dan. 12 (suplementares) .

b. Textos sobre o novo Israel. Osé 13:9 e *ss.* Isa. 6:1-9:7; 11:1-10; 28:16; 40:1-11; Jer. 31:10-34 (primários). Isa. 29:9-14; Jer. 7:1-15; Hab. 1 e 2 (suplementares).

c. Textos sobre o Servo do Senhor e o Justo Sofredor: Isa. 42:1-44:5; 49:1-13; 50:4-11; 52:13—53: 12-61; Sal. 69:22; 31; 38; 88; 34; 118; 41, 42 e 43; 80 (primários). Isa. 58:6-10 (suplementares).

d. Textos miscelâneos. Sal. 8; 110; 2; Gên. 12:3; 22:18; Deu. 18:15,19 (primários). Sal. 132; 16; II Sam. 7:13,14; Isa. 55:3; Amós 9:11,12 (suplementares).

A isso pode-se adicionar Êxo. 1-4; 24; 34; Núm. 23 e 24; II Reis 1; Sal. 78; Dan. 2; a porção final de Dan. 11 e Dan. 12; Isa. 13;34 e 35; e os últimos capítulos de Isaías; Miq. 4; 5; 7; Zac. 1-6; e o restante de Malaquias (alem de 3:6).

O A.T. é a base de comentários (como no ensino de Jesus sobre o matrimônio e o divórcio, em Mar. 10:2-9 e paralelos). Ou a base de algum argumento (como no debate de Jesus com os saduceus acerca da ressurreição, em Mar. 12:18-27 e paralelos). Ou o A.T. é citado preceitualmente (cf. a reiteração de nove dentre os dez mandamentos, em passagens dispersas pelo N.T.).

5. Citações de Fontes Externas ao A.T.

À parte das citações do A.T., Mateus e Lucas citaram Marcos, e talvez, "Q" e outras fontes (ver o artigo *Problema Sinóptico,* e cf . Luc. 1:1-4). Nas epístolas há citações alusivas aos Ditos de Jesus. Paulo citou, em Atos 20:35, uma declaração de Jesus que não é registrada em qualquer outro lugar. Lucas cita, em Atos, certo número de sermões e discursos de cristãos. Os ensinos de Jesus foram citados pelos evangelistas, porém, nem sempre ao pé da letra. A diferença de estilo dos discursos de Jesus, em João e nos sinópticos, deve-se a pelo menos três fatores: a. Na tradução do aramaico e do hebraico para o grego, o pesado estilo grego de João fez-se sentir mais do que no caso dos sinópticos; b. João parafraseou mais vezes do que os sinópticos; c. João preservou deliberadamente uma linha de tradição que não transparece nos sinópticos. Mas, o fato de que Jesus falou no estilo joanino é indicado em Mat. 11:25-27 e Luc. 10:21,22.

Em uma classe inferior, situaríamos as citações de orações, hinos cristãos, credos e outro material tradicional. Alguns ajuntam a isso hinos litúrgicos, fórmulas credais, exortações para momentos de perseguição, extratos catequéticos, etc. Paulo pode ter citado trechos de suas epístolas anteriores, e os autores sagrados citaram-se mutuamente.

Há possíveis citações de livros apócrifos, como, por exemplo, em Mat. 11:28-30 (Eclesiástico 51:23 ss). Rom. 2:4 (Sabedoria de Salomão 11:23); Heb. 1:1-3 (Sabedoria de Salomão 7:25-27); 11:35-37 (II Macabeus 6 e 7). Judas 14 e 15 cita o pseudepígrafo de I Enoque 1:9, e, aparentemente, uma porção atualmente perdida da Assunção de Moisés (Jud. 9). A descida de Cristo ao Hades, I Ped. 3:18-4:6 É dependente de I Enoque. Muitas frases do Apocalipse têm sido atribuídas à literatura apocalíptica judaica extracanônica. Material vindo de escritores pagãos, como Epimênides, Arato, Cleantes, Calímaco e Menandro é citado em Atos 17:28; I Cor. 15:33; Tito 1:12. Paulo parece ter citado «slogans» de seus adversários em I Cor. 6:12; 8:1 e II Cor. 10:10.

CIÚME, ÁGUA DE

Ver **Água Amarga.**

CIÚMES

É estranho que o ciúme geralmente venha acompanhar um intenso amor entre as pessoas. Alguém já disse que o ciúme é o mau cheiro do amor. Seria assim mesmo? No hebraico temos a palavra *qinah,* «ciúme», «zelo», que figura por quarenta e uma vezes. Por exemplo: Núm. 5:14,15,18,25,29,30; Deu. 29:20; Eze. 8:3,5; 36:5,6; Zac. 1:14; 8:2. No Novo Testamento temos a palavra grega *parazelóo,* «ter muito ciúme», que ocorre por quatro vezes: Rom. 10:19 (citando Deu. 32:21). 11:11,14; I Cor. 10:22. Em Rom. 11:14, «emulação»; em I Cor. 10:22, «zelos».

A palavra hebraica envolvida salienta o rubor do rosto, uma espécie de ira reprimida, indicando ardor ou zelo, de forma positiva ou negativa. Tal palavra pode ser traduzida como «ardor», «zelo» ou «ciúme».

1. *Ciúmes Positivo.* O ciúme é um tipo de apreensão mental, quando a pessoa que o sente, sente estar sendo preterida por aquele que a ama, em favor de outrem. Seria o temor de ser substituído por um rival qualquer. Também envolve a atitude de ânsia e vigilância acerca daquilo que é considerado propriedade de quem tem ciúmes, como se essa pessoa ou objeto pudesse ser perdido ou prejudicado de alguma maneira. No caso de Deus, o ciúme sempre é positivo, porquanto o rival é o reino do mal, que só pode prejudicar os amados do Senhor. Nesse caso, não temos a manifestação de um egoísmo insensato. Por isso as Escrituras afirmam que Deus é um Deus «zeloso» (Êxo. 20:5), razão pela qual ele quer que todos os seus mandamentos sejam cumpridos. O cumprimento dos mandamentos do Senhor é benéfico para aqueles que são amados por Deus. O amor é a base do zelo ou ciúme de Deus. Em outras palavras, trata-se de uma forma de amor. Essa emoção do ciúme também pode ser experimentada pelos homens, e pode ser genuína, embora seja muito difícil distinguir onde o amor termina e o egoísmo começa. O apóstolo Paulo manifestou esse tipo de ciúme pelos seus convertidos. Ver I Cor. 11:2.

2. *Ciúmes Negativo.* Esse tipo de ciúmes mistura o amor com o egoísmo. O critério de distinção deve ser o seguinte: sinto ciúmes porque temo que algo venha a prejudicar alguém a quem estimo, ou sinto ciúmes simplesmente porque não quero perder aquela pessoa ou coisa, com base em minha possessividade e egoísmo? Uma resposta bem pensada usualmente revela a existência desses dois elementos, que as *emoções* não conseguem separar adequadamente. Há casos em que o ciúme consiste em puro egoísmo. Um ciúme negativo foi que levou os irmãos de José a vendê-lo como escravo. Não houve qualquer motivo altruísta por detrás do ato deles. José era o suposto rival deles, que roubava todo o afeto e atenção do pai deles. Simplesmente, queriam livrar-se dele. Anos mais tarde, quando se reuniram todos no Egito, eles não choraram? É possível que, desde o início, houvesse o sentimento de amor, mas este foi afogado pela emoção mais imperiosa do ciúme. Seja como for, é impressionante como o ciúme pode transformar-se, rapidamente, em puro ódio. A razão para isso é simples: é mais fácil odiar do que continuar suportando mentalmente a forte emoção do ciúme. Acontece, portanto, que as pessoas que foram alvo do ciúme de outrem, acabam sendo o alvo do ódio dessa pessoa. O ciúme pode ser um sinônimo de «inveja». Porém, conforme já vimos, há um aspecto que pode ser positivo no ciúme, ao passo que a inveja sempre se manifesta como um sentimento negativo.

3. *Uma Obra* da *Carne*. Faz-nos pensar com sobriedade quando descobrimos que os ciúmes fazem parte da lista de vícios ou obras da carne, em Gálatas 5:19 e onde aparece a palavra grega *zelos*. Nesse caso, ciúmes é apenas um outro nome para egoísmo. Certamente envolve tanto o ódio quanto o ressentimento, levando a pessoa ciumenta a muitos atos desordenados. Mas tudo é feito na busca pelo conforto mental do indivíduo ciumento, e não visando ao bem da outra pessoa. O irmão do filho pródigo teve ciúmes dele e isso foi o começo de suas dificuldades (Luc. 15:25-30). As atitudes mentais impróprias são pecados (Mat. 5:21-31), além de serem a inspiração que impulsiona atos pecaminosos. O ciúme e a inveja manifestam-se tão comumente entre os homens porque o ser humano é, essencialmente, um ser egocêntrico. Amar consiste em deixar de lado o egocentrismo. O amor não arde em ciúmes (I Cor. 13:5); não ultrapassa seus legítimos direitos. O amor tem origem divina (I João 4:8), pelo que o crescimento na espiritualidade é o antídoto para todas as modalidades de vício humano.

CLÃ

Não há nenhuma palavra hebraica ou grega que corresponda exatamente à idéia de «clã», nas páginas da Bíblia. Mas o conceito está embutido nos três vocábulos hebraicos e no vocábulo grego ,básico, a saber:

1. *Eleph,* «mil», em Juí. 6:15, que nossa versão portuguesa traduz por «família».

2. *Bayith,* «casa», que aparece, por exemplo, em I Crô. 13:14; II Crô. 35:5,12; Sal. 68:6. Esse vocábulo hebraico é de ocorrência bastante comum. O contexto é que decide se devemos entendê-lo literalmente, referindo-se a uma construção, ou se devemos entendê-lo metaforicamente, com o sentido de família.

3. *Mishpachah,* «família». Termo hebraico que figura por quase trezentas vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 10:5,18,20,31,32; Êxo. 6:14-25; Lev. 20:5; Núm. 1:2,18,20; 3:15 *ss;* 4:2,18,24,29,34-38,40,41,42,44,45,46; Jos. 7:14,17; 13:15,23,24,28, 29,31; Juí. 1:25; I Sam. 9:21; II Sam. 14.7; I Crô. 2:53,55; 7:5; Jer. 1:15; Eze. 20:32; Amós 3:1,2; Zac. 12:12-14; 14:17,18.

4. *Patriá,* «família». Palavra grega que ocorre por três vezes: Luc. 2:4; Atos 3:25 e Efé. 3:15.

Os idiomas semíticos usam palavras para indicar as relações de família de maneiras diferentes das línguas européias. Assim, podemos pensar em uma única família, com laços de unidade bem definidos, ou em uma família com grande complexidade de relações e descendência. Essa complexidade podia incluir até mesmo pessoas que não tinham vínculos de sangue, como concubinas, servos, etc., e não somente os verdadeiramente aparentados por motivo de descendência ou casamento.

CLARO, CLAREZA

Quatro palavras hebraicas e três palavras gregas podem ser assim traduzidas, ou por sinônimos. Os termos geralmente são usados para aludir à luz e como a mesma manifesta-se nos objetos, como opacos, translúcidos ou transparentes, a saber:

1. *Or,* «iluminado». Palavra hebraica que aparece por cerca de cento e setenta vezes, mas, com esse sentido de claro, apenas em Amós 8:9; I Sam. 14:27,29.

2. *Bar,* «claro», «filho». Palavra hebraica que, com o sentido de «claro» aparece apenas em Can. 6:10.

3. *Yagar,* «precioso», «raro». Palavra hebraica que aparece por quarenta e seis vezes, embora apenas por duas vezes com o sentido de «claro»: Zac. 14:6 e Jó 31:26.

4. *Tsach,* «brilhante». Palavra hebraica usada por quatro vezes, mas, com o sentido que nos interessa, apenas por duas vezes: Isa. 18:4 e Can. 5:10.

5. *Agnós,* «puro». Vocábulo grego usado por oito vezes: II Cor. 7:11; 11:2; Fil. 4:8; I Tim. 5:22; Tito 2:5; Tia. 3:17; I Ped. 3:2; I João 3:3.

6. *Katharós,* «limpo». Palavra grega empregada por vinte e cinco vezes: Mat. 5:8; 23:26; 27:59; Luc. 11:41; João 13:10,11; 15:3; Atos 18:6; 20:26; Rom, 14:20; I Tim. 1:5; 3:9; II Tim. 1:3; 2.22; Tito 1:15; Heb. 10:22; Tia. 1:27; I Ped. 1:22; Apo. 15:6; 19:8,14; 21:18,21.

7. *Lambrós,* «brilhante», «iluminado». Palavra grega que aparece por dez vezes: Luc. 16:19; 23:11; Atos 10:30; Tia. 2:2,3; Apo. 15:6; 18:14; 19:8; 22:1,16.

Os céus são adjetivados como claros, em Êxo, 24:10. O resplendor do sol é enfatizado em Can. 6:10, e a clareza do dia em Amós 8:9. No Novo Testamento, a Nova Jerusalém aparece como feita de ouro puro, clara como vidro cristal, o que, aparentemente dá a entender que o ouro é de qualidade tão especial que chega a ser translúcido. Além disso, o rio da água da vida é claro como o cristal.

Implicações Morais. As palavras hebraicas e gregas dão a idéia de algo isento de toda poluição e defeito. No tocante à *consciência,* a idéia é de que esta está livre de qualquer fator condenatório, o que estaria alicerçado sobre algum defeito moral. Quando aplicada à *inteligência,* a idéia subentende total compreensão sobre alguma questão. No tocante à *espiritualidade,* os termos usados referem-se a ela estar sem qualquer coisa que a obscureça ou distorça.

COA

Essa palavra aparece somente em Ezequiel 23:23. O profeta declara ali que o povo de Israel precisava ser punido, por haver adotado a idolatria e as noções fantásticas dos pagãos. Coa aparece entre os povos que influenciaram adversamente a Israel. Essa localidade, evidentemente, deve ser identificada com os Kutu localizados a leste do rio Tigre e ao sul da porção inferior do rio Zabe, ou seja, a nordeste da cidade da Babilônia.

COATE, COATITAS

O termo hebraico **Kohate** significa «assembléia». Coate foi o segundo dos três filhos de Levi: Gérson, Coate e Merari (Gên. 46:11). Foi o pai de Anrão, Jizar, Hebrom e Uziel (Núm. 3:19). Acerca dele porém, sabemos apenas que foi para o Egito, na companhia de Levi e Jacó (Gên. 46:11) e que sua irmã chamava-se Joquebede (Êxo. 6: 18). Viveu em torno de 1870 A.C. Seus descendentes, os coatitas, formavam uma das três grandes divisões dos levitas, que continha a família sacerdotal que descendia Arão (Êxo. 6: 18-20). Seus deveres específicos incluíam o de transportar a arca e os vasos sagrados (Núm. 4:15; 7:9). A herança deles (daqueles que não eram sacerdotes) cabia entre a meia-tribo de Manassés, em Efraim (I Crô. 6:61-70) e em Dã (Jos. 21:5,20,26).

Após a conquista da Palestina, os coatitas eram tratados conforme eram tratadas todas as famílias levíticas. Eles receberam cidades e pastagens, nada menos de dez (Jos. 21:20-26), quatro delas no território de Efraim, quatro outras no território de Dã, e duas no território da meia-tribo de Manassés. Nos dias de Davi, estiveram envolvidos no serviço da casa do Senhor. Hemã e Uriel foram os principais coatitas ocupados desse serviço. Eles ajudaram no retorno da arca a Israel, depois que a mesma fora tomada pelos filisteus (I Crô. 15:3-5). Também estiveram envolvidos em dois movimentos reformadores, a saber, aquele durante o reinado de Ezequias, entre 715 e 687 A.C. (II Crô. 29:1,2-16) e aquele durante o reinado de Josias, quando o templo de Jerusalém sofreu reparos. Zacarias e Mesulão eram levitas e coatitas que foram postos sobre o trabalho do templo (II Crô. 34:12).

COBERTA

No hebraico, **semikhah,** de sentido ainda incerto. A palavra aparece somente em Juí. 4:18, para indicar o artigo usado por Jael, mulher de Héber, queneu, para cobrir Sísera, general do rei cananeu Jabim, que por vinte anos vinha oprimindo duramente a Israel. Em batalha contra as forças dirigidas por Débora e Baraque, Sísera fugiu e refugiou-se na tenda de Jael. Apesar dele estar fugindo para não perder a

vida, isso representava uma grande falta contra a intimidade e bom nome da esposa de um homem. Astutamente ela fingiu-se acolhedora, cobrindo-o com algum tipo de coberta. Mas, quando Sísera dormia de cansado, Jael apanhou uma estaca e cravou-a na fronte do general cananeu, o qual morreu. Os estudiosos reconhecem que a palavra hebraica em foco pode indicar um tapete, um cobertor, uma capa, etc., pelo que a tradução «coberta», usada em nossa Bíblia portuguesa, é boa, pois não define a natureza exata do artigo usado por Jael.

COBERTA PARA A CABEÇA, VÉU

A arqueologia tem descoberto muitas informações sobre as antigas cobertas para a cabeça. As evidências incluem pinturas, relevos e referências literárias. As descobertas arqueológicas mostram que os primeiros habitantes da Palestina andavam de cabeça descoberta. As primeiras cobertas para a cabeça eram simples faixas (I Reis 20:38,41; onde nossa versão portuguesa diz «venda»), ornamentadas de vários modos. As mulheres, naturalmente, usavam um véu que cobria totalmente os seus cabelos. Também punham panos na cabeça, quando transportavam cargas equilibradas no alto da cabeça. Ver o artigo sobre *Véu*. Os sacerdotes usavam turbantes de pano feitos de linho (Êxo. 39:28). Todas as cobertas dessa natureza eram tiradas em tempos de lamentação (Isa. 61:3; Eze. 24:17,23). Nessas ocasiões, a cabeça era coberta com as mãos, ou recoberta de pó ou cinzas (II Sam. 13:19; Lam. 2:10). O sumo sacerdote usava seu próprio tipo de turbante (Êxo. 28:4; 29:9; Lev. 8:13). Tanto os homens quanto as mulheres de alta classe usavam o *sanip,* uma coberta para a cabeça feita de pano retorcido.

Regulamentos Paulinos. O uso generalizado de cobertas para a cabeça, entre os homens, nos dias do Antigo Testamento, tem feito alguns questionarem os preceitos de Paulo a respeito, em I Cor. 11:4. Segundo ele, um homem não deveria orar ou profetizar com a cabeça coberta. É de presumir-se que os judeus da época apostólica não podiam participar das funções religiosas com a cabeça coberta. Porém, isso não impediria que eles usassem algum tipo de turbante, ou coisa parecida, em outras oportunidades. A regra de Paulo não estava alicerçada sobre meros costumes. Antes, ele afirma que essa regra estava baseada no fato de que o homem é a imagem de Deus, pelo que o homem não deveria desfigurar essa imagem, cobrindo-a por ocasião da adoração. Antes, essa imagem deveria ser evidente, por ocasião da adoração. Por outra parte, a mulher deve cobrir a cabeça, durante os cultos religiosos, mormente ao orar e profetizar, porque isso serre de sinal da sua sujeição ao marido. Ver o artigo geral sobre *Vestes.*

COBIÇA

Há várias palavras hebraicas e gregas envolvidas, a saber:

1. *Avvah,* «desejo por si mesmo». Palavra hebraica usada por quatro vezes: Deu. 5:21; Pro. 21:26; Sal. 45:11; Pro. 23:3.

2. *Chamad,* «desejar». Verbo hebraico usado por catorze vezes. Por exemplo: Êxo. 20:17; Jos. 7:21; Miq. 2:2; Deu. 5:21; 7:25; Jó 20:20; Isa. 1:29; 53:2.

3. *Batsa,* «Ganhar (ilegalmente)». Palavra hebraica usada por oito vezes com o sentido de cobiçar. Por exemplo: Hab. 2:9; Pro. 1:19; 15:27.

4. *Epithuméo,* «fixar a mente sobre». Palavra grega usada por dezesseis vezes: Mat. 5:28; 13:17; Luc. 15:16; 16:21; 17:22; 22:15; Atos 20:33; Rom. 7:6; 13:9 (citando Êxo. 20: 15,17); I Cor. 10:6; Gál. 5: 17; I Tim. 3:1; Heb. 6:11; Tia. 4:2; I Ped. 1:12; Apo. 9:6.

5. *Orégomai, «estender* os braços para». Termo grego usado por três vezes: I Tim. 3:1; 6:10; Heb. 11:16.

6. *Pleoneksía,* «desejo de mais». Substantivo grego usado por dez vezes: Mar. 7:22; Luc. 12:15; Rom. 1:29; II Cor. 9:5; Efé. 4:19; 5:3; Col. 3:5; I Tes. 2:5; II Ped. 2:3,14. O adjetivo, *pleonéktes,* «cobiçoso» aparece por quatro vezes: I Cor. 5:10,11; 6:10; Efé. 5:5.

A cobiça pode ser definida como o desejo desordenado de adquirir coisas, posição social, fama, proeminência secular ou religiosa, etc. Pode incluir a, tentativa de apossar-se do que pertence ao próximo. A cobiça geralmente aumenta com a idade, ao invés de diminuir, dando origem a certo número de males. A cobiça promove a alienação de Deus, a opressão e a crueldade contra o próximo, a traição e as manipulações e desonestidades de toda espécie. É um dos principais fatores por detrás de todas as guerras. Os indivíduos e os grupos mostram-se cobiçosos. As nações incorporam o princípio da cobiça em suas leis. Os hebreus condenavam esse pecado, que aparece como um dos dez mandamentos (que vide). Aparece em Êxodo 20:17. A mensagem é que coisa alguma pertencente a outrem, deve ser desejado. Quase sempre, o desejo desordenado da cobiça provoca alguma ação para que o cobiçoso adquira o que quer, ou para que persiga o possuidor do objeto ou da pessoa cobiçados. Esse mandamento chega perto do adultério, visto que uma das coisas que pode ser cobiçada é a esposa de outro homem.

O Novo Testamento Condena Também a Cobiça. Os cobiçosos anelam por ter mais dinheiro (Atos 20:33; I Tim. 6:9; Rom. 7:7). A cobiça pode expressar-se sob a forma de violência (II Cor. 2:11;7:2). Mas Jesus repudiou o espírito ganancioso (Mat 7:22). A cobiça é alistada entre os pecados frisados por Paulo, em Efésios 4:19. A cobiça é uma forma de auto-adoração que expulsa Deus de nossas vidas (Efé. 5:5; Col. 3:5). Aparece na lista dos vícios dos povos pagãos, em Romanos 1:29. Apesar de não ser especificamente alistada entre as obras da carne, em Gálatas 5:19-21, a cobiça é uma das causas de várias daquelas obras carnais, como o adultério, o ódio, as dissensões, a beligerância, etc., devendo ser incluída entre as «tais coisas» que Paulo mencionou, e que não permitem que uma pessoa chegue ao reino de Deus (Gál. 5:21).

Exemplos Bíblicos de Cobiça. Labão (Gên. 31:41); Acã (Jos. 7:21); os filhos de Eli (I Sam. 2:12); Saul (I Sam. 15:9,19); Acabe (I Reis 21:2); os nobres dos judeus (Nee. 5:7); a Babilônia (Jer. 51:13); Judas Iscariotes (Mat. 26:14,15); os fariseus (Luc. 16:14) Ananias (Atos 5:1-10); Félix (Atos 24:26); Balaão (II Ped. 2:15; Jud. 11).

A cobiça é alistada como um dos pecados mortais, pela Igreja Católica Romana. Ver o artigo sobre *Pecados Mortais e Veniais.* (TOR S)

COBRA Ver **Serpentes (Serpentes Venenosas).**

COBRE

O cobre é um elemento metálico não ferroso que ocorre em estado metálico livre, na natureza. A arqueologia tem mostrado que o cobre já era usado em cerca de 8000 A.C. Os objetos eram moldados a marteladas. — Foi o substituto da pedra, usada pelos homens neolíticos. Talvez desde 6000 A.C. o cobre vem sendo moldado em moldes, assumindo objetos de muitos formatos. Em cerca de 5000 A.C., apareceram armas e instrumentos de muitos tipos, feitos de cobre. Muitos desses objetos têm sido encontrados pelos arqueólogos nos túmulos antigos do Egito e em outros lugares, onde, supostamente, serviriam aos falecidos. Em cerca de 3700 A.C., esse metal foi fundido juntamente com o estanho, sendo produzido o bronze (que vide). A julgar pelas observações feitas por Hesíodo e Lucrécio, a arte do fabrico de instrumentos de cobre é mais antiga que a do ferro. Era encontrado em grandes massas, podia ser fundido e moldado com maior facilidade do que o ferro, e isso o tornava uma opção preferível. O trecho de Deuteronômio 8:9 indica que havia muito cobre na Palestina. Davi deixou grande quantidade desse metal, para ser usado na construção do templo de Jerusalém (I Crô. 22:3-14). Muitos dos vasos usados nesse templo eram feitos de cobre (Lev. 6:28; Esd. 8:17), como também armas, capacetes, armaduras, escudos e lanças (I Sam. 17:5,6,38). Também havia correntes feitas desse material (Juí. 16:21).

Chipre era um dos grandes centros produtores de cobre, desde cerca de 3000 A.C. E suas minas de cobre eram uma das razões pelas quais egípcios, assírios, fenícios, gregos, persas e romanos tanto se interessavam por controlar a ilha. Os romanos chamavam o minério de cobre de *aes cyprium,* isto é, «minério de Chipre». Até hoje o cobre é extraído em Chipre.

A arqueologia tem mostrado que havia minas de cobre na península do Sinai, desde cerca de 3800 A.C. As condições que prevaleciam nessas minas são mencionadas em uma inscrição pertencente ao reinado de Amenemete III, de cerca de 1800 A.C.

Moisés instruiu o povo de Israel a buscar cobre (Deu. 8:9), e um dos acampamentos relacionados às vagueações por quarenta anos, no deserto, Dofca, mencionado em Números 33:12, contava com depósitos de cobre nas proximidades. Esse lugar tem sido identificado com a moderna Serabit el-Khadem. Ali os egipcios extraíam cobre e turquesas desde os tempos mais remotos. Salomão extraia cobre da Arabá. Havia fundições perto de Eziom-Geber, no começo do golfo de Áqaba, bem como em várias localidades ao longo do vale do rio Jordão. Esse metal era exportado a partir de Eziom-Geber (I Reis 9:26-28).

O cobre, em seu estado natural, tem cor vermelho-cobre, é dúctil e maleável. Algumas vezes é encontrado sob a forma de folhas ou placas, mas geralmente é descoberto sob a forma de grandes massas. (S Z)

COCEIRA

Ver sobre as **Doenças.**

COCHEIRO

Ver o artigo geral sobre as **Carruagens.** No Antigo Testamento encontramos o termo «cocheiro» (I Reis 22:34 e II Crô. 18:33; no hebraico *rakkab*), em alusão ao carro de guerra de Acabe. — Algumas vezes, um carro de guerra era tripulado por um único guerreiro ou capitão; mas, usualmente, havia um cocheiro que guiava o carro, deixando o capitão livre para a sua tarefa de matar. E também podia haver um terceiro homem, o escudeiro.

CÓDIGO DE SANTIDADE

Ver **Santidade, Código da.**

CÓDIGO SACERDOTAL

Nas obras bíblicas em inglês, a abreviação desse código é *P*. Essa é considerada a mais recente e a mais ampla das quatro camadas literárias e legislativas principais do Pentateuco. Essas quatro camadas literárias chamam-se «J» «E» «D» e «P», supostas fontes de material histórico. No artigo sobre o Pentateuco, nesta enciclopédia, prestamos informações sobre essa questão, onde é abordada a história da alta crítica (que vide), no que concerne aos cinco primeiros livros da Bíblia. Presumivelmente, o documento «P» teria sido a fonte para os trechos de Êxo. 25—31; 35—40; Lev. 1—16; Núm. 11:1—10:28, além de porções dispersas pelo livro de Gênesis, Êxo. 1—24; Lev. 17—16; Núm. 11—36 e porções de Deu. 31—34. Alguns estudiosos também atribuem considerável porção do livro de Josué a essa fonte. O documento «P» é considerado como o mais recente dentre as fontes literárias do Pentateuco, estando inspirado pelo espirito do legalismo e do separatismo que, presumivelmente, surgiu entre os exilados judeus na Babilônia, nos séculos VI e VII A.C. Refletiria os pontos de vista de sacerdotes ativistas descendentes de Sadoque (que vide) que teriam retornado da Babilônia em 458 A.C., e depois. Foi composta na Palestina, essencialmente no quinto século A.C., e registra (falando em termos gerais) os rituais religiosos do templo em Jerusalém, de c. 400 A.C., e depois. Foram os escritores e redatores posteriores de P (S=código sacerdotal) que, antes dos outros, incorporaram o mais antigo *código de santidade* (Lev. caps. 17-26, dos séculos III a VI A.C.), nas escrituras deles, e então combinaram os documentos mais antigos, J, E e D, com seus próprios escritos, assim formando o *hexateuco* (que vide). Depois, por razões teológicas, omitiram Josué, e com isto, formaram o Pentateuco. A teoria inteira, com críticas, é discutida no artigo sobre o *Pentateuco*. Aqui eu tenho retido as abreviações inglesas, que naquele artigo são esclarecidas com seus equivalentes portugueses. Ver as abreviações separadamente: J=Jeová; E=Elohim; D=escritores-redatores de Deuteronômio; P=priestly, ou em português: S=Sacerdotal.

CODORNIZ

Embora a origem do nome seja incerta no hebraico, é quase certo que a tradução «codorniz» seja correta, porque nenhuma outra ave ajusta-se tão bem à narrativa bíblica (Êxo. 16:13; Núm. 11:31,32; Sal. 105:40). Tal ave teria de ser limpa e teria de viver em bandos. A revoada miraculosa de codornizes ocorreu por duas vezes: no deserto de Sim, a sudoeste da península do Sinai, cerca de seis semanas após à partida do Egito; e em Quibrote-Ataavá, não muito distante dali, um ano mais tarde. Na primavera e no outono, o vento leva essas pesadas aves migratórias para o Egito, e, em número mais reduzido, para a península da Arábia. A carne da codorniz é saborosa, também apreciada pelos egípcios (Heródoto 2.77; Aristóteles, *Hist.* 7:14; Plínio, *Hist. Nat.* 10.24,64). O elemento miraculoso do caso foi o momento preciso do fenômeno.

Há alguma dificuldade quanto à tradução do trecho de Núm. 11:31. Há versões que dizem que as aves ficaram espalhadas pelo arraial dos israelitas «cerca de dois côvados sobre a terra» (conforme diz nossa versão portuguesa). A RSV, em inglês, dá a entender que elas voam baixo, cerca de dois côvados (um metro) do chão, uma tradução preferível. As codornizes precisam da ajuda de vento forte para voar longas distâncias, embora possam voar vigorosamente pequenas distâncias sem tal ajuda. Isso explica a menção do «vento do Senhor», em Núm. 11:31.

COELE-SÍRIA

Esse nome vem do grego, e tem o sentido de «Síria oca», expressão usada para indicar certas porções da Síria-Palestina. Existe desde o século IV A.C., referindo-se ao grande vale que se estende desde a planície de 'Amq, ao norte, até o mar Morto, ao sul. Era expressão usada especificamente para aludir à planície de Biqâ, entre as montanhas do Líbano e do Antilíbano. Nos tempos helenistas, monarcas selêucidas e ptolomeus exerceram ali a sua autoridade. No século III A.C., os Ptolomeus controlavam a região, chamando-a simplesmente de *Síria*. Porém, em 200 A.C., os Selêucidas conquistaram essa porção da Síria, e, a fim de distingui-la de certas porções do mesmo território, que eles já controlavam, chamaram-na de Coele-Síria. Os membros da família dos Hasmoneanos usaram o termo em sentido mais restrito, aplicando-o somente à planície de Biqâ. No século II D.C., Sétimo Severo criou uma nova província que incluía a totalidade do norte da Síria, excluindo a planície de Biqâ, usando esse nome como designação. Naquele tempo, a planície de Biqâ tornou-se parte da Síria Fenícia. A Bíblia canônica não envolve o nome, mas este aparece nos livros apócrifos, em I Macabeus 10:69; II Macabeus 3:5,8; 4:4; 8:8; 10:11; I Esdras 2:17,24,27; 6:29; 7:1;8:68; com alguns paralelos em Esdras 4:11,16,20; 6:8,13, 8:36. Em I Esdras 6:3 a área é simplesmente chamada de Síria. A Coele-Síria era uma divisão administrativa da província da Síria, após a ocupação romana, em 64 A.C. Herodes foi nomeado governador militar dessa região por Sexto César, em 47 A.C., e novamente, por Cássio, em 43 A.C. (ND S Z)

COELHO (ARGANAZ)

No hebraico, **shaphan,** que ocorre em Lev. 11:5; Deu. 14:7; Sal. 104:18 e Pro. 30:26.

Geralmente é difícil identificar itens da flora e da fauna, na Bíblia. Os nomes antigos não foram cunhados de acordo com alguma classificação cientifica. Essa palavra hebraica tem sido variegadamente traduzida, como «lebre», «texugo». Os eruditos modernos preferem pensar em um animal cuja aparência externa o classificaria juntamente com o coelho. Nossa versão portuguesa, com a tradução arganaz, dá a entender que se trataria antes de um animal parecido com o rato do campo. A determinação do animal envolvido requer a observação do que a Bíblia diz sobre sua natureza e seus hábitos, além do conhecimento se a Palestina era habitat desse animal, ou não. A espécie preferida pelos estudiosos modernos é um animal pequeno, semelhante ao coelho, dotado de cascos nas patas. Seu moderno nome científico é *Procavia*, que abriga-se nas fendas das

rochas. Também há uma variedade que é arbórea, cujo nome científico é *Dendrohyrax*. Portanto, não estamos realmente tratando com algum rato ou coelho. A referência de Deu. 14:7 de que esse animal rumina mas não tem o casco fendido, e a de Sal. 104:18, que diz que ele se refugia nas rochas, concorda com os hábitos da Procavia. Embora similar ao coelho quanto ao tamanho e ao peso, bem como à aparência externa, anatomicamente o animal é classificado como aparentado do elefante. As espécies encontradas nos jardins zoológicos modernos usualmente são da variedade síria, o animal referido na Bíblia. O Antigo Testamento proíbe o uso desse animal na alimentação humana, embora não saibamos os motivos exatos dessa proibição. Os árabes consomem esse animal o qual também é muito caçado em certas regiões da África. Dizem que sua carne é rija e seca. Atualmente, esse animal é muito mais raro na Palestina do que nos dias antigos, mas ainda pode ser encontrado na Alta Galiléia. (WALK)

COENTRO

No hebraico, **gad,** termo que figura apenas por duas vezes: Êxo. 16:31 e Núm. 11:7. O coentro é uma semente aromática redonda. A planta do coentro (*Coriandrum sativum*) medra nativa na Palestina e em países circunvizinhos. Suas sementes são globulares, e, quando secas, são agradáveis ao paladar e ao olfato. Podem ser salpicadas com açúcar, tornando-se uma espécie de confeito. As sementes de coentro eram usadas para dar sabor aos alimentos. Estamos informados de que as partículas do maná (que vide) tinham o formato de sementes de coentro. Ver Êxo. 16:31 e Núm. 11:7. Modernamente, usa-se o coentro para dar maior sabor ao gim ou então para dar certo sabor aos doces ou ao pão.

COFE

Essa é a décima nona letra do alfabeto hebraico. Em Salmos 119, a letra é usada para introduzir a décima nona porção. Ali, cada versículo começa com essa letra, no original hebraico. Ver sobre o *Alfabeto.*

COISAS CONSAGRADAS

O termo hebraico envolvido é **cherem,** usado por cinco vezes nesse sentido: Lev. 27:21,28,29; Núm. 18:4. Esse vocábulo hebraico indica algo consagrado ao serviço divino, embora também possa indicar algo maldito, ou algo determinado para a total destruição. Esse termo hebraico está relacionado à palavra árabe *haram,* «consagrado», como é o caso da área consagrada da Mesquita de Omar, em Jerusalém. É precisamente dessa palavra que nos vem o termo *harém,* o lugar consagrado à guarda das mulheres de um homem, ou o próprio grupo dessas mulheres vedadas a qualquer outro homem que não o senhor delas. O termo hebraico é muito amplo, referindo-se a qualquer tipo de destruição, como aquele que ocorre nas guerras, ou quando são proibidas certas coisas. Ver Lev. 27:21,28,29; Núm. 18:14; Eze. 44:29, onde há o uso religioso da palavra, e onde aparecem oferendas *consagradas* a um uso santo. O trecho de Lev. 27:28 encerra a declaração geral de que todas as coisas consagradas a Deus são santas. Também havia pessoas que se consagravam ao Senhor (Lev. 27:29). Em sentido negativo, certas coisas eram separadas para serem destruídas (Lev. 27:29, onde estão em foco cativos de guerra). Os amalequitas foram postos sob interdição, a fim de serem destruídos (I Sam. 15:3-33). Apesar de ser verdade que a guerra mais total é aquela em que pode haver a destruição de inocentes, devido a uma misericórdia mal orientada (Sal. 106:34-38), também é verdade que em tudo isso estamos abordando uma sociedade constituída por homens brutais. A violência é um dos grandes sinais da degradação humana, sem importar em que época e de que maneira se manifeste essa violência.

COLA

Um lugar mencionado juntamente com Cabai, em Judite 15:4. Esse lugar nunca foi identificado, embora alguns eruditos o identifiquem com Holom, que figura em Jos. 15:51.

COLAÍAS

No hebraico, «a voz de Yahweh». Há dois homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um antepassado de uma família benjamita que se estabeleceu em Jerusalém, após o exílio babilônico (Nee. 11:7).
2. O pai do profeta falso, Acabe (Jer. 29:21).

COLCHAS

No hebraico, **marbaddim.** O sentido dessa palavra hebraica é incerto. Ela ocorre somente em Pro. 7:16 e 31:22. Isso não impediu, porém, que a mesma palavra hebraica fosse traduzida por «cobertas», em Pro. 31:22. Nada mais se pode dizer a respeito, além do fato de que deviam ser uma espécie de «coberta». É muito difícil que esteja em foco alguma espécie de «tapete», conforme dizem algumas versões estrangeiras, porquanto, na primeira dessas referências, está em pauta um leito: «Já cobri de colchas a minha cama...» O resto desse versículo, além disso, dá-nos a entender que se tratava de um tecido fino: «...de linho fino do Egito, de várias cores».

COLCHETES

No hebraico, **qerasim,** palavra que ocorre por dez vezes: Êxo. 26:6,11,33; 35:11; 36:13,18,33.

Seriam ganchos ou colchetes, usados no tabernáculo, armado no deserto. A LXX traduziu a palavra por *krikoi,* anéis, mas é evidente que os tradutores se equivocaram quanto ao sentido da palavra. Havia cinqüenta colchetes de ouro que juntavam cortinas de linho uma à outra; e havia cinqüenta colchetes de cobre, que juntavam as cobertas de peles de cabras. Ver sobre o *Tabernáculo.*

Nesses trechos, onde a palavra ocorre, aparecem as especificações para a ereção do tabernáculo, com provisões para o seu transporte de um lugar para outro. No tocante à natureza dos colchetes, parece que estes compunham-se de uma espécie de botão que prendia um laço, que vinha da outra cortina. Talvez em um lado de cada cortina houvesse botões e do outro lado da mesma cortina houvesse laços. Quando esses laços eram presos nos respectivos botões, as cortinas ficavam unidas (Êxo. 26:4-6)..

Há uma dificuldade envolvida nas orientações baixadas em Êxo. 26:33, onde se lê que o véu que separava os dois lugares — o Lugar Santo do Santo dos Santos — ficava pendurado «debaixo dos colchetes». Se supormos que os colchetes haviam sido postos na metade do comprimento total do tabernáculo, isso faria os dois lugares santos terem exatamente as mesmas dimensões, contrariamente à noção comum de que o Lugar Santo teria o dobro das dimensões do Santo dos Santos. Portanto, o termo «debaixo» deve ser interpretado com alguma latitude, ou então o conceito ordinário sobre o arranjo das cortinas, ou sobre as dimensões dos dois aposentos santos, terão de ser revisados. Na realidade, a descrição do livro de Êxodo não se refere a dimensões.

COLHEITA

No hebraico, **terminar.** No gregos **therízo.** Ato de cortar e recolher o produto dos campos, usualmente no fim do verão. No litoral e no vale do Jordão, a colheita do trigo começa em abril; na região montanhosa a cevada é colhida em meados de maio, o trigo ligeiramente mais tarde. Assim, toda a colheita durava cerca de três meses. O produto da terra era cortado com uma foice, ou arrancado à mão pelas raízes. No livro de Levítico há uma legislação acerca da colheita. Os colhedores deveriam deixar intocadas as extremidades dos campos, para benefício dos pobres (Lev. 19:9; 23:22). No sétimo e no quinquagésimo anos, não havia colheita.

A semeadura e a colheita serviam para ilustrar o investimento e sua recompensa. Para exemplificar, lemos em Pro. 22:8: «O que semeia a injustiça segará males...» Algo um tanto oposto se lê em Sal. 126:5: «Os que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifarão». «E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada», lemos em Apo. 14:16.

O Pentecoste era a festa que melhor guardava seu caráter de festa da colheita. A origem da festa dos tabernáculos ligava-se com a colheita das uvas, que começava em agosto e podia terminar em outubro. As primícias e os dízimos da colheita eram entregues no santuário de Jerusalém. Em sentido figurado, o resultado dos atos humanos é chamado de colheita (Pro. 28:8; Jó 4:8). O homem colhe o fruto de suas obras (Gál. 6:7 ss; I Cor. 9:11. II Cor. 9:6. João 4:36-38). Nos profetas e no N.T., a intervenção escatológica de Deus também é uma colheita, a qual torna-se símbolo do juízo, no fim de nossa dispensação (Joel 4:13; Isa. 27:11; Mat. 3:12; 13:30; Mar. 4:29 e Apo. 14:15 ss).

Ver o artigo sobre o *Calendário,* onde há um gráfico que alista as diversas colheitas que se faziam na Palestina, bem como as condições atmosféricas, etc., mês após mês. A palavra «colheita» com freqüência é usada para indicar o recolhimento dos produtos agrícolas. As principais colheitas, referidas nas Escrituras, eram as do trigo, cevada, uvas, azeitonas, figos, romãs (Deu. 8:8), linho, entilha, sésamo, centeio, feijão, ervilha, pepino, alho, alho-porro, melão e cebola. — Das árvores frutíferas eram colhidas as amêndoas, as tâmaras, as castanhas e as nozes. Ver o artigo geral sobre a *Agricultura,* quanto a maiores detalhes.

Usos metafóricos. 1. O julgamento, Jer. 51:33; Apoc. 14:15. 2. A colheita espiritual de almas pela pregação do evangelho, Mat. 9:27; João 4:35. 3. O *fim* do mundo, Mat. 13:39. 4. *Elementos.* Orvalho, no tempo da colheita = o cuidado de Deus, Isa. 18:4. O frio neste tempo simboliza um mensageiro fiel.

Ver o artigo separado *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura.*

COL-HOZE

No hebraico, «vidente total». Era descendente de Judá, filho de Hazaías e pai de um homem de nome Baruque (Nee. 11:5). Viveu em cerca de 445 A.C. Teve um descendente de nome Salum, que ajudou a reparar as muralhas de Jerusalém, após o cativeiro babilônico (Nee. 3:15). Mas alguns intérpretes pensam que essa palavra significa antes o nome de uma família, e não o nome de um indivíduo; ou então ambas as coisas, um nome individual e um nome coletivo.

COLUNA

Há oito palavras hebraicas e uma palavra grega envolvidas:

1. *Ammud,* «coluna». Termo hebraico que ocorre por cento e nove vezes. Por exemplo: Êxo. 13:21,22; Nú. 3:36,37; Juí. 16:25,26,29; II Reis 11:14; Sal. 7:53, Can. 3:10; Jer. 1:18; Eze. 40:49; 42:6.

2. *Omenoth, «colunas».* Palavra hebraica no plural que só ocorre em II Reis 18:16.

3. *Misad,* «suporte». Palavra hebraica que também só aparece por uma vez, em I Reis 10:12.

4. *Matstsebah,* «algo levantado». Palavra hebraica usada por doze vezes. Por exemplo: Gên. 28:18,22; Êxo. 24:4; II Sam. 18:18; Isa. 19:19.

5. *Matsuq,* «coisa fixa». Palavra hebraica usada, com esse sentido, apenas por uma vez, em I Sam. 2:8.

6. *Natsab,* «estabelecido». Palavra hebraica usada no A.T., apenas por uma vez, com o sentido de «coluna». Ver Juí. 9:6.

7. *Netsib,* «monumento». Palavra hebraica usada por apenas uma vez com esse sentido, em Gên. 19:26.

8. *Timeroth,* «colunas». Palavra hebraica empregada por duas vezes com esse sentido, porque geralmente significa «palmeiras»: Can. 3:6; Joel 2:30.

9. *Stúlos,* «coluna». Palavra grega usada por quatro vezes: Gál. 2:9; I Tim. 3:15; Apo. 3:12; 10:1.

Uma coluna é um poste firme, posto na posição vertical, que pode ser usado para suportar porções superiores de um edifício, embora também em posição ereta, isolada ou em grupo, sem qualquer função de apoio.

1. *Uso Antigo.* Talvez o mais antigo uso de uma coluna seja o de servir de marco, como monumento ou como sinal de voto (símbolo e função religiosos). Nesses casos, usualmente uma única coluna era usada. Poderia ser apenas uma pilha de pedras (Gên. 28:18; 31:46). A «pedra de Ezel» (I Sam. 20:19), provavelmente era alguma espécie de marco, sob a forma de uma coluna. Jacó erigiu uma espécie de coluna sobre o sepulcro de Raquel (Gên. 35:20). A coluna monolítica e os obeliscos de Petra, em Iduméia, são exemplos de uso similar. Absalão mandou levantar uma coluna monumental em memória sua (II Sam. 18: 18). Embora ali seja usada a palavra hebraica *massebah,* <estátua>, a nossa versão portuguesa a traduz por <coluna>.

A adoração dos cananeus empregava a coluna votiva e a coluna memorial. Ao povo de Israel foi ordenado que derrubassem as colunas usadas na adoração pagã, como a dos cananeus (Êxo. 23:24). Essas colunas eram erigidas ao ar livre, ou então no interior de algum lugar de adoração (II Reis 10:26; 17:10). Essas colunas eram chamadas «colunas de Baal (II Reis 3:2). Os arqueólogos encontraram e reergueram uma coluna que havia defronte do templo de Baal-Berite. Os israelitas não podiam usar colunas em seu culto religioso (Lev. 26:1). Contudo, era-lhes permitido usar pedras memoriais, que podiam ser empilhadas, formando uma espécie de coluna.

2. *Nas Construções.* As casas e os templos do oriente tinham muitas colunas. Ver o artigo sobre *Casa* II.14. Ver também o artigo sobre a *Arquitetura* . Colunas eram usadas para fechar área, para sustentar tetos planos, ou para dar apoio a toldos ou cortinas. Sansão fez um templo inteiro vir abaixo, quando derrubou suas duas principais colunas de sustentação (Juí 16:26). A prática geral, nas construções orientais, de sustentar tetos planos mediante colunas, ou para cobrir espaços abertos mediante toldos estendidos em colunas, levou ao grande uso delas, nas construções antigas. As colunas eram feitas de madeira, de pedra ou de vários metais. Têm sido descobertos exemplares de colunas de madeira, em Nínive.

3. *No Templo de Jerusalém.* Salomão lançou mão de colunas, no templo e em seu palácio, em Jerusalém. Em seu palácio havia o Salão das Colunas, que era uma espécie de pórtico com colunas (I Reis 7:6). Essas colunas eram feitas de madeira de cedro, embora também houvesse colunas feitas com a rara madeira de sândalo (I Reis 10: 12). As colunas gêmeas de bronze, chamadas Jaquim e Boaz, foram postas do lado de fora do templo de Jerusalém. Talvez elas sustentassem a arquitrave do vestíbulo da entrada, ou podem ter sido simples colunas memoriais, que nada sustentavam, fazendo o povo de Israel lembrar-se da coluna de nuvem e fogo que guiou o povo de Israel no deserto. Notemos que certas colunas recebiam nomes específicos (I Reis 7:15,22,41,42). As colunas referidas em Ezequiel 40:49 provavelmente eram pilastras (colunas retangulares, com capitel e base). O trecho de Ester 1:6 fala de colunas de mármore, existentes no palácio persa de Susã.

4. *Usos Figurados.* a. Jeremias postava-se como uma coluna de ferro, contra a ímpia nação de Judá (Jer. 1:18). b. A casa da sabedoria está erigida sobre sete colunas (Pro. 9:1). c. A coluna de fogo e de nuvem (que vede) representavam a orientação e os cuidados de Deus por seu povo (Êxo. 13:21,22; 33:9). d. O poder de Deus sacode as colunas da terra (Jó 9:6), e as colunas do céu estremecem diante de sua palavra (Jó 26:11; ver também I Sam. 2:8 e Sal. 75:3). e. Os membros inferiores de um ser humano são as suas colunas (Can. 5:15; Jer. 18:18), onde a idéia de força está em pauta. f. A verdade é comparada a uma coluna e a um alicerce, sobre os quais podemos edificar (I Tim. 3:15). g. As principais personagens da Igreja primitiva, como Tiago, Pedro e João, seriam colunas da fé (Gál. 2:9). h. Aqueles que vencem espiritualmente recebem a promessa de que serão feitos colunas no templo espiritual de Deus (Apo. 3:12). i. As pernas de certo anjo, visto em visão, em Apo. 10:1, eram como colunas de fogo.

COLUNAS DA TERRA

Ver os trechos de Jó 9:6; I Samuel 2:8 e Salmos 75:3. Os antigos hebreus pensavam que a terra repousa sobre gigantescas colunas, e que a terra e suas colunas, por sua vez, repousassem sobre um grande abismo de águas. A terra era imaginada como se fosse plana,

com o hades abaixo de sua superfície. Como se fosse uma abóbada por cima, havia o firmamento, uma substância sólida que separava os céus da terra. Por cima do firmamento havia os céus e a luz primeva. Sob o firmamento estavam fixados os luzeiros secundários, o sol, a lua e as estrelas, especificamente para iluminar a terra. Isso é devidamente explicado no artigo sobre a *Astronomia*, onde o leitor encontrará maiores detalhes. Devemos entender que essas expressões são poéticas. Embora pudessem ser assim utilizadas, essas colunas representavam o que os hebreus antigos acreditavam. De nada adianta tentarmos modernizar essas concepções, atribuindo aos hebreus noções que só surgiram na astronomia moderna. Ver o artigo sobre as *Cosmogonias*, onde oferecemos descrições sobre as crenças de vários povos antigos, inclusive os hebreus.

COLUNAS DE FOGO E DE NUVEM

Quanto a referências bíblicas a respeito, ver Êxo. 13:18,21,22. Núm. 14:14 e também Gên. 9:12-19. Quando Israel vagueava pelo deserto, após sair do Egito, Deus passou a guiá-los, a partir de certo momento, de dia por meio de uma coluna de nuvem e, à noite, mediante uma coluna de fogo. A nuvem fornecia tanto sombra quanto orientação, e o fogo fornecia tanto luz quanto orientação. Isso faz-nos lembrar das fogueiras que as pessoas acendem, quando viajam. Também sabemos que os persas antigos levavam fogo, que eles chamavam de *sagrado e eterno*, sobre altares de prata, à frente de seus exércitos que avançavam. Os romanos apreciavam muito cortejos liderados por tochas. Muitas tochas provocavam nuvens de fumaça. Segundo somos informados pela Bíblia, no caso de Israel, a nuvem se pôs atrás do acampamento de Israel, como proteção contra os egípcios (Êxo. 14:19,20,24).

Também há menção à coluna de nuvem que desceu e pôs-se à entrada da tenda da congregação, quando Moisés ali entrou (Êxo. 33:7-9). Quando Miriã e Arão murmuraram contra Moisés, uma nuvem apareceu em protesto. Essa visão confirmava o fato de que a presença divina acompanhava Moisés. E quando Moisés faleceu, uma nuvem apareceu, na qual manifestou-se a presença divina, a fim de fornecer instruções a Josué (Deu. 31:5). Essas passagens bíblicas têm provocado muitas interpretações, dentre as quais damos abaixo alguns exemplos:

1. *A Interpretação Naturalista.* A Bíblia encerra interpretações poéticas espiritualizadas, acerca de coisas naturais. Assim, a coluna de nuvem podia ter sido formada pela fumaça das tochas que os israelitas levavam enquanto caminhavam, o que também pode ser a explicação da coluna de fogo, à noite. Já vimos como os exércitos antigos iluminavam seu caminho mediante o uso de tochas. Ou então as colunas eram apenas postes onde se levava azeite que queimava produzindo o efeito descrito na Bíblia. Em conexão com isso, pode-se observar que as grandes colunas de bronze, postas na parte da frente do templo de Salomão em Jerusalém, parecem ter sido utilizadas como tochas, de onde subiam nuvens de fumaça. Em I Reis 7: 15 são chamadas colunas; mas, essencialmente, de acordo ainda com essa interpretação, haveria no alto das mesmas, grandes taças onde era queimado óleo ou betume.

Apesar dos paralelos óbvios com outras coisas, a narrativa do Antigo Testamento não parece descrever fenômenos naturais. Tem sido argumentado, porém, que as narrativas sagradas envolvem adornos piedosos, cujo intuito seria fazer a atenção dos leitores centralizar-se mais em Deus, conferindo a essas narrativas uma significação mais religiosa. Porém, tudo quanto realmente sucedeu foi que o povo de Israel marchou através do deserto, com suas tochas, que produziam colunas de fumaça, como se fosse um antigo exército.

2. *A Interpretação Mitológica.* As mentes piedosas anelam por encontrar intervenções sobrenaturais, quando recontam as histórias de seus heróis ou deuses. Assim são criados muitos acontecimentos que, na realidade, nunca ocorreram. A literatura de quase todas as nações tem esses adornos mitológicos; e por que haveríamos de pensar que os hebreus também não criaram os seus mitos?

3. *A Interpretação Sobrenatural.* Não há como ajustar o texto sagrado a qualquer explicação meramente natural. Essas nuvens e chamas agiam como se fossem controladas por alguma mente superior, como quando o fogo ameaçou destruir aqueles que haviam murmurado. Ver Núm. 17:10, ou quando saltou sobre os rebeldes e os consumiu de todo (Lev. 10:2). A mesma ação inteligente é atribuída à conduta das colunas de nuvem e fogo, no relato sobre a caminhada pelo deserto.

COMBUSTÍVEL

Embora o petróleo seja abundante nos países árabes, até hoje Israel não dispõe de reservas ou de produção suficientes. Nas antigas terras bíblicas, os combustíveis derivavam-se de hidrocarbonos vegetais, como madeiras, cascas de árvores, palha, arbustos, raízes secas etc. O único material animal usado como combustível era o estrume seco que, naturalmente, queimava lentamente e soltava um incrível mau cheiro. Os antigos descobriram como fabricar carvão de madeira, em cerca de 2000 A.C., o qual era usado para fundir metais. Isso deu um grande impulso à civilização. Os lares dos nobres, dos ricos e alguns templos contavam com lugares onde o carvão de madeira era queimado para produzir calor, pelo que esse carvão tornou-se um item de exportação ou importação. Quanto a referências veterotestamentárias a respeito, em algum sentido, ver Jer. 36:22; I Reis 17:10; Eze. 4:12 ss; Isa. 44.14-16; Mat. 3:12; 6:30. O trecho de Lam. 5:4 mostra-nos o uso comum dos combustíveis em Israel, porquanto viver sem esses combustíveis era considerado uma grande dificuldade.

COMÉRCIO, NEGÓCIOS E INTERCÂMBIO

Definição dos Termos. O intercâmbio consiste no escambo ou troca de mercadorias. Na época anterior à invenção da moeda, assim eram feitas as negociações entre indivíduos e nações. A idéia sobrevive, por exemplo, em expressões como «intercâmbio de idéias» ou «intercâmbio de tecnologias». O comércio é o intercâmbio em larga escala, sobretudo em níveis internacionais, embora não exclusivamente. Os negócios, por sua vez, envolvem um comércio altamente sofisticado, envolvendo questões como crédito, negociações futuras e múltiplas trocas de mercadorias, geralmente envolvendo tratados ou acordos. Passando dos conceitos mais simples para os mais complexos, estudaremos a questão na seguinte ordem de apresentação:

1. Intercâmbio Local
2. Intercâmbio nos Períodos Intertestamental e Neotestamentário
3. Comércio Internacional
4. Negócios

1. Intercâmbio Local

Os principais produtos locais, transportados pelas estradas da antiga Palestina, eram alimentos de todas as variedades. Esses produtos incluíam os cereais, mormente o trigo, a cevada e outras sementes, como as lentilhas, os feijões e o gergelim. Também devemos pensar nos frutos produzidos em diferentes estações do ano. Os habitantes das cidades consumiam tanto frutos verdes quanto frutos maduros. As uvas, a fruta mais apreciada em Israel, não somente nos tempos antigos, mas também na moderna Israel, onde é a cultura mais largamente difundida na vida agrícola do país, eram consumidas frescas, ressecadas na forma de uvas passas, fermentadas sob a forma de vinho ou vinagre, ou então cozidas até formarem uma espécie de xarope. À semelhança das uvas, os figos eram ressecados para serem usados os meses de inverno, e não apenas durante o verão. As tâmaras sempre foram consideradas um alimento ideal, por estarem sempre frescas e por conterem um alto teor de glicose.

No que concerne aos «adoçantes», havia o mel, tanto da variedade silvestre como da variedade cultivada em apiários cuidados pelo homem. O mel produzido na Palestina podia ser adquirido em diversos sabores, visto que as colméias eram transportadas ao redor,

para as abelhas tirarem proveito das flores que apareciam em diferentes estações do ano. As azeitonas, um outro alimento que os israelitas empregavam durante o ano inteiro, eram preservadas em solução salina ou em azeite. O azeite de oliveira era utilizado de várias maneiras — na cosmetologia, na culinária ou como combustível de lâmpadas antigas, correspondendo às qualidades de primeira, segunda ou terceira categorias. Castanhas de todas as espécies — das quais a amêndoa e a castanha de pinheiro eram as mais vendidas — eram muito procuradas devido ao seu conteúdo oleoginoso, visto que a gordura animal era muito dispendiosa. Legumes de muitas variedades eram vendidas aos habitantes citadinos; em Jericó produziam-se legumes todos os meses do ano.

A maior parte das carnes, como de ovelhas e cabras, era transportada aos mercados como animais vivos. Os compradores ocupavam-se do abate dos animais. O gado vacum servia, primariamente, de animal de fazenda, ocupando o lugar que o cavalo, somente muito mais tarde, veio a ocupar nas fazendas. Somente quando um boi se tornava muito velho para trabalhar, ou quando emagrecia por causa de algum período de seca, era vendido para sua carne servir de alimento. Entretanto, os ricos sempre contavam com carne, no seu cardápio diário, para o que dispunham de gado alimentado em estábulos. Animais selvagens, como os pertencentes à família do gamo, além de grande variedade de aves, encontravam um mercado sempre ativo. Outro tanto se dava no caso dos peixes; mas, nesse caso, as distâncias percorridas pelos vendedores eram necessariamente mais curtas, pois o peixe, se não for congelado, é um alimento extremamente perecível. — E, nos dias da antigüidade, quando não havia ainda frigoríficos e congeladores, o congelamento dependia da neve e do gelo trazidos das montanhas mais altas da porção norte de Israel, pelo que a área que podia dispor dessa vantagem era bastante reduzida. O remédio era apelar para o peixe salgado, que então podia ser consumido em todas as estações do ano e em qualquer lugar. A própria cidade de Roma importava peixes apanhados no mar da Galiléia, onde a pesca tornou-se uma indústria rendosa, regularmente organizada. Os laticínios, como o leite, a coalhada e o queijo, faziam parte de um comércio rendoso.

Alimentos não facilmente perecíveis, como os cereais, o azeite e o vinho eram vendidos em pequenos armazéns, existentes nas cidades. Mas os alimentos perecíveis eram geralmente vendidos em mercados diários, semelhantes às modernas feiras, armados extramuros. Nas cidades maiores, animais de porte como ovelhas e cabras, eram talvez vendidos em alguma das portas da cidade, ao passo que legumes e frutas eram vendidos em outra das portas. Chegada a estação das frutas, os vendedores saiam a oferecer os seus produtos de rua em rua.

Tanto os ricos quanto os pobres apreciavam os condimentos e as especiarias. Naturalmente, o motivo disso era o problema da preservação dos alimentos, em uma época em que o congelamento era desconhecido, a não ser em escala muito reduzida, mediante o uso da neve e do gelo extraídos dos montes mais elevados. Entre os condimentos podemos incluir o anis, as folhas de louro, o coriandro, o cominho, a alcaparreira, várias espécies de mostarda, a hortelã, o açafrão e a arruda. Entre os artigos favoritos, dessa classe, estavam as cebolas, os alhos e os alhos porros, que os israelitas da época do êxodo tanto sentiram falta, enquanto vagueavam pelo deserto do Sinai. As especiarias empregadas pelo povo de Israel eram, usualmente, importadas do estrangeiro, principalmente da Arábia. As especiarias mais importantes eram a cássia, o cinamono e o cravo-da-índia.

Os habitantes das cidades iam buscar seu combustível, para ser usado na cozinha, ou no interior, ou nas portas da cidade, onde havia vendedores de lenha ou carvão, ou ainda algum outro material. O melhor combustível era o carvão vegetal; depois vinha a lenha; e, finalmente, os arbustos de espinheiro.

Alguns alimentos eram «mercadorias manufaturadas». Para exemplificar, uma pessoa podia ir a uma padaria comprar pães, bolos e massas,— em vez de preparar esses alimentos em casa. Também era possível comprar uma refeição em uma pequena venda, ou comprar uma bebida em uma adega. A maioria das pessoas, entretanto, pensava em mercadorias manufaturadas em outros termos. Um cozinheiro, por exemplo, precisava de jarras de barro para guardar farinha de trigo, azeite e vinho. Tal pessoa também precisava de jarras para guardar água extraída de cisternas ou poços, jarras para resfriar a água servida à mesa, e copos para servi-la às pessoas. Também eram necessários panelas e pratos, nos quais as refeições preparadas pudessem ser servidas. Objetos de cerâmica eram, quase sempre, uma manufatura local, embora a cerâmica importada atraísse os ricos, como ainda sucede em nossos dias.

Após a indústria da alimentação, a indústria do vestuário ocupava o segundo lugar na ordem de importância. Sempre houve um bom mercado, aberto para a indústria de tecidos e de roupas. As vestes mais caras sempre fizeram parte das listas dos despojos de guerra. O material mais comumente usado, na indústria do vestuário, era a lã; mas o linho era mais caro que a lã. Nos tempos do Novo Testamento, a seda era disponível para os fabricantes, como também o algodão; mas faltava a este a popularidade que se dava à seda. No inverno, usavam-se sobretudos e calçados de lã. As fundas dos pastores eram feitas de lã tecida, embora também houvesse fundas de couro.

Em Israel conhecia-se a arte de trançar talas e ramos diversos. Cestos eram os principais tipos de receptáculos, para transporte de muitos tipos de material. Tapetes de palha trançada tornaram-se uma das coberturas preferidas de pisos. Também havia cabanas feitas com esse material, especialmente no caso daquelas existentes nas vinhas e pepinais, para servirem de postos de vigia. Quando havia necessidade de guardar água, sendo que a cerâmica não era apropriada para esse propósito, usava-se o couro. As sacolas nas quais os semeadores transportavam a semente a ser semeada, eram feitas de tecido ou de couro. Mas os surrões dos pastores mais provavelmente eram feitos de couro. Os odres para vinho e os receptáculos para água eram feitos de couro.

Quando alguém tinha meios suficientes para usar calçados, então havia sandálias, sapatos e botas, todos feitos de couro. Lemos que João Batista usava um cinto de couro. Os fabricantes de artigos de couro ocupavam-se também no fabrico de selas e arreios para os animais. E, nos dias do Novo Testamento, eles também fabricavam as chamadas filactérias. Couro fino também era usado para nele serem copiados exemplares do Antigo Testamento, dos livros do Novo Testamento, que estavam sendo recopiados, além de outros escritos valiosos.

Os que sabiam trabalhar com madeira tinham muito trabalho a fazer. Fabricavam os arados, os trilhos de trilhar o grão, os forcados e as cangas para os animais de carga. Eles também fabricavam as portas e os batentes das mesmas, as janelas e seus batentes, usados nas casas das cidades, sem falarmos em toda a mobília geralmente usada nas antigas residências.

Nas cidades maiores, era comum que todos aqueles que pertenciam a algum ofício vivessem em certa porção da cidade. Assim, havia o quarteirão dos oleiros, o quarteirão dos costureiros, a rua dos padeiros, o mercado de alimentos, etc.

Diferentes seções da Palestina faziam o escambo de seus produtos. Assim, por exemplo, os pastores e os agricultores trocavam suas ovelhas por cereal ou por legumes. Os carvoeiros encontravam um mercado nas áreas onde as florestas já haviam sido derrubadas, e onde, portanto, era muito difícil conseguir lenha. As cidades costeiras, e também Jericó, mandavam sal para as populações distantes da beira mar. Os carpinteiros, mui provavelmente, eram pagos não com dinheiro, mas com outras mercadorias, pelas pessoas para quem prestavam os mais diversos serviços.

A Palestina contava com bem poucas mercadorias a serem exportadas para as nações circunvizinhas. Na verdade, essa situação perdura até hoje, quando a moderna nação de Israel tanto depende das importações. Mas, visto que a Fenícia ressentia-se com a escas-

sez de alimentos, os habitantes do centro e do norte da Palestina vendiam às cidades fenícias cereais, azeite de oliveira, vinho e outros alimentos animais. O Egito era rico em grãos e animais, mas faltavam-lhe o azeite de oliveira e o vinho. Na Síria e na Palestina cultivavam-se os mesmos produtos agrícolas, pelo que havia bem pouco comércio internacional, quanto a esses itens, naquela região em geral, excetuando nos períodos de seca ou de guerra. Quando o uso do camelo generalizou-se, o comércio com a Arábia se tornou comum, e as caravanas chegavam à Palestina, de onde levavam os mais variados alimentos. Uvas passas, figos secos e tâmaras, mui provavelmente, eram produtos desse comercio internacional, porquanto eram facilmente transportados. O linho era vendido para os habitantes da Palestina e para todas as nações circunvizinhas, excetuando o Egito, que era onde se fabricava o melhor linho do mundo, na época.

Os produtos naturais que ainda não foram incluídos na relação acima, eram, primariamente, o cobre, o betume e a lã em estado bruto. Os períodos de maior prosperidade do cobre ocorreram durante a época dos patriarcas, durante o reinado de Salomão e quando da divisão do império salomônico, em sua porção sul. Os períodos intermediários não deixaram indícios em favor da exploração ou não dos grandes depósitos de cobre, nas montanhas de ambos os lados da Arabá, ao sul do mar Morto.

A campanha militar, historiada no décimo quarto capitulo de Gênesis, foi ocasionada pelo desejo de controlar os valiosos depósitos de cobre em Edom e na península do Sinai. Visto que o ferro era o metal ideal, nos dias de Salomão, além de ser relativamente barato (embora outros estudos indiquem que era muito valioso), ele vendia o cobre extraído em seu reino para os povos subdesenvolvidos que viviam em torno do mar Vermelho. Em troca, Salomão recebia ouro, incenso e especiarias raras. O betume encontrava bons compradores no Egito e nas terras adjacentes à Palestina. O betume era extraído na área do mar Morto, que tinha o nome de mar de Asfalto, durante os dias intertestamentários. Todavia, o betume dali era de excelente qualidade, embora existisse em quantidade limitada, precisamente o contrário do que sucedia na Mesopotâmia. O enxofre também era um produto natural da área do mar Morto. A Palestina sempre produziu maior quantidade de lã do que era capaz de manufaturar, pelo que a lã em estado bruto sempre foi um produto constantemente exportado, especialmente para as áreas densamente povoadas. Moabe era o principal produtor de lã de toda aquela região. Não se sabe quando o ferro começou a ser produzido em massa na Palestina, embora saibamos que não foi antes da época de Davi. Gileade era o principal centro produtor de ferro. A Palestina também exportava resinas raras, e gomas, como a mirra e o bálsamo. O bálsamo era um produto caríssimo, tendo sido um dos principais produtos que produzia rendas a Herodes, o Grande, que possuía extensos bosques de bálsamo nas cercanias de Jericó.

A era real das manufaturas, na Palestina, começou mais ou menos na época do profeta Isaías. Devemos observar que o Pentateuco não inclui qualquer legislação referente às manufaturas. Isaías, pois, foi testemunha do começo da era manufatureira na Palestina, da mesma forma que Jeremias contemplou o ponto culminante, e então o final cataclísmico de toda a indústria manufatureira na região. Foi entre Isaías e Jeremias (792-586 A.C.) que tiveram começo as modernas técnicas de linha de montagem, quando então surgiram cidades que se especializavam na fabricação de um único produto. Os fazendeiros e agricultores passaram a migrar para as cidades industriais, onde eram absorvidos pelas diversas indústrias da época. Houve um excesso de suprimento de mão-de-obra, e os salários caíram a níveis ridículos, que praticamente nem eram suficientes para a mera sobrevivência.

Miquéias, fazendeiro contemporâneo de Isaías, atacou as cortes reais do sul e do norte, Judá e Israel, por seu crime de conivência com os crimes econômicos da nação. Em Miq. 3:1-3, o autor sagrado, usando o pano de fundo da matança de ovelhas, chama os negociantes envolvidos de magnatas, enquanto seus defensores seriam os canibais que viviam da carne de seus indefesos empregados.

Os oleiros passaram a empregar técnicas de produção em massa, utilizando-se da idéia da linha de montagem, produzindo produtos de boa qualidade a preços módicos. Aqueles antigos oleiros eram conhecedores de todas as habilidades necessárias ao seu negócio, e um ceramista moderno não pode fazer mais do que admirar tais produtos.

Porém, a maior modificação ocorreu na indústria do vestuário. Quando foi escavada pelos arqueólogos, Quiriate-Sefer mostrou que fora cidade de uma única indústria. Estava localizada em uma excelente região produtora de lã, e todos os seus habitantes dedicavam-se ao trabalho de tecer a lã e de fabricar tecidos tingidos. Cada casa contava com grandes teares e com instalações para tingimento de tecidos, tudo padronizado. A matéria bruta, por assim dizer, encontrava-se na porta da «fábrica», e ambas essas indústrias contavam com um mercado consumidor constante e sempre pronto a absorver toda a produção. Todavia, quase toda a produção dos bens manufaturados na Palestina eram vendidos na própria região manufatureira, não chegando aos mercados internacionais, o que significa que não havia produção excelente.

As principais importações da Palestina parecem ter sido mercadorias de luxo. A natureza humana sempre gostou de encontrar, nos produtos comprados, a tarjeta que diz «feito em (algum país estrangeiro)». Quanto a uma descrição detalhada sobre as rotas comerciais na Palestina e no oriente Próximo, ver o artigo sobre — *Viagens.* Tanto Abraão quanto Salomão eram negociantes em escala internacional. As atividades deste último, nesse campo, são bem conhecidas; mas os estudiosos somente agora começaram a apreciar o fato de que Abraão era um grande negociante, de acordo com a terminologia moderna.

Abraão era príncipe entre os negociantes, cujo território de vendas ia desde Harã até o Egito, embora ele se concentrasse em torno, especialmente, de três áreas: a porção da Palestina ao sul de Siquém, o Egito e a Arábia. Não dispomos de menção específica sobre os itens vendidos por Abraão, mas, sem dúvida eram as usuais mercadorias de luxo que eram trocadas entre os ricos de todos os países da época... Esses itens seriam especialmente proveitosos para Abraão, o qual comprava o cobre bem barato, nas minas de Edom ou da península do Sinai, e então o transportava à Fenícia ou à Síria, que eram, então, os principais centros manufatureiros. Partindo destas últimas, ele podia vender esses produtos em qualquer lugar, desde a Anatólia até o Egito ou a Arábia.

Harã foi a capital original dos negócios realizados por Abraão. Ficava localizada a meio caminho entre a costa do Mediterrâneo e a grande cidade de Nínive. Harã seria uma São Paulo em miniatura, com rotas comerciais irradiando-se em quase todas as direções Essa cidade era um misto de duas culturas distintas, a semítica e a hurriana, ambas as quais refletem-se na narrativa do livro de Gênesis. O pai de Abraão, Terá, sem dúvida operara na venda de territórios, em Ur-Harã, em um período histórico em que Ur era a cidade comercial mais influente do mundo. A família deve ter sido muito influente, porquanto pelo menos três cidades adotaram nomes de antepassados de Abraão, especificamente, Serugue, Naor e Terá. Sara também era mulher rica, por seus próprios direitos, porquanto ela é referida como «esposa-irmã», um termo legal, usado pelos hurrianos, em Harã. Esse título identificava Sara como membro da aristocracia de Harã.

Posteriormente, Abraão concentrou seus esforços no comércio entre a Palestina e o Egito. Gerar, o coração comercial da região palestina do Neguebe, tornou-se a cidade adotiva de Abraão. Tal ação foi necessária para conferir-lhe uma base legal de suprimentos de seu comércio com o Egito.

A primeira parada de Abraão na Palestina foi em Siquém, que era um centro comercial relacionado a Harã. Essa cidade ficava localizada na Palestina central, dispondo de boas rotas comerciais em todas as direções. Abraão adquiriu ali direitos territoriais, comprando terras de pastagens na região virgem da cadeia montanhosa entre

Siquém e Hebrom. Mais tarde, Jacó estendeu esse território mais para o norte, até Dotã. Somente um homem muito rico poderia controlar tão extensas pastagens. O trecho de Gênesis 13:2 menciona o gado, juntamente com muito capital, consistente em ouro e prata. Por ser ótimo negociante, Abraão aplicava seu dinheiro em empreendimentos os mais diversos. Suas caravanas sempre precisavam de alimentos para os homens, e de forragem para os animais, e Abraão supria ambas essas necessidades, com base em seus próprios projetos agrícolas.

2. Intercâmbio nos Períodos Intertestamental e Neotestamentário

Alexandre, o Grande, e seus sucessores helênicos revolucionaram parte dos negócios realizados na região da Palestina. A cultura grega tornou-se a influência dominante. Pelo mundo inteiro, pessoas de muitas nacionalidades subitamente tornaram-se gregas, chegando a tomar para si mesmas novos nomes gregos. Em Marissa, na Palestina, os túmulos mostram que, no espaço de uma única geração, muitas famílias semitas mudaram os seus nomes, helenizando-se. Algumas das piores características da vida grega apareceram na Palestina, sob os governantes ptolomeus e selêucidas da região.

Grande parte da escravidão que havia entre os israelitas, nos dias do Antigo Testamento, devia-se ao fato de que era costume um homem saldar sua dívida, contraída diante de alguém, servindo a esse alguém por certo período de tempo. Entre os gregos, porém, a escravidão dependia de fatores inteiramente diferentes. Na verdade, a cultura grega girava, em grande parte, em torno da escravidão. Um escravo não era considerado uma pessoa, mas apenas uma mercadoria, como outra qualquer. E, visto que a Palestina era uma região disputada pelos monarcas ptolomeus e pelos monarcas selêucidas, com freqüência os judeus eram feitos cativos, como despojos de guerra. E os monarcas selêucidas, nesse comércio infame da escravatura, eram os piores ofensores, porquanto vendiam os seus prisioneiros de guerra, incluindo mulheres e crianças, a preços irrisórios. Antíoco IV Epifânio, que transformou Jerusalém em uma cidade grega e pagã, tornou-se o principal culpado desse crime. A Palestina, pois, tinha duas culturas; e a revolta dos Macabeus foi o desesperado mais bem sucedido retorno dos judeus ao judaísmo, embora este, mesmo após esse triunfo, continuasse maculado por algumas características próprias da cultura grega pagã. Os líderes judeus posteriores eram gregos virtuais, pelo menos no que dizia respeito às suas ações. Não obstante, desde a época da restauração da verdadeira adoração judaica em Jerusalém, sob os primeiros líderes Macabeus, a Palestina continuou contando com duas culturas — uma delas judaica, e a outra judaico-grega, melhor representada pela cidade de Jerusalém, onde Herodes, o Grande, introduzira muitas características próprias da cultura helenista. A influência mais intensa dessa cultura grega evidenciava-se especialmente nas cidades da Decápolis, na Transjordânia. Samaria era um outro exemplo disso, na porção ocidental da Palestina, visto que a cidade contava com um templo dedicado ao imperador Augusto.

Não há muita informação referente ao período intertestamental, no tocante ao comércio e aos negócios na Palestina. Uma das grandes melhorias, contudo, dizia respeito à qualidade do linho, que passou então a ser confeccionado no melhor tecido, destinado ao mercado internacional. Herodes, o Grande, possuía grandes propriedades perto de Jericó, onde ele plantava o bálsamo, que era uma das gomas mais caras que havia. A industria de pesca, ao redor do mar da Galiléia, prosperava. O peixe, ali pescado e salgado, era exportado até mesmo à capital do império, Roma.

Os negócios internacionais entre diferentes agrupamentos nacionais, era algo inevitável. Os sidônios negociavam com a cidade palestina de Marissa; e os egípcios negociavam com a cidade transjordaniana de Filadélfia, a qual não deve ser confundida com a Filadélfia da Ásia Menor, que figura no livro de Apocalipse. A influencia grega podia ser percebida até mesmo no sistema de propriedades da Palestina. Marissa foi planejada como uma cidade grega, e a Samaria dos tempos neotestamentários foi arquitetada de acordo com os mesmos planos daquela. Os nabateus, com suas caravanas de camelos, efetuavam grande parte do tráfico que os egípcios transportavam, para o outro lado do mar Vermelho, com os seus navios.

Quando o mar Mediterrâneo tornou-se uma possessão romana, o comércio marítimo adquiriu um novo impulso. Os principais portos tiveram suas instalações expandidas, a fim de poderem manusear esse comércio intensificado. Os habitantes de Roma eram alimentados, em grande parte, pelo cereal plantado e colhido nos vales dos rios Orontes, Nilo (e outros rios do norte da África).

O livro de Atos faz seus leitores tomarem consciência do fato de que os judeus eram cidadãos do mundo. Por ocasião da festa de Pentecoste, ali relatada, havia judeus provenientes de dezesseis países diferentes:

«...como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna, partos, medos e elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia; da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes; como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?»

Viajando Paulo pelo mundo Mediterrâneo oriental, ele percorria um novo mundo comercial. Grande parte desse mundo comercial era antigo, embora também houvesse novas atrações. Para exemplificar isso, Paulo tanto era homem que costumava viajar de *navio,* como costumava viajar pelas *estradas* romanas. Ver sobre *Viagens.*

Paulo fez de Antioquia sobre o Orontes o ponto central do evangelismo mundial da era apostólica. «Antioquia sobre o Orontes» era o nome completo dessa cidade, porquanto havia dezesseis cidades com esse nome, Antioquia. Nessa época, Antioquia sobre o Orontes era a mais influente cidade do mundo, embora Alexandria a ultrapassasse em número de habitantes. Antioquia era o fim da estrada de todo o comércio que se processava por terra, vindo desde a China, por meio da Pérsia, e daí até as margens do Mediterrâneo, o que significa que esse comércio atravessava todo o continente asiático. Alexandria, por sua vez, era o porto por onde escoava todo o comércio africano, sem importar se ali chegava através do rio Nilo ou do mar Vermelho. Não havia qualquer outro grande porto marítimo entre essas duas cidades, mas havia apenas um bom número de portos locais, alguns dos quais Paulo usou. Antioquia especializava-se, principalmente, no comércio de artigos de luxo, e o mundo mostrava-se tão ávido por esses artigos assim como se dá até os nossos próprios dias. Alexandria, por sua parte, concentrava-se tanto no comércio de artigos de luxo como no comércio comum, incluindo a exportação de cereais, que se destinavam à mesa dos romanos.

Tarso era a cidade natal de Paulo. Ficava na extremidade sul do melhor passo entre o grande platô da Anatólia, atravessando as agrestes montanhas do Tauro, na porção suleste da Ásia Menor, e o mar Mediterrâneo. Em nossos dias, a estrada de ferro Berlim-Bagdá usa o mesmo passo. Tarso era um grande centro comercial, porquanto também tinha acesso direto ao mar Mediterrâneo. Icônio era um dos centros chaves da vida comercial do grande platô de Anatólia. Com freqüência ela tem sido chamada pelos escritores de «a Damasco da Turquia», por causa de seu abundante suprimento de água. Quando os turcos tornaram-se os senhores do mundo oriental romano, fizeram de Icônio a sua capital. Foi dali que eles lançaram seu ataque contra Constantinopla, capital do império romano do oriente, e a capturaram. Os territórios em torno de Constantinopla são os únicos territórios europeus ainda sob o domínio dos turcos, pois a maior parte da moderna Turquia fica no lado asiático desse extenso país.

Quando Paulo quis chegar à Bitínia ele dirigiu-se na direção de Constantinopla, também chamada Bizâncio desde tempos antigos. Essa sempre foi uma grande cidade comercial, porquanto domina o comércio que se faz com o mar Negro. A moderna União Soviética chega até a margem norte do mar Negro. É possível alguém percor-

rer a cavalo toda a imensa planície russa, quase desde as margens do Atlântico até o Pacífico, e só ocasionalmente será interrompido por grandes massas montanhosas. Paulo, pois, deve ter compreendido que aquele centro comercial seria, no futuro, um centro evangelístico mundial. Ele sempre apreciou o arrojo dos negociantes, tendo estabelecido os principais centros da igreja cristã em importantes centros comerciais da época (ver sobre cidades como *Antioquia, Tessalônica,* Corinto e Éfeso).

Paulo desejava visitar a província romana da Ásia, mas o Senhor negou-lhe o privilégio de entrar ali, naquela ocasião, embora, posteriormente, ele tivesse efetuado um glorioso ministério em Éfeso, capital da província da Ásia. A Ásia era a mais populosa província do império romano. Até os nossos próprios dias, as ruínas de suas grandes cidades testificam sobre a anterior prosperidade daquela região do mundo. Essa província era a porção mais fértil da Anatólia, e, igualmente, a área mais fértil das proximidades do mar Egeu. Não é de se admirar que os gregos tanto admirassem aquela região, e a tivessem colonizado desde tempos bem remotos.

Tessalônica era a segunda maior cidade comercial a ser visitada por Paulo. Ela ficava situada na extremidade sul do melhor desfiladeiro entre o vale do Danúbio e o mar Mediterrâneo. O comércio que passava por aquele desfiladeiro era muito intenso, visto que as civilizações, existentes nas duas extremidades daquela rota comercial, eram tão diferentes uma da outra. O vale do Danúbio era tão valioso, comercialmente falando, que o imperador Trajano o adicionou ao império romano no século II D.C. E ele também dominou os nabateus, conferindo a Roma um acesso direto ao comércio árabe.

Nos dias de Paulo, Atenas, na Grécia, estava vivendo as glórias do seu passado. Corinto havia se tornado «a cidade» da Grécia. Seu crescimento fora tão rápido e tão espetacular quanto a moderna São Paulo, no Brasil. Júlio César havia reconhecido que essa cidade, então quase em ruínas, poderia tornar-se um dos principais centros comerciais do império romano. Contudo, foi assassinado antes que pudesse recuperar a cidade; posteriormente, porém, seu desejo foi atendido, e a cidade recebeu um nome que honrava o imperador. Corinto era o maior centro de transbordo de mercadorias do Mediterrâneo (ver sobre *Viagens*). Corinto também desenvolveu-se rapidamente em uma grande cidade manufatureira, onde quase todo o labor era realizado por escravos. As epístolas de Paulo aos Coríntios oferecem-nos a melhor descrição sobre uma cidade comercial que há no Novo Testamento.

Em Corinto, Paulo era um dos trabalhadores «livres». Por ofício, ele era fabricante de tendas, usadas nos grandes mercados, e também de velas, empregadas pelos navios que aportavam nos dois portos de Corinto, um em cada lado do istmo onde estava a cidade. Foi ali que o cristianismo obteve o seu direito legal de ser uma «religião permitida» no império romano. No império romano, toda religião precisava de uma licença do governo para poder existir legalmente. Os judeus de Corinto tentaram persuadir Gálio, procônsul da Acaia, de que o cristianismo era uma religião ilegal, diferente, portanto, da religião judaica. Gálio, entretanto, rejeitou a acusação e assim conferiu ao cristianismo a posição de *religio licita.* Nero perseguiu à igreja cristã em Roma, mas fê-lo a fim de preservar a sua influência e autoridade como imperador. No século que se seguiu ao dele, porém, houve muita perseguição contra o cristianismo, por parte das autoridades do império. E Corinto pôde demonstrar que, naquela época, como até hoje, os portos de mar geralmente são lugares iníquos, e *Corinto* tornou-se um sinônimo de imoralidade da pior espécie. Antioquia seguia bem de perto, nessa má fama, àquela cidade grega. Não obstante, ambas essas cidades tornaram-se grandes centros de evangelismo mundial.

Em Éfeso, Paulo esteve por alguns anos na cidade que, posteriormente, era reconhecida como a capital do império romano, quando o imperador encontrava-se na sua porção oriental. A prédica paulina desafiou severamente duas das maiores indústrias dessa cidade. Os publicadores de livros sobre mágicas viram suas publicações, avaliadas em cinqüenta mil peças de prata, serem queimadas (Atos 19:19). Essa soma equivalia ao salário de um dia de trabalho pago a cinqüenta mil homens. E os fabricantes de nichos de prata da deusa Diana sofreram prejuízos tão grandes que terminaram provocando um levante popular (Atos 19:23-41).

O livro de Apocalipse encerra as sete cartas às sete igrejas da província da Ásia. O evangelho fora anunciado, com base em Éfeso, com tal ímpeto, que fortes igrejas locais haviam sido estabelecidas nas cidades adjacentes, cada uma delas, por sua vez, um forte centro comercial. Laodicéia (ver Apo. 3:18) era um grande centro bancário, mas os membros daquela igreja foram admoestados como segue: «Aconselho-te que de mim (de Cristo) compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres...» (Apo. 3:18). Essa cidade também era famosa porque ali eram fabricadas as pesadas capas de feltro negro, de pêlos de cabra, para serem usadas durante o severo inverno do planalto da Anatólia, mas, aos membros daquela igreja foi recomendado: «Aconselho-te que de mim compres... vestiduras brancas para te vestires...» Dessa mesma cidade provinha um dos famosos «medicamentos» da antigüidade, o «colírio». Os crentes dali, pois, foram aconselhados a adquirir «colírio», a fim de que ungissem os seus olhos e pudessem ver as realidades espirituais.

3. Comércio Internacional

O principal parceiro comercial da Palestina, ao sul, era o Egito, berço de uma das grandes civilizações da antiguidade. Não é de surpreender, assim sendo, quando descobrimos a forte influência do comércio egípcio nos objetos encontrados nas escavações arqueológicas da Palestina. Da Etiópia vinha o ébano que chegava à Palestina, e, pelo menos parte do marfim chegava ali através do Sudão, embora houvesse elefantes na Síria, nos primeiros tempos patriarcais.

A principal rota comercial partia do Egito, mais ou menos onde fica localizado o moderno canal de Suez. Dali essa estrada seguia ao longo da costa marítima, passando por Rafia, e dali até Gaza. Essa cidade sempre foi a maior cabeça de ponte de toda a história do Egito, até tão tarde quanto a Primeira Guerra Mundial.

O outro parceiro comercial da Palestina, mais ao sul, era a Arábia. O comércio marítimo com a Arábia processava-se através de Eziom-Geber, no golfo de Áqaba. A partir dali, as mercadorias eram transportadas em lombo de camelo que seguiam para o norte, até Macã. Uma das rotas terrestres das caravanas, provenientes da Arábia, também terminava ali. O wadi Sirhan era uma outra longa rota de caravanas vindas da Arábia; mas essa ficava a leste da Palestina propriamente dita, e seu comércio chegava até a rota comercial norte-sul, em Rabate-Amom. O comércio árabe consistia inteiramente de itens de luxo, como ouro, incenso, mirra, corais, pérolas, esmeraldas, ágatas e outras pedras preciosas. Especiarias raras e madeiras odoríferas de várias espécies, trazidas desde a Índia, também chegavam à Palestina por meio da Arábia. Durante os períodos intertestamental e do Novo Testamento, os nabateus dominavam o comércio efetuado entre a Arábia e a Palestina. Quanto ao comércio internacional, podemos observar que uma capa babilônica foi alistada entre os despojos recolhidos em Jericó (Jos. 7:21), embora Jericó fosse apenas uma pequena fortaleza, no começo da história de Israel na Terra Prometida.

Ao norte da Palestina ficava a Síria, que não servia de bom mercado para as mercadorias produzidas na Palestina, pois ambos esses países produziam as mesmas mercadorias. A Síria e a Palestina, entretanto, efetuaram algumas negociações comerciais, pois as dinastias de Onri e de Ben-Hadade contavam com feiras na capital um do outro. Importa-nos observar que a rota através da qual tanto o comércio mesopotâmico quanto o comércio hitita (ou da Anatólia) se processava com o Egito, passava através da Síria e da Ásia Menor, sendo uma das principais fontes de metais da antiguidade. Os hititas e seus sucessores foram os grandes mineiros fundidores e refinadores de cobre, de prata e de ferro do mundo antigo. Eles também manufaturavam todos os tipos de objetos de metal. Antes da época de Davi,

essa área detinha um dos grandes monopólios do fabrico do ferro. O cobre era tão importante para o progresso da ilha de Chipre, que o nome dessa ilha significa «ilha do cobre». Damasco, com toda a razão, era intitulada «porto de mar de todos os habitantes do deserto», embora ficasse localizada a mais de oitenta quilômetros de distancia das costas do Mediterrâneo.

A Suméria e sua sucessora, a Babilônia, eram as únicas antigas primeiras civilizações manufatureiras a rivalizarem-se com o Egito. Abraão, de certo modo representava esses dois gigantes comerciais, porquanto seu pai, Terá, percorria as rotas comerciais de Ur a Harã, à sombra da Anatólia, onde Abraão negociou, antes de chegar ao Egito. Abraão tinha um grande escritório bancário em Damasco, sob a direção de Eliezer. A rota comercial da Babilônia tinha inicio no golfo Pérsico, acompanhando o rio Eufrates até os montes do Taurus, na Ásia Menor, em Harã e Carquêmis. A capital assíria, Nínive, igualmente era um grande centro comercial. Não era distrito manufatureiro tão grande e importante quanto a cidade da Babilônia, que ficava mais ao sul, mas servia de local para onde convergia o comércio que vinha desde a Pérsia e de outros locais do Oriente e também servia de ponto de junção de mercadorias vindas de Urartu e de outras localidades mais ao norte. Partindo de Nínive, a rota comercial acompanhava o sopé das montanhas a oeste de Harã e de Carquêmis.

Imediatamente ao norte da Palestina, e bordejando o mar Mediterrâneo, ficava a Fenícia, cuja fronteira oriental usualmente eram as montanhas do Líbano. Os vales do Litos e do Orontes normalmente pertenciam aos sírios. A Fenícia, tal como a Inglaterra durante os seus dias de auge econômico, era tanto uma nação de marinheiros como de manufaturadores. A Fenícia foi a nação que ensinou a Grécia a tornar-se uma nação manufaturadora. Os gregos também adaptaram o seu alfabeto, copiando o alfabeto fenício, tendo aprendido a escrever com seus mestres fenícios, que lhes ensinaram a comerciar. O principal recurso natural da Fenícia eram suas florestas de cedros, cuja madeira era apreciada pelo mundo inteiro da antiguidade. A Fenícia, tal como o Japão antes da Segunda Guerra Mundial, era uma boa imitadora e modificadora de outras culturas. Seus artigos variavam desde os mais excelentes até os mais medíocres. O mais importante produto internacional, manufaturado pelos fenícios eram os tecidos tingidos de púrpura. A lã era importada do estrangeiro, mas o tecido de lã e a tintura eram de origem fenícia. Parte do comércio que seguia para a Fenícia acompanhava um trajeto terrestre, acompanhando as fontes do rio Jordão, ao norte do lago Hulé, e então penetrando na Fenícia, na cabeceira do rio Litos. Alguns negociantes acompanhavam a estrada que marginava o mar Mediterrâneo, de Aco a Tiro. Mas a maior parte do comércio provavelmente se dava por via marítima, partindo de algum porto palestino até chegar a algum porto fenício, mais ao norte. Na verdade, quase todo o frete marítimo da Palestina se dava por meio de navios fenícios. No entanto, é provável que o Egito enviasse seus próprios navios até a Palestina. Quando a Pérsia chegou a uma posição de dominação mundial, os persas utilizavam-se dos fenícios como seus marinheiros e agentes marítimos. Os sucessores de Alexandre controlavam o comércio que se processava no Mediterrâneo, até que o império romano fez desse mar um lago romano.

Grande parte da indústria manufatureira do Egito era monopólio do governo, o qual também controlava, pelo menos em parte, a produção e o comércio de cereais. Salomão exercia um bem definido monopólio sobre o cobre. Salomão também foi o grande «negociante de cavalos» da nação de Israel, o que incluía o comércio de carros de combate (I Reis 10:28,29). Salomão e Hirão, de Tiro, lançaram-se a uma aventura comercial conjunta, no mar Vermelho (I Reis 9:26-28; 10:11,12,22). Gerações mais tarde, Josafá planejou uma aventura similar, mas os seus navios naufragaram em Eziom-Geber (II Crô. 20:36,37).

4. Negócios

Quando o dinheiro torna-se um dos fatores fundamentais no comércio e nas negociações, a ênfase recai sobre os negócios, pois o denominador comum de todos negócios é o dinheiro. No Antigo Testamento havia três métodos principais de vendas: a. permuta; b. peso em ouro ou prata; e c. moedas. A venda por permuta era o método mais comum entre os povos mais pobres, embora o rei Salomão e o rei Hirão, de Tiro, também tivessem usado esse método. Hirão fornecia madeira de cedro e de cipreste a Salomão, o qual, por sua vez, entregou-lhe trigo e azeite de oliveira (I Reis 5:10,11). Esses produtos agrícolas eram as taxas que Salomão havia recolhido, pois, na época, os impostos geralmente eram recolhidos em espécie. Assim, os agricultores pagavam seus impostos com trigo, azeite de oliveira e vinho; e os pastores os pagavam com ovelhas, cabras, etc. Cada indivíduo pagava seus impostos com aquilo que produzia. Quando o governo de Israel se dividiu, o reino do sul providenciou para ter jarras de tamanho padronizado, com o selo do governo na asa. Essas jarras eram usadas para recebimento de impostos, em espécie.

Para ser bem-sucedido, o comércio nos mercados internacionais precisa de um meio básico de trocas. Era o ouro e/ou a prata, — entre os povos antigos. A segunda era a mais valiosa, pois o ouro não foi extensamente usado, enquanto a metalurgia não conseguiu solucionar o problema da fundição e do refino do minério de ouro. Depois disso, o ouro tornou-se mais valioso, devido às propriedades superiores desse metal. Uma outra razão do encarecimento do ouro era que o ouro de aluvião estava se tornando raro, ao passo que o ouro extraído em minas era difícil de se conseguir. O ouro e a prata apareciam no mercado em várias dimensões, em forma de anéis, barras, etc. O fraseado de Deuteronômio 14:25 dá a entender que esse dinheiro tinha a forma de argolas, pois as argolas podiam ser atadas umas às outras. Devemo-nos lembrar da «língua» de ouro que Acã encontrou em Jericó. O termo hebraico para dinheiro era «prata». Se algum metal menos valioso porventura era usado para servir como dinheiro, esse metal era o cobre. Gemas ratas e jóias de alta qualidade também serviam como dinheiro. Pedras preciosas e jóias proviam um meio através do qual grandes riquezas podiam ser transportadas fácil e secretamente.

Os metais preciosos eram pesados, em um ato que podia ser honesto ou desonesto. Os arqueólogos têm encontrado pesos com os quais eram comprados os itens desejados, e também pesos com os quais os mesmos itens eram vendidos. «Dois pesos e duas medidas». Essa desonestidade é referida em Deuteronômio 25:13: «Na tua bolsa não terás pesos diversos, um grande e um pequeno». No trecho de Amós 8:5, esse profeta reflete o mesmo tempo, e acrescenta que medidas para secos eram desonestamente empregadas em seus dias (cf. Deu. 25:14).

O passo seguinte no desenvolvimento do dinheiro foi a criação da moeda. Não somente os homens mostravam-se desonestos quanto ao peso das argolas e barras de ouro, de prata, etc., mas também havia grande variedade quanto à pureza dos metais empregados, sobretudo no caso da prata. Esse problema foi resolvido quando os governos começaram a cunhar moedas, garantindo assim o peso e a pureza de cada moeda cunhada. Isso era feito apondo-se o símbolo do governo (estado ou cidade) sobre cada moeda. A primeira moeda desse tipo a ser mencionada na Bíblia é o dárico persa, de ouro (Esd. 2:69). Os persas permitiram que os judeus cunhassem suas próprias moedas de prata, ao voltarem eles à Judéia. Todavia, as moedas não se tornaram comuns na Palestina senão já na época dos monarcas Ptolomeus e Selêucidas. Quanto a detalhes sobre permutas, metais e moedas, ver o artigo sobre as *Moedas*.

Onde quer que o dinheiro seja usado — na forma de pesos de ouro ou de prata, ou na forma de moedas — os banqueiros fazem-se presentes, e o próprio dinheiro transforma-se em uma outra mercadoria. Nas páginas do Antigo Testamento não há qualquer vestígio sobre a existência de banqueiros, embora saibamos que, na Mesopotâmia, os métodos bancários já funcionavam de forma muito eficiente. Durante o exílio babilônico, os judeus aprenderam as técnicas bancárias babilônicas. Banqueiros judeus, vindos da Babilônia, foram largamente usados, posteriormente, pelos sucessores de Ale-

xandre, O grande. Alguns estudiosos acreditam que bons métodos bancários foram a razão mais provável pela qual os antepassados de Paulo obtiveram a cidadania romana em Tarso. O exílio assinalou o começo da ênfase tão decisiva dos judeus sobre as atividades bancárias e comerciais, em geral. Isso expandiu-se ainda mais devido às negociações feitas pelos exilados judeus durante o período intertestamental. Esses exilados haviam sido levados à Alexandria, onde chegaram a controlar grande parte das atividades comerciais na cidade. Isso significava que os judeus contavam com filiais, em todos os portos marítimos do império romano, para os seus empreendimentos.

Na época do Novo Testamento, o sistema bancário já envolvia o império romano inteiro; e os banqueiros recebiam licença para operar, a fim de que ficassem sob o controle do governo. Naquele tempo, como agora, os banqueiros recebiam depósitos em dinheiro, pagando juros pelo uso que faziam do mesmo. Jesus referiu-se a esse costume em sua parábola dos talentos (ver Mat. 25:27). Nos dias do Senhor Jesus e dos apóstolos, uma taxa comum de juros era de oito por cento. Também segundo acontece hoje em dia, os banqueiros emprestavam dinheiro com base em propriedades hipotecadas. A primeira referência bíblica ao método das hipotecas aparece em Neemias 5:3 ss. As pessoas tomavam dinheiro emprestado a fim de pagarem as suas dívidas e impostos, tal como as pessoas fazem na atualidade. Um dos elementos exponenciais da fraternidade dos banqueiros eram os cambistas; e Cristo tratou com eles (ver sobre os *Cambistas*). Já naquele tempo, tal como hoje, havia o uso de cheques; também era possível depositar dinheiro em uma cidade, e recebê-lo em outra, o que indica que havia uma verdadeira organização bancária. O sistema bancário moderno agilizou-se muito mais nesta nossa época da eletrônica e da informática, mas as bases do sistema bancário foram lançadas desde a antiguidade. Bancos relacionados entre si estavam dispersos por todo o império romano. Um bom sistema de contabilidade já havia antes mesmo do aparecimento do sistema bancário; pode-se perceber traços dessa técnica já no tempo dos primeiros sumérios, os quais também foram os inventores da escrita.

COMIDA SABOROSA

Por seis vezes, no capítulo vinte e sete do livro de Gênesis, a palavra hebraica *matamot* refere-se a uma comida saborosa que Rebeca e Jacó usaram a fim de enganar Isaque. Rebeca preparou a comida com dois cabritos (vs. 9). Em Provérbios 23:3, os delicados manjares dos governantes são descritos como «enganadores». O sexto versículo desse mesmo capítulo adverte contra comer em companhia de um homem mau, cujos alimentos deliciosos servem de atração para que as pessoas lhe façam companhia. Salmos 141:4 apresenta também a comida como uma espécie de chamariz, que atrai os homens a companhias e atos maus. Gênesis 49:20, que prediz a condição futura da tribo de Aser, no contexto das bênçãos de Jacó, diz que Aser prosperaria, o que é simbolizado pelo pão e pelos acepipes. Além disso, a glutonaria resultado da ingestão abusiva de alimentos, sempre foi uma praga para os homens. Os ímpios são dados à glutonaria (Fil. 3:19; Jud. 12). Tal pecado é proibido no caso dos crentes sérios (I Ped. 4:3). Há algo de desagradável no pastor gordo demais de tanto comer e por fazer bem pouco trabalho físico. O perigo da glutonaria é ilustrado em Lucas 12:45,46. Os homens, por pensarem que a *parousia* (que vide) ainda está distante, afrouxam em seus costumes, deixando-se arrastar pelos excessos com comidas e bebidas. Um dos aspectos do fruto do Espírito, porém, é o autocontrole, e isso, sem dúvida, inclui a questão da alimentação. A glutonaria é um dos pecados capitais, juntamente com o alcoolismo. Ver o artigo separado sobre a *Glutonaria*. Ver também sobre os *Alimentos*.

COMPANHEIRO

Há várias palavras hebraicas e gregas envolvidas, a saber:

1. *Chaber,* «companheiro». Palavra hebraica usada por doze vezes. Por exemplo, Sal. 119:63; Pro. 28:24; Can. 1:7; Isa. 1:23; Eze. 37.16.

2. *Chabbar,* «companheiro». Palavra hebraica usada por somente uma vez, isto é, Jó 41:6.

3. *Chabar,* «companheiro». Palavra hebraica que figura por três vezes: Dan. 2:17; 2:13,18.

4. *Chabereth,* «companheira». Palavra hebraica usada apenas por uma vez, em Mal. 2:14.

5. *Kenath,* «íntimo». Termo hebraico empregado por oito vezes, sempre no livro de Esdras (4:7,9,17,23; 5:3,6; 6:6,13).

6. *Merea,* «amigo». Palavra hebraica que ocorre por sete vezes. Por exemplo: Juí. 14:11,20; 15:2,6.

7. *Rea, «amigo».* Palavra hebraica usada por mais de cento e oitenta vezes. Por exemplo: Êxo. 32:27; I Crô. 27:33; Jó. 30:29; Sal. 122:8; Isa. 34:14; Jon. 1.7; Zac. 3:8.

8. *Raah,* «deleitar-se», «desfrutar». Verbo hebraico usado por cinco vezes, como em Pro. 13:20; 28:7; 22:24.

9. *Koinonós,* «quem tem algo em comum». Palavra .grega usada por dez vezes: Mat. 23:30; Luc. 5:10; I Cor. 10:18,20; II Cor. 1:7; 8:23; File. 17; Heb. 10:33; I Ped. 5:1; II Ped. 1:4.

10. *Sugkoinonós,* «companheiro». Palavra grega usada por quatro vezes: Rom. 11:17; I Cor. 9:23; Fil. 1:7; Apo. 1:9.

11. *Sunergós,* «companheiro de trabalho». Palavra grega que ocorre por treze vezes: Rom. 16:3,9,21; I Cor. 3:9; II Cor. 1:24; 8:23; Fil. 2:25; 4:3; Col. 4:11; I Tes. 3:2; File. 1,24; III João 8.

12. *Sunékdemos, «companheiro* de viagem». Palavra grega usada por duas vezes: Atos 19:29 e II Cor. 8: 19.

Os sinônimos dessas palavras hebraicas e gregas são: «associado», «vizinho», «próximo», etc. O termo hebraico *rea* transmite a idéia de duas pessoas tecidas juntas, formando uma única entidade. Isso é paralelo ao conceito aristotélico de que a verdadeira amizade consiste em *uma alma com dois corpos.* No trecho de Zacarias 13:7 temos o vocábulo hebraico *amith,* «próximo», «amigo».

No grego também temos a palavra *plesíon,* «próximo», que significa, basicamente, «alguém que está perto» (ver Mat. 5:43, citando Lev. 19:18; 19:19; 22:39; Mar. 12:31,33; Luc. 10:27; 29,36; João 4:5. Atos 7:27; Rom. 13:9,10; 15:2; Gál. 5:14; Efé. 4:25; Tia. 2:8; 4:12). A palavra grega mais comum para «amigo» *é philos,* que significa .querido», «estimado», e que figura por vinte e oito vezes, de Mat. 11:19 a III João 15. Ver o artigo geral sobre *Amizade,* que desenvolve os conceitos aqui introduzidos. Ver também sobre *Comunhão.*

COMPREENSÃO

Quando o homem caiu no pecado, não foi apenas a sua moral que foi afetada, incapacitando-o a praticar o bem, no sentido de ser plenamente aprovado por Deus, mas também o seu entendimento foi afetado. Esse embotamento é universal: «Não há quem entenda, não há quem busque a Deus» (Rom. 3:11), diz o apóstolo Paulo, citando Salmos 53:1-3. Conforme se vê nessa citação, essa falta de compreensão diz respeito a Deus e às coisas relativas a Deus. No seu estado natural, pecaminoso, o homem não tem entendimento sobre as realidades das dimensões celestes: «Ora, o homem natural não aceita as cousas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente» (I Cor. 2:14). Isso posto, a sabedoria deste mundo, o conhecimento que os homens são capazes de adquirir, usando dos poderes de observação, raciocínio e da intuição, são reduzidos nas Escrituras, à mais perfeita nulidade: «...expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada» (I Cor. 2:6). Por falta de revelação divina, os homens nem ao menos sabem a resposta para as três perguntas básicas da filosofia: Quem somos? de onde viemos? para onde estamos indo? Não admira, pois, que muitos homens, nessas trevas do entendimento, cheguem à conclusão de que nada se pode saber com qualquer grau de certeza. Assim nasceu o ceticismo e o agnosticismo.

O homem moderno jacta-se dos grandes avanços de sua ciência. Isso foi até mesmo previsto nas Escrituras: «...o saber se multiplicará» (Dan. 12:4). No entanto, nunca os homens se sentiram mais inseguros do que nesta nossa era de tanto avanço tecnológico. É que o conhecimento do homem, mesmo acerca das coisas naturais, pende muito mais para empreendimentos destrutivos, que infelicitam a humanidade, do que para projetos beneficentes. E, mesmo quando, mercê de Deus, alguém foge à regra, não demora para que tudo aquilo que antes visava ao bem do ser humano seja desvirtuado por uma multidão de outros, malfazejos. Destarte, todas as instituições humanas têm sido sujeitadas a esse abuso. Manipulados pela maldade humana, os valores mais sagrados têm-se tornado uma desgraça. Penso que não há exemplo mais chocante disso do que o desvirtuamento do cristianismo. Quando Deus revelava a João, e, através dele, a nós, como a Igreja de Cristo seria imitada, e como Satanás enganaria os homens com um engodo perverso, ao contemplar «a mãe das meretrizes e das abominações da terra», o apóstolo admirou-se «com grande espanto» (Apo. 17:1-6). Tudo isso é sumariado na epístola de Judas, quando ele escreve: «Estes, porém, quanto a tudo o que não entendem, difamam; e, quanto a tudo o que compreendem por instinto natural, como brutos sem razão, até nessas cousas se corrompem» (vs. 10).

Embotado em seu entendimento e dotado de tendências morais pervertidas, os homens colhem corrupção até mesmo do que entendem por instinto natural. E zombam das realidades espirituais, que não compreendem. Se o homem tiver de ter compreensão sobre as realidades espirituais, só as terá se houver intervenção da misericórdia e da graça divinas. A essa intervenção a Bíblia chama de iluminação. Se não houver iluminação, o embotamento continuará indefinidamente. «A revelação das tuas palavras esclarece, e dá entendimento aos simples» (Sal. 119:130). E também: «Naquele dia, os surdos ouvirão as palavras do livro, e os cegos, livres já da escuridão e das trevas, as verão» (Isa. 29:18). E o Novo Testamento mostra-se ainda mais claro quanto a isso: «Porque Deus que disse: De trevas resplandecerá luz — ele mesmo resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo» (II Cor. 4:6). «...o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação, no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos, e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos...» (Efé. 1:17-19).

Paulo considerava essa iluminação do entendimento algo tão importante para o crente que, em várias de suas epístolas, ele incluiu uma secção na qual ora por seus leitores, para que o Senhor lhes abra a compreensão espiritual. Além do texto acima citado, ver também II Cor. 1:10; Col. 1:9.

O entendimento iluminado do crente, pois, chega ao ponto de compreender qual o grandioso piano de Deus, e como esse plano gira em torno da pessoa de Cristo. Para os apóstolos, pois, o segredo da compreensão espiritual era ter conhecimento experimental de Cristo: «...para que os seus corações sejam confortados... e tenham toda riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo, em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos» (Col. 2:2,3).

Evidentemente, as Escrituras reconhecem que, por maior que seja a iluminação do nosso entendimento, neste lado da existência, somente no outro lado, já glorificados com Cristo, seremos capazes de compreendê-lo realmente, pois então teremos a mesma natureza que ele tem. Isso é lindamente expresso por João, quando ele diz: «Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de .ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é» (I João 3:2). Isso envolverá uma tremenda promoção. Os crentes glorificados serão imensamente elevados na escala do ser. Sendo agora inferiores aos anjos, tornar-se-ão semelhantes ao Filho glorioso de Deus.

Tendo chegado a este ponto em nossa exposição, resta-nos somente ficar no aguardo da volta do Senhor, quando seremos ressuscitados e glorificados, e quando nosso entendimento subirá até níveis exaltadíssimos, como agora nem podemos imaginar. Podemos aplicar aqui as palavras de I Coríntios 2:9 «...como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam». Há infinitos tesouros de conhecimento à nossa espera, nas dimensões celestes. Essa expectação pela nossa transformação segundo a imagem de Cristo é que a Bíblia chama de virtude da esperança, uma das três virtudes cardeais da vida cristã. Ver o artigo sobre *Esperança* .

No hebraico, há várias palavras que lançam luz sobre esse assunto, a saber:

1. *Bin,* «compreender», «considerar». Palavra que aparece por cerca de cento e sessenta vezes. Trata-se de uma palavra tão rica de significado que as traduções usam muitas palavras e expressões para traduzi-la, como «considerar», «usar de sabedoria», «perceber», «usar de prudência», «discernir», etc. Para exemplificar, ver Nee. 8:8, Jó 13:1; 42:3; Sal. 19:12; 92:6; Pro. 2:5; Dan. 9:2,23; Osé. 14:9; Isa. 56:11; Sal. 119:110.

2. *Yada,* «conhecer», «estar familiarizado com». Palavra que é usada por mais de novecentas vezes. Por exemplo: Núm. 16:30; 9:3; Deu. 9:6; I Sam. 4:6; 26:4; II Sam. 3:37; Sal. 81:5; Pro. 1:2; Ecl. 1:17; Isa. 1:3; Jer. 10:23; Eze. 2:5; 5:13; Joel 3:17; Zac. 2:9; 11:11.

Há várias outras palavras hebraicas correlatas; mas, para nossas finalidades, basta-nos considerar essas principais.

No grego também há vários vocábulos que ainda lançam mais luz sobre o assunto do que as palavras hebraicas, a saber:

1. *Oida,* «conhecer (por informação)». Termo usado por mais de trezentas e quarenta vezes, desde Mat. 2:2 até Apo. 21:22. Esse vocábulo é usado principalmente nos quatro evangelhos, no livro de Atos e no Apocalipse.

2. *Ginósko,* «conhecer (por experiência própria)». Termo usado por mais de duzentas e dez vezes, desde Mat. 1:25 até Apo. 3:9. Quem mais emprega esse vocábulo é o apóstolo João, no seu evangelho e na sua primeira epístola.

3. *Noéo,* «ponderar», «pensar». Termo usado por catorze vezes: Mat. 15:16; 16:9,11; 24:15; Mar. 7:18; 8:17; 13:14; João 12:40; Rom. 1:20; Efé. 3:4,20; I Tim. 1:7; II Tim. 2:7; Heb. 11:3.

4. *Punthánomai,* «aprender por inquirição». Palavra que é usada por onze vezes: Mat. 2:4; Luc. 15:26; 18:36; João 4:52; Atos 4:7; 10:18,29; 21:33; 23:19,20,34.

5. *Suníemi,* «compreender». Palavra usada por vinte e sete vezes: Mat. 13:13,14,15,19,23,51; 15:10; 16:12; 17:13; Mar. 4:9,12; 6:52; 7:14; 8:17,21; Luc. 2:50; 8:10; 18:34; 24:45; Atos 7:25; 28:26,27; Rom. 3;11; 15:21 II Cor. 10:12; Efé. 5:17.

6. *Pronéo,* "fixar a mente ou os afetos". Vocábulo usado por vinte e seis vezes: Mat. 8:33; Atos 28:22; Rom. 8:5; 11:20; 12:3,16; 14:6; 15:5; I Cor. 13:11; II Cor. 13:11; Gál. 5:10; Fil. 1:7; 2:2,5; 3:15,19; 4:2,10; Col. 3:2; I Tim. 6:17.

COMUNIDADE

Essa palavra indica o povo de um estado, o próprio estado, ou um grupo de pessoas unidas em torno de algum interesse comum. O termo é usado para designar dois períodos distintos da história de Israel, quando essa nação tinha uma organização governamental independente, dotada de autoridade. O primeiro desses períodos foi o dos reis, de Saul a Jeoaquim (1075-597). O segundo foi o do governo sob Zorobabel, após o cativeiro babilônico, e dai até à queda de Jerusalém, de 537 A.C. até 70 D.C.

No Novo Testamento, encontramos a palavra grega *politeia,* que pode ter esse significado, conforme se vê em Efé. 2:12 em nossa Bíblia portuguesa. Ali a comunidade de Israel é aludida, dando a entender Israel como o depósito e a fonte originadora das bênçãos e dos privilégios espirituais. Os gentios estavam alienados dessas bênçãos e privilégios, até que Cristo possibilitou que se tornassem em

uma comunidade espiritual. O trecho de Filipenses 3:20, no original grego, traz a *palavra politeuma*, um *hapax legomenon* (palavra usada somente por uma vez em um documento, nesse caso, o Novo Testamento), que significa «comunidade», pois é apenas um sinônimo de *politeia*. Essa referência biblica alude à comunidade celeste, à qual pertencemos espiritualmente. O trecho aponta para o aspecto comunal e coletivo das operações do evangelho, porquanto a redenção nunca aparece como uma questão meramente individual. Devemos pensar na redenção do corpo inteiro dos crentes, que se tornam cidadãos da pátria celestial; e também haverá a restauração final de todas as coisas, conforme se aprende em Efésios 1:10. Neste mundo, a Igreja de Cristo funciona como uma espécie de comunidade espiritual, entre as nações.

CONANIAS

No hebraico, «Yahweh está fundando». Há dois homens com esse nome, no Antigo Testamento, a saber:

1. Nome do principal oficial e levita, que administrou as coletas feitas durante o reinado de Ezequias (II Crô. 31:12,13). Há uma certa confusão textual no tocante ao seu nome, e aparecem variantes, como *Jeconias*.

2. Um líder levita que esteve associado à administração do rei Josias (II Crô. 35:9).

CONCUBINA

Vem do lat. *con*, «com», e *combere*, «deitar». Portanto, «deitar com».

A palavra aparece somente no Antigo Testamento, havendo dois termos hebraicos envolvidos, a saber:

1. Lechenah, «donzela cantora». Palavra que aparece por somente três vezes: Dan. 5:2,3,23. Essa palavra aparece na porção aramaica de Daniel.

2. *Pilegesh*, «*concubina*». Palavra que figura por trinta e sete vezes (por exemplo, Gên. 22:24; 25:6; Juí. 8:31. 19:1,2,9,10,24,25,27,29; 20:4-6; II Sam. 3:7; 5:13; 15:16; I Reis 11:3; I Crô. 1:32; 2:46,48; II Crô. 11:21; Est. 2:14; Cant. 6:7,8).

Havia variedades de concubinas. Talvez a mais comum fosse a mulher escrava, a qual, como propriedade de seu senhor, era usada com finalidades sexuais. Quase sempre isso resultava em uma outra família, distinta da família legítima, gerada através da esposa ou esposas legitimas. Porém, de acordo com os costumes dos hebreus, tal mulher podia ser adquirida a dinheiro, ou poderia ser uma mulher cativada na guerra, ou então poderiam ser mulheres hebréias contratadas com esse propósito. Algumas vezes, quando o casamento regular não produzia os herdeiros desejados, era usada uma concubina com esse propósito, conforme se vê no bem conhecido caso de Abraão e Hagar, em Gênesis 16:2. Os pais das noivas com freqüência davam criadas às suas filhas, quando se casavam, como presente de casamento. Subseqüentemente, essas criadas tornavam-se concubinas dos maridos de suas patroas. Foi o que sucedeu a Zilpa, em Gên. 29:24, e a Bila, em Gên. 29:29. A lei mosaica protegia as concubinas (Êxo. 21:7-11; Deu. 21:10-14), embora fossem conhecidas como mulheres de posição inferior às esposas legitimas (Juí. 8:31), pelo que também os homens podiam divorciar-se delas mais facilmente (Gên. 21:10-14).

A prática era tão comum na cultura do Antigo Testamento que a concubina podia aspirar desfrutar do afeto do homem com quem estava ligada, não menos que no caso de uma esposa legitima (Juí. 19:1-3), e, por muitas vezes, desfrutava de iguais privilégios àqueles dados à esposa, no lar. Algumas concubinas eram mesmo consideradas mais importantes que as esposas legitimas, — como seria de esperar. A mente dos hebreus não via qualquer coisa de errado com certas formas de poligamia, pois ao homem era concedido grande liberdade sexual. O que era severamente punido era o adultério, quando um homem seduzia a esposa de outro. Se indagarmos por que essa prática era tão universal, há várias respostas:

1. A natureza polígama natural dos homens. 2. A questão da herança, pois nenhum homem podia deixar de ter herdeiros e ser respeitado como membro da comunidade. Havia esposas estéreis, o que exigia que o homem tomasse outras mulheres. 3. A doutrina hebréia de que ter muitos filhos era sinal do favor divino. O fruto do ventre era a *recompensa* de um homem (Sal. 127:3). Naturalmente, a prática estava sujeita a abusos. Para exemplificar, os monarcas orientais competiam uns com os outros, para ver quem conseguia o harém mais numeroso, com a maior variedade de mulheres. Houve até mesmo *princesas* que vieram a fazer parte desses haréns, aumentando a importância dos mesmos, e o gabarito dos monarcas. Portanto, é errado pensarmos nas concubinas apenas como uma segunda escolha, como mulheres de baixa envergadura, como uma escrava. Houve muitas exceções notáveis quanto a esse tipo de concubinato. O mais incrível exemplo foi dado por Salomão, nas páginas do Antigo Testamento. Ele tinha setecentas esposas, muitas delas princesas, além de trezentas concubinas (I Reis 11:3). Muitos dos homens invejavam abertamente a sua situação, a despeito do fato de que o mesmo versículo diz que essas mulheres perverteram o coração desse monarca. Sem dúvida, certas práticas idólatras foram envolvidas, para agradar as mulheres mais importantes de Salomão.

Por que o Concubinato Diminuiu nos Tempos do Novo Testamento? A primeira razão era de origem econômica. É preciso muito dinheiro para manter até mesmo um harém modesto. Somente os ricos e poderosos podem destacar-se. Sabemos que os mórmons, no começo da história do movimento, embora até mesmo encorajados a praticar a poligamia, por suas doutrinas religiosas, não o faziam em grandes números. A época dos pioneiros não era um tempo de dinheiro fácil para que muitos homens pudessem assumir a responsabilidade por mais de uma esposa. Além disso, Joseph Smith havia avisado a seus seguidores de que a poligamia era uma responsabilidade sagrada, não devendo ser assumida sem os recursos próprios e a atitude mental apropriada. A segunda razão era *espiritual*. Já vimos que — no caso de Salomão — a prática da poligamia havia prejudicado espiritualmente a esse rei de Israel. A terceira razão era a *voz profética*, a qual, nos últimos estágios do Antigo Testamento, tinha começado a ressaltar a monogamia como o ideal no matrimônio. Ver Mal. 2:14 ss. Jesus também frisou esse ideal (Mat. 19:8), e Paulo proibiu os casamentos plurais, no caso dos lideres da Igreja cristã (I Tim. 3:2). O próprio fato de que essa regra teve de ser determinada mostra-nos que ainda havia casamentos plurais na Igreja primitiva. A história mostra-nos, entretanto, que a monogamia tornara-se o costume padrão da sociedade hebréia, na época de Jesus, embora ainda houvesse exceções. A lei mosaica permitia a poligamia, e muitos judeus ainda seguiam tal provisão.

A Moderna Igreja Cristã tem tido problemas com a poligamia, especialmente na África, onde tal costume ainda está bem vivo. A principio, os missionários evangélicos proibiam a poligamia para qualquer líder das igrejas. Mas, quando se descobriu que muitas das esposas rejeitadas tornavam-se prostitutas, muitos missionários mudaram de parecer, permitindo a continuação da poligamia, como algo não tão nefasto quanto a prostituição. O problema é que poucas mulheres, dentre as rejeitadas, tinham qualquer meio de sustentação, e assim voltavam-se para a prostituição, se quisessem sobreviver. Em um sínodo recente, efetuado em dezembro de 1985, efetuado para revisar algumas das medidas tomadas quando do concilio do Vaticano II (ver o artigo sobre os *Concílios da Igreja*), foi debatido o problema da poligamia na África. Um bispo católico romano da África afirmou que impor a monogamia na África é impossível. O papa João Paulo II reagiu, consternado, diante dessa declaração, erguendo as mãos ao céu, em um gesto espontâneo. É interessante observar que, durante quase o debate inteiro, o papa João Paulo II ouviu tudo em atitude quase passiva, mesmo quando problemas difíceis precisavam ser enfrentados pela Igreja Católica Romana. Porém, foi a poligamia dos africanos que produziu a reação mais emocional. Ver o artigo separado sobre a *Poligamia*. (H ND)

CONCUPISCÊNCIA

Precisamos levar em conta três palavras hebraicas e quatro palavras gregas, a saber:

1. *Nephesh,* «alma», «respiração», «desejo». Essa palavra hebraica é de ocorrência comum, mas com o sentido de «concupiscência» aparece somente por duas vezes: Êxo. 15:9; Sal. 78:18.

2. *Sheriruth, «teimosia»,* «inimizade», «imaginação». Palavra hebraica usada por dez vezes, embora apenas por uma vez com o sentido de «concupiscência»: Sal. 81:12.

3. *Taavah,* «objeto de desejo». Palavra hebraica usada por quinze vezes. Por exemplo: Sal. 78:29,30; 112:10; Pro. 10:24; 21:15; Isa. 26:8.

4. *Epithumía,* «desejo forte», «concupiscência». Palavra grega usada por trinta e sete vezes. Alguns exemplos são: Mar. 4:19; Luc. 22:15; João 8:44; Rom. 1:24; Gál. 5:16,24; Efé. 2:3; Fil. 1:23; Col. 3:5.

5. *Hedoné,* «prazer», «doçura». Palavra grega usada por cinco vezes: Luc. 8:14; Tito 3:3; Tia. 4:1,3; II Ped. 2:13. É desse termo que nos vem o vocábulo português «hedonismo» (que vide).

6. *Óreksis,* «desejo ansioso». Palavra grega usada por somente uma vez: Rom. 1:27.

7. *Páthos,* «sofrimento», «afeto». Palavra grega usada por três vezes: Rom. 1:26; Col. 3:5; I Tes. 4:5.

O pecado da concupiscência é combatido no *Decálogo* (que vide) de várias maneiras. Os pecados sexuais são proibidos pelo sétimo mandamento (Êxo. 20: 14), e a cobiça de todas as formas é proibida em Êxodo 20:17. Porém, nenhuma outra atitude e ação é mais comum entre os homens do que a concupiscência e a cobiça. Isso harmoniza-se bem com a natureza basicamente egoísta do homem. Todavia, há palavras hebraicas e gregas que podem ser usadas em sentido negativo ou em sentido positivo. Quanto ao termo grego *epithumía,* tão importante no Novo Testamento, ele é usado em sentido positivo em Luc. 22:15 e I Tes. 2:17. Assim, Jesus *desejou* comer a páscoa com os seus discípulos; e Paulo tinha o grande desejo de visitar os crentes de Tessalônica. Mas o sentido negativo é muito mais freqüente no Novo Testamento. Os pagãos tinham desejos impuros, que os corrompiam (Rom. 1:24). Os jovens mostram a tendência de experimentar os desejos pecaminosos. Por esse motivo, Timóteo foi aconselhado a evitar as paixões da juventude (II Tim. 2:22). Paixões e maus desejos precisam ser mortificados pelos crentes (Col. 3:5). As concupiscências carnais precisam ser evitadas (I Ped. 2:11). Esses desejos distorcidos produzem toda a espécie de males e corrupções neste mundo (II Ped. 1:4; 2:10) que impedem o desenvolvimento da alma.

Os estóicos procuravam anular os desejos, mostrando que o indivíduo cai em um ciclo louco por causa dos mesmos. Primeiramente, a pessoa deseja; então obtém aquilo que quer; tendo obtido o que quer, deseja algo mais e quanto mais deseja, mais obtém, e mais deseja, *ad infinitum.* O resultado final desse ciclo vicioso é a frustração, porquanto tal ciclo não pode ser interrompido, e nem satisfaz, realmente. O estoicismo (que vide) recomendava a *apatia,* a fim de substituir os desejos. Mas o cristianismo recomenda o cultivo de desejos espirituais, em substituição aos desejos carnais.

A concupiscência até mesmo os apetites naturais, são classificados como concupiscência exagerada, sem falar nada sobre aquelas coisas diretamente proibidas. Algumas pessoas desejam intensamente alimentos; mas não há apetite que se possa comparar com o desejo sexual. Schopenhauer queixava-se que os jovens desperdiçam metade de seu tempo promovendo essa forma de concupiscência, supondo que tal desejo é uma *insanidade* que pode ser curada por meio do casamento. Ele percebia claramente que aquilo que quase todas as pessoas chamam de «amor», na realidade não passa de concupiscência. Contudo, ele se referia favoravelmente à simpatia, porquanto todos nos encontramos na mesma condição de miséria. Ver o artigo sobre o *Pessimismo.* Recentemente li um artigo sobre aconselhamento cristão. Ali os pastores são advertidos sobre o fato de que podem ser apanhados na teia das paixões, por causa de seus próprios *impulsos elementares.* Isso é um eufemismo, para dizer que até mesmo as pessoas mais religiosas continuam impelidas por paixões físicas, visto que todos nós somos animais sexuados. Naturalmente, há o lado espiritual do homem que combate contra o descontrole acerca dessas paixões. Paulo refere-se a esse conflito interno no sétimo capítulo da epístola aos Romanos, o que se tornou uma exposição clássica e um tanto mais impressionante, porque a questão é uma confissão feita pelo próprio apóstolo. Em Gálatas 5:16 ele alude aos desejos da carne. A Bíblia ensina que o último inimigo a ser vencido é a morte. Mas, se ele tivesse falado sobre o último vício a ser conquistado provavelmente teria dito: «O último vício a ser conquistado é a concupiscência». Ver o artigo sobre os *Vícios.* Esse artigo mostra quantos problemas temos de enfrentar. O trecho de Efésios 5:5 informa-nos que tais vícios precisam ser conquistados, antes que possamos herdar o reino de Deus e de Cristo. Se não forem dominados, esses vícios haverão de levar-nos a juízo (Efé. 5:6). A passagem de Efésios 1:10 assegura que a vitória final espera por todos nós, mas um homem pode desviar-se para longe, e por muito tempo, antes que chegue a obter a vitória sobre as suas próprias paixões.

CONDENAR Ver também **Condenação.**

Estão envolvidas três palavras hebraicas e cinco palavras gregas, a saber:

1. *Rasha,* «fazer ou declarar errado». Palavra hebraica usada no A.T. por quinze vezes, com o sentido de «condenar» (por exemplo: Êxo. 22:9; Deu. 25.1; Jó 9:20; 10:2; Sal. 37:33; Pro. 12:2; Isa. 50:9; 54:17).

2. *Anash,* «oprimir», «taxar». Palavra hebraica que ocorre por duas vezes com o significado de «condenar»: II Crô. 36:3 e Pro. 17:26.

3. *Shaphat,* «julgar», «agir com magistrado». Palavra hebraica usada por duzentas e três vezes. Por exemplo: Gên. 16:5; 31:53; Êxo. 5:21; 18:13; 16:22,26; Lev. 19:15; Núm. 35:24; Deu. 1:16; 16:18; Juí. 3.10; 4:4; 16:31; I Sam. 3:13: 4:18; 7:6,15,16,17; I Reis 3:9,10; II Reis 15:5; I Crô. 16:33; II Crô. 1:10,11; Jó 21:22; Sal. 7:8; 9:4,8; Pro. 29:14; Ecl. 3:17; Isa. 1:17,23; Jer. 5:28; Lam. 3:59; Eze. 7:3,27; 11:10, 11; 16:38; Dan. 9:12; Joel 3:12; Oba. 21; Miq. 3.11; 4:3.

4. *Kataginósko,* «saber algo contra». Palavra hebraica usada por três vezes: Gál. 2:11; I João 3:20,21.

5. *Katadikázo,* «julgar contra». Palavra grega que aparece por quatro vezes: Mat. 12:7,37; Luc. 6:37; Tia. 5:6.

6. *Katakríno,* «condenar». Termo grego usado por dezoito vezes: Mat. 12:41,42; 20:18; 27:3; Mar. 10:33; 14:64; 16:16; Luc. 11:31,32; João 8:10,11; Rom. 2:1; 8:3,34; 14:23; I Cor. 11:32; Heb. 11:7; II Ped. 2:6.

7. *Krínо,* «julgar». Palavra hebraica usada por cerca de cento e quinze vezes, desde Mat. 5:40 até Apo. 20: 12,13.

8. *Autokatákritos,* «condenado por si mesmo». Palavra grega usada somente em Tito 3:11.

Ver o artigo geral sobre o *Julgamento.* A palavra «condenar», nas Escrituras, pode referir-se ao juízo final, quando haverá a grande condenação, ou pode referir-se à condenação comum dos homens, como em Deu. 25:1. Em Mateus 12:7, encontramos os juízos adversos que os homens fazem, maldosamente, sobre seus semelhantes. A condenação divina sobrevém aos homens que eles, em meio à luz que foi dada aos homens, preferem viver nas trevas (João 3:19). Sem essa luz divina, os pagãos estão condenados por sua própria voz interna, a consciência (Rom. 2:14,15). Aquele que dá ouvidos às palavras de Cristo escapa da condenação (João 5:24). Aqueles que estão em Cristo Jesus escaparam da condenação (Rom. 8:1). Os homens, de modo diferente do que Deus faz, condenam os inocentes (Sal. 94:21); mas, no fim, Deus reverte todos os julgamentos dessa espécie (I Reis 8:23; Sal. 109:31; Isa. 50:9). Jesus nos proíbe de condenarmos uns aos outros, mediante a atitude censuradora (Luc. 6:37; Rom. 2:1). Noé, ao agir em conformidade com as ordens de Deus, e ao pregar a retidão, condenou

o mundo, tendo servido como instrumento de Deus (Mat. 12:41 *ss).* Um homem pode condenar a si mesmo, através de suas próprias ações e palavras (Jó 9:20; 15:6; Tito 3:11). O coração e a consciência de um homem podem condená-lo (I João 3:20). Os magistrados, como representantes de Deus, condenam àqueles que praticam a iniqüidade (Rom. 13:1-5). Jesus não veio a este mundo para condenar, mas para salvar. Portanto, a condenação ocorre porque os homens, pervertidamente, negam-se a aceitar a salvação oferecida no evangelho (João 3:17). Apesar de que o julgamento é real e severo, também é remediai, o que envolve uma grande esperança para todos os seres humanos (I Ped. 4:6).

CONDIMENTOS

Várias palavras hebraicas e uma grega devem ser consideradas neste verbete, a saber:

1. *Basam, besem ou bosem,* «especiaria». Essa palavra, que aparece nessas três formas, ocorre por trinta vezes. Por exemplo: Êxo. 25:6; 30:23; I Reis 10:2,10,25; II Crô. 9:1,9,24; Can. 4:10,14,16; Isa. 39:2; Eze. 27:22; Can. 5:1.

2. *Nekoth,* «arômatas». Palavra hebraica que figura por duas vezes: Gên. 37:25; 43:11.

3. Sammim, «substâncias odoríferas». Palavra hebraica usada por dezesseis vezes. Por exemplo: Êxo. 30:34; 37:29; Lev. 4:7; 16:12; II Crô. 2:4; 13:11.

4. *Ároma,* «aroma», «especiaria». Palavra grega que aparece por quatro vezes: Mar. 16:1; Luc. 23:56; 24:1 e João 19:40.

4. *Reqach,* «*mistura* aromatizada». Palavra hebraica que figura somente em Can. 8:1.

5. Raqach, «composto». A palavra aparece por oito vezes. Por exemplo: Eze. 24:10; Êxo. 30:25; II Crô. 16:14.

Originalmente, as especiarias aromatizantes eram usadas quase inteiramente nos cultos de adoração. Muito antes da época de Abraão, os egípcios já usavam especiarias aromatizantes. Nas escavações arqueológicas, essas especiarias têm sido encontradas em receptáculos especiais. O direito dos sacerdotes usarem especiarias aromáticas foi confirmado por Moisés (Êxo. 30:22 *ss).* As principais especiarias usadas eram a mirra, o cinamono, o cálamo e a cássia. Essas especiarias, sob a forma de pó, quando misturadas, eram misturadas com puro azeite de oliveira, a fim de compor o que a Bíblia chama de «óleo da santa unção». Parece que cerca de 22 kg de especiarias aromatizantes eram misturados com cerca de 5,7 litros de azeite puro de oliveira.

O trigésimo capitulo do livro de Êxodo deve ser lido com atenção aos detalhes, para que se note as instruções que dizem que as especiarias deveriam ser preparadas por um apotecário, ou, conforme o chamaríamos atualmente, por um farmacêutico. Esses «perfumistas» não podiam preparar tais fragrâncias com qualquer outro propósito, senão aquele que visava à adoração ao Senhor. Entretanto, posteriormente, os filhos de Israel desobedeceram a essa instrução, pois, quando eles clamaram, solicitando um rei, como se dava nas nações circunvizinhas, Samuel avisou-os de que o rei, sem dúvida alguma, tomaria algumas das filhas do povo para serem perfumistas (I Sam. 8:13).

Quando um certo rei de Judá faleceu (ver II Crô. 16:14), os judeus «...puseram-no sobre um leito, que se enchera de perfumes e de várias especiarias, preparados segundo a arte dos perfumistas. Foi mui grande a queima que lhe fizeram destas cousas». É possível que assim tivesse acontecido ao rei Asa por causa de sua doença «dos pés», que era muito grave (II Crô. 16:12). É possível que essa enfermidade fosse a gangrena, que emitia um considerável mau cheiro, devido à putrefação dos pés. O uso de especiarias nesse caso, presumivelmente poderia ser considerado um uso religioso, porquanto teve lugar em um funeral!

Bem mais tarde, já nos dias de Zedequias, o profeta Jeremias aludiu aos perfumes que seriam «queimados» por ocasião da morte desse rei (Jer. 34:5. cf. Lev. 26:31 e Eze. 20:28). É possível que haja nisso a sugestão à cremação, conforme pensam alguns estudiosos. Nesse caso, o emprego de especiarias aromáticas teria o intuito de disfarçar o mau cheiro que exalava das carnes e ossos queimados. Essa idéia quase certamente é enfatizada por Ezequiel, onde o profeta diz, segundo o original hebraico: «...cozinha a carne, põe muita especiaria...», mas onde nossa versão portuguesa diz: «...cozinha a carne, engrossa o caldo...», o que é uma tradução para a qual não encontramos razões.

As especiarias usadas em Gênesis 37:25 e em Cantares 5:1 e 6:2, provavelmente envolvem as seguintes espécies vegetais, aqui apresentadas segundo seus nomes científicos: *Astragalus tragacantha.* Disso consistiriam as «arômatas» ali mencionadas, embora em Cantares tenhamos, respectivamente, «especiaria» e «canteiros de bálsamos».

É dificílimo traduzir palavras hebraicas que dizem respeito à fauna, à flora, às pedras preciosas, etc., porque a Bíblia não foi escrita numa época de linguagem científica. Por isso, as opiniões dos eruditos e especialistas são extremamente díspares. Quanto a posteriores discussões sobre especiarias e condimentos, consultar os seguintes artigos: *Aloés; Bálsamo; Cálamo; Cana; Cássia; Cinamono; Cosmetologia; Cominho; Incenso; Goma; Hena; Mirra; Nardo; Ungüento; Perfumaria; Açafrão; Cana Aromática; Estoraque; Substâncias Odoríferas.*

CONFIAR

Nas Escrituras, o ato de confiar envolve dois aspectos básicos: a. entregar-se aos cuidados de outrem; e b. deixar-se persuadir. Essas idéias fundamentais aparecem tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, até mesmo no sentido das palavras hebraicas e gregas envolvidas. A moderna noção de «fé», apenas como crença na existência ou funcionabilidade de algo ou de alguém, é muito superficial. É extremamente comum alguém dizer que «crê em Deus», quando tudo que ele quer dizer é que sabe que Deus existe. Essas pessoas nunca se entregaram aos cuidados de Deus, quanto à segurança eterna de suas almas, nem jamais se deixaram persuadir pelas promessas e garantias dadas pela palavra de Cristo.

A. Termos Originais

Vocábulos que transmitem a idéia de outorga:

1. *Batach,* «apoiar-se em». Palavra hebraica usada por cento e vinte vezes. Por exemplo: Deu. 28:52; II Reis 18:5; 19:10; Sal. 4:5; 13:5; 49:6; Pro. 3:5; 16:20; Isa. 12:2; 26:4; Jer. 7:4; 17:5; Eze. 33:13; Amós 6:1; Sof. 3:2.

2. *Galal,* «rolar sobre». Palavra hebraica empregada por dezoito vezes. Por exemplo: Sal. 22:8. 37:5; Pro. 16:3.

3. *Chasah, «refugiar-se».* Palavra hebraica que ocorre por trinta e sete vezes. Para exemplificar: Deu. 32:37; Juí. 9:15; Rute 2:12; II Sam. 22:3; Sal. 2:12; 7:1; 31:1; 118:8,9; Pro. 30.5; Isa. 57:13; Naum 1:7, Sof. 3:12.

4. *Elpízo,* «esperar em». Palavra grega usada por trinta e uma vezes: Mat. 12:21; Luc. 6:34; 23:8; 24:21; João 5:45; Atos 24:26; 26:7; Rom 8:24,25; 15:12,24; I Cor. 3:7; 15:19; 16:7; II Cor 1:10,13, 5:11; 8:5; 13:6; Fil. 2:19,23; I Tim. 3:14; 4:10; 5:5; 6:17; File. 22; Heb. 11:1; I Ped. 1:13; 3:5; II João 12 e III João 14. O substantivo *elpís* «esperança», ocorre por cinqüenta e uma vezes, desde Atos 2:26 até I João 3:3.

Vocábulos que transmitem a idéia de deixar-se persuadir:

1. *Chil,* «permanecer». Palavra hebraica que figura por nove vezes. Por exemplo: Juí. 3:25; Miq. 1:12.

2. *Mibitach,* «confiança». Palavra hebraica que aparece por catorze vezes. Por exemplo: Jó 18:14; Sal. 65:5; Pro. 14:26; Jer. 2:37; Eze. 29:16.

3. *Kesel,* «firmeza». Palavra hebraica que figura por quatro vezes. Por exemplo: Pro. 3:26; Jó 8:14.

4. *Kislah,* «confiança». Palavra hebraica que, com esse sentido, aparece em Jó 4:6.

5. *Parresía,* «ousadia». Palavra grega que aparece por trinta e uma vezes: Mar. 8:32; João 7:4,13,26; 10:24; 11:14,54; 16:25,29; 18:20; Atos 2:29; 4.13,29 31; II Cor. 3:12; 7:4; Efé. 3:12; 6:19; Fil. 1:20; Col 2:15; I Tim. 3:13; File. 8; Heb. 3:6; 4:16; 10:19,35; I João 2:28; 3:21; 4:17; 5:14.

6. *Peítho,* «estar persuadido». Termo grego usado por cinqüenta e três vezes: Mat. 27:20,43; 28:14; Mar. 10:24; Luc. 11:22; 16:31;

18:9; 20:6; Atos 5:36,37,40; 12:20; 13:43; 14:19; 17:4; 18:4; 19:8,26; 21:14; 23:21; 22:26; 27:11; 28:23,24; Rom. 2:8,19; 8:38; 14:14; 15:14; II Cor. 1:9; 2:3; 4:11; 10:7; Gál. 1:10; 5:7,10; Fil. 1:6,14,25; 2:24; 3:3,4; II Tes. 3:4; II Tim. 1:5,12; File. 21; Heb. 2:13; 6:9; 13:17,18; Tia. 3:3; I João 3:19.

7. *Pepoíthesis,* «confiança». Substantivo grego usado por seis vezes: II Cor. 1:15; 3:4; 8:22; 10:2; Efé. 3:12 e Fil. 3:4.

A principal palavra hebraica é «batach». Alguns estudiosos, além de aceitarem para ela o sentido de «apoiar-se», também pensam que talvez, mais radicalmente, signifique *estar aberto,* o que reflete a idéia original de «confiança», dando a idéia que nada há a ocultar da pessoa em quem se confia.

A Bíblia ensina-nos o valor da confiança (Isa. 30:15; Heb. 10:35), mas não no «ouro» (Jó 31:24), e nem no homem, por maior e mais importante que este seja (Sal. 118:8,9; Jer. 17:5). Fica excluída, das Escrituras, até mesmo a confiança própria (Pro. 14:16; Fil. 3:3). Na Bíblia, a única confiança válida é aquela posta em Deus (Sal. 65:6; Pro. 3:26; 14:26), conforme Deus se revelou na pessoa de Cristo: «. ..pelo qual temos ousadia e acesso com confiança, mediante a fé nele» (Efé. 3:12). «Estas cousas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em nome do Filho de Deus. E esta é a confiança que temos para com ele, que, se pedirmos alguma cousa segundo a sua vontade, ele nos ouve» (I João 5:13,14).

Tal como sempre faz, a Bíblia vai desenvolvendo o tema da confiança, desdobrando as várias idéias que fazem parte do conceito. Assim, a Bíblia tanto exorta-nos à confiança (por exemplo, Sal. 115:15), como faz promessas firmes àqueles que puserem sua confiança em Deus (por exemplo, Isa. 26:3), assim como também fornece-nos muitos exemplos de confiança em Deus. Quanto a este último aspecto, nenhum capitulo é mais eloqüente que Heb. 11:1-40. Finalmente, para desencorajar a atitude humana da incredulidade, tão natural em nós, Deus nos apresenta muitas advertências contra essa atitude que tanto desonra ao Senhor. Dessa reprimenda não escaparam nem mesmo os discípulos originais, conforme lemos em Mar. 16:14: «Finalmente, apareceu Jesus aos onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto já ressuscitado». E o autor da epístola aos Hebreus adverte como segue, àqueles crentes judeus que pareciam dispostos a retroceder da sua nova fé em Cristo: «Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo...» (Heb. 3:12).

No Novo Testamento, o ensino sobre a «confiança» no Senhor atinge o seu ponto culminante. Quanto os escritores sagrados usam o verbo peítho, «estar persuadido», eles mostram que a confiança, na Bíblia, nunca envolve a idéia de mera expectação confiante. Antes, ela nos mostra que confiar é estar persuadido por argumentos celestes, usados pelo Espirito de Deus, capazes de convencer o crente sobre as realidades reveladas. «E assim, a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo» (Rom. 10:17). Que essa persuasão não vem apenas por meio de provas externas de qualquer espécie, lemos: «E, embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele; para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que diz: Senhor, quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor?» (João 12:37,38). Essa persuasão vem do céu. «Certa mulher chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às cousas que Paulo dizia» (Atos 16:14).

É por esse motivo que os crentes não se caracterizam por uma confiança tímida e hesitante. Antes, a fé deles pode crescer e fortalecer-se até tornar-se *parresía,* ou «ousadia». Talvez em nenhuma outra passagem essa ousadia transpareça tão claramente como na epístola aos Hebreus (10:19 *ss),* onde lemos: «Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus...aproximemo-nos com sincero coração, em plena certeza da fé... Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel».

CONFUSÃO DAS LÍNGUAS

Ver o artigo sobre **Babel, a cidade e a Torre.**

CONGREGAÇÃO, MONTE DA

A expressão figura somente no trecho de Isaías 14:13, em todo o Antigo Testamento. Alguns intérpretes supõem que a referência original é à «congregação dos deuses», o que seria uma alusão à religiões pagãs, mencionada nos textos acádicos e ugaríticos. É possível que esteja em foco o monte Moriá. Mas, a referência ao norte, dentro desse texto de Isaías, não nos permite pensar no monte Moriá, e nem em Sião, que não ficava na porção norte de Jerusalém. Diz Delitzch, em seu comentário sobre o livro de Isaías: «O profeta faz o rei da Babilônia falar segundo a noção geral de seu povo, que localizava a sede da divindade no cume das montanhas do norte, perdidas em meio às nuvens. Outros intérpretes, para evitar a referência pagã, declaram que nada que se pareça com isso pode ser asseverado, e nem pode tal referência ser identificada com qualquer localização geográfica específica. Isso significa que não sabemos o que o autor sagrado tinha em mente.

CONSELHO, CONSELHEIRO

No hebraico, **etsah,** «conselho», palavra que ocorre por oitenta e seis vezes, como, por exemplo, Deu. 32:28; Juí. 20:7; II Sam. 15:31,34; 16:20,23; I Reis 1: 12; II Crô. 10:8,13; Esd. 10:3,8; Nee. 4:15; Jó 5: 13; 10:3; 12:13; Sal. 1:1; 13:2. 14:6; Pro. 1:25,30; 8:14; 12:15; 19:20,21; Isa. 5:19; 11:2; Jer. 18:18,23; Eze. 7:26; Zac. 6.13. As idéias envolvidas nesse termo e seus cognatos são «sessão», «assembléia», «julgar», «defensor», «conselheiro».

Os pensamentos das pessoas transparecem em suas reuniões, e isso empresta autoridade às suas palavras, de uma maneira como não se verifica quando alguém fala isoladamente. No entanto, também há conselhos ímpios, negativos, e também aqueles conselhos que são desobedecidos e ignorados (Sal. 33:10,11; II Sam. 15:34; Isa. 49:19; 19:3).

O Messias como Conselheiro. Isaías previu a vinda do grande Conselheiro (Isa. 9:6; 11:2). O conselho da paz seria estabelecido entre o Messias vindouro e o sumo sacerdócio (Zac. 6:13). Um conselheiro sugeria soluções sábias sobre qualquer questão, sendo esse um conceito geral do Antigo Testamento (Pro. 11:14; II Crô. 25:16; II Sam. 15:12; Eze. 7:28). Porém, o Messias é o maior de todos os conselheiros, cujos conselhos exerceriam um impacto universal.

No Novo Testamento, entre os judeus os conselheiros usualmente eram membros do Sinédrio (que vide) segundo se vê em Mar. 15:43 e Luc. 23:50. José de Arimatéia foi chamado de *bouleutês,* isto é, membro do concílio, e era um conselheiro. O conselho de Deus é imutável, pois exprime o seu propósito eterno (Heb. 6:17). O julgamento de Deus, quanto à validade ou não de nossas ações, é mais importante do que a nossa própria consciência (I Cor. 4:4). Nenhuma determinação humana pode ser ocultada de Deus; e os juízos divinos ultrapassam e frustram todas as racionalizações humanas (Rom. 11:33).

CONSOLO, CONSOLAÇÃO

O consolo consiste nestes pontos:

1. Alívio em face da tristeza, com desafogo em face do desapontamento e da consternação. Na literatura ascética e devocional, o termo é usado para denotar a felicidade que se segue a períodos de depressão espiritual ou de aridez nas orações. 2. O termo também é empregado para denotar a refeição vespertina dos monges, após a refeição diária normal. Geralmente era tomada altas horas da noite. Essa refeição extra era uma espécie de compensação pelas tensões dos tempos de oração e trabalho diligentes. Alimentos mais substanciais e ricos geralmente eram oferecidos na ocasião. 3. Quanto aos usos bíblicos, ver a continuação deste artigo.

No hebraico temos três palavras, e no grego, uma:

1. *Tanchumim,* «consolos». Palavra hebraica usada por três vezes: Sal. 94:19; Isa. 66:11; e Jer. 16:7.

2. *Tanchumoth,* «consolos». Palavra hebraica usada por duas vezes: Jó. 15:11 e 21:2.

3. *Nacham,* «consolo». Palavra hebraica usada por cento e três vezes (para exemplificar: Gên. 5:29; 37:35; Rute 2:13; II Sam. 10:2,3; I Crô. 7:22; Jó 2:2,11; 7:13; Sal 23:4; Isa. 12.1; 22:4; 40:1; Jer. 16:7; Lam. 1:2,17,21; Eze. 14:23; Zac. 1:17; 10:2).

4. *Paráklesis,* «consolação». Palavra grega usada por vinte e nove vezes: Luc. 2:25; 6:24; Atos 4:36; 9:31; 13:15; 15:31; Rom. 12:8; 15:4,5; I Cor. 14:3; II Cor. 1:3-7; 7:4,7,13; 8:4,17; Fil. 2.1; I Tes. 2:3; II Tes. 2:16; I Tim. 4:13; File. 7; Heb. 6:18; 12:5; 13:22.

O nome do profeta de Israel, Neemias, vem de uma raiz hebraica que significa «consolo» (ver o número 3, acima). O vocábulo grego é usado como um dos nomes do Espírito Santo, o *Paracleto* (que vide). Essas palavras são largamente usadas para indicar todas as formas de consolo, em que a tristeza se transmuta em júbilo. Ver Isa. 40:1; 49:13; 51:3. As palavras hebraicas também podem indicar o refrigério físico ou mental (Gên. 18:5; Juí. 19:5,8). Porém, é a Palavra de Deus que, acima de tudo, aparece como o grande consolo dos crentes (Sal. 119:50). Inerente ao uso há a idéia de mudança da tristeza para a alegria. A presença de Alguém que cuida de nós e que conosco simpatiza, transparece com freqüência. Isso sucede até mesmo quando a alguém faltam as palavras próprias para consolar a outrem. De alguma maneira, a tristeza compartilhada chega a consolar, mesmo quando pensamos que isso é impossível.

No Novo Testamento, — há muitas aplicações da palavra grega e da idéia de consolo. O trecho de Mateus 5:4 promete consolo àqueles que choram. Os três membros da Trindade (que vide) envolvem-se na obra da consolação (II Cor. 1:5, 6; Fil. 2:1; Atos 9:31). Jesus compartilha de nossas tristezas e é o nosso Consolador (Luc. 7:13; Heb. 2:18). O Espírito Santo, o Alter ego de Cristo, e perpetuador de sua missão, também é chamado de Consolador (João 14:16). Essa palavra pode significar «advogado»; e, nesse sentido, é aplicada a Jesus Cristo, em I João 2:1. O estado futuro dos remidos é descrito como um estado de consolação, para aqueles que pouco tiveram na vida terrena (Luc. 16:22). A segunda epístola aos Coríntos tem sido chamada de «epístola do consolo», porquanto contém a palavra grega *parákletos* por dez vezes. Ver II Cor. 1:3-7; 7:4,7,13; 8:4,17. No Novo Testamento, a forma nominal, *paráklesis,* é usada por vinte e nove vezes; a forma verbal, por cento e oito vezes; a forma pessoal, PARÁKLETOS, por cinco vezes, a saber, em João 14:16,26; 15:26; 16:7; I João 2:1.

Métodos de Consolo. Pode-se consolar a outrem de várias maneiras: compartilhando de sua tristeza; oferecendo simpatia; procurando modificar as condições entristecedoras; conferindo a outrem o conhecimento da salvação, que cura a tristeza da alma; oferecendo encorajamento; edificando e inspirando. E, no tocante à tristeza causada pelas privações físicas, aliviando as necessidades materiais, segundo se vê em Col. 4:11 e I Tes. 2:11.

Barnabé significa, em hebraico, «filho da consolação» (ver Atos 4:36). Ele era alguém que aconselhava de modo correto, visando ao benefício espiritual dos aconselhados. A epístola aos Hebreus é caracterizada como «palavra de exortação», refletindo a atitude demonstrada por Barnabé. A prontidão para dar apoio a quem se acha atribulado deveria ser uma das principais virtudes cristãs, no conceito dos crentes (I Tes. 2:11; Rom. 1:12; Col. 4:11). O consolo é uma dentre as várias obras de amor, comprovação e prova da espiritualidade (I João 4:7 *ss).* (A B)

CONSTRUIR, CONSTRUÇÃO

No hebraico, **banah** ou **benah,** palavra que figura por cerca de quatrocentas vezes, desde Gên. 4:17 até Mal. 1:4. No grego, *Oikodoméo,* «construir uma casa», palavra que figura por quarenta vezes, desde Mat. 7:24 até I Ped. 2:7. *Oikodomé,* «construção», aparece por dezoito vezes, de Mat. 24:1 a Efé. 4:29.

Uso Literal. Esse inclui o uso de vários materiais para construir edificações ou objetos, empregando um labor habilitado (II Crô. 34:11). No caso de edificações de grande porte, o trabalho era feito sob a supervisão de um «construtor» (I Cor. 3:10). O local da construção era escolhido pelo edificador (ver Gên. 4:17, que se refere à cidade de Enoque, construída por Caim). O povo de Israel foi forçado a edificar cidades-armazéns, como Ramisés e Píton. Os Gaditas reedificaram Dibom (Núm. 32:34); os rubenitas, Hesbom (Núm. 32:37). Altares foram levantados em muitos lugares (Êxo. 17:15; 32:5; Deu. 27:5). Davi construiu muito em Jerusalém (II Sam. 5:9). Salomão reconstruiu e ampliou as cidades de Milo, Hazor, Megido e Gezer, com portões e muralhas. Ele edificou Tadmor (Palmira) (II Crô. 8:4), como um posto avançado comercial. Porém, a maior obra arquitetural de Israel foi o templo de Jerusalém (que vide), erigido por Salomão, para comemorar o nome remidor de Yahweh (I Reis 6:1 *ss).* Nos dias de Israel e Judá, muitos palácios foram erigidos (I Reis 12:25; II Crô. 26:19; I Reis 16:23,32).

Após o exílio babilônico, Jerusalém e suas muralhas foram reconstruídas, conforme se lê nos livros de Neemias e Esdras. Durante o período intertestamentário, a Jerusalém dos hasmoneanos foi ampliada. Então foi efetuada a principal construção de Jerusalém, o templo de Herodes, em substituição ao templo de Esdras.

No antigo Israel, idéias e materiais eram importados de outros povos, sobretudo dos fenícios (Tiro) (II Sam. 5:11; I Reis 5:1 ss), o que significa que o templo de Jerusalém foi um projeto essencialmente dos fenícios. Israel nunca desenvolveu um estilo arquitetural distintivamente judaico. Os **principais edificadores da história do antigo Israel foram Davi, Salomão, Uzias e Jotão. As construções feitas por Herodes seguiam o estilo romano.**

Usos Metafóricos. a. Deus é o edificador de todas as coisas (Heb. 3:4, 11:10) incluindo seu grande ato de criação (Gên. 1:1), seu planejamento e sua energia, que traz à existência e empresta propósito a todas as coisas (I Cor. 8:6). b. O Filho de Deus está envolvido diretamente em cada um dos aspectos de tal criação e planejamento (João 1:1; Col. 1:16). c. Deus é o edificador de famílias, cidades e nações prósperas (I Crô. 17:10; Sal. 69:35; Jer. 18:9). d. Deus edifica o trono de Davi, tanto na nação de Israel como dentro da promessa messiânica, com alcance mundial e cósmico (Sal. 89:4). e. Deus edifica as muralhas de Jerusalém, fazendo a nação de Israel prosperar como um grande veículo espiritual (Sal. 51:18). f. A Igreja é edificada por Cristo, sobre ele mesmo, como pedra angular, e sobre os apóstolos e profetas como fundamento (Col. 2:7; Efé. 2:21, 22). Cristo é o alicerce da Igreja (I Cor. 3:11). g. Os santos são edificados em sua santíssima fé, o que os leva a prosperar espiritualmente (Judas 20). h. Os crentes são comparados a uma edificação que está sendo construída como uma entidade espiritual (I Ped. 2:4-6). i. O crescimento na graça é um processo de edificação espiritual (Col. 2:7), o que indica que se trata de um desenvolvimento gradual, passo a passo (ver Heb. 5:11-6:3). (ID S Z)

CONSULTAR

Vem do latim **consulere,** «aconselhar-se». Em I Reis temos o termo hebraico equivalente, onde se lê que os homens se aconselharam mutuamente. Também havia a idéia de consultar a deidade, com o propósito de determinar as ações futuras e os acontecimentos futuros. De algumas vezes, os meios usados nessa consulta são especificados; de outras vezes, não. Ver Jos. 9:14; I Sam. 14:37; 23:2. Algumas vezes, um profeta era usado para ser feita essa consulta (Jer. 38:14,27). Ou então o sumo sacerdote usava o urim e o tumim (Núm. 27:21; Esd. 2:63). Certas formas de consulta eram proibidas, como aquelas dirigidas aos espíritos ou aos ídolos (Dan. 18:11; Isa. 8:19 ss). Os pagãos costumavam fazer esse tipo de consulta (Isa. 19:3; Eze. 21:21). Também há o famoso caso de Saul (I Sam. 28:3 ss). A oração é uma forma do crente consultar a vontade do Senhor. Uma vida piedosa é um dos meios do crente consultar eficazmente a Deus. A maior parte das coisas que as pessoas buscam tem base no egoísmo. Porém, a consulta a Deus deveria ser um dos meios da promoção espiritual. As orações de

Paulo buscam a iluminação e o desenvolvimento espirituais. Ver Efé. 1:17 ss.

CONTAMINAR

Mais de uma dúzia de palavras hebraicas e gregas são traduzidas por «contaminar», «contaminação» ou sinônimos: *goel,* «polução», *chalal,* «poluir»; *chanep,* «profanar»; *tame,* «tornar imundo»; *tanaph,* «contaminar»; *alal,* «rolar»; *anah,* «humilhar». Dentre essas palavras hebraicas, a mais comumente usada é *tame,* que figura por cerca de duzentas e cinqüenta vezes, como verbo, substantivo ou adjetivo (por exemplo: Gên. 34:5,13,27; Lev. 11:44; 15:31; 20:3; Núm. 5:3; 6:9; 19:13; 35:34; II Reis 23:8,10,13; Sal. 79:1; Isa. 30:22; Jer 2:7; 32:34; Eze. 5:11; 9:7; 18:6; 43.7,8). As palavras gregas são as seguintes: 1. *Koinóo,* «tornar comum» (usada por catorze vezes: Mat. 15:1,18,20; Mar. 7:15,18,20,23; Atos 10:15; 11:9; 21:28; Heb. 9:13). 2. *Miaíno,* «tingir», «contaminar» (usada por cinco vezes: João 18:28; Tito 1:15; Heb. 12:15; Jud. 8). 3. *Molúno,* «contaminar», «tornar imundo» (usada por três vezes: I Cor. 8:7; Apo. 3:4; 14:4). 4. *Spiióo,* «manchar», «contaminar» (usada por duas vezes: Tia 3:6; Jud. 23). 5. *Phtheíro,* «corromper», «depravar» (usada por oito vezes: I Cor, 3:17; 15:33; II Cor. 7:2; 11:3; Efé. 4:22. II Ped. 2:12; Jud. 10; Apo. 19:2).

Contaminação entre os Judeus. 1. Contaminação física (Can. 5:3). 2. Contaminação sexual, por relações ilícitas (Lev. 18:20) ou por relações com uma mulher durante o seu período menstrual (Lev 15:24; I Sam. 21:5). 3. Contaminação moral ou ética (Isa. 59:3; Eze. 37:23). 4. Contaminação cerimonial. Ver o artigo geral sobre *Limpo e Imundo.* A imundícia cerimonial desqualificava a pessoa, não podendo participar do culto (Lev. 11:24; 15:19; 22:6). 5. Contaminação religiosa. Esse tipo de contaminação estava envolvido com a contaminação cerimonial, mas também envolvia o coração ou espírito, porquanto é possível alguém participar de uma reunião de culto com precisão cerimonial, mas ter um espírito corrompido (Núm. 25:33; Jer. 3:1; Mal. 1:7,12). Os líderes religiosos da época de Jesus tinham feito das contaminações cerimoniais um item muito importante, alistando inúmeras coisas, o que tornava a questão uma carga insuportável (Mar. 7:2; João 18:28), esquecendo-se assim do espírito real da lei. O ensino de Jesus sobre a contaminação sempre envolve a imundícia espiritual (Mat. 15:18; Mar. 7:19; Heb. 12:15). A exaustiva lista dos vícios, no primeiro capítulo da epístola aos Romanos, mostra-nos que os apóstolos estavam interessados em combater a contaminação moral. Ver o artigo sobre os *Vícios,* quanto a uma discussão completa a esse respeito.

CONTAR, CONTO

No hebraico encontramos quatro palavras, cada uma das quais empregada apenas por uma vez:

1. *Hegeh,* «meditação», «declaração». Aparece em Sal. 90:9.
2. *Mispar,* «narração». Aparece em I Crô. 9:28.
3. *Mathkoneth,* «medida». Aparece em Êxo. 5:8.
4. *Token,* «peso», «medida». Aparece em Êxo. 5:18.

No grego encontramos a palavra *lẽros,* que figura apenas em Luc. 24:11, que nossa versão portuguesa diz como segue: «Tais palavras lhes pareciam um como *delírio,* e não acreditaram nelas». A palavra em itálico corresponde ao orinal grego. Porém, a palavra grega tem mais o sentido de «absurdo», «despropósito», «disparate».

A tradução de Salmos 90:9 tem sido muito disputada. Há versões que dizem: «... como um conto que é relatado». Outras versões dizem: «... como a teia de uma aranha». Nossa versão portuguesa diz: «... como um breve pensamento». A tradução literal diria: «... como uma meditação». Portanto, nossa versão portuguesa é a que mais se aproxima da idéia.

Quando Moisés requereu permissão para entrarem os israelitas três dias de viagem deserto adentro, a fim de oferecerem sacrifícios a Yahweh, Faraó, o rei do Egito, replicou exigindo a «mesma conta» e a «mesma quantidade» de tijolos que os israelitas costumavam fabricar, e que ainda tivessem de ajuntar a palha que antes lhes era provida (Êxo. 5:8,18; ver também I Sam. 18:27 e I. Crô. 9:28).

CONTENDAS

Há seis palavras hebraicas envolvidas e cinco palavras gregas, a saber:

1. *Din,* «contenção». Palavra hebraica que ocorre por vinte vezes. Por exemplo: Sal. 9:4; Pro. 29:7; Jer. 5:28; Pro. 22:10.

2. *Madon,* «contenda». Palavra hebraica que aparece por quinze vezes. Por exemplo: Sal. 80:6; Pro. 15:18; 29:22; Jer. 15:10; Hab. 1:3.

3. *Medanim,* «brigas», «contendas». Palavra hebraica usada por duas vezes: Pro. 10:12; 6:19.

4. *Matstsah,* «debate», «discussão». Palavra hebraica empregada por três vezes: Pro. 13:10; Isa. 58:4; Pro. 17:19.

5. *Rib,* «causa». Palavra hebraica usada por cerca de cento e quarenta vezes. Para exemplificar: Nee. 13:17,25; Jó 9:3; Isa. 49:25; Amós 7:4; Miq. 6:1; Deu. 17:8; 19:17; II Sam. 15:2; II Crô. 19:8; Jer. 25:31; Osé. 4:1; 12:2.

6. *Meribah,* «contenda», «controvérsia». Palavra hebraica usada por seis vezes: Gên. 13:8; Núm. 27:14; Sal. 106:32; Eze. 47:19; 48:28 e Sal. 95:8.

7. *Antilogía,* «contradição». Palavra grega usada por quatro vezes: Heb. 6:16; 7:7; 12:3; Jud. 11. O verbo, *antilogéo,* «contradizer», aparece por nove vezes: Luc. 2:34; 20:27; João 19:12; Atos 13:45; 28:19,22; Rom. 10:21; Tito 1:9 e 2:9.

8. *Eritheía,* «querela». Palavra grega usada por sete vezes: Rom. 2:8; II Cor. 12:20; Gál. 5:20; Fil. 1:17; 2:3; Tia. 3:14,16. O verbo, erízo, «querelar», aparece somente em Mat. 12:19, citando Isa. 43:2.

9. *Éris,* «briga», «contenda». Palavra grega que é empregada por nove vezes: Rom. 1:29; 13:13; I Cor. 1:11; 3:3; II Cor. 12:20; Gál. 5:20; Fil. 1:15; I Tim. 6:4; Tito 3:9.

10. *Máche,* «contenda», «batalha». Palavra grega usada por quatro vezes: II Cor. 7:5; II Tim. 2:23; Tito 3:9; Tia. 4:1. O verbo *máchomai,* «contender», também aparece por quatro vezes: João 6:52; Atos 7:26; II Tim. 2:24; Tia. 4:2.

11. *Philoneikía,* «contenda», «disputa». Palavra grega utilizada por apenas uma vez, em Luc. 22:24. O adjetivo *philóneikos,* «disputador», também só aparece por uma vez, em I Cor. 11:16.

Salomão nos dá a razão do espírito contencioso, quando diz: «Lança fora o escarnecedor, e com ele se irá a contenda; cessarão as demandas e a ignomínia» (Pro. 22:10). O espírito briguento, contencioso, é próprio dos inconformados com as coisas como elas são. Essa atitude negativa é muito bem retratada por Judas: «Estes, porém, quanto a tudo o que não entendem, difamam; e, quanto a tudo o que compreendem por instinto natural, como brutos sem razão, até nessas cousas se corrompem» (Jud. 10). Essa atitude é muito bem ilustrada no caso de Abraão, Ló e seus respectivos pastores. Estes últimos entraram em contenda, mas Abraão, que era dotado de outras atitudes, procurou entender-se com Ló, dizendo-lhe: «Não haja contenda entre mim e ti, e entre os meus pastores e os teus pastores, porque somos parentes chegados» (Gên. 13:7,8). Essa passagem, pois, mostra-nos que o afeto e a cordialidade são a vacina para o espírito contencioso. Acima de meros interesses materiais, que poderiam levar à controvérsia, Abraão punha o valor maior do parentesco.

O espírito contencioso faz parte das obras da carne. Esse espírito manifesta-se de vários modos, conforme se vê em Gálatas 5:20,21: «...inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissenções, facções, invejas...»

As diversas palavras hebraicas usadas no Antigo Testamento para expressar essa atitude carnal demonstram a gravidade desse pecado. Todavia, há um aspecto da questão que é pouco ventilada. É que Deus mostra-se contrário aos que lhe são desobedientes, que lhe fazem oposição. Enquanto o povo de Israel foi obediente, Deus os abençoou com sua graça providencial; no entanto, quando eles se rebelaram, Deus mostrou-se o grande opositor deles. Isso é bem

expresso em Miquéias 6:2: «Ouvi, montes, a controvérsia do Senhor, e vós, duráveis fundamentos da terra; porque o Senhor tem controvérsia com o seu povo, e com Israel entrará em juízo». É que, ocasionalmente, a controvérsia está baseada em uma «causa» justa. A perversidade e maldade dos homens provocam a Deus, — que se sente forçado a defender o direito e a justiça. Nunca isso se tornará mais evidente do que nos dias finais de nossa era: «...o Senhor tem contenda com as nações, entrará em juízo contra toda carne; os perversos entregará a espada, diz o Senhor» (Jer. 25:31). Essa idéia é reiterada em Oséias 4:1: «...o Senhor tem uma contenda com os habitantes da terra; porque nela não há verdade, nem amor, nem conhecimento de Deus». Esse aspecto da questão exibe o aspecto punitivo do trato de Deus com os homens: «O Senhor também com Judá tem contenda, e castigará Jacó segundo o seu proceder; segundo as suas obras o recompensará» (Oséias 12:2). O remédio para esse juízo divino encontra-se quatro versículos adiante: «...converte-te a teu Deus, guarda o amor e o juízo, e no teu Deus espera sempre» (Osé. 12:6).

Talvez nenhuma passagem do Antigo Testamento seja mais ilustrativa do espírito contencioso e provocador a Deus do que o caso de Meribá, relatado em Êxodo 17:1 ss. Comentando a esse respeito, diz o salmista: «Não endureçais o vosso coração, como em Meribá, como no dia de Massá, no deserto; quando vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, não obstante terem visto as minhas obras. Durante quarenta anos estive desgostoso com essa geração, e disse: «É povo de coração transviado, não conhece os meus caminhos. Por isso jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso» (Sal. 95:8-11). Ali vemos que o espírito contencioso equivale a submeter Deus a teste. Tal espírito merece, da parte de Deus, a atitude de repúdio e reprovação. O Espírito de Deus nos ensina, nesse Salmo, que o contencioso é assim contrário porque desconhece os caminhos do Senhor. Esse espírito de conflito com Deus só pode colher o amargo fruto que dali resulta. Os contenciosos levam Deus a resolver que eles não serão salvos.

O *Espírito Contencioso no Novo Testamento.* O crente aparece nas páginas do novo pacto como alguém que, mediante a autodisciplina e a ajuda do Espírito transformador, vai eliminando os vícios e cultivando as virtudes que são opostas a esses vícios. Visto que ainda trazemos bem vivo em nós a natureza adâmica, enquanto estivermos deste lado da existência haveremos de manifestar essa tendência para as querelas, dissensões, controvérsias, etc. Nos primeiros estudos sobre o temperamento, os psicólogos antigos pensavam que esse espírito contencioso se devia a um excesso de bílis, o que tornaria a pessoa amarga e negativa acima do normal. Isso é até possível, mas não como uma causa em si, e, sim, como estado resultante do espírito contencioso. A causa está na alma, podendo haver, quem sabe, um efeito *psicossomático.* O homem, em seu estado natural e de perdição, acha-se em estado de revolta contra Deus. Isso reflete-se também na dimensão horizontal, azedando e amargurando todo o relacionamento humano. Ora, não convém que o crente continue nesse estado. Daí as muitas injunções e instruções neotestamentárias a esse respeito. Existem contenções de várias espécies. Há os «debates sobre a lei» (Tito 3:9, cf. II Tim. 2:23); há a «mania por questões e contendas de palavras» (I Tim. 6:4); há as «sedições» que podem levar ao homicídio (Luc. 23:19; Atos 24:5).

Que os crentes não são curados facilmente da tendência muito humana e carnal, verifica-se através das palavras dirigidas por Paulo aos crentes, em I Cor. 11:16: «Contudo, se alguém quer ser contencioso, saiba que nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus».

Queremos concluir observando que se a tendência de muitos estudiosos liberais é o ceticismo diante do elemento miraculoso, a tendência de muitos estudiosos fundamentalistas é o espírito contencioso. Precisamos evitar tanto aquele quanto este extremo. A todos nós cabe atentarmos às palavras de Paulo: «Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e, sim, deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente; disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento, para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez...» (II Tim. 2:24-26).

De acordo com Tiago, o espírito faccioso não reflete a sabedoria que vem do alto, mas antes, é «terrena, animal e demoníaca» (Tiago 3:14,15). A atitude oposta já é uma grande virtude. Tiago a descreve com estas palavras: «A sabedoria, porém, lá do alto, é primeiramente pura; depois pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento» (Tia. 3:17). Quem herdará a terra? Os contenciosos? Não, os mansos. (Ver Mat. 5:5).

Um inquebrantável espírito contencioso, no dizer do apóstolo dos gentios, é sinal seguro da perdição dos que o toleram em suas vidas: «Evita o homem faccioso, depois de admoestá-lo primeira e segunda vez, pois sabes que tal pessoa está pervertida e vive pecando, e por si mesma está condenada» (Tito 3:10,11). A mansidão é sinal de fortaleza espiritual; os grandes homens de Deus foram mansos. Acerca de Moisés ficou registrado: «Era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra» (Núm. 12:3). Em contraste, o espírito contencioso reflete a falta de desenvolvimento espiritual. Portanto, evitemos o espírito contencioso e cultivemos a mansidão.

CONTRATOS

A feitura de contratos, com o intuito de controlar todas as formas de negociação, além de muitos outros atos e atividades humanas, tem uma história muito antiga. Os contratos podem envolver tratados, pactos, alianças, hipotecas, venda e compra de mercadorias, testamentos, casamentos, etc. Há várias menções bíblicas a essa prática, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 21:27,30,31; 26:28,29; 31:50; I Sam. 11:1,2; Nee. 9:38; 10:1; Eze. 17:12-20. Luc. 6:34. A legislação mosaica proibia a quebra de um contrato (Núm. 30:2,4, 12). Legalmente falando, um contrato é um acordo entre duas pessoas, que se dispõem a ganhar ou perder coisas especificadas. Um contrato impõe obrigações estipuladas a ambos os lados envolvidos. Para os crentes, um contrato põe em jogo sua honestidade e sua qualidade espiritual, porquanto fica entendido que os crentes têm a obrigação moral de agradar a Deus em qualquer empreendimento, e não somente a obrigação moral de agradar àqueles que fizerem algum contrato com eles. Um crente está na obrigação de cumprir plenamente todas as estipulações contratuais, a menos que, entrando em acordo com a outra parte, um contrato seja anulado ou modificado. Surge para os crentes um dilema, quando a outra parte não cumpre o seu lado no contrato. Um crente não tem a permissão bíblica de levar outros crentes diante dos tribunais seculares, para solucionamento de tais disputas (I Cor. 6:1 *ss)* mas essa regra não se aplica, necessariamente, no caso de contratos quebrados por pessoas incrédulas. Todavia, a longanimidade é uma boa prática cristã (Mat. 5:39,40), embora haja casos em que a perda justifica a ação legal contra aquele que fugiu de suas obrigações contratuais.

CONTRIÇÃO

As palavras hebraicas envolvidas são:

1. *Dakka*, «contrito», «ferido». Esse termo é usado por vinte e cinco vezes (por exemplo: Sal. 34:18; Isa. 57:15; Sal. 51:17).

2. *Nakeh, «ferido».* Palavra usada por apenas uma vez, com esse sentido, em Isa. 66:2. Com o sentido de aleijado é usado por duas vezes: II Sam. 4:4; 9:3.

Em todas essas referências, menos nas do livro de II Samuel, o sentido é metafórico. Assim, o coração sente-se ferido e esmagado, sob o peso e o choque do pecado. O Espírito sente-se humilhado e quebrantado por ter-se envolvido no que é errado. A pessoa espiritualmente sensível é dotada de uma consciência ativa, que envia dar-

dos sobre os sentimentos conscientes, quando há alguma contradição moral na vida da pessoa. O arrependimento (que vide), quando a pessoa muda inteiramente de rumo, é necessário para que haja uma contrição curadora.

Uso Eclesiástico. O vocábulo *attritio* era usado na teologia medieval para indicar o arrependimento originado no medo. Já a palavra *contritio* indicava o arrependimento acompanhado pelo amor a Deus, com o propósito de abster-se do pecado e de corrigir-se do erro ou erros praticados. Alguns estudiosos medievais caíram no erro de pensar que o *attritio* é suficiente para o perdão dos pecados, se acompanhado pela indulgência respectiva, que podia ser comprada a dinheiro. Lutero, em suas Noventa e Cinco Teses, *usou* a palavra latina correspondente a *contrição* com o intuito de mostrar a necessidade do verdadeiro arrependimento; e, naturalmente, ele rejeitava o sistema inteiro das indulgências (que vide). Os homens sempre anseiam por desviar-se para atalhos, quando querem chegar à espiritualidade.

De acordo com a teologia católica romana, a contrição é um dos elementos da penitência (que vide). Nessa teologia, haveria três passos. O primeiro seria a *contrição,* a tristeza pelo pecado, lado a lado com a intenção de não continuar na prática do mesmo. O segundo seria a *confissão,* o reconhecimento dos próprios pecados, aos ouvidos de um sacerdote. O terceiro seria a *satisfação,* quando a pessoa cumpre certos atos prescritos, como jejum, esmolas, rezas, reparação, a fim de pagar por seus erros.

O perdão dos pecados e atitudes diferentes. Na base de João 20:23, a Igreja Ocidental acredita que o perdão dos pecados, embora num sentido *final* pertence somente a Deus, num sentido *secundário,* e *real,* está nas mãos do clero. Isto quer dizer que os pecados são realmente perdoados através do ministério da Igreja, e os homens precisam disto para serem perdoados, menos em casos excepcionais. Os *protestantes* negam esta possibilidade, afirmando que o perdão dos pecados se realiza somente pelo próprio ato de Deus. Afirmam também que mesmo se os apóstolos originais receberam este poder, é um pulo de fé bastante grande supor que seus sucessores receberam o mesmo. É um dogma que garante isto, não as próprias escrituras. No nível popular, pela ação de ministros não espirituais, muitos abusos têm entrado no quadro, com o resultado de que os ricos podem pecar, pagar e ser perdoados, enquanto que os pobres não têm este privilégio. Os mais esclarecidos e espirituais ministros da Igreja Ocidental também deploram os abusos. Pessoalmente, acho que a interpretação da Igreja ocidentar de João 20:23 está equivocada. Ver a exposição no NTI. Em todas as nossas atitudes, palavras e ações, devemos observar a lei do amor, que é a própria medida da nossa espiritualidade. Não observar esta lei é *pior* do que interpretar mal os versículos da Bíblia. A Bíblia exige uma reparação prática da parte da pessoa que prejudica outras pessoas. No sentido absoluto, Cristo na sua *expiação* (que vide), fêz a reparação que agrada a Deus. (B E H)

CONVERSÃO

I. As Palavras Envolvidas. Latim, **com** (totalmente) + **vetere** (virar), portanto, fazer uma mudança radical, girar completamente. No hebraico temos *sub,* que significa girar ou voltar, que é usado em ações físicas, morais e espirituais. No grego temos *epistrepho,* que tem estes mesmos significados e usos.

II. Usos Bíblicos. As idéias bíblicas principais são o abandono da maldade e pecado, Jer. 18:8, com a dedicação do ser a Deus, Mal. 3:7. Deus é a força ativa nesta virada. Jer. 31.18. As pessoas que recusam esta operação espiritual terminam castigados, Amós 4:6-12. O Novo Testamento harmoniza-se com o Velho Testamento sobre este assunto. Ver Atos 14:15; 26:18. A verdadeira conversão envolve fé e arrependimento, Atos 3:19, 26:18. Um exemplo radical de conversão é o caso de Paulo, Atos 9:1-18. A conversão pode vir de súbito, mas normalmente tem um longo tempo de preparação.

III. Tipos de Conversão

1. *Não religiosa, política.* As pessoas são convertidas a certos sistemas políticos, às vezes de súbito, por forças humanitárias, racionais ou egoístas. Subseqüentemente, elas procuram utilizar estes sistemas para o melhoramento da sociedade ou para fins egoístas, ou os dois.

2. *Conversão biológica.* Os adolescentes, freqüentemente, são mais religiosos naquela idade do que em qualquer outra época da vida. Mais do que zelo jovem pode ser envolvido nisto. Psicólogos nos informam que há evidências que indicam que este tipo de conversão pode ser simplesmente a sublimação das energias sexuais em ideais religiosos. Muitos jovens que são radicalmente religiosos nesta época, uma vez casados, cessam de ter qualquer zelo religioso. Alguns psiquiatras acham que a própria religião é somente um refinamento do libido.

3. *O nascimento de um novo ser.* Este novo ser pode ser simplesmente a entrada de um jovem na vida do adulto. Os jovens têm muito zelo natural, e muitos ideais. Aproximando-se a idade de tornarem-se adultos, eles podem expressar esta qualidade num tipo de novo nascimento, quando deixam a vida de crianças, e começam a vida de adultos. Embora esta transição possa ter elementos fortes de envolvimento na religião, ela não é necessariamente, espiritual. Muitas vezes, alguma coisa permanente de valor é assim levada para a vida de adulto, mas isto, em si, não qualifica a experiência como um produto do Espírito.

4. *Uma resolução de conflito.* Paulo nos ensina que o conflito entre o bem e o mal no homem é um terror, Rom. cap. 7. A maioria das religiões procuram resolver este conflito, embora por meios diferentes. Também as filosofias, psicologias e políticas prometem resolver este conflito. Em qualquer caso, no qual, alguma resolução seja alcançada, resulta em uma experiência de conversão. Os filósofos fazem «convertidos» aos seus sistemas, resolvendo conflitos entre idéias. As religiões fazem a mesma coisa, e normalmente, neste caso, o problema do pecado está envolvido. Portanto, todos os tipos de religiões, cristãs ou não, produzem seus convertidos. Muitos deles tornam-se fanáticos e procuram propagar sua fé porque, dizem eles, «isto funciona», e como prova, eles se apresentam. Tudo isto pode ter algum valor, embora não tenha nada a ver com a conversão bíblica. Naturalmente, muitos acham que todas as conversões são essencialmente iguais, sendo exercícios psicológicos, e não há razão para exaltar a variedade bíblica acima das outras.

5. *Uma revolução copernicana.* Este tipo de conversão resulta de uma evolução gradual de idéias, ideais e ambições, embora possa-se manifestar de súbito. Se a conversão for religiosa, então a pessoa, depois de uma longa busca e transformação, alcança uma posição de satisfação, da qual, pode ver claramente o avanço que foi realizado. Neste avanço, a pessoa tem ultrapassado totalmente além do tipo de ser que era antes. Na religião temos a designação *almas nascidas duas vezes.* Esta conversão pode ser biblical ou não, porque todas as religiões têm seus exemplos de pessoas cuja expressão espiritual tem passado uma revolução radical, — ou copernicana, porque a alma tem o novo centro, o Sol da Espiritualidade. Nisto, a terra cessa de ser o centro da existência. O avanço é do terrestre para o celeste.

6. A *conversão da mente sã.* Algumas pessoas que passam através de uma luta severa com doenças mentais, quando curadas, ou melhoradas significantemente, têm uma experiência de conversão. Alcançando uma mente sã, elas muitas vezes tornam-se advogadas radicais dos sistemas através dos quais elas obtiveram seus melhoramentos. Se a psiquiatria as ajudou, então, são convertidos psicológicos. Se a religião, em qualquer forma foi o agente, elas ficam devotas daquela religião.

7. *A conversão bíblica.* Esta conversão é espiritual e mística, porque envolve a participação do Espirito Santo que atua sobre a natureza humana, convertendo-a. Embora esta conversão possa envolver elementos dos diversos tipos discutidos, deve transcender os mesmos, ou não se qualifica como uma verdadeira conversão cristã. Ofereço maiores descrições sob os pontos II, IV e V.

IV. Elementos da Conversão Bíblica

Alguns encaram o novo nascimento ou regeneração como conversão, mas isso é muito *inadequado.* A conversão, por si só, não é ainda regeneração, mas é tão somente *parte* da regeneração. A conversão consiste em uma meia volta na vida, em que a alma se volta para Deus. Nas páginas do N.T., a palavra *epistrepho* é utilizada para expressar essa idéia, e é aplicada tanto para os desviados, que retornam à sua anterior comunhão com Deus, como para os incrédulos, ao se voltarem para Deus. (Ver os trechos de Luc. 22:32; Apo. 2:5,16; Mat. 17:3; Atos 3:19 e 26:18). A conversão é descrita como um voltar-se das trevas da idolatria, do pecado e do domínio de Satanás, para a adoração e o serviço ao verdadeiro Deus (conforme se vê nas passagens de Atos 14:15; 26:18; I Tes. 1:9) e ao seu Filho, Jesus Cristo (como se vê em I Ped. 2:25).

A conversão consiste no exercício do *arrependimento e da fé,* elementos esses que tanto o Senhor Jesus como o Apóstolo Paulo vinculam como sumários das exigências morais do evangelho. (Ver Mar. 1:15 e Atos 20:21). O arrependimento é uma mudança de mente e de coração para com Deus; a fé significa a confiança na Palavra de Deus e em seu Cristo. A conversão, pois, encerra ambas essas idéias.

1. A conversão é inspirada pela força das Escrituras, Sal. 19:7.
2. É operada pelo Espirito, Sal. 51:12.
3. Grava no coração a lei moral de Deus (ver II Cor. 3:3), e isso pelo poder do Espirito.
4. Ela é absolutamente necessária para a salvação, Mat. 18:3.
5. Prepara o caminho para o serviço espiritual, Luc. 22:32.
6. A tarefa da igreja é conduzir todos os homens à conversão, Tia. 5:19,20.
7. Ela é a base do perdão dos pecados, Atos. 3:19.
8. Ela consiste na fé e no *arrependimento,* (vide), Atos 20:21.
9. Ela prepara a alma para a união espiritual com Cristo, Rom. 6:3.
10. A conversão pode ser gradual (como no caso da maioria das pessoas), ou dramática (como no caso de Saulo). A iluminação pode ser parcial e levar aos poucos à conversão. Muitas pessoas são parcialmente iluminadas (e assim, melhoradas), embora nunca cheguem a converter-se.
11. A conversão é um ato divino, mas requer a cooperação do livre-arbítrio do homem. Portanto, é um ato divino e humano, ao mesmo tempo.
12. A conversão necessariamente resulta na santificação, pois, do contrário, não será real.

V. Bases Espirituais

Por meio de Deus (I Reis 18:37; João 6:44; Atos 21:19).
Por meio de Cristo (Atos 3:26; Rom. 15:18).
Pelo poder do Espirito Santo (Pro. 1:23).
Vem da graça (Atos 11:21 com vs. 23).
Segue-se ao arrependimento (Atos 3:19; 26:20).
Resulta da fé (Atos 11:21).
Pela instrumentalidade de:
- As Escrituras (Sal. 19:7).
- Os ministros (Atos 26:18; I Tes. 1:9).
- Auto-exame (Sal. 119:59; Lam. 3:40).
- Aflições (Sal. 78:34).

Dos pecadores, motivo de alegria:
- Para Deus (Eze. 18:23; Luc. 15:32).
- Para os santos (Atos 15:3; Gál. 1:23,24).

É necessária (Mat. 18:3).
Determinada (Jó 36:10)
Exortações atinentes (Pro. 1:23; Isa. 31:6; 55:6; Jer. 3:7; Eze. 33:11).
Promessas vinculadas à mesma (Nee. 1:9; Isa. 1:27; Jer. 3:14; Eze. 18:27).
Oremos pela mesma (Sal. 80:7; 85:4; Jer. 31:18; Lam. 5:21).
É acompanhada pela confissão de pecados e pela oração (I Reis 8:35).
Perigo de negligenciá-la (Sal. 7:12; Jer. 44:5,11; Eze. 3:19).
Dever de conduzirmos os pecadores à mesma (Sal. 51:13).
Encorajamento para conduzirmos os pecadores à mesma (Dan. 12:3; Tia. 5:19,20).
Dos gentios, predita (Isa. 2:2; 11:10; 60:5; 66:12).
De Israel, predita (Eze. 36:25-27).

CONVIDADO

No hebraico, **gara,** «chamar», «convidar». Verbo hebraico usado por mais de quinhentas e cinqüenta vezes, embora por poucas vezes com o sentido de «convidar». Por exemplo: I Reis 1:41,49; Pro. 9:18; Sof. 1:7.

No grego, *anákeimi,* «convidar» ou «ser convidado»: Mat. 9:10; 22:10,11; 26:7,20; Mar. 6:26; 14:18; 16:14; Luc. 22:7; João 6:11; 12.2; 13:23,28.

Ver o artigo sobre a *Hospitalidade.* Essa palavra é usada para indicar aqueles que são convidados a certos eventos, ou para passarem a noite, ou para estarem com alguém por algum tempo. Ver II Sam. 15:11; Jó 19:15. Em certos trechos, onde a palavra não é usada, a idéia está presente. A hospitalidade é recomendada como um exercício espiritual, porquanto é um ato que cumpre a lei do amor cristão. O Novo Testamento tem um ponto de vista sério sobre a questão, e faz da mesma uma das qualificações para os lideres da Igreja cristã (I Tim. 3:2). O trecho de Heb. 13:2 sugere que a hospitalidade para com os estranhos pode até levar uma pessoa a entreter involuntariamente a anjos, tal como sucedeu a Abraão e Sara (Gên. 18), ou nos casos de Ló (Gên. 19) e Manoá (Juí. 13).

No Novo Testamento, um convidado é alguém que se *reclina* à nossa mesa (o divã dos gregos e romanos), conforme a palavra grega nô-lo indica. Um convidado compartilha de nossa residência e de nossas refeições (Mat. 14:9; Mar. 6:22,26). São aqueles que freqüentam o palácio do rei e compartilham dos luxos que ali são desfrutados (Mat. 14:9). No trecho paralelo da festa de casamento (Mat. 22:10,11), encontramos um uso metafórico da palavra. Os *convidados* são aqueles que atendem ao chamado para o Reino de Deus; e a festa de casamento representa as alegrias próprias desse reino. Alguns estudiosos têm pensado que os convidados são pessoas fora da Igreja, e que a Igreja é constituída pelos *filhos,* o que significa que «convidados» seria um sinônimo dos «amigos do noivo», de João 3:29. Porém, isso é um refinamento indevido, empregado para excluir da Igreja àqueles que não pertencem a alguma denominação particular, mas que atingirão certo nível de glória. No trecho de Mateus 9:15, os discípulos de Jesus são denominados «filhos do noivo» (embora nossa versão portuguesa diga ali «convidados»).

CONVOCAÇÃO SANTA

O «ajuntamento da congregação» era a reunião do povo de Israel com a finalidade de adorar a Yahweh (Êxo. 12:6). Nesse trecho somos informados de que os primeiros sete dias da páscoa (que vide) era um tempo de «santa assembléia». Nenhum trabalho manual era permitido, com exceção da preparação de alimentos. As convocações santas eram as seguintes: 1. Os sábados (Lev. 23:2,3). 2. A páscoa, no seu primeiro e no seu sétimo dia (Êxo. 12:16; Lev. 23:7,8). 3. O dia de Pentecoste, ou festa das semanas (Lev. 23:21; Núm. 28:26). 4. A festa dos Tabernáculos, no seu primeiro e no seu último dia (Lev. 23:35,36). 5. A grande festividade, o dia da expiação, uma vez por ano (Lev. 23:27; Núm. 29:7). Nenhum trabalho manual podia ser feito nesses dias, excetuando a preparação de alimentos. mas, no caso do sábado, até mesmo a preparação de alimentos era proibida.

COPEIRO

No hebraico, **shaqab,** palavra que aparece por cerca de setenta e três vezes no Antigo Testamento cuja, raiz é «dar a beber». Com o sentido de copeiro, aparece por doze vezes (por exemplo: Gên. 40:1-23;41:9; I Reis 10:5; Nee. 1:11).

Na corte de Salomão o «copeiro» ocupava elevada posição social, paralelamente ao ofício de copeiro do tempo dos Faraós. Era mais do que um homem que provava os líquidos a serem tomados pelos reis. Antes, era uma espécie de assessor pessoal, dotado de grande importância, devido à sua influência política junto ao monarca. Copeiros aparecem em pinturas murais nos túmulos do Egito. Os copeiros impressionaram grandemente a rainha de Sabá (I Reis 10:5). Neemias intitulou-se copeiro do rei Artaxerxes (Nee. 1:11). Esses oficiais com freqüência tornavam-se confidentes e favoritos dos reis, desfrutando da confiança dos monarcas. Algumas vezes eram por estes consultados, nas decisões importantes que precisavam fazer. Um copeiro real provava do vinho, para certificar-se de que o mesmo não estava envenenado, e assumia a posição de protetor pessoal do rei. Não há que duvidar que muitos copeiros apenas traziam o vinho ao rei, mas outros encarregavam-se de muitas espécies de deveres, em nada relacionados com esse ato relativamente simples. (IB ID Z)

COPO

Várias palavras hebraicas poderiam ser evocadas aqui. A mais importante, porém, é o termo *kos*, «copo», usado por trinta e uma vezes. Para exemplificar: Gên. 40:11,13,21; Sal. 11:6; 116:13; Isa. 51:17; Jer. 25:15; Eze. 23:31-33; Hab. 2:16. No Novo Testamento encontramos a palavra grega *potérion*, «vaso de beber», utilizada por trinta vezes: Mat. 10:42; 20:22,23; 23:25,26; 26:27; 26:39; Mar. 7:4; 9:41; 10:38,39; 14:23,36; Luc. 11:39; 22:17,20,42; João 18:11; I Cor. 10:16,21; 11:25,26; 11:27,28; Apo. 14:10; 16:19; 17:4; 18:6.

Usos Gerais:

1. Um vaso de beber feito de vários materiais, como ouro, prata, vidro, cerâmica, madeira, etc. (Gên. 40:13). No grego, a palavra *potérion* também pode aludir ao liquido contido no copo (I Cor. 11:27).

2. Essas palavras também eram empregadas para denotar *taças* e *bacias*. Na época do Antigo Testamento, esse vaso era uma espécie de taça. A arqueologia tem descoberto muitas informações sobre as taças, encontrando taças ou gravuras de taças em desenhos e relevos.

Em Várias Culturas:

1. *No Egito.* Eram usadas taças de muitos tipos, formatos e cores. As pinturas murais exibem copos de desenho elegante, ao passo que outros eram bastante comuns. ouro e prata eram materiais preferidos para a confecção das taças dos ricos (Gên. 44:2; Núm. 7:84). Algumas dessas taças eram cravejadas com pedras preciosas, ou com aplicações de vidro de várias cores, ou então eram esmaltadas. Também eram feitas de pedra dura, cerâmica, vidro e porcelana.

2. *Na Assíria.* Grande variedade de formas, de desenho e de cores caracterizava as taças assírias. Eram usados os mesmos materiais que se usavam no Egito. Algumas taças da Assíria terminam com a cabeça de um leão, e têm asas. As taças festivas também eram comuns ali.

3. *Em Israel. As* taças dos hebreus refletiam os modelos egípcios e fenícios. *As taças* de Salomão eram de ouro (I Reis 10:21). Tal como em outras culturas antigas, as taças ou copos dos hebreus também podiam ser uma espécie de bacia (Êxo. 24:6; Can. 7:2). *As* taças mencionadas em I Crônicas 28:17 eram vasos de boca larga, usados nas libações (ver também Êxo. 25:28; 37:16; Núm. 4:7).

4. *No Novo Testamento. As taças* descobertas, pertencentes à época do Novo Testamento, refletem objetos idênticos de várias culturas, conforme a descrição acima; mas também incluíam modelos gregos e romanos. O termo grego *potérion* denota um vaso de beber de qualquer formato. *A* cerâmica era um material comum, empregado nesses vasos (Mar. 7:4), embora os ricos e os nobres contassem com seus vasos de metais preciosos. Normalmente tinham a forma de um cálice. *A* taça usada na Última Ceia provavelmente era uma espécie de taça de cerâmica, suficientemente grande para que todos pudessem tomar dela um pouco (Mat. 26:27).

Usos Figurados;

1. *A parte do seu cálice* (Sal. 11:6; 16:5), indicava a condição geral da vida, próspera ou cheia de carências e necessidades.

2. *A atração tentadora* (Pro. 23:31; Jer. 51:7; Eze. 17:4; 18:6) pode ser ilustrada no caso da Babilônia, atrativa, mas maligna.

3. O *copo da consolação* (Jer. 16:7) deriva-se de um costume oriental mediante o qual o consolo era oferecido aos que estivessem de luto, ou em período de lamentação, oferecendo-se aos mesmos alimentos e vinho. Ver Pro. 31:6.

4. O *cálice da salvação* (Sal. 116:13) provavelmente refere-se às ofertas de libação, em ação de graças a Deus (Núm. 15:5; 28:7), um símbolo da redenção efetuada por Deus.

5. O *cálice da bênção* (I Cor. 10:16), ou *cálice do Senhor* (I Cor. 10:21) era o cálice de vinho sobre o qual se proferia uma bênção, consagrado para uso sacro. O termo derivou-se da festa da páscoa referindo-se à terceira taça de vinho que era tomada durante as cerimônias daquela celebração.

6. O *cálice dos demônios* (I Cor. 10:21), faz contraste com o cálice da bênção (número 5, acima).

7. O *cálice de atordoamento ou* de intoxicação, representa o estado de insensibilidade espiritual (Isa. 51:17; Zac. 12:2).

8. O *copo de espanto e de desolação* (Eze. 23:33), aponta para o estado mental e emocional que essas palavras indicam.

COR

Ver sobre **Pesos e Medidas.**

CORAL

No hebraico, **ramoth,** que aparece somente por duas vezes no Antigo Testamento: Jó 28:18 e Eze. 27:16. Essa mesma palavra significa algo que cresce alto, o que indicaria o acúmulo nos recifes de corais, como aqueles encontrados nos mares Mediterrâneo e Vermelho. A palavra é mencionada em alusão às jóias egípcias. Pequenos enfeites, como contas, etc., eram feitos desse material. O coral, embora considerado uma pedra preciosa, na verdade é um esqueleto calcáreo, secretado por uma comunidade ligada de pequenos pólipos, que cercam e escondem inteiramente esse arcabouço, enquanto vivem. A espécie envolvida é o minúsculo organismo conhecido como *Anthozoa,* ou «bicho flor», conforme esse termo grego dá a entender. Eles vivem em colônias muito densas, em mares não mais frios do que a média de 20º centígrados. Há cerca de duas mil e quinhentas espécies que variam em dimensões e em formato. Os corais de cor vermelha e negra são aqueles usados como pedras preciosas. Na antigüidade, os corais eram até mesmo importados ou exportados, vindo de lugares tão distantes quanto a Índia. Alguns, na antigüidade, pensavam que o coral tem propriedades sagradas. Ver Jó. 28:28; Lam. 4:7; Eze. 27:16. A colheita de corais continua sendo uma importante indústria na parte oriental do mar Mediterrâneo.

CORANTES

Ver **Tintureiros.**

CORASÃ

No hebraico, «fornalha fumarenta». Uma cidade na parte sudoeste do território de Judá, mencionada somente em I Sam. 30:30, e que figura entre as localidades por onde Davi e seus homens vaguearam, antes dele tornar-se rei de Israel. Algumas versões têm emendado o nome para a forma Borasã. Talvez se trate da mesma Asã que aparece em Jos. 15:42.

CORÇA

No hebraico, **tsebi,** «beleza». Essa palavra indica um pequeno antílope, abundante nas porções mais selvagens da Palestina. Seu nome científico é *Gazella dorcas.* É animal bem conhecido por sua velocidade, beleza e movimentos graciosos. É mencionado nos seguintes trechos: Deu. 12:15,22; 14:5; 15:22; II Sam. 2:18; I Reis 4:23; I Crô. 12:8; Pro. 6:5; Can. 2:7,9,17; 3:5; 8:14;

Isa. 13:14. Esse animal era suficientemente bem distribuído pela Palestina para servir de comum fonte de alimento. É provável que esse animal estivesse envolvido no relato sobre Esaú, em Gênesis 25:28; 27:3 ss. À medida que a civilização avança, o habitat desse arisco animal vai-se encolhendo. Nos tempos modernos, escasso controle sobre os caçadores tem permitido a redução drástica da população dessa espécie. Em Israel há leis de caça, e há também reservas que estão dando oportunidade para esses animais sobreviverem, e não serem extintos definitivamente na Palestina. O nome feminino Dorcas (Atos 9:36) está baseado sobre o nome desse animal.

CORÇA DA MANHÃ

No Salmo 22, no titulo do mesmo, encontramos as palavras hebraicas *Ay-ye-leth Shachar,* que significa precisamente «corça da manhã». Nossa versão portuguesa interpreta o titulo como se esse fosse o nome de uma melodia, ao som do qual o Salmo 22 deveria ser cantado.

Todavia, há uma outra interpretação, que diz que *Shahar* e o seu irmão gêmeo, Shalem, eram filhos de El, o principal deus do panteão cananeu. Shahar seria o deus da aurora, e Shalem o deus do pôr-do-sol. Seriam similares a Castor e Pólux da mitologia clássica, que tem reflexos na lenda católica romana de Cosme e Damião, que os macumbeiros brasileiros abraçaram como dois de seus «santos». É difícil pensar que uma tradição pagã tenha penetrado no título de um dos Salmos de Davi. Por isso, optamos pela primeira interpretação, aquela que pensa no nome de uma melodia antiga, segundo é refletido em nossa versão portuguesa da Bíblia.

CORÇO

No hebraico, **yachmur,** palavra que aparece somente em Deu. 14:5 e I Reis 4:23. Seria, cientificamente, o *Alcephalus busephalus,* um tipo de veado, bem conhecido no Egito, onde têm sido encontrados espécimes mumificados, vindos do período greco-romano. Aparentemente, não era um animal nativo da Palestina. Atualmente é raro, ou mesmo extinto. O animal é mencionado como um item do cardápio de Salomão.

CORDA

No hebraico temos de considerar duas palavras, e no grego, uma, a saber:

1. *Chebel,* «corda». Essa palavra é usada por sessenta vezes, com variadas traduções em português (para exemplificar: II Sam. 17:13; I Reis 20,31,32; Jos. 2:15; Sal. 140:5; Miq. 2:5).

2. *Aboth.* «tira». Essa palavra é usada por vinte e nove vezes (para exemplificar: Juí. 15,13,14; Sal. 2:3; Isa. 5:18).

3. *Schoinion,* «corda». Palavra grega usada por apenas duas vezes (ver João 2:15 e Atos 27:32).

Qualquer desses termos indica uma corda de qualquer espessura, feita de fibras, cabelos ou couro. Pinturas em cavernas no oriente da Espanha, pertencentes ao período paleolítico posterior (cerca de 12.000 A.C.), mostram o que parece ser uma corda usada para ajudar alguém a subir por um penhasco. No Egito, as cordas eram feitas de junco (cerca de 4000 A.C.), de fibras, de linho, de capim, de papiro ou de pêlos de camelo. Cordas de até 6,5 cm de espessura têm sido encontradas em locais do antigo Egito. As cordas eram importantíssimas no mundo antigo, porque permitiam aos homens projetos de construção. Algumas inscrições antigas (por exemplo, Rekmire, do século XV A.C.) mostram qual o processo do fabrico de cordas, no Egito.

Nas páginas da Bíblia, vemos que cordas eram usadas na guerra, para destruição de cidades (ver II Sam. 17:13), para arrear cavalos (ver Jó 39:10 e Isa 5:18), no cordoame de embarcações (ver Atos 27:32,40), para baixar pessoas que estivessem em lugares elevados (ver Jos. 2:15 e Jer. 38:6 ss), para armadilhas (Jó 18:10) e para amarrar pessoas (ver Juí. 15:13 *ss).*

Uma corda, — em vez de tecido ou couro, representava pobreza ou opróbrio (ver I Reis 20:31 ss; Isa. 3:24). O «gancho» enfiado nas bochechas do leviatã (ver Jó 41: 2), talvez fosse melhor traduzido por «corda», visto que a palavra hebraica, no original, indica uma corda feita de junco. O «azorrague de cordas» que Jesus usou (ver João 2:15) para expulsar os vendedores de animais e os cambistas que infestavam o templo, e o «cabo» cortado pelos soldados para deixar o bote ir-se embora, são traduções de uma mesma palavra grega. (Ver Atos 27:32).

Usos Figurados: a. Enrolar-se com uma corda indicava tristeza e humilhação (Jó 12:18; I Reis 20:31,32). b. Uma herança dada era representada pelo uso de cordas, que eram usadas para medir um terreno (Sal. 105:11). De fato, o termo traduzido por «corda» podia indicar uma medida de superfície. c. Estender uma corda em torno de uma cidade indicava que a mesma estava destinada à destruição (Lam. 2:8). d. O *fio de prata,* partido por ocasião da morte física, representa o momento de não-retorno do espírito (Ecl. 12:6). Alguns estudiosos pensam que a alusão é à quebra da espinha dorsal, mas a referência é ao fio de energia que vincula o espírito ao corpo físico, como se fosse uma espécie de cordão umbilical, por meio do qual, aparentemente, há uma comunicação de energias vitais. Ocasionalmente, o fio de prata pode ser visto, quando há a projeção da psique (que vide), ou durante o processo da morte física (ver sobre *Experiências de Quase Morte*). Enquanto o fio de prata não se parte é possível o retorno do espírito ao corpo físico. Quando o mesmo é cortado, isso equivale ao *nascimento* para uma nova vida. Portanto, há algo parecido ao momento em que se corta o cordão umbilical de um recém-nascido. Ver o artigo sobre o *Fio de Prata.* e. As *cordas de Deus* são as suas restrições aos atos humanos (Sal. 2:3). f. Há também as *cordas do amor* de Deus, isto é, sua boa vontade e interesse pelo bem-estar do homem (Osé. 11:4). g. Há o poder dos pecados e dos hábitos maus, que, por assim dizer, amarram os pecadores (Pro. 5:22). h. Há as cordas da vaidade (Isa. 5:18) e as cordas da aflição (Jó 36:8). i. Nos sonhos e nas visões, uma corda pode ter vários sentidos simbólicos. Se assume uma forma circular, pode indicar a porção genital feminina. Ou pode significar o cordão umbilical e tudo quanto o mesmo representa, como proteção, apego à mãe, segurança; mas também, negativamente, falta de liberdade e senso de confinamento. Também devemos considerar uma corda pendurada, em cujo caso o simbolismo envolve alguma grave ameaça, punição ou dificuldade. Todavia, uma corda também pode simbolizar os elementos salvatícios, visto que um homem lança uma corda a uma pessoa que se está afogando, com a qual esta poderá salvar-se do afogamento. (CHE FOR)

CORDA DE PRATA Ver Fio de Prata.

CORDÃO

Em Núm. 15:38 lemos sobre «um cordão azul» que os filhos de Israel deveriam usar nas fímbrias de suas vestes, para atar às mesmas as borlas (que vide). O azul era símbolo de espiritualidade. Alguns estudiosos interpretam que esse cordão azul indicava que os israelitas deveriam voltar-se para as realidades espirituais, considerando como secundárias as atividades terrenas.

CORDEIRO Ver Ovelha.

CORÉ

No hebraico, «pregoeiro» ou «perdiz». É nome de dois homens, no Antigo Testamento:

1. Um levita, filho de Ebiasafe, pai de Salum, porteiro do tabernáculo (I Crô. 9: 19), chamado pai de Meselemias (Selemias), em I Crô. 26:1. Cerca de 960 A.C.

2. Um levita, filho de Imna, nomeado para ser o supervisor das ofertas voluntárias, na época de Ezequias (II Crô. 31:14). As ofertas recolhidas deveriam ser distribuídas entre os sacerdotes. Cerca de 719 A.C.

CORÉ (CORÁ)

No hebraico «calvo». Foi nome de quatro ou cinco pessoas referidas na Bíblia, a saber:

1. O terceiro filho de Esaú e sua concubina cananéia, Aolibama (Gên. 36:5,14,18; I Crô. 1:35), em cerca de 1950 A.C. Ele nasceu em Canaã, antes que Esaú partisse para o monte Seir (Gên. 36:5-9), e se tornasse cabeça de uma tribo iduméia (Gên. 36:18).

2. O filho de Elifaz, filho de Esaú e Ada, filho de Elom, o hitita (Gên. 36:16). Entretanto, a maioria dos estudiosos pensa que esse versículo envolve um erro escribal, pois a palavra teria sido copiada, por engano, do vs. 18. A palavra não ocorre nem em Gên. 36:11 e nem em I Crô. 1:35.

3. Um filho de Hebrom (I Crô. 2:43).

4. Um neto de Coate e antepassado de um grupo de músicos sacros (filhos de Coré), aos quais são atribuídos os Salmos 42 e onze outros (I Crô. 6:22).

5. Um levita, coatita (ver *Coate, Coatitas),* da casa de Izar e que talvez deva ser identificado com o Coate de número 4, acima. Ele era filho de Jizar e neto de Coate (Exo. 6:21,24). Esteve envolvido em uma conspiração contra Moisés e Arão, juntamente com Datã, seu irmão Abirão, um rubenita, e cerca de outros duzentos e cinqüenta homens, que lhes davam apoio. O relato aparece no décimo sexto capitulo de Números, e há alusão a isso no Novo Testamento, em Judas 11. A única coisa que sabemos sobre esse homem é aquilo que ficamos sabendo nesse incidente. É lamentável que algumas pessoas só se tornem conhecidas pelas maldades que praticam. E pior ainda é quando as pessoas vangloriam-se desse tipo de fama.

a. *As acusações.* Coré e seus associados acusaram Moisés de exaltar-se aos olhos do povo; de usurpar privilégios e poderes acima do que era próprio; e de deixar de cumprir a promessa de levá-los a uma terra prometida. Moisés defendeu-se, dizendo que os motivos deles é que eles estavam à cata de poder e queriam controlar o sacerdócio e os ministros do Senhor. Provavelmente, o antigo motivo da inveja também estivesse por detrás do caso, o que, por muitas vezes, encontra-se atrás das tentativas de obter poder e de exibir-se diante das outras pessoas.

b. A *reação.* Moisés ficou profundamente consternado diante da rebelião, e prostrou-se com o rosto em terra. Então deixou a questão aos cuidados do Senhor, desafiando os rebeldes a virem conferenciar com ele, à entrada da tenda da congregação. Cada homem deveria tomar um incensário para oferecer incenso ao Senhor. Datã e Abirão recusaram-se a ir ao encontro de Moisés. No dia seguinte, os rebeldes apresentaram-se diante do tabernáculo.

c. A *destruição.* A congregação inteira de Israel reuniu-se para ver o espetáculo, por instigação de Coré. A glória do Senhor ou *shekinah* (que vide) apareceu, e uma voz ordenou a Moisés e Arão que os dois se separassem da congregação de Israel. Todos os israelitas estavam prestes a ser destruídos, por darem apoio a uma causa injusta. Porém, Moisés ordenou que os israelitas abandonassem o lugar. E eles retrocederam. Em seguida, Moisés rogou ao Senhor para que perdoasse o povo, e também para que resolvesse a questão. Então a terra abriu-se sob as tendas de Coré, Datã e Abirão, e fechou-se em seguida. Os duzentos e cinqüenta rebelados, que provavelmente permaneceram diante do tabernáculo, foram consumidos pelo «fogo do Senhor». Subseqüentemente, os incensários usados pelos rebeldes foram transformados em placas para formarem uma cobertura exterior para o altar, como advertência acerca do fim de todos os rebeldes contra o Senhor.

d. A *rebeldia nos corações do povo.* Na manhã seguinte, a congregação inteira murmurou contra Moisés e Arão, acusando-os de terem feito morrer o povo do Senhor. Isso provocou ainda um outro desastre, uma praga que destruiu nada menos de catorze mil e setecentas pessoas. E isso bastou, como lição objetiva.

e. *Misericórdia.* Visto que os descendentes de Coré posteriormente serviram como levitas, podemos ter a certeza de que seus filhos e sua família foram poupados. Provavelmente esses viviam em tendas separadas, não se tendo envolvido no ato de rebelião.

f. *O comentário do Novo Testamento.* Em Judas 11, Coré, juntamente com Caim e Balaão, é mencionado como um mau exemplo, cujas ações não devemos emular. Essas personagens representam os mestres desviados, presunçosos e interesseiros, que jamais deveriam ter recebido autoridade, no seio da Igreja cristã. Provavelmente, estão em foco os primeiros gnósticos. Ver o artigo sobre o *Gnosticismo.*

g. *Explicações naturais.* Alguns intérpretes supõem que a narrativa inteira acerca de Coré tenha uma explicação natural. Algum tipo de terremoto ou de ação vulcânica poderia ter ocorrido. Nesse caso, tais ocorrências foram muito seletivas, havendo atingido somente aqueles que estavam envolvidos na rebelião, apesar de haver centenas de milhares de pessoas em volta.

CORES

As Escrituras não mencionam muitas cores diferentes. A variedade de cores depende muito da tecnologia, excetuando aquela imensa variedade que a natureza nos oferece. Poderíamos presumir que a língua hebraica tinha muitos nomes de cores que não foram registrados na Bíblia. O vocabulário total do Antigo Testamento chega cerca de dez mil palavras, e devemos supor que o vocabulário ativo entre os hebreus era bem maior que isso. Seja como for, abaixo damos um sumário das cores mencionadas na Bíblia:

1. *Branco.* Em sentido plano, o branco fala dos raios do sol e daquela cor produzida pelo calor extremo, visto que todas as cores do espectro estão unidas para formar a cor branca. O trecho de Mateus 17:2 refere-se à brancura das vestes de Jesus, por ocasião da transfiguração. Os campos semeados que estavam prontos para a colheita foram chamados de «brancos», visto que o trigo maduro é branco, distinguido do trigo ainda imaturo, que é verde. O termo grego envolvido é *leukós,* que aparece por vinte e cinco vezes no Novo Testamento, por dezesseis vezes só no livro de Apocalipse (1:14; 2:17; 3:4,5,18,4:4; 6:2,11; 7:9,13; 11:11; 20:11). Esta minha lista é parcial, mas dá uma boa idéia do sentido da palavra, incluindo seu uso metafórico. No Antigo Testamento temos o termo hebraico *laban,* aplicado a muitos objetos, como o leite (Gên. 49:12), o maná (Êxo. 16:13), a neve (Isa. 1: 18), a lua (Isa. 24:23). Também temos a palavra hebraica *sah,* «ensolarado» ou «ofuscante», como em Can. 5:10. *Hiwwar* também é usado para indicar a neve ou a palidez da vergonha (Dan. 7:9 e Isa. 29:22). *Sib* é o branco das cãs de uma pessoa idosa. Outras palavras hebraicas também foram usadas, talvez primariamente como tipos de tecido, mas incluindo a sua cor, como no caso das cortinas do tabernáculo (Êxo. 28:6) e das vestes sacerdotais (Êxo. 28:6).

2. *Negro.* Essa palavra era usada para indicar as cores densas e não apenas o negro propriamente dito. Assim temos os vocábulos hebraicos *shahor,* «sombrio», «pardo», aplicado à cor dos cabelos (Lev. 13:31 e Can. 5:11); *hum,* que literalmente significa «queimado», como um tom do marrom (Gên. 30:52); *qadar,* que significa «sujo», dando a entender a cor escura que poderíamos chamar, mais apropriadamente, de «negro» (Jó 30:30, onde se aplica aos efeitos produzidos pela enfermidade ou pela tristeza). Além disso, o firmamento cheio de nuvens (I Reis 18:45), ou a noite (Miq. 3:6; Jer. 4:28), são negros. Um riacho de águas turvas, da neve dissolvida, misturada com lama (Jó 6:16), aparece descrito pela palavra hebraica que significa negro. No Novo Testamento, o termo grego *mélas,* «negro», é empregada apenas por três vezes: em Mat. 5:36, onde é dito que não temos a capacidade de tornar um cabelo nosso branco ou preto; em Apo. 6:5, que alude ao cavalo negro, referindo-se à morte como um juízo divino; e em Apo. 6:12, onde o sol é obscurecido devido a um grande terremoto.

3. *Vermelho.* O termo hebraico *adom,* usado para essa cor, refere-se ao sangue (II Reis 3:22), a uma veste tinta de sangue (Isa. 63:2), e a uma novilha dessa cor (Núm. 19:2). Também a um prato de lentilhas (Gên. 25:30), a um cavalo (Zac. 1:8; 6:2), à tez de uma

pessoa (Gên. 25:25; Can. 5:10), a uma mancha leprosa (Lev. 13:19; 14:37). Uma outra palavra hebraica, *saruq,* significa «da cor de uma raposa», um tom de vermelho, de uma espécie de vinha que produz uvas púrpuras (Isa. 5:2), simbólico de derramamento de sangue (Zac. 6:2). No Novo Testamento, o termo grego *éruthros* é usado apenas por duas vezes (Atos 7:36, para indicar o mar Vermelho; e em Heb. 11:29, para indicar esse mesmo mar). A palavra grega *kókkinos,* «escarlate», porém, encontra-se por seis vezes: Mat. 27:38; Heb. 9:19; Apo. 18:12,16; 17:3,4, em várias conexões.

4. *Escarlate.* Esse é um vermelho profundo. Essa palavra figura na Bíblia em Isa. 1:18; Jer. 4:30; Gên. 38:28-30 e Êxo. 25:4. Diversas palavras hebraicas têm sido traduzidas por «escarlate». Ver também II Crô. 2: 7,14 e 3:14. O termo hebraico *shani* parece envolver a idéia de «brilho». O termo hebraico *towla* fala de um *inseto* do qual se fabricava um pigmento dessa cor. A única coisa natural chamada de Escarlate, no Antigo Testamento, são os lábios, comparados a um fio escarlate (Can. 4:3). Várias peças do vestuário eram tingidas de escarlate (II Sam. 1:24; Pro. 31:21; Jer. 4:30 e Apo. 17:4). Essa cor era usada pelos gregos e romanos para indicar uma túnica militar. Ver Mat. 27:38. Os livros de Marcos e João dizem «púrpura», pelo que é possível que o povo comum não tivesse uma palavra separada para isso. Porém, os dicionários clássicos falam em palavras separadas, pelo que deve haver alguma razão para essa diferença.

5. *Vermelhão.* No hebraico, *shashar,* um pigmento usado para as pinturas afresco, para representar figuras de ídolos, nas paredes e nos templos (Eze. 23:14), ou para colorir os próprios ídolos (Sab. 13:14). Também era palavra usada para indicar as decorações nas paredes e traves das casas (Jer. 22:14). Era cor muito favorecida pelos assírios, conforme a arqueologia tem demonstrado, mediante as esculturas de Ninrode e Corsabade.

6. *Amarelo.* No hebraico, *yeraqraq* (Sal. 68:13). Palavra aplicada ao ouro e a uma mancha de lepra (Lev. 13:49). Parece haver certa confusão com o verde; ou então o amarelo era considerado como um tom do verde, visto que a palavra que significa «esverdeado» também é aplicada ao ouro.

7. *Verde.* O termo hebraico *ra'anan* era usado para indicar aquilo que é vigoroso e florescente (Jó 15:32; Sal. 37:35; 52:8; Osé. 14:8). Também era usado para indicar o azeite fresco (Sal. 92:10). O termo hebraico *yerek* tem o sentido de planta que brota, sendo usado para todos os produtos alimentares (Gên.1:30; 9:3; Êxo. 10:15). Contudo, essa cor pode também indicar uma cor doentia, a *da palidez.* No Novo Testamento, o vocábulo grego *chlóros* significa «verde» (Mar. 6:39), indicando, por exemplo, a relva onde se sentou o grupo em favor do qual Jesus multiplicou os pães e os peixinhos; a relva queimada pelos juízos divinos, em Apo. 8:7, e o verde das árvores (Apo. 9:4). Em Apocalipse 6.8, aparece como a cor de um dos quatro cavalos que trarão o juízo divino. Ali as traduções dão *amarelo ou pálido,* como cor que representa a morte.

8. *Azul.* No hebraico, *tekeleth.* Por muito tempo, essa cor tem estado sujeita à disputa. Essa palavra tem sido variegadamente traduzida como púrpura, verde, índigo e amarelo. O Talmude (que vide) afirma que o nome dessa cor deriva-se do extrato puro de certa ostra. A origem dessa cor atualmente está identificada, de acordo com Irving Ziderman, do Instituto de Fibras de Israel, de conformidade com uma reportagem publicada na revista *Science News.* Esse animal é aparentado do caracol espinhento, chamado caramujo rajado. Se essa opinião está correta, conforme os estudiosos de Israel supõem, então a cor envolvida é o azul purpurino. Josefo *(Anti.* 3:7,7) e Filo usaram essa palavra para indicar a cor do firmamento. Porém, devemos supor que essa é uma referência inexata, a menos que o firmamento, no Oriente, seja de um azul mais escuro do que no Ocidente. Em Ester 1:6, algumas traduções dizem «violeta». Essa cor era usada nas vestimentas dos príncipes e dos nobres (Eze. 13:6; Ecl. 40:4), bem como nas vestes dos ídolos da Babilônia (Jer. 10:9).

9. *As Cores Sacerdotais.* O Antigo Testamento fala nas cores púrpura, azul, escarlate e branco, como aquelas que eram usadas em conexão com as vestes sacerdotais. As mesmas cores eram usadas no tabernáculo e nas decorações do templo de Jerusalém, nas cortinas, nos móveis, etc.

10. *Púrpura.* No hebraico, *argaman.* Essa cor era obtida de uma espécie de molusco chamado *Murex trunculus,* segundo seu nome científico moderno, especificamente de uma secreção glandular pegajosa, e não do seu sangue. Essa secreção normalmente é branca; mas, em contacto com o ar, torna-se amarela, então verde, e, finalmente, torna-se púrpura. Os fenícios quase monopolizaram a produção desse corante. Foi em Tiro que se comercializou, pela primeira vez, o produto. A arqueologia tem descoberto indícios dos lugares onde esse tipo de corante era produzido. O corante púrpura era um produto dispendioso nos dias da supremacia romana. Uma veste ou um manto colorido de púrpura era considerado um luxo que somente os ricos podiam usar. Vestes tingidas de púrpura eram usadas pelos reis (Juí. 8:26), — pelos oficiais do governo e pelos ricos em geral (Jer. 10:9; Luc. 16:19; Apo. 17:4; 18:16). Lídia, que se converteu ao evangelho, era negociante de panos tingidos dessa cor (Atos 16:14). No Apocalipse, as vestes dessa cor são mencionadas entre os itens de luxo de Roma.

11. *Tingimento.* No inicio do relato do Antigo Testamento, temos alusões a essa prática (Gên. 38:28 e Êxo. 26:1). Os hebreus aprenderam a arte com os egípcios e fenícios. As cores mais comumente usadas eram a púrpura, mais clara e mais carregada, o azul, o escarlate, o vermelhão. Os corantes, na sua maioria, eram extraídos de plantas e de moluscos. O corante mais caro era a púrpura extraída do *Murex.* Eram precisos cerca de duzentos e cinqüenta mil desses animais para produzir apenas 30 miligramas do corante! Isso mostra por que razão a púrpura era sinal da realeza e de grande abastança. Ver o artigo sobre *Artes e Ofícios,* 4.g, e sobre os *Tintureiros,* quanto a outros detalhes sobre a arte da tinturaria.

12. *Sentidos Metafóricos e Simbólicos das Cores*

a. *Branco.* Pureza, luz, vida, santidade, vitória. Os sacerdotes hebreus vestiam-se de branco, por serem os servos do Deus Santo. O branco era a cor básica do véu que dividia o santuário. As vestes da salvação são brancas como a luz (Sal. 27:1). Também há o branco luminoso da glória e da majestade (Dan. 7:9; Eze. 9:3). O branco é a cor das vestes dos remidos, que foram lavados no sangue do Cordeiro (Apo. 3:4,5; 7:14). A cabeça e os cabelos do Cristo exaltado eram brancos (Apo. 1:14), o qual veio para anunciar sua vitória sobre o mal, sob a forma de julgamento. O branco é também a cor do grande trono de juízo, onde a justiça é servida (Apo. 20:11).

Símbolos psicológicos e nos sonhos. O branco ou o azul claro indica o intelecto, uma das faculdades da mente, bem como a espiritualidade. É também a cor da iluminação, do autoconhecimento, da sabedoria, da mente divina, da inocência e da pureza. O branco sujo indica polução e defloramento, oposto das vestes brancas de uma virgem.

b. *Negro.* Essa é a cor oposta ao branco, sendo vinculada à lamentação, à morte, às aflições, às calamidades (Jer. 14:2; Lam. 4:8; 5:10; Apo. 6:5). Pode indicar a humilhação (Mal. 3:14), ou um presságio de mal vindouro (Zac. 6:2).

Símbolos psicológicos e nos sonhos. A cor cinzenta pode indicar retrocessos, perturbações, escândalo etc., mas o negro representa a morte. Também estão em foco a depressão e as premonições. As coisas que são obscuras, misteriosas, nebulosas, são simbolizadas pela cor negra. O submundo ou hades é um lugar escuro ou negro. Se alguém sonha com um animal branco e com um animal negro, ao mesmo tempo, terá sonhado com sua própria natureza boa e com sua própria natureza má. As figuras feminina e maternal são representadas pelo negro e pelo vermelho, mas o branco também pode representar a figura feminina, por estar relacionada à lua (uma luz no firmamento escuro da noite), que é uma figura feminina. O sol é um símbolo masculino.

c. Vermelho. Essa é a cor do fogo, e, como tal, simboliza a *vida.* Mas também é a cor do sangue, em cujo caso simboliza o sofrimento, o homicídio, o julgamento divino mediante a matança. Visto que o sangue era considerado a vida biológica de uma pessoa ou de um animal, essa cor pode simbolizar o princípio da vida (Gên. 9:4-6). Disso deriva-se o sentido metafórico de *expiação,* que liberta do pecado e provê a vida eterna (Isa. 63:2 e Heb. 9:22).

Símbolos psicológicos e nos sonhos. Sangue, fogo, vinho, emoções fortes, excitação sexual e ira são coisas comumente simbolizadas pela cor vermelha. Juntamente com o negro, pode simbolizar a feminilidade. Mas o róseo, um tipo de vermelho esbranquiçado, simboliza algo agradável, mas ilusório. Assim falamos sobre a *visão rósea* da vida, uma visão otimista, mas sem razões adequadas para tanto. As prostitutas e o sexo ilícito são simbolizados pelo vermelho. Os místicos, capazes de perceber a aura humana, dizem que as prostitutas têm uma emanação avermelhada em redor dos quadris.

d. *Verde.* Simboliza a verdura, o vigor, a prosperidade (Sal. 92:14), o desabrochar das flores (Sal. 37:35). É a cor da vida natural.

Símbolos psicológicos e nos sonhos. Tudo quanto cresce é simbolizado por essa cor, indicando o vigor e a vitalidade. A esperança, os pastos verdejantes pelos quais aguardamos, mas que ainda não obtivemos, pode ser simbolizada por essa cor. Contudo, o verde também pode simbolizar a inexperiência e a simplicidade, a necessidade de maior desenvolvimento. Além disso, a inveja também é retratada como verde. Visto que o verde pode estar associado à palidez, também pode indicar as enfermidades.

e. *Azul.* Cor do intelecto e da espiritualidade. Quanto mais apuradas forem, tanto mais claro será o azul. Os místicos dizem-nos que as pessoas especialmente inteligentes têm muito azul em suas auras. Entretanto, essa cor também representa a santidade, visto que o firmamento é azul. Para os hebreus, o azul simbolizava o divino ou o próprio Yahweh (Êxo. 24:10; Eze. 1:26), bem como as revelações divinas.

Símbolos psicológicos e nos sonhos. O intelecto, conforme dissemos acima. Essa cor simboliza a energia espiritual e a fidelidade. O azul escuro, devido à sua associação com o mar, pode indicar a intuição introvertida, bem como a compreensão intuitiva das realidades interiores e dos mistérios divinos. O azul profundo, misturado com o verde, pode indicar a liberação, a liberdade, a união de princípios opostos, como sensações e intuição.

f. *Púrpura.* Simboliza a realeza, as riquezas materiais e a majestade (Juí. 8:26; Est. 8:16; Can. 3:10; Dan. 5:7).

Símbolos psicológicos e nos sonhos. Essa cor simboliza o poder vital e a autoridade. Mas a púrpura clara representa a morte, devido à sua associação com o lilás.

Outras cores, não referidas na Bíblia. Referimo-nos abaixo aos símbolos psicológicos e nos sonhos:

g. Cores escuras, como negro, marrom, etc.: depressão, retrocesso, morte.

h. Cores brilhantes: alegria, vitalidade, esperança.

i. Mudança de cores escuras para cores claras: possibilidades de melhoria, crescimento espiritual. Mudança de cores claras para escuras: humilhação, perda, enfermidade.

j. Mudança de cores para a luz. Indica o movimento gradual do que é vil e sensual para o conhecimento e a participação na realidade superior.

l. *Marrom.* Representa os excrementos do corpo, a porção inferior do corpo humano. Visto que está associada à terra, essa cor pode indicar as sensações físicas. Porém, também pode indicar o dinheiro, visto que, nos sonhos, os excrementos geralmente simbolizam o dinheiro, os recursos materiais ou as riquezas de origem profana.

m. *Dourado.* Simboliza o sol, e, portanto, a mente consciente e a verdade. Visto que o sol representa o princípio masculino, o ouro também pode simbolizar a masculinidade. Visto que o ouro é amarelo, pode estar em foco a intuição. A combinação ouro e prata nos apresenta os princípios masculino e feminino.

n. *Amarelo.* Pode indicar a intuição e a intelectualidade. Visto que as pessoas intelectuais olham todos os lados de uma questão, podem parecer *hesitantes, o* que é injustamente associado à covardia. Um amarelo escuro ou maculado pode apontar para a morte. Visto que a urina é um líquido do corpo, e é amarela, essa cor pode simbolizar o próprio corpo.

o. *O arco-íris.* No arco-íris há a mescla das cores básicas, que formam o branco, dando a entender a esperança ou novas perspectivas. Visto que o arco-íris geralmente aparece após as tempestades, pode indicar um estado melhorado ou mais feliz, depois de um período de provação. Na Bíblia, o arco-íris é sinal da paciência de Deus, como quando resolveu que não mais destruiria a humanidade, mediante um dilúvio (Gên. 9:13 *ss).* (CHE GUI ID UN)

COROA Ver também **Coroas.**

Esboço:

I. Termos Envolvidos
II. No Antigo Testamento
III. Em Outras Culturas
IV. A Coroa como um Símbolo Espiritual

I. Termos Envolvidos

Há três palavras hebraicas e duas palavras gregas que precisamos considerar, a saber:

1. *Kether,* «coroa», «diadema». — Termo que figura por três vezes, sempre no livro de Ester (1:11; 2:17 e 6:8).

2. *Nezer,* «grinalda», «coroa». Palavra que ocorre por onze vezes, com esse sentido: Êxo. 29:6; 39:30; Lev. 8:9; 21:12; II Sam. 1:10; II Reis 11:12; II Crô. 23:11; Sal. 89:39; 132:18; Pro. 27:24 e Zac. 9:16.

3. *Atarah,* «coroa». Vocábulo usado por vinte e três vezes: II Sam. 12:30; I Crô. 20:2; Est. 8:15; Jó 19:9; 31:36; Sal. 21:3; Pro. 4:9; 12:4; 14:24; 16:31. 17:6; Can. 3:11; Isa. 28:1,3,5; 62:3; Jer. 13:18; Lam. 5:16, Eze. 16:12; 21:26; 23:42; Zac. 6:11,14.

4. *Diádema,* «diadema». Palavra grega que figura por três vezes, sempre no Apocalipse (12:3; 13:1 e 19:12).

5. *Stéphanos,* «coroa». Palavra grega empregada por dezoito vezes, a maior parte das vezes no Apocalipse: Mat. 27:29; Mar. 15:17; João 19:2 5; I Cor. 9:25; Fil. 4:1; I Tes. 2:19; II Tim. 4:8; Tia. 1:12; I Ped. 5:4; Apo. 2:10; 3:11; 4:4,10; 6:2; 8:7; 12:1; 14:14. Essa também é a palavra grega que era o nome do primeiro mártir cristão, Estêvão (ver Atos 6:5 *ss).*

II. No Antigo Testamento

A coroa era uma peça usada na cabeça, geralmente muito ornada, usada por monarcas e outras pessoas importantes. No Antigo Testamento, temos a coroa do sumo sacerdote, feita de uma placa de ouro com as palavras inscritas: «Santo ao Senhor». Essa placa era presa à sua mitra ou turbante por um cordão azul, que simbolizava a sua consagração (Êxo. 19:6; 39:30). Após o exílio babilônico, em 520 A.C., coroas de ouro e de prata foram feitas para o sumo sacerdote (Zac. 6:11-14). Após terem sido usadas, foram guardadas no templo, como emblemas do favor divino.

As coroas reais eram outorgadas como indicação de que o oficio monárquico era ocupado por decreto divino (Sal. 21:3). A coroa também simbolizava a glória (Jó 19:9; Isa. 28:5); a realeza (Pro. 27:24); o orgulho (Jó 31:36; Isa. 28:1,3). Essas coroas eram fabricadas de vários metais e, com freqüência, eram muito decoradas, algumas vezes até com pedras preciosas. Foi uma coroa assim que Davi tomou do rei dos amorreus (II Sam. 12:30), e então pô-la sobre sua própria cabeça, tal como fizeram os seus sucessores. Pelo menos em alguns casos, os reis de Israel foram formalmente coroados (II Reis 11:12).

III. Outras Culturas

A arqueologia tem descoberto evidências acerca de muitos tipos de coroas entre os egípcios, tanto através de coroas literais como

mediante gravuras em murais e inscrições. Algumas vezes, essas coroas eram elaboradas e ricamente adornadas, como aquela usada por Tutancâmom. Emblemas reais também decoravam essas coroas. Elas incluíam certa variedade de caudas, mas outras consistiam em meros aros de ouro, ou um tipo de chapéu chato, com uma espiral na parte da frente, e uma elevada projeção na parte de trás. Algumas coroas eram cônicas, e outras arredondadas.

A coroa usada pelos reis assírios consistia em uma elevada mitra, freqüentemente adornada com flores ou outros objetos. Tiras de linho ou de seda eram arrumadas formando uma espiral ascendente, formando uma espécie de cone. Com freqüência, esse tipo de coroa era adornado com pedras preciosas. Os reis da Babilônia usavam uma mitra recurva, terminando em ponta. As escavações arqueológicas têm descoberto muitos aros e diademas, feitos de vários materiais, incluindo o ouro e a prata.

Os turbantes usados na Pérsia, na Pártia e na Armênia, nos tempos clássicos, eram uma espécie de quepe ou capacete, devido à sua rigidez. Os turbantes usados pelas pessoas comuns eram similares, mas feitos de tecido. Ambos os tipos são ilustrados no vaso de Dario, existente no Museo Nazionale de Nápolis, na Itália. Ao redor da testa do quepe real havia uma faixa larga, feita de material das cores branco, azul (ou púrpura), e que podia ser usada sozinha, sem o capacete, servindo de emblema de soberania. A palavra grega *diádema,* que em português deu «diadema», significa algo «enrolado em volta», embora essa palavra tenha vindo a significar uma coroa de qualquer formato.

Essa faixa simbolizava o poder despótico, e os romanos evitavam tal símbolo. Mas os romanos usavam grinaldas de folhas de carvalho ou de louro, além de aros de metal, que denotavam feitos militares ou atléticos. Júlio César usava uma coroa de louros, como general vitorioso que era; mas, quando Marco Antônio lhe ofereceu um diadema com louros, quando da festividade da Lupercália, ele não consentiu em usar tal emblema, porquanto simbolizava a realeza. E mesmo depois que Roma se tornou um império, o uso de coroas, que indicavam a realeza, continuou a ser evitado. Os primeiros imperadores preferiam a coroa de louros, celebrando as suas conquistas militares. Também havia a coroa de ponta longa, para o alto, que denotava o favor dos deuses e era símbolo dos descendentes do Sol. Essa coroa foi usada pelos imperadores romanos. Foi somente na época de Constantino que o diadema foi introduzido entre os objetos de uso real. Então os romanos começaram a imitar outros povos, e as coroas tornaram-se muito ornadas, decoralas com pedras preciosas.

IV. A Coroa como um Simbolo Espiritual

Ver o artigo separado sobre **Coroas.**

CORPO

Embora existam cerca de catorze vocábulos hebraicos de alguma maneira ligados ao corpo físico, alguns dos quais indicando porções do corpo como «costas», «barriga», etc., não há nenhum vocábulo que indique o corpo inteiro. A mais comum dessas palavras hebraicas é *basar,* que significa «carne». Porém, no Novo Testamento encontramos o termo grego *soma,* «corpo» (usado por cerca de cento e trinta vezes) e o termo grego *ptoma,* «cadáver» (usado por sete vezes: Mat. 14:12, 24:28; Mar. 6:29, 15:45; Apo. 11:8,9). A palavra *soma* aparece desde Mat. 5:29 até Apo. 18:13. É usada para indicar o corpo humano, bem como os corpos dos animais (Tia. 3:3; Heb. 13:11), os corpos vegetais, e até mesmo os corpos celestiais (I Cor. 15:35-44). E, no plural, os corpos de escravos (Apo. 18: 13).

Em algumas passagens da Bíblia, o termo «corpo» é contrastado com a «alma» (Miq. 6:7; Mat. 10:28). O corpo físico é o instrumento ou veículo da vida da alma neste mundo (Deu. 12:23; Isa. 53:12; II Cor. 5:10). Pode indicar a personalidade inteira (Fil. 1:20; Rom. 12:1). Posteriormente, a teologia dos hebreus concebeu o sopro de Deus sobre o corpo, conferindo lhe a alma residente. A teologia anterior dos hebreus compreendia isso como a mera animação da estátua de barro que Deus havia formado, sem qualquer idéia de uma alma eterna. Seja como for, o corpo físico é a manifestação inferior do ser humano, ao passo que a alma é representante do mundo dos espíritos, do qual o homem também participa. Jesus ensinou a importância secundária do corpo (Mat. 6:25-34). E Paulo reconheceu o estado de humilhação do corpo (Fil. 3:21), exortando-nos a disciplinálo, para que obtenha uma boa expressão espiritual (I Cor. 9:27; Rom. 8:13). Além disso, o corpo físico deve ser usado para o Senhor, por ser expressão ou instrumento do espírito (I Cor. 6:13; Rom. 12:1; I Tes. 5:23).

Qualquer coisa que façamos que seja prejudicial ao corpo físico, constitui uma ofensa contra o Espirito, que usa nosso corpo como um lugar de sua habitação e expressão (I Cor. 6:13 *ss).* Isso contraria o ponto de vista gnóstico que fazia a matéria ser má, e que afirmava que visto que o corpo físico é material, seria a sede da maldade humana, ao passo que a alma humana não seria corrompida. Pode-se mergulhar um vaso de ouro na lama, sem alterar suas qualidades e virtudes. Assim também, para o gnosticismo, pode-se abusar do corpo das maneiras mais devassas, sem que isso prejudique a alma. De fato, de conformidade com esse ponto de vista, é vantajoso abusar do corpo, a fim de levá-lo ao fim mais prematuro possível. Todavia, o evangelho cristão rejeita a idéia da pecaminosidade exclusivamente do corpo, embora seja instrumento facilmente posto a serviço do pecado (Rom. 6:12,13). Outrossim, na qualidade de templo do Espírito, reveste-se de grande dignidade. Podemos agradecer a Deus pela saúde física, que nos permite realizar as coisas que a nossa missão requer.

O Novo Testamento ensina a real encarnação do Logos em um corpo humano (João 1:14). Isso indica que não se pode pensar que o corpo físico do homem seja a sede mesma do pecado. Platão, por outro lado, chamava o corpo de prisão e sepulcro da alma, ensinando um caminho de reformas morais e de progresso, com o intuito de liberar a alma do corpo, a fim de que a alma pudesse atingir as dimensões dos espíritos puros. O evangelho cristão não é tão severo contra o corpo, mas promete aos remidos um novo corpo, de natureza espiritual, que venha a tornar-se o veículo da alma, para expressão nos mundos celestiais (I Cor. 15:44 ss; Fil. 3:21). Quanto a um comentário pleno sobre isso, ver Fil. 3:21 no NTI.

O corpo físico foi criado por Deus, sendo bom em si mesmo, embora represente, indubitavelmente, um rebaixamento da potencialidade humana, e mesmo uma punição por causa do pecado, envolvendo-o em coisas terrenas e animais. Apesar disso, o homem tem um destino físico, inteiramente distinto de seu destino espiritual. Mesmo neste mundo, a humanidade avança para propósitos terrenos mais nobres, e cada indivíduo participa desse esforço, positiva ou negativamente. Mas, embora distinto do elevadíssimo destino espiritual, esse destino terreno está relacionado àquele. Assim sendo, para exemplificar, um cientista que faça bem o seu papel, e assim ajude a aprimorar a qualidade de vida de seus semelhantes, está agindo na qualidade de servo de Deus, ainda que não tenha consciência disso. Mas, todas as almas, — finalmente, haverão de seguir pela vereda da expressão espiritual, nos mundos não-materiais, a despeito de seguirem, então, por caminhos opostos. Este mundo físico reveste-se de um destino; e os mundos espirituais envolvem destinos mais elevados. Em nossa experiência total, participamos de ambos os destinos, como uma escola com graus inferiores e superiores de aprendizado.

Usos Metafóricos. a. O corpo humano simboliza a Igreja, com seus muitos membros e suas muitas funções (I Cor. 12:13; Rom. 12:13 ss; Efé. 1:23). b. Na Igreja, concebida como um corpo, há o Cabeça, que é Cristo, e há o corpo, que são os remidos, que cumprem as ordens do Cabeça, agora e por toda a eternidade (Efé. 1:23; Col. 1:18,24; 2:18; 3:15). c. O corpo é o novo templo que serve de

habitação do Espírito Santo (I Cor. 6:13; 12:13). d. O corpo físico é o veículo da alma, fazendo-nos lembrar nosso futuro *corpo espiritual,* — que aguarda por nós nas dimensões celestiais (Fil. 3:21). e. O corpo torna-se instrumento fácil do pecado, pelo que é chamado de «corpo do pecado» e de «corpo desta morte» (Rom. 6:6; 7:24). f. As leis e ordenanças do Antigo Testamento eram meras sombras de realidades que se cumpriram em Cristo. A *totalidade* dessas coisas a serem concretizadas forma um *corpo,* que pertence a Cristo (Col. 2:17). 8. O «corpo de Cristo», referido em Romanos 7:4, alude à nossa identificação com a morte de Cristo (seu corpo foi morto), o que nos torna mortos para a lei e vivos para o Espírito, a fim de podermos produzir fruto para a glória e louvor de Deus. (B UN NTI)

CORREÇÃO

No hebraico temos duas palavras, e, no grego, duas, a saber:

1. *Yakach,* «raciocinar com», «reprovar», usada por cinqüenta e seis vezes com esse sentido. Por exemplo: Jó 5:17; Sal. 94:10; Pro. 3:12.

2. *Yasar,* «instruir», «castigar». Palavra usada por quarenta e duas vezes (por exemplo: Sal. 39:11; Pro. 29:17; Jer. 2:19; 10:24; 30:11; 46:28).

3. *Epanórthosis,* «retificar». Palavra grega usada apenas em II Tim. 3:16.

4. *Paideúo,* «corrigir a criança». Palavra grega usada por treze vezes: Luc. 23:16,22; Atos 7:22; 22:3; I Cor. 11:32; II Cor. 6:9; I Tim. 1:20; 11 Tim. 2:25; Tito 2:12; Heb. 12:6 (citando Pro. 3:11); Heb. 12:7,10; Apo. 3:19.

Corrigir é disciplinar tendo em vista a melhoria da conduta, não sendo apenas retribuição por algum erro praticado. A palavra grega *paideúo,* que significa «correção de crianças», mostra o caráter da correção que Deus confere aos seus filhos. O trecho de I Pedro 4:6 mostra que até mesmo o julgamento no hades tem por finalidade uma função disciplinar e corretiva, não sendo apenas retributivo. Esse versículo é muito ousado, porquanto afirma que a vida espiritual pode passar por tal experiência, um conceito essencialmente perdido pela Igreja ocidental, embora preservado na Igreja oriental. A passagem de Hebreus 12:7,8 mostra-nos que Deus castiga os seus filhos para o bem deles, tal como o faz qualquer pai decente. A Igreja inteira aprova esse princípio, mas certos segmentos da mesma recusam-se a ver esse aspecto na *própria natureza* do julgamento divino, visto que esse é um ato do amor de Deus, mudando condições que, de outra maneira, não poderiam ser mudadas. É muito difícil os homens aprenderem essa grande verdade: o oposto da injustiça não é a justiça, mas o amor.

As autoridades que executam criminosos, e que sabem o que estão fazendo, acreditam que os criminosos executados de algum modo são beneficiados pela morte que sofrem, porquanto isso é uma maneira de compensar por seus erros. Não é incomum, entre os prisioneiros que esperam pela execução, suporem que a morte que sofrerão, quando merecida, pode ser benéfica para suas almas, e não apenas uma divida que têm de pagar diante da sociedade humana. Isso mostra um grande discernimento quanto à natureza até mesmo das mais severas formas de punição. Orígenes afirmava que ver no julgamento apenas o aspecto retributivo é defender uma teologia inferior. De fato, o Senhor *corrige* àqueles a quem *ama.* Todas as formas de castigo divino alicerçam-se sobre o amor de Deus. O juízo é um dedo da mão amorosa de Deus.

No Antigo Testamento, correção e juízo são meios de treinamento do caráter. Mostram que um Pai amoroso está cuidando de seus filhos (Deu. 11:2; Sal. 50:17; Jer. 17:23, 32:33). A sabedoria divina está por detrás dessa questão (Pro. 1:2; 3:7; 15:33; 23:23). As Escrituras nos ajudam como um meio de correção, de repreensão e de instrução, a fim de que sejamos ricos em boas obras (II Tim. 3:16,17). Um versículo significativo é o de Romanos 11:32, embora com raridade ouçamo-lo ser citado. «Porque Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos». Deus tem feito os homens terminarem em miséria íntima, por causa de seus atos de desobediência, como medida disciplinadora, tendo em vista o alvo final do Senhor, que é usar de sua *misericórdia,* em última análise. Essa é a única maneira pela qual o homem pode chegar a qualquer lugar, dentro da criação de Deus. Notemos, no texto que acabamos de citar, que foi exatamente esse princípio que fez o apóstolo Paulo maravilhar-se da *sabedoria* de Deus. Quando, finalmente, entendemos o grande princípio de que todas as coisas procedem de Deus, a fim de que tudo venha a retornar a ele, então estamos preparados a entender essas questões que envolvem a correção aplicada por Deus a todos os homens. Diz Romanos 11:36: «Porque dele e por meio dele e para ele são todas as cousas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém». Isso exprime o princípio do ato restaurador de Deus, conforme vemos em Efésios 1:10, e que envolverá, finalmente, a criação inteira. Ver o artigo sobre a *Restauração.*

Fica bem claro, portanto, o princípio da correção. Todos os atos instrutivos e corretivos de Deus, têm em mira o bem-estar do homem. Isso aplica-se tanto ao crente quanto ao incrédulo. E nenhum ato de Deus ficará sem efeito, finalmente. É precisamente isso que poderíamos esperar da parte do amor de Deus, porquanto Deus é amor. Ver I João 4:16. Contudo, isso não faz os atos de julgamento e de disciplina, impostos por Deus, tornarem-se menos sérios. É coisa muito séria alguém ter de servir um longo tempo de prisão, mesmo que, em alguma data futura, o condenado venha a ser libertado, considerando-se que, então, a divida do criminoso, diante da sociedade, terá sido saldada. É coisa muito séria uma pessoa perder anos preciosos de vida, encarcerado, por causa de seus erros, ao passo que ele poderia ter usado aqueles anos para beneficiar a si mesmo e aos seus semelhantes, como filhos, parentes, amigos, e muitos outros. É coisa muito séria um homem desperdiçar sua vida desse modo, chegando à sepultura como um fracassado. — Também é coisa muito séria uma alma ultrapassar a morte biológica em estado de perdição, mesmo que, em algum ponto distante, o amor de Deus venha a corrigir tal situação. Podemos estar certos de que Deus nunca se apressa, embora alguns sistemas teológicos nos dêem essa impressão. Portanto, que o julgamento divino realize a sua obra. Que a instrução divina tenha os seus efeitos. Porém, se nos olvidarmos dos princípios da misericórdia e do amor divinos, dentro desse imenso quadro, quem poderia ser salvo? O que estou procurando dizer aqui, meus amigos, é que os princípios do juízo divino, de sua disciplina e do seu amor ocupam o *primeiro* lugar, no caso de todos os homens, crentes ou incrédulos. E, em *segundo* lugar, esses princípios são combinados em um único ato, com uma única motivação. Não podemos dividir Deus em pedaços, para então dizer: «Agora Deus está amando»; ou então: «Agora Deus está irado». Mesmo quando Deus manifesta mais intensamente a sua ira, ele continua amando. E isso é assim porque a sua ira é uma forma de amar, por causa daquilo que Deus tenciona fazer através de sua ira.

CORRUPÇÃO

A apresentação bíblica desse assunto é ampla, incluindo as seguintes categorias: 1. A decadência do corpo, que é a corrupção física (Sal. 16:10). 2. Os defeitos em algum animal, que o tornavam impróprio para ser sacrificado, que é a corrupção cerimonial *(Lev.* 22:25). 3. A ruína moral causada pelo pecado, que é a corrupção moral (Deu. 9:12). 4. A ruína eterna, que é a corrupção escatológica (Gál. 6:18). Existe a «cova da corrupção», que talvez envolva a mesma idéia (Isa. 38:17; Sal. 30:9).

Todas as formas de corrupção estão envolvidas na nossa natureza moral, segundo Paulo ensina em I Coríntios 15:53. O próprio homem, no seu estado atual, é ali chamado de «este corpo corruptível», sendo precisamente esse o homem que terá de revestir-se da «incorruptibilidade», como cura total para a sua corrupção (vs. 54). E então tornar-se-á verdadeira a declaração que prediz: «Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte,

a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo» (I Cor. 15:54-57). É por essa razão que podemos ser firmes na fé, sempre abundantes nas boas obras, sabendo que nossos esforços não são vãos. Em outras palavras, todo labor honesto e espiritual tem uma dimensão eterna.

No Novo Testamento, encontramos as palavras gregas *phthora* e *diaphthora,* ambas traduzidas por "corrupção».—A primeira delas aparece por nove vezes: denotando a decadência do corpo físico (I Cor. 15:42,50); denotando a decadência do universo físico (Rom. 8:21; Col. 2:22; II Ped. 2:2); denotando a decadência moral e religiosa (II Ped. 1:4; 2:9); denotando as destruições escatológicas (Gál. 6:8); e, estabelecendo contraste com a vida eterna (II Ped. 2:12).

CORRUPÇÃO, MONTE DA

Um outro nome desse monte é Monte da Abominação. A forma latina é *mons scandali.* A alusão é ao cume mais ao sul da terra que é conhecida como monte das Oliveiras, onde Salomão erigiu um altar para as observâncias religiosas de suas esposas pagãs (I Reis 11:7; II Reis 23:13). Esta última referência informa-nos que o rei Josias destruiu todas as construções ali existentes, por ocasião de suas reformas.

CORTAR, GOLPEAR

Várias palavras hebraicas e gregas estão envolvidas no ato de *cortar,* verbos usados em sentido literal ou figurado nas Escrituras, a saber:

1. *Natach,* «cortar em pedaços». Palavra usada por dez vezes (por exemplo: Êxo. 29:17; Lev. 1:6,12; 8:20; Juí. 20:6; I Reis 18:22,23).

2. *Qara,* «cortar». Palavra usada por sessenta e quatro vezes (por exemplo: Jer. 36:26; I Sam. 15:28; I Reis 11:11,12,13,30,31). Mas, na grande maioria das vezes, esse verbo significa «rasgar».

3. *Karath,* «cortar», «derrubar». Palavra usada por cerca de cento e vinte vezes. Por exemplo: Êxo. 4:25; Lev. 17:10; 20:3,5,6; I Sam. 17:51; 24:4,5; Isa. 9:14; Eze. 14:8,3,17,19; Mal. 2:2. Esses são os verbos hebraicos principais, mais usados; mas há uma multidão de outros.

4. *Katakópto,* «retalhar-se», «cortar-se todo». Palavra grega usada por somente uma vez, em Mar. 5:5.

5. *Dichotoméo,* «cortar em dois». Palavra grega usada por duas vezes: Mat. 24:51; Luc. 12:46.

6. *Aphairéo,* «arrancar», «cortar». Palavra grega empregada por dez vezes: Mat. 26:51; Mar. 14:47; Luc. 1:25; 10:42; 16:3; 22:50; Rom. 11:27 (citando Isa. 27:9); Heb. 10:4; Apo. 22:19.

7. *Ekkópto,* «cortar». Palavra grega usada por dez vezes: Mat. 3.10; 5:30; 7:19; 18:8; Luc. 3:9; 13:7,9; Rom. 11:22,24; II Cor. 11:12.

I. Literal

O povo de Israel foi estritamente proibido de mutilar-se, em imitação a povos pagãos circunvizinhos (Lev. 19:28; 21:5; Deu. 14:1). O paganismo primitivo sempre promoveu vários tipos de mutilação, que supostamente aplacava deuses sedentos de sangue, mas que, na realidade, eram apenas um reflexo da brutalidade humana, para com o próximo e para com o próprio indivíduo. Os ritos de mutilação até hoje existem ao redor do mundo. O temor ao desprazer dos deuses leva os homens a fazerem contra si mesmos aquilo que pensam que seus deuses fariam contra eles. Foi uma concepção distorcida da divindade que levava os profetas de Baal (I Reis 18:28) a se cortarem. E eles misturavam seu próprio sangue ao sangue dos seus holocaustos.

Os Sacrifícios e Outros Objetos. Os animais sacrificados eram cortados em pedaços (Lev. 1:6); as imagens dos cananeus eram derrubadas e cortadas em pedaços (Êxo. 34:13; Deu. 7:5); árvores eram cortadas por diversos motivos (II Reis 6:4); decepar parte do corpo de um inimigo era um dos maltratos geralmente infligidos aos adversários vencidos (Juí. 1:6), ou mesmo uma ação punitiva recomendada (Mar. 9:43)

Atos de Tristeza. Virgílio descreve a irmã de Dido a rasgar-se no rosto com as unhas e a bater nos seios com os punhos, quando em profunda tristeza. Esse tipo de ação era especificamente proibido em Israel (Lev. 19:28). Todavia, muitos israelitas acabaram fazendo coisas dessa natureza, quando sofriam grandes golpes (Jer. 48:37). De fato, de outra maneira, não teriam sido proibidos de fazê-lo.

II. Golpes Figurados

Uma tribo de Israel, desobediente ou apóstata, podia ser «cortada», ou seja, destruída ou punida de algum modo (Núm. 4:18). Quando Josué derrotou povos espalhados das margens do Jordão até o mar Mediterrâneo, é dito que ele os *cortou.* Israel foi advertido de que seria cortado de sua terra se persistisse na desobediência (I Reis 9:7). Povos idólatras foram cortados ou destruídos (Isa. 14:22; Miq. 5:10-13; Zac. 9:6). Certos atos de desobediência contra a lei mosaica atraíam severo julgamento divino, como no caso daqueles que ingeriam sangue (Lev. 17:10), ou participassem em sacrifícios de crianças (Lev. 20:3,5) ou se envolvessem em atos de bruxaria (Lev. 20:6). Todos os culpados desses pecados seriam *cortados* do meio do povo.

CORTINA DO TEMPLO

Ver sobre o **Véu do Templo.**

CORTINAS

Três palavras hebraicas têm sido assim traduzidas, a saber:

1. *Doq,* «véu fino», palavra que figura somente em Isa. 40:22. Refere-se aos céus estrelados que Deus estende como se fosse uma cortina. Provavelmente, há uma alusão à tela fina que muitos orientais estendiam sob os tetos de suas residências de verão.

2. *Yeriah, cortina,* «véu». Essa palavra ocorre por cinqüenta e três vezes, como em Êxo. 26:1-13; 36:8-17; Núm. 4:25; II Sam. 7:2; I Crô. 17:1; Sal. 104:2; Isa. 54:2; Jer. 4:20; 49:29; Heb. 3:7. Essa palavra está ligada ao adjetivo «trêmulo». Aponta para as dez cortinas que cobriam o tabernáculo de Moisés (Êxo. 26:1-13; 36:8-17). Essa palavra veio a tornar-se sinônimo do próprio tabernáculo, por causa de suas muitas cortinas (II Sam. 7:2). Tal vocábulo também pode indicar as paredes laterais do tabernáculo.

3. *Masak,* «véu», usada por vinte e cinco vezes, como em Êxo. 26:36,37; 35:15; Núm. 3:26. Essa palavra também servia para denotar o portão do átrio, que conduzia ao tabernáculo (Êxo. 27:16).

As cortinas do tabernáculo eram feitas de linho fino e de pêlos de cabra. Eram penduradas em sessenta colunas de madeira de acácia, sobre bases de cobre, cada coluna tinha cerca de 2,5 *m* de distância uma da outra. As cortinas dos lados norte e sul tinham 2,5 *m* de largura por 50 m de comprimento, feitas de linho fino. No lado ocidental, as cortinas tinham 2,5 m de largura por 25 m de comprimento. No lado oriental, que era o da entrada, havia duas cortinas curtas, de 2,5 m de largura por 7,5 m de comprimento, penduradas em três colunas.

As cortinas eram um item importante na vida nômade dos povos orientais, substituindo paredes e portas. Porém, mesmo nas residências de alvenaria ou de pedra, as cortinas eram um item importante.

CORUJA

Seis palavras hebraicas têm sido assim traduzidas, nas traduções em vários idiomas. Porém, a confusão é tremenda quanto a essa espécie de ave. O antigo vocabulário dos hebreus, quanto a itens da flora e da fauna não tinha um caráter científico, conforme se faz hoje em dia. Portanto, consideremos estes pontos:

1. *Yanshuph.* Ver Lev. 11:17; Deu. 14:16. Isa. 34:11. Nossa versão portuguesa diz «íbis», nas duas primeiras referências, mas «bufo», na última delas. A Septuaginta diz «íbis». A Vulgata Latina diz «coruja». Poderia estar em foco a chamada coruja águia *(Bubo ascalaphus).* Essa ave é nativa da Palestina, e poderia ser a espécie aludida nessas três referências.

2. *Kos.* Ver Lev. 11:17; Deu. 14:16; Sal. 102:6. Nossa versão portuguesa diz «mocho» nas duas primeiras referências, mas «pelicano» na última. É provável que a espécie em foco seja, realmente, o «mocho», uma espécie um tanto menor que a coruja, cujo nome científico é *Athene glaux.* Os israelitas não podiam consumir o mocho. Era uma ave comum na Palestina, conforme continua a sê-lo até os nossos dias. Visto que as aves da família da coruja são caçadoras, seu consumo era vedado na dieta dos israelitas. Ver o artigo geral sobre as *Aves da Bíblia.*

3. *Bath yaanah.* Ver -Lev. 11:16; Deu. 14:15; Jó 30:29; Isa. 13:21; 34.13; 43:20; Jer. 50:39 e Miq. 1:8. Nossa versão portuguesa diz «avestruz» em todas essas oito referências. Com isso concorda a maioria dos estudiosos.

4. *Lilith.* Ver Isa. 34:14. Nossa versão portuguesa diz ali «fantasmas». Realmente, a palavra indica um demônio ou fantasma noturno; nada tem a ver com a coruja.

5. *Qippoz.* Ver Isa. 34:15. Nossa versão portuguesa diz «coruja». Porém, o verdadeiro significado da palavra é uma serpente.

6. *Tinshemeth.* Ver Lev. 11:18; Deu. 14:16; Lev. 11:30. Nossa versão portuguesa diz «gralha» nas duas primeiras dessas referências, mas diz «camaleão» na última delas. As opiniões dos especialistas estão muito divididas. Alguns pensam em uma espécie de cisne, mas outros opinam que se trata de galinhola.

Na atualidade, há várias espécies de coruja na Palestina, como a coruja águia, um pássaro grande, com 70 cm da cabeça à cauda; a coruja de orelhas curtas, que é ave migratória, de hábitos tanto noturnos quanto diurnos; a coruja de orelhas grandes, que habita nas florestas e caça rodentes, e o mocho, com a sua cor pálida, que gosta de rondar as edificações das fazendas, fazendo a sua presença notada pelos guinchos agudos que dá, enquanto voa. Essa espécie é muito comum, excetuando nos desertos. Durante o verão, a Palestina também é visitada pela coruja cuja voz é um assobio monótono, talvez semelhante à murucututu que também pode ser encontrada no norte do Brasil.

A coruja como um símbolo. Os atenienses pensavam que a coruja era uma ave sábia, conotação essa que se tornou comum até os tempos modernos. A coruja pode simbolizar uma alma que partiu deste mundo, o que é sugerido pelo canto noturno e melancólico desse pássaro. Em um sonho, a coruja pode representar a sabedoria. Pouco antes do falecimento de minha mãe, ela teve um sonho incomum, de uma coruja de asas abertas, diante de um lindo pôr-do-sol. A sabedoria maior ocorre quando a alma encontra descanso, no pôr-do-sol desta vida física.

CORVO

No hebraico, **oreb,** derivado de uma palavra que significa «negro». É vocábulo usado por dez vezes: Gên. 8:7; Lev. 11:15; Deu. 14:14; I Reis 17:4,6; Jó 38:41; Sal. 147:9; Pro. 30:17; Can. 5:11 e Isa. 34.11.

Essa ave pertence à família *Corvus corax.* O primeiro mensageiro enviado por Noé, que ficou indo e voltando, repousando sobre a arca, mas sem entrar na mesma, foi um corvo. Simbolicamente, representa a alma de tendências carnais, que nunca encontra descanso (Isa. 57:20,21). Corvos alimentaram Elias, no ribeiro de Querite (I Reis 17:4,6), quando ele temeu associar-se com pessoas que poderiam traí-lo, entregando-o ao rei Acabe. Essas aves vorazes, apesar de seu grande apetite, acharam tempo para cuidar do profeta do Senhor. Nisso encontramos uma lição sobre o infalível e ilimitado suprimento de Deus. O corvo foi destacado para mostrar como Deus cuida de toda a sua criação (Luc. 12:24). As necessidades das aves são grandes, e não semeiam e nem colhem, nem possuem armazéns, mas Deus as alimenta. Não valemos nós mais do que os corvos? Com sua voz roufenha, eles crocitam, clamando a Deus, por assim dizer; e ele os ouve. Os corvos fazem seus ninhos em lugares solitários, e assim simbolizam a desolação. O fato de que os corvos se ajuntam em torno da carniça, faz com que eles representam maus agouros, más notícias vindouras (Isa. 34:11). Por outro lado, sua cor negra azulada faz-nos lembrar os cachos de uma noiva (Can. 5:11).

CORVO MARINHO

No hebraico, **shalak,** palavra que aparece somente em Lev. 11:17 e Deu. 14:17.

Trata-se de uma ave, mencionada no Antigo Testamento, —sobre a qual pouco se sabe. As traduções falam em «pelicano», em «gavião» ou em «corvo» (esta última possibilidade refletida na nossa versão portuguesa da Bíblia, «corvo marinho»). Algumas traduções também traduzem por «pelicano» a palavra hebraica *qaath,* que aparece em Isa. 34:11 e e Sof. 2:14. Há quem pensa, que, nesse caso, deve-se pensar na «coruja». As questões da fauna e flora, na Bíblia, são extremamente confusas e difíceis de deslindar, pois os escritores sagrados não usaram uma linguagem científica (conforme fazemos atualmente), para indicar as espécies. O corvo marinho é uma voraz ave aquática do gênero *Phalacrocorax,* muito distribuído e de hábitos gregários. Tem um forte bico recurvo e um papo proeminente. Duas espécies de corvos marinhos visitam regularmente a Palestina. Alimentam-se ambas, principalmente, de peixes. Porém, não há certeza se essa é a ave que os hebreus antigos chamavam de *shalak.* O que se sabe é que a ingestão de sua carne era vedada aos israelitas, pois era uma das aves imundas.

COSAMEU

Uma palavra encontrada em I Esdras 9:32, após o nome Simão. Porém, um nome como Simão Cosameu provavelmente é uma corrupção textual. No paralelo de Esdras 10, tal palavra é omitida. Seja como for, tal homem é nomeado entre aqueles que se desfizeram de suas esposas estrangeiras, após o retorno do cativeiro babilônico.

COSMÉTICOS

Vários tipos de cosméticos são mencionados na Bíblia. A própria palavra portuguesa vem do grego, *kósmos,* «ordem», «ornamento». Desse termo grego também se deriva a palavra portuguesa «cosmos», que significa mundo, universo, criação e a ordem divina das coisas, isto é, o universo como um sistema harmônico. A associação entre *cosmético* e *mundano* é uma aplicação falsa das palavras envolvidas, e não uma derivação verdadeira.

1. Utensílios Associados aos Cosméticos. Os arqueólogos têm encontrado taças de pedra calcária, vasos feitos de vários metais, pequenos potes, frascos de vidro, caixas de perfume, receptáculos de alabastro (que vide), espelhos de metal polido, espátulas de marfim e de metal, colheres para ungüentos, pinças etc., tudo associado ao uso dos cosméticos. Alguns desses objetos são altamente coloridos e decorativos, exibindo considerável habilidade na manufatura. As damas egípcias da alta sociedade favoreciam itens elaborados, feitos de marfim, com certa variedade de ilustrações da fauna e da flora. Para pintar os olhos, elas tinham pequenas caixas e tubos, e a pintura era aplicada mediante pequenas espátulas ou palitos, feitas de madeira ou de bronze.

2. Cosméticos. Havia certa variedade de minerais pulverizados, de óleos vegetais, de extratos, de gorduras animais, empregados como cosméticos. Azeite de oliveira era usado para ungir o corpo, nos países do oriente Próximo e Médio, o que era considerado uma prática quase tão essencial quanto os atos de comer e beber. O azeite de oliveira também era usado nos costumes de sepultamento e lamentação pelos mortos. Havia grande variedade de perfumes, bem como pinturas em muitas cores diferentes.

3. Pintura para os *Olhos* A maioria das pessoas, quando se olha ao espelho, gostaria de poder fazer algo sobre o seu aspecto geral. As mulheres nunca cessam de tentar. É realmente admirável como um pouco de pintura e um vestido novo podem transformar a maioria das mulheres. Qualquer porta de estábulo parece melhor quando é pintada; mas há casos difíceis. Quando eu era um jovem, era uma

terrível heresia e desvio se uma moça evangélica passasse ao menos um pouco de batom nos lábios. Tal prática era considerada extremamente mundana; e um rapaz crente sério não escolheria uma esposa dentre as jovens mundanas que usavam batom. Mas, quando Billy Graham foi à Europa, dirigir campanhas de evangelização, sua esposa usava batom em público! Alguns pensaram que isso era muito mundano. Outros aprovaram. Seja como for, não demorou muito para que as mulheres crentes da Europa inteira começassem a usar batom. Na verdade, o *ascetismo* pode ser pior que um pouco de cosméticos. Posso imaginar Raquel com as suas jóias, e, naturalmente, com um pouco de pintura. Se me fosse possível encontrar-me com ela, não penso que lhe pediria para remover esses enfeites. Se eu fosse mais jovem, eu lhe pediria para doar suas jóias aos pobres e retirar a pintura. Porém, Raquel sem dúvida era uma mulher bonita, e seria errado estragar-lhe a beleza. Ademais, ela foi uma das matriarcas da nação hebréia, e isso basta para dizer algo em favor dela. Agora, que já sou homem maduro, simplesmente não consigo ficar indignado por causa de um *pouco* de pintura e de enfeites que as mulheres queiram usar. Penso que o impulso feminino para usar cosméticos deriva-se de uma herança genética, quase impossível de vencer. A mente espiritual entende que, numa autêntica escala de valores, o que importa para a mulher crente (como para o homem crente, também) é que ela não seja idólatra, nem mentirosa, nem imoral, nem desonesta, nem invejosa, nem preguiçosa, nem viciada, etc., coisas essas que as Escrituras condenam. Para muitos crentes esclarecidos, questões como enfeites e cosméticos são questões neutras, que a Bíblia nunca condena por si mesmas, a menos que sejam usadas com intuitos pecaminosos. A moderação é um grande lema nos escritos dos antigos filósofos morais gregos, e Paulo tomou por empréstimo a idéia. Penso que essa é a resposta para essa questão, como para tantas outras. Brincando um pouco, posso até apreciar uma mulher iluminada como uma árvore de Natal, contanto que não seja a minha esposa e nem alguma parenta chegada minha! Algumas mulheres usam batom por causa de lábios ressecados e partidos; pelo que a prática deve ter algum valor medicinal. *O* próprio Paulo permitiu que Timóteo usasse um pouco de vinho, por causa de seu estômago adoentado (I Tim. 5:23). Porém, não permitia que qualquer ancião fosse nomeado nas igrejas cristãs, se bebesse em excesso (I Tim. 3:8). Isso não estabelece um útil e orientador precedente?

Os povos antigos faziam pinturas para os olhos de várias substâncias minerais e vegetais. Eles misturavam pós coloridos com água ou certos tipos de goma. Jó talvez seja o mais antigo livro da Bíblia, e é naquele livro que encontramos as palavras: Quéren-Hapuque, «chifre de rímel», nome de uma das filhas dele, após sua restauração à saúde e à prosperidade material. Os profetas atacaram o uso excessivo dos cosméticos (II Reis 9:30; Jer. 4:30; Eze. 23:40). Alguns intérpretes supõem que a pintura para os olhos poderia ter algum valor medicinal, protegendo os olhos das moscas; porém, penso que essa é uma interpretação por demais generosa. As mulheres usavam tais pinturas para se fazerem mais atrativas.

4. *Perfumes e Ungüentos.* Os perfumes eram muito populares na antigüidade, sendo usados igualmente por homens e mulheres. Os expositores do Antigo Testamento encontram pelo menos dezoito tipos, mencionados naquele documento. Eram usados como adorno (Can. 1:13), sendo presenteados em grande quantidade (Sabedoria de Salomão 2:7). *O* próprio Jesus recebeu presentes dessa natureza (Mat. 26:7 *ss*). Ungüentos e perfumes eram usados nos banhos, nos rituais mais variados e nos preparativos para o sepultamento. Eram compostos com azeite de oliveira e substâncias vegetais e animais. Eram aplicados à cabeça (Sal. 133:2; Mat. 6:17) ou ao corpo inteiro (Rute 3:3; Est. 2:2). Tintura vermelha era aplicada às palmas das mãos, às solas dos pés, às unhas e aos cabelos. Essa prática continua bastante comum entre os povos árabes. *O* trecho de I Samuel 8:13 fala de um típico rei que, tal como todos os monarcas dos povos ao redor, requereu os serviços de perfumistas, de cozinheiros e de padeiros, o que mostra que a manipulação e aplicação de perfumes veio a ser feita por profissionais. Ver o artigo sobre *Artes* e *Ofícios*

Sabemos que o grande palácio de Mari, às margens do rio Eufrates (século XVIII A.C.), contava com sua perfumaria, onde era produzida uma vasta quantidade de cosméticos para o rei, para os seus dignitários, para os militares graduados etc. (J. Bottero, *Archives Royales de Mari,* VII, 1957). Extratos feitos de flores que contêm agentes naturais eram usados para o fabrico de perfumes, como também os óleos extraídos da mirra e de outras gomas. A arqueologia tem desenterrado gravuras, em túmulos egípcios, que mostram a preparação de tais produtos, e, naturalmente, têm sido descobertas muitas gravuras com mulheres aplicando cosméticos em si mesmas. A rainha de Sabá, entre os muitos presentes que trouxe a Salomão, não se esqueceu de especiarias e perfumes (ver I Reis 10:2,10), e essas coisas também faziam parte do tesouro de Ezequias (II Reis 20:13).

Perfumaria Sagrada. Havia as unções realizadas nos móveis do Tabernáculo e nos sacerdotes aarônicos, em sua iniciação (Êxo. 30:22,23). A mirra, uma resina gomosa aromática, a canela aromática, a cássia e o azeite de oliveira eram misturadas nesse perfume (Êxo. 30:23-25). Ver o contexto ali, quanto ao uso desses ungüentos e perfumes.

5. *Talcos e Ruge.* Antigos talcos e ruges eram fabricados a partir do ocre. As colorações mais populares eram o vermelho e o amarelo. *O* ruge branco era feito de carbonato de chumbo. Tais produtos têm sido encontrados nas escavações arqueológicas. Sabemos que havia aplicadores de talco, não muito diferentes dos modernos, usados no Egito antigo. A única referência ao talco, usado como cosmético, encontra-se na Bíblia em Can. 3:6 (em português, «pós aromáticos»), embora seja provável que ali a alusão seja aos ingredientes usados na fabricação de pinturas.

6. *Os Cosméticos e os Cabelos.* Para uma mulher, ter cabelos longos é um adorno natural de considerável qualidade, conforme qualquer homem (não mulher) pode dizer-nos. Mas as mulheres pensam que são capazes de melhorar a natureza, e elas nunca cessam de fazer novas tentativas. A coisa mais desastrosa que uma mulher pode fazer contra os seus cabelos consiste em cortá-los rente. Paulo chegou a estabelecer uma norma quanto a isso, embora os crentes pareçam não dar a mínima atenção a essa recomendação apostólica (I Cor. 11:6,15). *Os* cabelos longos de uma mulher constituem a sua «glória» no dizer do apóstolo. As mulheres antigas tinham inúmeras maneiras de adornar aquilo que já era o seu adorno, incluindo muitos tipos de penteados. As mulheres egípcias dispunham de perucas e de inúmeros objetos para serem postos nos cabelos, como jóias, alfinetes, tiaras, etc. Um profeta fez cortante observação sobre como Jezabel penteava seus cabelos (II Reis 9:30). Pentes muito ornados tornaram-se populares, tanto para fazerem penteados como para serem usados nos cabelos. Os cabelos eram perfumados, e eram usadas tinturas para mudar-lhes a cor. Assim como os antigos homens orgulhavam-se de suas barbas, assim também as mulheres orgulhavam-se de suas cabeleiras, e tudo faziam com os cabelos para se fazerem mais bonitas. *O* avanço dos anos estraga bastante os cabelos e a pele das pessoas. As pessoas sempre preocuparam-se em tentar reverter essa situação. Receitas com esse propósito têm sido encontradas em papiros egípcios antiquíssimos, de natureza médica. Uma dessas receitas trazia o encorajador título: «Livro da Transformação dos Velhos em Jovens». Essa é uma das tarefas que fazem parte das tentativas da cosmetologia, embora os cosmetólogos também tenham como um de seus alvos fazer os jovens parecerem ainda melhor. (ND SIN Z)

COSMOGONIA

Essa palavra vem dos termos gregos *kosmos*, «mundo», e *gignesthai*, «nascer». Isso posto, o termo é usado para indicar as

origens do mundo ou do universo. Qualquer teoria que se proponha a dizer-nos como as coisas começaram, entra no campo da cosmogonia. A narrativa bíblica da criação, segundo a qual Deus pôs ordem ao caos, separando a luz das trevas, fazendo aparecer o sol, a luz e as estrelas, determinando o aparecimento da flora e da fauna, etc., constitui uma antiqüíssima cosmogonia. Há muitas cosmogonias antigas. Ofereço abaixo alguns exemplos disso:

Esboço:

I. Cosmogonias Antigas
   1. Grega e Romana
   2. Egípcia
   3. Fenícia
   4. Babilônica
   5. Hebréia

II. Indicações do Novo Testamento

III. Lições Morais e Espirituais

I. Cosmogonias Antigas

1. *Grega e Romana.* Hesíodo (em sua *Teogonia*) propôs uma certa cosmogonia. Segundo ele, no começo o mundo não tinha forma e achava-se em estado caótico. Desse caos surgiu o primeiro espírito do amor, a saber, Eros. Do caos também teria saído a terra, de peito largo, chamado Gaea. Em seguida apareceram Érebos, as trevas, e Nix, a noite. A união destes dois últimos produziu o céu claro, o Éter, e também Hemera, o dia. Por sua vez, a terra produziu o firmamento, Urano, e o mar, Ponto. Eros foi quem uniu os casais, primeiramente Urano e Gaea, que povoaram a terra com os titãs, os gigantes e os ciclopes. Desses é que vieram os deuses do Olimpo, os heróis, e, finalmente, a raça humana. Os romanos, pouco inventivos que eram, adotaram as idéias gregas em sua forma essencial, com pouquíssimas modificações.

Os Filósofos Pré-Socráticos. Em suas tentativas para descobrir o elemento básico do qual todas as demais coisas se derivariam, como a água, a terra, o ar ou o fogo, ou mesmo um elemento indeterminado, esses filósofos abordaram certos aspectos da cosmogonia. *O* elemento mais primitivo sempre foi considerado eterno. E isso constitui um mistério. Mas o mistério sempre fez parte das origens. Quanto a alguns detalhes sobre essa questão, ver os artigos sobre *Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Xenófanes* e *Heráclito,* cujos sistemas estão todos envolvidos nessa questão.

Platão. Esse filósofo tinha uma visão mais espiritualizada da questão, com paralelos em certos conceitos neotestamentários. Ele não acreditava que o mundo físico se tenha originado em alguma coisa física. Quanto à questão das origens, ele expunha a sua doutrina das *idéias* e das *formas,* ou dos *universais* (que vide), equivalente essencial ao mundo *noumenal* de Emanuel Kant. Contrastando com os universais, Platão falava sobre os *Particulares, ou* seja, o mundo físico, com tudo quanto no mesmo está contido. Em sua opinião, os particulares foram criados pelo *Demiurgo* (uma força mais ou menos equivalente à idéia do *Logos,* que vide, sob o título de *Verbo)* que teria usado os universais como arquétipos. Isso posto, o mundo físico seria uma imitação do mundo ideal, ou universal. Tudo quanto existiria neste mundo teria um paralelo ou arquétipo na dimensão espiritual. Os objetos físicos também poderiam combinar as idéias de vários ou mesmo de muitos arquétipos. Esse conceito é similar ao da criação por parte do Logos, a Razão Universal, de acordo com padrões, idéias e requisitos espirituais. Quanto a detalhes, ver o artigo sobre *Platão* e sobre os outros filósofos mencionados, onde é apresentado material abundante.

As idéias dos romanos, naturalmente, seguiam de perto os conceitos gregos, pois os romanos nunca foram pensadores originais no campo da metafísica.

2. *Egípcia.* De acordo com os egípcios, o universo é uma divindade que está se desenvolvendo gradualmente. Teria quatro membros essenciais: *o Kneph,* ou espírito; o *Neith,* ou matéria; *o Sevech,* ou tempo; e o *Pascht,* ou espaço. Esses membros seriam independentes e sem derivação. Os dois primeiros combinaram-se a fim de produzir o mundo visível. *O Neith* era visto como uma espécie de ovo cósmico, em torno do qual o *Kneph* pairaria como uma espécie de substância sutil, preparando o *Neith* para suas inúmeras transformações. Em primeiro lugar, viria o *Ptah,* ou seja, o fogo e a luminosidade. Em seguida, *surgiriam o Pe,* firmamento, e o *Anuke,* a terra. Por cima de tudo encontra-se a abóbada celeste, que contém sutis fluidos escuros, em estado primitivo. Ali encontramos as águas acima do firmamento, conforme se vê, igualmente, na narrativa bíblica. As massas abaixo dessa abóbada tornaram-se fontes luminosas, como o sol, a lua e as estrelas. Quando o sol passou a existir, o tempo do *Ptah,* uma luminosidade generalizada, deixou de existir. Notemos que, primeiramente, houve a luz; e só mais tarde surgiram corpos luminosos específicos, como o sol, a lua e as estrelas, tal como se vê no relato bíblico.

3. *Fenícia. Os* fenícios, à semelhança dos gregos, partiam do conceito do *caos,* uma força primitiva, ou um ser, o Espírito primitivo, derivado do caos. Desse proveio o Desejo, que uniu o Espírito e a lama, nascendo assim a terra e a água. A lama ou *Mot,* tornou-se um ovo do qual se originaram as inúmeras formas de vida biológica que existem.

4. *Babilônica.* Os babilônios imaginavam um estado primitivo, que não seria nem céu e nem terra, conforme os conhecemos atualmente, algo semelhante ao caos concebido pelos gregos. O abismo seria a *mãe Tiamot,* a origem de todas as coisas. Primeiramente apareceram divindades como Lachmu, An Sar e Ki Sar, como seres criados. O começo de todas as coisas esteve envolvido em uma espécie de conflito cósmico entre o Caos e a Ordem. No *Épico da Criação,* escrito em acádico, ou Enuma Elish, o conflito teria ocorrido entre o deus da tempestade e do céu e o dragão Illuhankas. Este último triunfou a princípio; mas, quando apareceu o homem mortal, com o nome de Yupasiyas, a maré virou, e o céu obteve a vitória. Dentro da tradição dos sumérios, como o Mito Paradisíaco de Enk i e o Ninhursag, lemos sobre a procriação de deuses e deusas. Através do sêmen do deus Enki, surgiu a vida vegetal. O *Mito da Criação* da cultura babilônica, envolve algumas similaridades com a narrativa de Gênesis, o que tem sido tema de muitos comentários entre os estudiosos do Antigo Testamento. Essa história é conhecida pelo título de *Enuma Elish,* que significa «Quando do Alto», tendo sido encontrada entre os restos da biblioteca de Assurbanipal, em Ninive. Alguns fragmentos dessa obra têm sido também encontrados em Assur Uruque e Quis. Alguns dos mais notáveis paralelos, entre outros, É o conflito entre o deus da tempestade e o dragão Illuhankas. O relato assemelha-se à história da serpente teritadora, que trouxe muita confusão ao jardim do Éden; o homem feito de argila; a existência de um jardim, ou paraíso; o deus Enki, que ali comeu coisas que não eram Lícitas, ao que se seguiu uma maldição, mas com uma restauração posterior. outro notável paralelo é a criação da deusa chamada Ninti (provavelmente um paralelo de Eva), cujo nome significa «senhora da costela» e «senhora que vivifica». Foi ela quem suspendeu a maldição que caíra sobre o jardim. Esses paralelos são parecidos demais para podermos dizer que não houve alguma fonte informativa comum, de alguma espécie, embora as narrativas babilônicas apareçam dentro de um contexto politeista, e também há dois *deuses* envolvidos em ocorrências que, dentro do livro de Gênesis, envolvem Adão e Eva, que são meros seres humanos. O leitor está convidado a consultar o artigo sobre a *Babilônia,* em seu quinto ponto, *Religião e Moral.* Ali, o leitor poderá notar que esses paralelos não se limitam à história da criação e à doutrina sobre os começos. Aqueles que lêem somente a Bíblia supõem, naturalmente, que suas informações não têm paralelos; e isso faz com que se surpreendam ao descobrirem que as religiões, da mesma cultura geral, compartilham de grande número de detalhes, embora, como seja óbvio, também haja grandes diferenças.

Os hebreus legaram-nos o monoteísmo, e essa foi uma grande contribuição. No entanto, outros paralelos entre a Bíblia e as cosmogonias das culturas vizinhas à cultura dos hebreus, são os seguintes: o caos (uma espécie de luz primeva); luzes (sol, luz e estrelas) que vieram substituir a luz; a separação entre a porção seca e o mar; o firmamento (imaginado como uma espécie de taça invertida, feita de substância sólida, que separa as águas acima e abaixo dela). Alguns antigos supunham que as estrelas seriam perfurações nessa substância sólida, que permite que a luz celeste chegue até nós. Outros supunham que o sol, a lua e as estrelas, etc., seriam luzes penduradas na parte de baixo do firmamento. Naturalmente, ninguém desconfiava das dimensões gigantescas desses corpos luminosos.

As Diferenças. Em Gênesis temos o monoteísmo, não há ali o nascimento de deuses, e nem divindades nascidas de outras, e Adão e Eva ocupam funções que, nos mitos babilônicos, são atribuídas aos deuses. Alguns estudiosos pensam que Deus é mais transcendental na narrativa de Gênesis, e, até certo ponto, isso expressa uma verdade. Porém, na narrativa sobre o homem primitivo, no livro de Gênesis, vê-se uma grande comunhão entre Deus e o homem, como os atos de andarem e falarem um com outro, o que se aproxima da exagerada intimidade entre os deuses e os seres humanos, das narrativas pagãs. Desígnio e propósito são mais evidentes em Gênesis do que nas narrativas pagãs.

5. *Hebréia.* Em meu artigo sobre a *Astronomia,* apresento a idéia geral da cosmogonia dos hebreus, juntamente com uma ilustração. Aqui ofereço apenas um breve sumário; e o leitor poderá consultar aquele artigo. Alguns pontos principais a considerar: 1. Há o firmamento abobadado, uma sólida expansão de matéria que separa o céu da terra. 2. O céu encontra-se na luz primeva. 3. As luzes secundárias, para benefício da terra, a saber, o sol, a luz e as estrelas, estão penduradas pelo lado de dentro do firmamento . 4. Há águas acima e abaixo do firmamento, depois que as mesmas foram separadas. 5. A terra é plana . 6. Nas extremidades encontram-se montanhas que se elevam e formam os alicerces do firmamento, em seus pontos extremos. 7. O Sheol ficaria no interior da terra, mais ou menos a meio caminho entre as extremidades. Por baixo da terra estariam as colunas que a sustentam no lugar, como alicerces. A terra repousaria sobre o abismo das águas. Mas eles não explicaram sobre o que se apoiava o abismo das águas.

Orígenes impressionou o mundo dos intérpretes com suas interpretações moral, simbólica e mística. Se interpretarmos desse modo o livro de Gênesis, poderemos obter muitas lições morais e instruções espirituais importantes para a nossa fé. Mas, se insistirmos em encontrar indícios de confirmação da ciência moderna, ou teremos de ficar desapontados, ou teremos de manipular a narrativa sagrada para adaptá-la às nossas idéias, ignorando completamente o que os israelitas realmente acreditavam sobre a origem das coisas. Essa distorção é uma atividade desonesta, embora os intérpretes ultraconservadores anseiem por promovê-la de todas as maneiras. No outro extremo, há os céticos que só querem qualquer pretexto para lançarem uma sombra de dúvidas sobre os ensinos bíblicos. E uma das coisas que eles podem usar, como é óbvio, é a natureza primitiva da narrativa bíblica da criação. Devemos entender, porém, que uma ciência primitiva não significa, necessariamente, que os que a defendiam eram destituídos de iluminação espiritual. Consideremos o seguinte: sem dúvida é verdade que, apesar de todo o avanço da ciência, nossa cosmologia continua primitiva em comparação com o que ela será, digamos, dentro de cem anos. Os cientistas norte-americanos admitem que as viagens do homem à lua bem como as rochas que eles trouxeram dali, têm levantado mais dúvidas sobre à lua, do que têm resolvido. Se a lua continua misteriosa, e o homem tem podido caminhar à sua superfície, quão grandes são ainda os mistérios que circundam a infinita expansão do espaço exterior. No entanto, não é por causa de nossa ignorância sobre esse espaço exterior que não temos conhecimento científico, moral e espiritual. Simplesmente admitimos que, em todos os campos de conhecimento, científico ou espiritual, ainda estamos no começo, nos primeiros estágios de desenvolvimento. Não obstante, já somos donos de algumas grandes verdades, que dignificam nossa vida; e isso é tudo quanto a fé religiosa requer.

Interpretações que tentam reconciliar a ciência com Gênesis.

1. *O grande hiato.* Entre Gên. 1:1 e 1:2 existiu um grande hiato de tempo no qual todas as eras geológicas aconteceram. Isto explica a grande idade da terra, aliviando o problema de uma criação que aconteceu aparentemente há 6.000 anos (cálculo das genealogias).

2. *Dia=era teoria. Os* dias de Gên. não foram de 24 horas, mas sim, eras vastas. Às vezes, esta teoria é combinada com a de no. 1. Imensas eras existiram entre vss. 1 e 2. *Os dias* também eram tais.

3. *Dias + intervalos. Os* dias da criação eram de 24 horas literais, mas entre eles vastas eras existiram, alternativamente.

4. *Éden somente.* A criação de Gênesis tenta nos informar somente sobre a criação de Eden, em seis dias literais. *O* resto da criação não está descrito na Biblia, além da referência vaga e geral de Gên. 1:1.

5. *Eras concorrentes e sobre-impostas.* Deus, sendo um ser, além e fora do tempo, criou em tempos curtos e longos, concorrentes e sobre-impostos. Não podemos delinear dias ou eras distintas e separadas, e qualquer discussão de tempo em relação à criação é artificial.

6. O *dia revelador.* Os dias na narrativa de Gên. foram dias de *revelação,* e foram de 24 horas literais. Deus *revelou* a Moisés, em 6 dias, o esboço da criação, mas como ele realmente criou, e quanto tempo ele levou, são fatos não revelados.

7. *A semana dividida ou simetria dupla.* A descrição de Gênesis incorpora um método literário pelo qual o 1º dia é paralelo ao 4º, o 2º ao 5º e o 3º ao 6º, e estes pares são complementares. O fator tempo, segundo esta teoria é artificial.

Avaliação destas teorias. A simples leitura do registro de Gênesis mostra que o escritor pensava em dias literais, e bem provavelmente, de um tempo relativamente recente. Estas diversas teorias são tentativas de incorporar a história de Gênesis dentro dos conhecimentos da ciência moderna. Elas são truques teológicos e filosóficos, embora tenham elementos obviamente verdadeiros.

Uma Interpretação mais Provável: A criação como um novo início. Existem evidências em favor da criação adâmica ser uma renovação, e não uma criação absoluta. Parece que a terra já passou mudanças dos pólos mais do que 400 vezes. Isto quer dizer, que por muitas vezes vastas destruições têm arrumado, de modo diferente, os continentes, trazendo destruições quase completas da terra. Aparentemente, as últimas duas correspondem bem, em termos de tempo, às histórias bíblicas de Adão e Noé. Neste caso, a história de Adão seria um *novo começo,* não o começo absoluto da raça humana. Existiram, portanto, muitas raças humanas anteriores à adâmica. A história bíblica, então, nos informa sobre uma renovação da raça, e esta raça é aquela que iniciou a história do homem como nós o conhecemos.

Gên. 1:1 todavia é uma declaração geral sobre Deus como o criador absoluto, de tudo, em qualquer tempo.

A teoria da grande explosão da astronomia moderna pode ser combinada com a teoria das mudanças dos pólos. Existem também grandes ciclos cósmicos, não somente grandes ciclos terrestres. Há mais de 16.000.000 de anos, houve uma grande explosão de matéria condensada que deu início a criação que nós conhecemos na astronomia. Mas antes disto, houve inumeráveis explosões que iniciaram inumeráveis ciclos de bilhões de anos cada. Uma vez que o poder da explosão se dissipa, a matéria, pela força da gravidade, volta na outra direção. Uma vez que se condensa novamente, outra grande explosão ocorre. Este processo continua e é um fator sem data e totalmente além da nossa imaginação.

Conclusão. Existem grandes ciclos cósmicos e terrestres. As grandes explosões criam os cósmicos, e as mudanças dos pólos

criam os terrestres. Temos ciclos terrestres dentro dos ciclos cósmicos, e todos eles são de imensa duração. Portanto, a criação cósmica que conhecemos agora é realmente uma história recente. Também, o ciclo terrestre que envolve a *raça adâmica* é recente. Além destas história as recentes, praticamente nada sabemos sobre as obras de Deus na criação. Temos um *mysterium tremendum* que as teorias dos homens, e suas cosmogonias são infantis demais para explicar. Portanto, as diversas tentativas de reconciliar a história de Gênesis com a ciência moderna são fúteis. Também, a explicação da própria ciência sobre tudo isto é essencialmente fútil, embora perfeitamente legítima. Todas as explicações são simplesmente gritos na noite misteriosa das obras de Deus. Mas é legítimo gritar e procurar cada vez mais, por entendimentos mais aperfeiçoados.

II. Indicações do Novo Testamento

Os cristãos primitivos, sem dúvida alguma, acreditaram na veracidade essencial da narrativa de Gênesis como explicação das origens. Porém, em consonância com certas idéias filosóficas e helênicas, certos detalhes importantes foram acrescentados. O mais importante desses detalhes é o conceito do *Logos*. Essa doutrina vinha sendo desenvolvida desde cerca de 600 A.C. O leitor poderá obter uma completa descrição a respeito no artigo sobre o *Verbo*. O conceito que começou como uma força cósmica da Razão, nos escritos de Filo já recebe, algumas vezes, uma identificação pessoal, como o Anjo do Senhor. No Novo Testamento, o Logos é equiparado ao princípio do Filho do Deus triúno, o qual se encarnou como um homem. Portanto, o *Logos-Filho* é o agente por meio de quem Deus criou os mundos (Heb. 1:3; Col. 1:16). Destarte, o Filho aparece como o Pai, isto é, o Ser em quem, por meio de quem e para quem todas as coisas foram feitas. Os leitores das obras filosóficas antigas reconhecem que assim como é possível estabelecer o paralelo entre a narrativa de Gênesis e os mitos mesopotâmicos, quanto a alguns detalhes importantes, assim também podemos estabelecer o paralelo entre a doutrina neotestamentária do Logos e idéias bem parecidas do estoicismo e do platonismo, por meio do neoplatonismo (que vide). Tal como no livro de Gênesis há elementos distintivos, assim também no caso do Novo Testamento. No Novo Testamento o Logos não é apenas o criador, mas também se tornou homem, o que representa um definitivo avanço neotestamentário. Além disso, o Logos é também o Salvador, um outro grande avanço, pois isso significa que o Criador também é o Salvador. Por conseguinte, a criação assume um aspecto soteriológico. A criação dá a entender uma nova criação, dentro do processo da salvação. Os homens, portanto, são transformados segundo a imagem do Logos, passando a participar da própria natureza divina (Rom. 8:29; II Cor. 3:18; II Ped. 1:4). Isso encontra paralelo na idéia platônica da redenção, segundo a qual o homem seria reabsorvido no mundo dos universais (que vide). Desse modo, o homem deixaria de ser apenas eterno, passando a ser *imortal*. A imortalidade, por sua vez, precisa ser concebida não somente como vida sem-fim. Antes, é uma *espécie* de vida, a própria vida de Deus, segundo ela se manifesta no Cristo glorificado. Idéia tão ampla e profunda como essa, portanto, está envolvida na soteriologia do Novo Testamento.

O autor da epístola aos Hebreus tomou por empréstimo a visão do mundo **em duas dimensões,** mediante a qual as coisas que existem neste mundo são cópias das realidades celestes. Isso é platonismo puro, vinculado à doutrina de Platão sobre como a doutrina dos particulares da terra (todos os objetos materiais) foram criados segundo o modelo e segundo o poder das idéias, formas ou universais. Ver Heb. 8:5; 9:23,24. Quanto a um completo estudo sobre esse assunto, ver o artigo sobre a epístola aos Hebreus, em sua sexta parte, *Idéias Religiosas e Filosóficas,* quarto ponto. O trecho de Hebreus 1:3, quase certamente, é um reflexo do conceito de emanações dos estóicos neoplatônicos (que vide), sendo essa uma outra idéia que foi usada, pelo autor sagrado dessa epístola canônica do Novo Testamento, para participar de sua cosmologia. Alguns desses empréstimos são muito aptos, não havendo como negar que o Logos, ao implantar algumas de suas sementes nas filosofias e nas religiões, não concedeu aos pagãos alguns importantes conceitos. Esses conceitos, pois, foram utilizados nas revelações bíblicas, sem que a verdade sofresse qualquer violência. As coisas não precisam ser absolutamente novas, inéditas, para que sejam verdadeiras.

III. Lições Morais e Espirituais

No que diz respeito a esse assunto, podemos extrair as seguintes importantes lições morais e espirituais:

1. Deus é a origem de todas as coisas. A matéria originou-se na Mente divina imaterial. Portanto, o mundo material sempre estaria sujeito às realidades espirituais. O mundo material não teria existência independente.

2. Na qualidade de criador do homem, Deus é o seu Senhor. O homem é responsável diante de Deus, sendo governado por imperativos morais.

3. A criação material foi criada a fim de que, da mesma, brotasse e se desenvolvesse a nova criação, espiritual.

4. Na criação material encontramos reflexos e cópias das realidades da esfera celestial. Com base na observação e no raciocínio, podemos aprender como o divino reside na matéria, e, desse modo, podemos aprender algumas coisas sobre as realidades divinas. A natureza moral do homem, como um exemplo, é um reflexo da natureza de Deus, porquanto o homem foi feito à imagem de Deus.

5. A lição da dependência. Somente Deus é independente. A vida espiritual não é algo estranho ao homem. Antes, é a própria substância de sua vida.

6. A lição do poder e da provisão. O Deus que fez todas as coisas e mostrou tanto interesse pelo homem, pode suprir todas as nossas necessidades, tanto para o tempo como para a eternidade.

7. A lição do desígnio. Foi a Mente divina que criou os mundos. Por toda a parte a criação demonstra a existência de uma Inteligência projetadora, controladora. O desígnio leva-nos a Deus, e também garante o sucesso da criação divina, em última análise, de conformidade com os planos originais de Deus.

8. A restauração. Assim como todas as coisas originaram-se em Deus, e vieram a existir pelo seu poder, assim também todas as coisas, finalmente, deverão retornar a Deus (Rom. 11:36), por meio do Filho-Logos (Col. 1:16).

Ver os seguintes artigos separados, que adicionam alguns detalhes a este verbete: *Astronomia, Adão, Cosmologia* e *Criação.* (E JAME NTI PRIT RAMM Z)

COSTA MARÍTIMA

No hebraico, *choph,* «porto» (em Deu. 1:7 e Eze. 22:16). E *chebel,* «cordas» (em Sof. 2:5-7). No grego, *parálios,* «país costeiro" (em Luc. 6:17).

A referência é às costas marítimas do extremo leste do mar Mediterrâneo, habitadas, nos dias do Antigo Testamento, primeiramente pelos cananeus (Deu. 1:7), subseqüentemente pelos filisteus (Eze. 25:16), e, finalmente, pelos fenícios (Luc. 6:17). Era uma faixa de terra bastante fértil, estreita e dotada de poucos portos, por ausência de reentrâncias como golfos e baías, e também porque as terras ali eram baixas e as águas relativamente rasas.

COSTAS

Essa palavra vem do latim **costa,** que significa lado ou costela. Em algumas traduções, é usada no Antigo Testamento para indicar fronteiras. Atualmente, usamos esse vocábulo para indicar as costas marítimas, onde termina alguma área de terreno e começa o mar. As costas marítimas da Palestina são mencionadas, por exemplo, em Gên. 10:5; Sa. 97:1 e Jer. 47:4. As costas marítimas da Palestina eram muito regulares, sem reentrâncias como baías, pelo que não havia ali bons portos, a não ser já nas proximidades do monte Carmelo, no extremo norte da Palestina. Talvez esse seja o motivo pelo qual

os israelitas apenas em raras ocasiões aventuraram-se como navegadores, como, por exemplo, na época de Salomão. Todas as tentativas posteriores, fracassaram.

COSTAS

Quatro palavras hebraicas são usadas para indicar as costas de uma pessoa, em um total de vinte e uma referências: a. *Gab* em Sal. 129:3; Eze. 10:12 e Dan. 7:6; b. *gav,* I Reis 14:9; Nee. 9:26; Pro. 10:13; 19:29; 26:3; Isa. 18:17; 50:6 e Eze. 23:35; c. *oref* (pescoço), em Êxo. 23:27; Jos. 7:8,12; II Crô. 29:6; Jer. 2:27; 18:17; 32:33; 48:39; e d. *shekem* (ombro), em I Sam. 10:9 e Sal. 21:12. Não há qualquer importância maior em uma palavra dessa natureza senão em um trecho como o de Êxodo 33:23, onde ainda uma outra palavra hebraica, usada por quarenta vezes, com vários sentidos, como «parte posterior», «parte de trás», etc., é empregada. Ali lê-se que Moisés viu Deus pelas costas, porque a glória de seu rosto era por demais resplendente para ser contemplada. Os intérpretes chamam isso de uso metafórico ou antropomórfico, usando de vários truques para aliviar o que é uma óbvia má teologia. O texto nos dá a idéia de que Deus tem rosto e costas, como se fosse um homem, e que, de alguma maneira, as suas costas poderiam ser vistas, mas não o seu rosto, pois seu rosto resplandeceria com intensíssimo brilho. Isso só faria sentido se Deus se assemelhasse, realmente, a um homem, dotado de alguma espécie de corpo. Naturalmente, há pessoas que supõem que assim, efetivamente, sucede; mas é absurdo concebermos o Ser Supremo segundo tais termos. Só devemos apelar para a interpretação metafórica porque Deus pode revelar-se em vários graus de glória, alguns dos quais toleráveis pelo homem, mas outros não. A esses graus que podem ser tolerados, chamamos de *costas de Deus;* e àqueles graus que nos são insuportáveis chamamos de *face de Deus.*

Uma outra palavra usada como advérbio, «por trás», mas literalmente em Pro. 10:13; 19:29 e 26:3, referindo-se às costas de um insensato, próprias para serem fustigadas, também indica as costas do prometido Messias, entregues aos que queriam feri-lo, em Isa. 50:6. Nos trechos de I Reis 14:9; Eze. 6:5; Nee. 9:26 e Isa. 38:17, essa palavra é usada como uma expressão idiomática, indicando «lançar para as costas», com o sentido de negligenciar ou ignorar.

COSTELA Ver **Mulher Feita de Costela.**

COSTUMES FUNERÁRIOS

Ver o artigo geral sobre **Sepultamento.**

COSTURAR

No hebraico, **taphar,** palavra que ocorre por quatro vezes: Gên. 3:7; Jó. 16:15; Ecl. 3:7 e Eze. 13:18. No grego, *epirápto,* «costurar sobre», que aparece somente em Marcos 2:21.

A origem da técnica da costura está perdida nas brumas da antiguidade da raça humana. O livro de Gênesis relata que o primeiro casal, Adão e Eva, costurou folhas de figueira. Eles queriam fazer uma espécie de aventais, a fim de encobrir a nudez recém-percebida, segundo se lê em Gênesis 3:7. No mundo mediterrâneo antigo, tanto os homens quanto as mulheres sabiam costurar. O Senhor Jesus referiu-se a essa habilidade quando disse: «ninguém costura remendo de pano novo em veste velha...» (Mar. 1:21). Parece evidente que Paulo fazia muito trabalho de costura, quando fabricava tendas, por ser esse o seu ofício. Ver *Artes e Ofícios.*

COTA DE MALHAS

Ver o artigo geral sobre **Armadura, Armas.** Ver I Sa. 17:5,38 e I Reis 22:34. No hebraico, a palavra é *shiryon.* As cotas de malha eram de diferentes tipos. Havia desde cotas de malha de couro, fortificado com pedaços de metal, em escamas, até vestimentas inteiramente de metal. As referências bíblicas, mais provavelmente, apontam para as jaquetas de couro com metal entrelaçado, onde ficavam presas as escamas. Esse tipo de proteção tem sido encontrada pelos arqueólogos, estampado nos relevos assírios. Fragmentos dessas peças de vestuário também têm sido encontrados em várias escavações feitas no Oriente Próximo.

COURAÇA Ver **Armadura, Arma.**

COURO Ver **Peles de Animais (Trabalho em Couro).**

COVA DOS LEÕES

A palavra «covas» é tradução de várias palavras hebraicas e de uma palavra grega. No caso da «cova dos leões» onde Daniel foi lançado, a palavra aramaica é *gob,* usada por dez vezes (Dan. 6:7,12,16,17,19,20,23,24). O termo grego é *spélaion,* usado por seis vezes: Mat. 21:13 (citando Jer. 7:11); Mar. 11:7; Luc. 19:46; João 11:38; Heb. 11:38; Apo. 6:15. Outras palavras hebraicas podem indicar o esconderijo de algum animal feroz (Jó 37:8; Sal. 10:9; 104:22; Isa. 32:14). Também pode estar em foco uma cavidade nas rochas ou no chão, onde se oculta alguma serpente (Isa. 11:8). Pode estar em foco uma caverna ou fissura onde os animais podem se ocultar (Juí. 6:2; Heb. 11:38; Apo. 6:15), o que, algumas vezes, é usada por pessoas que estão sendo procuradas, ou por ladrões que se ocultam da lei (Mat. 21:13; Mar. 11:17).

A cova dos leões é mencionada por dez vezes no livro de Daniel (ver acima). A história informa-nos que os babilônios e assírios guardavam leões que haviam capturado nos alagadiços, como animais para caçar ou como animais de estimação. A arqueologia tem confirmado isso nos magníficos relevos descobertos, como aqueles do governante neo-assírio, Assurnasipal II (883-859 A.C.), em Ninrode, ou de Assurnasipal, em Nínive (668-627). Os medos-persas deram prosseguimento ao costume Na lei mesopotâmica iraniana havia provisões para castigar por meio de provas, como enfrentar um leão e ser esmigalhado pelo mesmo. Daniel e seus companheiros foram sujeitados a esse tipo de castigo. O trecho de Jó 38:39-41 refere-se a uma cova de leões como lugar temível.

CÔVADO

Ver o artigo sobre **Pesos e Medidas.** No hebraico é *ammah,* palavra de ocorrência freqüente, pois figura por pouco mais de duzentas vezes no Antigo Testamento.

O côvado era uma medida derivada do corpo humano (Deu. 3:11). Essa medida variava de um país para outro, não havendo certeza sobre a maneira como era determinada. Parece ter sido o comprimento desde o cotovelo até o fim do dedo médio da mão, o dedo mais longo. O côvado egípcio consistia em seis larguras da mão, conforme se tem descoberto nas ruínas encontradas em Mênfis. Esse foi o côvado adotado pelos israelitas. Nos escritos rabínicos *(Mischn. Chelim,* 17.9), encontramos o côvado dividido em larguras de mão, e Josefo *(Anti.)* indica a mesma coisa, porquanto dois palmos equivalem a seis larguras de mão. Isso faz o côvado ter, aproximadamente, 44,5 cm. Em I Reis 7:26, encontramos a largura da mão usada como medida; e o palmo aparece em Êxo. 28:16. Os egípcios também dispunham de um côvado maior, o que parece estar indicado, igualmente, nos trechos de Eze. 40:5 e 43:13, o que significa que Israel tinha mais de um côvado. Esse côvado maior tem sido chamado de côvado real, que era mais longo que o côvado normal uma largura de mão, dando-lhe, aproximadamente, o comprimento de 52 cm.

COXA

Há duas palavras hebraicas e uma palavra grega a considerar, neste verbete, a saber:

1. *Yarek,* «coxa», palavra que ocorre por trinta e quatro vezes, das quais vinte e uma vezes com esse sentido. Por exemplo: Gên. 24:2,9; 32:25,31,32; Núm. 5:21,22,27; Juí. 3:16,21; Can. 3.8; Eze. 21:12; 24:4.

2. *Yarekah,* «coxa». Palavra aramaica que aparece somente em Dan. 2:32.

3. *Merós,* «coxa». Palavra grega que ocorre somente em Apo. 19:16.

A coxa é a parte superior da perna de uma pessoa, entre os quadris e o joelho. A coxa é suportada pelo maior, mais longo e mais forte osso do corpo humano, o fêmur. Tem a forma de um cone invertido e truncado. Na parte superior, a coxa é limitada pela virilha, pelo períneo, na parte interna, pela dobra das nádegas, na parte detrás, e pelos quadris, lateralmente. Na parte inferior, a coxa é limitada pela proeminência do joelho, na parte da frente, e pelo chamado espaço poplíteo ou dobra da perna. Além do fêmur, a coxa consiste em fortes músculos, além dos vasos sangüíneos, vasos linfáticos e nervos, estruturas todas essas rodeadas por uma faixa fibrosa forte, como se fora a casca de uma árvore.

O deslocamento da junta da coxa com os quadris ocorre na porção superior do fêmur, mais comumente em um movimento para a frente, embora também se reconheça um movimento para trás. Quando o Anjo do Senhor tocou no nervo da coxa de Jacó (Gên. 32:25), sem dúvida fê-lo na dobra de uma das nádegas. Alguns estudiosos pensam que isso produziu o deslocamento da própria junta. Se isso realmente ocorreu, então Jacó deve ter ficado com o movimento afetado da perna correspondente, precisando apoiar-se sobre o dedão do pé. Deve-se notar que a cabeça do fêmur, nesses casos, eleva-se dentro de seu soquete, de tal modo que os músculos da área ficam mais curtos. Esses músculos encurtados talvez correspondam à descrição de Gênesis 32:32, «...o nervo do quadril, na articulação da coxa...»

Uma outra interpretação sobre a injúria sofrida por Jacó é aquela que pensa no «moderno diagnóstico, muito em moda, do rompimento do disco intervertebral, o que produz uma dor ciática muito severa e intratável, por motivo de pressão das extremidades nervosas». Com base nesse outro ponto de vista, o «nervo do quadril» seria o nervo ciático. Todavia, essa interpretação envolve a dificuldade de se explicar como o toque na coxa poderia ter produzido a injúria do disco da vértebra.

É digno de nota que os patriarcas de Israel tinham por costume pôr uma mão debaixo da coxa, em conexão com juramentos solenemente feitos (ver Gên. 24:2; 47:29). Também era costume cingir a espada de encontro à coxa (Sal. 45:3). Assim sucedia porque a mão chega àquela altura com naturalidade, e o cabo da espada, pois, tornava-se facilmente acessível, em algum inesperado encontro com o inimigo (Can. 3:8). Em contraste com isso, bater uma mão de encontro à coxa servia de manifestação externa de vergonha e surpresa (Jer. 31:19; Eze. 21:12). O gesto era feito como se alguém apalpasse em busca de uma espada que não estava ali, e o indivíduo percebesse, subitamente, que estava desarmado.

Em último lugar, mas não menos importante, é a observação que, por ocasião do aparecimento triunfal de Jesus, ele trará sobre a coxa a inscrição «Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Apo. 19:16).

COZBI

O nome provém do acádico **kuzbu,** «volúpia». Mas outros pensam que o nome significa «enganadora». Esse era o nome de uma mulher midianita, filha de Zur, que Finéia executou juntamente com seu amante israelita, Zinri, em cerca de 1452 A.C. Essa tribo de nômades montados em camelos invadiu a Palestina na época dos juízes de Israel. Introduziram maus costumes, como a idolatria e a imoralidade, além de outros danos de ordem material. O nome de Cozbi aparece somente em Núm. 25:15,18. Os príncipes de Midiã foram feridos em número de cinco, porquanto os israelitas haviam sido corrompidos no deserto, pelos midianitas (Jos. 13:21). Após a morte de Cozbi, houve outra guerra de Israel contra os midianitas.

COZEBA

No hebraico, «falsidade». Nome de uma pequena aldeia, localizada nas terras altas da Judéia (I Crô. 4:22), que alguns estudiosos têm identificado com a moderna Khirbet ed-Dilb. A arqueologia tem descoberto ali peças de cerâmica do início da era do Ferro. Mas outros eruditos identificam-na com Quezibe, uma aldeia na fronteira da Sefelá, no centro do território de Judá (Gên. 38:5). Também há quem conjecture tratar-se do moderno Tell el-Beida, cerca de cinco quilômetros a oeste de Adulão.

COZINHADO

No hebraico, **nazid,** vocábulo que ocorre por seis vezes: Gên. 25:29,34; II Reis 4:38-40; Ageu 2:12. Essa palavra significa algo «cozinhado», segundo se vê em Gên. 25:29,34. Nessa referência, temos o preço que Esaú pagou a Jacó, para perder o seu direito de primogenitura. O vs. 34 informa-nos que o cozinhado era preparado com lentilhas. Poderia ter sido preparado com vários legumes, porquanto só precisava ser algo cozido,—sem necessidade de ser algo específico. Em Ageu 2:12, um «cozinhado» é mencionado lado a lado com vários outros mantimentos. O trecho de II Reis 4:39 informa-nos que os discípulos de Eliseu prepararam uma panela com cozinhado para comerem.

Usos figurados. Com base na narrativa sobre Jacó e Esaú, um «cozinhado» veio a significar qualquer coisa de grande valor, pelo que se pagou um preço ridículo. Ou, por extensão, a insensatez de sacrificar alguma coisa importante ou valiosa, em troca de algo sem valor.

COZINHAR, COZINHEIRO

A palavra hebraica **tabbach,** usada com o sentido de «cozinheiro» apenas por duas vezes — I Sam 9:23,24—também tinha os sentidos de açougueiro, executor e guarda. A conexão é que um cozinheiro geralmente era quem abatia os animais para consumo humano. Em todas as casas havia cozinheiros e cozinheiras não profissionais; mas também os havia profissionais (Gên. 40:1; I Sam. 9:23,24). As escravas e servas com freqüência também eram cozinheiras (I Sam. 8:13), mas as donas de casa também sabiam cozinhar (Gên. 18:6. 27:9). Também havia cozinheiros (Gên. 18:7; 25:29; 27:31). Gideão sabia como cozinhar e cozer bolos (Juí. 6:19). Um cozinheiro é sugerido no trecho de Lucas 17:8. É possível que, nas atividades do templo de Jerusalém, os sacerdotes se ocupassem no cozimento das carcaças dos animais abatidos, o que também podia ser feito por auxiliares.

Utensílios de Cozinha. A arqueologia tem iluminado amplamente essa questão. Esses utensílios eram os mais variados, de vários metais, tamanhos e formatos. Alguns deles eram largos e fundos, outros estreitos e rasos. Quanto à configuração geométrica eram quase esféricos. Alguns tinham duas asas, e outros, uma só. Alguns desses utensílios tinham perfurações por onde se passava um cordão, para facilitar-lhes o transporte. Havia grelhas, panelas jarras, taças, copos, frigideiras, etc., feitas de barro ou de vários metais. Também havia facas e colheres. Referências bíblicas a potes, panelas, caldeirões, cestas, pratos, frigideiras, etc., aparecem em Êxodo 16:3; I Samuel 2:14; II Reis 2:20; 4:38; 21:13; 25:15 e II Crônicas 35:13.

Sentidos Simbólicos e Psicológicos. A preparação de uma refeição simboliza **suprimentos.** Quanto mais elaborada for essa preparação, mais abundante será o suprimento. Além disso, o ato de cozinhar pode simbolizar a preparação do crente para alguma coisa, ou a realização de alguma tarefa especifica. O ato de cozinhar, igualmente, pode retratar a transformação de matérias primas em algo útil, ou seja, a realização de alguma tarefa ou projeto. Pode indicar progresso na apreensão da verdade. Virar alguma coisa em uma panela pode indicar o ato de pensar, de raciocinar sobre alguma coisa, ou o ato de procurar alguma resposta. A dificuldade em engolir algo pode indicar a relutância em aceitar algum ensinamento, idéia ou circunstância externa. Uma *panela redonda,* que apareça em uma visão ou sonho, pode simbolizar a ansiedade da pessoa para expandir seus horizontes e experiências.

Em sentido negativo, o ato de cozinhar pode simbolizar o planejamento ou a execução de projetos com maus desígnios. Também há

o caldo das bruxas, como símbolo de mágica e adivinhação, ou então de maldições e obras malignas. De outras vezes, o ato de cozinhar pode envolver sentidos psicossomáticos, como advertência contra certos alimentos ou maneiras de preparar os mesmos. Mas, talvez na maioria dos casos, sonhar com o ato de cozinhar, com alimentos ou com refeições, significa apenas que a pessoa está com fome. Portanto, nada de precipitações na interpretação dos sonhos! (CHE S UN Z)

COZINHAS

No hebraico, **bashal,** «cozinhar». Enquanto a versão portuguesa diz, em Ezequiel 46:24: «São estas as *cozinhas,* onde os ministros do templo cozerão...», o original hebraico diz algo como: «São estes os *lugares,* onde os ministros do templo cozerão...». A cena fazia parte de uma visão que Ezequiel teve sobre o templo de Jerusalém, no tocante a um dos quatro subátrios do átrio exterior, onde o povo poderia preparar seus sacrifícios, nas lareiras ali providas com esse propósito. Os sacerdotes cozinhavam suas ofertas em suas próprias cozinhas (vs. 19,20), a fim de que não entrassem em contacto com coisas imundas e nem com pessoas não consagradas. (Z)

CRÉDITO, CREDOR (Ver também sobre **Juros**).

No hebraico, **nashah,** palavra que ocorre por onze vezes no Antigo Testamento, por duas vezes com o claro sentido de credor, a saber, II Reis 4:1 e Isaías 50:1. No Novo Testamento temos a palavra grega *daneistés,* «emprestador», que aparece somente em Lucas 7:41.

A Bíblia, no Antigo e no Novo Testamentos, fala sobre os credores, pessoas que emprestam dinheiro ou bens a alguém, que passa a ser o devedor. A lei mosaica (ver Deu. 23:19) não permitiu que um judeu cobrasse juros de outro judeu. Mas podiam ser cobrados juros dos estrangeiros que se encontrassem em Israel. Usualmente, nos casos de empréstimo, algo de valor servia de penhor, por parte do devedor, o que era confiscado caso o pagamento da divida não fosse feita. As leis, tanto na cultura hebréia como em outras culturas antigas, eram bastante brutais quanto a esse aspecto. Basta dizer que a família inteira de um homem podia ser vendida à escravidão se ele não pagasse as suas dividas. Ver II Reis 4:1. Juros eram cobrados (Lev. 25:37; Deu. 23:20), e isso dava margem a tremendos abusos. Jesus acusou os fariseus de devorarem as casas das viúvas. Isso mostra como pessoas religiosas, impelidas pela ganância, são capazes de atos de desumanidade. Tais explorações são contrárias à lei do amor, que é o cumprimento dos requisitos morais da lei inteira (Rom. 13:9,10). No trecho de Lucas 7:41, temos a menção ao credor (no grego, *daneistés)* que perdoou generosamente ao devedor, que lhe devia imensa quantia. Em seguida, Jesus fez a pergunta: «Qual deles, portanto, o amará mais?», após ter-se referido a um devedor muito menor, cuja dívida não fora perdoada. A resposta óbvia à pergunta de Jesus é que quem mais foi perdoado, mais ama. Esse texto espiritualiza a questão, fazendo-a ilustrar o perdão dos pecados e o plano da redenção, traçado pelo Senhor Deus. Esses benefícios espirituais deveriam inspirar-nos ao amor a Deus, que é o Grande Credor, ao passo que todos os homens são os devedores.

CRESCENTE FÉRTIL

A expressão refere-se àquela região, começando *pelo* golfo Pérsico e ampliando-se na direção noroeste até os vales dos rios Tigre e Eufrates, e daí continuando para oeste, até à costa nordeste do mar Mediterrâneo, incluindo o vale do rio Nilo. Embora a área adjacente ao crescente fértil seja estéril, a própria região é muito fértil, o que explica o seu nome. Tem-se tornado comum afirmar que as primeiras evidências da civilização procedem dessa região; mas, atualmente, a arqueologia está descobrindo evidências ainda mais antigas de civilização na África. Seja como for, a história dessa área é antiquíssima, tendo sido sempre o centro das maiores potências do mundo, até a época dos gregos e romanos, quando a civilização gravitou um tanto mais para o ocidente. Essa região era uma espécie de encruzilhada de civilizações, sobretudo daquelas mencionadas na Bíblia.

CRETA

Creta é uma ilha montanhosa que fica no mar Mediterrâneo, ao sul do mar Egeu. Tem cerca de duzentos e cinqüenta quilômetros de comprimento, variando em largura de onze a cinqüenta e seis quilômetros. É provável que os *quereteus,* que faziam parte da guarda pessoal de Davi, fossem provenientes da ilha de Creta, embora a própria ilha nunca seja chamada por nome nas páginas do A.T. As referências a essa ilha, no N.T., ficam em Atos 27:7,12,13,21 e em Tito 1:5. É dito, em Atos 2:11, que havia cretenses presentes no dia de Pentecoste quando houve o derramamento inicial do Espírito Santo. Paulo fez uma parada em Creta, durante a sua viagem a Roma, antes do seu primeiro período de encarceramento. (Ver Atos 27:7-13,21). Paulo também aconselhou aos marinheiros que passassem ali o inverno; mas, preferindo eles ignorar seus conselhos, mais tarde tiveram de sofrer naufrágio, segundo se vê no vigésimo sétimo capítulo do livro de Atos.

O que sabemos acerca da história dessa ilha se deriva principalmente das descobertas arqueológicas. Desde a era neolítica já havia ali a ocupação humana (quarto milênio A.C.), e na idade do bronze já se tinha erguido uma poderosa civilização. O centro dessa civilização era Cnossos, um local escavado por Sir Arthur Evans. No período de 2600-2000 A.C. houve significativa expansão comercial. A escrita, em tabletes de argila e de cobre tem sobrevivido daquele período, onde uma primitiva escrita pictográfica era usada (2000-1650 A.C.). Posteriormente foi uma escrita chamada linear A, uma forma simplificada daquela (1750-1450 A.C.).

O clímax da civilização cretense foi atingido na primeira metade da idade do bronze (minoano posterior, 1600-1400 A.C.). O linear B, uma forma .arcaica do grego, era o idioma desse tempo, o qual foi decifrado em 1953 por M. Ventris. Mui provavelmente invasores gregos tinham modificado a linguagem para isso, ao passo que a escrita anterior provavelmente era de origem semita. Perto do fim da idade do bronze (minoano posterior III, 1400-1125 A.C.), gregos dórios chegaram à ilha, que, então, se tornou, essencialmente, uma colônia grega.

Já desde o início de sua história registrada havia muitas cidades na ilha, levando-se em conta seu tamanho minúsculo. Se pudermos crer na Odisséia de Homero (*lib.* xix.v. 172-179), contava com noventa cidades naqueles tempos tão remotos, embora outras fontes informativas falem até em cem cidades. Nos dias do apóstolo Paulo, o número de judeus ali habitando era grande, provavelmente devido à sua importância comercial. As localidades mencionadas nas páginas do N.T., pertencentes àquela ilha, são *Bons Portos* (um porto marítimo) e a cidade de Laséia, nas proximidades (ver Atos 27:8). A população atual dessa ilha é de cerca de quinhentos mil habitantes. Creta também tem o nome de Candia.

Pelo que se lê na passagem de Tito 1:5, conclui-se que já havia um bom número de igrejas ali, quando Paulo enviou Tito para aquele lugar, porquanto o apóstolo dos gentios e outros já haviam evangelizado bastante aquela ilha. É provável que após ter sido solto de seu primeiro aprisionamento em Roma o apóstolo tenha visitado a ilha e feito algum trabalho ali. Porém, tendo a necessidade de dirigir-se a outros lugares, exortou a Tito que desse prosseguimento a seu trabalho, consagrando anciãos ou pastores qualificados nas igrejas. Esta carta a Tito nos dá a impressão que reflete esse período de liberdade de Paulo, antes de seu segundo encarceramento em Roma e seu martírio final; e isso significa que essa epístola foi escrita antes da segunda epístola a Timóteo.

Não dispomos da narrativa da quarta viagem missionária de Paulo ao Ocidente, mas especificamente, à Espanha, excetuando várias alusões à mesma nos escritos dos primeiros pais da igreja (ver as notas expositivas adicionadas ao trecho de Atos 28:31 no NTI), pelo que é impossível fazermos qualquer declaração

dogmática sobre o tempo em que Paulo evangelizou a ilha de Creta. Todavia, a resposta comumente dada a essa indagação é que isso foi feito entre o primeiro e o segundo período de aprisionamento. Na verdade, a narrativa do livro de Atos fornece-nos apenas um esboço, — sendo possível que tal trabalho tenha sido efetuado rapidamente, antes de seu primeiro período de aprisionamento, mas acerca do que simplesmente não dispomos de qualquer registro histórico na Bíblia.

CRIAÇÃO

Esboço:

I. Discussão Preliminar
II. Origens da Criação
III. Pontos de Vista Bíblicos da Criação
IV. Significados da Criação
V. Alguns Poucos Problemas Especiais
VI. A Criação Cristocêntrica
VII. Interpretações que Tentam Reconciliar a Ciência com Gênesis

I. Discussão Preliminar

A palavra portuguesa «criar» vem do latim, **creare,** «produzir», «gerar». A palavra tem seus sentidos filosófico e teológico em relação à origem do mundo, do homem e de outros seres, tanto físicos quanto espirituais. A maioria das religiões supõe que o mundo, conforme o conhecemos, foi produzido por alguma força cósmica ou divina, com base em um estado anterior. Esse estado anterior poderia ser o caos, embora com os elementos já existentes, inteiramente desorganizados, ou poderia ser o vácuo, de onde foram extraídos os mundos, mediante o poder divino. As religiões mais primitivas parecem preferir a idéia do *caos*; e, ocasionalmente, esse vocábulo chega a ser utilizado para falar de uma divindade ou força cósmica, uma espécie de entidade por seus próprios direitos. Os gregos, em sua maior parte, falavam em termos de matéria já existente, que foi então posta em ordem. Esse é o ponto de vista dos mórmons; portanto, nesse grupo, temos um representante do ponto de vista do caos. O segundo ponto deste artigo apresenta dez opiniões diferentes sobre as origens.

Historicamente falando, a criação refere-se àquele primeiro ato mediante o qual o Deus *auto-existente* trouxe à existência o que não tinha forma de existência independente. Em certo sentido, pois, a criação torna-se uma subdoutrina da doutrina do próprio Deus; pois, uma vez que algo existe, além de Deus, já precisamos definir a natureza dessa existência em relação à sua origem, tanto do ponto de vista da responsabilidade quanto do ângulo do destino. É razoável pensar que se a criação teve começo em Deus, então também deverá continuar e encontrar cumprimento em Deus. O Novo Testamento define essa questão ao dizer que tudo foi criado *da parte de* Deus, *por* Deus e *para* Deus, de tal maneira que, em todos os estágios, enfatiza-se a dependência da criação a Deus. Ver Romanos 11:36. Esse versículo enfatiza o mistério das operações de Deus. E não há mistério maior do que o da criação divina. Por conseguinte, não podemos esperar que nossas idéias sejam mais do que meras sugestões.

O Credo dos Apóstolos (que vide) começa confessando fé em Deus, Todo-poderoso, Pai, criador dos céus e da terra. Portanto, essa doutrina é cêntrica para a fé cristã. Mas, no que concerne ao seu *modus operandi,* há muitas opiniões. A Bíblia testifica sobre a centralidade dessa doutrina, dando início aos seus ensinamentos com o relato da criação. O gnosticismo afirmava que uma criação imperfeita requer que se postule que ela foi criada por uma divindade imperfeita. Os mestres gnósticos partiam daí para a idéia de que essa divindade imperfeita é o Deus do Antigo Testamento, ao passo que um Deus superior, se não mesmo o maior de todos, estaria envolvido na revelação neotestamentária. Todavia, a maior parte dos luminares da Igreja repudia esse ponto de vista. De acordo com a teologia do A e NT, o verdadeiro Deus, como Criador de todas as coisas, é o alicerce indispensável da teologia. No cristianismo, essa doutrina, quando aplicada ao homem, indica sua total dependência em Deus, e não apenas quanto à sua origem, mas também quanto à sua continuação e ao seu destino. Lutero, em seu *Pequeno Catecismo,* asseverou: «...Deus criou a mim e a tudo quanto existe; ele deu-me o corpo e a alma, e continua a sustentá-los, os meus membros e os meus sentidos, a minha razão e todas as demais faculdades de minha mente. . .»

Em séculos recentes, com o surgimento da ciência avançada e com a diversificação das posições teológicas, têm vindo à tona muitos debates relativos à criação. O ponto de vista cosmológico dos hebreus (ver a ilustração acerca disso no artigo sobre a Astronomia) na verdade não concorda com aquilo que sabemos ser a verdade acerca da terra e do espaço, embora muitos teólogos conservadores adaptem *continuamente* essas idéias, a fim de fazê-las concordar com a ciência moderna. Entretanto, esses teólogos não se esforçam por descobrir no que os hebreus realmente acreditavam, preferindo ocupar-se em uma atividade apologética, e não na busca pela verdade. Porém, se a cosmologia dos hebreus não concorda com os fatos científicos conhecidos, então o debate não somente é legítimo, mas também absolutamente necessário, se tivermos de compreender qualquer coisa sobre o mundo, sobre suas origens e sobre seus propósitos. Ver o artigo sobre a *Cosmogonia,* quanto à idéias dos povos antigos sobre a origem das coisas.

A fé, a razão e a revelação concordam entre si que Deus é a causa da criação. Porém, quando começamos a abordar os detalhes, descobrimos inúmeros mistérios, para os quais não encontramos solução. Isso posto, a teologia explica melhor o porquê da criação, e não o *como.* E a ciência, por sua vez, não faz idéia certa sobre esse *como* da criação. E isso significa que temos de confessar a nossa ignorância sobre o ponto. Ainda que a ciência venha a desenvolver, algum dia, uma física perfeita, podendo responder a todas as perguntas atinentes a essa disciplina, teremos de lembrar-nos que nem todas as perguntas são questões de física e que precisamos de todas as variedades de disciplinas ou ciências para chegarmos a qualquer porção apreciável da verdade. Isso posto, não devemos esperar solucionar o dilema da criação somente através da ciência. Gilbert Ryle apresentou uma ilustração do problema que estamos abordando. Digamos, por exemplo, que a ciência, mediante a física e outras disciplinas, possa explicar exatamente o que sucede em um jogo de bilhar. Não há ali movimentos físicos que hão possam ser explicados. Porém, — uma vez chegado a essa explicação, ainda teríamos de levar em conta as *regras* do jogo, com as estratégias e os propósitos dos *jogadores.* Mas, para esses tipos de problemas, a física não conta com qualquer explicação. Ora, se podemos dizer isso acerca de um simples jogo, quanto mais acerca do imenso e misterioso universo no qual vivemos!

É sob essa luz que a história bíblica da criação deveria ser compreendida. Estamos procurando descobrir as regras do jogo, bem como o papel que o Jogador e os jogadores desempenham. No livro de Gênesis não devemos buscar um comentário sobre o aspecto físico da criação. Se o fizermos, encontramos uma cosmologia que não se presta para tal exame. É verdade que podemos ser desonestos, distorcendo o que o autor sagrado escreveu ali, fazendo suas palavras ajustarem-se àquilo que sabemos, em nossos dias, ser verdade; mas isso é desonesto. A nossa teologia começa pelo alicerce do conceito que criou e trouxe à existência os universos e os seres materiais e imateriais; e, que, por causa desse fato, todas as coisas criadas têm que buscar continuamente em Deus a razão de sua existência e o seu destino. A teoria da criação chamada *ex nihilo,* apesar de supor erroneamente que Deus criou tudo «do nada» (visto que do nada, nada é feito; *ex nihilo, nihil fit),* ela está com a razão, ao fazer tudo dependente e contingente, excetuando Deus. A criação espiritual é que torna necessária a criação material, e é precisamente isso que está envolvido na redenção. Pois, na nova criação, os remi-

dos haverão de participar da natureza divina, tornando-se assim seres necessários, ou seja, seres que *não podem* deixar de existir. Ver o artigo separado sobre a *Criação* Ex *Nihilo.*

II. Origens da Criação

1. O elemento ou **substância original,** do que tudo veio a ser, é indefinido e desconhecido. Desse elemento desconhecido é que surgiram os quatro elementos básicos, a terra, o ar, o fogo e a água. Toda a vida ter-se-ia originado de um ou outro desses elementos, ou de todos eles, coletivamente. E todas as demais coisas teriam sido criadas por um processo de condensação ou rarefação. O filósofo grego, Anaximandro, ao empregar essa teoria geral, tornou-se o pai da teoria evolucionária. Ele escolheu a água como elemento básico, tendo postulado que a vida se originou no mar, através de um processo de desenvolvimento que se teria originado na água. Somente há pouco é que os cientistas que aceitam a teoria evolucionária, decidiram que a água não pode oferecer o meio ambiente necessário para tal desenvolvimento. Anaximandro viveu em cerca de 550 A.C.

2. *A eternidade da matéria.* Aqueles que explicam a origem da vida, conforme é esboçado no parágrafo acima, tiveram a necessidade de postular a eternidade da matéria. A maioria dos filósofos que empregavam a teoria do «hilozoísmo», ou seja, que a vida faz parte inerente da matéria,—que emerge por meio de algum processo natural e que é o nome aplicado ao conceito que acabamos de apresentar, criam que a própria matéria é eterna. Alguns postulavam um elemento «indefinido», desconhecido, que existiria por detrás e anterior a tudo quanto se conhece atualmente. Porém, até mesmo nesse caso, tal elemento era considerado material. Ainda outros acreditavam que a vida inteira se originou de elementos conhecidos por nós, como o fogo, a água, a terra e o ar. Podemos observar muitas «causas». Em outras palavras, uma coisa seria causada por outra, essa ainda por outra, «ad infinitum». Imaginar uma retrogressão infinita de «causas dependentes», não é mais difícil, filosoficamente falando, do que supor que há uma única causa *primária* e «independente», ou seja, única causa que não foi ela mesma causada.

3. Alguns filósofos antigos, como Platão, não aceitavam a matéria como a substância primária, mas antes, postulavam uma *substância espiritual,* do que a própria matéria ter-se-ia desenvolvido. Platão chamava isso de «o universal». Uma força cósmica, o «demiurgo", teria criado o mundo material, utilizando-se dos universais como padrões. Os próprios universais seriam eternos. Basicamente, embora pluralístico, o conceito não é diferente do conceito cristão. Dá ao «espírito» a posição primária, ao passo que a matéria seria mera «imitação» da espiritualidade, ou seja, tanto temporária como secundária.

4. *A criação como um ato eterno de Deus.* É difícil contemplar qualquer tempo em que a criação não existia, pois então poderíamos indagar: «O que fazia Deus, quando somente ele existia?» Poderíamos imaginar um Deus inativo? Por essa razão é que Orígenes, pai da igreja de cerca de 225 D.C., supunha que a criação, bem como a vida toda, fazem parte de um eterno e contínuo ato criador de Deus, o qual seria a fonte originária de toda a vida. Apesar de que as formas de vida podem modificar-se, a vida criada seria coexistente com Deus, ou, pelo menos, os elementos básicos dos quais se soergueu a vida. Deus, portanto, reveste-se de posição primária, quanto à importância e grandeza, embora não de posição primária, quanto ao tempo. Formas e tipos de criação vieram à existência, isto é, têm um começo; mas a própria criação, de alguma maneira, é um eterno ato de Deus.

5. A *criação como um pensamento eterno de Deus.* Clemente, pai da igreja que viveu no começo do terceiro século de nossa era, acreditava que nem sempre a criação existiu como uma realidade, mas sempre fez parte do pensamento de Deus. Já dentro do tempo, Deus concretizou o seu pensamento. E assim as coisas vieram à existência.

6. A criação ex nihilo. Deus teria criado a tudo, «do nada», mediante o poder de sua palavra. Houve tempo em que somente Deus existia. A vida humana foi criada por um ato especial, da matéria já existente, para em seguida receber a infusão do princípio espiritual. Usualmente, na teologia moderna, essa teoria é descrita como Deus a transformar sua própria energia em matéria e outras formas de vida; pelo que essa teoria não é realmente uma idéia que fala da criação «derivada do nada». *O* trecho de Heb. 11:3, segundo pensam alguns estudiosos, dá apoio a essa teoria.

7. *O panteísmo.* De acordo com essa teoria, Deus não «cria» e, sim, «emana». Ele emana a si mesmo, pelo que tudo faz parte de Deus, sendo alguma forma de sua essência. Deus é o Cabeça do universo, e o universo é o corpo de Deus. Deus seria como o grande Sol central; e o mundo e toda a vida humana que nele existe, seriam os seus «raios». Deus pode ser pessoal ou impessoal em tais sistemas. O panteísmo moderno com freqüência é evolucionário em seu caráter. As «emanações» teriam um «modus operandi», evolucionário.

8. *A eternidade da matéria,* tendo Deus como *organizador. O* mormonismo aceita a idéia da matéria eterna. mas crê que ela existia na forma de caos. Assim sendo, Deus a teria organizado; nesse caso, o ato de Deus não teria sido criador, e sim, organizador.

9. *O ponto de vista do ceticismo.* A ciência moderna acredita que é impossível solucionar o problema da origem. A única coisa que podemos saber é aquilo que podemos investigar com os nossos sentidos de percepção (empirismo). E é óbvio que questões como «causa primária», «causa independente», «origem», «destino», «Deus», «alma», etc., são temas fora da investigação científica.

10. *Fulguração.* Ver *Leibniz, Idéias,* ponto 3.

11. *O ponto de vista neotestamentário.* Deus cria por meio do seu Filho, um agente pessoal; e, nessa energia, traz tudo à existência, material ou espiritual. Ele criou a tudo «em Cristo» e «para Cristo».

III. Pontos de Vista Bíblicos da Criação

A Bíblia não ensina uma criação **ex nihilo.** A narrativa de Gênesis pode dar a entender que, antes de Deus, nada existia, mas isso não é a mesma coisa que uma criação *ex nihilo.* O trecho de Hebreus 11:3 afirma que Deus fez o mundo de coisas «que não aparecem», o que é uma expressão bastante vaga. Essas palavras poderiam indicar coisas *imateriais;* mas nunca «do nada». A epístola aos Hebreus tem um marcante tom neoplatônico, no estilo de Filo; e isso poderia indicar que esse versículo da epistola teria uma perspectiva platônica. Platão supunha que os mundos físicos vieram à existência por via do trabalho do Demiurgo, que os constituiu usando os arquétipos dos universais (que vide). Os universais são eternos, existindo em uma espécie de céu platônico. Os teólogos cristãos têm-se utilizado dessa idéia, afirmando que os universais são as idéias da mente divina. Nesse caso, então somente a mente divina existia, antes do universo físico. E há um precedente para isso, até mesmo no diálogo *Leis,* de Platão, onde Deus parece substituir a complexa doutrina das idéias ou universais. Seja como for, mesmo nesse caso, não temos a idéia do «nada», de onde tudo teria procedido. Os teólogos cristãos modernos, aproveitando idéias extraídas da teoria atômica, supõem que Deus transformou sua própria energia em matéria, e isso pelo poder da sua vontade, exemplificada na sua Palavra proferida. Sem dúvida esse é um conceito superior, que substitui corretamente a idéia da criação *ex nihilo.* Portanto, talvez possamos afirmar com segurança que o primeiro conceito bíblico da criação é que houve tempo em que somente Deus existia. Orígines teve dificuldades com esse conceito. Os teólogos da antiguidade perguntavam: «O que fazia Deus, quando somente ele existia?» Essa pergunta nos deixa indagando curiosamente. Assim sendo, alguns teólogos, como Orígines, falavam em termos da criação como um ato eterno de Deus, ou como eternamente existente na mente divina, que se tornou concreta mediante um ato criativo. Contudo, apenas nos divertimos, ao falar sobre essas idéias, porque, na realidade, não temos respostas para quebra-cabeças dessa natureza.

Pontos de vista Cosmológicos. Os capítulos primeiro e segundo do livro de Gênesis fornecem-nos a narrativa da criação, primeiramente do mundo físico, e, em seguida, do homem. Os eruditos do idioma hebraico asseguram-nos de que a primeira parte desse relato, sobre a criação do mundo físico, foi escrita em hebraico bem antigo; e que a segunda parte do relato, acerca do homem, em hebraico mais recente, embora ainda no estilo clássico. Portanto, é difícil pensar como um mesmo autor original pode ter sido o autor de ambas as porções. Isso significaria que o segundo capítulo de Gênesis é uma espécie de doutrina repensada da criação, especialmente no que tange à criação do homem. Em meu artigo sobre a *Cosmogonia,* demonstrei que certo número das idéias envolvidas forma um paralelo bem definido das narrativas da criação originadas na área da Mesopotâmia, sobretudo no caso das histórias da criação dos babilônios. A maioria dos eruditos concorda que havia um fundo comum de idéias, provenientes de várias culturas da época e daquela área, que foi usado para prestar subsídios para os registros bíblicos. Os eruditos bíblicos afirmam que, apesar de tais empréstimos serem óbvios, a inspiração divina elevou a qualidade dos relatos, mormente ao injetar nos mesmos o conceito monoteísta.

Esse ponto de vista pode ser defindido. Mas seria uma desonestidade ocultar do leitor que, apesar desse refinamento, que é teologicamente instrutivo, continuamos com uma antiga cosmologia que é bastante defeituosa. Quando os hebreus aludiam ao firmamento, para exemplificar, não se referiam ao céu estrelado. Antes, eles imaginavam alguma espécie de substância sólida, abobadada sobre a terra, separando águas que haveria por cima de águas que haveria por baixo dessa abóbada. Eles supunham que essa substância sólida assemelhava-se a uma taça invertida, cujas bordas pousavam sobre regiões montanhosas, nas extremidades de uma terra plana. Eles pensavam que essa abóbada tivesse janelas, por onde passava a chuva e a luminosidade celeste. Também pensavam que as luzes do sol, da lua e das estrelas eram corpos relativamente pequenos, pendurados na parte inferior da abóbada, para servirem de luminares da terra.

Os antigos também pensavam que o *hades* seria uma região literal, abaixo da superfície da terra. E a terra era retratada como uma terra plana que repousava sobre águas do abismo, e que havia colunas por baixo de tudo, apoiando a estrutura inteira. Não havia resposta para a pergunta sobre onde repousavam as águas do abismo. Todos esses conceitos são refletidos em referências bíblicas, o que ilustro nos artigos sobre *Astronomia* e *Cosmogonia*, nesta enciclopédia. É melhor sermos honestos a qualquer dia da semana, reconhecendo as coisas conforme elas são, não nos envolvendo em adaptações desonestas sobre idéias antigas, para que se ajustem à ciência moderna. No século XXI haverá uma nova ciência astronômica, e os evangélicos conservadores da época estarão fazendo novas adaptações da narrativa de Gênesis, para que se ajustem às novas descobertas científicas. Isso não é buscar pela verdade com seriedade. É apenas uma tentativa para preservar o conforto mental, mediante a suposição de que todas as coisas ditas no relato bíblico expressam verdades científicas. E os que assim pensam, não admitem qualquer evidência em contrário. Ver o ponto 1.4 no artigo sobre a *Cosmogonia*, quanto a paralelos entre o livro de Gênesis e as histórias da criação provenientes da Babilônia.

Elementos Teológicos. Convido o leitor a examinar meu artigo sobre a *Cosmogonia*, terceiro ponto, *Lições Morais e Espirituais,* onde alisto oito itens.

Indicações do Novo Testamento. O segundo ponto do artigo sobre **Cosmogonia** aborda alguns detalhes sobre como o Novo Testamento faz adições às idéias do Antigo Testamento, no tocante à criação. A doutrina do *Logos* é a mais importante dessas adições. *O* Novo Testamento apresenta-nos a doutrina da nova criação ou criação espiritual, que se deriva da antiga criação. Acerca disso apresento um artigo separado, intitulado *Criação Espiritual.*

IV. Significados da Criação

1. Exibe a magnificência de Deus e o seu poder infinito, mostrando que essas qualidades também residem no Filho. Fica implícito que a bondade infinita de Deus está em foco; pois confiamos que o mais elevado poder do universo é também o poder mais beneficente e altruísta. Um Deus dotado de tal poder não pode usá-lo arbitrariamente. *O* mesmo poder que criou, se volta para a redenção, pelo que deverá haver um vasto recolhimento dos perdidos.

2. A criação exige a existência de Deus (argumentos cosmológico e etiológico). Deve haver alguma *causa* da criação. Um retrocesso infinito de causas dependentes é uma idéia contrária à razão e repugnante à esperança. Aquele que é a causa da criação física também é a *causa* e a *origem* de todo o bem-estar humano; e assim como Deus é eficaz em uma dessas dimensões, assim também o é na outra.

3. Assim como existe uma *vida física,* também deve haver uma «vida espiritual». A criação original (física) foi feita de maneira que dela emergisse a criação «espiritual». (Ver as notas expositivas sobre esse conceito, em João 1:4 no NTI). *O* propósito de Deus, ao criar o homem, foi o de exaltá-lo infinitamente. A queda não alterou esse plano. A exaltação completa se acha em Cristo (ver Rom. 8:29,30).

4. A vida espiritual é extraída da criação física, mediante a «iluminação». (Ver Efé. 1:18,19 sobre esse conceito). A transição que há em João 1:4, da «vida» para a «luz», subentende a mesma coisa.

5. Deus é a única fonte originária de todo o bem-estar, e Cristo é o seu mediador (ver Col. 1:16).

6. A vida inteira, portanto, deve ser dirigida na direção de Deus (ver I Cor. 8:6).

7. A doutrina da criação não foi revelada para satisfazer à nossa curiosidade, e, sim, visa nossa instrução espiritual. Fala-nos do mundo eterno e do Deus eterno do qual se originou essa criação (ver Heb. 11:1). Nossa fé deve ser dirigida na direção desse mundo, que é o nosso verdadeiro lar.

V. Alguns Poucos Problemas Especiais

1. A **filosofia** da narrativa da criação. Alguns intérpretes insistem em encarar o relato de Gênesis como perfeito, científico e sem erros. Isso obriga-os a todas as formas de contorsão na exposição desse relato bíblico. Já expus as razões pelas quais devemos rejeitar esse ponto de vista, no terceiro ponto, acima. Há referências a outros artigos, onde maiores detalhes são apresentados. *O* valor da narrativa bíblica da criação encontra-se em seu aspecto teológico. A porção que envolve questões da física não devem ser salientadas por nós. Quando assim fazemos, atolamo-nos em grandes dificuldades, que só servem para criar debates acirrados.

2. *Paralelos com cosmogonias antigas.* É difícil para as pessoas que conhecem somente a Bíblia, entenderem que havia um fundo comum de conhecimento, sobre o qual se estribaram as diversas narrativas da criação, incluindo o relato bíblico. Para essas pessoas, dizer que o relato de Gênesis é superior devido à sua *teologia* (embora não quanto ao aspecto físico), — não serve de consolo —. Lamento não poder consolá-las quanto à questão. — Afirmar que a inspiração divina pode utilizar tal fundo, fazer acréscimos ao mesmo, elevar a sua qualidade, e infundir ao mesmo um valor espiritual e teológico, também não parece muito confortador para os estudiosos ultraconservadores, cujo dogma lhes afiança que isso não pode ter acontecido. Também gostaria de consolar os ultraconservadores; mas, se a verdade entra em conflito com isso, então prefiro a verdade.

3. *Como havia luz,* antes do sol ter sido criado? Vemos nisso o antigo conceito da luz primeva. O sol, a lua e as estrelas aparecem como luzes secundárias, preparadas especificamente para iluminarem a terra. Os hebreus não faziam idéia da vastidão do espaço exterior, e nem das dimensões dos corpos celestes. Antes, imaginavam que todos eles estavam pendurados por baixo da abóbada do firmamento (a taça invertida), feita de substância sólida, que separaria os céus da terra.

4. A *antiguidade da criação e da terra.* A maioria dos estudiosos tem abandonado a tentativa de descobrir a idade da terra, através das genealogias bíblicas. A astronomia mostra-nos que está chegando até nós luz que foi emitida pelas galáxias há, pelo menos, dezesseis bilhões de anos. As evidências mostram que o sistema solar tem entre quatro a cinco milhões de anos de antiguidade. Alguns eruditos bíblicos pensam que uma grande expansão de tempo deve ser postulada entre Gênesis 1:1 e Gênesis 1:2. Isso significaria que há uma criação inicial, no passado indeterminado; e, muito depois, uma renovação. Isso abriria espaço para todas as eras geológicas. Além disso, isso nos permitiria reconhecer que a terra física é antiqüíssima, sem nenhum conflito como o relato de Gênesis. Alguns estudiosos chegam a pensar que criaturas semelhantes a homens poderiam ter vivido durante a criação original e a criação renovada, e que a narrativa bíblica de Gênesis nos oferece somente uma nova criação da raça adâmica.

Em minha opinião, essa espécie de interpretação, apesar de fornecer-nos um meio de reconciliar as descobertas científicas com o relato bíblico, na verdade é apenas uma adaptação ao avanço do conhecimento, e não um reflexo do que o autor sagrado estava procurando transmitir. Os registros geológicos mostram que os pólos têm mudado de posição ao menos por quatrocentas vezes, com deslizamentos correspondentes da crosta terrestre. Isso tem produzido vastas destruições, rearranjo de continentes, fins de antigos ciclos e inícios de novos ciclos. Ao que parece, as duas últimas dessas vastíssimas destruições correspondem, cronologicamente falando, às datas de Adão e do dilúvio de Noé. Isso poderia significar que tanto Adão quanto Noé representam novos começos, e não começos absolutos. Adão teria sido o primeiro homem da raça, conforme o conhecemos agora, e não o primeiro homem, em sentido absoluto. Quanto a detalhes sobre a questão da imensa antiguidade da criação, ver os artigos sobre *Antediluvianos, Adão* e Astronomia. *O* terceiro ponto deste último artigo tem o título: A *Imensa Antiguidade da Criação,* onde são expostos vários argumentos a respeito.

5. *Os dias do* livro *de Gênesis.* Teriam sido dias literais de vinte e quatro horas? Grande controvérsia ruge entre os eruditos, até mesmo sobre essa particularidade. Alguns deles afirmam que devemos pensar em dias literais de vinte e quatro horas, salientando a expressão «Houve tarde e manhã. . . » que assinala cada novo dia. Outros, esperando encaixar todas as vastas eras geológicas dentro do esquema da narrativa, expandem esses dias para que se tornem grandes períodos de tempo. Alguns deles declaram que cada dia teria durado mil anos, usando o trecho de Sal. 90:4 como justificação, onde se lê que, para o Senhor um dia é como mil anos. Argumentos como esse são fúteis. Em primeiro lugar, é óbvio que o autor sagrado pensava que estavam envolvidos dias literais de vinte e quatro horas, embora o sol não tenha sido criado senão já no quarto dia. Outros dizem que os luminares celestes só *se tornaram visíveis* no quarto dia, embora existentes antes disso. Essa opinião envolve uma interpretação desonesta, a fim de dar solução a um problema trivial. O autor sagrado simplesmente não se preocupava com tais pormenores, ainda que os mesmos viessem a produzir alguma incongruência. Dias com duração de mil anos não representam nem uma gota, no balde das eras geológicas. E a teoria dos dias prolongados em nada contribui para solucionar os enigmas da criação. Tenho para mim que os dias de vinte e quatro horas são apenas uma conveniência literária da narrativa, sem qualquer significação do ponto de vista da física e da geologia. Uma outra interessante mas ridícula idéia acerca dos *dias* da criação é aquela que diz que o modo da criação foi revelado no processo de seis dias literais, ao autor sagrado, nada tendo a ver com a criação propriamente dita. Os evolucionistas, por sua vez, tentam explicar *o modus operandi* do desenvolvimento gradual das espécies. Porém, isso é uma outra tentativa que fracassa.

Acredito no seguinte: nenhuma das interpretações que diz respeito ao problema dos dias da criação contribui em qualquer coisa para o nosso conhecimento do aspecto físico da criação, pelo que as controvérsias sobre esses detalhes são fúteis. A Bíblia simplesmente não foi escrita para ensinar *como* Deus criou todas as coisas. Seu propósito é teológico, e não científico.

VI. A Criação Cristocêntrica

Talvez fosse melhor dizermos *a criação Logos cêntrica.* Temos nisso um importante dado teológico. Ofereço ao leitor um artigo separado a respeito intitulado: *Criação Realizada No, Por Meio De, e Para o Filho.*

VII. Interpretações que tentam reconciliar a ciência com Gênesis

1. *O grande hiato.* Entre Gên. 1:1 e 1:2 existiu um grande hiato de tempo no qual todas as eras geológicas aconteceram. Isto explica a grande idade da terra, aliviando o problema de uma criação que aconteceu aparentemente há 6.000 anos (cálculo das genealogias).

2. *Dia=era teoria.* Os dias de Gên. não foram de 24 horas, mas sim, eras vastas. Às vezes, esta teoria é combinada com a de no. 1. Imensas eras existiram tanto entre vss. 1 e 2, como também os *dias.*

3. *Dias + intervalos.* Os dias da criação eram de 24 horas literais, mas entre eles vastas eras existiram, alternativamente .

4. *Éden somente. A* criação de Gênesis tenta nos informar somente sobre a criação do Éden, em seis dias literais. O resto da criação não está descrita na Bíblia, além da referência vaga e geral de Gên. 1:1.

5. *Eras concorrentes e sobreimpostas.* Deus, sendo um ser, além e fora do tempo, criou em tempos curtos e longos, concorrentes e sobreimpostos. Não podemos delinear dias ou eras distintas e separadas, e qualquer discussão de tempo em relação à criação é artificial.

6. *O dia-revelador.* Os dias na narrativa de Gên. foram dias *de revelação,* e foram de 24 horas literais. Deus *revelou* a Moisés, *em* 6 *dias* o esboço da criação, mas como ele realmente criou, e quanto tempo ele levou, são fatos não revelados.

7. *A semana-dividida ou simetria dupla.* A descrição de Gênesis incorpora um método literário pelo qual o 1º dia é paralelo ao 4º, o 2º ao 5º e o 3º ao 6º, e estes pares são complementares. O fator tempo, segundo esta teoria é artificial.

Avaliação destas teorias. A simples leitura do registro de Gênesis mostra que o escritor pensava em dias literais, e bem provavelmente, de um tempo relativamente recente. Estas diversas teorias são tentativas de incorporar a história de Gênesis dentro dos conhecimentos da ciência moderna. Elas são truques teológicos e filosóficos, embora tenham elementos obviamente verdadeiros.

Uma Interpretação mais provável: a criação como um novo início. Existem evidências em favor da criação adâmica ser uma renovação, e não uma criação absoluta. Parece que a terra já passou mudanças dos pólos mais do que 400 vezes. Isto quer dizer, que por muitas vezes, vastas destruições têm arrumado, de modo diferente, os continentes, trazendo destruições quase completas da terra. Aparentemente, as últimas duas correspondem bem, em termos de tempo, às histórias bíblicas de Adão e Noé. Neste caso, a história de Adão seria um *novo começo,* não o começo absoluto da raça humana. Existiram, portanto, muitas raças humanas anteriores à adâmica. A história bíblica, então, nos informa sobre uma renovação da raça, e esta raça é aquela que iniciou a história do homem como nós o conhecemos. Gên. 1:1, todavia, é uma declaração geral sobre Deus como o criador absoluto, de tudo, em qualquer tempo.

8. *A teoria da grande explosão* da astronomia moderna pode ser combinada com a teoria das mudanças dos pólos. Existem também grandes ciclos cósmicos, não somente grandes ciclos terrestres. Há mais de 16.000.000.000 de anos, houve uma grande explosão de matéria condensada que deu início a criação que nós conhecemos na astronomia. Mas antes disto, houve inumeráveis explosões que iniciaram inumeráveis ciclos de bilhões de anos cada. Uma vez que o poder da explosão se dissipa, a matéria, pela força da gravidade, volta na outra direção. Uma vez que se condensa novamente, outra grande explosão ocorre. Este processo continua e é um fator sem data e totalmente além da nossa imaginação.

Conclusão. Existem grandes ciclos cósmicos e terrestres. As grandes explosões criam os cósmicos, e as mudanças dos pólos criam os terrestres. Temos ciclos terrestres dentro dos ciclos cósmicos, e todos eles são de imensa duração. Portanto, a criação cósmica que conhecemos agora é realmente uma história recente. Também, o ciclo terrestre que envolve a *raça adâmica* é recente. Além destas histórias recentes, sabemos praticamente nada sobre as obras de Deus na criação. Temos um *misterium tremendum* que as teorias dos homens, e suas cosmogonias são infantis demais para explicar. Portanto, as diversas tentativas de reconciliar a história de Gênesis com a ciência moderna são fúteis. Também, a explicação da própria ciência sobre tudo isto é essencialmente fútil, embora perfeitamente legítima. Todas as explicações são simplesmente gritos na noite misteriosa das obras de Deus. Mas é legítimo gritar e procurar cada vez mais, por entendimentos mais aperfeiçoados. (AM B C E Z)

CRIAÇÃO EX NIHILO

O latim, «ex nihilo» significa «do nada». A criação «do nada» é o ponto de vista tradicional cristão, em contraste com a idéia grega da reforma da matéria previamente existente. Na primitiva teologia cristã, quando a doutrina do Logos ou Verbo estava sendo utilizada para explicar o *modus operandi* da criação, estabeleceu-se a idéia de que ninguém pode falar sobre o Logos eterno e sobre a eternidade da matéria, ao mesmo tempo. O gnóstico Basílides (que vide), antecipou a doutrina e Hiérocles de Alexandria (que vide) apegou-se a uma versão da mesma. Tomás de Aquino supunha que Deus sustenta a sua criação por meio de alguma lei geral. Descartes (que vide) referiu-se ao poder sustentador de Deus de maneira tal que, a sua maneira de apresentar a idéia, Deus estaria criando novamente o mundo, a cada instante. Os teólogos modernos falam em termos do poder criador e sustentador de Deus como uma energia divina. Isso significa que temos uma criação mediante a energia de Deus, e não «do nada». Mas, com essa qualificação, o antigo nome ainda assim é retido. Como é óbvio, o que vem do nada é o nada, ou seja, *ex nihilo nihil fit* (do nada, nada é feito). Ver o artigo geral sobre a *Criação,* quanto às várias idéias concernentes à origem da criação, além de outras questões envolvidas no assunto.

CRIACIONISMO

Consideremos dois pontos principais a respeito:

1. *No Tocante à Alma.* No que diz respeito à alma, *o criacionismo* é uma dentre várias teorias referentes à sua origem. Quanto a um completo estudo sobre a questão, ver o artigo geral sobre a *Alma,* sob as teorias de sua origem. Essa teoria afirma que, no momento da concepção ou do nascimento, Deus cria *de novo* a alma humana, para utilizar-se do corpo físico como um veículo. Trechos bíblicos usados em apoio a essa teoria são: Zac. 12:1; Isa. 42:5 e Heb. 12:9. Entretanto essas passagens dificilmente provam o ponto; e a própria idéia envolve uma teologia deficiente. Simplesmente não há passagens bíblicas claras acerca da origem da alma, embora sua existência e seu destino sejam pontos claramente ensinados na Bíblia.

Dificuldades Dessa Opinião. Em primeiro lugar, essa teoria força Deus a depender do ato procriativo do homem. Deus também não cessaria em criar almas, a cada nova concepção ou nascimento humano, o que reflete uma situação ridícula e nada econômica quanto ao tempo de Deus. O *traducionismo* (que vide) procura isentar Deus dessa contínua atividade criativa, afirmando que os poderes de criação dos pais, que são seres não apenas físicos, mas também espirituais, naturalmente produzem tanto o corpo quanto a alma. Isso teria sido estabelecido como uma lei natural, inerente ao esquema natural das coisas. Segundo penso, essa teoria é superior à primeira, embora ainda não corresponda à realidade total dos fatos. Em segundo lugar, o criacionismo envolve certas dificuldades teológicas. É impossível imaginarmos que Deus haveria de criar uma alma decaída. Na verdade, a doutrina cristã afirma que as almas humanas caíram em Adão, por ocasião do pecado original. Portanto, as almas já chegam como entidades pecaminosas na esfera terrestre. Por outra parte, o criacionismo requer a negação dessa doutrina, dando a entender que é *o corpo,* por estar poluído, que contamina a alma, assim que a alma entra em contato com o corpo. Qualquer pessoa que estuda a teologia sabe que tal doutrina é um reflexo do gnosticismo. Os mestres gnósticos supunham que a própria matéria é má, e que o espírito é puro. Assim sendo, o corpo físico seria mau e contaminado, mas não o espírito. No entanto, a doutrina cristã nunca encarou o próprio corpo como pecaminoso, embora aceite que o mesmo é instrumento fácil do pecado. Antes, a *entidade espiritual* é que é pecaminosa, o homem real, a alma. Portanto, a alma é que já chega neste mundo como um ser caído e então apossasse-se do corpo físico como seu veículo de expressão. O corpo não é mau por si mesmo. E como poderia sê-lo? É apenas um montículo de matéria, embora uma máquina admirável. A concepção da matéria como má é uma noção gnóstica clara. No entanto, muitos teólogos cristãos precisam recorrer ao gnosticismo a fim de defender a teoria do criacionismo.

Criados do Nada? Boaventura e Tomás de Aquino (ver os artigos a respeito deles) aplicaram a idéia do *ex nihilo* ao criacionismo. Presumivelmente, Deus criaria as almas do nada, da mesma maneira que, presumivelmente, teria criado o mundo do nada. Porém, do nada, nada se origina (*ex nihilo, nihil fit*). Nem todos os teólogos, entretanto, que advogam o criacionismo, apegam-se à idéia do *ex nihilo.* A idéia do criacionismo tem-se mostrado dominante na Igreja ocidental e na Igreja oriental, como também em muitas denominações protestantes. Tertuliano, seguindo os estóicos, ensinava o *traducionismo.* Lutero não sabia qual decisão tomar entre essas duas teorias, mas a maioria dos luteranos tem preferido o traducionismo. Outras idéias alternativas são a da eternidade da alma (Platão), como participante dos universais(que vide); ou a idéia da *preexistência* (que vide) da alma, posição assumida pela maioria dos pais gregos da Igreja. Essa é a teoria que parece mais lógica, em face das razões que enumero no artigo com esse título.

2. *Criacionismo Cosmológico.* Esse é o conceito que diz que o começo de todas as coisas ocorreu mediante um ato criativo de Deus, e não em virtude de alguma emanação de seu próprio ser (panteísmo). Essa idéia nega que a matéria tenha existido desde a eternidade, tendo sido apenas reformada ou posta em boa ordem. Esse ensino dá a entender que houve um tempo em que somente Deus existia. Tudo constitui um grande mistério, que não nos foi revelado!

3. *Criacionismo Antropológico* (origem do homem). Esse é o ensino que diz que o homem foi criado por Deus por um ato especial e imediato, de tal maneira que o homem não é produto de evolução. A idéia inclui a noção que, tanto o corpo quanto a alma, foram criados como uma unidade. Todavia, a idéia mais antiga dos hebreus foi que o ato criador de Deus envolveu somente o corpo, e que *isso* inclui o homem interior chamado alma nas traduções, porquanto, na antiga teologia hebraica não haveria qualquer noção sobre um ser *imaterial.* Essa idéia aparece mais tarde nos Salmos e nos livros dos profetas, estando ausente do Pentateuco. A teoria da evolução apareceu, com algumas poucas exceções, como um conceito de como o homem *biológico* veio à existência, e nada pretende falar sobre o espírito humano. Isso posto, essa teoria também nada tem a ver com o homem essencial, real, o espírito humano. Estritamente falando, portanto, nem o livro de Gênesis e nem a teoria da evolução informam-nos como o homem real veio à existência. Mas, de acordo com a *interpretação cristã,* o registro de Gênesis fornece-nos a narrativa sobre a origem do homem, em corpo e alma. Ver o artigo sobre a *Evolução.* (B C P)

CRIANÇA

Esboço:

1. O Termo
2. As Escrituras e as Crianças

3. Usos Bíblicos Figurados
4. As Crianças e a Ética
5. A Idade da Responsabilidade e da Salvação

1. O Termo

O heb. **yeled** aparece 87 vezes no A.T. (Exemplos: Gên. 21:8,14,16; Êxo. 2:3,6-10; Rute 4:16; I Sam. 12:15,18,19,21,22; I Reis 3:25; II Reis 4:18,26,34; Ecl. 4:13,15; Isa. 9:6; Jer. 31:20). No grego, paidíon, palavra que ocorre por cinqüenta e três vezes, de Mat. 2:8 a I João 3:7. E também país, que aparece por vinte e quatro vezes, de Mat. 2:16 a Atos 20:12, com o sentido de «servo», «criado», «filho», etc.

No Antigo Testamento, a palavra acima algumas vezes é usada no plural a fim de designar somente um descendente masculino (I Crô. 2:31; II Crô. 24:25), em cujos casos a palavra «filhos» dá a entender, genericamente, descendência, da qual todos morreram, exceto o último nome mencionado. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, os termos envolvidos são usados com considerável latitude, conforme é demonstrado pelas várias definições. Um uso comum consiste em designar a descendência, sem importar quão remota. Assim, os «filhos» de uma personagem qualquer podem ser seus descendentes remotos.

2. As Escrituras e as Crianças

a. Uma criança era considerada, entre os israelitas, uma bênção de Deus; e muitos filhos eram um sinal do favor divino, ao passo que as pessoas estéreis eram olhadas com menosprezo (Gên. 11:30; 30:1; I Sam. 2:5; II Sam. 6:23 e Sal. 127:3).

b. *Posição da Criança.* O fato de que as crianças eram, por muitas vezes, vendidas como escravas ou entregues a algum credor, a fim de ser paga uma dívida, mostra o pouco respeito que se tinha pelas crianças, em Israel (ver II Reis 4:1; Isa. 50:1; Nee. 5:5). Um pai hebreu exercia poder ilimitado sobre seus filhos, meninos ou meninas. Os pais é que escolhiam os cônjuges para seus filhos (Gên. 21:21; Êxo. 21:9-11; Juí. 14:2,5). Um pai podia anular um voto sagrado feito por uma filha, embora não por um filho. Dos pais esperava-se que entregassem seus filhos para serem mortos, se se tornassem culpados de abusar de um dos genitores (Êxo. 21:15,17; Lev. 20:9). Jesus referiu-se a essa lei em Mat. 15:4 e Mar. 7:9. Antes da legislação mosaica, um pai podia designar quem era o seu filho primogênito, usualmente filho de uma esposa favorita, sem importar se esse filho era, ou não, o mais velho. Ver Gên. 49:3. Os privilégios dos primogênitos eram consideráveis. Ver sobre o *Direito de Primogenitura.*

c. *Os Infantes.* Bebês recém-nascidos eram cuidados por parteiras ou servas (Gên. 35:17; 38:28; Êxo. 1: 15). A criança recém-nascida era banhada em água, esfregada com sal, envolta em panos e cuidada pela mãe (Gên. 21:7; I Sam. 1:23), com a ajuda de outras pessoas, conforme indicado acima, dependendo das posses da família. Os meninos eram circuncidados ao oitavo dia de nascidos. Ver o artigo sobre a *Circuncisão.* Os nomes dados às crianças dependiam de algumas circunstâncias que envolviam o nascimento (Gên. 25:25 ss; 35:18; 38:29), ou de algum desejo ou esperança por parte da mãe (Gên. 4:25. 29:32), ou em honra a algum parente (Luc. 1:61). Quarenta dias após o nascimento de um menino ou oitenta dias após o nascimento de uma menina, a mãe precisava oferecer um sacrifício de purificação no templo (Lev. 12:1-8), apresentando a criança a Deus, e remindo-a com certa importância em dinheiro (Núm. 18:15 *ss;* 4:47).— O desmame usualmente só ocorria aos dois, ou mesmo aos três anos de idade (II Macabeus 7:27). Isso era celebrado (Gên. 21:8), e eram feitos os sacrifícios apropriados (I Sam. 1:23,24).

d. *Treinamento.* A mãe da criança era sua principal treinadora (Pro. 31:1; II Tim. 1:5 e 3:15). As filhas eram estritamente supervisionadas até no casamento. Quando uma criança atingia os cinco anos de idade, os pais tomavam um papel mais ativo na sua educação; e, no caso de famílias mais abastadas, eram contratados professores (Núm. 11: 12; Isa. 49:23; II Reis 10:1; Gál. 3:24). Havia grande empenho na educação religiosa das crianças, bem como na arte da leitura e da escrita (Êxo. 12:26; 13:8,14; Deu. 4:10; 6:7). As escolas são uma invenção comparativamente recente. Os meninos eram treinados em uma profissão qualquer, usualmente a do seu pai. Gamaliel, nos dias de Jesus, conforme somos informados, foi o primeiro judeu a estabelecer escolas para meninos, nas cidades.

e. *As Crianças Diante da Lei.* A reverência aos pais era uma exigência absoluta (Êxo. 20:12; Lev. 19:3), sem o que uma criança não podia prosperar espiritualmente, segundo se cria. Se uma criança amaldiçoasse a seus pais, imediatamente ficava debaixo de uma maldição divina (Deu. 27:16). Se um filho fizesse alguma violência contra seus pais, era executado (Êxo. 21:15,17; Lev. 20:9). Se um filho se tornasse um alcoólatra, um glutão, um malfeitor, ignorando as advertências de seu pai, seria morto por apedrejamento, pelos anciãos da cidade (Deu. 21:18-21). O primeiro filho a ser declarado primogênito, não podia, posteriormente, perder esse direito, porque seu pai, depois dele, gerara um filho através de alguma esposa mais favorecida, e queria mudar seu parecer sobre a questão (Deu. 21:15-17). A lei permitia que um pai anulasse um voto de uma filha sua (Núm. 30:4,5). Ele tinha autoridade para contratar casamento para seus filhos, e podia vender uma filha como concubina; mas não podia vendê-la a um povo estrangeiro (Êxo. 21:7 *ss)* . Os filhos podiam ser vendidos a fim de ser paga alguma dívida, podendo até mesmo ser vendidos à servidão (II Reis 4:1; Isa. 50:1; Nee. 5:5). Os filhos nascidos como escravos, filhos de escravos, permaneciam como escravos (Gên. 14:14; 15:3 e 17:23).

f. *Filhos Ilegítimos.* Esses não tinham direito à herança (Gên. 21:10; Gál. 4:30). Não recebiam qualquer treinamento formal, eram excluídos da congregação e eram desprezados (Deu. 23:2; Juí. 11:2).

g. *Adoção de Filhos.* Na antiga Mesopotâmia, conforme somos informados pelos documentos de Nuzi, havia o costume de adotar filhos. Abraão adotou um herdeiro (Gên. 15:3), embora não houvesse qualquer legislação formal para isso, até onde sabemos. Os casos bíblicos de adoção usualmente ocorrem em um meio ambiente estrangeiro, como a adoção de Moisés por parte da filha de Faraó (Êxo. 2:10), ou a adoção de Ester por Mordecai (Est. 2:7,15). Em alguns casos, os adotados já eram descendentes da mesma linhagem (Gên. 48:5,12; Rute 4:16,17). As referências neotestamentárias, conforme se vê em Rom. 8:15 e Gál. 4:5, têm um pano de fundo romano. Naquela sociedade, a prática era regulamentada por lei, conferindo a posição de plena filiação. Ver o artigo sobre a *Adoção.*

3. Usos Bíblicos Figurados

a. As crianças simbolizam um estado de ignorância e de trevas intelectuais (Mat. 11:16; I Cor. 13:11; 14:20; Efé. 4:14 e Heb. 5:13).

b. Israel, em sua agonia na escravidão egípcia, é comparado a uma criança abandonada, ou a um infante que jaz em seu próprio sangue (retratando a crueldade dos egípcios) (Eze. 16:1-14).

c. A expressão «filho de» ou «filhos de» indica alguma característica especial, como «filhos da luz» aqueles que possuem iluminação espiritual (Luc. 16:8), ou «filhos da obediência», aqueles que obedecem às leis espirituais (I Ped. 1:14). Pelo lado negativo, encontramos expressões como «filhos do inferno» (Mat. 23:15); «filhos do maligno» (Mat. 13:38), «filhos deste mundo» (Luc. 16:8).

d. Os «filhos da ressurreição» serão aqueles que participarão da vida eterna, já com seus corpos ressuscitados (Luc. 20:36).

e. Os «filhos de Deus» são os remidos, uma expressão extremamente freqüente, sobretudo no Novo Testamento (João 1:12).

f. Os «filhos de Abraão» são aqueles que seguem em sua tradição espiritual, sem importar se judeus ou gentios, os quais, por isso mesmo, são herdeiros de sua herança espiritual (Luc. 3:8; João 8:39 e Gál. 3:7).

g. Todos aqueles que chegam ao reino de Deus devem ter a mesma atitude humilde dos filhos (Mat. 18:3).

4. As Crianças e a Ética

a. A primeira responsabilidade da educação das crianças cabe aos pais; e só secundariamente à Igreja e às instituições de ensino. Por isso encontramos aquele mandamento que diz: «Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se

desviará dele» (Pro. 22:6). É com base nessa idéia que a Igreja Católica Romana diz que se lhe for confiado o treinamento de uma criança, até que ela chegue aos sete anos de idade, provavelmente ela não se afastará dos ensinamentos católicos depois disso. Os evangélicos, naturalmente, também crêem nesse princípio, pelo que têm estabelecido muitas escolas religiosas, em face da corrupção crescente do sistema escolar público, e devido à ausência de treinamento apropriado no lar. Apesar desse sistema contar com alguns pontos positivos, também tem seu aspecto negativo. Os cristãos por procuração não são, necessariamente, os melhores; pois, passada a supervisão de seus superiores, coisas desastrosas podem acontecer. Um soldado precisa enfrentar a batalha, a fim de aprender a lutar. Um boxeador precisa treinar suas habilidades *lutando.* Assim sendo, a saturação das escolas cristãs com freqüência cria mais indiferença do que espiritualidade. Não há que duvidar que muitos missionários têm caído no erro sério de confiar o treinamento de *seus* filhos a terceiros, usualmente nas escolas, ao passo que eles ensinam a filhos *alheios,* em algum campo missionário estrangeiro, em vez de ensinarem a seus próprios filhos.

b. *Fracassos.* Apesar de todos os esforços de seus pais, as crianças freqüentemente deixam de corresponder ao desafio, mesmo dos pais mais piedosos, os quais apóiam seu ensino com o próprio exemplo. Como poderíamos explicar esses casos? Meus amigos, preciso dizer-lhes o que acredito. A alma é preexistente, trazendo consigo toda a bagagem espiritual acumulada em uma longa existência. Isso pode ser aprimorado ou prejudicado pelas circunstâncias da vida. Os pais piedosos com freqüência recebem as almas de boas entidades, e, nesses casos, o treinamento *parece* operar esplendidamente. Mas, a verdade é que essas crianças já trazem consigo um bom caráter espiritual, que haverá de manifestar-se com ou sem treinamento. Todavia, o treinamento de uma criança pode transmitir-lhe essa boa qualidade ainda mais positivamente, pois a espiritualidade é uma qualidade que sempre é passível de crescimento. Porém, se uma alma má nasce de bons pais, seus *melhores esforços* poderão fracassar miseravelmente. Um dos mais violentos assassinos da história criminal dos Estados Unidos da América era filho de um piedoso líder evangélico. Esse, é claro, é um exemplo radical; mas os exemplos dessa ordem são tão abundantes que precisamos mudar de idéia quanto ao conceito inteiro do treinamento de crianças. No caso de João Batista, somos informados pelas Escrituras que ele foi cheio do Espírito Santo desde o ventre materno (Luc. 1:15). Paulo era um vaso especial, escolhido desde antes do seu nascimento (Gál. 1:15). Podemos dizer que esses eram casos especiais, dependendo da decisão do Senhor. Porém, observando o que está ocorrendo com as crianças de nossos dias, vemos como, com a mesma família, com o mesmo treinamento, com os mesmos pais, nas mesmas escolas, nas mesmas igrejas, as crianças acabam mostrando ser inteiramente diferentes, tanto no sentido espiritual quanto no tocante a outras questões. Em face disso, tenho chegado à conclusão que está em jogo muito mais do que o treinamento e o meio ambiente. As pessoas gostam de afirmar que João Batista e Paulo representam *exceções* divinas, mas penso que eles representam ilustrações da *regra.* Os pais alexandrinos da Igreja acreditavam na preexistência da alma, sem a reencarnação. Mas, com ou sem a reencarnação (que vide), precisamos considerar a possibilidade de que o começo de uma alma pode dar-se por impulso divino, em uma remota eternidade passada, nada tendo a ver com a geração do corpo. Assim, a alma teria uma história inteiramente separada do corpo físico. Ver o artigo sobre a *Alma, Sua origem.* Ali exponho as diversas teorias sobre a origem da alma.

Era comum à teologia Judaica posterior que seus profetas cumpriram mais de uma missão terrena. Isso se reflete em Mat. 16:14. Alguns judeus pensavam que Jesus era Jeremias, ou algum dos outros profetas do Antigo Testamento, que havia retornado. O mesmo princípio teria aplicação a entidades negativas, como o anticristo, que seria a volta à vida de um imperador romano, saído do próprio abismo (que vide), ou do hades (que vide) (ver Apo. 17:8,11). Aquilo que a doutrina supostamente ortodoxa tem chamado de exceções, bem podem ser exemplos de uma verdade geral. Precisamos aprender através da experiência, e o conhecimento é algo que sempre está sujeito a desenvolvimento. Quando vejo o que sucede às crianças, filhos de pais piedosos, percebo que a palavra «treinamento», apesar de contar muito, não conta a história inteira. Estudos recentes demonstram que cerca de metade dos criminosos, nos Estados Unidos da América, não foram criados sob condições domésticas e sociais que, normalmente, fomentariam um mau caráter. Ademais, muitos criminosos procedem de lares perfeitamente normais, e, desde seus primeiros anos, são diferentes, mentindo, furtando e tratando outras pessoas de maneira errada. Nessas crianças há algo que já veio com elas, desde que nasceram. Alguns estudiosos têm pensado em defeitos cerebrais, nesses casos; porém, nenhuma prova foi colhida quanto a isso, até agora. Portanto, precisamos considerar a possibilidade da *herança espiritual,* e não apenas a herança genética e o meio ambiente, a fim de compreender alguns dos nossos mais críticos problemas.

Por outra parte, há os casos daquelas crianças que, sem nenhum treinamento especial,—até mesmo em um meio ambiente doméstico e social negativo, elevam-se acima da média, chegando a grandes realizações seculares e espirituais. Também não penso que isso ocorre por mero acidente. É que tais crianças já trouxeram consigo um caráter espiritual básico e bem formado, que haverá de manifestar-se, sem importar as circunstâncias contrárias, como um lar negativo, uma péssima vizinhança, ou qualquer outro fator adverso. Se alguém mergulhar um objeto de ouro na lama, esse objeto continuará sendo de ouro, e a lama não conseguirá penetrar no metal. Mas, se alguém mergulhar um objeto de chumbo em água pura e cristalina, esse objeto continuará sendo de chumbo. Tempo e esforço são capazes de modificar qualquer coisa; e é disso que o evangelho trata. Contudo, essa modificação se processa lenta e laboriosamente. E a conversão, apesar de elevar as pessoas, não as eleva todas ao mesmo nível. De fato, a vida de muitas pessoas supostamente convertidas continua extremamente deficiente em qualidade espiritual. É que em cada vida há um caráter espiritual básico já em operação, não estando envolvido apenas aquilo que acontece neste mundo. *O* que já aconteceu à alma, no passado remoto, é extremamente importante, e não apenas na vida terrena.

c. *Influências Cristãs.* A influência do judaísmo no mundo, e, em seguida, do cristianismo, muito contribuiu para eliminar alguns terríveis abusos. *O* judaísmo fazia finca-pé contra o sacrifício de crianças (Lev. 18:21). A Igreja cristã condena o aborto provocado. Orfanatos cristãos tornaram-se uma instituição comum a começar em cerca de 361 ou 363 D.C. A Igreja cristã promove o funcionamento de instituições educacionais e hospitalares para as crianças. Robert Raikes deu início à Escola Dominical, e F.D. Maurice promoveu a legislação a respeito do labor infantil, com base na ética cristã. Talvez o fator mais significativo que ocorre atualmente nos Estados Unidos da América, no que concerne às crianças que nascem de pais evangélicos, seja o fenomenal desenvolvimento das escolas evangélicas. É possível que isso tenha por modelo o empreendimento da Igreja Católica Romana e de grupos ortodoxos orientais.

5. A Idade da Responsabilidade e da Salvação

Um problema teológico de grandes proporções está envolvido no caso da salvação das crianças. Que sucede aos infantes que morrem? Com que idade uma criança torna-se responsável pelos seus atos? Há diversas respostas para essas perguntas:

a. *Os Céticos.* Esses dizem que a questão envolve um mistério para o qual não há nenhuma boa resposta.

b. *A Igreja Católica Romana.* Os infantes não batizados não são considerados responsáveis por seus atos, mas também não estão na Igreja. Portanto, se vierem a morrer, irão para o *limbo* (que vide), que não seria nem o céu e nem o inferno. Não há descrições sobre o tipo de vida que as crianças levam ali. Mas alguns teólogos dão ouvidos a filósofos gregos, que tinham boas idéias quanto à questão, e que

viveram antes da era cristã. Portanto, no romanismo há muita discussão filosófica a esse respeito! Os teólogos chamam o limbo de lugar de felicidade, embora ali ninguém recebesse a *Visão Beatífica* (que vide). Os indivíduos mentalmente incompetentes também seriam enviados para o limbo. Por conseguinte, felizes os que nascem retardados, pois outros, que têm algum bom senso, são enviados para o inferno! Segundo o catolicismo, os infantes *batizados* iriam para o céu. Os protestantes e evangélicos consideram o limbo uma pura invenção, porquanto sabem que o ato do batismo não altera o destino de uma pessoa, por ser apenas o símbolo externo de uma operação do Espírito. Portanto, eles preferem pensar que os retardados mentais e os infantes que morrem vão para o céu.

c. *O Ponto de Vista Calvinista Radical.* Visto que as crianças são criaturas caídas, se morrerem, elas irão diretamente para o inferno, embora para uma região de menor punição; mas para o inferno, não obstante. E elas ficam eternamente condenadas. Isso pode parecer uma posição lógica, se nos apegarmos somente às passagens bíblicas que dizem respeito ao julgamento geral; mas tal posição é repugnante e ridícula.

d. A *Idade da Responsabilidade.* A maioria dos estudiosos protestantes fala em termos de uma certa idade que, quando a criança atinge, torna-se responsável por seus atos. Os teólogos da Idade Média presumiam que, com a idade de cerca de doze anos, as crianças atingem essa fase da responsabilidade. Os mórmons preferem pensar que isso se dá quando a criança chega aos oito anos de idade. De acordo com essa doutrina, antes dessa idade, uma criança, embora tenha cometido pecados, não é responsabilizada pelos mesmos. Outro tanto pode ser dito acerca dos mentalmente deficientes. Essas pessoas, mediante a graça divina geral, iriam para o céu quando morressem. Naturalmente, essa é uma *idéia racional,* e não uma doutrina das Escrituras. Alguns apontam para o trecho de II Samuel 12:13 como texto de prova. Davi declara ali que não poderia trazer sua criança de volta, mas que ele poderia ir até ela. Porém, isso não fala necessariamente sobre o céu; poderia indicar a morte e o envolvimento no Sheol, etc. Além disso, não se trata de um versículo dogmático, em uma passagem dogmática. Para mim, seja como for, toda essa idéia não faz sentido. Mediante qual bafejo da sorte algumas pessoas morrem quando ainda infantes e outras nascem idiotas? Deve haver alguma idéia melhor, que se aproxime mas da verdade!

e. A *Preexistência da Alma e a Morte dos Infantes.* Quando, mais acima neste artigo, discutíamos sobre o *treinamento* das crianças, especulamos dizendo que faz sentido supor que a alma humana é preexistente. Se isso é verdade, então isso nos dá certa margem de segurança para falarmos sobre a salvação dos infantes que morrem nessa fase inicial da vida. A alma, que já tem uma longa história espiritual, já possui suas qualidades espirituais específicas. Ao associar-se ao corpo físico, ela poderá melhorar ou piorar, sem importar se essa associação tem de ocorrer apenas por uma vez ou por diversas vezes. Se a alma assumiu um corpo físico, mas morreu ainda na infância, então nada de especial sucedeu à qualidade espiritual dessa alma. Nada de significativo foi ganho, e nada de significativo foi perdido. Talvez os pais é que possam aprender alguma lição significativa, em meio ao sofrimento que tiverem de experimentar com a morte de sua criança infante e isso pode revestir-se de algum valor. A própria alma, porém, não retorna ao inferno, embora *algumas* almas más talvez retornem à região do hades, se é dali que elas vieram (ver Apo. 17:8). Tal alma, por não ter sido uma missionária que veio cumprir alguma missão terrena, como João Batista, não retorna aos lugares celestiais, porquanto nem veio dali. Há muitos lugares espirituais que não podemos classificar como céu ou inferno. É para lugares assim que essas almas retornam, pois dali elas vieram. A morte do corpo físico, no qual habitaram por um breve período, é apenas uma curiosidade, e não um evento determinador do destino da alma. Na verdade, o trecho de I Pedro 4:6 mostra que a própria morte biológica não determina o destino final de alguém, porquanto Cristo ampliou a sua missão para que envolvesse até mesmo o hades (ver I Ped. 3:18 *ss),* e assim o evangelho foi anunciado aos mortos, até mesmo naquele lugar de juízo. Isso significa que Cristo pode atingir os homens em qualquer lugar, tanto nesta vida como depois da morte biológica. O trecho de Efésios 4:9, 10 mostra-nos que a descida de Cristo ao hades (que vide) bem como a sua ascensão ao céu, tiveram o mesmo propósito, isto é, *preencher todas as coisas,* fazendo o Logos tornar-se tudo para todos. O *mundo intermediário,* que não deixou de existir, continua sendo um lugar sujeito ao poder de Cristo. As almas que dali emanam continuam sujeitas à redenção, e a morte de corpos infantis, nos quais habitaram por algum tempo, não exerce qualquer efeito na determinação de seu destino.

Essa interpretação por certo não agrada aos católicos romanos, pois acreditam na existência do limbo. Muitos protestantes e evangélicos, que ignoram certos trechos bíblicos que nos fornecem um quadro mais otimista, preferirão continuar com seu ponto de vista racionalista sobre a idade da responsabilidade das crianças. Porém, alguns da Igreja Ortodoxa Oriental e da Igreja Anglicana, que seguem aspectos da teologia dos pais gregos da Igreja, verão nessa explicação um profundo sentido. Na verdade, nessa idéia não há novidade alguma, quanto às suas bases teológico filosóficas. Os pais gregos da Igreja não limitavam o fim da oportunidade de salvação por ocasião da morte física, conforme a Igreja ocidental prefere fazer. A alma é maior do que isso e não pode ser limitada dessa maneira. Ver mais detalhes no artigo Infantes, **Morte e Salvação dos.** (H ID UN NTI Z)

CRIANÇAS, A IDADE DA RESPONSABILIDADE E DA SALVAÇÃO

Ver sobre *Criança,* ponto 5, mas especialmente o artigo intitulado, *Infantes, Morte e Salvação dos.*

CRIANÇAS, AS TRÊS, CANÇÃO DAS

Ver **Três Crianças, Canção das.**

CRIATURAS VIVAS

Essa é uma espécie de referência geral e vaga a todos os animais que foram criados (Gên. 1:21,24; 2:19). Ezequiel usou a expressão para aludir a seres angelicais, como os querubins (Eze. 1:5; 13:15,19,20,22). As *quatro* criaturas vivas tinham, cada uma, quatro rostos, de um homem, de um leão, de um boi e de uma águia. Esses animais, com ou sem razão, tornaram-se símbolos dos quatro evangelhos, na concepção de alguns cristãos antigos. Mateus seria o homem; Marcos, o boi; Lucas, o leão; e João, a águia. Aqueles que costumam ler diretamente os manuscritos antigos, ou então através de microfilmes, ocasionalmente encontrarem representações pictográficas, ou alusões mencionadas, nas introduções aos manuscritos.

A figura dos querubins, as quatro criaturas vivas, passou para o Novo Testamento, em Apocalipse 4:6-9, onde eles são descritos como seres que estão sempre diante do trono de Deus. Cada um deles tinha seis asas (quatro, segundo a descrição de Ezequiel). As quatro representações animais são retidas, mas, no livro de Ezequiel, cada um desses animais caracteriza um dos seres angelicais. Isso significa que, em Ezequiel, cada ser tem as características dos outros

Em tudo isso está envolvida uma elaborada angelologia judaica, que se deriva, pelo menos em parte, das obras pseudepígrafes, e, em parte, deriva-se da angelologia de outros povos semitas. Ver as notas expositivas no NTI, no trecho de Apo 4:6, quanto a outros detalhes. Há muitas interpretações metafóricas a respeito da questão, sobre o que comentamos nas notas referidas. Irineu (170 D.C.) pensava que esses quatro querubins representavam aspectos da obra de Jesus Cristo, como também os evangelhos específicos, conforme se disse acima. Cada animal falaria de um aspecto do ministério de Cristo. O leão representaria o seu poder; o boi, o seu caráter sacerdotal, porquanto o boi era usado nos holocaustos; o homem representaria a sua

encarnação; e a águia representaria o seu Espírito. Agostinho, porém, preferia uma outra interpretação, a saber: Mateus, o leão; Lucas, o boi; Marcos, o homem; e João, a águia. Tudo isso, naturalmente não passa de especulação e fantasia, com base no método alegórico de interpretação. Ver sobre a *Interpretação Alegórica*. Esse método de interpretação tem algum valor. De fato há ocasiões em que se torna até necessário. Porém, também é capaz de produzir muitas fantasias, criadas pela imaginação dos intérpretes.

CRIME

Ver o artigo seguinte, **Crimes e Castigos** onde há considerações bíblicas a respeito. A palavra não ocorre no Antigo Testamento, embora a idéia seja freqüente. Mas, quando chegamos ao Novo Testamento, há duas palavras gregas que devem ser consideradas: '

1. *Aitía,* «causa». Esse termo figura por vinte vezes: Mat. 19:3,10; 27:37; Mar. 15:26; Luc. 8:47; João 18:38; 19:4,6; Atos l0:21; 13:28; 22:24; 23:28; 25:18,27; 28:18,20; II Tim. 1:6,12; Tito 1:13; Heb. 2:11.

2. *Égklema,* «acusação». Essa palavra aparece só por duas vezes, em Atos 23:29 e 25:16.

Um ato criminoso ocorre quando alguma lei, pública, moral ou espiritual, é quebrada. Todavia, a rigor, só se deve considerar a transgressão contra alguma lei expressa em código vigente. Esse é o ponto de vista dos criminalistas, naturalmente. Há sérios crimes morais que não são alistados nesses códigos. As leis variam muito de país para país, seguindo situações e crenças culturais, políticas e religiosas. Algumas leis são baixadas com o intuito de beneficiar os legisladores, e não a sociedade em geral. O castigo contra os criminosos é profundamente influenciado pelo poder, pelo dinheiro, pelo prestígio pessoal e pelas opiniões dos juízes ou dos jurados. Na maioria dos casos, há grande latitude de aplicação e interpretação das leis, sobre o que se fazer exatamente, no que concerne a certos crimes. As detenções, por sua vez, têm fracassado em larga escala nas tentativas de *reforma* dos criminosos. Essa reforma seria o ideal do sistema penal de qualquer país. Mas, bem pelo contrário, muitos criminosos saem das penitenciárias ainda mais habilidosos quanto ao crime. A sociologia e a psicologia não podem conferir uma autêntica conversão religiosa (que vide), e os esforços das igrejas cristãs, evangélicas ou não, apesar de sinceros, são inadequados para a tarefa. As detenções são, entretanto centros de recolhimento dos elementos mais daninhos à sociedade, o que resulta na proteção dos cidadãos ordeiros e pacíficos. Na verdade, as organizações policiais confessam que seu papel se assemelha ao dos «lixeiros», que recolhem aqueles que se tornaram perigosos ao convívio normal na sociedade. Isso significa que o sistema carcerário, com todo o sistema judicial que o envolve, confessa-se impotente para solucionar o aspecto da reabilitação dos criminosos. O papel principal das forças policiais é preventivo; mas até mesmo isso é grandemente diminuído pelo fato de que a policia só pode agir quando o crime já se consumou ou há fortes indícios de configuração. Nos Estados Unidos da América, cujas estatísticas são de fácil acesso aos pesquisadores, o retorno dos criminosos às prisões chega a orçar em sessenta por cento. Mas, sabendo-se que apenas uma pequena porcentagem dos criminosos é apanhada, e, menos porcentagem ainda é encarcerada, poderíamos indagar qual a real porcentagem dos criminosos que volta à senda do crime, depois de soltos. Sem dúvida, essa porcentagem é altíssima.

A perversidade da aima humana. A mente criminosa. Muito se ouve falar sobre como as condições adversas, sociais e econômicas, são causas da vida criminosa. Não se pode negar que isso é uma das causas. Porem, estudos sérios sobre a *mente criminosa* têm revelado fatos perturbadores. Para exemplificar, nos Estados Unidos da América, somente metade dos criminosos tem razões sociais e econômicas para se voltarem para o crime, como meio de sobrevivência. A outra metade consiste, comprovadamente, em pessoas *diferentes,* desde seus primeiros anos de vida. Quando ainda crianças já furtavam, brigavam e demonstravam sinais de descontentamento, embora, em muitos casos, pertencentes a famílias sem quaisquer problemas financeiros especiais, cujos irmãos e irmãs são totalmente normais. Além disso, a falta de dinheiro não explica o fato de que a maioria dos criminosos ofende em todas as três áreas principais do crime: desonestidade, destruição da propriedade alheia e assaltos sexuais.

O elo entre o *crime infantil* e o *crime adulto* é extremamente comum. Assim, nos Estados Unidos da América, oitenta por cento dos criminosos adultos condenados, também tiveram uma vida de crimes quando crianças e jovens. Estudos feitos na Suécia tentaram provar que a mente criminosa está ligada a defeitos cerebrais, e que o meio ambiente social tem pouco efeito sobre a porcentagem das pessoas que se entregam ao crime, Porém, à teoria ainda faltam evidências mais sólidas, antes que possa ser aceita de modo definitivo.

Por outra parte, aqueles que acreditam na preexistência da alma, com ou sem a reencarnação, insistem na idéia de que a alma já chega a este mundo pervertida, impelida por tendências criminosas, porquanto ao longo de sua história, anterior a esta vida terrena, teria acumulado uma bagagem má. Seja como for, parece que o problema da criminalidade é, essencialmente, uma questão espiritual, ao passo que as causas psicológicas e ambientais são secundárias. Muitos criminosos apreciam a vida de crimes, tal como um atleta aprecia a competição esportiva, ou um boxeador gosta de castigar o adversário e ser castigado por ele. Lembro-me de meus dias de colégio, quando eu praticava o futebol americano, uma modalidade esportiva brutal e potencialmente perigosa. Lembro-me de ter conversado com um colega, que acabara de participar de uma peleja especialmente violenta, como representante de nosso colégio. Durante a partida, ele sofrera algumas contusões pequenas. Com um sorriso, ele comentou: «Puxa, como foi divertido!» Aqueles que tratam com os criminosos sabem que eles apreciam a excitação proveniente de seus atos ousados; gostam muito dos tiroteios com a policia. Há quem goste de matar outros seres humanos, relatando entre bravatas as suas aventuras, como se tudo fosse uma festa. Isso nada tem a ver com a falta de dinheiro. Tem a ver com a perversão do ser humano.

A Bíblia fornece-nos algumas orientações sobre a questão. O Antigo Testamento ensina a lei de Talião, «olho por olho, dente por dente». Ver Êxodo 21:24. A lei levítica é muito rígida e pormenorizada. Caim (Gên. 4:11-16) recebeu a primeira sentença perpétua, embora tivesse cometido um homicídio. Houve certa razão para esse abrandamento da pena; mas a legislação posterior, mosaica, teria requerido a pena de morte para Caim. Paralelamente ao conceito da retaliação, a Bíblia também ensina insistentemente a necessidade da ministração de ensinos espirituais, o que pode resultar em genuína transformação moral das pessoas. Além disso, o trecho de I Pedro 4:6 mostra-nos que o julgamento, incluindo o julgamento divino contra os pecadores, tem um efeito restaurador. E a passagem de Efésios 1:10 ensina que o plano de Deus a longo prazo é vir a restaurar todas as coisas. Os castigos e juízos impostos por Deus participam desse plano restaurador. Nas operações de Deus, não existe tal coisa como justiça bruta, que só procura a retaliação. A ira de Deus sempre é temperada pelo amor de Deus, sendo, na verdade, um dedo da amorosa mão do Senhor. Um julgamento severo é apenas uma disciplina severa, e não uma questão de vingança, embora também inclua esse fator. Há coisas que Deus pode fazer, mediante o julgamento, que não poderia fazer de qualquer outra maneira.

Retribuição Apropriada. Alguns crimes exigem uma severa retribuição. A lassidão humana em nada ajuda para reformar uma alma criminosa. Alguns criminosos, empedernidos na senda do crime, alegram-se quando se vêem diante da morte. Destarte, eles sentem que sua dívida diante da sociedade foi saldada, e que as suas *almas* foram beneficiadas. Parece haver nisso um discernimento autêntico. Sem dúvida, a morte biológica não é o fim da oportunidade da alma, conforme o trecho de I Pedro 4:6 demonstra. Isso posto, quando um criminoso paga pelos seus crimes, encontra-se em melhor situação

para buscar e receber a redenção espiritual. Isso permite que ele se desfaça da má bagagem, pelo menos parcialmente, que pesava sobre a sua alma, tornando-se assim mais receptivo da mensagem espiritual que, finalmente, pode chegar até ele. (BEC H)

CRIMES E CASTIGOS

Este artigo aborda as considerações bíblicas a respeito, e não tanto um apanhado de opiniões sociológicas e criminalísticas.

Esboço:

I. Elementos do Ensino Bíblico
II. Classificação dos Crimes
III. Sumário dos Castigos

I. Elementos do Ensino Bíblico

1. *Palavras Empregadas.* Necessariamente, há uma grande afinidade entre os conceitos de crime, culpa, pecado e castigo, nas páginas da Bíblia. As palavras empregadas nas Escrituras ilustram esse fato. No Antigo Testamento há palavras hebraicas como *avon,* que significa «iniqüidade», «punição», etc., usada por mais de duzentas e trinta vezes; *resha, «maldade»,* geralmente palavra aplicada a desvios religiosos, empregada por trinta vezes; *chet,* «falta», uma palavra que mostra o elo religioso com o conceito de crime, usada por cerca de trinta e três vezes. Essa palavra é usada para indicar pecados contra Deus ou contra seres humanos (Gên. 41:9; Deu. 19:15). No Novo Testamento, as palavras gregas mais importantes, envolvidas no conceito, são: *Hamartia, asebeia, adikia, parakoe, anomia, paranomia* e *paráptoma. Hamartia* e seu cognato, *hamártema,* significam «errar o alvo», sendo usualmente empregadas para traduzir o termo hebraico *chet,* quando trechos do Antigo Testamento são referidos no Novo Testamento. *Asebeia* significa «impiedade», sendo o equivalente geral do termo hebraico *resha.* Essa palavra indica os pecados de fundo religioso, principalmente. *Adikia,* «injustiça», pode ter esse sentido, mas também é aplicada a qualquer ato injusto. *Parakoe* tem o sentido básico de desobediência ativa. *Paranomia* é uma transgressão da lei ou de normas estabelecidas. *Parábasis* também é a transgressão da lei (Rom. 4:15). *Paráptoma* é um passo em falso, indicando uma falta de menor gravidade. Essa grande variedade de vocábulos fala sobre as diversas maneiras como os homens transgridem, pecam e tornam-se culpados por desobedecerem às leis divinas ou às leis humanas.

2. *A Conexão Religiosa.* No oriente Próximo e Médio, a jurisprudência sempre esteve vinculada à idéia do divino, à idéia dos deveres diante de Deus ou das divindades. Quase sempre a crença era de que a mente divina estava por detrás das legislações humanas, pelo que também a primeira responsabilidade era diante desse poder divino. No prólogo das leis de Ur-Namu, Nana, o deus-lua dos sumérios aparece no quadro. O código de Hamurabi contava com o respaldo da autoridade do deus Shamash. Isso tem sido descoberto pela arqueologia, mediante uma estrela que mostra esse deus apresentando leis a Hamurabi. Naturalmente, a maior ilustração possível da conexão religiosa com as legislações é o relato do livro de Êxodo, onde as tábuas da lei aparecem como compostas pelo próprio Yahweh. Isso nos transmite a idéia de que não há como prejudicar ao próximo sem ofender, ao mesmo tempo, a Deus. Não é por acidente que os dois grandes mandamentos, o de amar a Deus de todo o ser, e ao próximo como a si mesmo, aparecem no Novo Testamento (Mat. 22:37-40) como o cumprimento de toda a lei e dos profetas.

3. *Uma Ética Absoluta.* Ver o artigo sobre a *Ética,* onde aparecem três tipos principais de sistemas éticos: a ética relativa, a ética absoluta e a ética de valores, esta última meio termo entre as outras duas. A ética ensinada na Bíblia é *absoluta. Isso significa* que as leis que devem governar a conduta devem ser tidas como finais e decisivas, e não sujeitas ao capricho e às modificações humanas. Isso é assim porque a ética, na Bíblia, depende da revelação divina, e não da experiência humana.

4. *Um Código Exigente.* No Antigo Testamento encontramos a lei do «olho por olho e dente por dente». Ver Êxodo 21:24. Isso aponta para uma retribuição ao pé da letra. E grande parte da legislação levítica está envolvida no delineamento preciso dos crimes, com seus castigos específicos. A pena de morte é aplicada a questões que, segundo a concepção moderna, nos deixam chocados. Para exemplificar, um filho desobediente a seus pais deveria ser apedrejado até à morte, pela congregação, dando ênfase ao ensino que a delinqüência juvenil simplesmente não podia constituir um problema permanente na sociedade judaica. A legislação levítica era bastante ampla. Um assassino deveria ser executado, mas outro tanto se dava no caso dos blasfemos. O relato sobre Jesus e a mulher apanhada em flagrante adultério, no oitavo capítulo do evangelho de João, mostra que o Senhor Jesus aplicava maior dose de misericórdia, injetando assim, na lei mosaica, a lei do amor, para contrabalançar o princípio da retribuição. Isso assinala um avanço tipicamente cristão, porquanto o oposto da injustiça não é apenas a justiça, mas também o amor.

II. Classificação dos Crimes

1. Crimes Contra Deus

a. *Idolatria* (Êxo. 20:3-6). Para esse pecado, a pena de morte era imposta (Êxo. 22:20), o que mostra a seriedade da questão, impressa sobre as mentes do povo de Israel. Naturalmente, nem sempre a pena era cumprida. Se alguma comunidade se tornasse culpada desse pecado, a mesma era totalmente destruída, incluindo as propriedades e os animais (Deu. 13:12-16). Como é óbvio, todos os objetos usados no culto idólatra eram completamente destruídos. Mas, que dizer sobre certos santuários idólatras tão concorridos do catolicismo, onde a venda de imagens e outros objetos religiosos é a principal atividade e a principal fonte de renda? E onde o ganho de rios de dinheiro explica por qual razão esse comércio nefando não cessa?

b. *Sacrifício de Infantes.* Israel deixou-se envolver nesse tipo de pecado, imitando os povos vizinhos. Os ídolos cananeus pareciam vorazes por sangue.

c. *Bruxaria, Adivinhação e Espiritismo.* Essas práticas eram estritamente proibidas. Os líderes desses cultos demoníacos deveriam ser mortos (Deu. 18:10,11; Lev. 20:27). Naturalmente, Israel tinha suas próprias formas de adivinhação, no que estava envolvido o próprio sumo sacerdote. Ver o meu artigo sobre a *Adivinhação.* Portanto, em certo sentido, a adivinhação só é proibida quando não é «aprovada» pelos costumes judaicos, dentro da sociedade judaica!

d. *Blasfêmia.* O terceiro mandamento proibia o uso superficial do nome do Senhor. E, naturalmente qualquer linguagem abusiva contra Deus ou contra as coisas sagradas, era proibida. As calúnias e críticas acerbas contra as autoridades humanas, supostamente estabelecidas por direito divino, estavam inclusas nessa proibição. A pena de morte estava decretada contra os blasfemos (Êxo. 22:28; Lev. 24:11-23; Êxo. 22:28).

e. *Profecia Falsa.* Esta assumia duas formas diversas: profecia falsa em nome de Yahweh; e profecia em nome de algum deus pagão. Em qualquer das modalidades, a pena de morte era imposta (Deu. 18:20-22; Jer. 26:8,9).

f. *Quebra do Sábado.* O sábado comemorava o término da obra criativa do Senhor, devendo ser considerado um dia santo. Leis complexas controlavam a questão, sendo elas rigidamente observadas (Êxo. 16:23; 20:9,10; Lev. 23:3; Êxo. 31:13). Nem mesmo os animais podiam ser postos a trabalhar em dia de sábado, por ser um dia reservado exclusivamente à adoração religiosa. A pena de morte era imposta aos ofensores (Núm. 15:32-36; Êxo. 31:14;17).

g. *Desafio à Autoridade da Lei de Deus.* Esse crime envolvia Deus e a sua lei, ou então podia ser cometido contra os representantes de Deus (Núm. 15:27,30,31; Deu. 17:8-12), contra o qual também estava decretada a pena de morte.

2. Crimes Contra o Homem

a. *Homicídio.* Desde Gên. 9:6 vemos que a pena de morte era requerida. O sexto mandamento do decálogo (que vide) seguia essa

regra (Êxo. 21:12). O homicídio acidental contava com a provisão das cidades de refúgio (que vide). O homicida involuntário precisava permanecer em uma das cidades de refúgio, sob pena de ser morto pelo vingador do sangue. Isso significa que sua punição era uma forma de prisão perpétua. Ver Êxo. 21:13; Núm. 35:22-25. Posteriormente, o rei parece ter tido autoridade para intervir em tais casos, assim modificando a legislação caso a caso (II Sam. 13:19; 14:7; I Reis 2:34). Homens poderosos, protegidos pelas autoridades, podiam matar, mesmo que não acidentalmente, sem serem punidos. Várias leis secundárias circundavam a questão. Se dois homens estivessem brigando, e a esposa grávida de um deles tentasse intervir e fosse morta no esforço, o assassino teria de ser morto (Êxo. 21:22-25). Um touro que matasse a um homem, teria de ser morto. Um ladrão invasor, que atacasse à noite, podia ser morto, e nenhuma pena seria imposta ao seu executor. Mas, se atacasse durante o dia, o executor poderia sofrer alguma retribuição (Êxo. 22:3).

b. *Assaltos.* As perdas e injúrias resultantes de assaltos estavam sujeitas à lei de Talião (no latim, *talis,* «tal»), ou seja, a lei que exigia retribuição tal e qual, sempre que possível. Os ferimentos eram retribuídos com ferimentos; as propriedades furtadas eram recompensadas por propriedades equivalentes. No caso de danos corporais contra algum escravo, disso poderia resultar a sua emancipação (Êxo. 21:24,26,27).

c. Furtos e Apropriação Indébita. A legislação mosaica requeria a devolução do que fosse furtado, além de vinte por cento em compensação (Lev. 6:2-7). O trecho de Lev. 19:13 classifica os ladrões entre os opressores. Igualmente entre estes estavam os que não cumpriam seus acordos ou deixavam de pagar os seus trabalhadores. Quanto a esse particular, o código de Hamurabi era muito mais severo, requerendo a pena de morte (lei 22). Mas, se um ladrão entrasse na casa de alguém, em qualquer hora do dia ou da noite, podia ser morto em autodefesa, e nenhuma pena incidiria sobre seu executor (Êxo. 22:1,3,4). Um crime praticado durante o dia não era considerado sério, segundo essa legislação babilônica, e a lei procurava evitar que o executor de um ladrão fosse penalizado em qualquer sentido. No caso de roubo de animais, a devolução de dois animais era a pena, incluindo o animal que fora furtado; mas, se o animal originalmente furtado tivesse sido morto ou negociado então a devolução consistia em quatro animais. Se o ladrão não pudesse saldar a sua dívida, então era vendido como escravo, até que a restauração fosse feita.

d. *Crimes Sexuais.* Em contraste com o costume greco-romano, as religiões do Oriente Próximo não contavam com a prostituição religiosa, e as experiências sexuais pré-maritais e extramaritais eram consideradas infrações sérias. A atitude dos gregos e romanos diante do sexo era mais relaxada, em todas as categorias. Os códigos sumério, babilônico, assírio e hitita, e não apenas o código hebreu, impunham castigos em questões de desvios sexuais. A preservação da família era considerada questão importantíssima, pelo que as leis da herança e da adoração religiosa pura, avultavam em importância. Isso explica as seguintes leis, dentro da cultura dos hebreus: 1. O *homossexualismo,* punido com a morte de ambos os envolvidos (Lev. 18:22,29; 20:13). 2. *Adultério,* que consiste na atividade sexual fora do casamento, mas por parte de pessoas casadas, era um pecado proibido pelo sétimo mandamento (Êxo. 20:14), cuja punição era o apedrejamento de ambos os envolvidos (Lev. 20:10; Deu. 22:24). O noivado era considerado um casamento preliminar, pelo que a mesma lei do adultério pesava sobre os noivos (Deu. 22:23,24). 3. *Fornicação,* ou seja, as atividades sexuais, de pessoas solteiras, era algo proibido, e os pais tinham a responsabilidade de proteger as suas filhas, para que não se tornassem prostitutas (Lev. 19:29). Quanto à sociedade em geral, não incidiam penas, mas a filha de um sacerdote, que se prostituísse, deveria ser executada (Lev. 21:7), sendo queimada na fogueira (Lev. 21:9). De modo surpreendente, como paralelo de tal severidade, um israelita (que não fosse sacerdote), podia casar-se com uma prostituta arrependida. 4. *Sedução e Violação. A* sedução é uma espécie de violação, embora reconhecida como menos séria que a violação forçada, ou estupro. Contudo, a sedução também envolve violência, embora do tipo mental e psicológico. Algumas vezes, envolve o poder do dinheiro, ou alguma vantagem qualquer, capaz de convencer a mulher a ceder. Porém, também se reconhece que uma mulher pode querer ser seduzida, embora nunca o declare. Outrossim, as mulheres convidam à sedução mediante a maneira como se vestem e agem. Ademais, algumas vezes a mulher é que seduz o homem. Por causa dessa variedade de fatores, a sedução é considerada menos séria que a violação. Porém, a sedução contra uma mulher casada era considerada adultério, pelo que ambos os envolvidos estavam sujeitos à pena de morte. A violação era punida com a morte do homem culpado (Deu. 22:25-27). Se um homem seduzisse uma virgem (que não estivesse noiva) que consentisse com o ato, então ele poderia corrigir o erro casando-se com ela legalmente, além de pagar uma multa a seu pai. Se o pai não permitisse o casamento, a jovem não se casava, e o culpado tinha de pagar uma importância adicional. Se um sedutor se casasse com a jovem a quem seduzira, nunca poderia divorciar-se dela (Deu. 22:29). 5. *Incesto.* Todas as variedades de incesto requeriam a pena de morte (Lev. 20:11). Relações sexuais com a própria sogra ou com a mãe de uma concubina eram punidas com a execução na fogueira. Irmão e irmã, sobrinho e tia, cunhado e cunhada são outros casos especificamente mencionados. Ver as referências abaixo, onde são mencionados os vários casos: Lev. 20:11,12,17; 19:21 e Deut. 27:33. Entretanto, um homem podia casar-se com a viúva de um seu irmão, e até mesmo estava nessa obrigação, se seu irmão e aquela mulher não tivessem tido filhos. 6. *Atividades sexuais durante o período menstrual* eram proibidas, provavelmente por duas razões: primeira, as mulheres estão mais sujeitas à promiscuidade durante esse período por ser um tempo de esterilidade. Em segundo lugar, havia o sentimento que o sangue da menstruação era contaminador (Lev. 18:19; 20:18). O próprio marido era aconselhado a abster-se de relações com sua esposa menstruada, ou seria considerado ritualmente imundo pelo espaço de uma semana (Lev. 15:24).

e. *Desonra aos Pais.* Até mesmo os ataques verbais, como uma maldição, ou um ataque físico contra os pais, eram punidos com a morte do culpado (Êxo. 21:15,17). Além disso, um filho podia ser morto meramente por ser desobediente contumaz e preguiçoso, ou viciado em bebidas alcoólicas. Nesses casos, era responsabilidade dos pais apresentarem queixa diante do tribunal local (Deu. 21:18-21). Essa medida visava a impedir a propagação do mau exemplo, para que não se propagasse a atitude de desobediência entre os filhos.

f. *Seqüestro.* Usualmente, os casos de seqüestro envolviam o plano para vender a pessoa seqüestrada como escrava. Sem importar qual o plano envolvido, o culpado era punido com a execução capital (Êxo. 21:16; Deu. 24:7).

g. *Perjúrio e Processo Malicioso.* Se alguém mentisse em tribunal, a fim de prejudicar a outrem, e isso fosse descoberto, então o culpado sofria a mesma pena que fora imposta ao caluniado. Essa era a primeira lei do código de Hamurabi; mas ali era imposta automaticamente a pena de morte. A razão dessa severidade era impedir que os tribunais fossem manipulados para qualquer tipo de vantagem pessoal ou vingança (Deu. 19:19,20).

h. *Dano à Propriedade.* A substituição em espécie ou em dinheiro era exigida nesses casos (Êxo. 22:5; Lev. 24:18,21). Animais que escapassem de seus proprietários deveriam ser protegidos. Os buracos onde eles pudessem cair, teriam de ser tapados (Êxo. 21:33,34) . Mesmo no caso de propagação acidental de fogo, se passasse de uma propriedade para outra, com destruição das plantações, os prejuízos sofridos . tinham de ser compensados. Isso ensinava as pessoas a serem cuidadosas (Êxo. 22:6).

i. *Fianças Desonestas.* Se alguém entregasse algo como garantia, por algo que fora tomado por empréstimo, e a outra pessoa guardasse para si mesma o objeto penhorado, tinha de devolver em dobro (Êxo. 22:9). E se o caso envolvesse furto, digamos, de um

animal que tivesse sido deixado como penhor, então a pessoa culpada tinha de devolver o objeto ou animal furtado, e outro tanto, de acordo com o valor calculado (Êxo. 22:10,11).

j. *Opressão Social.* Viúvas, órfãos e estrangeiros eram vitimas de tratamento abusivo. Contra tais opressores era proferida uma maldição divina, como se o próprio Deus estivesse defendendo tais casos, a fim de que a justiça fosse servida (Êxo. 22:21-24). O povo de Israel precisava lembrar-se de que já sofrera a opressão no Egito, devendo respeitar aos menos privilegiados, que poderiam ser vítimas de exploração e opressão.

III. Sumário das Punições

1. *A Pena de Morte*

a. *Por apedrejamento.* As ofensas assim punidas eram o infanticídio *como* parte da adoração idólatra (Lev. 20:2-5); a adivinhação (Lev. 20:27); a blasfêmia (Lev. 24:15,16); a violação do sábado (Núm. 15:32-36); a idolatria e a adoração falsa (Deu. 17:2-7); a profecia falsa (Deu. 13:1-5); desobediência contumaz dos filhos (Deu. 21:18-21); e o adultério (Deu. 22:22,23).

b. *À espada.* Essa era a punição imposta aos assassinos (Núm. 35:19,21), aos idólatras (Deu. 13:15). e aos apóstatas (Êxo. 32:27).

c. Na fogueira. Era a punição imposta aos casos de incesto com uma mulher e sua mãe (Lev. 20:14), bem como a fornicação da parte da filha de um sacerdote (Lev. 21:9).

2. *A Mutilação*

Se em uma briga, a mulher de um deles injuriasse o órgão sexual masculino do outro homem, a mão dela seria decepada (Deu. 25: 12). A mutilação também era imposta aos que ferissem maliciosamente a outras pessoas (Êxo. 21:24,25). Em tais casos, os membros da família do ofensor não eram atingidos, o que também ocorria nas leis dos babilônios e assírios. O trecho de Deu. 24:16 anuncia o princípio de não retaliação contra os membros das famílias dos ofensores desses casos.

3. *Açoites*

Parece que não havia crimes especificamente associados à punição com açoites, exceto quando um marido acusasse falsamente sua esposa de ter tido experiências sexuais antes do casamento. Também presume-se que muitas ofensas secundárias podiam ser castigadas desse modo, por ordem de oficiais (Deu. 22:18; 25:1-3). A disciplina doméstica geralmente era efetuada desse modo.

4. *Aprisionamento*

No Egito, José foi sentenciado à prisão, mas, no começo da história de Israel, essa medida parece ter sido empregada somente para a detenção de pessoas que estavam aguardando julgamento. Posteriormente, temos o caso de Jeremias,—que foi lançado em uma masmorra, sob a acusação de traição (Jer. 37:15,16). Se o aprisionamento era uma punição ocasional, faltam-nos informações a respeito; mas a fato é que a legislação levítica nada diz a esse respeito.

5. *Multas*

A compensação pelo furto de algum objeto ou por alguma propriedade danificada, fazia-se por meios monetários ou pela substituição em espécie (Êxo. 22:1-4: Deu. 22:18,19). A lei sempre requeria a restauração de cem por cento, e, às vezes, de até quatrocentos por cento, dependendo do caso. Se um homem deflorasse uma virgem (não um caso de violação, que era punido com a pena capital), então o homem culpado tinha de pagar ao pai da jovem a quantia que geralmente correspondia ao dote pago (Deu. 22:29), a menos que o casal acabasse se casando (Êxo. 22:16).

6. *Escravização*

Um ladrão que não pudesse fazer devolução, era escravizado pelo espaço de seis anos, ou até que pudesse devolver aquilo que havia furtado (Êxo. 21:2). Era mister que ele juntasse a isso vinte por cento, se tivesse furtado um animal. A devolução do animal furtado e de um outro animal, como compensação, fazia parte da lei levítica. No caso de não poder devolver o animal furtado, então tinha de restaurar quatro animais (Êxo. 22:3). As pessoas que não pudessem saldar as suas dividas, também deveriam ser vendidas à servidão (II Reis 4:1; Nee. 5:5; Amós 2:6). Também havia a escravização voluntária, quando uma pessoa queria evitar a pressão econômica, mas sem qualquer vinculação a crime (Lev. 25:39 *ss).* (CLAR ND PRIT VA Z)

CRISOL

No hebraico a palavra é **matsreph,** «vaso de refinar», «crisol». Aparece somente por duas vezes, em Pro. 17:3 e 27:21.

O crisol era um vaso feito de cerâmica, capaz de resistir a temperaturas muito elevadas, usado para refino de metais como a prata e o ouro. O processo de refino simboliza os exames e juízos de Deus, que testam o coração humano, reconhecendo a verdadeira natureza de um indivíduo qualquer. O processo também se assemelha ao tipo de louvor que um homem recebe, e que serve de juiz de seu caráter. Ver *Acrisolar.*

CRISÓLITO

Trata-se de uma pedra preciosa transparente, amarela ou esverdeada. A palavra aparece somente em Apo. 21:20. No grego, o termo significa «pedra dourada». Mas o vocábulo grego tem sido variegadamente aplicado, também podendo significar o topázio (que vide). Ver Êxodo 28:17. A palavra também pode indicar o crisoberilo, o zircônio, a turmalina e a apatita, todas as quais têm um tom amarelado. Porém, a referência mais comum é mesmo ao topázio. A crisólita moderna consiste em silicato de magnésio, com alguns traços de ferro. Essa gema verde amarelada também é chamada olivina ou peridoto, embora esta não seja descrita como «dourada». No trecho de Apocalipse 21:20, essa pedra é mencionada como uma das gemas que adornarão os alicerces da Nova Jerusalém.

CRÍTICA ALTA

Este termo significa a *crítica bíblica* em todos o assuntos que vão além da *crítica textual.* Pode ser positiva ou negativa, o termo em si é *neutro.* Algumas pessoas usam a palavra *introdução* como um sinônimo. Questões como autoria, proveniência, integridade, data, problemas especiais de livros bíblicos fazem parte da *crítica alta.* A *crítica baixa* (que vide) é a critica textual. Ver o artigo geral sobre *Critica da Bíblia.*

CRÍTICA BAIXA

Esse é um outro nome dado à **Crítica Textual.** Ela é chamada «baixa» a fim de ser contrastada com a «alta», e não por ser inferior. A crítica textual examina os textos do ponto de vista dos manuscritos, com o propósito de restaurar o original mediante a comparação com os manuscritos existentes. A «alta crítica», por sua vez, estuda tudo quanto está fora da questão do texto, incluindo problemas como autoria, data, proveniência, destino, integridade, problemas especiais, etc. O artigo sobre *Manuscritos do Novo Testamento,* juntamente com informações sobre os mesmos, também expõe os princípios da crítica textual, sob os pontos quinto a oitavo.

CRÍTICA DA BÍBLIA

Esboço do Artigo

1. Definições e Funções
2. Esboço Histórico da Crítica da Bíblia
3. Evidência Positiva de Satya Sai Baba e dos Gigantes Espirituais
4. Crítica da Forma
5. Atividade Crítica
6. Crítica Textual
7. Conclusão e Avaliação.
8. Bibliografia

1. Definições e Funções

A expressão baixa **baixa crítica** é usada para designar a crítica textual.—A expressão **alta crítica** é usada para indicar o estudo

crítico da Bíblia que envolve qualquer coisa fora do próprio texto, como as questões de autoria, propósito, problemas lingüísticos, pano de fundo histórico, unidade, proveniência, datas, problemas especiais, etc. Essa expressão tem assumido um certo sentido negativo por causa dos abusos que têm estado associados a esse tipo de atividade. Porém, os estudiosos mais conservadores, que defendem a autoria mosaica do Pentateuco, praticam a alta crítica tanto quanto aquele que faz julgamentos negativos. Talvez um título melhor para a alta crítica seja «crítica literária», ao passo que a expressão «introdução» não é tão boa, porque o termo já é usado para indicar outro tipo de estudo.

A Função. Os princípios usados para aquilatação e exame de qualquer outra literatura são aplicados à Bíblia. Isso inclui a investigação histórica, a aplicação do que se conhece no tocante às características da transmissão de textos, estilos de caligrafia, escolas históricas de escribas, tipos de materiais usados em vários séculos, problemas lingüísticos, panos de fundo históricos que indicam datas, idéias que caracterizam períodos que influenciaram os autores, etc. Naturalmente, a crítica é absolutamente necessária, porquanto não pode haver verdadeira exegese de um texto bíblico sem a crítica. Entretanto, deveríamos resguardar-nos contra o ceticismo, que não é apenas o resultado, mas, algumas vezes, até mesmo a motivação por detrás das atividades de alguns críticos.

2. Esboço Histórico da Crítica da Bíblia

a. *Pano de Fundo.* Quando os saduceus rejeitaram todos os escritos do Antigo Testamento, excetuando o Pentateuco, estavam agindo como críticos da Bíblia. *Idem,* quando os fariseus aceitaram todos os trinta e nove livros da Bíblia. Quando a congregação judaica da dispersão julgou que deveria adicionar catorze outros livros (chamados apócrifos), estavam aplicando pelo menos alguns princípios comuns à crítica da Bíblia, a fim de justificar um cânon expandido. Quando os gnósticos, na época da Igreja primitiva, rejeitaram totalmente o Antigo Testamento, supondo que seu «deus» era uma divindade secundária e imperfeita, criador de nosso mundo imperfeito, também estavam aplicando princípios próprios da crítica da Bíblia. Porfírio (300 D.C.), discípulo de Plotino, em sua polêmica contra o cristianismo, usou a crítica textual da Bíblia como um de seus instrumentos. Ele via o livro de Daniel como composição muito mais recente do que realmente era, como se ele tivesse escrito história, e não profecia. (Ver o artigo sobre Porfírio).

A escola de Antioquia (não uma instituição, mas uma postura teológica), de 400 D.C., opunha-se à interpretação alegórica, que era comumente usada pelos pais alexandrinos da Igreja. Ambas essas escolas estavam aplicando princípios de crítica da Bíblia, embora produzindo resultados diferentes. A escola de Antioquia também aplicava considerações gramático-históricas em seus estudos, método esse que figura entre os métodos usados na crítica da Bíblia (ver os artigos sobre essas duas escolas). Ver sobre *o método alegórico* de interpretação. Portanto, nessas antigas atividades, encontramos os primórdios da crítica da Bíblia. Porém, tal tipo de atividade, de forma organizada como uma metodologia, pertence à história relativamente recente.

b. A *Reforma.* Quando da compilação do *Textus Receptus* por Erasmo, contemporâneo de Lutero, no começo do século XVI, encontramos os verdadeiros primórdios da crítica textual ou baixa crítica. Não tardou para que se patenteasse que os manuscritos por ele usados eram de qualidade inferior, embora muito tempo se passasse até que o texto do Novo Testamento chegasse ao estado purificado em que se encontra hoje. Ver o artigo sobre os *Manuscritos, Novo Testamento,* que inclui os princípios da crítica textual. Vários dos reformadores rejeitaram um ou mais dos livros do Novo Testamento, como indignos de ocuparem lugar no cânon. Assim, Lutero rejeitava a epístola de Tiago, por causa de sua posição contrária à justificação pela fé. E ele também considerava Judas e Apocalipse como livros de valor secundário, em relação ao resto do Novo Testamento. Calvino rejeitava o Apocalipse, não tendo comentado sobre o mesmo em todo o seu longo comentário do Novo Testamento. E também rejeitava a segunda epístola de Pedro. Ver o artigo sobre o *Cânon*, que fornece informações detalhadas sobre a questão. Em tudo isso vemos atividades próprias da crítica da Bíblia, não aplicadas de forma negativa, mas honestamente, por homens dotados de fé, que queriam um Novo Testamento o mais puro possível, embora suas conclusões reduzissem um tanto o cânon universalmente aceito em nossos dias.

c. Período Moderno. A crítica da Bíblia começou a florescer no século XVIII, contra um pano de fundo racionalista (ver o artigo sobre o *Racionalismo).* Havia então o desejo de dar maior relevância ao cristianismo, diante das tendências do pensamento contemporâneo. O racionalismo alemão tomou a posição que considerava suspeita toda e qualquer evidência, até que fosse provada válida. Essa abordagem não podia deixar de redundar em ceticismo.

O Antigo Testamento passou a ser rigorosamente examinado, algumas vezes sofrendo ataques da parte dos críticos. Houve o surgimento da hipótese de múltiplas fontes formativas do Pentateuco. Alguns supunham que Moisés utilizou-se de várias fontes, que ele reuniu (conforme dizia Jean Astruc, que postulava duas fontes), ao passo que outros afirmavam que Moisés nada tivera a ver com a autoria da coletânea do Pentateuco. A. Geddes e J.S. Vater (fins do século XVIII e começo do século XIX), viam várias fontes, e não apenas duas, o que acabou evoluindo para a famosa teoria JEDP (quatro fontes), de Hermann Hupfeld (1853), Karl Graf e Abraham Kuenen (1869), em vários estágios. Essa teoria supõe que havia uma fonte jeovista (J), uma fonte eleoimista (E), uma fonte deuteronômica (D) e uma fonte sacerdotal (P). Esses símbolos estariam baseados na incidência preferida do nome divino, por algum autor particular, ou então nos tipos específicos de materiais registrados (presumivelmente por diferentes autores). Essa questão é ventilada mais detalhadamente no artigo sobre Gênesis—que comenta individualmente sobre cada uma dessas fontes. O mesmo tipo de atividade foi aplicado ao livro de Isaías, aos Salmos, a Daniel e a outros livros do Antigo Testamento. Os artigos sobre esses livros oferecem-nos exemplos desses esforços da crítica da Bíblia. Ver sobre *J.E.D.P.(S.).*

Novo Testamento. Um dos primeiros problemas a serem abordados foi a questão das fontes informativas dos evangelhos sinópticos. Lachmann (1835) demonstrou que Marcos era o evangelho original, e que em seguida foi usado como uma das primeiras fontes de Mateus e Lucas. Isso desenvolveu-se na teoria dos quatro documentos, de B.B. Streeter (1874-1937), a saber: Marcos, Q, L e M. Ver o artigo sobre o *Problema Sinóptico,* quanto a detalhes sobre a questão.

Os Milagres. Thomas Woolson (falecido em 1731) supunha, sobre bases céticas, que os milagres de Jesus eram criações de pessoas supersticiosas, muito tempo depois da morte de Jesus. H. S. Reimarus (falecido em 1768), asseverou que as fabulosas narrativas sobre Jesus eram falsificações deliberadas, dos discípulos de Jesus, sobre aquilo que realmente se sucedeu. Fr. Schleiermacher (falecido em 1834), tentou preservar a posição cêntrica de Cristo, embora supondo que os evangelhos haviam sido artificialmente construídos, a partir de uma miscelânea de retalhos separados da tradição oral. A chamada *crítica da forma,* do século XX, emprega o conceito básico dessa teoria. D.F. Straus, em seu Lebem Jesu (1835) apresentou Jesus como um sábio judeu ideal, cujas memórias foram preservadas em meio a inúmeros adornos. Frederick Christian Baur (1792-1860) foi o fundador da Escola de Tubingen, tendo proposto uma primitiva *tese* judaica no tocante à vida de Jesus, encabeçada por Pedro, mas com uma subseqüente *antítese,* que procurou embelezar a biografia de Jesus, conferindo-lhe estatura divina, encabeçada por Paulo. E a *síntese* (segundo os moldes hegelianos) teria sido provida pelo evangelho de João, que para ele pertencia a uma data fantasticamente posterior, cerca de 170 D.C. Mas, um pequeno fragmento de papiro, P(52), do evangelho de João e pertencente ao começo do

século II D.C., destruiu a teoria. No entanto, Baur sentia que a história cristã primitiva precisava ser reescrita, a fim de desnudá-la de suas emendas apócrifas, bem como dos relatos exagerados de entusiastas, a fim de sabermos o que realmente aconteceu. Dessa forma, Baur distinguiu entre o Jesus histórico e o Jesus teológico. Interessante é observar que apesar da estrutura central de sua teoria (dialética hegeliana) ter sido abandonada pela maioria dos especialistas, sua oposição entre Pedro e Paulo tem persistido como noção de muitos estudiosos. W. Boosset (1892) e Adolf von Harnack (1899) opinavam que era mister eliminar quaisquer emendas supersticiosas e religiosas, a fim de se ficar apenas com o Jesus *histórico*. Segundo eles, Jesus seria um meio liberal eloqüente, que proclamava o evangelho da paternidade universal de Deus e a fraternidade universal dos homens. Porém, Johanne Weiss (1892) reagiu contra tão simplista modernização de Jesus, tendo sido secundado por Albert Schweitzer (nasceu em 1875), o qual insistiu em seu livro *Quest for the Historical Jesus* (1906), que Jesus era um crente apaixonado no iminente fim do mundo e no imediato estabelecimento do reino de Deus sobre a terra. Nisso, Jesus estaria equivocado, segundo Schweitzer supunha; porém, acreditaria em tais coisas.

É possível que a principal tendência da erudição liberal, a partir do ano de 1906, tenha sido aquela promovida por Rudolf Bultmann (nasceu em 1884). De acordo com essa tendência, precisamos demitizar os registros bíblicos a fim de chegarmos ao Jesus real. Mas a tentativa terminou em *ceticismo* quanto ao método, considerado fútil, visto que até os evangelhos sinópticos encerram declarações que promovem a deidade de Cristo. Não obstante, alguns estudiosos continuam fiéis ao método. Ver os artigos sobre *Bultmann* e a *Demitização,* quanto a detalhes sobre a questão. —A neoortodoxia de Karl Barth não foi outra coisa senão uma reação contra o extremo liberalismo alemão. O sistema de Karl Barth também faz parte da crítica da Bíblia. Ver o artigo separado sobre ele, quanto a detalhes.

3. Evidência Positiva de Satya Sai Baba e dos Gigantes Espirituais

Satya Sai Baba é um dos «homens santos» do hinduísmo, que, em nossos dias, está operando milagres feitos por Jesus, diante de testemunhas próximas e dignas de confiança. Ele tem criado matéria, tem ressuscitado os mortos e tem curado toda a variedade de enfermidades. Ele afirma ser uma reencarnação de Jesus, deixando os céticos admirados e consternados. Muitos se têm tornado discípulos seus instantâneos e fiéis, porquanto aquilo que ele faz é espantoso e inacreditável. Não quero entrar no mérito de suas reivindicações, mas apenas mencionar suas atividades. O artigo a seu respeito entra em maiores detalhes. Seja como for, suas obras demonstram claramente que negar aquilo que Jesus realizou equivale a não reconhecer o que realmente sucede nas vidas humanas, através do poder de gigantes espirituais. Ver o artigo sobre *Sathya Sai Baba.*

Há grandes maravilhas neste mundo; há milagres; há ocorrências admiráveis, realizadas por pessoas incrivelmente poderosas. Portanto, os evangelhos em nada exageram, mas chegam mesmo a subestimar modestamente o que Jesus realizou e quem ele, na verdade, foi neste mundo. Seremos apenas uns insensatos se permitirmos que nossos preconceitos a priori, como o ceticismo, governem a nossa maneira de pensar acerca da espiritualidade e suas potencialidades. Satya Sai Baba é apenas um homem santo, um poderoso homem espiritual. E há muitos outros, maiores e menores. As experiências religiosas fecham as portas diante do ceticismo e abrem-nas para a fé. Não obstante, a alta crítica tem trazido à tona muitos problemas que precisam ser examinados, tendo destacado muitas verdades que antes eram ignoradas. Porém, o que quero salientar neste parágrafo é que o *descobrimento* de várias fontes informativas, incorporadas em um livro, ou informes que modificam nossas idéias sobre autoria, influências históricas sobre as idéias (pois nada se desenvolve no vácuo), etc., pouco ou nada têm a ver com a mensagem espiritual em geral. Essa mensagem caracteriza-se pelo poder, pela redenção, pela restauração, estando envolvida em um imenso otimismo.—Não devemos permitir que o ceticismo venha sombrear essa mensagem.—O arcabouço literário, através do qual a mensagem espiritual é transmitida, pode envolver e realmente envolve muitos problemas, mas isso não é suficiente para obscurecer a *Luz* que nos foi enviada, a despeito dos defeitos dos homens e de seus livros!

4. Crítica da Forma

Crítica da Forma é um método de pesquisa que surgiu na Alemanha, a partir de 1919, quando Martin Dibelius (ver o artigo) publicou sua obra *From Tradition to Gospel.* O método havia sido antecipado por outros, como Johannes Weiss (ver o artigo) e Hermann Gunkel (ver o artigo). A crítica da forma é uma tentativa para recuperar as *unidades* da tradição oral que circulavam antes dos evangelhos serem escritos. Segundo são concebidas, essas unidades incluiriam antigas *narrativas,* como o relato da paixão, parábolas, declarações ou ensinos, *relatos de milagres* e *lendas.* Tudo estaria baseado em graus variegados de verdade, de mistura com a ficção. Alguns intérpretes também lançaram-se à tarefa de distinguir níveis dentro dessas supostas unidades, como o material judaico primitivo e o material helenista posterior. Supõe-se que os evangelhos resultaram de um tipo de recolhimento de fragmentos, em que as peças foram sendo ajustadas umas às outras, algumas vezes habilidosamente, e outras vezes, de forma crua. Alguns supõem que essas tradições foram essencialmente *preservadas* pela Igreja; mas outros pensam que os cristãos inventaram a maioria dessas tradições. Seja como for, a tradição concentrada nos evangelhos seria uma espécie de esforço comunitário, e não de iniciativa particular. Isso significa que haveria uma certa canonização de material, desde o começo.

Essa teoria, apesar de conter elementos de verdade, também tem seus exageros. Marcos, o evangelho original, certamente parece haver sido escrito apressadamente, para narrar uma história que todos já conheciam; e não por alguém que agisse como redator alinhavando pedaços provenientes de muitas fontes. Nota-se ali um senso de urgência, com base em narrativas de testemunhas oculares, o que é embotado por uma exagerada critica da forma. Ver o artigo separado sobre o assunto, onde há mais detalhes.

5. Atividade dos Críticos

Qualquer estudo introdutório a algum livro da Bíblia naturalmente incluirá várias formas de crítica. Essa é uma atividade necessária, tornando-se prejudicial somente quando guiada pelo ceticismo, que busca encontrar erros e embotar a verdade, em vez de lançar luz sobre ela. As introduções aos livros da Bíblia, nesta Enciclopédia, geralmente incluem uma discussão sobre aspectos como autoria, proveniência, unidade e integridade, variantes no texto grego, problemas difíceis e especiais, data, destinatários, propósitos, etc. O leitor, no tocante à introdução a qualquer livro das Escrituras, poderá perceber a mão da crítica plenamente ilustrada, nessas introduções.

6. Critica Textual

Crítica Textual, é também chamada «baixa crítica». Quanto a esse assunto, ver o artigo separado sobre os *Manuscritos, Antigo* e *Novo Testamentos,* onde, juntamente com informações gerais, são discutidos os princípios básicos da critica textual. Quanto ao Novo Testamento, ver especificamente o ponto sexto, *Princípios da Restauração do Texto,* que inclui os tipos de texto e os testemunhos que lhes dizem respeito; o ponto sétimo, *Ilustrações* de como as formas corretas são escolhidas, quando há variantes no texto; e o ponto oitavo, *Esboço Histórico da Crítica Textual do Novo Testamento.* A critica textual do Antigo Testamento está incluída no artigo sobre os Manuscritos, no tocante àquele documento.

7. Conclusão e Avaliação

a. A crítica, por si mesma, é uma atividade absolutamente necessária para o nosso conhecimento da Bíblia, e muitos resultados posi-

tivos têm resultado de todas as diversas modalidades de critica que temos ventilado.

b. Já passou a época em que se podia usar a Bíblia como uma espécie de entidade mágica. Não nos devemos tornar culpados nem de *bibliomancia* (ver o artigo)—e nem de *bibliolatria* (que vide).—Nada teríamos a ganhar se encorajássemos o erro piedoso, só para satisfazer a pessoas que gostam de respostas simples. Se há algo que caracteriza a verdade das coisas é que a verdade não é simples. Nela está envolvida a tremendamente complexa mente divina, com o resultado que parecemos um bando de símios pendurados nas árvores, quando nos pomos a examinar a Mente de Deus, tão acima está ela de nós. Portanto, quando Deus permitiu que algo de sua mente transparecesse em um livro, não deveríamos pensar que é fácil compreender tudo quanto ele diz ali.

c. Além disso, é ridículo ignorar o *lado humano* da Bíblia. Para exemplificar, há muitos erros gramaticais no grego do Novo Testamento. Nesse documento a linguagem foi expressa em diversos níveis de qualidade, desde o grego quase clássico da epístola aos Hebreus, até o grego de rua, com todos os seus vícios, do evangelho de Marcos. Além disso, há o grego como segundo idioma, no Apocalipse, cujo autor pensava em aramaico e imitava a gramática aramaica no grego por ele produzida, com os resultantes erros gramaticais. Haveríamos de explicar isso, dizendo que o Espírito Santo é um mau gramático?

d. Além disso, existem diversos *níveis de revelação.* Encontramos trechos místicos, de autêntico êxtase, nos escritos de Paulo, como porções do oitavo capítulo de Romanos, do décimo terceiro capítulo de I Coríntios, do segundo capítulo de Filipenses e do primeiro capítulo de Efésios. Pode-se contrastar isso com o tratado didático da epistola de Tiago, com seu judaísmo quase puro, em que a luz cristã só rebrilha aqui e acolá. Em Tiago encontramos o tipo de ensino que se poderia ouvir nas sinagogas, em qualquer sábado. Há ali grandes verdades, mas não empapadas na típica revelação cristã. É ridículo tentar harmonizar o que Tiago diz com os avançados conceitos de Paulo. Tiago continuava promovendo conceitos judaicos, que estavam começando a mesclar-se com os conceitos cristãos. A crítica destaca coisas assim, forçando-nos a relacionar as atitudes expressas por Tiago à divisão da Igreja primitiva em torno do legalismo, conforme se vê no décimo quinto capítulo de Atos, levando-nos a concluir que esse livro surgiu em meio àquela controvérsia, como representante do espírito antipaulino, de certos segmentos da Igreja primitiva, que ainda eram mais judaicos do que cristãos. Mas, os harmonizadores, buscando conforto mental, insistem em reconciliar Tiago e Paulo. Mas isso é anti-histórico e antidoutrinário. Não precisamos de tal esquema para fortalecer-nos a fé.

e. Outrossim, sem dúvida há vários *tipos* de fontes informativas dos evangelhos. Torna-se óbvio que as declarações ali constantes nem sempre foram ditas dentro das associações em que são postas. Com isso quero dizer que, nos evangelhos, há declarações postas dentro de certos acontecimentos históricos com os quais não estavam originalmente vinculados. Assim, no evangelho de Mateus, há vários grandes blocos de declarações de Jesus, como as bem-aventuranças, o sermão da montanha e as parábolas do reino que são óbvios *sumários,* provavelmente de muitas declarações de Jesus, que não foram proferidos em uma *única* ocasião, conforme aquele evangelho dá a entender. Isso é facilmente provado mediante a simples comparação do material de Mateus e Lucas, por exemplo, que aparece dentro de diferentes engastes históricos. Acresça-se a isso que a ordem dos acontecimentos nem sempre é a mesma em um e em outro evangelho. Tenho ilustrado isso abundantemente em meus artigos, apresentados nesta Enciclopédia, sobre o *Problema Sinóptico* e a *Historicidade dos Evangelhos.* Ver o item especifico décimo segundo: *O que não significa a historicidade,* dentro do artigo sobre esse assunto.

f. Há problemas reais que envolvem pontos como *unidade* e *integridade* da Bíblia. As epístolas de I e II Coríntios representam uma correspondência entre Paulo e os crentes de Corinto, e não apenas duas epístolas, pois poderiam envolver nada menos que quatro epistolas diversas. É bem possível que a epístola aos Romanos, segundo a conhecemos, inclua material que, originalmente, não fazia parte da mesma. Falamos especificamente sobre o décimo sexto capítulo, que parece ser uma curta epístola aos crentes de Éfeso, e que terminou sendo agregada à epístola aos Romanos, onde se tornou seu capítulo dezesseis. Com freqüência, quando tratamos de tais problemas, não podemos fornecer informações mais precisas, o que se dá sobretudo com certos livros do Antigo Testamento, que quase certamente incorporam blocos de material reunidos por compiladores, uma atividade perfeitamente normal em todas as produções literárias.

g. E, continuando somente a fornecer exemplos de alguns tipos de problemas textuais, finalmente podemos discernir *níveis e diferenças de doutrina,* dentro do próprio Novo Testamento, e não meramente quando são contrastados o Antigo e o Novo Testamentos. Todos admitem que o Novo Testamento é doutrinariamente mais avançado do que o A. Nesse caso, por qual motivo certas porções do Novo Testamento não seriam doutrinariamente mais evoluídas do que outras porções do mesmo Novo Testamento? Os evangelhos refletem a doutrina cristã segundo o nível a que ela chegara até o fim do ministério de Jesus. Mas ele afirmou: «Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade...» (João 16:12,13). Já falei sobre a exemplo de Tiago, cujos conceitos foram ultrapassados pela revelação paulina. Além disso, consideremos os *mistérios* referidos por Paulo. Um mistério é uma verdade recém-revelada, que não fora revelada antes. Se já fosse conhecida, não seria um mistério. Portanto, de cada vez em que Paulo diz: «Eis que vos digo um mistério», era como se ele estivesse dizendo: «Eis uma nova verdade, que só agora está sendo revelada». E então Paulo nos leva a verdades acima de verdades ensinadas em outras porções do Novo Testamento, que outros autores sagrados desconheciam até então. Assim, no primeiro capítulo de Efésios, quando Paulo fala sobre «o mistério da vontade de Deus», ele nos dá um vislumbre do que Deus finalmente tenciona fazer em prol da humanidade, que ultrapassa a antiga doutrina de juízo, refletida em várias porções do Novo Testamento. Ora, essa intenção divina final é muito mais otimista, no tocante ao destino humano, do que transparece em outras porções do Novo Testamento. Ver o artigo sobre a *Restauração,* que demonstra isso.

Por outra parte, se mantivermos a atitude que o Novo Testamento é perfeitamente homogêneo em sua exposição de doutrinas, então essa verdade ficará oculta, para nosso próprio detrimento. Por igual modo, quando Pedro afiança que o evangelho foi pregado a mortos (I Ped. 4:6), quando Cristo desceu ao hades, entre sua morte e ressurreição (I Ped. 3:18 *ss),* ele aumenta e amplia a nossa esperança, demonstrando que Cristo *pode atingir os homens em todos os lugares,* incluindo no lugar mesmo do juízo. Mas, se eu vier a supor que Pedro não podia ter conhecimento de algo sobre o que os demais autores sagrados nada comentaram, então perderei uma preciosa verdade ensinada na Bíblia. No entanto, Paulo revela-nos que a descida de Cristo ao hades teve o mesmo propósito que sua subida dali, ou seja, tornar-se tudo para todos (Efé. 4:8 ss). O Senhor chegará a «preencher a tudo», tornando-se assim tudo para todos, a própria *essência de toda a existência,* bem como sua origem, propósito e alvo. Mas, se eu aferrar-me exclusivamente a Hebreus 9:27, que proclama que a oportunidade de salvação termina por ocasião da morte biológia, terei deixado de entender que algumas porções do Novo Testamento ultrapassam a outras em profundidade, oferecendo-nos novas verdades, e das mais preciosas.

Sabendo que esses informes bíblicos mais profundos são complementares, e não contraditórios com o que o resto da Bíblia nos ensina, isso não enfraquece a nossa fé nos ensinamentos bíblicos, antes, enriquece o nosso entendimento sobre o plano de Deus.

Paulo não cessava de orar por seus convertidos, no sentido de que recebessem «...espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos» (Efé. 1:17,18). Mesmo que não saibamos colocar todos os ensinos em sua exata seqüência ou ordem de importância, isso é melhor do que eliminar de nosso sistema de doutrinas alguns dos ensinamentos mais profundos da Bíblia, somente porque não se encaixam dentro de nossa limitada compreensão.

Aspectos positivos e bons da crítica . Devo dizer que a crítica da Bíblia pode ser positiva e boa. Com a sua ajuda, posso ter uma atitude mais otimista e uma maior confiança na missão de Cristo. Todavia, sou contrário ao uso negativo da crítica que só tenciona destruir e negar. A verdade é que alguns críticos partem da intenção de destruir a fé, por causa de alguma distorção psicológica que os leva a destruir em vez de edificar. Alguns deles parecem indignados diante da Igreja cristã e seus ensinos. Outros sentem-se insatisfeitos com o próprio cristianismo. Certo crítico alemão chegou ao extremo de negar a *existência* de Jesus, dizendo que a Igreja foi que *O* inventou!

Todas essas atividades baseadas no negativismo devem ser ignoradas por nós, porquanto não produzirão coisa alguma de proveitoso. Porém, os esforços honestos para melhorar o nosso conhecimento das realidades divinas, mesmo quando nos parecem bizarras, com freqüência produzem *alguns* resultados positivos, capazes de fomentar nosso conhecimento da Bíblia. Também sinto-me na obrigação de dizer que alguns evangélicos muito conservadores fazem parecer importantes para a fé aquilo que, realmente, não tem importância. Conversei com certo homem que nada sabia sobre o idioma grego, em que foi escrito o Novo Testamento, mas que dizia ter a *certeza* de que não podia haver erros gramaticais no texto, porquanto ele tinha a *certeza* de que a Bíblia não pode conter erros de qualquer espécie! Essa *certeza,* baseada na ignorância, de modo algum é louvável. É triste quando a fé de uma pessoa repousa sobre questões triviais como boa ou má gramática. E ainda é mais lamentável quando o conforto mental de alguém é preservado pela ignorância proposital.

A verdade de Deus nunca fica estagnada, e nem nos é perfeitamente revelada neste lado da existência. Ela chega até nós gradualmente, e de várias maneiras. Descobrir a verdade é uma aventura excitante, pois precisamos investigá-la sob muitos ângulos diversos. Também tenho observado que quanto mais sábios nos tornamos, mais otimistas ficamos, e mais respeitamos e confiamos na missão do Logos, Jesus Cristo. Não precisamos de um arcabouço literário perfeito para dispormos de uma boa apreciação da grandeza do plano divino em favor dos homens. Há uma profunda verdade naquela declaração que diz: «Precisamos de mais fé, e de menos crença». É mediante essa fé mais profunda que nosso espírito avança para mais perto de Deus. E, à medida .que avançamos, mais percebemos e desejamos a sua luz.

8. *Bibliografia.* AM BUL E GRAN GT GU HAH ID NTI ME MO PF TEN YA YO Z

A Ti, Alma Eterna, seja louvor!
Quem, de dias antigos, até nossos,
Através das almas de santos e profetas, Senhor,
Tem mandado tua Luz, teu Amor,
_ Tua Palavra _

CRÍTICA DE FORMA

Ver o artigo sobre **Crítica da Bíblia,** quarto ponto.

CRÍTICA DE TEXTO

Ver sobre os **Manuscritos Bíblicos.**

CRÍTICA HISTÓRICA

Ver o artigo geral sobre **Crítica da Bíblia.**

CRÍTICA LITERÁRIA

Ver **Crítica da Bíblia.**

CROCODILO

Essa palavra não é usada em muitas traduções, embora muitos pensem que a palavra esteja em foco em Jó 41:1, onde o original hebraico diz *leviatã* (embora nossa versão portuguesa diga ali «crocodilo», talvez seguindo a *Revised Standard* Version, em inglês). É provável que esteja em foco o crocodiio do rio Nilo. Que esse animal está em foco é deduzido com base nos hábitos mencionados, como o fato de que é difícil de ser morto, que seu couro é duro e quase impenetrável, Que suas costas contam com escamas, que ele faz o fundo do rio borbulhar como uma panela que ferve, etc., coisas essas que aparecem em Jó 41:7,13,15,26 e 31. Na antiguidade, esse animal era encontrado em toda a extensão do rio Nilo. Mas a caça ao mesmo reduziu em muito a área de seu habitat. Outras regiões, conhecidas pelo povo de Israel, também dispunham de crocodilos. Por essa razão, antes e depois do êxodo, os israelitas tinham consciência da existência deles. Alguns supõem que o «crocodilo» também esteja em foco no trecho de Eze. 29:3 *ss.* (o que é refletido em nossa versão portuguesa). Mas outros estudiosos preferem pensar no «dragão», uma figura simbólica de Faraó. Em Levítico 11:39 algumas traduções dizem «crocodilo da terra» (o que também se dá com a nossa versão portuguesa). De acordo com as leis levíticas, os répteis eram imundos, impróprios para o consumo humano. O crocodilo pode ser chamado de «grande lagarto», não sendo franqueado à alimentação humana. As dimensões médias do crocodilo, no Oriente Próximo, em nossos dias, são menores que na antiguidade; porém, mesmo na atualidade podem atingir cinco metros, pesando uma tonelada. Esse réptil é carnívoro, alimentando-se de insetos e de toda a espécie de presas. Algumas vezes, tornam-se comedores de seres humanos.

CRÔNICAS DOS VIDENTES

Algumas traduções, como a nossa versão portuguesa, dizem em II Crônicas 33:19, em vez dessa expressão, «história escrita por Hozai». Está em pauta algum livro ou registro, onde ficaram registrados por escrito a oração de Manassés, a sua pecaminosidade e os seus atos de impiedade. Contudo, a palavra «Hozai», poderia ser um nome próprio, referindo-se ao autor do livro antigo que continha essas crônicas, da mesma forma que Isaías registrou os atos e as obras de Ezequias (II Crô. 32:32). Outros estudiosos preferem entender «Hozai» como «videntes». Nesse caso, estariam em foco os profetas que estiveram envolvidos no reinado de Manassés, em várias ocupações.

CRÔNICAS, LIVROS DE

Esboço:

I. Declaração Geral
II. Título
III. Autoria
IV. Data
V. Autenticidade Histórica
VI. Fontes Informativas Literárias
VII. Motivos e Propósitos
VIII. Filosofia e Teologia
IX. Canonicidade
X. Alguns Problemas
XI. Conteúdo
XII. Bibliografia

I. Declaração Geral

I e II Crônicas são livros históricos do Antigo Testamento, contidos na terceira e última divisão do cânon hebraico, *os Escritos e os Hagiógrafos.* Originalmente, esses livros formavam um único volume. Eles narram desde Adão até Ciro (538 A.C.), dando atenção especial a Davi e aos reis subseqüentes de Judá. Essas obras têm sinais de ser uma revisão de livros anteriores e canônicos do Antigo Testa-

mento, sobretudo com base em I e II Samuel e I e II Reis, de acordo com os interesses e idéias do autor. O autor exibe interesse especial pelo templo de Jerusalém, com sua adoração e ritos. Também demonstra interesse especial pela doutrina da retribuição divina. A tradição judaica atribui a obra desses dois livros a Esdras; mas muitos eruditos modernos supõem que eles pertençam a um período posterior, isto é, à primeira metade do século III A.C., do mesmo autor que escreveu os livros de Esdras e Neemias. Se Esdras viveu na primeira metade do século IV A.C., entretanto, não é impossível que ele tivesse sido, realmente, o autor sagrado. Além dos livros canônicos históricos (Gênesis a II Reis), parece que outras fontes também foram usadas. O valor especial dos livros de Crônicas reside nas explicações e avaliações feitas pelo autor sagrado acerca das idéias e instituições do judaísmo de sua época. Alguns estudiosos supõem que esses livros sejam escritos suplementares no espírito dos escritos sacerdotais, *P.(S.)*, embora representem um estágio posterior. Ver o artigo sobre as fontes informativas do *Pentateuco*.

II. Título

O título "Crônicas" foi usado pela primeira vez já nos fins do século IV D.C., em seu equivalente latino, por Jerônimo. A LXX, a versão grega do Antigo Testamento compilada no século II A.C., emprega o nome *Paralipomena,* que significa "coisas omitidas", a saber, omitidas de outros livros do Antigo Testamento, e que o autor sagrado desejava suprir. O nome hebraico desses livros é *Dibre Hayamim,* que significa "anais" ou "história". Nas Bíblias grega e latina e na maioria dos idiomas hebraicos, os livros de Crônicas aparecem entre os livros de Reis e de Esdras, ou entre os livros de Esdras e Neemias. Porém, na Bíblia hebraica, aparecem no fim dessa coletânea. Originalmente, eles formaram um único volume. A divisão retrocede à LXX, o que não foi adotado na Bíblia hebraica senão já na Idade Média. Entretanto, não há evidência de que, originalmente, os livros de Crônicas e Esdras-Neemias formavam um único volume.

III. Autoria

A tradição judaica atribui os livros de Crônicas a Esdras, o escriba que é personagem nos livros de Esdras e Neemias (Esd. 7.6). A tradição talmúdica (Baba Bathra 15a) confirma essa opinião. O trecho de II Macabeus 2.13-15 indica que Neemias reuniu uma extensa biblioteca, a qual provavelmente esteve à disposição de Esdras, para ser usada como fonte informativa. O relato de Esdras-Neemias cobre aproximadamente o primeiro século do estado judeu restaurado, após o retorno do exílio babilônico em 539 A.C., aludindo, principalmente, às atividades de Esdras e Neemias, após uma breve narrativa sobre o retorno dos judeus e a reconstrução do templo de Jerusalém. É bem provável que Esdras tenha sido o autor de ambos os livros. Também é possível que ele tenha sentido que um relato atualizado da história de Israel seria útil para conscientizar a sua geração sobre a importância do templo e da tradição judaica em geral. Os livros de Crônicas, segundo parece, resultam desse desejo. O elo entre o final dos livros de Crônicas e o começo do livro de Esdras, bem como a similaridade de ponto de vista desses livros, sugere que eles formam uma unidade. E isso, por sua vez, sugere uma autoria única. Adições de natureza histórica, muito tardias para Esdras, podem ser explicadas como obra de escribas posteriores, que atualizaram os livros. Assim, nas genealogias, em I Crô. 3.19-25, os nomes dos descendentes de Zorobabel, até a sexta geração (na LXX, até a décima primeira geração), e a lista dos sumos sacerdotes, em Nee. 12.22, continuam até Jadua, que, conforme Josefo explica, viveu na época de Alexandre, o Grande, tendo falecido em 333 A.C., o que ultrapassa a época de Esdras, pelo que deve representar essas adições às quais acabamos de nos referir. Em favor da autoria de Esdras temos igualmente o fato de que nenhum dentre os demais nomes sugeridos adapta-se tão bem aos fatos, como um todo, como o nome de Esdras.

IV. Data

Esdras retornou a Jerusalém em 457 A.C. O templo de Jerusalém foi reconstruído em 520-515 A.C., mas a lassidão geral prevalecia no tocante à observância apropriada das instituições judaicas. Portanto, Esdras anelava por melhorar a situação. Neemias retornou à Palestina em 444 A.C., e novamente, em 432 A.C., como governador do novel estado judaico, provendo a liderança necessária no tocante à reconstrução das muralhas da cidade. Provavelmente, foi durante esse período de ajustamento e reorientação que Esdras escreveu os dois livros de Crônicas. O arqueólogo W.F. Albright defendeu a autoria de Esdras, datando a escrita desses livros entre 400 e 305 A.C. Porém, alguns estudiosos pensam em uma data tão tardia quanto 250 A.C., supondo que escribas posteriores tivessem feito uma compilação, incluindo algum material que obviamente dizia respeito a um período posterior ao de Esdras. No entanto, esse material pode ser justificado como adições feitas por escribas posteriores, com o intuito de atualizar a obra.

V. Autenticidade Histórica

O autor sagrado aventura-se a incluir material ainda não contido nos livros canônicos anteriores do Antigo Testamento. Os críticos têm posto em dúvida a historicidade desse material adicional. Todavia, W.F. Albright dá-nos a seguinte garantia: "Os livros de Crônicas contêm grande quantidade de material que aborda a história de Judá, e não se encontra nos livros dos Reis e... o valor histórico desse material original está sendo confirmado pelas descobertas arqueológicas" *(Bulletin Am. School of Oriental Research* 100, 1945, pág. 18). É verdade que o autor sagrado usou muitas fontes informativas (ver o ponto sexto, abaixo), mas parece que ele se mostrou cuidadoso na seleção que fez. Acresça-se a isso que é bom lembrar que os hebreus eram muito sensíveis à história, e pelo menos desde 1000 A.C. em diante os relatos apresentados por ele têm sido achados bastante exatos.

VI. Fontes Informativas Literárias

O próprio autor sagrado refere-se a vários escritos que contêm novas informações sobre a história de Israel; e, apesar de não afirmar especificamente que se utilizou deles, é isso o que se pode deduzir. Os livros de Crônicas distinguem-se por serem as obras do Antigo Testamento que mais alusões fazem a fontes externas aos livros sagrados.

Muitas dessas fontes informativas estão agora perdidas.

As Fontes Informativas:

1. *Registros oficiais,* talvez existentes na biblioteca de Neemias, incluindo outros livros do Antigo Testamento:
   a. A história do Rei Davi (I Crô. 27.24).
   b. Os livros canônicos dos reis (II Crô. 16.11; 25.26; 27.7; 28.26; 32.27; 35.27 e 36.8).
   c. O livro da história dos reis (II Crô. 24.27).
   d. A prescrição de Davi, rei de Israel, e a de Salomão, seu filho (II Crô. 35.4).
2. *Escritos e registros proféticos:*
   a. Samuel (I Crô. 29.29).
   b. Natã (I Crô. 29.29 e II Crô. 9.29).
   c. Gade (I Crô. 21.9).
   d. Ido (II Crô. 9.29; 12.15 e 13.22).
   e. Aías (II Crô. 9.29).
   f. Semaías (II Crô. 20.34).
   g. Jeú, filho de Hanani (II Crô. 12.15).
   h. Isaías (II Crô. 26.22; 32.32).
   i. Hozai (II Crô. 33.19).
3. *Diversas outras fontes.* Listas genealógicas e documentos oficiais (II Crô. 32.10-15); as cartas de Senaqueribe (II Crô. 32.10-15); as palavras de Asafe e Davi (II Crô. 29.30); o documento com planos para a construção do templo de Jerusalém (I Crô. 28.19). Essas fontes informativas não são, necessariamente, todas elas, documentos separados. Além dos escritos canônicos do Antigo Testamento, que contêm a essência da mensagem dos profetas, também há um número regular de escritos que lhes são semelhantes, mas nunca fizeram parte do cânon do Antigo Testamento.

VII. Motivos e Propósitos

Esdras já vinha atuando ativamente em Jerusalém, como mestre da lei, por mais de uma década, antes que Neemias chegasse como

governador, em 444 A.C. A obra de Neemias renovou os interesses espirituais do povo judeu, o que pode ter sido aproveitado por Esdras como a ocasião apropriada para reforçar esse avanço, pondo em dia os escritos históricos de Israel. Se o povo judeu adquirisse maior orgulho a respeito de sua história e de suas tradições religiosas, sentir-se-ia mais fortalecido em uma época de renovação. Alianças foram renovadas, festas religiosas foram celebradas (Nee. 8—10). O livro não declara especificamente o seu propósito; mas, com base em seu conteúdo, podemos obter uma boa idéia sobre ele. O autor sagrado não queria meramente repetir a história. Ele não apresentou fatos, deixando de mencionar muitos deles. Porém, por trás dessa sua nova narração da história, ele tinha certo propósito teológico e filosófico. Por exemplo, ao descrever o reinado de Davi, ele demonstrou a supremacia militar e os interesses religiosos desse grande rei de Israel. Relatou, com abundância de detalhes, as coisas que Davi realizou, como se estivesse dizendo obviamente ao povo: "É chegado o tempo de restaurar as coisas, em consonância com o estilo davídico". Ele retratou Salomão sob luzes favoráveis, visto que foi Salomão quem construiu o templo de Jerusalém. Sem dúvida é significativo que a apostasia de Salomão, tão cuidadosamente delineada no décimo primeiro capítulo de I Reis, seja inteiramente omitida nas Crônicas. É que o autor sagrado queria projetar um exemplo positivo, que pudesse ser seguido; e ele não queria obscurecer esse ponto, narrando os aspectos negativos do relato. E o autor sagrado usou do mesmo esquema ao relatar os atos de outros reis. As virtudes deles foram enfatizadas, para que pudessem servir de bons exemplos.

VIII. Filosofia e Teologia

A fim de transmitir a sua mensagem, o autor sagrado teve a inspiração de apresentar pontos de vista e propósitos específicos. Ele tinha uma filosofia a comunicar.

a. A *lei da colheita segundo a semeadura.* Deus ocupa-se da retribuição, de uma maneira ativa. A história não é algo que meramente acontece. Há uma reconhecida relação entre causas e efeitos, e essas causas e efeitos estão baseadas em condições morais. O vigésimo primeiro capítulo de II Reis, que é a base de II Crônicas 33, diz muita coisa má a respeito de Manassés. Porém, nas mãos do autor sagrado dos livros de Crônicas, esses atos errados não foram relatados, porquanto isso seria incompatível com o longo e pacífico reinado de Manassés. E o autor também teve o cuidado de narrar o exílio e o arrependimento de Manassés, mostrando como ele retornou a Israel a fim de levar uma vida caracterizada pela piedade (II Crô. 33.11-13).

b. A *questão da autoridade.* A fim de que a vontade de Deus seja cumprida entre o povo, é mister que haja uma autoridade apropriada, estabelecida entre os homens, com líderes legítimos. Os primeiros 405 versículos dos livros de Crônicas enfatizam esse tema.

c. *O davidismo.* Davi é o grande herói que o autor sagrado pintou com cores brilhantes, a fim de que pudesse ser o grande exemplo heróico para o povo judeu seguir. As questões éticas sempre foram importantes. O autor sagrado diz que Davi traçou planos cuidadosos para a construção do templo, algo que não é revelado em outras fontes informativas. No entanto, isso era importante para o propósito do autor sagrado. Ele precisava de exemplos claros sobre o uso apropriado do templo e de seus rituais. Davi e Salomão servem de exemplo sobre a preocupação apropriada a respeito dessas coisas. Precisamos estar interessados em cumprir a vontade de Deus.

d. *Uma ênfase exclusiva.* Os lances mais antigos do Antigo Testamento, como a história dos patriarcas, o êxodo, a conquista da Palestina etc., quase não são mencionados. Isso se harmoniza com o propósito do autor sagrado de salientar o templo de Jerusalém. Por essa razão, a sua narrativa não é proporcional, e, quanto a esse aspecto, deixou de ser história, para tornar-se muito mais uma crônica. Poderíamos chamar essa narrativa de história *selecionada,* compilada para servir a um propósito religioso e prático. Alguns eruditos fazem objeção a essa distorção, acusando o autor sagrado de ter reescrito a história. Porém, parece melhor supormos que essa porção do livro não tivesse o propósito específico de ser história, no seu sentido comum. Há porções dos livros de Crônicas que são mais tratados religiosos, baseados historicamente .

IX. Canonicidade

Desde que se completou o cânon do Antigo Testamento ou Bíblia hebraica, os livros de Crônicas foram adicionados. Esses livros foram incluídos por Josefo dentro dos vinte e dois livros em que consistia o cânon hebreu. Mas então a arrumação dos livros era outra, e esse número correspondia aos nossos mesmos trinta e nove livros. Segundo se pode depreender de seus escritos, parece que Josefo acreditava que o cânon do Antigo Testamento se havia completado por volta de 400 A.C. Os livros de Crônicas ficavam dentro da classe dos *Escritos,* a terceira divisão do cânon hebraico. Aparecem em último lugar dentro da coletânea da Bíblia hebraica original; mas isso parece estar de acordo com um arranjo histórico, não servindo de indicação de prioridade canônica. Quanto a maiores detalhes sobre a questão, ver no *Dicionário* o artigo sobre o *Cânon do Antigo Testamento.*

X. Alguns Problemas

a. A questão da data e da autoria é criada pelo problema que cerca o trecho de I Crô. 3.19-24, bem como a lista dos sumos sacerdotes, em Neemias 12.22. Ambas as passagens ultrapassam a época de Esdras. Podemos encarar isso como indicação de que os livros foram escritos após a época de Esdras ou então como indicação de que a obra original foi expandida por escribas posteriores. Ver a discussão sob *Data* e *Autoria.*

b. Alguns críticos não se satisfazem com a implicação dos livros de Crônicas de que Davi fez todos os planos relativos ao templo de Jerusalém e estabeleceu as guildas de cantores. Eles supõem que isso promova uma espécie de davidismo, segundo o qual Davi seria manipulado como uma espécie de herói, a fim de inspirar o povo a interessar-se pelo templo e seu ritual. Porém, o arqueólogo W.F Albright descobriu evidências em prol da assertiva de que essas guildas musicais não somente remontam aos dias de Davi, mas até mesmo aos tempos dos cananeus, muito antes da época de Davi *(The Old Testament and Archeology,* conforme citado por Alleman e Flack, em *Old Testament Commentary,* pág. 63). E há fontes informativas egípcias que se referem a músicos cananeus durante o segundo milênio A.C.; e os fundadores das guildas musicais nos registros do Antigo Testamento têm nomes cananeus.

c. Novos informes históricos. Nos pontos em que os livros de Crônicas vão além da história canônica do Antigo Testamento, têm sido levantadas algumas dúvidas. Sobre tais questões, entretanto, Albright declara que as descobertas arqueológicas têm confirmado coerentemente a historicidade dos livros de Crônicas. Ver o quinto ponto, *Autenticidade Histórica.*

XI. Conteúdo

I. *Genealogias de Adão a Saul* (I Crô. 1.1–9.44)
- 1. De Adão a Noé (1.1-4)
- 2. Dos filhos de Noé a Jacó e Esaú – (1.5-54)
- 3. Os filhos de Jacó (2.1–9.44)
  - a. Judá, a linhagem real (2.1–4.23)
  - b. Outras tribos (4.24–8.40)
  - c. Levi (6.1-81)
  - d. Oficiais do templo (9.1-34)
  - e. Saul (9.35-44)

II. *Davi, o Grande Exemplo* (I Crô. 10.1–29.30)
- 1. Morte de Saul (10.1-14)
- 2. A captura de Sião e os guerreiros de Davi (11.1–12.40)
- 3. Davi como rei (13.1–21.30)
- 4. Contribuição de Davi para o templo (22.1–29.30)

III. *História de Salomão* (II Crô. 1.1–9.31)
- 1. Sua sabedoria e prosperidade (1.1-17)
- 2. Construção do templo (2.1–7.22)
- 3. Sua obra e sua morte (8.1–9.31)

IV . *Os Reis de Judá* (10.1–36.23)
1. De Reoboão a Zedequias (10.1–36.21)
2. O decreto de Ciro, o exílio e o retorno (36.22,23)

XII. Bibliografia

ALBR AM BRI IB KEI ND ROW Z

CRONISTA

No hebraico significa **alguém que faz lembrar.** Ocupava importante função oficial em Israel, como arauto. O cronista era um dos diversos importantes oficiais da corte real de Israel. (Quanto aos nomes dos outros, ver em II Sam. 8:16-18 e I Crô. 18:14-17; II Sam. 20:23-26; I Reis 4:1-6). Embora os termos hebraicos ocorram por nove vezes, os deveres exigidos do cronista nunca são mencionados na Bíblia. Se o termo «cronista» descreve o ofício, então ele deve ter estado ligado ao registro dos eventos oficiais da nação. Contudo, essa tarefa parece ter sido função do escriba real. Uma outra possibilidade é que ele era um oficial vocal, uma espécie de relações públicas do governo. Esse parece ter sido o caso de Joá, filho de Asafe, um cronista durante o reinado de Ezequias. Juntamente com dois outros oficiais, ele representou o rei Ezequias nas negociações com o Rabsaqué que representava Senaqueribe, rei da Assíria (II Reis 18:18,37; Isa. 36:3,22). Um outro Joá, filho de Joacaz, foi cronista durante o reinado de Josias (II Crô. 34:8). Juntamente com Safã e Maaséias, ele foi delegado para pagar os trabalhadores que repararam o templo, durante a reforma do mesmo. Finalmente, Josafá foi o cronista durante os reinados de Davi e Salomão, embora a natureza de seu oficio não seja indicada (II Sam. 8:16; 20:24; I Reis 4:3; I Crô. 18:15). A menção dos cronistas, desde Davi a Josias, indica que o ofício prosseguiu até o fim da monarquia.

CRONOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO

Esboço:

I. Definição e Declaração Geral
II. Alguns Métodos Usados nas Datas
III. Problemas Comuns da Cronologia
IV. Metodologia
V. Períodos Bíblicos Específicos
VI. Cronologia Literária
VII. Gráficos Históricos e Literários

I. Definição e Declaração Geral

A cronologia é a ciência que nos permite fixar datas, arranjando o tempo passado em períodos ou divisões, além de situar os locais dos eventos nos lugares certos, dentro desse arranjo. Os cronologistas dão a entender que há dois tipos principais de fixação de datas: a. *Fixação relativa:* Os períodos e os eventos são postos em *relação* a uma seqüência estabelecida, mostrando que alguns eventos são anteriores ou posteriores a outros, embora sem qualquer tentativa específica de determinar datas exatas. Os eventos ou períodos que ocorrem ao mesmo tempo são chamados *sincrônicos.* Mas os eventos ou períodos que ocorrem em tempos diferentes são chamados *discrônicos.* b. *Fixação cronométrica:* Essa forma de fixação de datas apresenta datas exatas ou aproximadas, ou então apresenta um período dentro do qual certos eventos tiveram lugar, como de 12.000 até 10.000 A.C. Esse segundo método é o grande alvo dos historiadores; mas, com freqüência, é impraticável.

II. Alguns Métodos Usados nas Datas

a. *Paralelos históricos e literários.* Algumas vezes, uma data exata ou aproximada pode ser estabelecida relacionando-se a mesma a um outro evento histórico mencionado na literatura, que ocorreu na mesma época. Ver exemplos acerca desses paralelos em Lucas 2:1 e 3:1.

b. *Referências astronômicas.* Os astrônomos são capazes de datar qualquer acontecimento astronômico do passado; e, se houver referências literárias a esse acontecimento, então pode-se determinar uma data exata. *O* trecho de Mateus 2:2, onde é aludida a estrela de Belém, talvez uma alusão a uma rara conjunção de planetas, nos fornece uma data aproximada para o nascimento de Cristo.

c. *Registros históricos paralelos.* Os povos antigos conservavam registros históricos. E, apesar de que usualmente eram repletos de inexatidões, eles nos provêem muito material para a fixação de datas.

d. *Fixação do tempo pelo método do carbono* 14. Esse método mede o carbono 14 restante em qualquer matéria que fora viva. É que o carbono 14 vai decrescendo em quantidade em qualquer organismo animal ou vegetal, após a morte do mesmo, de uma maneira uniforme. *O* nível de carbono 14 restante, em qualquer objeto animal ou vegetal, encontrado pela arqueologia, pode ser comparado com o nível do mesmo animal ou vegetal vivo, o que nos fornece uma data aproximada de sua morte. Esse método pode estabelecer datas com bastante acurácia até cerca de sessenta mil anos. Após isso a mostragem do tempo torna-se *mais curta* do que realmente se passou. Ver o artigo separado sobre essa fixação de datas pelo método do *Carbono* 14, quanto a uma declaração mais detalhada e informativa.

e. *Fixação do tempo pelo método do potássio argônio.* Esse sistema pode fixar a antiguidade das coisas que ultrapassam o alcance do método do carbono 14. Tal método alicerça-se sobre a perda de radioatividade do potássio 40 em cálcio 40, e daí, para o argônio 40, utilizando proporções conhecidas em termos de taxas conhecidas de transformação. Esse método pode retroceder um milhão de anos de forma bastante exata. E as datas ainda mais antigas, estabelecidas de acordo com esse método, provavelmente não erram muito da realidade. A perda de radioatividade nos meteoritos sugere que o nosso sistema solar foi formado há cerca de 4.700.000.000 de anos atrás.

f. *Termoluminiscência.* Esse método tem sido usado para se datar objetos de cerâmica. Quando um objeto de argila é aquecido ao rubro em um forno, cada eléctron volta a uma posição estável e emite uma luz que pode ser fotografada. Se um fragmento antigo de cerâmica for reaquecido em laboratório, pequenas quantidades de luz serão emitidas pelo fragmento. Essa quantidade de termoluminiscência indicará quanta perda de radiação foi sofrida por cada eléctron. Portanto, a quantidade de termoluminiscência serve de medida do tempo que se passou desde que a peça de cerâmica foi fabricada. *O* Museu da Universidade da Pennsylvania, nos Estados Unidos da América, muito tem trabalhado para refinar esse método. O método aprimorado consiste em bombardear a peça de cerâmica para ela ser analisada mediante raios X.

g. *Fixação de datas mediante a obsidiana.* De acordo com esse método é medida a camada de hidrogênio deixada sobre a obsidiana (uma rocha vulcânica vítrea), mediante a absorção de água.

h. *Magnetismo termorremanescente.* O magnetismo remanescente, causado pelo aquecimento (usualmente em um forno), é comparado com a direção e intensidade sempre mutáveis do campo magnético do globo terrestre.

i. *Teste pela fluorina.* Segundo esse método, datas relativas podem ser estabelecidas comparando-se o conteúdo da fluorina restante, em ossos antigos e ossos recentes.

j. *Análise do Pólen.* A identificação e enumeração dos tipos de pólen presentes em um objeto antigo qualquer podem ser comparados com uma escala de tempo, comparando-se esse objeto com outros espécimes de data conhecida.

1. *Camadas de sedimentação.* De conformidade com esse método, as camadas de sedimentos, deixadas pelas geleiras, são contadas e correlacionadas a informes similares, colhidos em outros lugares.

m. *Dendrocronologia.* As árvores contam com anéis de crescimento sobrepostos, resultantes da passagem de épocas específicas. Esse método pode datar árvores com até três mil anos de antiguidade.

III.Problemas Comuns da Cronologia

a. *A vasta antiguidade da terra.* Na verdade, a história real da terra é desconhecida. A narrativa sobre Adão fornece-nos um começo recente. Muitos eruditos da Bíblia estão convencidos, através das investigações científicas, de que houve eras pré-adâmicas, completas até com raças pré-adâmicas, que nada têm a ver com a Bíblia,

excetuando o ponto que o começo de todas as coisas foi determinado divinamente, nossos métodos de fixação de datas são alistados sob o segundo ponto, acima, fazendo-nos retroceder até quase cinco bilhões de anos, no tocante à antiguidade do nosso sistema solar, e até, pelo menos, dezesseis bilhões de anos, no que concerne ao início do universo. Ver o artigo sobre a *Astronomia.* Por conseguinte, podemos dizer com toda a verdade e certeza que a história de Adão é história relativamente *recente.* Sentimo-nos inteiramente perdidos na incerteza, quando temos de tratar com os primórdios verdadeiramente antigos.

b. *A inexatidão dos registros antigos.* Essa inexatidão deve-se mais à ausência de pontos de referência. Os registros antigos com frequência. estavam mais interessados na simetria do que na exatidão dos registros dos reinados e acontecimentos importantes. Os eventos são algumas vezes mencionados somente em relação a certas dinastias.

c. Alterações nas inscrições antigas. Várias inscrições recentemente achadas, provenientes do Egito, segundo se tem descoberto, foram alteradas em algum tempo no passado. Além disso, sabe-se que certos monarcas, por um orgulho estúpido, deixaram alistadas batalhas que eles supostamente venceram, mas nas quais nunca se envolveram. Além disso, certas ocorrências, que realmente tiveram lugar, são exageradas e distorcidas, para satisfazer a soberbia de governantes.

d. O *uso de números redondos.* Lemos que Saul, Davi e Salomão reinaram, cada um, durante quarenta anos. Ora, isso seria uma incrível coincidência. Portanto, podemos pensar em números propositalmente arredondados. Ou, segundo alguns estudiosos pensam, seria uma maneira oriental de expressar longos reinados.

e. *Ausência de calendários exatos e formalizados* (ver sobre *Calendário).* Essa ausência não permitia que os acontecimentos fossem exatamente registrados, no tocante ao tempo. Vários povos contavam suas datas a partir de vários começos históricos, reais ou imaginários. Além disso, a duração dos anos variava de sistema para sistema.

f. *Conflitos de autoridade. O* trecho de II Crônicas 21:20 revela-nos que o rei Jeorão tinha trinta e dois anos de idade quando começou a reinar, tendo morrido após um reinado de oito anos, com a idade de quarenta anos, portanto. Mas o capítulo seguinte (vs. 22), diz-nos que seu filho mais jovem, Acazias, o sucedeu, tendo quarenta e dois anos de idade quando subiu ao trono. Isso significaria que Acazias nasceu dois anos antes de seu pai, e que os seus irmãos mais velhos nasceram antes mesmo disso. *O* trecho paralelo de II Reis (8:26) fala em vinte e dois anos, e não em quarenta e dois anos. E isso significa que, no original hebraico, a letra *mem* foi escrita, por engano, em lugar da letra *cafe.* No entanto, a Septuaginta fala em vinte anos, não correspondendo nem a quarenta e dois e nem a vinte e dois. Portanto, em algum ponto, houve erros de transcrição, pelo menos. Naturalmente, os harmonizadores só faltam perder a cabeça na tentativa para explicar essas discrepâncias, porquanto não gostam de erros no texto bíblico que perturbem suas teorias de inspiração. Acresça-se a isso que esses erros podem ter sido introduzidos no processo de cópia, através dos séculos. Por essa razão, John GILL, em seu comentário sobre o Antigo Testamento, alista I Crônicas 22:2 como trecho que merecia certa explicação, mas terminou dizendo: «Parece melhor reconhecermos que houve aqui um erro de cópia, que facilmente poderia ter ocorrido, devido à similaridade entre os números quarenta e dois e vinte e dois». Questões cronológicas não envolvem pontos de fé, embora algumas pessoas pensem assim.

g. Os *historiadores antigos,* em contraste com os historiadores modernos, com freqüência não estavam interessados pela exatidão dos registros, esforçando-se apenas por uma narrativa bem organizada, mas permitindo a existência de grandes hiatos de tempo. Mas a falha oposta também era comum. Os reinados de alguns monarcas eram aumentados, quanto ao número de anos, para que fosse obtida uma certa data. Ver o item abaixo.

h. Os *monarcas hebreus.* É bem provável que nenhuma outra cronologia tenha recebido maior atenção, por parte dos eruditos, do que a dos hebreus. Nas narrativas sobre os reinados dos monarcas de Judá e de Israel, a duração de cada reinado foi registrada com referências cruzadas, dizendo-nos em qual ano do reinado de algum rei de Judá, algum rei de Israel subiu ao trono. Apesar de um esquema assim, a cronologia envolvida está maculada por problemas insolúveis. Para começar, os anos registrados totais dos reis de Judá, até à queda de Samaria, envolvem trinta e um anos a mais que dos reis de Israel, durante o mesmo período, e nenhuma referência cruzada, após os dois primeiros reinados está rigidamente correta. Os anos que se passaram entre o primeiro e o segundo templos de Jerusalém foram exatamente quatrocentos e oitenta anos. Os anos dos reis de Israel foram de duzentos e quarenta. O período desde a partida de Abraão, de Ur, até o êxodo, foi de quatrocentos e oitenta anos, e do êxodo até o primeiro templo, também foi de quatrocentos e oitenta anos. Notemos como os duzentos e quarenta anos são exatamente a metade de quatrocentos e oitenta. É evidente que os cronistas hebreus estavam procurando atingir a simetria, e não a exatidão, em seus registros históricos. Os estudiosos modernos acreditam que os reinados do período da monarquia foram propositalmente alongados nas narrativas, para que se amoldassem ao período de quatrocentos e oitenta anos, e também que o período do exílio dos hebreus no Egito, foi alongado, para fazê-lo coincidir com as invasões dos hicsos. Além disso, os tradutores da Septuaginta, quando tomaram conhecimento, através da obra recentemente publicada de Maneto, intitulada *Aegyptiaca* (em cerca de 280 A.C.), de que o rei egípcio, Menes, havia reinado em data ainda mais antiga do que se pensava, — alongaram as vidas dos patriarcas hebreus para que a história do povo hebreu fosse mais antiga que a dos egípcios. Talvez tivessem feito isso com base na idéia de que a antiguidade envolve uma certa glória. Parece que precisamos reconhecer que os números eram manipulados para obtenção de resultados como simetria, glorificação ou conveniência. Mas não eram considerados importantes para efeito de exatidão. Ora, isso não se adapta à moderna maneira de pensar sobre as coisas. Os critérios mudam com a passagem do tempo, e os critérios antigos não eram os mesmos que usamos. No entanto, declarações como essas não agradam aos harmonizadores, os quais têm a idéia fixa de que a inspiração envolve certos detalhes, como números exatos. Porém, a verdade dos fatos é mais importante do que a harmonia a qualquer preço.

i. *Genealogias.* Os registros genealógicos existentes na Bíblia deixam grandes hiatos de tempo, para efeito de simetria. Basta-nos examinar o trecho de Mateus 1:17, com catorze gerações simétricas em cada grupo: de Abraão a Davi; de Davi ao cativeiro babilônico; e do cativeiro babilônico até o Cristo. Essa simetria forçada provavelmente tinha finalidades mnemônicas, para ajudar a memória dos leitores quanto ao tempo envolvido. Há alguma evidência, nas genealogias do Antigo Testamento, que, às vezes, um homem qualquer, em vez de envolver um só indivíduo, envolvia toda a história de um clã ou de uma tribo, devendo-se pensar em várias gerações, e não em uma somente. Atualmente, os estudiosos admitem que as genealogias representam muito mais tempo do que o resultado obtido pela soma das idades das pessoas envolvidas. Por isso, a erudição bíblica abandonou o método de calcular a passagem do tempo com a ajuda das genealogias. Isso não foi levado em conta pelo bispo Ussher, um dos primeiros estudiosos modernos a lançar mão do método da contagem do tempo através das genealogias bíblicas. Os escritores sagrados não visavam tanto a uma cronologia exata, mas antes, visavam à simetria, para efeito de facilitar a memorização. Ver as notas no NTI, sobre Mateus 1: 1, quanto a evidências que confirmam o que acabamos de dizer.

IV. Metodologia

O antigo método de fixação de datas mediante os números dados nas genealogias bíblicas é extremamente inexato. Isso é assim porque existem hiatos feitos propositalmente com finalidades de si-

metria; porque certos eventos alistados ocorreram paralelamente, e não consecutivamente; porque um único nome pode representar toda uma linhagem, ou uma tribo, e não uma única pessoa; porque quase certamente houve raças pré-adâmicas que não foram levadas em conta na narrativa de Gênesis, que só se interessa por uma história relativamente recente, isto é, a partir de Adão em diante. Há evidências geológicas de cerca de quatrocentas mudanças dos pólos do globo terrestre. Quando isso sucede, a crosta da terra desliza, os continentes são rearranjados e os oceanos ocupam novas localizações. Isso envolve destruições cataclísmicas, em que tudo quanto há à face do planeta, por assim dizer, tem um novo começo. As duas últimas mudanças de pólos correspondem, a grosso modo, aos relatos atinentes a Adão e a Noé. E isso permite-nos presumir que eles representam *novos começos* na história humana, e não começos absolutos. A maior parte das descobertas arqueológicas, em face das vastas destruições envolvidas nesses eventos cataclísmicos, abarcam somente a história recente, ou seja, o período relatado na Bíblia. Entretanto, há muitos outros períodos, anteriores a esse, que antecedem à nossa era não somente por milhares, mas até mesmo por milhões de anos, e sobre os quais a Bíblia nada nos informa, a não ser, talvez, em termos extremamente vagos, nos seus primeiros dois versículos. Isso é assim porque a Bíblia não foi escrita para ensinar-nos a história geológica do mundo, mas para explicar o plano de Deus acerca da humanidade. Pode ter havido, portanto, muitas civilizações irrecuperáveis para os registros históricos, excetuando alguma descoberta ocasional, que não se ajusta ao resto dos fatos conhecidos. Alguns estudiosos chegam a pensar que há alguma evidência material e literária que nos permite imaginar o uso da energia atômica, por civilizações passadas, com a conseqüente destruição das mesmas. Por esses e outros motivos, solicito ao leitor que examine o artigo intitulado os *Antediluvianos*. Esse artigo, além de exibir as evidências que há em prol dessa idéia, aborda o problema da harmonização, da reconciliação e da cronologia, o que não repito neste artigo.

Métodos Atuais. Muitos eruditos modernos, além de se escudarem nos dados cronológicos oferecidos na Bíblia, procuram estabelecer ou confirmar datas por meio da arqueologia. Isso nos permite examinar os acontecimentos de muitas civilizações que não são mencionadas na Bíblia—não necessariamente anteriores a Adão—mas que nos ajudam a estabelecer melhor as datas. Assim, têm sido encontradas muitas inscrições antigas onde são mencionados nomes e lugares referidos na Bíblia. A partir de 620 A.C., há um arcabouço cronológico que nos é provido pelo cânon de Ptolomeu, além de outras fontes informativas clássicas, como os escritos de Meneto. Acrescente se a isso os tabletes e inscrições da Babilônia. Antes mesmo desses, temos os registros assírios. Certo eclipse do sol, mencionado em antigas fontes literárias, e que agora sabemos ter ocorrido a 15 de junho de 763 A.C., fornece-nos um meio de fixar datas para eventos de antes e de depois desse eclipse. Assim, há as listas de reis da Assíria que nos fazem recuar até cerca de 2000 A.C., sem falar em listas de reis babilônicos, similares. Não há que duvidar que essas listas envolvem inexatidões e manipulações, tal como se dá no caso das listas dos reis hebreus, mas, pelo menos, através dessas fontes, podemos obter uma idéia geral da cronologia de períodos até dois milênios A.C. As fontes informativas egípcias ajudam-nos a estabelecer datas desde 1200 até 2100 A.C. Essas fontes incluem listas de reis, registros sobre alguns fenômenos astronômicos, mediante os quais alguns reinados podem ser datados com precisão. Destarte, as dinastias XI e XII do Egito podem ser agora datadas entre 2134 a 1786 A.C., enquanto que as dinastias de XVIII a XX ficam entre 1570 a 1085 A.C., com um erro máximo de, talvez, dez anos. As datas relativas à Mesopotâmia, entre 2000 e 1500 A.C., dependem em grande parte da data que atribuímos a Hamurabi, da Babilônia; e, nesse caso, provavelmente há uma margem de erro de cem anos ou mesmo mais.

Quanto mais retrocedemos para além do ano 2000 A.C., maiores incertezas fazem-se presentes. Para datas anteriores a 3000 A.C. precisamos depender, quase exclusivamente, de métodos de fixação de datas como o do carbono 14, ou de outros métodos, enumerados no segundo ponto, acima. É possível determinar datas, com notável exatidão; os vários níveis de ocupação humana que as escavações arqueológicas vão descobrindo; e assim vamos retrocedendo de uma civilização a outra. A partir da época de Salomão em diante, até Cristo, podem ser estabelecidas datas com maior exatidão. Mas, quanto mais recuamos, de Salomão para trás, maiores dificuldades encontram os cronologistas, em suas pesquisas.

V. Períodos Bíblicos Específicos

a. Período pré-adâmico. Evidências extrabíblicas certamente indicam não apenas a existência do mundo físico antes de Adão, mas até mesmo de raças pré adâmicas de seres inteligentes. Ver o artigo sobre os *Antediluvianos*, quanto a evidências a esse respeito. Esse artigo também menciona meios através dos quais os estudiosos da Bíblia procuram reconciliar essa questão com as declarações e considerações bíblicas. A arqueologia tem descoberto objetos pré-adâmicos; e vários métodos de fixação de datas, conforme se vê no segundo ponto deste artigo, confirmam a grande antiguidade do nosso sistema solar e do universo. Atualmente, estamos recebendo luz de estrelas e galáxias que precisaram de dezesseis bilhões de anos para chegar até nós. A luz precisa de cerca de sessenta mil anos ao menos para atravessar, de um extremo a outro, a nossa própria galáxia, ou Via Láctea, que é o nosso próprio pequeno universo, sendo ela apenas uma dentre muitos bilhões de galáxias. E agora, devemos falar em «nosso próprio pequeno universo» porque o nosso sol é apenas um dentre muitos bilhões de sóis que se encontram na Via Láctea. Além da Via Láctea, há outras dezesseis galáxias que nos estão mais próximas, além de incontáveis bilhões de outras galáxias, mais distantes, espalhadas pelo universo. A Via Láctea é aquilo que vemos a cada noite, com exceção de algumas pequenas manchas de luz, visíveis a olho nu, que vêm de fora da nossa própria galáxia. Portanto, a Via Láctea, a despeito de suas descomunais dimensões, é apenas o nosso portão de entrada. No entanto, para que a luz atravesse de uma ponta à outra na nossa Via Láctea, é preciso de cerca de sessenta mil anos.

O método de fixação de datas através do potássio argônio nos dá quase cinco bilhões de anos como a idade de nosso próprio sistema solar. Portanto, quando a Bíblia diz, no seu primeiro versículo, «No princípio criou Deus...», está em pauta um começo muito remoto e misterioso. E quando lemos que Deus criou Adão, podemos pensar em um outro começo, bem mais recente. Imaginemos a verdadeira história do globo terrestre como uma enciclopédia de muitos volumes de mil páginas cada um. Nesse caso, podemos imaginar a história de Adão como um verbete que aparece na última página do último volume dessa ensiclopédia. As demais páginas desse último volume estão quase inteiramente perdidas para nós, excetuando um ou outro indício muito raro. E todos os demais volumes anteriores estão irremedialvemente perdidos para nós. É que grandes cataclismos sepultaram para sempre a história verdadeiramente antiga da terra, e apenas ocasionalmente vem à tona alguma coisa que está narrada nas páginas anteriores desse último volume da imaginária enciclopédia. Nossa cronologia, excetuando alguns raros itens, não consegue examinar coisa alguma das primeiras novecentas e noventa e nove páginas do último volume. O que sabemos é que Deus já estava nesse último volume, e em todos os volumes anteriores; que a terra surgiu em algum desses volumes; que houve outras criaturas inteligentes na terra, antes do aparecimento do *Homo sapiens*, a raça adâmica. Não há como encaixar, dentro dos supostos seis mil anos que se passaram, desde a criação da terra, até os nossos dias, todas as ocorrências geológicas que a ciência já tem podido descobrir.

Isso posto, ninguém pode dizer: «Seis mil anos é a idade da criação de Deus».

b. De Adão a Noé. O método genealógico vale-se dos trechos de Gênesis 5:1-32 e de Gênesis 7:6 como base de seus cálculos. Os estudiosos das tabelas patriarcais, após terem verificado como os hebreus manipulavam suas genealogias, nas quais há tão freqüentes omissões, onde um nome pode representar toda uma linhagem, com muitas gerações, etc. — problemas esses sobre os quais já nos manifestamos, acima — são forçados a ignorar o método cronológico usado pelo bispo Ussher (que vide), o qual estabeleceu que a data da criação teria ocorrido em cerca de 4000 A.C. A tentativa de manutenção desse método de fixação de datas só consegue levar-nos aos mais crassos absurdos. Parece justo dizermos, mesmo quando defendemos a historicidade de Adão, do que não abrimos mão, que as genealogias envolvidas contêm somente alguns dos nomes mais importantes, saltando, em muitos casos, por cima de muitas gerações. É que o próposito desses registros bíblicos não era o de fornecer-nos uma história cronológica, mas apenas mostrar-nos a linhagem ou descendência de Jesus Cristo. Para tanto, bastou um relato histórico *geral* da raça humana, e não foi preciso fornecer-nos uma história *detalhada* da mesma.

Se a história de Adão representa apenas um novo começo, e não um começo absoluto, então não temos necessidade de apelar para razões apologéticas (que governam quase todas as discussões sobre questões cronológicas, por parte dos eruditos conservadores mais rígidos), e nem precisaremos distorcer nossas idéias, procurando encontrar lugar para as tremendas expansões de tempo que se ajustem às descobertas arqueológicas e da ciência em geral. Alguns estudiosos têm conseguido fazer a cronologia bíblica retroceder para até 10.000 A.C., mas isso não representa ao menos uma gota no balde cheio da história descoberta pela arqueologia, e não representa nem ao menos alguns átomos de água, no grande oceano da história da geologia. Por conseguinte, é com muita dose de verdade que o Dicionário Bíblico de Unger afirma que o trecho de Gênesis 1:1 situa a origem do universo no «passado sem data, dando margem a todas as eras esboçadas pela ciência da geologia». Quanto ao aparecimento do homem à face da terra, esse mesmo autor considera os supostos 4000 anos de Ussher como algo «insustentável, à luz dos fatos arqueológicos confirmados». Unger, grande estudioso presbiteriano, estava entre aqueles que fazem a cronologia da Bíblia retroceder até cerca de dez mil anos antes de Cristo. Mas a arqueologia fala em datas muito mais antigas do que isso, a menos que suponhamos que tal período seja o período *adâmico,* mas não como representante do *homem* como uma entidade. Conforme já dissemos acima, é interessante o fato de que a história bíblica sobre Adão corresponde, a grosso modo, ao grande cataclismo anterior ao próximo passado, quando então houve uma mudança de pólos, tal como a história sobre Noé corresponde ao último desses cataelismos passados. Se encararmos as questões envolvidas por esse prisma, então a narrativa bíblica concordará com justeza àquilo que se conhece, cientificamente falando, acerca da atual raça humana, acerca da qual se manifesta a maioria de nossas descobertas arqueológicas. No que concerne à teoria da *Evolução,* que, naturalmente, diz respeito à cronologia mais antiga do homem, ver o artigo sobre esse assunto.

Ilustração sobre Datas Bíblicas:

Os informes dados no gráfico abaixo foram extraídos do texto hebraico do Antigo Testamento, do Pentateuco samaritano e da Septuaginta. O Pentateuco samaritano pertence cerca de 430 A.C., e a Septuaginta pertence cerca de 283 A.C.

Observações. 1. A base é Gênesis 5:1-32 e 7:6. 2. Os números indicam a idade de cada indivíduo nomeado, quando algum filho (não necessariamente o mais velho dos filhos) nasceu, ou então, algum evento especifico ocorrido, que ajuda a cronologia. 3. As três fontes informativas mencionadas acima são especificadas, mediante as abreviações Heb., Sam. e LXX.

Anos Desde A Criação Até o Dilúvio

Nome	Heb.	Sam.	LXX
Adão	130	130	230
Sete	105	105	205
Enos	90	90	190
Quenã	70	70	170
Maalalel	65	65	165
Jarede	162	62	162
Enoque	65	65	165
Matusalém	187	67	167
Lameque	182	53	188
Noé	600	600	600
Total de Anos	1.656	1.307	2.242

c. Do Dilúvio até Abraão

1. A grande era dos patriarcas. — A cronologia pré-abraâmica está alicerçada sobre as genealogias de Gênesis 5 e de Gênesis 11:10-26, separadas, uma da outra, pelo dilúvio da época de Noé. A declarada imensa idade dos primeiros patriarcas, vários dos quais viveram mais de novecentos anos, tem deixado perplexos a alguns intérpretes. O fato de que as antigas lendas pagãs da Suméria dizem-nos que somente 8 *reis* conseguiram viver por um período de 241 mil anos tem feito alguns estudiosos suporem que estamos tratando, na Bíblia, com mitos antigos idênticos. Há mesmo interpretes que supõem que, tanto nas narrativas pagãs quanto nas narrativas bíblicas, um único nome pode representar toda uma tribo, o que explicaria a imensa duração da vida dos primeiros homens nomeados na Bíblia. Por outro lado, apesar de poder ter havido exageros, o fato de que tanto as narrativas bíblicas quanto as narrativas pagãs falam nessas vidas muito longas pode servir de indicações de que isso, realmente, sucedia. Em nossos dias, alguns cientistas estão dizendo que a nossa é a última geração de homens mortais. Claro que nisso há um exagerado otimismo. Mas é que a ciência está às vésperas de conseguir avanços tão fantásticos que as enfermidades poderão ser derrotadas, e as células do corpo humano poderão recuperar a vitalidade perdida. Se isso chegar a suceder, o que tem sido prometido a um milênio, bem poderá tornar-se uma realidade. A Bíblia prevê que, durante o milênio futuro, se alguém então morrer com cem anos de idade, será considerada uma criança (ver Isaías 66:20). Os místicos contemporâneos também afirmam que estamos nos aproximando da época em que será normal os homens viverem durante séculos. No que me diz respeito, aceito o que o Antigo Testamento diz sobre a longevidade dos primeiros homens, como algo perfeitamente razoável. Contudo, sabendo o que sabemos sobre as genealogias bíblicas, também precisamos afirmar que elas podem consistir apenas em esboços, e não em registros completos. Portanto, conforme diversos intérpretes têm dito, é bem possível que não sejamos capazes de determinar o tempo que se escoou entre o dilúvio e Abraão, com qualquer grau de certeza.

2. *Os períodos arqueológicos e os patriarcas.* Essa informação foi oferecida no artigo sobre a Arqueologia, parte I, pelo que não a repetimos aqui. A leitura daquele material suprirá o leitor com muitas informações atinentes ao período entre Noé e Abraão. A época de Abraão pode ser identificada como a Idade do Bronze Média (2000-1500 A.C.), sendo dito que ele chegou à terra de Canaã em cerca de 2086 A.C. O período dos patriarcas ocuparia as datas de 2086 a 1871 A.C. A era patriarcal e a era de Davi seriam, respectivamente, 2000 e 1000 A.C.

3. *Ilustração Sobre Datas:*

Os informes do gráfico abaixo foram extraídos do texto hebraico, do Pentateuco samaritano e da Septuaginta.

Observações: 1. A base do gráfico é Gênesis 11:10-26. 2. Os números indicam a idade de cada indivíduo nomeado, quando um filho (não necessariamente o mais velho) nasceu, ou então algum evento especifico ocorrido, que nos ajuda na cronologia. 3. As três

fontes informativas mencionadas acima são especificadas mediante as abreviações *Heb.*, *Sam.* e *LXX.*

Nome	Heb.	Sam.	LXX
Sem	100	100	100
Arfaxade	35	135	135
Cainã			130
Selá	30	130	130
Éber	34	134	134
Peleque	30	130	130
Reú	32	132	132
Serugue	30	130	130
Naor	29	79	179
Terá	70	70	70
Nasce Abraão			
Anos de Sem, antes do dilúvio	100 *Heb.*	100 *Sam.*	100 *LXX*
Anos do dilúvio até Abraão	290	940	1.170

Essas datas, naturalmente, não levam em conta possíveis hiatos; pois, quando muito, elas são apenas sugestivas. Os eruditos modernos, baseados em informes bíblicos, com algumas adaptações, supõem que o dilúvio teve lugar pelo menos 3.284 anos antes de Abraão. O método de interpretação cronológica de Ussher abria espaço para apenas 353 anos, entre o dilúvio e o nascimento de Abraão. Porém, tal cálculo não concorda com os períodos conhecidos da história do Egito e da Mesopotâmia, com abundantes evidências arqueológicas.

4. *Comentários sobre o Dilúvio.*

Naturalmente, esse foi um dos grandes eventos da história recente da humanidade, do ponto de vista geológico. As evidências em favor da realidade do dilúvio são abundantes, não somente na geologia, mas também em fontes literárias e nas lendas antigas dos povos. Não há razão alguma para supormos que as muitas lendas que se referem ao dilúvio derivam-se todas dos registros bíblicos. Essas lendas são, por si mesmas, fontes informativas independentes. Fica implícito que houve áreas em que algumas poucas pessoas sobreviveram. A narrativa bíblica conta acerca de uma família sobrevivente. Mas, há evidências que alguns eruditos aceitam, para provar que o dilúvio não foi universal. Os chineses, por exemplo, conseguiram fazer história, *embaixo da água*. Não há qualquer registro histórico, entre eles, que fale de interrupção mediante alguma grande catástrofe. É quase certo de que o dilúvio de Noé representa a última grande catástrofe causada por uma mudança dos pólos magnéticos da terra. Quando há uma mudança de pólos, a crosta da terra desliza para novas posições, os continentes assumem novas formas, os leitos dos oceanos mudam de lugar, e naturalmente, há tempestades incríveis, com ventos incrivelmente violentos e inundações destrutivas.

Os místicos contemporâneos asseguram que estamos bem perto de um cataclismo universal dessa magnitude. Pode ser que algo assim ponha fim à nossa era, dando origem a uma nova era áurea, o milênio. Quanto a notas expositivas completas sobre a questão, bem como sobre o dilúvio de Noé, ver o artigo sobre *o Dilúvio.* As evidências geológicas sugerem que o globo terrestre já experimentou cerca de quatrocentas dessas catástrofes, pois, nas rochas, há evidências de muitas alterações dos pólos magnéticos. Na verdade, toda a história que conhecemos, com algum detalhe, é de tempos recentes. Quanto à data do dilúvio, o bispo Ussher pensava em 2500 A.C., mas a data real deve ter sido consideravelmente mais antiga do que isso. Todavia, não há como estabelecer a data exata desse cataclismo.

d. De Abraão ao Êxodo:

1. *Conjecturas sobre as datas de patriarcas específicos:*

Abraão, 2000-1850 A.C.
Isaque, 1900-1750 A.C.
Jacó, 1800-1700 A.C.
José, 1750- 1650 A .C.

A entrada de Jacó e de sua família no Egito, é datada em cerca de 1700 A.C. Se essa conjectura está correta, então o poder de José no Egito corresponde ao período dos hicsos na história do Egito, quando governantes de origem semítica tornaram-se Faraós do Egito. Isso talvez explique a mistura de elementos egípcios e semitas, em Gênesis 37:1. Desnecessário é dizer que os intérpretes variam de opinião quanto a essa questão. Abaixo damos um gráfico baseado em informações dadas na Enciclopédia Pictórica da Bíblia, de Zondervan. Deve-se observar que as datas oferecidas variam daquelas dadas acima, em cerca de cem anos. Mas, quando tratamos de questões de tão grande antigüidade, levando em conta as incertezas que circundam as genealogias, esse tempo não é por demais significativo.

2. *Gráfico Ilustrativo*

Evento	*Datas Heb.*	*LXX*	*Gênesis*
Nasce Terá	2291	2263	11:32, 12:4
Abraão entra em Canaã	2091	2058	12:4
Nasce Ismael	2080	2047	16:16
Nasce Isaque	2066	2033	25:26
Morre Sara	2029	1996	23:1
Isaque casa-se	2026	1993	25:20
Nascem Jacó e Esaú	2006	1973	47:9
Morre Abraão	1991	1958	25:7
Jacó foge para Harã	1929	1896	30:24-26
José vendido ao Egito	1898	1865	37:2
Isaque morre	1886	1853	35:28
José obtém o poder	1885	1852	41:54
Jacó desce ao Egito	1876	1843	Êxo. 12:40

3. *Estadia no Egito.* O texto hebraico diz que essa estadia perdurou por 430 anos; mas a Septuaginta fala em 215 anos. Ver Êxo. 12:40. A LXX diz como segue: «O tempo em que os filhos de Israel habitaram na terra do Egito *e na terra de Canaã* (foi de) quatrocentos e trinta anos». Essa declaração tem o apoio do Pentateuco samaritano. Se isso reflete a declaração original, então o tempo em que os filhos de Israel estiveram no Egito foi muito mais curto. O trecho de Atos 7:6 (parte do discurso de Estêvão) dá um número arredondado, «quatrocentos anos». No entanto, Gálatas 3:17 diz que o tempo entre a aliança estabelecida com Abraão e a outorga da lei foi de quatrocentos e trinta anos, o que concorda bem de perto com a declaração da Septuaginta. É óbvio, pois, que as diversas declarações bíblicas não se harmonizam entre si, por terem sido influenciadas por mais de uma tradição cronológica. No NTI, em Gálatas 3:17, provi uma nota sobre o problema da cronologia, no tocante a essa questão. Tal problema não é passível de qualquer boa solução. É que, nessa questão de datas, estamos abordando diferentes tradições antigas. A experiência de todos os estudiosos é que, usualmente, quanto mais longa a data, mais correta. Todavia, esse critério talvez não se aplique ao problema atual.

e. Do Êxodo à Construção do Templo

1. *Duração.* Esse período durou quatrocentos e oitenta anos, de acordo com o texto hebraico (I Reis 6:1), mas 440, de acordo com a Septuaginta. Questões difíceis iniciais são: Em qual ponto da história o Egito começou a oprimir sistematicamente ao povo de Israel? Quem foi o Faraó da opressão, que não conhecia a José (Êxo. 1:8)? Os estudiosos têm oferecido várias sugestões. Os candidatos favoritos são Ramisés II (1237-1225 A.C.), Aames I, fundador da XVIIIa Dinastia, chamada de Novo Império (1570 A.C.), e Tutmés III (1504-1450 A.C.). Alguns pensam que Ramisés seria tanto o faraó da opressão quanto o faraó do êxodo, a despeito do fato de que Êxodo 4:19 refere-se à morte do opressor pouco antes do êxodo. Os argumentos em favor deste ou daquele nome

alicerçam-se sobre as descobertas arqueológicas; porém, cada opinião está sujeita a alguma forma de objeção, o que nos deixa na dúvida. Contra Tutmés III temos o argumento que mais tempo seria necessário do que as suas datas permitem, para que a história de Israel tivesse ocorrido durante o seu reinado, a julgar pelo que sabemos mediante a história, através da arqueologia. Mediante cálculos bíblicos, chegamos a uma data de cerca de 1445-1446 A.C. Isso corresponderia a Tutmés III como o opressor de Israel; e seu filho, Amenhotepe II, como o Faraó do êxodo.

2. *A Data do Êxodo.* Se o informe de I Reis 6:1 está correto, então podemos fixar uma data quase precisa, pois sabemos quando, mais ou menos, o templo de Jerusalém foi construído. Essa construção teve início no quarto ano do reinado de Salomão, em cerca de 967 A.C. Se retrocedermos no tempo por quatrocentos e oitenta anos, isso nos dará uma data entre 1446 e 1448 A.C. Todavia, isso depende da exatidão histórica da genealogia em questão. A experiência dos estudiosos com as questões genealógicas demonstra que, com freqüência, elas atendem mais às demandas da simetria do que às exigências da verdadeira cronologia. Visto que os próprios informes bíblicos não concordam entre si, defrontamo-nos com um problema que não é passível de solução fácil e boa.

3. As *Vagueações pelo Deserto.* Os trechos de Deuteronômio 8:2 e Êxodo 16:35 dizem especificamente que esse período durou quarenta anos. Porém, alguns eruditos aceitam a cifra como figurada, porque quarenta é o número simbólico de julgamento. Outras referências ao número quarenta, com esse sentido, são Gênesis 7:4; Juí. 13:1 e Mateus 4:2. Ainda outros estudiosos pensam que se trata de um número redondo, que permite considerável variação.

4. *De Josué até o Reinado de Davi.* Como delinear esse período, cronologicamente falando, é algo que tem deixado os intérpretes perplexos. De fato, há quem diga que, quanto a esse período, não se pode obter grande sucesso enquanto a arqueologia não nos fornecer maiores informações, ou não as obtivermos mediante a literatura. Se levarmos em conta todos os informes bíblicos disponíveis, obteremos cerca de quinhentos e oitenta anos, o que, como é claro, é demais para adaptar-se à referência em I Reis 6:1. O problema consiste em como combinar os informes que falam sobre as opressões por parte de potências estrangeiras, em comparação com o tempo alocado aos vários juízes. A única maneira de conseguirmos harmonia com o trecho de I Reis 6:1 consiste em supor que os períodos mencionados acerca das opressões e dos juízes se justapõem. Desse modo, se esses períodos não forem calculados de modo consecutivo, poderemos reduzir consideravelmente o total. A arqueologia nos tem dado evidências suficientes para concluirmos que, no Oriente Próximo, a cronologia não alista os eventos de modo necessariamente sincrônico. Os antigos meramente alistavam cada série de governantes e reinados separadamente, como se sempre estivessem em sucessão; e isso alonga o tempo realmente envolvido. Um exemplo disso é o Papiro Torino, com sua lista de reis egípcios. Ali há listas de todas as cinco dinastias da XIIIa à XVIIa, em grupos sucessivos. Ali aparecem cento e cinqüenta governantes, e seus reinados ocupariam, pelo menos, quatrocentos e cinqüenta anos. No entanto, com base em fontes arqueológicas, sabe-se que todos os Faraós precisam ajustar-se em um período de cerca de duzentos e dezesseis anos. Conclui-se daí que certos Faraós reinaram contemporaneamente, e não sucessivamente. Condições similares ocorrem na história das cidades-estados da Suméria e do antigo reino babilônico. Uma de minhas fontes informativas, no tocante ao período em questão, alista vinte e cinco listas, sobre algumas das quais a Bíblia nos dá algumas informações quanto à duração do tempo. Se incluirmos nas vagueações pelo deserto, quarenta anos, e mais o período da conquista, duzentos e trinta anos, chegaremos a um total de seiscentos e vinte e três anos. Mas a opressão sob Jabim, a opressão sob Midiã e a opressão sob Amom, etc., terão então de ser concebidas como inclusas nesses informes, que dizem por quanto tempo governou cada um dos juízes. Dessa forma, os seiscentos e vinte e três anos poderão ser consideravelmente reduzidos. Porém, como conseguir o feito, de maneira exata, já é questão que envolve os eruditos em considerável trabalho de harmonização.

5. *Lista Ilustrativa*	*Anos*
Vagueações pelo deserto	40
Período da conquista	230
Israel serve a Cusã-Risataim (Juí. 3:8)	8
Livramento por Otniel (Juí. 3:11), com um período de descanso	40
Israel serve a Eglom (Jui. 3:14)	18
Livramento por Eúde (Juí. 3:30), com um período de descanso	80
Opressão por Jabim (Jui. 4:3)	20
Livramento por Débora (Juí. 5:31), com um período de descanso	40
Opressão pelos midianitas (Juí. 6:1)	7
Livramento por Gideão (Juí. 8:28), com um período de descanso	40
Abimeleque reina em Israel (Juí. 9:22)	3
Tola julga Israel (Juí. 10:2)	23
Jair julga Israel (Juí. 10:2)	22
Opressão pelos amonitas (Jui. 10:8)	18
Jefté julga Israel (Juí. 12:7)	6
Ibsã julga Israel (Juí. 12:9)	7
Elom julga Israel (Juí. 12:11)	10
Abdom julga Israel (Juí. 12:14)	8
Opressão pelos filisteus (Jui. 13:1)	40
Sansão julga Israel (Juí. 15:20; 18:31)	20
Período de Eli (I Sam. 4:18)	40
Samuel julga Israel (I Sam. 8:2)	20
Reinado de Saul (Atos 13:21)	40
Reinado de Davi (I Reis 2:11)	40
Reinado de Salomão antes da construção do templo	3
Total.....	623

f. Da Fundação do Templo de Salomão até a sua Destruição

A era dos reis hebreus vai de cerca de 1000 a 587 A.C.

1. *Monarquia Unida:* Davi, 1000-971 A.C. Salomão, 971-926 A.C.

O templo foi fundado em cerca de 967 A.C. As datas são aproximadas, envolvendo conjecturas.

2. *A Dupla Monarquia:* 926-587 A.C.

Judá		*Israel*	
Reoboão	926-918 A.C.	Jeroboão I	926-907
Abias	910-908	Nadabe	907-906
Asa	908-872	Baasa	906-883
Josafá	872-852	Elá	883-882
Jeorão	852-845	Zinri	882
		Onri	882-871
Acazias	845-844	Acabe	871-852
Atália	845-839	Acazias	852-851
Jeoás	839-800	Jeorão	851-845
		Jeú	845-818
Amazias	800-785	Jeoacáz	818-802
Uzias	785-747	Joás	802-787
		JeroboãoII	787-747
Jotão (rei e regente)	758-743	Zacarias	747-746
		Salum	747-746
		Menaém	746-737
Acaz	742-725	Pecaías	736-735
Ezequias	725-697	Peca	734-733
Manassés	696-642	Oséias	732-724
Amom	641-640	Queda de Samaria	721

Josias	639-609	Samaria
Jeoacaz	609	
Jeoaquim	608-598	
Jeoachim	598	
Zedequias	598-587	
Queda de Jerusalém	587	

a. *Tabela de Sincronismos.* Dados encontrados no Antigo Testamento provêem informações sobre como os reinados dos monarcas de Judá corresponderam aos de Israel. Essa informação mostra-nos em qual reinado um certo rei de Israel começou a reinar, em comparação com um ano especifico do reinado de algum rei de Judá, conforme se vê abaixo:

b. *Dificuldades do Sincronismo.* Embora os hebreus tenham-nos deixado as mais detalhadas informações sobre seus reis, em relação a outros povos, incluindo a lista acima de sincronismos, até nisso os eruditos têm encontrado várias manipulações com o propósito de obter simetria, ou com outras finalidades. No tocante a uma declaração sobre a questão, ver 3.h, *Problemas Comuns da Cronologia — Reis Hebreus.* Os eruditos encontram muitos erros e incoerências nessas informações. Certo investigador, levando em consideração o problema inteiro da cronologia, entre os povos orientais, declarou: «Os orientais sempre dão números definidos, mas nunca computam». Parece ter havido a tentativa de fazer o período entre a construção do templo, por Salomão, e a reconstrução do mesmo, por Zorobabel, ser exatamente de quatrocentos e oitenta anos. Já pudemos encontrar esse mesmo número, designando o

Judá	*Ano*	*Israel*	*Ano*	*Referência Bíblica*
Reoboão	1	Jeroboão	1	
Abias	1	Jeroboão	18	I Reis 15:1
Asa	1	Jeroboão	21	
Asa	2	Nadabe	1	I Reis 15:25
Asa	26	Baasa	1	I Reis 15:28,33
		Nadabe	2	
Asa	26	Elá	1	I Reis 17:8
		Baasa	24	
Asa	27	Zinri	7	I Reis 15:10
Asa	27	Onri	1	I Reis 16:16
Asa	38	Acabe	1	I Reis 16:29
		Onri	12	
Josafá	1	Acabe	4	
Asa	41			
Josafá	1	Acabe	5	
Josafá	17	Acazias	1	I Reis 12:51
		Acabe	21	
Josafá	18	Jorão/Acabe	1/22/2	
		Acazias		
Josafá/Jeorão	22/1	Jorão	5	
Jeroão/Acazias	1	Jorão	12	II Reis 8:25

período desde o êxodo até à construção do templo. Além disso, convenientemente, a duração do reino do norte, Israel, teria sido exatamente a metade disso, ou seja, duzentos e quarenta anos. É óbvio que questões de simetria, e não de cronologia estrita, estavam ali em foco.

c. Cronologia Pós-Exílica

Fontes Informativas. Quanto a esse período histórico, temos os livros do Antigo Testamento como Esdras, Neemias e Daniel. Este último oferece-nos apenas algumas informações. Mas o livro canônico de Ester, e os livros apócrifos de Tobias e Judite, embora pertencentes a esse período, não nos oferecem qualquer ajuda sobre questões cronológicas. No entanto, I e II Macabeus também fornecem-nos informações a respeito. As descobertas arqueológicas atinentes a esse período são inúmeras. A questão inteira é ilustrada mediante referências literárias de fontes seculares, produzidas por outros povos envolvidos. Os gráficos abaixo do sétimo ponto *Gráficos Históricos e Literários,* fornecem-nos as informações desejadas. Muitos outros detalhes podem ser encontrados no artigo separado, intitulado *Período Intertestamental.*

VI. Cronologia Literária. Esse assunto é inteiramente coberto pelos dois gráficos sob o ponto sétimo, abaixo. O primeiro gráfico trata da cronologia literária do Antigo Testamento, e o segundo trata dos livros apócrifos e pseudepigrafes.

Bibliografia. AM FIN IB KI THI UN Z

CUBE

Esse vocábulo encontra-se somente em Ezequiel 30:5, referindo-se a um lugar ou a um povo que entrara em aliança com o Egito, na época de Nabucodonosor (c. de 610 A.C.). Algumas traduções dizem ali Lude, o que seria a Líbia. A Septuaginta diz Lube. O trecho de Naum 3:9 alista os nomes líbios, cuxitas, egípcios e Pute, tal como em Ezequiel.

CUIDADO (ANSIEDADE)

No hebraico há uma palavra principal a ser considerada, e, no grego, duas a saber:

1. *Deagah,* «cuidado ansioso», palavra que ocorre por seis vezes, e que tem sido variegadamente traduzida por «temor», «cuidado» ou «ansiedade» (por exemplo, Eze. 4:16).

VII. GRÁFICOS HISTÓRICOS E LITERÁRIOS

TABELA I. Os Livros do Antigo Testamento

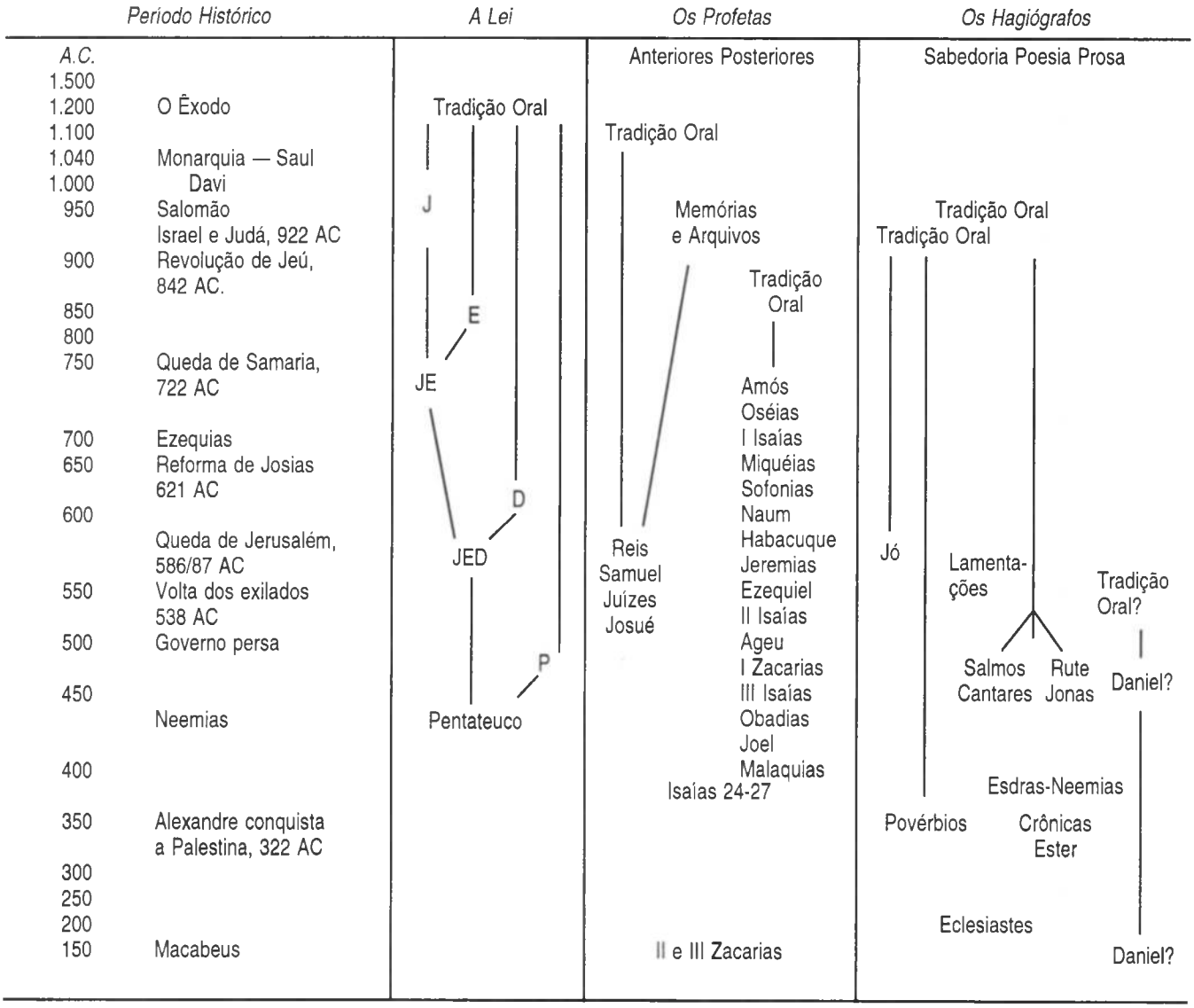


TABELA II. Desenvolvimento dos Livros Apócrifos e Hagiográficos

	Eventos Históricos	*História e Lenda*
AC		
250	Palestina sob Ptolomeus (Egito)	Aikar (?) Tobias, 220 AC?
200	Palestina sob Selêucidas (Síria), 198 Antíoco IV contamina o templo, 167; Judas Macabeus o purifica, 164 AC.	Adições a Ester, c. 181-145 AC Judite, 180-100
150	Dinastia Hasmoneana	I Esdras, antes de 100 AC.
63	Pompeu conquista Jerusalém, 63 AC.	I Macabeus, 105-65 AC.? II Macabeus, 100 AC 70 DC.?
50		Susana, 80-50 AC Bel e o Dragão, 80-50 AC.
	Herodes, O Grande, 40 AC	Vidas dos Profetas
DC		III Macabeus, 50 AC-50 DC.
1	Judéia sob procuradores romanos	Martírio de Isaías Crônica de Jeremias Vida de Adão e Eva / Apo. de Moisés/
66	Começa a guerra judaica, 66 DC.	
100	Queda de Jerusalém, 70 DC	

Cronologia do A. Testamento

Apocalipse	*Sermão e Ensaio*	*Sabedoria*	*Salmos*
		Sabedoria de Jesus Ben Siraque (Eclesiástico), 180 AC.	
	Testamento 12 Patriarcas		
	I Baruque, 150 AC.		
I Enoque, 183-80 AC.	Manual de Disciplina, 100 AC?		Cântico dos Três Jovens
Guerra Filhos da Luz e Trevas	Fragmentos Sadoquitas		Salmos da Seita de Qmran
	Oráculos Sibilinos III		
	Epístola Jeremias		
	Carta de Aristéias		
	Comentário sobre Habacuque 1, 2		Salmos de Salomão
	IV Macabeus, 50 AC - 70 DC.	Sabedoria de Salomão 50 AC-10 DC	
Assunção de Moisés, 4 AC-28 DC.			Oração de Manassés
		Ditos dos Pais /Pirke Aboth, 10-100 DC?/	
II Baruque /Baruque siríaco/			
II Enoque /Enoque eslavônico ou segredos de Enoque/			
II Esdras, 88-117 DC.			
Apocalipse de Abraão			
III Baruque /Baruque grego/			

TABELA III. História de Israel e seus vizinhos: os Selêucidas; os Hasmoneanos

PERÍODO INTERTESTAMENTAL

a. ISRAEL PÉRSIA EGITO SÍRIA

ISRAEL

Data:	
538	Zorobabel Sheshbazaar; alguns voltaram a Jerusalém.
537	O começo da reconstrução do templo Interrupção da construção do templo
520	A construção recomeçada
516	O templo é completado (3 de Adar, 10 de março)
458	Ezra vai a Jerusalém
455-433	O Templo de Neemias em Jerusalém

ISRAEL

324	Israel sob o domínio da Síria
282	Ptolomeu I Soter
320	A Judéia torna-se parte do império de Ptolomeu, anexada por Ptolomeu I
198	A Palestina torna-se parte do império sírio, permanecendo até os Macabeus
167-40	Os Macabeus (hasmoneanos) A libertação de Israel Matatias, o pai, inspirou a revolta
166-161	Judas Macabeu
160-143-135	Simão Macabeu
135-104	João Hircano I
104-103	Aristóbolo I
103-76	Alexandre Jannaeus
76-67	Rainha Salomé Alexandra e Hircano II
67-40	Hircano II e Aristóbolo II
63	Pompeu estabelece o protetorado romano; Israel é dominado
40	Herodes o Grande apontado como *rei dos judeus*
37-4	Governo de Herodes

IMPÉRIO PERSA:

539-540	Ciro
530-522	Cambises
522-486	Dario I
486-465	Xerxes I (Assuero)
464-423	Artaxerxes I
423-404	Dario II Nothus
404-359	Artaxerxes II Mnemon
359-337	Artaxerxes III Ochus
338-335	Arses
336-331	Dario III Codomanus
331-323	Alexandre de Macedônia

EGITO

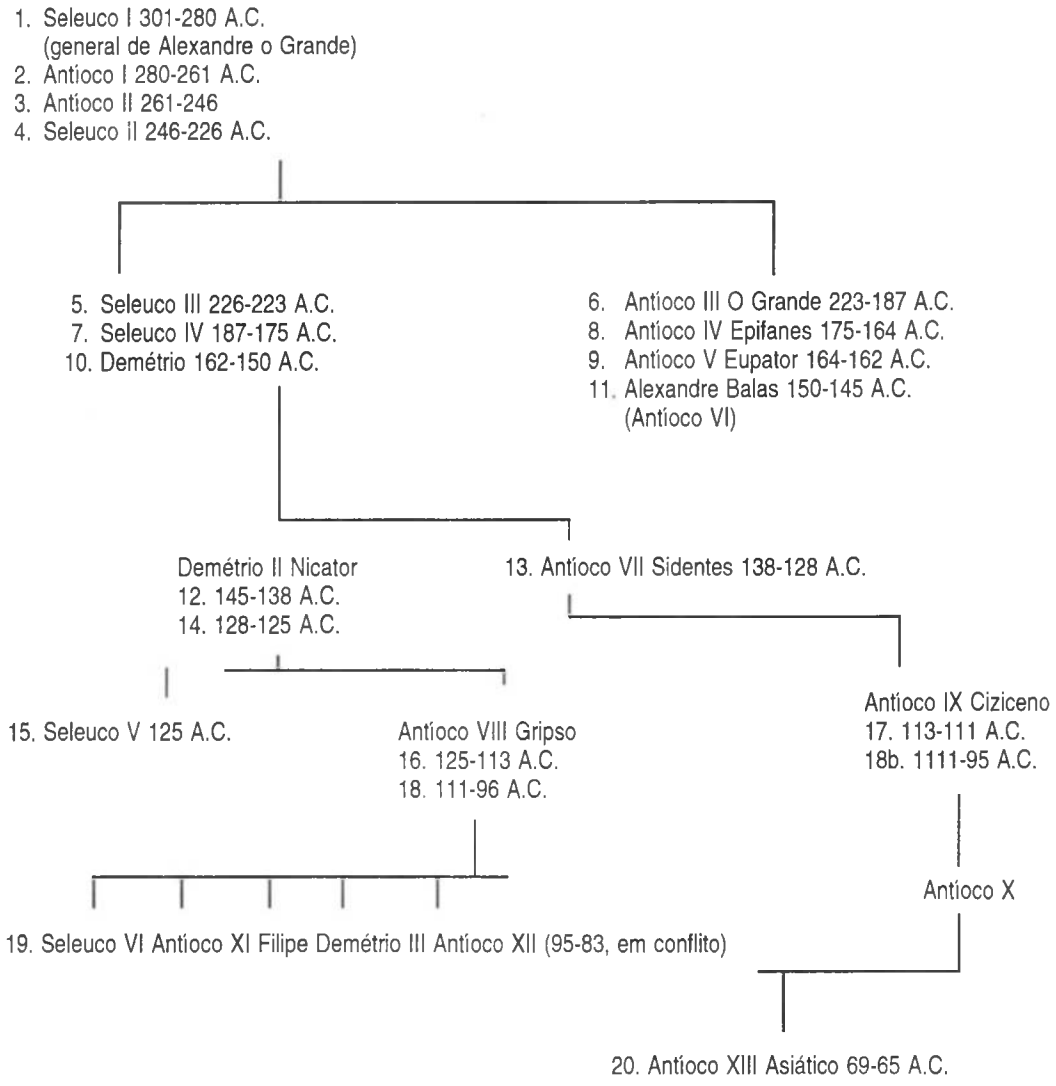
323	Ptolomeu I Soter
285-246	Ptolomeu II, Philadelphus
246-222	Ptolomeu III, Euergetes
222-205	Ptolomeu IV, Philopater
204-180	Ptolomeu V, Epiphanes

SÍRIA

312-281	Seleuco, I Nicator
281-261	Antíoco, I Soter
261-246	Antíoco, II Theos
246-225	Seleuco II
225-223	Seleuco III Soter
223-187	Antíoco III, O Grande
187-175	Seleuco IV
175-163	Antíoco IV Epiphanes
163-162	Antíoco V
162-150	Demétrio I
139-129	Antíoco VII Sidetes

b. *OS REIS SELÊUCIDAS*

Os Números Indicam A Ordem Do Reinado De Cada Um

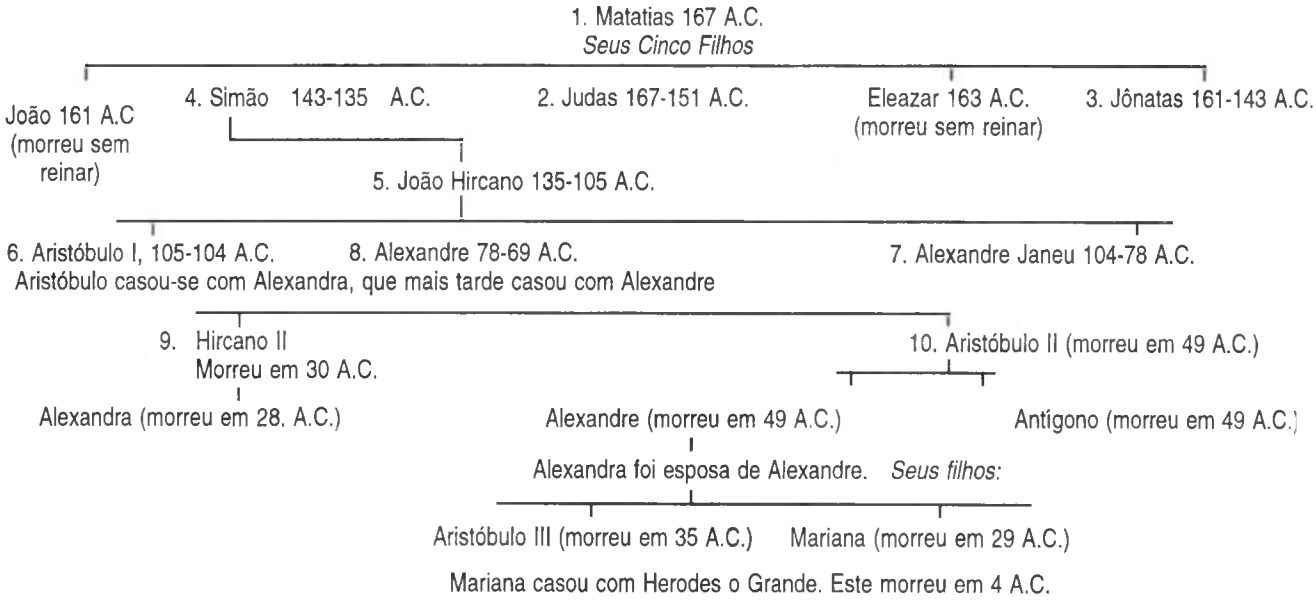


A palavra *Seleucidade* (plural) vem do nome de Seleuco Nicator, general de Alexandre, o Grande (312 A.C.). Esse general, depois da morte de Alexandre, comelçou a dinastia que governou a maior parte da Ásia Menor, Síria, Pérsia e Báctria (312-64 A.C.).

PERÍODO INTERTESTAMENTAL

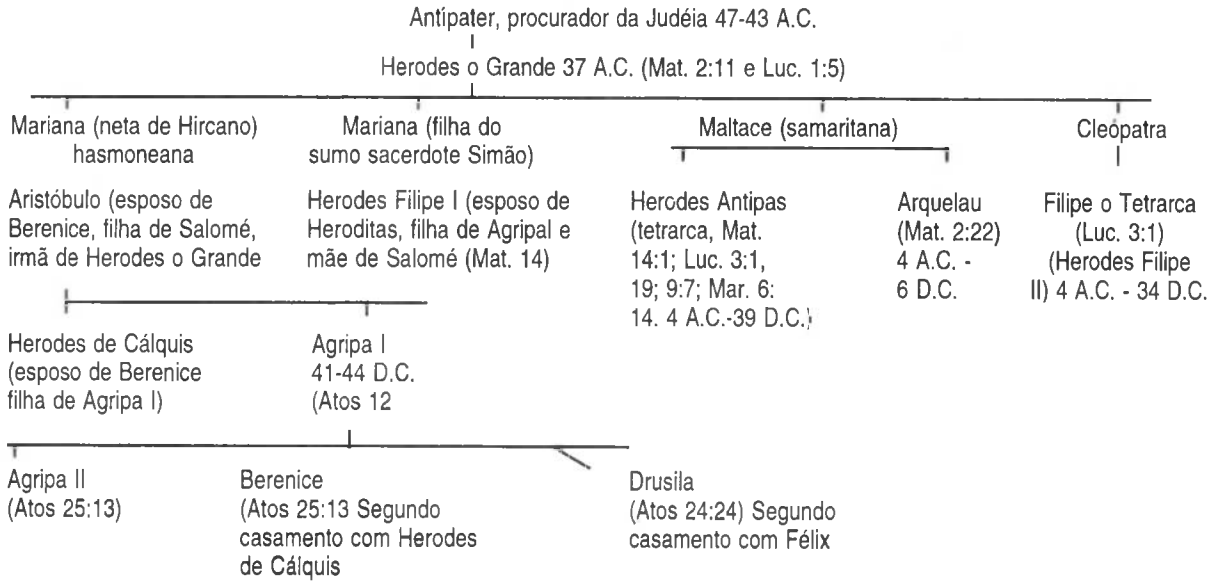
c. *OS HASMONEANOS*

Os números indicam a ordem do reinado de cada um.



d. *OS HERODIANOS*

Foram Incluídas Todas As Referências Bíblicas



HISTÓRIA JUDAICA DE 63 A.C. A 70 D.C.

1. Início do domínio romano: 63 A.C.-4 A.C. Poder *indireto*, luta entre Roma e os hasmoneanos.
2. Poder *indireto*, governo de Herodes (sujeito a Roma): 40 A.C. -44 D.C.
3. Judéia, Samaria, Iduméia (que constituíam a província romana da Judéia) governada por *procuradores romanos:* 6 D.C. -41 D.C.
4. Palestina inteira governada por Agripa: 41 D.C. -44 D.C.
5. Palestina inteira governada diretamente *por Roma*, até à destruição de Jerusalém: 44 D.C.-70 D.C.

2. *Phronéo,* «preocupar-se», palavra grega que aparece por vinte e cinco vezes no Novo Testamento: Mat. 16:23; Mar. 8:33; Atos 28:22; Rom. 8:5; 11:20; 12:3,16; 14:6; 15:5; I Cor. 13:11; II Cor. 13:11; Gál. 5:10; Fil. 1:7; 2:2,5; 3:15,19; 4:2,10; Col. 3:2; I Tim. 6:17.

3. *Merimnáo,* «cuidar», «ansiar»; e seu substantivo mérimna, «cuidado», «ansiedade». O verbo figura por dezoito vezes: Mat. 6:25,27,28,31,34; 10:19; Luc. 10:41; 12:11,22,25,26; I Cor. 7:32-34; 12:25; Fil. 2:20; 4:6. O substantivo por seis vezes: Mat. 13:22; Mar. 4:19; Luc. 8:14; 21:34; II Cor. 11:28; I Ped. 5:7.

O ser humano é um criatura fraca e dependente. Sente-se perdido, a boiar no tempestuoso mar da vida, tendo pouca certeza acerca de onde veio, quem ele é, e, menos ainda, para onde está indo. As filosofias, as religiões, e, estranha e estupidamente, até a política, procuram fornecer-lhe alguma orientação, algum propósito. Quanto a essa ansiedade, o trecho de I Pedro 5:7 oferece ao crente a solução certa: «...lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós». Poderíamos traduzir com mais efeito essa frase de Pedro, sem em nada distorcer o original grego: «para que tanto cuidado, se ele cuida de vós?» Na verdade, não há necessidade alguma de ansiedade, no caso do crente, pois o Senhor anseia por nós. Ver o artigo sobre *Cuidar, Cuidado.* Em Mateus 13:22, há menção aos cuidados deste mundo, que levam os perdidos a ansiarem e preocuparem-se com as necessidades básicas da vida e com questões econômicas, sentindo-se oprimidos por elas, sabendo que é mister preservar, proteger e usar devidamente o dinheiro. De tais cuidados, os pobres estão isentos. Há também aquele cuidado piedoso (II Cor. 7:11), que produz o arrependimento. E outros exibem um cuidado espiritual por outros crentes e pelas igrejas locais, o que é uma virtude espiritual positiva (II Cor. 11:28). Jesus proibiu a ansiedade frívola com coisas meramente materiais e oculares (Mat. 6:25-34), mas o evangelho por toda a parte elogia o nosso interesse e preocupação pelos nossos semelhantes, o que é apenas outra maneira de ver a lei do amor em operação. Ver o artigo sobre *o Amor.*

CUIDADO, CUIDADOS

Há dois vocábulos gregos que fazemos bem em examinar, nessa conexão:

1. *Spoudé,* «pressa», palavra que aparece por doze vezes: Mar. 6:25; Luc. 1:30; Rom. 12:8,11; II Cor. 7:11,12; 8:7,8,16; Heb. 6:11; II Ped. 1:5; Jud. 3.

2. *Mello,* «importar-se», «cuidar de», palavra que aparece por cerca de cento e dez vezes, desde Mat. 2:13 até Apo. 10:17.

Ansiedade e cuidado são idéias correlatas; mas se a primeira enfoca a noção de «preocupação sem motivo», a segunda dá a entender a noção de «interesse» pelo bem-estar de outrem, pelo bom estado de algo. Ver *Ansiedade.*

O substantivo *spoudé,* «pressa», é usado nas páginas sagradas para indicar não somente a idéia de urgência, mas também de solicitude ou diligência. Para exemplificar, lemos que Paulo recomendou: «No zelo não sejais remissos» (Rom. 12:11), onde o termo «zelo» é esse substantivo grego. Paulo queria dizer que não devemos ser preguiçosos em nossa solicitude por servir ao próximo. Outro tanto se vê em II Cor. 8:16: «Mas, graças a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma solicitude por amor de vós».

O verbo *mello,* que, na maioria das vezes dá a idéia de algo que está prestes a ocorrer, também transmite a idéia de cuidado com outrem, segundo se vê, por exemplo, em II Cor. 7:11: «Porque, quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós, que, segundo Deus, fostes contristados!» Impelidos pelo senso de urgência e de interesse por Paulo, os crentes de Corinto mudaram de atitude em relação ao apóstolo, conforme ele esclarece no versículo seguinte: «...para que a vossa solicitude a nosso favor fosse manifesta entre vós, diante de Deus».

CULPA

No hebraico temos duas palavras, e no grego, três, a saber:

1. *Asham, ashem,* «culpado». Palavras hebraicas usadas por dezessete vezes com esse sentido. Por exemplo: Gên. 42:21; Lev. 4:13,27; 5:2-5, 17; 6:4; Núm. 5:6; Juí. 21:22; Esd. 10:19.

2. *Rasha,* «iníquo». Palavra hebraica usada por dez vezes com o sentido de culpado. Por exemplo: Núm. 33:31; II Crô. 19:2; Jó 34:18; Sal. 1:1,4-7; 73:12.

3. *Upódikos,* «sob justiça». Palavra grega que ocorre por apenas uma vez, em Rom. 3:19.

4. *Opheilo, «endividado».* Termo grego que aparece por trinta e cinco vezes: Mat. 18:28,30,34; 23:16,18; Luc. 7:41; 11:4; 16:5,7; 17:10; João 13:14; 19:7; Atos 17:29; Rom. 13:8; 15:1,27; I Cor. 5:10; 7:36; 9:10; 11:7,10; II Cor. 12:11,14; Efé. 5:28; II Tes. 1:3; 2:13; File. 18; Heb. 2:17; 5:3,12; I João 2:6; 3:16; 4:11; III João 8.

5. *Énochos,* «sujeito a». Palavra grega usada por dez vezes: Mat. 5:21,22; 26:66; Mar. 3:29; 14:64; I Cor. 11:27; Heb. 2:15; Tia. 2:10.

Ver o artigo geral sobre o *Pecado.* A culpa é uma condição moral ou legal que resulta da violação de uma lei, escrita, moral, intuitiva ou espiritual. Há muitas formas de culpa que não estão contidas nos códigos legais municipais ou nacionais. O Antigo Testamento não estabelece uma clara distinção entre o pecado e a culpa, porquanto todo pecado envolve culpa. Porém, dentro do jargão legal, para que haja culpa, alguma lei expressa deve ter sido violada. As traduções variam quanto ao uso da palavra. Assim, em inglês, a King James Version só usa o termo por duas vezes no Antigo Testamento (Deu. 19:13; 21:9), ao passo que a Revised Standard Version se utiliza do termo por cento e nove vezes. Outro tanto se dá no caso do adjetivo cognato, «culpado».

Ser culpado equivale a merecer castigo. Na filosofia moral, como nos escritos de Kant, e isso com base bíblica, todo pecado envolve culpa. Mas as leis civis estabelecem uma seleção daquelas coisas que mais prejudicam a sociedade como um todo. Os pecados particulares e o senso pessoal de culpa não são levados em conta nessas leis civis. No entanto, ensina-nos a Bíblia que «o salário do pecado é a morte» (Rom. 3:23), pelo que todo o pecado tem sua devida penalidade, por isso podemos dizer que todo pecado envolve culpa. — Lev. 4:13; 5:2 indica que a quebra de qualquer dos mandamentos de Deus, cerimoniais ou morais, incorre em culpa. O trecho de Tiago 2:10 afirma que quebrar um ponto da lei, apesar dos demais mandamentos não estarem sendo desobedecidos, resulta em culpa.

O senso de culpa é um dos mais importantes capítulos da psicologia, porque muitos dos males do homem resultam do senso de culpa que ele abriga. Para os psicólogos freudianos, a culpa está ligada à formação do *superego,* que age como uma espécie de policial interno, que controla os impulsos básicos, disfarçando-os sob a forma de sonhos. Em uma criança, o senso de culpa é uma espécie de identificação com um de seus pais que a desaprova. Na vida adulta, a criança transfere seu conceito de culpa a várias formas de autoridade, nem sempre envolvendo questões de certo ou errado. Portanto, o senso de culpa pode ser falso e patológico. Apesar disso, mesmo admitindo-se que tais coisas sucedem, quem pode compreender como funcionam a mente e os sentimentos humanos? Também é verdade que há erros genuínos diante dos quais a consciência humana reage mediante o senso de culpa ou de falta de dignidade. A culpa é um fato da condição humana mesmo quando um indivíduo não quer admitir o fato (Rom. 3:19). A cura da culpa, sobre bases bíblicas, depende, em primeiro lugar, do *reconhecimento do pecado;* em segundo lugar, do *arrependimento;* em terceiro lugar, da *restituição,* na medida do possível, devido a danos feitos contra outras pessoas. Do arrependimento e da fé resulta a conversão. A santificação é uma obra do Espírito de Deus, sem cuja atuação jamais ocorre. Esses são os meios bíblicos para tratarmos com o senso de culpa. A mudança nas atitudes e nas ações é algo absolutamente necessário para quem quer livrar-se do senso de culpa.

CULPA DE SANGUE

A expressão aparece em trechos como Salmos 51:14; Êxodo 22:2; I Samuel 25:26,33, II Samuel 21:1 e Oséias 12:14. Quando um

ser humano tira a vida de outro, torna-se culpado de sangue. Porém, no trecho de Ezequiel 18:13, certa variedade de pecados, como furto, homicídio, adultério, opressão dos pobres, desonestidade, idolatria, etc., faz com que os culpados sejam dignos de morte; e isso também importa em culpa de sangue. (Ver também Salmos 39:8). Em Israel, a culpa de sangue era fator poluidor da terra (Núm. 35:33 *ss),* e o derramamento de sangue inocente *contaminava* (Deu. 19:10; I Reis 2:5). Tal culpa de sangue precisava ser vingada (I Reis 2:31 *ss).* Estavam excluídos de tal classificação casos como os de execução judicial, homicídio em autodefesa e homicídio não-intencional (Êxo. 22:2 e Lev. 20:9). Era provido asilo aos homicidas involuntários, para que não fossem mortos pelo vingador da família (Núm. 35:9 *ss).* Também não era classificado como tal o ato de tirar a vida de um ladrão, durante a noite, porquanto tal ladrão era perigoso e podia tirar a vida de suas vítimas. Mas, se houvesse a morte de um ladrão durante o dia, podia haver um caso de culpa de sangue (Êxo. 22:2 *ss).* A culpa de sangue era levada muito a sério em Israel, de tal modo que se a sociedade não tomasse a devida vingança, ou não pudesse fazê-lo, Deus intervinha em favor da parte envolvida e prejudicada (Gên. 4:10-12; Isa. 26:21; Eze. 24:6-9). Seja como for, a culpa precisava ser expiada (II Sam. 4:11) podendo até mesmo afetar a descendência de alguém que se tornasse culpado de sangue (II Sam. 3:28 *ss;* 21:1-9; I Reis 21:29; Mat. 27:25). (Z)

CULTIVADOR DE SICÔMOROS

Essa expressão encontra-se somente em Amós 7:14, em todo o Antigo Testamento, onde o profeta Amós mostra que trabalhava nessa ocupação, e não reivindicava associação alguma à linhagem dos profetas. Era claro, pois, que Deus havia feito intervenção em sua vida, e que ele tinha uma importante mensagem a entregar. Um cultivador de sicômoros podava as árvores e fazia uma pequena operação nos frutos verdes, a fim de promover o amadurecimento e uma colheita mais abundante.

CUM

Cidade aramaica mencionada somente em I Crônicas 18:8. Ficara localizada ao norte de Arã-Zobá, no lado oriental das montanhas do Líbano. Em II Samuel 8:8, que é o texto paralelo, figura o nome «Berotai»; embora alguns estudiosos pensem que, evidentemente, não se trata da mesma localidade. Davi levou daquela área alguns itens de bronze, como despojos de guerra.

CUNEIFORME

Essa palavra significa «em forma de cunha», referindo-se ao tipo de escrita usado pelos sumérios, após o período de escrita pictográfica, para representar os fonemas de seu idioma. Essa forma de escrever foi tomada por empréstimo pelos babilônios, assírios, hititas, elamitas e persas, para escreverem seus respectivos idiomas. A escrita cuneiforme é uma espécie de escrita semipictográfica, cujos caracteres eram impressos sobre a argila mole, com o uso de um estilete. Os tabletes de argila que recebiam a escrita eram usados quando ainda moles, e então eram endurecidos ao sol ou em fornos, o que os tornava duros e de longa duração. Mais ou menos em meados do segundo milênio A.C., os cananeus de Ugarite usavam esse método de escrita. Mas ultrapassaram os símbolos cuneiformes semipictográficos, desenvolvendo um verdadeiro alfabeto, embora limitado somente aos fonemas consonantais. A escrita cuneiforme babilônica desenvolveu-se até tornar-se um modo internacional de comunicação escrita, de tal modo que muita correspondência diplomática era efetuada entre as nações para as quais o idioma babilônico era uma língua estrangeira. Para exemplificar, temos as cartas de Tell el-Amarna (que vide), entre os reis cananeus e a corte egípcia. E então no século VII A.C., os persas desenvolveram um sistema cuneiforme todo próprio, com quarenta e dois sinais, trinta e seis dos quais eram fonéticos, todos consistindo em sílabas abertas, ou seja, sílabas que terminam com alguma vogal. Essa forma de escrita é bastante diferente de outras escritas cuneiformes de outras culturas, e pode ter representado um desenvolvimento independente. Ver os artigos sobre *Escrita* e *Alfabeto (Z).*

CURRAIS

Esse verbete envolve quatro palavras hebraicas e duas palavras gregas, a saber:

1. *Gedereth tson,* «cerca para o rebanho», expressão que aparece em Núm. 32:16,24,36 e Sof. 2:6.

2. *Miklah, «restrições».* Palavra hebraica que figura em Sal. 50:9; 78:70 e Hab. 3:17.

3. *Mishpethayim,* «currais duplos». Palavra que aparece somente em Juí. 5:16, com esse sentido.

4. *Naveh,* «habitação». Palavra que ocorre por quatro vezes com esse sentido: Isa. 65:10; Jer. 23:3; Eze. 34:14.

5. *Aulè tõn probáton,* «átrio das ovelhas». Expressão grega que aparece somente em João 10:1.

6. *Probatikós,* «pertencente às ovelhas». Palavra grega que ocorre somente em João 5:2.

O curral ou aprisco era um lugar fechado que servia para proteger as ovelhas dos azares das intempéries, dos ladrões e das feras. Localizado perto da residência de um dos proprietários, ou armado nas colinas onde as ovelhas pastavam, o curral não tinha telhado, suas paredes eram feitas de pedra, e contava apenas com uma porta, que servia de entrada e de saída. Usualmente abrigava diversos rebanhos, cada um dos quais retinha a sua identidade, visto que cada pastor conhecia suas ovelhas e era bem conhecido por elas, havendo entre pastor e ovelhas uma grande relação de dependência. (Ver João 10:3-5).

CURSO

Essa palavra portuguesa vem do latim, **cursus,** «correr». Há certa variedade de palavras hebraicas e gregas assim traduzidas, a saber:

1. Merutsah, «corrida». Palavra hebraica usada por quatro vezes: Jer. 8:6; 23:10; II Sam. 18:27.

2. *Mesillah, «estrada».* Palavra hebraica que ocorre por vinte e cinco vezes, como em Juí. 5:20; Núm. 20:19; I Sam. 6:12; II Sam. 20:12,13; Isa. 7:3, 11:16; 19:23; 33:8; Jer. 31:21.

3. *Drómos,* «estrada», «corrida». Palavra que figura por três vezes: Atos 13:25; 20:24; II Tim. 4:7.

4. *Trochós,* «roda». Palavra grega usada somente em Tia. 3:6, onde é empregada metaforicamente, para indicar o curso da vida.

5. *Aion,* «era». Palavra grega usada cerca de cento e cinco vezes, desde Mat. 6:13 até Apo. 22:5. Essa palavra é usada para indicar várias idéias, como o curso natural das coisas, o curso da conduta humana (Efé. 2.2), etc. O mundo e a humanidade correm em ciclos, cada qual com suas características próprias. O crente deve evitar o curso deste mundo, ditado pelo espírito das trevas (Efé. 2:2).

6. *Euthudroméo,* «correr em linha reta». Palavra grega que é usada somente em Atos 16:11 e 21:1.

Essa palavra também pode referir-se a uma sucessão em ordem, como no caso das turmas de trabalhadores de Salomão, que se revezavam a cada mês, dez mil deles de cada vez (I Reis 5:14). Nesse caso, nossa versão portuguesa prefere a palavra «leva». É o mesmo caso dos «turnos» dos sacerdotes e levitas, que serviam no templo de Jerusalém. Esses turnos foram organizados por Davi, e vinte e quatro dessas divisões foram estabelecidas por ele em Israel (I Crô. 24:1-19; II Crô. *8:14;* 35:4,5). (A Z)

CURTIDOR

No Antigo Testamento, o resultado do trabalho dos curtidores de couros e peles aparece com relativa freqüência, mas não é mencionado nunca o próprio «curtidor». Entretanto, essa profissão aparece no Novo Testamento. No grego, «curtidor» é *burseús,* uma palavra que aparece por três vezes: Atos 9:43; 10:6,32.

A ausência de menção a essa profissão, no Antigo Testamento, talvez se deva ao fato de que os judeus consideravam a ocupação muito indesejável, porquanto, além de envolver odores muito fétidos e repulsivos, há também cenas nada atrativas, se não mesmo a contaminação cerimonial, tão cara aos judeus, cuja religião muito se baseava em princípios cerimoniais. Por essa razão, bem podemos imaginar que Simão, o curtidor (Atos 9:43), encontrou entre os discípulos de Jesus um companheirismo que antes lhe vinha sendo negado entre os seus compatriotas judeus. Quando Pedro escolheu a casa de Simão, o curtidor, para ser sua residência e base de operações, enquanto ele esteve em Jope, esse apóstolo mostrou que o cristianismo eliminara dele muitos preconceitos. É interessante observar que a casa de Simão, o curtidor, ficava à beira-mar, o que continua sucedendo às residências dos curtidores da costa da Síria, até os nossos próprios dias. A proximidade do mar facilitava tanto o acesso à água salgada, tão necessária à arte dos curtumes, como também o ar livre da praia facilitava a dispersão dos maus odores próprios de tais lugares. Os curtumes antigos eram muito simples, pois geralmente consistiam de apenas um ou dois aposentos, e de um pátio. As cubas onde os couros e as peles ficavam mergulhados eram feitas de pedra sólida escavada, ou então de várias pedras, rebocadas por dentro e por fora.

As peles ou couros eram besuntadas pelo lado interno com uma pasta de visgo. Em seguida eram enroladas, ficando assim até que todos os pêlos se soltassem. Então, os pêlos em uma das superfícies, e qualquer carne e gordura, pelo lado de dentro, eram removidos. Então as peles eram novamente mergulhadas em uma solução de visgo, fezes de cães e fermento, mais ou menos conforme se faz, até hoje, nos curtumes que ainda não usam os recursos da química moderna. As peles assim tratadas eram mergulhadas em sumagre *(Rhus coriaria),* até hoje usada, com esse propósito, na Síria e na Palestina.

Após secar, o couro é enegrecido em uma das superfícies esfregando-se na mesma uma solução de vinagre fervido com pedaços de cobre. E, finalmente, o couro é amaciado com azeite de oliveira. Naturalmente, conforme já demos a entender, esses processos mais primitivos foram substituídos por processos químicos muito mais eficientes. Mas, antigamente, para o fabrico das peles vermelhas de carneiros (ver Êxo. 25 *ss),* esfregava-se o couro com uma solução de *kermes* (similar ao *murex,* um tipo de gastrópode, de onde os antigos extraíam uma espécie de tintura púrpura) e azeite de oliveira. Então o couro era polido com uma pedra lisa.

No Líbano, algumas vezes os curtidores usavam a casca do pinho. Os árabes usam o suco de uma certa planta do deserto, para tirar os pêlos e curtir as peles. No caso dos odres (receptáculos feitos de couros de animais pequenos, como cabras, ovelhas, etc.), os pêlos não eram removidos. A curtição, nesse caso, fazia-se enchendo-se o receptáculo, após a remoção de toda carne e gordura, com gravetos de madeira de carvalho e água. Esses «receptáculos» ficavam repousando, de pernas para cima, durante semanas, ao ar livre. Esses odres são referidos em trechos tanto do Antigo quanto do Novo Testamentos: Jos. 9:4-13; Osé. 7:5; Mat. 9:17; Mar. 2:22 e Luc. 5:37.

É provável que, nos tempos bíblicos, o couro fosse usado mais extensamente do que os registros bíblicos nos dão a entender. Sabemos que os egípcios usavam o couro em trabalhos ornamentais. Eles conheciam a arte de estampar sobre o couro. As esculturas antigas mostram-nos que havia métodos para uso do couro no fabrico de sandálias, de arreios para os cavalos e os carros de combate, coberturas de cadeiras e assentos, decorações para harpas, sarcófagos, etc. Há duas referências na Bíblia (Mat. 3:4 e II Reis 1:8) que mostram que também havia cinturões feitos de couro. Também eram fabricadas vestes de couro (Lev. 13:48 e Núm. 31:20). Tendas, igualmente, eram fabricadas com couro, e não apenas com tecidos (Êxo. 25:5; Núm. 4:6). O couro também era muito usado na vida militar. Muitos artigos militares eram feitos desse material, como capacetes, aljavas, arreios de carruagens, fundas e escudos. Estes últimos eram feitos de madeira, forrada de couro bem azeitado, para impedir que o couro rachasse e também para impedir a penetração de dardos (II Sam. 1:21; Isa. 21:5). Sandálias feitas com couro de animais marinhos eram um sinal de luxo (Êxo. 16:10), embora seja provável que, tal como no Egito e na Assíria, o couro mais fino fosse usado para forrar leitos, coberturas de cadeiras e de outros móveis.

As peles, quando usadas para bolsas de alta qualidade, eram curtidas com sal mineral, usualmente o alúmen, importado das margens do mar Morto ou do Egito; ou então essas peles eram tratadas como se fossem o pergaminho.

CUSÃ

Trata-se de um outro nome para Cuxe (que vide), ou então alude a uma região da Arábia ocupada pelos cuxitas (Hab. 3:7). A Septuaginta diz, nessa referência, «Etiópia». Alguns eruditos pensam que essa palavra designa um antigo nome dado à região contínua a Midiã. Isso significaria que a mulher cuxita de Moisés talvez fosse apenas uma mulher midianita. Ver sobre *Cuxita (Mulher Etiope).*

CUSÃ-RISATAIM

Esse era o nome de um rei e conquistador militar hitita. Primeiramente, ele anexou a Mesopotâmia (Mitani), e então assolou a Palestina, na época dos juízes hebreus (Juí. 3:7-10). Os historiadores fixam seu reinado em cerca de 1361-1352 A.C. Vestígios de suas conquistas continuam evidentes em Bete-Seã, uma poderosa fortaleza em Esdrelom, e em outras localidades. Israel passou oito anos em subserviência a esse homem. Otniel, genro de Calebe, tornou-se o libertador de Israel. Os historiadores não concordam entre si quanto à identidade desse monarca e seu território. Ele pertencia à área dos dois rios (Tigre e Eufiates), conforme é indicado pelo termo aramaico «Arã-naharaim», ou seja, «Arã dos dois rios». Esse era o seu nome hebraico. Arã é nome conhecido nas cartas de Tell el-Amarna e nos manuscritos egípcios. Nesse caso, Cusã-Risataim pode ter sido um hitita (ou heteu, segundo a palavra preferida nas Escrituras). Outros estudiosos supõem que a palavra «Arã», na realidade significa Edom, e que o nome original era «Edom das Duas Iniqüidades», o que, realmente, poderia ser o sentido do nome hebraico, pois *rishathaim* significa «iniqüidades». Nesse caso, algum tipo de corruptela entrou na palavra, talvez deliberadamente. Mas isso não passa de especulação, pelo que a maioria dos eruditos prefere a outra interpretação.

CUSAÍAS

No hebraico, «arco de Yahweh». Ele era um levita merarita, cujo filho, Etã, foi nomeado para ser o principal assistente de Hemã, para cuidar da música do templo. Ele serviu nessa ocupação durante o tempo de Davi (I Crô. 15:17). É chamado pelo nome de Quisi, em I Crô. 6:44. Cerca de 975 A.C.

CUSI

No hebraico, «negro». Nome de duas pessoas diferentes, nas páginas do Antigo Testamento:

1. O pai de Selemias, bisavô de Jeudi. Jeudi fora enviado pelos magnatas judeus para convidar Baruque a ler diante deles o rolo de Jeremias (Jer. 36:14), em cerca de 604 A.C.

2. Um filho de Gedalias, pai do profeta Sofonias (Sof. 1:1), em cerca de 620 A.C.

CUTA

Precisamos considerar uma cidade e um indivíduo, que aparece em um livro apócrifo da Bíblia, a saber:

1. Uma das mais importantes cidades da antiga Babilônia, que alguns estudiosos pensam ter sido a mais antiga capital do império sumério (II Reis 17:24,30). O Tell Ibrahim assinala o local, em nossos dias. Ficava cerca de trinta e dois quilômetros a nordeste da cidade da Babilônia. Têm sido efetuadas escavações no local, a partir de 1881. Houve grandes descobertas, incluindo um santuário, erguido em memória de Ibrahim (Abraão), e também um templo

dedicado a Nergal, rei do submundo. Essa cidade tinha certa importância comercial. Senaqueribe a destruiu, mas Nabucodonosor a reconstruiu e adornou. Esse foi um dos lugares de onde Sargão II deportou colonos para repovoarem o norte de Israel, depois da queda de Samaria, em 721 A.C. Os habitantes de Cuta tornaram-se o elemento dominante ali, de tal modo que os habitantes de Samaria vieram a ser chamados cuteanos. Em resultado disso, muitas palavras de origem não isemita entraram na língua dos samaritanos. Desnecessário é dizer que não existe tal coisa como raça pura, em qualquer povo.

2. Cuta (na Septuaginta, Coutha), aparece no livro apócrifo de I Esdras 5:32. Ali a palavra aparece como nome de um indivíduo, um exilado, cabeça de uma família de servos do templo, que retornaram juntamente com Zorobabel a Jerusalém, após o cativeiro babilônico. Nas listas paralelas de Eze. 2:52 e Nee. 7:54, não figura o nome desse homem.

CUXE

Há duas pessoas e um lugar com esse nome, nas páginas da Bíblia:

1. Um filho (provavelmente o mais velho) de Cão, cujo nome aparece na genealogia dos descendentes de Noé. Lemos ali: «Cuxe gerou a Ninrode...» (Gên. 10:8; I Crô. 1:10). Certo número de descendentes aparece nessas listas.

2. Um benjamita mencionado no título do sétimo Salmo. Lemos que esse salmo foi composto acerca das palavras desse benjamita. Coisa nenhuma se conhece a seu respeito, mas o contexto indica que ele era inimigo de Davi, que procurou oportunidade para fazer-lhe algum mal, mas falhou (Sal. 7:15).

3. A *terra e o povo de Cuxe*. Essa palavra pode referir-se à terra (Isa. 11:11; 18:1; Sof. 1:1; Est. 1:1), ou ao povo que habitava a terra de Cuxe (Isa. 20:5; Jer. 46:9; Eze. 38:5). Geralmente essa palavra é traduzida por «Etiópia», conforme se vê na Septuaginta, seguida por muitas traduções modernas. Em outras traduções, porém, temos as traduções «Cuxe», e «cuxita». Não se conhecem as dimensões exatas da região designada por esse nome, embora devamos pensar na área geográfica conhecida desde a antigüidade como Etiópia, aquela seção da África contígua ao Egito e ao mar Vermelho, atualmente chamada também Abissínia (II Reis 11:9; Est. 1:1; Eze. 29:10). Porém, a referência ao lugar, em Gên. 2:13 e 10:8, é a uma Cuxe asiática (mesopotâmica) anterior, provavelmente pertencente aos cassitas. O termo veio referir-se a uma área mais ampla, correspondente ao que comumente se chama Núbia. A referência talvez seja simplesmente à Arábia, visto que, em II Crônicas 21:16, lemos que os árabes residiam perto dos etíopes, o que talvez seja explicado pelo fato de que entre eles havia somente a estreita língua do mar Vermelho. Alguns estudiosos afirmam que, na época, a Etiópia não consistia em uma população negra; mas essa contenção esbarra com o significado da própria palavra hebraica, *cush*, que significa «tez queimada». A questão ainda não foi resolvida definitivamente.

a. *História de Cuxe*. A região é mencionada inicialmente como parte do Egito, nos dias do monarca egípcio Sesóstris I, 1971-1930 A.C. Em cerca de 1000 A.C., Cuxe rompeu com o Egito e tornou-se um estado independente, cuja capital era Nápata. Alguns séculos mais tarde, Cuxe conseguiu predomínio sobre o Egito inteiro. Houve então a XXVa dinastia, ou dinastia etíope, de 715 a 663 A.C. Nessa época, o rei Tiraca veio fazer guerra contra Ezequias (Isa. 37:9). Finalmente, foi obrigado a recuar, por intervenção dos assírios, em cerca de 689-676 A.C.

b. *Elementos*. O termo Etiópia foi usado metaforicamente para indicar um lugar o mais distante possível (Eze. 29:10). O trecho de Isaías 45:14 pode sugerir que o povo daquele lugar consistia em mercadores. Aparentemente, estavam em foco árabes cuxitas (II Crô. 21:16). Os etíopes, conforme Judá os conhecia, eram uma raça de aparência notável (Isa. 18:2).

c. Confusão com os Cuxitas Mesopotânicos. O trecho de Gênesis 2:13 deve ter sido um lugar diferente, mas com o mesmo nome. Moisés teve uma esposa cuxita (Núm. 12:1). Seria ela da Mesopotâmia ou da Etiópia?

d. *Os Etíopes na Bíblia*. Os principais reis de Cuxe, mencionados na Bíblia, foram Zerá e Tiraca. Houve um corredor que trouxe a notícia da morte de Absalão a Davi, que pertencia a essa raça (II Sam. 18:21-23). Um outro cuxita era um adido à corte real de Judá, nos dias do cerco de Jerusalém pelos babilônios, em 587 A.C. Houve um cuxita que teve dó de Jeremias, quando este estava atolado em um poço com lama, e que providenciou para tirar o profeta daquele lugar (Jer. 38:7 *ss*). E também houve o eunuco etíope, no relato de Atos 8:27, —que era tesoureiro da rainha Candace, da Etiópia.

CUXITA (MULHER ETÍOPE)

O trecho de Números 12:1 informa-nos que Moisés casou-se com uma mulher etíope. Cuxe ou Etiópia era a região ao sul da primeira catarata do rio Nilo. A Septuaginta e a Vulgata Latina apresentam essa mulher como natural da Etiópia. Mas as tradições judaicas identificam-na com Zipora, pensando que ela era natural de Cusã, que aparece em Habacuque 3:7. Cusã também tem sido região identificada com a Etiópia; mas outros preferem pensar em Midiã, ou algum aliado desse território. As lendas judaicas sugerem que antes de Moisés fugir para o deserto de Midiã, ele foi comandante em chefe de uma campanha egípcia contra a Etiópia. Tarbis, a filha do rei etíope, ter-se-ia apaixonado por ele, do que resultou o casamento dos dois. Porém, quase todas as lendas desse tipo não passam de invenções românticas, pelo que a questão da identidade exata da esposa cuxita de Moisés continua sujeita a debates.

CUZA

A palavra vem do aramaico. Seu significado é *jarrinha*. Ele era procurador de Herodes Antipas. Sua esposa, Joana, era uma das mulheres que empregavam seus meios financeiros para atender às necessidades de Jesus e seus apóstolos (Luc. 8:3 e 24:10). Joana esteve entre as mulheres que foram ao túmulo de Jesus para ungir-lhe o corpo com especiarias, na manhã da ressurreição (Luc. 24:10). No tocante a Cuza, o termo «procurador» parece indicar que ele gerenciava as propriedades de Herodes. Como tal, provavelmente ele fora escolhido segundo considerações políticas. A ausência de qualquer menção a ele, nas narrativas dos evangelhos, excetuando essa única informação que temos, pode significar que ele era indiferente para com a mensagem cristã, ou então que ele já havia falecido quando Lucas nos prestou a informação. Mas, o fato de que sua esposa tornara-se discípula de Jesus mostra-nos que, mesmo nessa fase inicial, o evangelho penetrara em todos os níveis da sociedade.